E. DE AMICIS

CONSTANTINOPLA

Livraria Francisco Alves

Constantinopla

Edmundo de Amicis

COM DESENHOS ORIGINAES DE E. USSI E C. BISEO

Companhia Nacional Editora. Lisboa

Stanford

2971

CONSTANTINOPLA

SCIENCIAS LETRAS E ARTES
COMP.ª NACIONAL EDITORA
LISBOA

EDMUNDO DE AMICIS

CONSTANTINOPLA

COM 200 ILLUSTRAÇÕES

DE

E. USSI E C. BISEO

TRADUCÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

LISBOA
COMPANHIA NACIONAL EDITORA
40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa
FILIAL NO PORTO:
127, PRAÇA DE D. PEDRO, 1.º ANDAR
FILIAL NO BRAZIL:
38, RUA DA QUITANDA, RIO DE JANEIRO
1889

PROV
914.9618
A516c
1889

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESPÍRITO SANTO
SETOR DA PROVÍNCIA
Nº CONTROLE
47241
Nº TOMBO
045328

Typographia — 309, Rua da Rosa, Lisboa

EDMUNDO DE AMICIS

Aos meus caros amigos de Pera

HENRIQUE SANTORO

JOÃO ROSSASCO e FAUSTO ALBERI

Amigos, es este mi último libro de viaje; desde adelante no escucharé mas que las inspiraciones del corazon.

Luiz de Guevara, *Viaje en Egypto*

A CHEGADA

A commoção que experimentei ao entrar em Constantinopla quasi que me fez esquecer tudo o que vi em dez dias de navegação desde o estreito de Messina até á embocadura do Bosphoro. O mar Jonio azul e immovel como um lago, os montes longinquos da Moréa tingidos de côr de rosa com os primeiros raios do sol, o Archipelago doirado pelo sol-posto, as ruinas de Athenas, o golpho de Salonica, Lemnos, Tenedos, os Dardanellos, e muitos personagens e casos que me divertiram durante a viagem, se esvairam por tal fórma da minha mente, depois de ter visto o Corno Aureo,

que, se agora os quizesse descrever, teria de trabalhar mais com a imaginação do que com a memoria. Para que a primeira pagina do meu livro me saia da alma viva e quente, devo principiar pela ultima noite de viagem, no meio do mar de Marmara, no ponto em que o capitão do navio se approximou de mim e do meu amigo Yunk, e, pondo-nos as mãos nos hombros, disse com o seu puro accento palermitano: — Senhores! ámanhã ao romper da aurora veremos os primeiros minaretes de Stambul.

Ah! o meu bom leitor, rico e enfastiado, sorrio-se, elle que ha annos, quando o salteiou o appetite de ir a Constantinopla, em vinte e quatro horas encheu a bolsa e fez as malas, e partio tranquillamente como se fosse para uma casa de campo, incerto até ao ultimo momento de saber se não seria melhor tomar o caminho de Baden-Baden! Se o capitão do navio lhe dissesse: — Ámanhã pela manhã veremos Stambul — respondia-lhe phleuggmaticamente: — Estimo. Mas é necessario ter alimentado dez annos esse desejo, ter passado muitas noites de inverno a olhar melancholicamente para o mappa do Oriente, ter abrazado a imaginação com a leitura de cem volumes, ter percorrido meio mundo, só para se consolar de não poder vêr a outra metade, ter estado amarrado um anno inteiro á meza com essa unica aspiração, ter feito mil pequenos sacrificios e contas sobre contas, e castellos sobre castellos, ter tido milhares de escaramuças em casa; é necessario emfim ter passado nove noites de insomnia no mar, com essa imagem immensa e luminosa diante dos olhos, tão feliz que se chega a experimentar quasi um sentimento de remorso ao pensar nas pessoas queridas que deixámos em casa, para então se perceber o que querem dizer essas palavras: — Ámanhã, ao romper da aurora, veremos os primeiros minaretes de Stambul: — e em vez de responder phleugmaticamente: — estimo — ferra-se um murro formidavel na amurada do navio.

Um grande prazer para mim e para o meu amigo era a profunda segurança que tinhamos de que a nossa immensa espectativa não seria illudida.

Effectivamente ácerca de Constantinopla não ha duvidas; por mais desconfiado que seja, não ha viajante que não vá tranquillo; ninguem ali teve

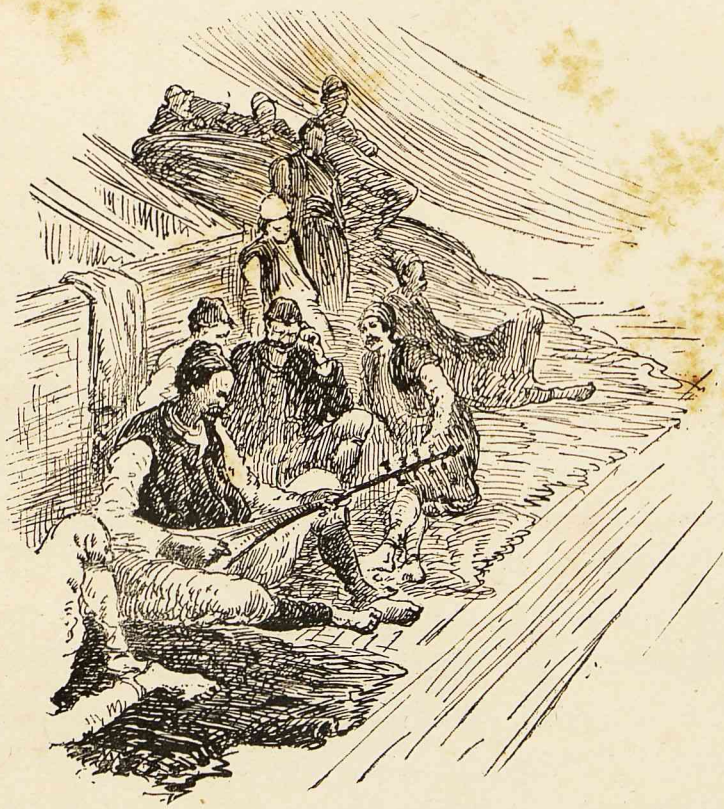
um desengano. E não entra n'isto a fascinação das grandes memorias nem a admiração consuetudinaria. É uma belleza universal e soberana, diante da qual o poeta e o archeologo, o embaixador e o negociante, a princeza e o marinheiro, o filho do septemtrião e o filho do meio-dia soltaram um grito de assombro. É o mais bello sitio da terra, segundo a opinião de toda a terra. Os escriptores de viagem, apenas ali chegam, perdem a cabeça. Perthusier balbucia, Tournefort diz que a lingua humana é impotente, Pouqueville julga que foi arrebatado para outro mundo, fica inebriado La Croix, o visconde de Marcellus fica extatico, Lamartine dá graças a Deus, Gautier duvida da realidade do que vê; e todos accumulam imagens sobre imagens, fazem scintillar o estylo, e atormentam-se debalde para encontrarem uma expressão que não seja miseranda em comparação do seu pensamento. Só Chateaubriand descreve a sua entrada em Constantinopla com uma expressão de tranquilidade de animo que chega a causar assombro; mas não deixa de dizer que é o mais bello espectaculo do universo; e se a celebre Lady Montague, pronunciando a mesma proposição, toma a liberdade de empregar um *talvez*, deve acreditar-se que procedeu assim para deixar tacitamente o primeiro logar á sua propria belleza, com que se preoccupava muito. Até um frigidissimo allemão chegou a dizer que as mais bellas illusões da juventude e os proprios sonhos do primeiro amor são pallidas imagens em comparação com o sentimento de doçura que invade a alma ao vêr aquelles logares predestinados; um douto francez affirma que a primeira impressão que faz Constantinopla é o terror. Imagine o referver que produziriam todas estas palavras de fogo cem vezes repetidas nos cerebros de um bello pintor de vinte e quatro annos, e de um chocho poeta de vinte e oito! Mas não nos bastavam ainda estes louvores illustres de Constantinopla, e procuravamos os depoimentos dos marinheiros. E esses tambem, pobre gente boçal, para darem uma idéa d'essa formosura, sentiam a necessidade de se exprimirem com alguma comparação ou alguma palavra extraordinaria, voltando os olhos para um e para outro lado e esfregando os dedos, e faziam tentativas de descripção com aquelle som de

voz que parece que vem de longe e aquelles gestos largos e lentos com que a gente do povo exprime o assombro quando lhe não bastam as pala-

Typos a bordo

Typos a bordo

vras. — Entrar por uma bella madrugada em Constantinopla — disse-nos o chefe dos timoneiros — creiam os senhores que *é um bello momento na vida de um homem.*



Bulgaros

Até o tempo nos sorria; era uma noite serena e tepida; o mar acariciava com um murmurio ligeirissimo as amuradas do navio; os mastros e as mais miudas enxarcias se desenhavam nitidas e immoveis no céo

Softa

coberto de estrellas; nem parecia que se navegava. Á prôa ia uma chusma de turcos estirados, que fumavam beatificamente o seu narghileh, com o rosto voltado para a lua, que cingia com uma fimbria de prata os seus turbantes brancos; á pôpa uma miscellanea de gente de todos os paizes, entre outros uma companhia famelica de comediantes gregos que tinham embarcado no Pireu. Vejo ainda, no meio de uma ninhada de creanças russas que vão a Odessa com a mãe, o rostinho da pequenina Olga, toda espantada por eu não comprehender a sua lingua e zangada por me ter feito tres vezes a mesma pergunta sem obter uma resposta intelligivel. Tenho por um lado um gordo e sujo padre grego, com chapéu em fórma de alqueire virado, a procurar com o oculo de vêr ao longe o archipelago de Marmara; do outro, um ministro

Persiano

evangelico inglez, rigido e frio como uma estatua, que em tres dias nem disse ainda uma palavra, nem olhava de frente para viva alma, adiante duas lindas raparigas athenienses com o barretinho vermelho e as tranças cahidas pelas costas abaixo, que, apenas alguem olha para ellas, se viram logo para o mar para que as vejam de perfil; um pouco mais longe um negociante armenio a esbrugar as contas do rosario oriental, um grupo de judeus vestidos com o trajo antigo, albanezes com a fustanella branca, uma professora franceza que affecta uns ares melancholicos, algum d'aquelles costumados viajantes de nenhum matiz especial, que se não percebe de que paiz são, nem que officio têem; e no meio d'esta gente uma pequena familia turca composta de um papá de fez, de uma mamã velada, e de duas creanças de calçotas, todos quatro agachados debaixo de um toldo, atravez de um monte de colxões e de coxins variegados, no meio de uma corôa de frioleiras de todas as fórmas e de todas as côres.

Como se sentia a visinhança de Constantinopla! Quasi todos os rostos que se entreviam á luz das lanternas eram uns rostos alegres. As creanças russas saltitavam em tôrno da mãe gritando o antigo nome russo de Stambul: — Zavogorod! Zavogorod!

Passando ao lado dos grupos, ouviam-se aqui e acolá os nomes de Galata, de Pera, de Scutari, de Buhu-Kyeré, de Therapia, que scintillavam na minha phantasia como os primeiros clarões de um fogo de vistas que principia a accender-se. Até os marinheiros estavam contentes por se approximarem d'aquelle sitio, onde, como elles diziam, se esqueciam ao menos por uma hora de todos os aborrecimentos da vida. Até á prôa, no meio d'aquella brancura de turbantes, havia um movimento extraordinario: até aquelles musulmanos preguiçosos e impassiveis viam já com os olhos da imaginação ondular no horizonte os phantasticos contornos de *Ummeluniá,* a mãe do mundo, a «cidade», como diz o Alcorão, «um lado da qual olha para a terra e os outros dois para o mar.» Parecia que o navio poderia andar por si, até sem a força motriz do vapor, impellido pelos desejos e pelas impaciencias que palpitavam sobre as suas taboas. De espaço a espaço

encostava-me á amurada para olhar para o mar, e parecia-me que cem vozes confusas me fallavam com o murmurio das aguas. Eram todas as pessoas que me amam e que diziam: Vae, vae, filho, irmão, amigo, vae gosar a tua Constantinopla; ganhaste-a, sê feliz e Deus te acompanhe.

Só pela meia noite começaram os viajantes a descer para debaixo da tolda. O meu amigo e eu fomos os ultimos a descer e com passo de formiga, porque nos repugnava ir fechar dentro de quatro paredes uma alegria a que parecia estreito o circuito da Propontida. Quando chegámos ao meio da escada, ouvimos a voz do capitão que nos convidava a subir na manhã seguinte para a ponte reservada para o commando.

—Estejam cá antes do nascer do sol, gritou elle pondo o rosto á escotilha.—Mando atirar ao mar quem não vier a tempo.

Nunca se fez ameaça mais superflua desde que o mundo é mundo. Eu não preguei olho. Supponho que o joven Mahomet II, n'aquella famosa noite de Adrianopolis, em que desmanchou a cama á força de se voltar e de se tornar a voltar, agitado pela visão da cidade de Constantinopla, não deu tantas revira-voltas como as que eu dei no meu beliche n'aquellas quatro horas de espera. Para dominar os meus nervos, experimentei contar até mil, conservar os olhos fitos nas brancas grinaldas que a agua, sulcada pelo navio, levantava em tôrno da portinhola do meu camarote, cantarolar umas arietas cadenciadas pelo monotono ruido da machina a vapor; mas era inutil.

Tinha febre, sentia que me faltava a respiração e a noite parecia-me eterna. Apenas vi um clarão de dia, saltei ao chão; Yunk já estava a pé; vestimo-nos á pressa, e subimos em dois pulos á tolda.

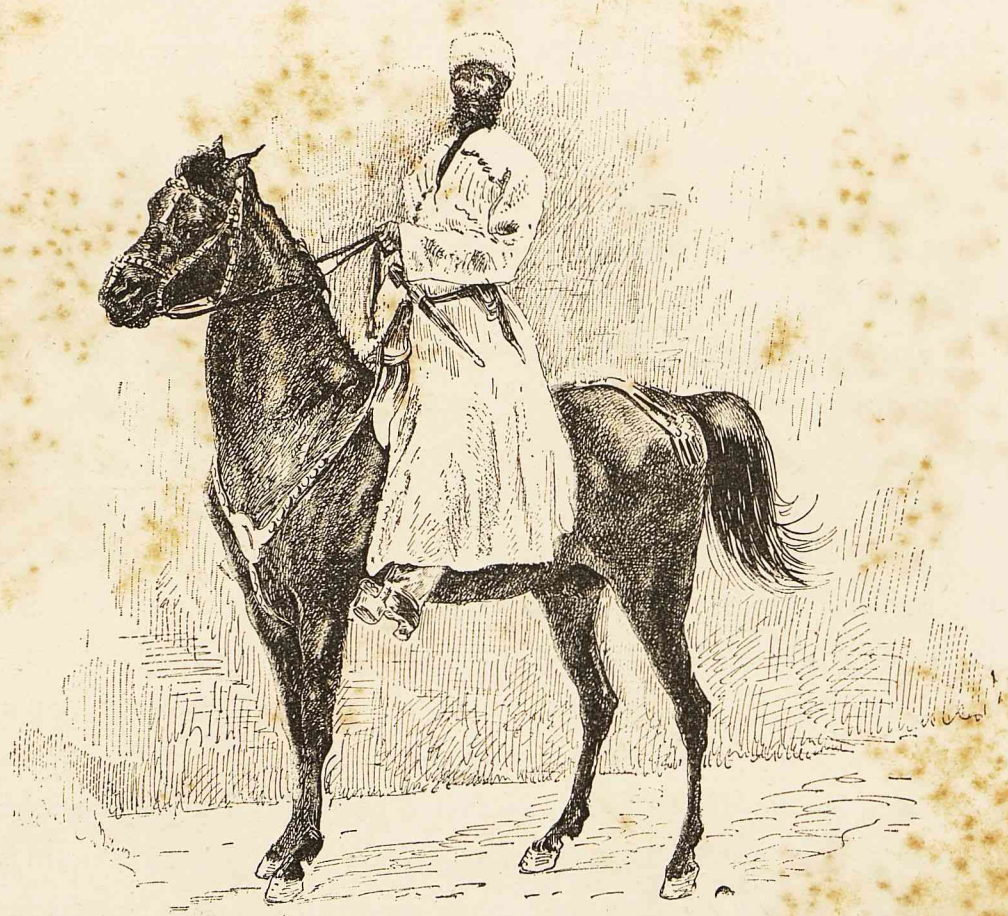
Maldição!

Havia nebrina.

Uma nebrina densa cobria o horizonte por todos os lados; parecia imminente a chuva; estava perdido o grande espectaculo da entrada em Constantinopla; illudido o nosso mais ardente desejo; n'uma palavra, estragada a viagem.

Fiquei anniquilado.

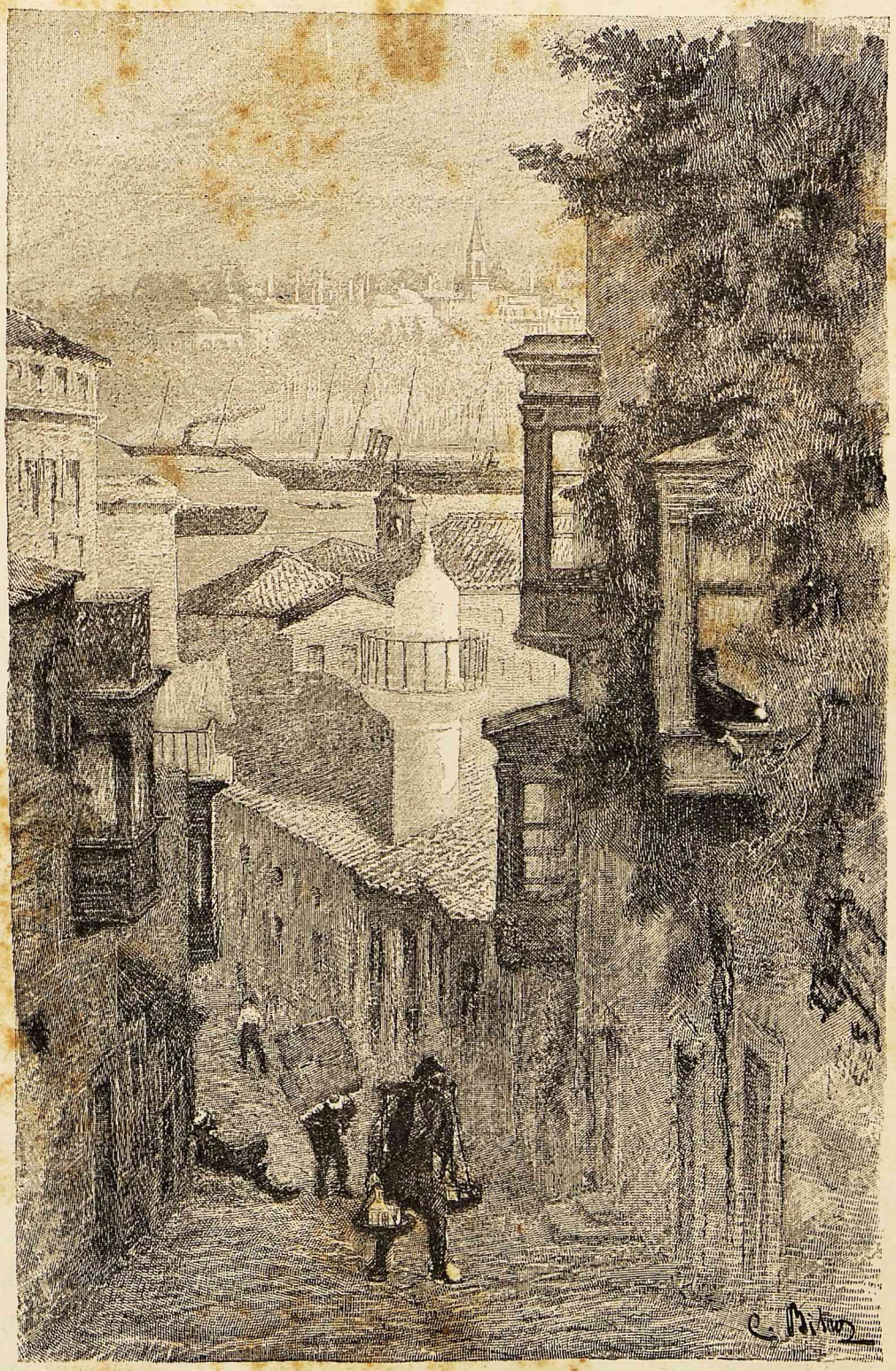
N'esse momento appareceu o capitão com o seu habitual sorrisinho nos labios.



Circassiano a cavallo

Não foi necessario fallar, apenas nos vio, percebeu, e batendo-nos com uma das mãos no hombro, disse em tom de consolação:

—Não é nada, não é nada. Não se afflijam meus senhores. Abençoem até esta nebrina. Graças á nevoa, vão ter em Constantinopla a mais bella entrada que podiam desejar. D'aqui a duas horas teremos um céo maravilhoso. Fiem-se na minha palavra.



Rua de Pera;—ao fundo o cabo do Serralho.

Senti que tornava á vida.

Subimos á ponte do commando.

Á proa estavam já todos os turcos sentados com as pernas cruzadas nos seus tapetes, com o rosto voltado para Constantinopla. Em poucos minutos sahiram cá para fóra todos os outros viajantes, armados de oculos de vêr ao longe de todas as fórmas, e encostaram-se, estendidos n'uma longa fila, ao parapeito da esquerda, como á balaustrada de uma galeria de theatro. Soprava um arsinho fresco; ninguem fallava, todos os olhos e todos os oculos se voltavam para a praia septemtrional do mar de Marmara. Mas ainda se não via nada.

A nevoa porêm não formava senão uma facha esbranquiçada no horizonte, por cima da qual esplendia o céo sereno e dourado.

Mesmo diante de nós, na direcção da prôa, apparecia confusamente o pequeno archipelago das nove ilhas dos Principes, as *Demonesi* dos antigos, logar dos prazeres da côrte no tempo do Baixo Imperio, e agora ponto de reunião e de festa dos habitantes de Constantinopla.

Mas as duas margens do mar de Marmara estavam ainda completamente escondidas,

Só depois de se estar uma hora na ponte é que se vio.

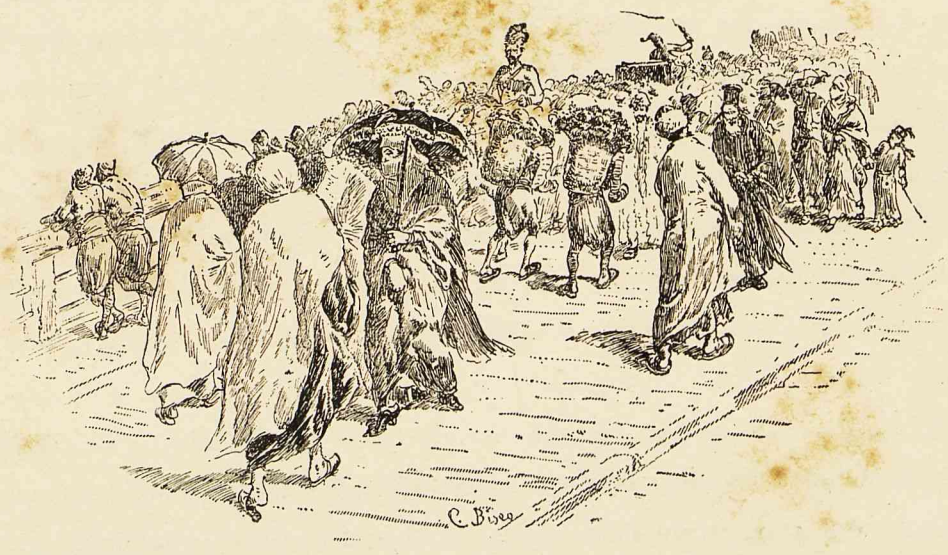
É impossivel porem bem entender a descripção da entrada em Constantinopla, se não se faz uma idéa bem clara da configuração da cidade. Supponha o leitor que tem diante de si a embocadura do Bosphoro, o braço de mar que separa a Asia da Europa e junta o mar de Marmara com o mar Negro. Estando-se assim, tem-se á direita a margem asiatica e á esquerda a margem europea; d'aqui a antiga Thracia, de acolá a antiga Anatolia, seguindo para diante, quer dizer enfiando-se pelo braço de mar, acha-se á esquerda, apenas se transpõe a embocadura, um golpho, uma enseada estreitissima, que fórma com o Bosphoro um angulo quasi recto, e penetra por duas milhas na terra europea, curvando-se como um chavelho de boi, d'onde lhe vem o nome de Corno Aureo, quer dizer de Cornucopia, porque ali affluiam, quando era porto de Byzancio, as riquezas dos tres

continentes. No angulo da terra europea, que é banhado de um dos lados pelo mar de Marmara e do outro pelo Corno Aureo, onde estava a antiga Byzancio, levanta-se, em sete collinas, Stambul, a cidade turca. No outro angulo, banhado pelo Aureo Corno e pelo Bosphoro, erguem-se Galata e Pera, as cidades francas. Defronte da abertura do Corno Aureo, nas collinas da margem asiatica, surge a cidade de Scutari. Aquella que se chama Constantinopla é formada pois por tres grandes cidades separadas pelo mar, duas postas uma em frente da outra, e a terceira defronte das duas primeiras, e tão visinhas entre si, que de cada uma das tres margens se vêem distinctamente os edificios das outras duas, pouco mais ou menos como se vê de um dos lados do Sena ou do Tamisa para o outro, nos pontos onde estes rios são mais largos, em Pariz e em Londres. A ponta do triangulo em que se ergue Stambul, voltada para o Aureo Corno, é aquelle famoso Cabo do Serralho, que esconde, até ao ultimo momento, aos olhos de quem vem do mar de Marmara, a vista das duas margens do Aureo Corno, quer dizer a parte maior e mais bella de Constantinopla.

Foi o capitão do navio que com os seus olhos de marinheiro descobrio antes de todos o primeiro lampejo de Stambul. Os dois sujeitos athenienses, a familia russa, o ministro inglez, Yunk, eu e outros, que iamos pela primeira vez a Constantinopla, estavamos agrupados em tôrno d'elle anciosos, cançando os olhos inutilmente na nebrina, quando elle estendeu o braço para a esquerda, para a margem europea, e gritou: — Meus senhores, eis a primeira aberta.

Era um ponto branco, o cimo de um minarete, cuja parte inferior estava ainda escondida. Todos dirigiram para aquelle lado os oculos de vêr ao longe, e todos começaram a metter os olhos por aquelle rasgão da nevoa como que para o fazer mais largo. O navio singrava rapidamente. Havia poucos minutos que se ia vendo ao lado do minarete uma incerta mancha, depois duas, depois tres, depois muitas que a pouco e pouco tomavam o contorno de casas e a fila alongava-se. Diante de nós e á nossa direita, estava

ainda tudo coberto de nevoa. O que se estava descobrindo então era a parte de Stambul que se estende, formando um arco de cerca de quatro milhas italianas, pela margem septemtrional do mar de Marmara, entre o Cabo do Serralho e o Castello das Sete Torres. Mas estava ainda velada toda a collina do Serralho. Por traz das casas despontavam os minaretes uns apoz outros, altissimos e brancos, e as suas cumiadas, illuminadas pelo sol, pareciam côr de rosa. Por baixo das casas principiavam a descobrir-se os velhos muros ameiados, de côr fosca, reforçados, a distancias iguaes, com



Na ponte de Galata.

grossas torres, que formam em tôrno de toda a cidade um cinto ininterrupto, em que se quebram as ondas do mar. Em pouco tempo fica descoberto um trecho da cidade, do comprimento de duas milhas; mas, devo dizer a verdade, o espectaculo não correspondia á nossa espectativa. Estavamos no ponto em que Lamartine perguntou a si proprio: — É isto Constantinopla? — e gritou: — Que illusão! — As collinas estavam ainda escondidas, não se via senão a praia, formavam as casas uma só fila extensissima, a cidade parecia toda plana. — Capitão! — exclamei eu tambem — é isto Constantinopla? — O capitão agarrou-me por um braço, e, apon-

tando com a mão para diante de si: — Homem de pouca fé! — exclamou — olhe ali para cima. — Olhei e escapou-me uma exclamação de maravilha. Erguia-se para o céo, do cimo de um alto, uma sombra enorme, uma altissima e ligeira mole, e arredondava-se gloriosamente no ar, no meio de quatro minaretes desmedidos e esbeltos, cujas pontas prateadas scintillavam aos primeiros raios do sol. — Santa Sophia! gritou um marinheiro; e uma das duas senhoras athenienses disse em voz baixa: — Hagia Sophia! (a

Na ponte de Galata.

santa sapiencia). Os turcos na prôa pozeram-se de pé. Mas já adiante e ao lado da grande basilica, se esboçavam atravez da nevoa outras columnas enormes e minaretes densos e confusos como uma floresta de gigantescas palmeiras sem ramos. — A mesquita do Sultão Ahmed! — gritava o capitão apontando — a mesquita de Bajazet, a mesquita de Osman, a mesquita de Laleli, a mesquita de Solimão. Mas já ninguem o ouvia. O véo rasgava-se rapidamente, e por todos os lados saltavam para fóra mesquitas, torres, montes de verdura, casas sobre casas e quanto mais iamos para diante, mais a cidade se erguia e mostrava mais distinctos os seus grandes contor-

nos rasgados, caprichosos, verdes, roseos, scintillantes; e a collina do Serralho desenhava já completa a sua fórma gentil no fundo pardacento da longinqua nevoa. Quatro milhas da cidade, toda a parte de Stambul que olha para o mar de Marmara, se estendia diante de nós, e os seus muros foscos e as suas casas de mil côres se reflectiam nas aguas limpidas e nitidas como um espelho.

D'ahi a pedaço o navio parou.

Todos se apinharam em tôrno do capitão a perguntar porque. Explicou-lhes elle que para ir para diante precisava de esperar que se desvanecesse a nevoa. A nevoa effectivamente escondia ainda a embocadura do Bosphoro como uma densa cortina. Mas, d'ahi a menos de um minuto, pôde-se continuar, andando-se porêm cautellosissimamente.

Approximámo-nos da collina do antigo Serralho.

Aqui tornou-se febril a minha curiosidade e a curiosidade de todos.

—Volte-se para acolá, disse-me o capitão, e não olhe senão quando toda a collina estiver diante de nós.

Voltei-me e cravei os olhos n'um banco que me parecia que bailava.

Voltei-me. O navio tinha parado.

Estavamos em frente da collina, muito proximos.

N'uma grande collina toda vestida de cyprestes, de terebinthos, de abetos, e de platanos gigantes, que arrojam a ramaria para fóra das ameias dos muros a ponto de fazerem sombra no mar, e no meio d'este monte de verdura, erguem-se desordenadamente, separados e em grupos, como espalhados por acaso, remates de kiosques, pequenos pavilhões coroados de galerias, cupulas prateadas, minusculos edificios de fórmas gentis e estranhas, com as janellas gradeadas, e as portas com arabescos; tudo branco, pequenino, meio escondido, que deixa advinhar um labyrintho de jardins, de corredores, de pateos, de recessos; uma cidade inteira fechada n'um bosque, separada do mundo, cheia de mysterio e de tristeza. N'esse momento batia-lhe o sol, mas ainda a recobria um véu ligeirissimo. Não se via pessoa al-

guma, não se sentia o mais ligeiro rumor. Todos os viajantes estavam ali, com os olhos fitos n'aquella collina coroada com as memorias de quatro seculos de gloria, de prazeres, de amores, de conjurações e de sangue; paço, cidadella e tumulo da grande monarchia ottomana; e ninguem fallava, ninguem se movia. Quando d'ahi a pedaço o immediato do navio gritou: —Senhores, vê-se Scutari!

Voltámo-nos todos para a margem asiatica. Scutari, a cidade de oiro, ali estava espalhada até aonde a vista alcançava pelos pincaros e pelas encostas das suas grandes collinas, velada pelos vapores luminosos da manhã, fresca, ridente, como uma cidade que brotasse n'aquelle momento ao toque de uma varinha de condão. Quem póde descrever aquelle espectaculo? A linguagem com que descrevemos as nossas cidades não serve para dar uma idéa d'aquella immensa variedade de côres e de perspectivas, d'aquella maravilhosa confusão de cidade e de paizagem, de alegre e de austero, de europeu, de oriental, de extravagante, de grande e de gentil. Imagine-se uma cidade composta de dez mil casas de campo amarellas e purpureas, e de dez mil jardins luxuriantes de verdura, no meio dos quaes se erguem cem mesquitas candidas como a neve; por cima, uma floresta de cyprestes enormes; o maior cemiterio do Oriente; na extremidade desmedidas casernas brancas, grupos de casas e de cyprestes, aldeotas acolhidas nos outeiros, por traz das quaes despontam outras meio escondidas na verdura; e por toda a parte cimos de minaretes, e remates de cupulas alvejantes, até ao meio do dorso de uma montanha que fecha como uma grande cortina o horizonte; uma grande cidade disseminada n'um immenso jardim sobre um fraguedo, aqui rasgado por precipicios a pique, vestidos de sycomoros, alem descendo em planos verdejantes, aberto em pequenas enseadas cheias de sombra e de flores; e o espelho azul do Bosphoro que reflecte toda esta belleza.

Emquanto eu estava olhando para Scutari, o meu amigo tocou-me com o cotovello para me annunciar que descobrira outra cidade. E vi effectivamente, voltando-me para o mar de Marmara, na propria margem asiatica,

para além de Scutari, uma extensissima fileira de casas, de mesquitas e de jardins diante das quaes passava o navio, e que até ahi tinham ficado escondidas na nevoa. Com o oculo de vêr ao longe, distinguiam-se perfeitamente o café, o bazar, as casas á européa, as escadas, os muros que cingem os quintaes, os barcos espalhados ao longo da praia. Era Kadi-Kioi, a *aldeia dos juizes,* posta sobre as ruinas da antiga Chalcedonia, outr'ora rival de Byzancio; aquella cidade fundada seiscentos e oitenta e cinco annos antes de Christo pelos Megareses, aos quaes o oraculo de Delphos deu o sobre-nome de cegos por terem escolhido aquelle sitio em vez da margem opposta, onde surge Stambul.—Tres cidades!—disse-nos o capitão:—conto-as pelos dedos porque d'aqui a pouco pularão outras.

Indiano.

O navio continuava immovel entre Scutari e a collina do Serralho. A nevoa escondia effectivamente o Bosphoro de Scutari para lá, e Galata e Pera que estavam diante de nós. Passavam ao nosso lado grandes barcos, vaporsinhos, cahiques, pequenos, botes á vela; mas ninguem olhava para elles. Todos os olhos estavam cravados na cortina pardacenta que cobria a cidade franca. Eu sentia um fremito de impaciencia e de prazer. Faltavam poucos momentos para que apparecesse o espectaculo maravilhoso que arranca um grito da alma! Mal podia ter firme nos olhos o oculo de vêr ao longe, tanto me tremia a mão.

A grande ponte de Galata.

O capitão, pobre homem! olhava para mim, gosava da minha commoção, e esfregando as mãos, exclamava;—Cá estamos! cá estamos!

Finalmente começaram a apparecer por traz do véu primeiro manchas esbranquiçadas, depois o contorno vago de uma grande altura, depois um disperso e vivissimo lampejo de vidraças batidas pelo sol, e emfim Galata e Pera, em plena luz, um monte, uma myriade de casas de todas as côres, umas por cima das outras, uma cidade altissima coroada de minaretes, de cupulas e de cyprestes; no cimo os palacios monumentaes das embaixadas, e a grande torre de Galata; aos pés, o vasto arsenal de Tophané e uma floresta de navios; e a cidade, continuando a rasgar a nevoa, estendia-se rapidamente para o lado do Bosphoro, e saltavam os burgos uns atraz dos outros, desdobrados do alto das collinas até ao mar, vastos, densos, matizados com a alvura das mesquitas; filas de navios, portinhos, palacios á flor da agua, pavilhões, jardins, kiosques, mattas, e confundidos ainda na nevoa longinqua, outros burgos de que se viam apenas as alturas doiradas pelo sol; uma barulhada de côres, uma furia de verde, uma fuga de vistas, uma grandeza, uma delicia, uma gentileza que era de nos fazer proromper em exclamações insensatas. No navio estavam todos de bôcca aberta: viajantes, marinheiros, turcos, europeus, creanças. Não se ouvia um murmurio. Não se sabia para que lado se havia de olhar. Tinhamos de um lado Scutari e Kadi-Kioi; do outro a collina do Serralho; defronte Galata, Pera, o Bosphoro. Para se vêr tudo era necessario rodar sobre os calcanhares; e giravamos, lançando para todos os lados olhares chammejantes, e rindo e gesticulando sem fallar, com um prazer que nos suffocava. Que bellos momentos, Deus eterno! E comtudo ainda não tinhamos visto o mais bello e o mais grandioso. Estavamos ainda immoveis para cá da ponta do Serralho, sem ultrapassar a qual não se póde vêr o Corno Aureo, e a mais maravilhosa vista de Constantinopla é o Corno Aureo. —Senhores, estejam attentos! exclamou o capitão antes de dar ordem de seguir ávante—chega o *momento critico*. D'aqui a tres minutos, estamos em frente de Constantinopla.

Experimentei uma sensação de frio.

Esperou-se outro momento.

Ah! como me pulava o coração! Com que febre na alma eu esperava aquella bemdita palava:—Ávante!

—Ávante! gritou o capitão.

O navio poz-se em movimento.

Vamos! Reis, principes, Cresos, poderosos e felizes da terra, n'aquelle momento tive compaixão de vós; o meu logar no navio valia por todos os vossos thesouros, e eu não venderia um dos meus olhares por um imperio.

Um minuto—outro minuto—Dobra-se a ponta do Serralho—entrevejo um enorme espaço cheio de luz e uma immensidade de coisas e de côres —a ponta está dobrada... Eis Constantinopla! Constantinopla desmedida, soberba, sublime! Gloria á creação e ao homem! Eu nunca tinha sonhado esta belleza.

E agora, descreve, miseravel! profana com a tua palavra esta visão divina! Quem ousa descrever Constantinopla? Chateaubriand, Lamartine, Gautier, o que foi que balbuciastes? E comtudo as palavras e as imagens atropellam-se na mente e fogem da penna. Vejo, fallo, escrevo, tudo a um tempo, sem esperança, mas com uma voluptuosidade que me inebria. Vejamos pois. O Corno Aureo, diante de nós, como um largo rio, e nas duas margens duas cadeias de monticulos em que se erguem e se alongam duas cadeias paralellas de cidades, que abrangem oito milhas de collinas, de valles, de enseadas, de promontorios; cem amphitheatros de monumentos e de jardins; uma dupla e immensa escadaria de casas, de mesquitas, de bazares, de serralhos, de banhos, de kiosques, matizados com infinitas e variegadas côres, no meio dos quaes se erguem para o céu, como desmesuradas columnas de marfim, milhares de minaretes com as pontas luzentes, e brotam cyprestaes que descem em faxas profundas das alturas ao mar, engrinaldando os arrabaldes e os portos; e uma potente vegetação esparsa por todos os lados pula exuberante, empluma os pincaros, serpeia por entre os tectos, e recurva-se seguindo a ondulação das margens. Á direita Galata com uma

Mesquita de Geni Dgemi.

floresta de antennas e de bandeiras diante de si; por cima de Galata, Pera que desenha no céu os potentes contornos dos seus palacios europeus; diante uma ponte que une as duas margens, cortada em sentido opposto por duas multidões variegadas; á esquerda, Stambul, desenrolada nas suas

largas collinas, cada uma das quaes sustenta uma mesquita gigante, com a cupula de chumbo e as agulhas de oiro: Santa Sophia, branca e rosada; Sultão Ahmed flanqueada por seis minaretes; Solimão o Grande coroada por dez cupulas; Sultana Validé que se espelha nas aguas; na quarta collina a mesquita de Mahomet II; na quinta a mesquita de Selim; na sexta o serralho de Tekyr; e por cima de todas as altezas a torre branca do Seraskier que domina as margens dos dois continentes desde os Dardanellos até ao mar Negro. Para além da sexta collina de Stambul e para além de Galata não se vêem senão perfis vagos, pontas de cidade e de arrabaldes, escorços de portos, de frotas e de bosques, quasi esvaidos n'uma athmosphera azulina, que já não parecem cousas reaes, mas illusões do ar e da luz. Como empolgar as particularidades d'este quadro prodigioso? Crava-se por algum momento o olhar, nas praias visinhas, n'uma casa turca ou n'um minarete doirado; mas de subito, arroja-se de novo áquella profundidade luminosa, e vaga, ao acaso, entre aquellas duas fugas de cidades phantasticas, seguido pela mente assombrada e tropega. Diffunde-se por toda aquella belleza uma magestade infinitamente serena: um não sei que de juvenil e de amoroso, que desperta mil lembranças de contos de fadas e de sonhos primaveraes; um *quid* de aereo, de recondito e de grande, que arrebata a phantasia para fóra da verdade. O céu, esfumado em finissimos matizes opalinos e argenteos, contorna com uma nitidez maravilhosa todas as coisas; o mar, côr de saphyra, todo mosqueado de scentelhas purpurinas, faz tremular os longos reflexos brancos dos minaretes; as cupulas scintillam; toda aquella immensa vegetação se agita fremente ao sopro da aragem da manhã; esvoaçam nuvens de pombas em tôrno das mesquitas; milhares de cahiques pintados e doirados saltitam sobre as aguas; a brisa do mar Negro leva os perfumes de dez milhas de jardins; e, quando, inebriados com este paraizo, e já esquecidos de tudo o mais, nos voltamos para traz, vêmos com um sentimento novo de assombro a margem da Asia que fecha o panorama com a belleza pomposa de Scutari e com os pincaros nevosos da Bythinia; o mar de Marmara semeado de ilhotas e alvejante de velas;

e o Bosphoro, coberto de navios, que serpeia entre duas filas interminaveis de kiosques, de palacios e de quintas, e se perde mysteriosamente no meio das mais risonhas collinas do Oriente — Ah! sim! este é o mais bello espectaculo da terra; quem o nega é ingrato para com Deus, e injuria a creação; maior belleza iria além das forças dos sentidos do homem!

Passada a primeira commoção, olhei para os viajantes; todos os rostos

Bulgara.

estavam mudados. As duas senhoras athenienses tinham os olhos humedecidos, a senhora russa, no momento solemne, apertára ao coração a pequena Olga; até o frio padre inglez fazia ouvir pela primeira vez a sua voz, exclamando de espaço a espaço: wonderful! wonderful! (estupendo! estupendo!)

O navio parára a pouca distancia da ponte; em poucos minutos jun-

tou-se em tôrno de nós uma immensidade de barcos, e logo irrompe na tolda uma multidão de moços de fretes turcos, gregos, armenios e judeus, que, blasphemando n'um italiano do outro mundo, se apoderaram das nossas bagagens e das nossas pessoas.

Depois de uma tentativa inutil de resistencia, dei um abraço ao capitão, um beijo a Olga, disse adeus a todos, e desci com o meu amigo para um cahique a quatro remos, que nos conduzio á alfandega, d'onde trepámos por um labyrintho de viellas até á hospedaria de Byzancio, no alto da collina de Pera.

CINCO HORAS DEPOIS

Dissipou-se a visão d'esta manhã. Aquella Constantinopla, toda luz e toda belleza, é uma cidade monstruosa, disseminada por um infinito numero de ladeiras entre collinas e valles; é um labyrintho de formigueiros humanos, de cemiterios, de ruinas, de solidões; uma confusão nunca vista de civilisação e de barbarie, que apresenta uma imagem de todas as cidades da terra, e em si reune todos os aspectos da vida humana. Não tem verdadeiramente de uma grande cidade senão o esqueleto que é a pequena parte dos seus muros; o resto é uma enorme agglomeração de barracas, infinito acampamento asiatico, onde zumbe uma população que nunca foi recenseada, de gente de todas as raças, e de todas as religiões. É uma grande cidade em transformação, composta de cidades velhas que se desfazem, de cidades novas que brotaram hontem, de outras cidades que estão brotando. Está tudo revolvido; vêem-se por toda a parte os vestigios de um trabalho gigante; montes perfurados, collinas desbastadas, burgos arrazados, grandes ruas desenhadas, uma immensidade de montes de pedras, de ruinas de incendios, n'um terreno perpetuamente atormentado pela mão do homem. É uma desordem, uma confusão de aspectos desencontrados, uma sensação continua de vistas surprehendentes e estranhas que faz vertigens. Chegais até ao fundo de uma rua senhorial, está fechada por um precipicio; sahis do theatro, achais-vos no meio dos tumulos; subis ao alto de uma collina, vêdes um bosque debaixo dos pés e outra cidade na collina fronteira; o burgo que atravessastes pouco antes ides vêl-o, voltando-vos de improviso, no fundo de um valle profundo, meio escondido pelas arvores;

dai volta a uma casa, e ahi tendes um porto; descei por uma rua, adeus cidade! estaes n'uma garganta deserta d'onde se não vê senão o céu; as cidades despontam, escondem-se, tornam a apparecer continuamente por cima da vossa cabeça, aos vossos pés, pelas vossas costas, proximas e distantes, ao sol, á sombra, entre os bosques, no mar; dae um passo para diante, vêdes um panorama immenso; dae um passo para traz, já não vêdes cousa alguma; levantae a cabeça, mil pontas de minaretes; descei um palmo, todas desapparecem; as ruas, que formam uma rede infinita, serpeiam por entre monticulos, correm por cima de terraplenos, vão rentes a precipicios, passam por baixo dos aqueductos, fragmentam-se nas viellas, descem em degraus, entre silvados, sujidades, ruinas e areias. De espaço a espaço a grande cidade como que respira fortemente na solidão do campo, depois recomeça mais densa, mais colorida, mais alegre; aqui espraia-se e agrupa-se de novo; n'um sitio é toda fumo e estrepito, n'outro dorme; para um lado toda se avermelha, para outro é toda branca, para outro ainda o que domina é a côr de oiro, e para outro apresenta o aspecto de um monte de flores. A cidade elegante, a aldeia, o campo, o jardim, o porto, o deserto, o mercado, a necropole, alternam-se incessantemente, erguendo-se umas coisas sobre as outras, em escalão, de modo que se abrangem n'um só olhar, n'uma encosta unica, todas as variedades de uma provincia. Desenha-se por todos os lados no céu e na agua uma infinidade de contornos extravagantes, tão densos, tão doidamente quebrados e denticulados pela variedade de architectura, que se confundem aos olhos do espectador como se tremulassem e se enredassem uns nos outros. No meio das casinhas turcas ergue-se o palacio europeu; por traz do minarete o campanario; sobre o terraço a cupula; por traz da cupula, o muro com ameias; os tectos dos kiosques á chineza por cima dos frontões dos theatros; as varandas gradeadas dos harens defronte das grandes janellas com vidraças, as janellas mouriscas em frente dos terraços com balaustradas, os nichos das Virgens debaixo dos arcos arabes, os sepulchros nos pateos, as torres entre os tugurios; as mesquitas, as synagogas, as igrejas gregas, as catholicas, as arme-

nias, umas por cima das outras, como se procurassem esmagar-se, e em todos os vãos, cyprestes, pinheiros de copa, figueiras e platanos que estendem os ramos sobre os tectos. Uma indescriptivel architectura toda de expedientes concilia os infinitos caprichos do terreno com uma miuçalha de casas cortadas aos pedaços, em fórma de torres triangulares, de pyramides direitas ou tombadas, cercadas de pontes, de espeques e de fossos, amontoadas confusamente como os rochedos cahidos de uma montanha. De cem em cem passos tudo muda. Aqui estaveis n'uma rua de um arrabalde de Marselha; voltai-vos, é uma aldeia asiatica, tornae-vos a voltar, é um bairro grego; voltai-vos ainda, é um arrabalde de Trebizonda. Pela lingua, pelas physionomias, pelo aspecto das casas, reconheceis que mudastes de nação; são pedaços da França, faxas da Italia, engastes de Inglaterra, enxertos da Russia. Na immensa face da cidade se vê representada em architecturas e em côres a grande lucta que se peleja entre a familia christã que reconquista e a familia islamitica que defende com as suas ultimas forças a terra sagrada. Stambul, outr'ora toda turca, é assaltada por todos os lados por bairros christãos que a vão roendo lentamente ao longo da praia do Corno Aureo e do mar de Marmara: por outro lado a conquista pro-

Zeibec.

Scutari vista do mar, na costa aziatica.

cede com furiosa precipitação; as igrejas, os palacios, os hospitaes, os jardins publicos, as officinas, as escolas, rasgam os bairros musulmanos, destroem os cemiterios, avançam de collina em collina, e já desenham vagamente no terreno revolvido a fórma de uma grande cidade que um dia cobrirá a margem europea do Bosphoro, como a de agora cobre as praias do Corno Aureo.

Mas d'estas observações geraes distrahem a cada passo mil coisas novas; n'uma rua o convento dos derviches, n'outra a caserna do estylo mourisco, o bazar, o café turco, a fonte, o aqueducto. N'um quarto de hora se torna mister mudar-se dez vezes de andadura; descer, trepar, saltar por uma encosta abaixo, subir uma escada de pedregulhos, atascar na lama, evitar mil obstaculos, abrindo caminho ora por entre a multidão, ora por entre os arbustos, ora por entre trapagem pendurada, ora tapando o nariz, ora aspirando ondas de ar odorifero. Da grande luz de um sitio aberto, d'onde se vê o Bosphoro, a Asia e um céu infinito, immerge-se a gente a poucos passos na escuridão triste de uma rede de viellas flanqueadas de casas a cahir, e semeadas de calhaus como leitos de regatos; de um verde fresco e umbroso para uma poeirada suffocante, asseteada pelo sol; de encruzilhadas cheias de côr e de rumores, para recessos sepulchraes onde nunca soou uma voz humana, do divino Oriente dos nossos sonhos para outro Oriente lugubre, immundo, decrepito, que excede tudo o que de mais lobrego possa idear a imaginação.

Depois de um giro de poucas horas já se não sabe da cabeça. A quem nos perguntasse de improviso o que é Constantinopla, não saberiamos responder senão pondo a mão na testa para socegar a tempestade dos pensamentos. Constantinopla é uma Babylonia, um mundo, um chaos. É bella? Prodigiosa. É feia? Horrenda. Agrada-vos? Embriaga. Ficarieis aqui? Quem sabe! Quem póde affirmar que se deixaria ficar n'outro astro? Volta-se para casa cheio de enthusiasmo e de desenganos, arrebatado, enojado, esbaforido, atordoado, com uma desordem na mente que parece o principio de uma congestão cerebral, e que se aquieta

depois a pouco e pouco n'uma prostração profunda e n'um tedio mortal. Vivemos á pressa uns poucos de annos, e sentimo-nos avelhentados.

E a população d'esta cidade monstruosa?

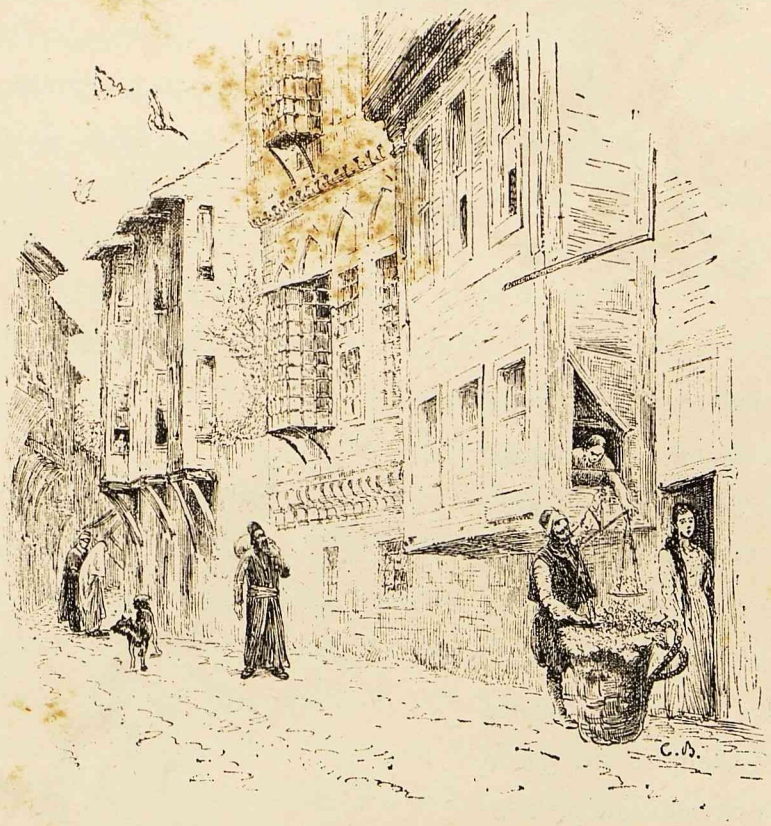
A PONTE

Para se vêr a população de Constantinopla é mister percorrer a ponte fluctuante, de um comprimento de cerca de um quarto de milha, que se estende desde a ponta mais avançada de Galata até á margem opposta do Corno Aureo, defronte da grande mesquita da sultana Validé. Ambas as margens são terra europea; mas póde-se dizer que a ponte une a Europa á Asia, porque em Stambul não ha de europeu senão a terra, e têem côr e caracter asiatico até os poucos arrabaldes christãos que a cingem como uma corôa. O Corno Aureo, que tem o aspecto de um rio, separa, como um oceano, dois mundos. As noticias dos acontecimentos da Europa, que circulam em Galata e em Pera, vivas, claras, minuciosas, commentadas, não passam para a outra margem senão mutiladas e confusas como um echo longinquo; a fama dos maiores homens e das mais importantes coisas do Occidente pára diante d'aquella pouquissima agua como diante de um baluarte insuperavel; e por aquella ponte onde passam por dia cem mil pessoas, não passa em dez annos uma idéa.

Estando ali vê-se desfilar n'uma hora Constantinopla toda. São duas correntes humanas inexhauriveis, que se encontram e se confundem um pouco desde o nascer até ao pôr do sol, apresentando um espectaculo de que não são certamente senão pallida imagem os mercados das Indias, as feiras de Nijni-Nowgorod e as festas de Pekin.

Para vêr alguma coisa é necessario cravar os olhos n'um pequeno espaço da ponte e não os tirar d'ali; se se vagueia com os olhos, atrapalha-se a vista e confunde-se a cabeça. A multidão passa em grandes ondas

cada uma das quaes ostenta mil côres, e cada grupo de pessoas representa um grupo de povos. Imagine-se tambem um acervo extravagantissimo de typos, de trajos, e de classes sociaes, e não se chegará a ter uma idéa da fabulosa confusão que ali se vê no espaço de vinte passos e no periodo de dez minutos. Atraz de um bando de moços de fretes turcos, que passam



Exterior de uma casa.

correndo, curvados debaixo de pesos enormes, avança uma cadeirinha tauxiada de madre-perola e de marfim, por onde espreita uma senhora armenia; e aos dois lados um beduino envolto n'um manto branco, e um velho turco com o turbante de musselina e o caftan de côr azul celeste, junto do qual cavalga um joven grego, seguido pelo seu drogman com a zuavina bordada, e um derviche com o grande chapéu conico e a tunica de lã de

Uma janella.

camello, que se desvia para deixar passar a carruagem de um embaixador europeu, precedida por um batedor agaloado. Nada d'isto se vê, entrevê-se. Antes de vos terdes voltado para traz, achais-vos no meio de um grupo de Persas, com o barrete pyramidal de astrakan, e, depois d'estes passarem, encontrais-vos diante de um judeu enfiado n'uma longa veste amarella aberta nas ilhargas; de uma cigana desgrenhada que traz uma creancinha dentro de um saco pendurado ás costas, de um padre catholico com bengala e breviario; emquanto no meio de uma multidão confusa de gregos, de turcos, de armenios, avança gritando — Campo! um gordo ennucho a cavallo que precede uma carruagem turca, pintada com flores e passaros, dentro da qual vão as senhoras de um harem, vestidas de roxo e de verde, e envoltas em grandes veús brancos, e atraz uma irmã de caridade de um hospi-

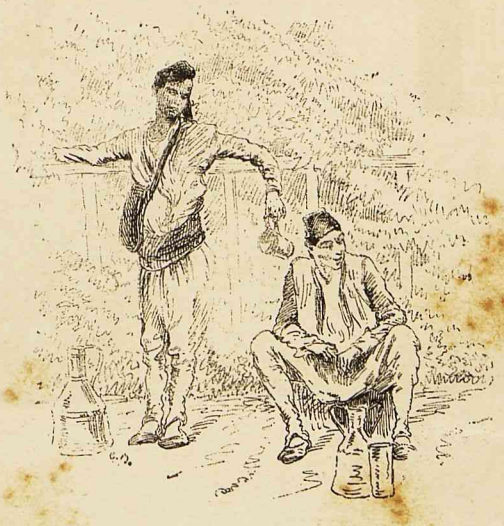
Na rua.

tal de Pera, seguida por um escravo africano que leva um macaco, e um narrador de historias com trajo de nigromante. E, coisa natural, mas que parece estranha ao recem-chegado, toda esta gente tão diversa encontra-se e passa para diante sem olharem uns para os outros, como a multidão de Londres; ninguem pára; todos seguem com passo rapido, e n'um cento de caras não se vê uma que sorria. O albanez, com o saiote branco e as pistolas á cinta, passa ao lado do tartaro vestido de pelles de carneiro; o turco, a cavallo n'um burro arreiado com grande pompa, passa ligeiramente por entre duas filas de camellos; atraz do ajudante de campo de um principezinho imperial, espetado em cima de um cavallo arabe, vem aos balanços uma carroça carregada com os extravagantes utensilios de uma casa turca, a musulmana a pé, a escrava velada, a grega com o barretinho vermelho e as tranças pelas costas abaixo, a malteza embiocada na mantilha negra, a judia vestida com o branquissimo fato da Judéa, a negra envolta n'um chaile pintalgado do Cairo, a armenia de Trebizonda toda negra e velada como uma apparição funebre, acham-se ás vezes na mesma fila como se ali se pozessem de proposito para darem realce umas ás outras. É um cambiante mosaico de raças e de religiões que se fórma e se dispersa continuamente com uma rapidez que mal se póde seguir com a vista.—É bello ter os olhos cravados no taboleiro da ponte, não olhando senão para os pés, passam todos os calçados da terra desde o calçado de Adão até ás botinas da ultima moda de Pariz; chinellos amarellos de turcos, vermelhos de armenios, azues de gregos, negros de israelitas; sandalias, botas formidaveis do Turkestan, cothurnos albanezes, sapatos abertos, *gambass* de mil côres dos cavalleiros da Asia Menor, pantufos bordados a oiro, alpercatas á hespanhola, calçados de setim, de corda, de trapos, de pau, tão densos que, quando se vêem uns, entre-vêem-se cem. Não se tendo muita cautella, é caso para se tropeçar e cahir a cada instante. Ora é um aguadeiro com um odre colossal ás costas, ora uma senhora russa a cavallo, ora um pelotão de soldados imperiaes vestidos á zuava que parece que vão para um assalto, ora um grupo

de moços de fretes armenios que passam carregando aos hombros, a dois e dois, umas barras compridissimas, d'onde vão pendurados uns sacos enormes de mercadorias; ora chusmas de turcos que se atiram para a direita e para a esquerda da ponte afim de embarcarem nos vapores. É um tropel, um borborinho, um estrepito de vozes exoticas, de notas gutturaes, de aspirações, de interjeições incomprehensiveis, no meio das quaes as poucas palavras, francezas ou italianas, que nos chegam aos ouvidos de quando em quando, fazem o effeito de pontos luminosos n'uma densa treva. As figuras que dão mais na vista n'aquella multidão são as dos Circassianos, que vão a maior parte das vezes em grupos de tres ou de cinco, com passo vagaroso; uns homemzarrões barbados, de caras terriveis, que usam uma barretina de pello á moda da velha guarda napoleonica, um grande caftan negro, um punhal á cinta, e uma cartuxeira de prata no peito; verdadeiras physionomias de bandidos, cada um dos quaes parece que veio a Constantinopla para vender uma filha ou uma irmã, e que deve ter as mãos ensopadas em sangue russo. Depois os syriacos com a sua veste que tem a fórma das dalmaticas byzantinas e com a cabeça envolta n'um lenço pespontado a oiro; os bulgaros vestidos com umas saias grosseiras, com uns barretes forrados de pelles; os georgianos com um capacete de coiro envernizado e a tunica apertada á cinta por um circulo metallico; os gregos do archipelago cobertos desde a cabeça até aos pés com bordados, tufos e botões luzentes. A multidão de quando em quando rareia um pouco, mas de repente avançam outras turmas cerradas, ondas de tunicas vermelhas e de turbantes brancos, no meio dos quaes despontam chapéus altos, sombrinhas e toucados pyramidaes de senhoras europeas, que parece que são impellidas por aquella torrente musulmana em que fluctuam. O que faz pasmar deveras é a variedade da gente das differentes religiões. Aqui scintilla a tonsura de um capuchinho, acolá estadeia-se o turbante á janizara de um ulema, mais para diante ondeia o véu negro de um padre armenio. Passam imans com a tunica branca, freiras, capellães do exercito turco, vestidos de verde, com o alfange ao lado, frades dominicanos, peregrinos

Albanez.

que voltaram de Meca e trazem um talisman pendurado ao pescoço, jesuitas, derviches —e isto agora é estranho deveras—derviches que nas mesquitas esfarrapam as carnes em expiação dos seus peccados, e que na ponte se resguardam do sol com a competente umbella. Se estivermos bem attentos, seguiremos n'aquella confusão mil pequenos episodios graciosissimos. É um eunucho que mostra o branco dos olhos a algum peralvilho christão que olhou com demasiada curiosidade para dentro da carruagem da sua ama; é uma *cocotte* franceza, vestida pelo ultimo figurino, que acompanha como criada o filhito de um pachá de luvas calçadas e resplandecente de joias; é uma senhora de Stambul que finge arranjar melhor o véu para poder mirar o vestido de cauda de uma senhora de Pera; é um sargento de cavallaria de grande uniforme, que pára mesmo no meio da ponte, aperta o nariz com dois dedos, e arroja para o espaço um—ai de quem o apanha!—que é de fazer calafrios; é um charlatão que, depois de apanhar um soldo a um pobre diabo,



Leiteiros bulgaros.

Em Stambul;—porta da mesquita do Sultão Ahmed.

lhe faz na cara um gesto cabalistico para o livrar do mau olhado; é uma familia de viajantes grandes e pequenos, chegada n'esse mesmo dia, que se perdeu no meio de uma turba de canalha asiatica e a mãe procura os pequenos que berram e os homens abrem caminho aos encontrões. Os camellos, os cavallos, as cadeirinhas, as carruagens, os bois, as carretas, os toneis que passam rolando, os burros ensanguentados, os cães pellados, formam longas filas que dividem ao meio a multidão. Ás vezes passa um gordo pachá de tres caudas, refestellado n'uma carruagem esplendida, seguido a pé pelo portador do seu cachimbo, pela sua guarda e por um negro, e então todos os turcos cumprimentam pondo a mão na testa e no peito; e as mendigas musulmanas, horriveis megeras, com o rosto embiocado e o seio nú, atiram-se ás portinholas a pedir esmola. Os eunuchos que não estão de serviço, passam em grupos de dois, de tres, de cinco, de cigarro na bôcca; e conhecem-se pela gordura molle, pelas longas vestes negras. As lindas pequeninas turcas, vestidas de rapazinhos, com uns calçõesitos verdes, e uns casaquitos côr de rosa ou amarellos, correm e pulam com uma agilidade felina, abrindo caminho com as suas mãositas tingidas de purpura. Os engraixadores com a sua lata doirada, os barbeiros ambulantes com o banco e a bacia nas mãos, os vendedores de agua, de dôces, rompem o apertão em todas as direcções, berrando em grego e em turco. A cada passo se vê luzir um uniforme militar; officiaes de fez e de calções escarlates, com o peito constellado de condecorações; palafreneiros do serralho, que parecem generaes do exercito; gendarmes, com um arsenal ao cinto; zeibeks ou soldados irregulares com aquelles calções enormes de papo atraz, que lhes dão o perfil da Venus hottentote; guardas imperiaes com um longo pennacho branco no capacete e o peito coberto de galões; guardas da cidade que giram por ali com umas algemas nas mãos para o que fôr necessario; guardas da cidade em Constantinopla! É como quem dissesse gente encarregada de manter em ordem o Oceano Atlantico. É extravagante o contraste de todo aquelle oiro e de todos aquelles trapos, de gente sobrecarregada de roupa que parecem bazares ambulantes, e de gente quasi núa. Só o espectaculo da nudez é uma ma-

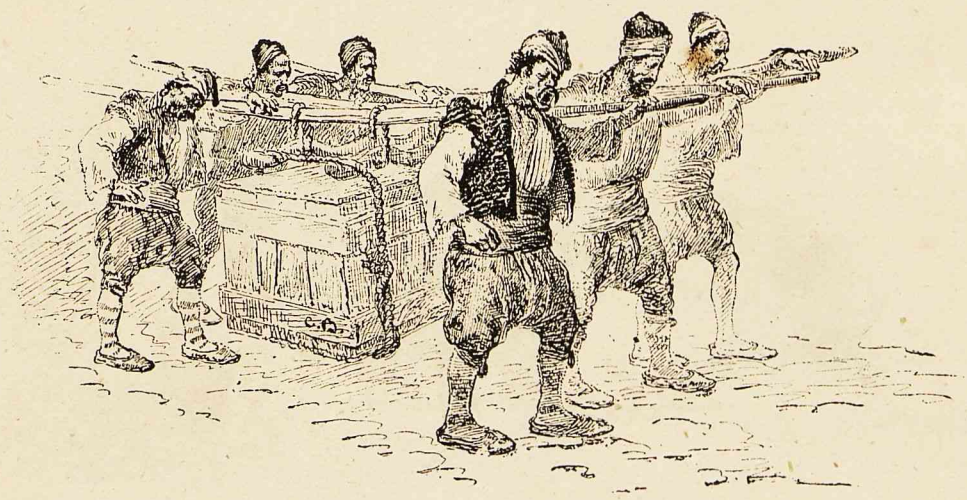
ravilha. Vêem-se todos os matizes da pelle humana, desde o branco lacteo da Albania até ao negro de corvo da Africa Central e ao negro azulado do Darfur; peitos que parece que ao tocar-se-lhes hão-de resoar como vasos de bronze, ou gretar-se como fôrmas de barro secco; costas oleosas, petreas, ligneas, hirsutas como um dorso de javali, braços sarapintados de vermelho e de azul, com desenhos de ramos e de flôres, e inscripções do Alcorão, e grosseiras imagens de barcos e de corações atravessados por settas. Mas n'um primeiro passeio pela ponte não ha tempo nem modo de observar todas estas particularidades. Emquanto se olha para os rabiscos de um braço avisa o *cicerone* que passou um servio, um valachio, um montenegrino, um cossaco da Ukrania, um egypcio, um tunezino, um principe da Imerethia. Não ha tempo senão para reparar nas nações. Parece que Constantinopla continua sempre a ser o que foi: a capital de tres continentes e a rainha de vinte vice-reinos. Mas esta idéa corresponde todavia á grandeza d'aquelle espectaculo, e imagina-se um cruzamento de emigrações produzido por algum enorme cataclysmo que revolvesse o antigo continente. Um olhar experimentado consegue ainda discernir n'aquelle *mare magnum* os rostos e os trajos da Caramania e da Anatolia, os de Chypre e de Candia, os de Damasco e de Jerusalem, o druso, o kurdo, o maronita, o taliman, o pumaco, o croata, e outras innumeras variedades da enorme confederação de anarchias que se estendem do Nilo ao Danubio, e do Euphrates ao Adriatico. Quem procura o bello e quem procura o horrendo acha aqui igualmente excedidos os seus mais audaciosos desejos: Raphael ficaria extatico, e Rembrandt esconderia as mãos nos cabellos. A mais pura belleza da Grecia e das raças caucasicas aqui se mescla com os narizes esborrachados, e as cabeças achatadas; passam ao lado umas das outras physionomias de rainhas e caras de furias; rostos pintados e rostos desfigurados por doenças e feridas, patas colossaes e pésinhos circassianos do tamanho da mão, mariolas agigantados, enormes obesidades de turcos e pretos esticados como uns esqueletos, larvas de homens que mettem compaixão e horror; todos os aspectos mais estranhos com que se possam apre-

sentar no mundo a vida ascetica, o abuso da voluptuosidade, as fadigas extremas, a opulencia que impera e a miseria que morre. E todavia a variedade dos trajos é sem comparação mais maravilhosa que a variedade das pessoas. Quem tiver o sentimento das côres aqui endoidece. Não ha duas pessoas que se vistam igualmente. São chales enrodilhados em volta da cabeça, faxas de selvagens, camizas e saias listradas e enxadrezadas como o fato do arlequim, cintos erriçados com facalhões que vão da cintura ao sovaco do braço, calções á musulmana, calções até meia perna, saiotes, to-

Em Galata;—moços de fretes em descanço.

gas, lençoes que arrastam, vestidos enfeitados com arminho, coletes que parecem umas couraças de oiro, mangas de sacco e mangas estreitissimas, vestidos monacaes, e vestidos impudicos, homens vestidos de mulher, mulheres que parecem homens, camponios que parecem principes, uma elegancia falsa; uma doidice de côres; uma profusão de franjas, de galas, de farrapos, de coisas que esvoaçam, de enfeites theatraes e pueris, que dão a imagem de um baile n'uma immensa casa de doidos onde despejassem as suas caixas todos os bufarinheiros do universo. Por cima do murmurio surdo que sae d'esta multidão sentem-se os gritos agudos dos rapazes gre-

gos, carregados com jornaes escriptos em todas as linguas; os gritos formidaveis dos moços de fretes, os risos sonoros das mulheres turcas, as vozes infantis dos eunuchos, os trillos em falsete dos cegos que cantam versiculos do Koran, o rumor profundo da ponte que ondeia, os assobios e os toques de sineta de cem vapores, cujo fumo denso o vento de quando em quando abate sobre a multidão, de fórma que durante alguns minutos nada mais se vê. Esta mascarada de povos embarca nos vaporsinhos que partem a cada momento para Scutari, para as aldeias do Bosphoro, e para os ar-



Moços de fretes em Galata.

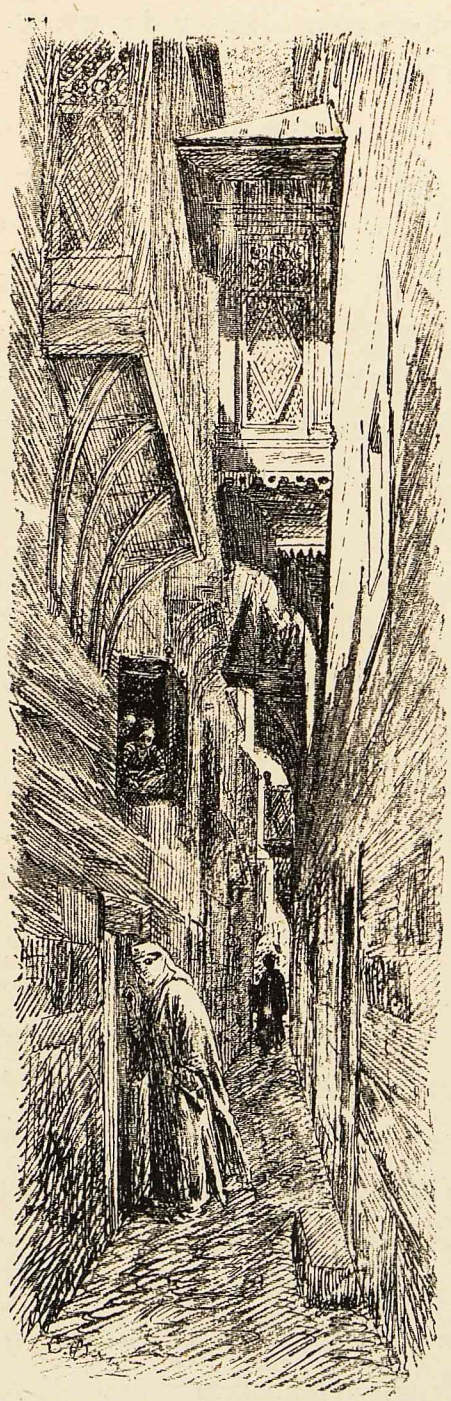
rabaldes do Corno Aureo; expande-se por Stambul nos bazares, nas mesquitas, nos burgos de Phanar e de Balata, até aos bairros mais longinquos do mar de Marmara; irrompe, pela margem franca, á direita para os palacios do Sultão, á esquerda para os altos bairros de Pera, d'onde recae depois sobre a ponte pelas innumeras viellas que serpeiam ao longo das encostas das collinas; e assim enlaça a Asia e a Europa, dez cidades e cem arrabaldes, n'uma rêde de negocios, de intrigas e de mysterios, diante dos quaes a imaginação pára aterrada. Parece que este espectaculo deve inspirar alegria. E não é assim. Passado o primeiro assombro, esbatem-se as

côres festivas: não é já uma grande procissão cavalheiresca que passa diante de nós; é a humanidade inteira que desfila com todas as suas miserias e com todas as suas loucuras, com a infinita discordia das suas crenças e das suas leis; é uma peregrinação de povos decahidos e de raças envilecidas; uma immensidade de infortunios a soccorrer, de opprobrios a lavar, de grilhões a partir; uma accumulação de tremendos problemas escriptos com caracteres de sangue e que se não resolverão senão com torrentes de sangue; e esta immensa desordem entristece. Depois o sentido da curiosidade embota-se mais do que se satisfaz com esta infinita variedade de coisas estranhas. Que mysteriosas evoluções succedem na alma humana! Ainda se não passára um quarto de hora depois da minha chegada, e já eu estava encostado ao parapeito, rabiscando distrahidamente com o lapis um pedaço de trave, e dizendo commigo, entre dois bocejos, que tem uma certa verdade aquella famosa sentença da Stael: que viajar é o mais triste dos prazeres.

STAMBUL

Quem quizer dissipar este verdadeiro atordoamento só tem que enfiar por uma das mil viellas que serpeiam pelas encostas das collinas de Stambul. Aqui reina uma paz profunda e póde contemplar-se tranquillamente em todos os seus aspectos aquelle Oriente mysterioso e zeloso, que na outra margem do Corno Aureo se não vê senão em fugitivos relanços no meio da confusão rumorosa da vida europea. Aqui tudo é puramente oriental. Depois de um quarto de hora já se não vê ninguem e já se não ouve o minimo rumor. Por todos os lados são tudo casinhas de madeira, pintadas com mil côres, em que o primeiro andar faz saliencia sobre o rez do chão, e o segundo sobre o primeiro; e as janellas têem diante de si uma especie de tribunas envidraçadas, e fechadas com grades de madeira de pequenissimas aberturas, que parecem outras tantas casitas adherentes ás casas principaes e dão ás ruas um aspecto singularissimo de tristeza e de mysterio. Em alguns sitios são as ruas tão estreitas, que as partes salientes das casas fronteiras umas ás outras quasi se tocam, e assim se caminha longos espaços á sombra d'aquellas gaiolas humanas, mesmo por baixo dos pés das mulheres turcas que ali passam uma grande parte do dia, vendo apenas uma faxa tenuissima do céu. Estão todas as portas fechadas; gradeadas as janellas do rez do chão; tudo respira desconfiança e ciume; parece que se atravessa uma cidade de mosteiros. De quando em quando ouve-se uma gargalhada, e, levantando-se a cabeça, vê-se por uma abertasita um laço de cabello ou uma pupilla scintillante que desapparece. N'alguns pontos surprehende-se uma conversação vivissima em voz muito baixa de um

lado para o outro da rua; mas pára de subito com o rumor dos passos. Assim, passando, perturbamos quem sabe lá que rede de intrigas e de mexeriquices; não vêmos ninguem; estamos sós e sentimo-nos como que no meio de uma multidão; querendo passar despercebidos, aligeiraes o passo, caminhaes com compostura, medis bem o olhar, uma porta que se abre ou uma janella que se fecha sobresalta-vos bruscamente como um grande estrondo. Suppõe-se que estas ruas devem parecer sombrias. É o contrario. Uma moita verde do fundo da qual sae um minarete branco; um turco vestido de vermelho que vem direito a nós; um tapete persa pendurado de uma janella, uma criada negra parada diante de uma porta bastam para formar um quadrito tão cheio de vida e de harmonia que estarieis uma hora a contemplal-o. Da pouca gente que passa ao nosso lado, ninguem olha para nós. Só ás vezes ouvimos gritar por traz de nós: *Giaur!* infiel, e voltando-nos vêmos desapparecer por traz de um humbral a cabeça de um rapaz. Outras vezes abre-se a portinha de uma d'essas casitas: estacais, esperando a apparição de uma formosura do harem, e em vez d'isso sae uma senhora europea, de chapéu e de vestido da ultima moda que murmura um *adieu* ou um *au revoir* e se affasta rapidamente deixando-vos de bôcca aberta. N'outra rua, toda turca e toda silenciosa, ouvis de repente o clangor de uma trombeta e um tropear de cavallos; voltais-vos e o que vêdes? Quasi que não acreditais nos vossos olhos. É um grande carro americano, que deslisa em dois carris em que não tinheis reparado, cheio de turcos e de brancos, com o seu conductor de uniforme e com os seus cartazes das tarifas como um *tramway* de Vienna ou de Pariz. O espanto que produz esta apparição n'uma d'essas ruas não se póde exprimir com palavras; parece-vos uma caçoáda ou um engano, dá-vos vontade de rir, e olhais estupefacto para aquelle vehiculo como se nunca o tivesseis visto. Depois de passar o omnibus, parece que passou a imagem viva da Europa, e tornais-vos a encontrar na Asia como n'uma mutação á vista de um theatro. D'estas ruas solitarias sahis para uns largos abertos, quasi inteiramente assombreados por um platano gigante. De um lado está uma fonte



Uma rua de Stambul.

onde bebem camellos; do outro lado um café com uma fila de colxões estendidos diante da porta, e algum turco estiraçado a fumar; e ao lado da porta uma grande figueira abraçada por uma vide, cujos pampanos pendem até ao chão deixando vêr entre folha e folha o azul distante do mar de Marmara e alguma velasinha branca. Uma luz branquissima e um silencio mortal dão a todos estes logares um caracter tanto entre solemne e melancholico que os torna inolvidaveis, ainda que se vissem uma vez só na vida. Segue-se para diante, para diante, como que attrahido por aquelles placidos arcanos, que a pouco e pouco entram pela nossa alma como uma somnolencia, e depois de breve tempo perde-se todo o sentimento da distancia e da hora. Encontram-se vastos espaços com os vestigios de um incendio recente; encostas onde não ha senão poucas casas disseminadas entre as quaes cresce a herva e serpeiam caminhos de cabras; pontos elevados d'onde se abraçam com o olhar viellas, ruas, jardins, centenares de casas, e não se vê por parte alguma nem uma creatura humana, nem uma nuvem de fumo, nem uma porta aberta, nem o mais leve indicio de habitação e de vida; tanto que se podia imaginar que estavamos sós n'uma

Um largo de Stambul.

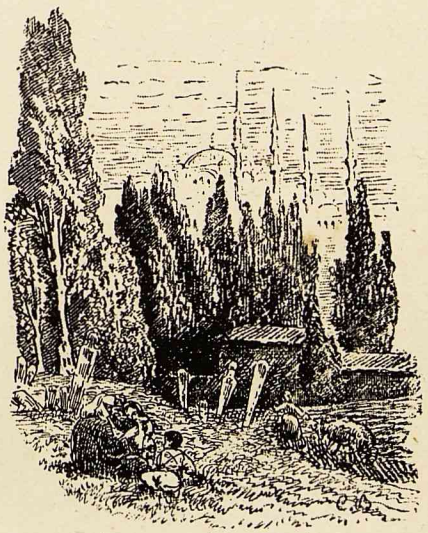
immensa cidade, e, pensando n'isso um momento, quasi que nos sentimos accommetidos de pavor. Mas descei a encosta, chegais ao fundo de uma d'aquellas ruasinhas; tudo se transforma. Estais n'uma das grandes vias de Stambul, ladeada por monumentos, onde já não bastam os olhos para a admiração. Caminhais no meio de mesquitas, de kiosques, de minaretes, de galerias com arcadas, de fontes de marmore e lapis-lazuli; de mausoléus de Sultões esplendentes de arabescos e de inscripções em letras de oiro, com os muros cobertos de mosaicos, debaixo de tectos de cedro tauxiado, á sombra de uma vegetação pomposa que passa por cima dos muros de cintura e das cancellas doiradas dos jardins, e enche a rua de perfumes. Por estas ruas se encontram a cada passo carruagens de pachás, officiaes, empregados, ajudantes de campo, eunuchos de casas ricas, uma procissão de servos e de parasitas, que vão e vem entre os ministerios. Aqui se reconhece a metropole do grande imperio, e se admira em toda a sua magnificencia. Ha por toda a parte uma brancura, uma graça architectonica, um murmurio de aguas, uma frescura de sombras, que acaricia os sentidos como uma musica *pianissima,* e enche a mente de risonhas imagens. Por estas ruas se vae ter ás grandes praças onde se erguem as mesquitas imperiaes, e diante d'essas moles fica-se assombrado. Cada uma d'ellas fórma como que um nucleo de uma pequena cidade de collegios, de hospitaes, de escolas, de bibliothecas, de banhos, em que se não repara quasi, esmagados como estão pela cupula enorme que engrinaldam. A architectura, que se imaginava simplicissima, apresenta pelo contrario mil particularidades, que attrahem para mil pontos a vista. São cupulasinhas revestidas de chumbo, tectos de fórmas extravagantes que se erguem uns sobre os outros, galerias aereas, grandes porticos, janellas de columnelos, arcos com festões, minaretes com canelluras, cingidos por pequenos terraços arrendados, com capiteis de estalactites; portas e fontes monumentaes que parecem vestidas de renda, muros mosqueados de oiro e de mil côres; tudo bordado, cinzelado, ligeiro, audacioso, assombreado por cyprestes, carvalhos e salgueiros, d'onde sahem nuvens de passaros que vagueiam em lentos giros em tôrno

das cupulas e enchem de harmonia todos os recessos do immenso edificio. Aqui principia a experimentar-se uma coisa que é mais profunda e mais forte do que o sentimento da belleza. Aquelles monumentos que são como que uma colossal affirmação marmorea de uma ordem de idéas e de sentimentos diversa d'aquella em que nascemos e crescemos, que são quasi que a ossada de uma raça e de uma fé hostil, que nos contam com uma linguagem muda de linhas soberbas e de alturas temerarias as glorias de um Deus que não é o nosso e de um povo que fez tremer os nossos pais, incutem um respeito que é um mixto de desconfiança e de terror, que logo vence a curiosidade e nos arrasta para muito longe. Vêem-se, dentro dos pateos umbrosos, turcos que fazem as abluções nas fontes, mendigos agachados aos pés das pilastras, mulheres veladas que passeiam lentamente debaixo das arcarias, tudo placido e como que assombreado por umas tintas de tristeza e de voluptuosidade, que não se percebe d'onde vem, e em que a mente se descura e trabalha como se estivesse lidando com um enigma. Como estão longe Galata e Pera! Sentimo-nos sósinhos n'outro mundo e n'outro tempo — na Stambul de Solimão o Grande e de Bajazet segundo, e experimentamos um vivo sentimento de assombro quando, sahindo d'aquella praça e perdendo de vista aquelle desmesurado monumento do poder dos Osmanlis, nos encontramos no meio da Constantinopla de madeira, mesquinha, decadente, cheia de immundicie e de miseria. Á medida que vamos seguindo para diante, descóram as casas, desfazem-se as latadas, cobrem-se de musgo as conchas das fontes, encontram-se mesquitas anãs com os muros gretados e os minaretes de madeira, cercados de ortigas; mausoleus em ruina, escadas partidas, passagens cobertas cheias de pedregulhos, bairros decrepitos de uma tristeza infinita, onde se não ouve senão o ruge-ruge das azas dos milhafres e das cegonhas, ou a voz guttural de um *muezzin* solitario, que arroja n'um grito a palavra de Deus do alto de minarete escondido. Nenhuma cidade representa melhor do que Stambul a natureza e a philosophia do seu povo. Tudo o que ali ha de grande e bello é de Deus ou do Sultão, imagem de Deus na terra; tudo o mais é

passageiro e tem o cunho de uma profunda despreoccupação das coisas mundanas. Tornou-se nação a tribu dos pastores, mas o seu amor instinctivo da natureza campestre, da contemplação e do ocio conservou á metropole o aspecto do acampamento. Stambul não é uma cidade, não trabalha, não pensa, não cria; a civilisação arromba-lhe as portas e assalta-lhe as ruas; ella dormita e scisma á sombra das mesquitas, e deixa arrombar e assaltar. É uma cidade desconnexa, dispersa, disforme, que representa antes o descanço de uma raça peregrina do que o poder de um Estado immovel; um immenso esboço de metropole; um grande espectaculo antes do que uma grande cidade. E não se póde formar de Stambul uma justa imagem se se não percorrer toda. É necessario partir da primeira collina, que fórma o vertice do triangulo, e que é banhada pelo mar de Marmara. Aqui póde-se dizer que é a cabeça de Stambul; um bairro monumental, cheio de memorias, de magestade e de luz. Aqui o antigo Serralho, onde primeiro surgio Byzancio com a sua acropole e o seu templo de Jove, e depois o palacio da imperatriz Placidia e as thermas de Arcadio; aqui a mesquita de Santa Sophia e a mesquita de Ahmed, e o At-Meidan que occupa o espaço do Hippodromo antigo, onde no meio de um Olympo de bronze e de marmore, entre a grita de uma multidão vestida de seda e de purpura, voavam as quadrigas de oiro em presença dos imperadores fulgurantes de perolas. D'esta collina se desce para um valle pouco profundo, por onde se estendem os muros occidentaes do Serralho, que designam o limite da antiga Byzancio, e se ergue a Sublime Porta pela qual

Nos campos.

se entra no palacio do Grão Vizir e no ministerio dos negocios estrangeiros; bairro austero e silencioso em que parece que se recolheu toda a tristeza dos destinos do imperio. D'este valle sobe-se para a segunda collina, onde surge a mesquita marmorea de Nuri-Osmanié, luz de Osman, e a columna queimada de Constantino, que sustentava um Apollo de bronze cuja cabeça era o retrato do grande imperador, e estava no meio do antigo fôro, cercada, de porticos, de arcos de triumpho e de estatuas. Para além d'essa collina abre-se o valle do bazar, que vae da mesquita de Bajazet até ao da sultana Validé, e abraça um labyrintho immenso de ruas, cheias de gente e de rumor d'onde se sahe com a vista ennevoada e os ouvidos atordoados. Na terceira collina, que domina a um tempo o mar de Marmara e o Corno Aureo, ostenta as suas proporções gigantes a mesquita de Solimão, rival de Santa Sophia, *alegria e esplendor de Stambul,* como dizem os poetas turcos, e a torre maravilhosa do Ministerio da guerra que se ergue sobre as ruinas dos antigos palacios dos Constantinos, habitados durante algum tempo por Mahomet o conquistador, depois convertidos em Serralho das sultanas velhas. Entre a terceira e a quarta altura estende-se como uma ponte aeria o enorme aqueducto do imperador Valente, formado por duas ordens de arcos ligeirissimos, vestidos de verdura, que pende em grinaldas sobre o valle povoado de casas. Passa-se por debaixo do aqueducto, sobe-se á quarta collina. Aqui sobre as ruinas da igreja famosa dos Santos Apostolos, fundada pela imperatriz Helena e refabricada por Theodora, eleva-se a mesquita de Mahomet II, cercada por escolas, hospitaes, e albergarias de caravanas; ao lado da mesquita, o bazar dos escravos, os banhos de Mahomet e a columna granitica de Marciano, que ainda tem o seu cippo de marmore ornado com as aguias



Nos campos.

imperiaes; e proximo da columna o sitio onde ficava a praça do At-Meidan em que se consummou a famosa matança dos Janizaros. Atravessa-se outro valle, coberto por outra cidade, e sobe-se á quinta collina onde se ergue a mesquita de Selim, junto da antiga cisterna de S. Pedro, convertida em jardim. Lá em baixo, ao longo do Corno Aureo, estende-se o Phanar, bairro grego, séde do patriarcha, onde se refugiou a antiga Byzancio, com os descendentes dos Paleologos e dos Comnenos e onde se fizeram as horrendas carnificinas de 1821. Desce-se a um quinto valle, sobe-se á sexta collina. Aqui já se está no terreno que occupavam as oito cohortes dos quarenta mil Godos de Constantino, fóra da cerca dos primeiros muros, que não abraçavam senão a quarta collina; e exactamente no espaço occupado pela setima cohorte, que deixou ao sitio o nome de Hebdomon. Na sexta collina permanecem os muros do palacio de Constantino Porphyrogeneta, onde se coroavam os imperadores, chamado agora pelos turcos Tekir-Serai, palacio dos principes. Aos pés da collina, Balata, o *ghetto* de Constantinopla, o bairro judaico, bairro immundo que se estende pela margem do Corno Aureo até aos muros da cidade, e pára aquem de Balata, o antigo arrabalde das Blachernas, outr'ora ornado por palacios de tectos doirados, famoso pela grande igreja da imperatriz Pulcheria e pelo sanctuario das reliquias; agora cheio de ruinas e de tristezas. Nas Blachernas começam os muros ameiados que do Corno Aureo correm até ao mar de Marmara, abraçando a septima collina onde estava o fôro boario, e onde está ainda hoje o pedestal da columna de Arcadio; a collina maior e mais oriental de Stambul, entre a qual e as outras seis deslisa o pequeno rio Lykus, que entra na cidade ao pé da porta de Carisio e vai-se lançar no mar junto do antigo muro de Theodosio. Dos muros das Blachernas vê-se ainda o arrabalde de Ortaksiler, que desce suavemente para a enseada, coroado de jardins; para além de Ortaksiler o arrabalde de Eyub, terra santa dos Osmanlis,com a sua mesquita gentil e o seu vasto cemiterio assombreado por um cyprestal e alvejante de mausoleus e de tumulos; detraz de Eyub, o planalto do antigo campo militar, onde se levantavam nos escudos os novos

imperadores; e para lá do planalto, outras aldeias cujas vivas côres riem vagamente no meio do verde das mattas banhadas pelas ultimas aguas do Corno Aureo. Eis Stambul. É divina.Mas confrange-se o coração ao pensar que esta interminavel aldeia asiatica se estende sobre as ruinas d'aquella segunda Roma, d'aquelle immenso museu de thesouros roubados á Italia, á Grecia, ao Egypto, á Asia Menor, cuja recordação basta para deslumbrar a mente como um sonho divino. Onde estão os grandes porticos que atravessavam a cidade desde o mar até aos muros, as cupulas doiradas, os colossos equestres que se levantavam sobre as pilastras titanicas diante dos amphitheatros e das thermas, as esphinges de bronze assentes nos pedestaes de porphyro, os templos e os palacios que levantavam os frontões de granito no meio de um povo aereo de numes de marmore e de imperadores de prata? Tudo desappareceu ou se transformou. As estatuas equestres de bronze fundiram-se em canhões; os revestimentos de cobre dos obeliscos foram reduzidos a moeda, os sarcophagos dos imperadores transformados em fontes; a igreja de Santa Irene é um arsenal; a cisterna de Constantino uma officina, o pedestal da columna de Arcadio uma loja de ferrador, o Hippodromo um mercado de cavallos, a hera e os pedregulhos cobrem os alicerces dos paços, no solo dos amphi-theatros cresce a herva dos cemiterios, e poucas inscripções calcinadas pelos incendios ou mutiladas pelas cimitarras dos invasores lembram que n'aquellas collinas esteve a metropole maravilhosa do imperio do Oriente. N'esta ruina immanente senta-se Stambul, como uma odalisca n'um sepulchro, esperando a sua hora.

E agora venham os leitores commigo á hospedaria tomar um pouco a respiração.

Uma grande parte do que até aqui tenho descripto, vimol-o eu e o meu amigo no proprio dia da chegada; imagine o leitor como nós teriamos a cabeça quando voltámos á hospedaria ao cahir da noite. Pela rua não trocámos uma palavra e, apenas entrámos no quarto, deixámo-nos cahir no sophá, encarando-nos um ao outro e perguntando ambos ao mesmo tempo:

— Que te parece?

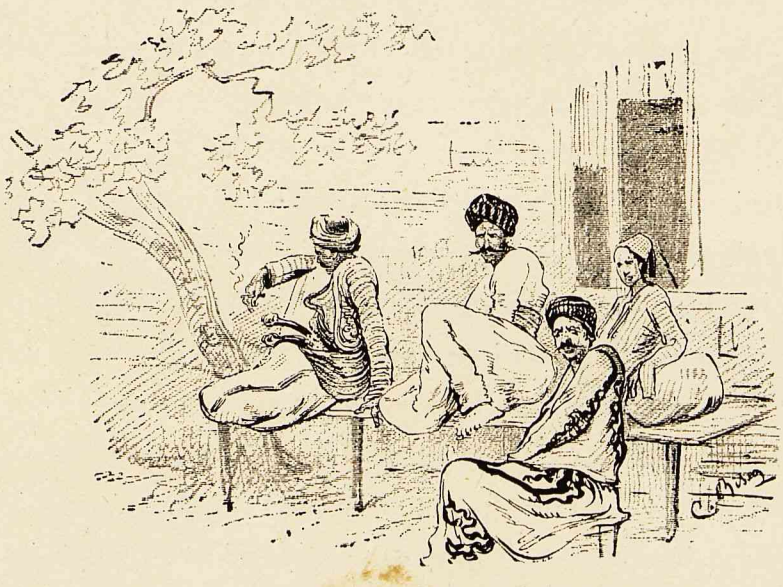
— Que me dizes?

— Quando me lembro que vim para pintar!

— E eu para escrever!

E desatámos a rir um do outro, com fraterna compaixão.

N'aquella noite effectivamente, e ainda varios dias depois, podia sua magestade Abdul-Aziz offerecer-me em premio uma provincia da Asia Menor,



No Corno de Oiro; — diante do café.

que eu não conseguiria escrever a fio duas regras com relação á capital dos seus Estados, tanto é verdade que para descrever as grandes coisas é necessario fazel-o de longe, e para nos recordarmos bem d'ellas tel-as esquecido um pouco. E depois como é que se podia escrever n'um quarto de cuja janella se via o Bosphoro, Scutari e o cume do Olympo! A propria hospedaria era um espectaculo. A toda a hora do dia e da noite, pelas escadas e pelos corredores, ia e vinha gente de todos os paizes. Á meza redonda sentavam-se todos os dias vinte nações. Ao jantar, não se me podia tirar da cabeça que eu era um delegado do governo italiano e que tinha a

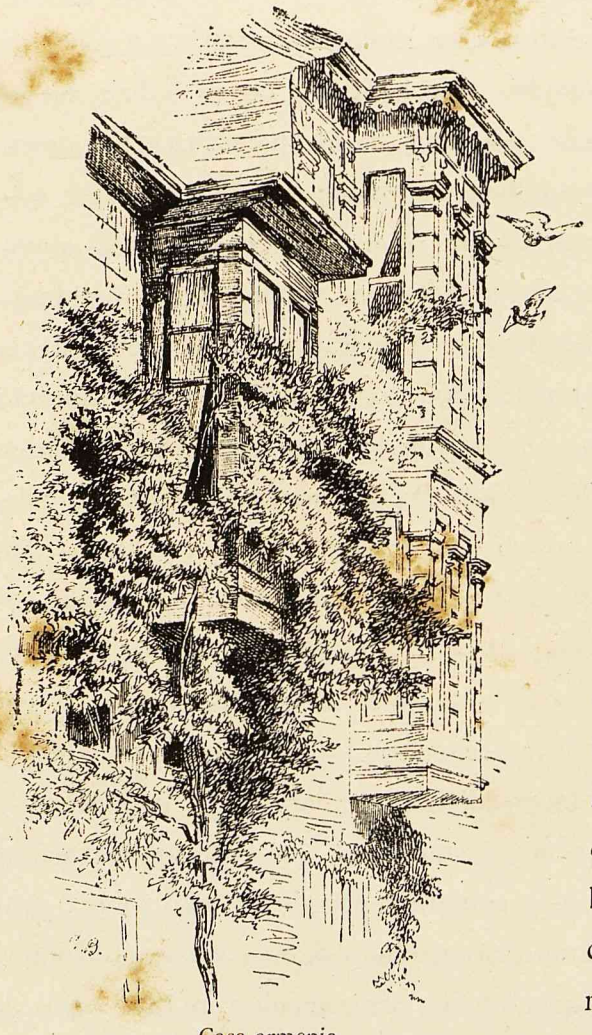
Moaggir.

obrigação de tomar a palavra á sobremeza para tratar de qualquer questão internacional. Eram rostos rosados de ladies, cabeças desgrenhadas de artistas, effigies de aventureiros com que se podia cunhar moeda, cabecinhas de virgens byzantinas a que não faltava senão o nimbo de oiro, caras ex-

travagantes e sinistras; e mudavam todos os dias. Á sobremeza, quando fallavam todos, parecia que se estava na torre de Babel. Conheci logo no primeiro dia varios russos doidos por Constantinopla. Todos os dias ali nos encontravamos de volta dos pontos extremos da cidade, e tinha cada um de nós uma viagem a contar. Este subira ao cimo da torre do Seraskier, aquelle visitára os cemiterios de Eyub, um vinha de Scutari, outro dera um passeio no Bosphoro; a conversação era toda urdida de descripções cheias de côr e de luz; e quando faltavam as palavras, encarregavam-se de as suggerir os vinhos doces e perfumados do Archipelago. Havia tambem alguns dos meus concidadãos, uns parlapatões dinheirosos, que me fizeram damnar dizendo de Constantinopla o que Mafoma não disse do toucinho, e isto desde a sopa até á sobremeza: e que não havia bancos e que os theatros eram escuros e que se não sabia como se havia de passar a noite. Esses tinham vindo para passar a noite! Um d'elles fizera a viagem pelo Danubio. Perguntei-lhe se gostára do grande rio. Respondeu-me que em parte nenhuma do mundo se cozinhava esturjão como nos vapores da real e imperial companhia austriaca. Outro era um typo deliciosissimo de viajante amoroso; um d'aquelles que viajam para seduzir e que trazem a carteira das conquistas. Era alto e loiro, largamente dotado com o oitavo dom do Espirito Santo; quando a palestra cahia nas damas turcas, inclinava a cabeça com um sorriso mysterioso, e não tomava parte na conversação senão com meias palavras cortadas sempre mysteriosamente por um golo de vinho; chegava todos os dias ao jantar mais tarde do que os outros, todo esbofado, com ares de quem a pregára ao Sultão um quarto de hora antes, e entre um e outro prato passava, de algibeira para algibeira, com muita cautella, uns bilhetinhos dobrados, que deviam parecer cartas de odaliscas, e eram segurissimamente contas de hospedaria. Mas que assumptos com que se tropeça n'estas hospedarias de cidades cosmopolitas! È necessario ter-se lá estado para se acreditar. Havia um rapaz hungaro dos seus trinta annos, alto, nervoso, com dois olhos diabolicos, e uma facundia febril, que, depois de ter sido secretario de um rico sujeito em Paris, sentára praça nos

zuavos francezes na Argelia, fôra ferido e aprisionado pelos Arabes, depois escapára-se para Marrocos, voltára para a Europa e correra a Haya afim de pedir o posto de official e de ir combater contra o sultão de Atchin; sacudido da Haya decidira-se a alistar-se no exercito turco; mas, passando por Vienna para vir para Constantinopla, apanhára com uma bala de pistola no pescoço, n'um duello por causa de uma mulher, e mostrava a cicatriz; sacudido tambem em Constantinopla — que hei-de eu fazer? — dizia elle — *je suis enfant de l'aventure;* preciso por força de me bater; já achei quem me leve ás Indias — e mostrava o bilhete da passagem; vou-me fazer soldado inglez; no interior ha sempre guerras mais ou menos; eu não quero senão bater-me; que me importa a morte! Demais a mais tenho um pulmão arruinado. — Outro original magnifico era um francez, cuja vida parecia que não era senão uma lucta perpetua com o correio; tinha uma questão pendente com o correio inglez, com o francez, com o austriaco; remettia artigos de protesto para a *Neue Freie Presse;* arrojava insolencias telegraphicas a todas as estações postaes do continente; tinha todos os dias um dialogo azedo n'algum postigo do Correio, não havia uma carta que elle recebesse a tempo, nem havia carta que elle escrevesse que chegasse ao seu destino, e contava á meza todas as suas desgraças e todas as suas polemicas, acabando sempre por nos assegurar que o Correio lhe abreviaria a existencia. Lembro-me tambem de uma senhora grega, com um rosto pavido, vestida extravagantemente e sempre só, que se levantava sempre da meza no meio do jantar, e se ia embora depois de ter feito sobre o prato um signal cabalistico, cuja significação nenhum de nós conseguio comprehender. Tambem nunca me esqueci de um par valachio: um bello rapaz dos seus vinte e cinco annos e uma rapariguinha verdadeiramente adolescente, que só appareceram uma vez, e que vinham indubitavelmente fugidos: elle raptor, ella cumplice, porque bastava encaral-os um momento para os fazer corar, e, sempre que se abria a porta, saltavam como duas molas. De que outros me recordo? Lembrava-me de um cento, se pensasse um bocadinho. Era uma lanterna magica: divertiamo-nos, o meu amigo e eu, nos

dias da chegada de um vapor, a vêr entrar gente pela porta da rua: todos cançados, atordoados, algum ainda impressionado pelo espectaculo da primeira entrada, caras que diziam: — Que mundo é este? Aonde viemos nós parar? — Um dia entrou um rapazito, que acabava de chegar, e que parecia doido de contentamento por se achar finalmente em Constantinopla, sonho da sua infancia, e apertava com ambas as mãos a mão de seu pae, e seu pae dizia-lhe commovido: — *Je suis heureux, mon cher enfant, de te voir heureux.* Depois passavamos as horas do calor á janella a olhar para a Torre da menina, que se ergue, branca como a neve, n'um escolho solitario do Bosphoro, em frente de Scutari, e, emquanto phantasiavamos variações sobre a lenda do principe da Persia que vai chupar o veneno do braço da bella Sultana, mordida pelo aspide, de uma janella da casa em frente, todos os dias á mesma hora, deitava-nos a lingua de fóra um rapazito de cinco annos. Tudo era curioso n'aquella hospedaria. Entre outras coisas, diante da porta, encontravamos todas as noites um ou dois sujeitos de rosto equivoco, que deviam ser fornecedores de modelos para pintores, porque perguntavam em voz baixa: Uma turca? uma armenia? uma judia? uma negra?



Casa armenia.

Mas voltemos a Constantinopla, e espanejemo-nos como os passarinhos no céu. Aqui todos os caprichos se podem realisar. Póde-se accender um charuto na Europa e deitar a cinza fóra na Azia. Pela manhã ao levantarmo-nos, podemos perguntar a nó smesmos: Que parte do mundo irei hoje vêr? Tem-se á escolha dois continentes e dois mares. Temos á nossa disposição cavallos aparelhados em todos os largos, barcos á vela em todas as enseadas, vapores n'um cento de escalas: o cahique que voga, a talika que vôa, e um exercito de *ciceroni* que fallam todas as linguas da Europa! Quereis ouvir a comedia italiana? vêr bailar os derviches? assistir ás palhaçadas de Caragheuz, o polichinello turco? ouvir as conçonetas licenciosas dos theatrinhos de Paris? assistir ás representações gymnasticas dos ciganos? escutar uma lenda arabe contada por um rhapsoda? ir ao theatro grego? ouvir prégar um iman? vêr passar o Sultão? É perguntar e pedir. Todas as nações estão ao vosso serviço: o armenio para vos fazer a barba, o judeu para vos engraxar os sapatos, o turco para vos levar de barco, o negro para vos esfregar no banho, o grego para vos deitar o café, e todos elles para vos embaçar. Para tomardes um refresco, quando andais a passeio, encontrais sorvetes feitos com a neve do Olympo; se sois ama-

Em Galata; — grego vendedor de flores.

dores de fina agua, podeis beber agua do Nilo como o Sultão; se sois fraco do estomago, agua do Euphrates; se sois nervoso, agua do Danubio. Podeis jantar como o arabe no deserto, ou como o gastronomo na *Maison dorée*. Para passar a sesta, tendes os cemiterios; para vos atordoardes, a ponte da Sultana Validé; para scismar, o Bosphoro; para passar o domingo, o archipelago dos Principes; para vêr a Asia Menor, o monte de Bulgurlú; para vêr o Corno Aureo, a torre de Galata; para vêr tudo, a torre do Seraskier. Mas é uma cidade ainda mais estranha do que bella. As coisas, que nunca se apresentavam juntas á nossa mente, apresentam-se ali juntas ao nosso olhar. De Scutari parte a caravana para Meca, e parte o comboyo directo para Brussa, a antiga metropole; entre os muros mysteriosos do velho Serralho passa o caminho de ferro; os soldados turcos escoltam o padre catholico que leva o Santissimo Sacramento; o povo faz os suas festas nos cemiterios; a vida, a morte, os prazeres, tudo se enlaça e se confunde. Ha o movimento de Londres e a lethargia do ocio oriental, uma immensa vida publica e um impenetravel mysterio na vida particular; um governo absoluto e uma liberdade sem limites. Nos primeiros dias não se atina; parece que de hora para hora ou tem de acabar aquella desordem, ou seguir-se uma revolução: todas as noites, quando se volta para casa, parece que se volta de uma viagem; todas as manhãs pergunta uma pessoa a si propria:— Mas realmente Stambul está aqui ao pé?—Não se sabe onde se ha-de ir bater com a cabeça; uma impressão apaga outra, os desejos atropellam-se, o tempo foge; deseja-se ficar ali toda a vida, e quer-se partir no dia seguinte. E quando depois se têm de descrever este cahos? Ha momentos em que se tem a tentação de juntar n'um mólho todos os livros e todos os papeis que estão em cima da meza, e de deitar tudo da janella abaixo.

NO CORNO AUREO

O meu amigo e eu não tomámos uma resolução senão no quarto dia depois da nossa chegada. Estavamos na ponte, muito cedo, ainda incertos sobre o que fariamos n'esse dia, quando Yunk me propoz dar um primeiro grande passeio, sem meta determinada, com animo tranquillo, para observar e estudar. — Percorramos — disse-me — toda a margem septemtrional do Corno Aureo, ainda que seja á custa de caminharmos até á noite. Lanchemos n'uma taverna turca, dormamos a sesta á sombra de um platano e voltemos n'um cahique. — Acceitei a proposta; fornecemo-nos de charutos e de comestiveis, e, depois de deitarmos uma vista de olhos ao mappa da cidade, dirigimo-nos para Galata.

O leitor, que quizer conhecer bem Constantinopla, faça o sacrificio de nos acompanhar.

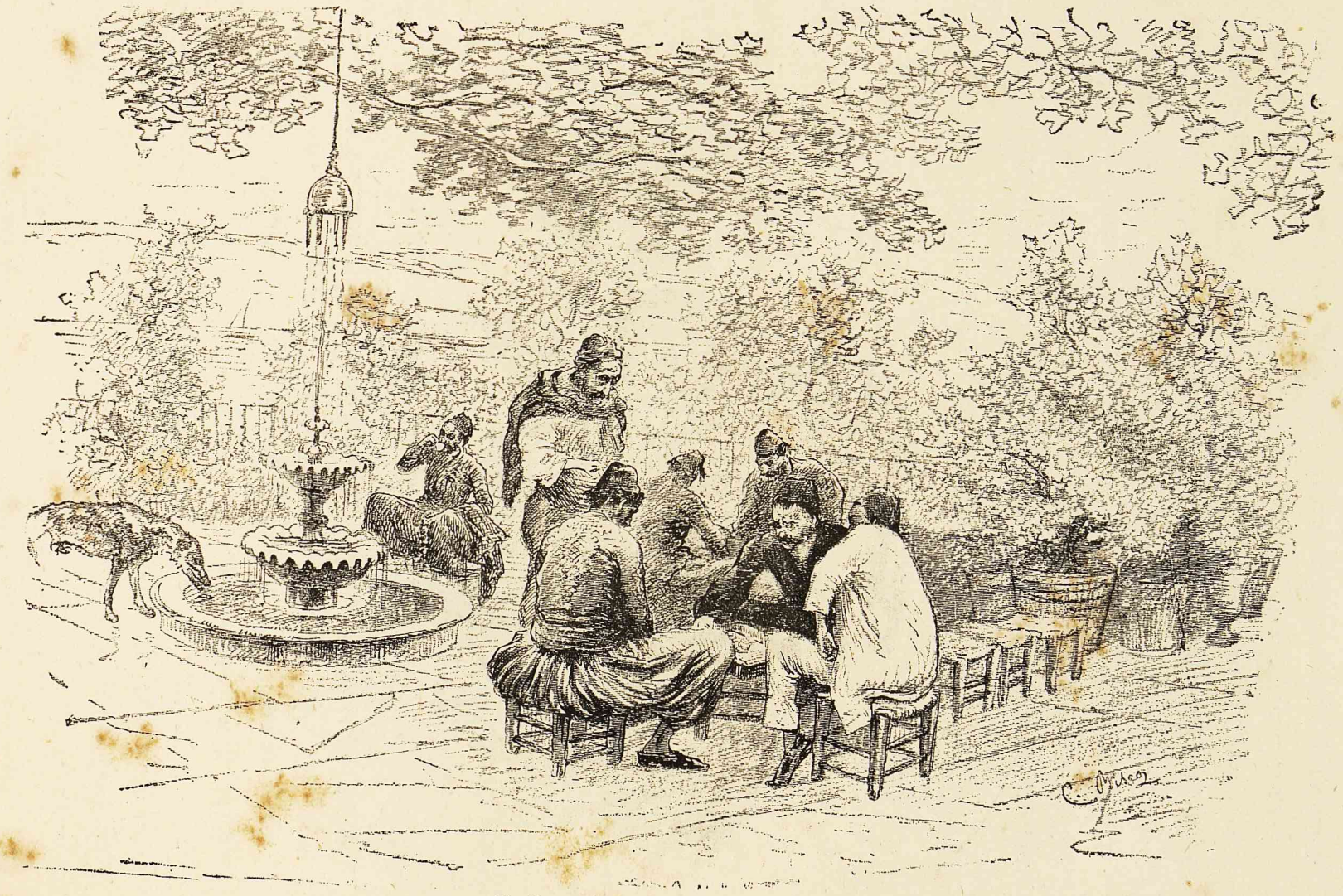
Chegamos a Galata. Aqui deve principiar a nossa excursão. Galata está situada n'uma collina que fórma promontorio entre o Corno Aureo e o Bosphoro, onde era o grande cemiterio dos Byzantinos antigos. É a *city* de Constantinopla. São tudo ruas estreitas e tortuosas, lojas de barbeiros e açougues, cafés gregos e armenios, escriptorios de negociantes, officinas, barracas; tudo fosco, humido, lamacento e viscoso como nos bairros infimos de Londres. Cruza-se nas ruas uma turba densa, azafamada, que se abre continuamente para dar passagem aos moços de fretes, ás carruagens, aos burros, aos omnibus. Quasi todo o commercio de Constantinopla passa por este burgo. Aqui a Bolsa, a Alfandega, os escriptorios do Lloyd austriaco, e das *messageries* francezas: igrejas, conventos, hospitaes, armazens.

Une um caminho de ferro subterraneo Galata e Pera. Se não se vissem pelas ruas turbantes e fez, não pareceria que se estava no Oriente. Por todos os lados se ouve fallar francez, italiano e genovez. Aqui os Genovezes estão como que em sua casa, e ainda se dão um pouco uns certos ares de patrões, como no tempo em que fechavam o porto a seu bel-prazer e respondiam com o canhão ás ameaças dos imperadores. Mas do seu poder já não restam outros monumentos que não sejam algumas casas velhas sustentadas por grossas pilastras e por arcadas pesadas, e o antigo edificio onde residia o Podestá. A Galata antiga quasi que desappareceu de todo. Milhares de casebres se arrazaram para darem logar a duas longas ruas, uma das quaes sobe a collina para Pera, e a outra corre parallela á beira-mar, de uma a outra extremidade de Galata. Por esta avançamos eu e o meu amigo, refugiando-nos a cada momento nas lojas para deixarmos passar grandes omnibus, precedidos por turcos descamizados que varriam as ruas á chibatada. A cada passo nos soava aos ouvidos um grito diverso. O moço de fretes turco berrava: — *Sacun ha* (Ao largo); o saccá armenio, aguadeiro: — *Varme su!* — o aguadeiro grego: — *Crio nero!* — o arrieiro turco: — *Burada!* — o vendedor de bolos: — *Scerbet!* — o vendedor de jornaes: — *Neologos!* — o carroceiro franco: — *Guarda! Guarda!* Depois de dez minutos de caminho estavamos surdos. N'um certo ponto reparámos com espanto que a rua já não estava calçada, e parecia que o calcetamento estava tirado de fresco. Parámos a olhar, procurando adivinhar a causa. Um logista italiano nos matou a curiosidade. Aquella rua vae ter aos palacios do Sultão. Poucos mezes antes, passando por ali o cortejo imperial, o cavallo de sua magestade Abdul-Aziz tropeçara e cahira, e o bom do Sultão, irritado, ordenára que se tirasse immediatamente o calcetamento desde o sitio da queda até ao palacio. N'este ponto memoravel fixámos o termo oriental da nossa peregrinação, e, voltando as costas ao Bosphoro, dirigimo-nos por uma serie de viellas tetricas e sujas para a torre de Galata. A cidade de Galata tem a fórma de um leque aberto, e a torre, posta no cume da collina, representa o cabo do leque. É uma torre redonda, altissima, que

termina n'uma ponta conica, formada por um tecto de cobre, por baixo do qual corre um cinto de largas janellas envidraçadas, uma especie de terraço coberto e transparente, onde de dia e de noite vigia uma guarda para dar signal do primeiro indicio de incendio que appareça na grande cidade. Até esta torre chegava a Galata dos Genovezes, e a torre ergue-se exactamente na linha dos muros que separavam Galata de Pera, muros de que já não restam vestigios. E comtudo a torre já não é a antiga torre de Christo,

Em Galata; — vendedores armenios e turcos.

erigida em honra dos Genovezes que tinham morrido combatendo, porque a reconstruio o sultão Mahmud II, e já antes d'isso fôra restaurada por Selim III; mas continua a ser um monumento coroado pela gloria de Genova, e um Italiano não o póde contemplar sem pensar com sentimento de orgulho n'aquelle punhado de mercadores, de marinheiros e de soldados, soberbamente audaciosos e heroicamente empavezados, que ali conservaram arvorada durante seculos a bandeira da republica mãe, tratando de igual a igual com os imperadores do Oriente. Apenas ultrapassámos a torre, achámo-nos n'um cemiterio musulmano.



No Corno Aureo; — exterior de café turco.

Era o que se chama o cemiterio de Galata: um grande cyprestal que do alto da collina de Pera desce rapidamente até ao Corno Aureo, ensombrando uma myriade de columnelos de pedra ou de marmore inclinados em todas as direcções, e espalhados em desordem pela collina abaixo. Alguns d'esses culumnelos terminam em fórma de turbante redondo, e conservam vestigios de côres e de inscripções; outros terminam em ponta; muitos tombados; alguns truncados com o turbante cortado cerceo, e suppõe-se que são os dos janizaros que o sultão Mahmut quiz decapitar até depois de mortos. A maior parte das covas são indicadas por um resalto de terra em fórma de prisma, e por duas pedras erectas nas duas extremidades, nas quaes, segundo a superstição musulmana, se devem sentar os dois anjos Nekir e Munkir para julgarem a alma do defunto. Aqui e acolá vêem-se uns pequenos terraplenos circumdados por um murosito ou por uma grade no meio dos quaes se ergue um columnelo que tem em cima um grosso turbante e em tôrno outros columnelos mais pequenos; é um pachá ou um grão-senhor sepultado no meio das suas mulheres e dos seus filhos. Serpeiam e cruzam-se de uma a outra extremidade do bosque pequenas veredas; fuma algum turco o seu cachimbo sentado á sombra; correm e saltam por meio dos sepulchros alguns rapazes; pasta alguma vacca; arrulham centenares de rolas na ramaria dos cyprestes; passam grupos de mulheres veladas; e entre cypreste e cypreste, scintilla lá em baixo, ao fundo, o azul do Corno Aureo sulcado de branco pelos minaretes de Stambul.

Sahimos do cemiterio, tornamos a passar pelo sopé da torre de Galata e enfiamos pela rua principal de Pera. Pera fica a uma altura de cem metros acima do nivel do mar; é encantadora e alegre, e olha para o Corno Aureo e para o Bosphoro. É a West-End da colonia européa, a cidade da elegancia e dos prazeres. A rua que percorremos está flanqueada por hospedarias inglezas e francezas, por cafés senhoris, por lojas esplendentes, por consulados, por clubs, por palacios de embaixadores, entre os quaes se ergue como um gigante o palacio de pedra da embaixada russa que domina

como uma fortaleza Pera, Galata e o arrabalde de Funduclú, collocado na margem do Bosphoro. Aqui zumbe uma turba completamente diversa da de Galata. São quasi tudo chapéus altos de homens, e chapelinhos emplumados e enflorados de senhoras. São janotinhas gregos, italianos e francezes, negociantes de alto bordo, empregados das legações, officiaes de navios estrangeiros, carruagens de embaixadores, e figurinhas equivocas de todas as nações. Os turcos param a admirar as cabeças de cera das lojas dos barbeiros, as turcas pespegam-se de bôcca aberta diante das vitrines das modistas; o europeu falla em voz alta, ri ás gargalhadas e moteja no meio da rua; o musulmano sente-se em casa alheia, e passa de cabeça menos levantada que em Stambul. De repente o meu amigo fez-me voltar para traz para eu olhar para Stambul; d'aquelle ponto effectivamente via-se, ao longe e por traz de um véu azulado, a collina do Serralho, Santa Sophia e os minaretes do Sultão Ahmed; um mundo differente d'aquelle em que estavamos; e depois disse-me: — Olha agora para aqui. — Abaixei os olhos e li n'uma vitrine; *La dame aux camélias, Madame Bovary, Mademoiselle Giraud, ma femme.* E esse contraste fez-me tambem uma impressão vivissima, e ali estivemos um bom pedaço a reflectir no caso. Outra vez fui eu que fiz parar o meu companheiro, e foi para lhe mostrar um botequim maravilhoso: um longo e largo corredor, escuro, ao fundo do qual, por uma grande janella escancarada, se via, a uma distancia que parecia immensa, Scutári illuminado pelo sol.

Seguimos pela rua principal de Pera e tinhamos chegado quasi ao fim, quando ouvimos uma voz trovejante gritar: — Amo-te, Adéle, amo-te mais do que a vida. Amo-te quanto se póde amar na terra — Encarámo-nos um ao outro estupefactos. D'onde vem aquella voz? Voltamo-nos e vêmos pelas fendas de um taboado um jardim cheio de bancos e um tablado onde estão uns comediantes a ensaiar. A pouca distancia de nós está uma senhora turca a olhar tambem pelas fendas e a rir-se. Um velho turco que passa abana a cabeça em signal de compaixão. De repente a turca solta um grito e foge: outras mulheres que estavam por ali dão um guincho e voltam as

costas. O que aconteceu? É um Turco, um homem dos seus cincoenta annos, conhecido em Constantinopla toda, que passeia pelas ruas no estado a que o famoso monge Turk no reinado de Mahomet IV queria reduzir to-

Em Galata; — moço de bagagens.

dos os musulmanos: nú desde os pés até á cabeça. O desgraçado salta por cima das pedras da calçada gritando e rindo ás gargalhadas, emquanto um bando de garotos o segue fazendo uma algazarra infernal. — É de esperar que o prendam, disse eu para o porteiro do theatro. — Nem por sombras, respondeu-me elle, ha mezes que anda livremente pela cidade. E entretanto

vejo por essa rua de Pera abaixo gente que sahe das lojas, senhoras que se escapam, raparigas que tapam a cara, portas que se fecham, cabeças que se retiram das janellas. E isto acontece todos os dias e ninguem se importa com isso.

Sahindo da rua de Pera, achamo-nos diante de outro cemiterio mu-

Casa turca em Stambul.

sulmano, ensombrado por um bosquesito de cyprestes e todo cingido por um alto muro. Nunca teriamos adivinhado o motivo porque se levantára havia pouco esse muro, e foi necessario que depois nol-o dissessem, e é que o bosque consagrado ao descanço dos mortos tornára-se um ninho de amores soldadescos. Seguindo para diante, encontrámos effectivamente o immenso quartel de artilheria erguido por Scialit-pachá: um solido edificio de fórma rectangular, do estylo mourisco da renascença turca, com uma porta ladeada por columnas ligeiras, e tendo por cima a meia lua e a es-

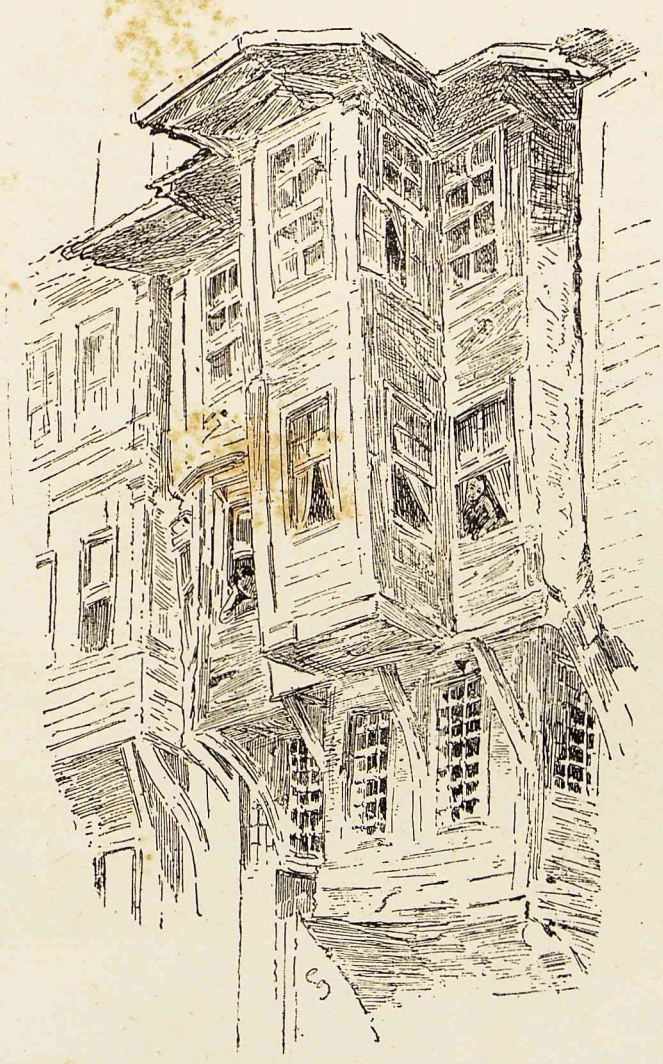
trella de oiro de Mahmud, com galerias salientes, e janellinhas ornadas de brazões e de arabescos. Diante do quartel passa a rua de Dgiedessy que é um prolongamento da de Pera, para o lado de lá da rua estende-se uma vasta praça de armas, e para alem da praça de armas estendem-se outros burgos. Aqui onde nos dias de semana reina habitualmente um profundo silencio passa na tarde de domingo uma torrente de gente e uma procissão de carruagens, toda a sociedade elegante de Pera que vai espalhar-se nos jardins, nas cervejarias e nos cafés d'alem da Caserna. N'um d'esses cafés foi que nós fizemos a nossa primeira paragem; no café da *Bella vista,* ponto de encontro da flor da sociedade perota, e digno verdadeiramente do seu nome; porque do seu vasto jardim, que faz saliencia, com um terraço, no cimo de um alto, se vê por baixo o grande arrabalde musulmano de Funduclú, o Bosphoro coberto de navios, a margem asiatica semeada de jardins e de aldeias, Scutari com as suas brancas mesquitas, uma belleza de verde, de azul e de luz que parece um sonho. Levantamo-nos d'ali com pena, e parece-nos a ambos que somos uns sovinas por pôrmos na bandeja uns miseraveis oito soldos por duas chavenas de café, depois de termos gosado aquella visão do Paraizo terrestre.

Sahindo da *Bella vista* achámo-nos no meio do Grande campo dos mortos onde está sepultada em cemiterios distinctos gente de todos os cultos, com excepção do hebraico. É um bosque denso de cyprestes, de acacias e de sycomoros, em que alvejam milhares de pedras sepulchraes que de longe parecem as ruinas de um immenso edificio. Entre arvore e arvore vê-se o Bosphoro e a margem asiatica. Entre os tumulos serpeiam largas ruas onde passeiam gregos e armenios. N'algumas pedras estão sentados turcos, de pernas cruzadas, a olharem para o Bosphoro. Ha uma sombra, uma frescura, uma paz tão suave, que, ao entrar-se ali experimenta-se uma sensação deliciosa como quando se entra de verão n'uma grande cathedral semi-escura. Paramos no cemiterio armenio. As pedras sepulchraes são todas grandes e planas, cobertas com inscripções no caracter elegante e regular

da lingua armenia, e em quasi todas está esculpida uma imagem que representa o officio ou a profissão do morto. São martellos, serras, pennas, escrinios, collares; o banqueiro é representado por uma balança, o padre por uma mitra, o barbeiro por uma bacia, o cirurgião por uma lanceta. N'uma pedra vemos uma cabeça cortada do tronco, e o tronco a verter borbotões de sangue; era o sepulchro de um assassinado ou de um justiçado. Ao lado d'esse tumulo dormia um armenio, estirado na relva, com a cara para o ar. Entrámos no cemiterio musulmano. Aqui tambem uma infinidade de columnelos em filas e em grupos desordenados; alguns com o capitel pintado e doirado, os das mulheres terminados por um grupo de ornatos em relevo que representam flores; muitos cercados de arbustos e de plantasinhas floridas. Emquanto estavamos observando uma d'essas columnas, dois turcos, que traziam uma creança pela mão, passaram ao nosso lado, andaram ainda uns cincoenta passos; pararam diante de um sepulchro, sentaram-se-lhe em cima, e, aberto um embrulho que traziam debaixo do braço, pozeram-se a comer. Eu fiquei a observal-os. Quando acabaram, o mais velho poz n'uma folha de papel uma coisa — que me pareceu peixe e pão — e com um gesto respeitoso metteu o embrulho n'um buraco ao lado do sepulchro. Depois d'isto accenderam ambos o seu cachimbo, e fumaram tranquillamente; a creança levantou-se e desatou a correr pelo cemiterio. Aquelle peixe e aquelle pão, explicaram-nos depois, eram o quinhão que os turcos deixavam em signal de affecto ao seu parente sepultado provavelmente havia pouco; e aquelle buraco era a abertura que se deixa na terra ao pé da cabeça de todos os musulmanos sepultados, para que possam ouvir os lamentos e os prantos dos seus queridos, e receber alguma gotinha de agua de rosas ou respirar o perfume de alguma flor. Acabada a sua fumaça funebre, os dois piedosos turcos levantaram-se, e, dando outra vez a mão á creança, sumiram-se no meio dos cyprestes.

Sahimos do cemiterio, e achámo-nos n'outro bairro christão, Pancaldi, atravessado por espaçosas ruas, flanqueadas por edificios novos; cercada

por villasinhas, por jardins, por hospitaes e por grandes casernas, o arrabalde de Constantinopla, que fica mais longe do mar; e, visitado esse, voltámos para traz, afim de tornarmos a descer para o Corno Aureo. Mas na



Casa em Constantinopla.

ultima rua do arrabalde, assistimos a um espectaculo novo e solemne, a passagem de um enterro grego. Alinha-se uma multidão silenciosa nos dois lados da rua; vem adiante um grupo de padres gregos, com as togas bordadas; o archimandrita com uma corôa na cabeça e uma longa veste relu-

Cemiterio e Corno Aureo ao fundo.

zente de oiro; jovens ecclesiasticos vestidos de côres vivas; um bando de parentes e de amigos com os seus fatos mais ricos, e no meio d'elles um esquife engrinaldado de flores onde vai estendida uma rapariguinha de quinze annos, vestida de setim e toda resplandecente de joias, com o rosto descoberto — um rostinho branco como a neve, com a bôcca ligeiramente contrahida n'uma expressão de agonia — e duas formosissimas tranças negras desenroladas pelos hombros e pelo seio. Passa o caixão, fecha-se a turba, affasta-se o prestito, e ficamos sós e pensativos n'uma rua deserta.

Descemos da collina de Pancaldi, atravessamos o leito enxuto de uma pequena torrente, subimos outra collina, achamo-nos n'outro arrabalde — São-Dimitri. Aqui a população é quasi toda grega, vêem-se por todos os lados olhos negros e narizes aquilinos e finos; velhos de aspecto patriarchal; moços esbeltos e desenvoltos; rapariguinhas com as tranças pelos hombros; rapazitos com uns rostinhos astutos, que se espojam no meio da rua entre as gallinhas e os porcos, enchendo o ar com gritos argentinos e palavras harmoniosas. Approximamo-nos de um grupo d'esses rapazes que estavam a brincar com as pedras, chilreando todos ao mesmo tempo. Um d'elles, dos seus oito annos, o mais endiabrado de todos que a cada instante atirava ao ar o seu pequenino fez, gritando: — *Zito! Zito!* — (Viva! Viva!) voltou-se de repente para outro garoto sentado diante de uma porta, e gritou em puro italiano: — Atira-me com a pella! — Agarrei-lhe por um braço com um gesto de cigano roubador de creanças e disse-lhe: — Tu és italiano! — Não senhor, respondeu elle, sou de Constantinopla. — E quem te ensinou a fallar italiano? perguntei — É boa! tornou elle — a mamã. — E onde está a mamã? Neste momento approximou-se de mim uma mulher com um pequenino ao collo, toda sorridente, e disse-me que era de Pisa, mulher de um sapateiro de Liorne, que se achava em Constantinopla havia oito annos e que aquelle rapaz era seu filho — Se aquella boa mulher tivesse um bello rosto de matrona, uma corôa torreada na cabeça e um manto nos hombros, não representaria mais vivamente a Italia, para os meus olhos e para o meu coração. — Como se dá aqui? — perguntei-lhe eu;

que me diz de Constantinopla? — Que heide eu dizer? — tornou ella sorrindo ingenuamente — É uma cidade que... para dizer a verdade, parece-me sempre o ultimo dia do carnaval. E aqui, dando largas ao seu palrar toscano, fez-nos saber que *para os musulmanos o seu Jesus era Mahomet,* que um turco póde casar com quatro mulheres, que a lingua turca póde-se gabar de ser esperto quem lhe percebe uma palavra, e outras curiosidades da mesma força; mas que, ditas n'aquella lingua, no meio d'aquelle bairro grego, foram mais apreciadas por nós do que qualquer outra noticia por mais peregrina que fosse, tanto que, antes de nos irmos embora, deixámos uma lembrançasita em dinheiro nas mãos do gaiato, e ao affastar-monos, exclamámos ambos ao mesmo tempo — Ah! como sabe bem, de vez em quando, um bocadinho da Italia!

Atravessámos segunda vez o pequeno valle e achámo-nos n'outro bairro grego, Tataola, onde, começando o estomago a tocar a rebate, aproveitámos a occasião para visitar o interior d'uma d'aquellas innumeraveis tabernas de Constantinopla, que têem um aspecto singularissimo e são todas pelo mesmo feitio. É uma sala enorme, de que se poderia fazer um theatro, que recebe luz apenas pela porta da entrada, e cingida á roda por uma alta galeria de madeira com balaustrada. De um lado está um fogão enorme, onde um bandido em mangas de camisa frege peixe, assa carne no espeto, mexe guisados, e serve-se de todos os meios para encurtar a vida humana; do outro está uma banca onde outra cara ameaçadora distribue vinho branco ou tinto n'uns copos com aza; no meio e na frente umas cadeiras anãs sem costas e umas mezas pouco mais altas que as cadeiras, que lembram as tripeças dos sapateiros. Entrámos um pouco envergonhados, porque estava lá um grupo de gregos e de armenios de baixa esphera, e temiamos que nos mirassem com trocista curiosidade; mas pelo contrario nenhum d'elles se dignou deitar-nos uma vista d'olhos. Os habitantes de Constantinopla são a gente menos curiosa d'este mundo; é pelo menos necessario sermos sultão ou passeiarmos nús pelas ruas como o doido de Pera

para que alguem repare que existimos na terra. Sentámo-nos a um canto e ficámos á espera. Mas ninguem vinha ter comnosco. Percebemos então que nas tabernas de Constantinopla é costume servir-se cada um a si proprio. Fomos primeiro ao fogão, e reclamámos um assado, que ainda hoje não sei que especie de quadrupede era, depois fomos á banca buscar um copo de vinho resinoso de Tenedo, e, depois de levarmos tudo para a nossa mesa que nos chegava aos joelhos, pozemos os olhos em alvo, e consummámos o sacrificio. Pagámos com resignação, e, tendo sahido em silencio, com medo de que nos sahisse da bôcca um rincho ou um ladrido, proseguimos a nossa viagem para o Corno Aureo.

Depois de dez minutos de caminho, achámo-nos de novo em plena Turquia, no grande arrabalde musulmano de Kassim-pachá, n'uma verdadeira cidade povoada de mesquitas e de conventos de derviches, cheia de hortas e de jardins, que occupa uma collina e um valle, e se estende até ao Corno Aureo, abraçando toda a antiga bahia de Mandracchio, desde o cemiterio de Galata até ao promontorio que projecta na outra margem o arrabalde de Balata. Do alto de Kassim-pachá vê-se um espectaculo encantador. Vê-se por baixo, na praia do immenso arsenal Ters-Kané, um labyrintho de bacias, de officinas, de praças, de armazens e de casernas, que se estende por espaço de uma milha ao longo de toda a parte do Corno Aureo que serve de porto militar; o palacio do Ministro da Marinha, elegante e ligeiro, que parece que fluctúa sobre a agua, e desenha as suas fórmas brancas no fundo verde do cemiterio de Galata; o porto percorrido por vaporsinhos e cahiques cheios de gente, que singram por entre os couraçados immoveis e as velhas fragatas da guerra da Criméa; e na margem fronteira Stambul, o aqueducto de Valente que arroja os seus arcos altissimos para o azul do céu, as grandes mesquitas de Mahomet e de Solimão, e uma myriade de casas e de minaretes, Para gosar melhor este espectaculo sentamo-nos diante de um café turco, e sorvemos a quarta ou a quinta das doze chavenas que, quer se queira quer se não queira, quando se está em Constanti-

nopla, se tem de deitar abaixo todos os dias. Era um café mesquinho, mas, como todos os cafés turcos, originalissimo: não muito diverso talvez dos primitivos cafés dos tempos de Solimão o Grande, ou d'aquelles por onde irrompia, de cimitarra em punho, o quarto Amurat, quando fazia a sua

Vendedor de melancias.

ronda nocturna para castigar por sua mão os vendedores do liquido prohibido. A quantos editos imperiaes, a quantas disputas de theologos e a quantas luctas sanguinosas deu causa este «inimigo do somno e da fecundidade» como lhe chamavam os ulemas austeros; este «genio dos sonhos e fonte da imaginação» como lhe chamavam os ulemas de manga larga, e

que é agora, depois do amor e do tabaco, o mais suave conforto de todo o Osmanli por mais pobre que seja! Agora bebe-se café no cimo da torre de Galata, e da torre do Seraskier, bebe-se café em todos os vapores, nos cemiterios, nas lojas dos barbeiros, nos banhos, no bazar. Em qualquer parte de Constantinopla que uma pessoa se encontre não tem senão que gritar: — *Caffé-gi* e d'ahi a tres minutos fumega diante d'elle uma chavena.

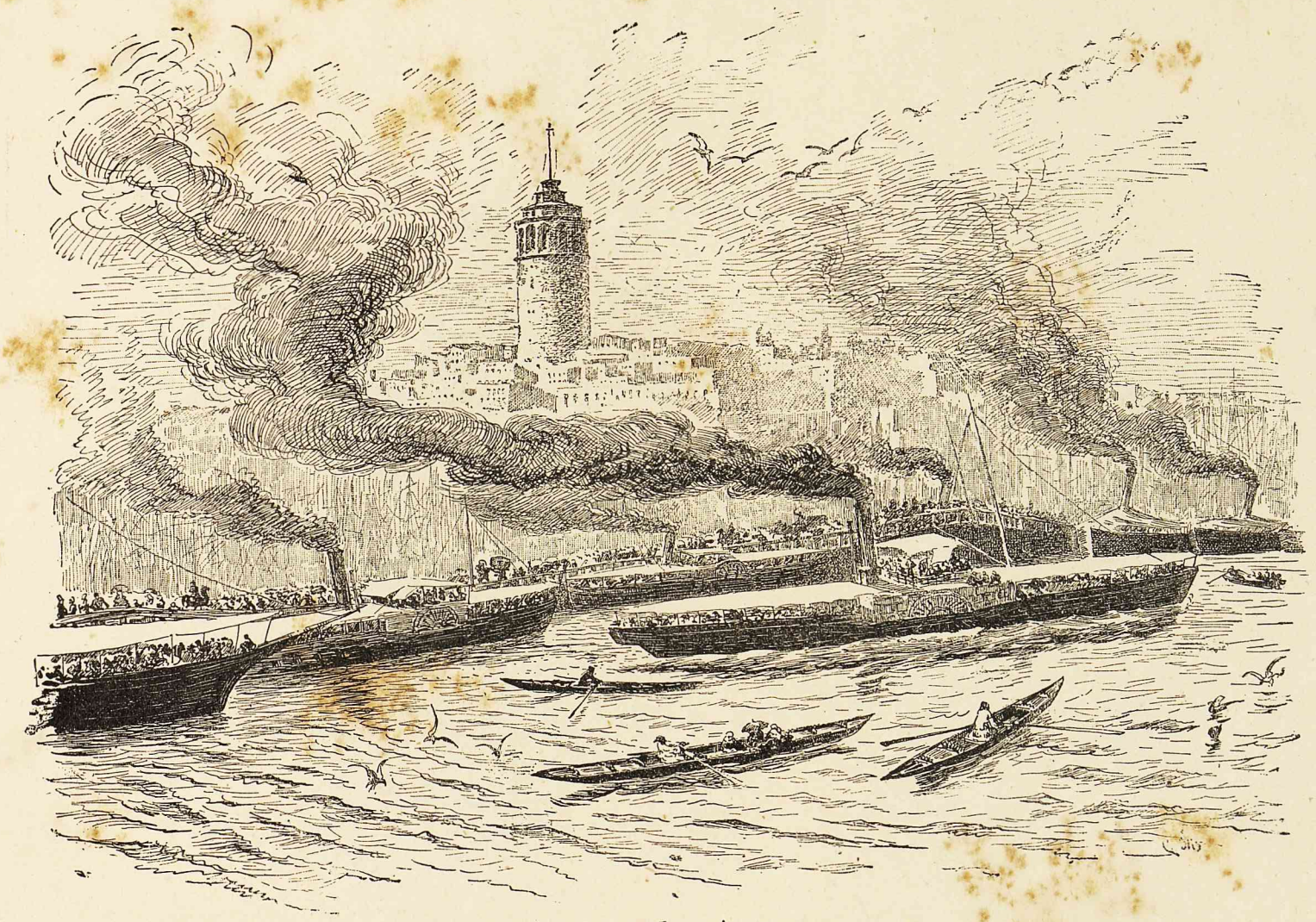
O nosso café era uma estancia toda branca, revestida de madeira até á altura de um homem, com um divan baixissimo ao longo das quatro paredes. A um canto estava um fogão no qual um turco pencudo fazia o café em pequenas cafeteiras de cobre, que despejava devagarinho em pequenissimas chavenas, deitando-lhe elle proprio o assucar; porque por toda a parte, em Constantinopla, se faz o café de proposito para todos os que apparecem, e leva-se-lhes muito bem assucarado, com um copo de agua que os Turcos bebem sempre antes de chegarem a chavena á bôcca. N'uma parede estava pendurado um pequeno espelho, e ao lado do espelho uma especie de cabide cheio de navalhas presas pelo cabo; porque a maior parte dos cafés turcos são ao mesmo tempo lojas de barbeiros, e muitas vezes o botequineiro é tambem dentista e sangrador, e tortura as suas victimas no mesmo quarto onde os outros freguezes tomam café! Na parede fronteira estava outro cabide cheio de narghilehs de cristal, com os longos tubos flexiveis, retorcidos como serpentes, e uns chibuks de barro. Estavam sentados cinco turcos pensativos, fumando o narghileh; estavam outros tres diante da porta, acocorados em baixissimas cadeiras de palha com espaldar, umas ao lado das outras, com as costas apoiadas na parede, e com o cachimbo nos labios; um moço da loja cortava o cabello, diante do espelho, a um gordo derviche ensacado n'uma tunica de lã de camello. Ninguem olhava para nós quando nos sentámos, ninguem fallava, e a não ser o botequineiro e o seu moço, ninguem fazia o mais leve movimento. Não se sentia outro rumor senão o gorgolejar da agua do narghileh que parece o

ron-ron dos gatos. Todos olhavam fito diante de si, com os olhos parados, e com um rosto que não exprimia cousa alguma. Parecia um pequeno museu de figuras de cera. Quantas d'estas scenas me ficaram impressas na memoria! Uma casa de madeira, um turco sentado, uma bellissima vista ao longe, uma grande luz e um grande silencio, eis a Turquia. De cada vez que aquelle nome me passa pela mente, passam no mesmo ponto aquellas imagens, como um moinho de vento e um canal quando se ouve proferir o nome da Hollanda.

D'ali, flanqueando um grande cemiterio musulmano, que do alto da collina de Kassim-pachá desce para Ters-Kané, subimos para o septemtrião, descemos ao valle de Piali-Pachá, pequeno suburbio meio escondido no meio da verdura dos jardins e das hortas; e parámos diante da mesquita branca, encimada por seis cupulas graciosas, com um pateo cercado de arcos e de columnelos gentís, um minarete ligeirissimo e uma corôa de cyprestes gigantes. N'aquelle momento estavam fechadas todas as casitas circumstantes, desertas as ruas, o proprio pateo da mesquita solitario; a luz e a sombra do meio-dia envolviam tudo, e não se sentia senão o zumbido dos tavões. Olhámos para o relogio; faltavam tres minutos para o meio-dia; uma das cinco horas canonicas dos musulmanos, em que os *mezzuin* apparecem no terraço dos minaretes para gritarem aos quatro pontos do horizonte as formulas sacramentaes do Islam. Sabiamos bem que não ha minarete em Constantinopla toda, em que não compareça, áquella hora fixa, pontual como o automato de um relogio, o annunciador do propheta. E comtudo parecia-nos estranho que até n'aquella extremidade da cidade immensa, sobre aquella mesquita solitaria, áquella hora, n'aquelle silencio profundo, devesse comparecer aquella figura e soar aquella voz. Conservei o relogio na mão, e, olhando attentamente para o ponteiro dos minutos e para a portinha do terraço do minarete, alto quasi como o terceiro andar de uma casa ordinaria, estive esperando com viva curiosidade. O ponteiro tocou no sexagesimo filete negro, e ninguem compareceu. — Não vem! disse

Vendedor de melancias

eu. — Ahi está elle! respondeu Yunk. Apparecera. O parapeito do terraço escondia-o todo, menos o rosto, cujas feições, pela distancia, se não distinguiam. Esteve por alguns segundos immovel; depois tapou as ore-



Caes no Corno Aureo.

lhas com os dedos, e, erguendo o rosto para o céu, gritou com voz lenta, trémula e agudissima, com um tom solemne e lamentavel, as sagradas palavras, que resoam ao mesmo tempo em todos os minaretes da Africa, da Asia e da Europa:—Deus é grande! Não ha senão um Deus! Mahomet é o propheta de Deus! Vinde á oração! Vinde á salvação! Deus é grande! Deus é um só! Vinde á oração!—Depois deu meio giro no terraço e repetio as mesmas palavras, voltando-se para o norte; depois para o levante, depois para o occidente, e depois desappareceu. N'esse momento chegaram-nos ao ouvido, frouxas, as ultimas notas de outra voz longinqua, que parecia o grito de alguem que pedisse soccorro, e depois tudo se calou, e ficámos nós tambem por alguns minutos silenciosos, com um sentimento vago de tristeza, como se aquellas duas vozes só a nós nos tivessem aconselhado a oração, e, desapparecendo aquelle phantasma, tivessemos ficado sós no valle como dois abondonados por Deus. Nunca o soar de um sino me tocou tão intimamente o coração; e só n'aquelle dia percebi porque fôra que Mahomet, para chamar os fieis á oração, preferira á antiga trombeta israelita e á antiga matraca christã o grito do homem. E n'essa escolha esteve largo tempo incerto, d'onde pouco faltou que todo o Oriente tomasse um aspecto bastante diverso do que tem agora; porque, se escolhesse a matraca que depois se mudou em sino, certamente se teria transformado o minarete, e um dos traços mais originaes e mais graciosos da cidade e da paizagem oriental teria ficado perdido.

Tornando a subir de Piali-Pachá para a collina, para o occidente, achámo-nos n'um vastissimo espaço de terreno devastado, d'onde se via todo o Corno Aureo e Stambul todo, desde a villa de Eyub até á collina do Serralho; quatro milhas de jardins e de mesquitas, uma grandeza e um encanto, que era caso para se contemplar de joelhos como uma apparição celeste. Era o Ok-meidan, a praça das frechas, aonde iam os sultões a atirar ao arco, segundo o costume dos reis persas. Lá estão ainda espalhados, a distancias desiguaes, alguns columnelos de marmore, marcados com inscripções, que indicam os pontos onde bateram as frechas imperiaes. Ha ainda

um kiosque elegante, com uma tribuna, onde os sultões retezavam o arco. Á direita, nos campos, estendia-se uma longa fila de pachás e de beys, pontos vivos de admiração, com os quaes o padischah prestava homenagem á sua propria destreza; á esquerda, doze pagens da familia imperial, que corriam a apanhar as settas e a marcar o ponto da queda; em tôrno, por traz das arvores e das sarças, algum turco temerario, vindo para contemplar ás escondidas o rosto sublime do Grão-Senhor; e na tribuna campeiava, na attitude de um athleta soberbo, Mahmud, o mais vigoroso frecheiro do imperio, cujo olhar scintillante fazia curvar a fronte aos espectadores, e cuja barba famosa, negra como o corvo do monte Tauro, esplendia de longe sobre o manto candido, regado pelo sangue dos Janizaros! Hoje tudo mudou e se tornou prosaico; o Sultão atira com o revolver nos pateos do seu palacio, e no Ok-Meidan faz exercicio ao alvo a infanteria. De um lado ha um convento de derviches, do outro um café solitario; e o campo todo está desolado e melancholico como uma steppe.

Descendo do Ok-Meidan para o Corno Aureo, achamo-nos n'um pequeno arrabalde musulmano, chamado Piri-pachá, talvez do nome d'aquelle famoso Grão-vizir do primeiro Selim, que educou Solimão o Grande. Piri-pachá fica fronteiro ao arrabalde israelita de Balata, collocado na outra margem do Corno Aureo. Não encontramos ali senão algum cão e alguma velha turca mendiga. Mas esta solidão permitte-nos considerar á vontade a estructura do burgo. É uma coisa singular. N'aquelle burgo, como em qualquer outro sitio de Constantinopla, onde uma pessoa se interna, depois de o ter visto ou do mar, ou das alturas proximas, experimenta-se a mesma impressão que se tem quando se olha para um bello espectaculo coreographico do palco scenico, depois de o ter visto da platéa; pasmamos de que aquelle conjuncto de coisas feias e mesquinhas possa produzir tão bella illusão. Não ha cidade no mundo, creio eu, onde a belleza seja tão pura apparencia como em Constantinopla. Vista de Balata, Piri-pachá é uma cidadinha gentil, toda de côres risonhas, engrinaldada de verdura, que

se espelha nas aguas do Corno Aureo como uma nympha, que desperta mil imagens de amor e de delicias. Entra-se, tudo se desvanece. Não são senão pardieiros rusticos, tingidos com as côres intensas das barracas de feira;pateos estreitos e sujos que parecem receptaculos de bruxas; grupos de figueiras e de cyprestes cobertos de pó, jardins atulhados de caliça, viellas desertas, miseria, immundicie, tristeza. Mas descei uma encosta, saltai para um cahique, e depois de cinco remadas, tornais a vêr a cidadinha phantastica, em toda a pompa da sua belleza e da sua graça.

Seguindo para diante, sempre ao longo da margem do Corno Aureo, descemos para outro arrabalde, vasto, populoso, de aspecto estranho, onde, logo aos primeiros passos, percebemos que não estamos já entre musulmanos. Por todos os lados se vêem creanças cobertas de porcaria que se rebolam no chão; velhas disformes e andrajosas que nos limiares das portas remexem com as mãos esqueleticas montes de trapos e de ferros velhos; homens embrulhados em longas vestes sujas com um lenço atado á roda da cabeça, que passam ao longo dos muros com uma apparencia furtiva; rostos macilentos ás janellas; trapos pendurados em cordeis de casa para casa; lama e estrumeira por toda a parte. É Hasskioi, o arrabalde israelita, o ghetto da margem septemtrional do Corno Aureo, que defronta com o da outra margem, ao qual o juntava no tempo da guerra da Criméa uma ponte de madeira de que já não restam vestigios. D'aqui principia outra longa cadeia de arsenaes, de escolas militares, de casernas e de praças d'armas, que se estende até quasi ao fundo do Corno Aureo. Mas d'isto nada vêmos, porque já não o consentiam nem as pernas, nem a cabeça. Já todas as coisas vistas se nos confundiam na mente; parecia-nos que estavamos em viagem havia uma semana; pensavamos em Pera distantissima com um ligeiro sentimento de nostalgia, e teriamos voltado para traz, se nos não tivesse arrastado o proposito feito solemnemente na ponte velha, e se Yunk me não tivesse reanimado, segundo o seu costume, entoando a grande marcha da *Aida*.

Torre de Galata e barcos do Bosphoro.

Ávante pois. Atravessamos outro cemiterio musulmano, subimos a outra collina, entramos n'outro arrabalde, no arrabalde de Halidgi-Oghli, habitado por uma população mixta: uma pequena cidade, onde, a cada volta da rua, se encontra uma nova raça e uma nova religião. Sobe-se, desce-se, rasteja-se, passa-se por meio dos tumulos, das mesquitas, das igrejas, das synagogas; gira-se em tôrno de cemiterios e de jardins; encontram-se bellas armenias de fórmas matronaes e turcas ligeiras que nos relanceiam um olhar atravez do véu; ouve-se fallar grego, armenio e hespanhol, — o hespanhol dos judeus; — e caminha-se, caminha-se. Mas a gente ha-de chegar ao fim d'esta Constantinopla! — dizemos entre nós. — Tudo tem fim n'esta terra! Já rareiam as casas de Halidgi-Oghli, começam a verdejar os jardins; já não ha senão um grupo de habitações, passamos por meio d'ellas, chegámos finalmente...

Ai de mim! não chegámos senão a outro arrabalde. É o arrabalde christão de Sudludgé, que se ergue n'uma collina, cercada de jardins e de cemiterios: na collina a cujos pés mettia a cabeça a unica ponte que unia antigamente as duas margens do Corno Aureo. Mas este arrabalde, se Deus quizer, é o ultimo, e a nossa excursão está acabada. Sahimos d'entre as casas para procurar um sitio de repouso; subimos uma altura nua e escarpada que se levanta nas costas de Sudludgé, e achamo-nos diante do maior cemiterio israelita de Constantinopla: uma vasta planura coberta de uma myriade de pedras derrubadas, que apresentam o aspecto sinistro de uma cidade arruinada pelo terremoto, sem uma arvore, sem uma flor, sem uma fevera de herva, sem um vestigio de vereda: uma solidão desolada que aperta o coração, como o espectaculo de uma grande desventura. Sentamo-nos n'um tumulo, voltados para o Corno Aureo, e admiramos, descançando, o panorama immenso e gentil que se estende em tôrno de nós. Vê-se por baixo Sudludgé, Halidgi-Oghli, Hasskioi, Piri-Pachá, uma fuga de arrabaldes fechados entre o azul do mar e o verde dos cemiterios e dos jardins; á esquerda o Ok-meidan solitario, e os cem minaretes de Kassim-pachá; mais adiante

Stambul, confusa e infinita; para alem de Stambul as linhas culminantes das montanhas da Asia, quasi esvaidas no céu; diante, exactamente defronte de Sudludgé, a outra parte do Corno Aureo, o burgo mysterioso de Eyub, de que se distinguem, a um e um, os ricos mausoleus, as mesquitas de marmore, as umbrosas encostas semeadas de tumulos, as ruas solitarias, e os recessos graciosos e tristes; e á direita de Eyub outras aldeias que se miram na agua, e depois a ultima volta do Corno Aureo, que se perde entre duas altas ribas revestidas de arvores e de flôres. Espaçando o olhar por aquelle panorama, fatigados, quasi no estado de quem dorme com os olhos abertos, sem dar por tal, pomos em musica aquella belleza, cantarolando nem sei o que; perguntamos a nós mesmos quem será o morto em cima do qual estamos sentados, exploramos com uma varita um formigueiro; fallamos em mil tolices; dizemos um para o outro de quando em quando: — Estamos devéras em Constantinopla? — depois pensamos que a vida é breve, e que tudo é vaidade; e depois tomam-nos frémitos de alegria; mas no fundo sentimos que nenhuma belleza da terra dá uma alegria verdadeiramente completa, se, ao contemplal-a, não sentimos na nossa mão a mão pequenissima da mulher que amamos.

Ao pôr do sol, descemos ao Corno Aureo, entramos n'um cahique a quatro remos, e ainda não pronunciámos a palavra: — Galata! — já o barquinho gentil está longe da praia. E o cahique é realmente o barquinho mais gentil que nunca sulcou as aguas. É mais comprido que a gondola, mas mais estreito, e mais subtil; é esculpido, pintado e doirado; não tem leme, nem bancos; senta-se a gente n'uma almofada ou n'um tapete de fórma que não ficam de fóra senão a cabeça e os hombros; termina nas duas extremidades de modo que póde andar nas duas direcções; desequilibra-se ao mais leve movimento, solta-se da praia como uma frecha do arco, parece que vôa á flôr das aguas como uma andorinha, passa por toda a parte, e foge espelhando nas aguas as suas mil côres como um golphinho que vae seguindo. Os nossos remeiros eram dois bellos rapazes turcos com o

fez vermelho, camiza azul celeste, com um par de grandes calções alvissimos, braços nús, e pernas núas; dois athletas, polidos, alegres e audazes, que a cada remada atiravam para diante o barco em todo o espaço do seu comprimento; outros cahiques passavam de vôo ao nosso lado, e que mal se viam; passavam proximo de nós bandos de patos, voejavam as aves sobre a nossa cabeça, roçavam por nós grandes barcos cobertos, cheios de turcas veladas, e as algas de quando em quando nos escondiam tudo. Vista do fundo do Corno Aureo, áquella hora, apresentava a cidade um aspecto suavissimo. Não se via a margem asiatica, por causa da curvatura da enseada; a collina do Serralho fechava o Corno Aureo como um longuissimo lago: as collinas das duas margens parecia que se tinham tornado gigantescas; e Stambul, ao longe, esfumada com uma gradação dulcissima de tintas cinereas e azulinas, enorme e ligeira como uma cidade de fadas, parecia que fluctuava no mar e se perdia no céu. O cahique voava, as duas margens fugiam, as enseadas succediam ás enseadas, os bosques aos bosques, os suburbios aos suburbios; e, á medida que se ia andando para diante, alargava-se e alteava-se tudo em tôrno de nós, desmaiavam as côres da cidade, abrazava-se o horizonte, despediam as aguas reflexos de oiro e de purpura, e entrava um profundo assombro na nossa alma, misturado com uma doçura indefinivel, que nos fazia sorrir, e não nos deixava fallar. Quando o cahique parou no caes de Galata, um dos barqueiros teve de nos gritar aos ouvidos: *Monsù! Arrivar!* — e levantámo-nos como se sahissemos de um sonho.

O GRANDE BAZAR

Depois de termos visto de relance Constantinopla, é tempo de entrarmos no coração de Stambul, de irmos vêr aquella feira miseravel e perpetua, aquella cidade escondida, escura, cheia de maravilhas, de thesouros e de memorias, que se estende entre a collina de Osmanié e a do Seraskier, e se chama o Grande Bazar.

Um velho turco.

Partimos da praça da mesquita Sultana-Validé.

Aqui talvez quizesse parar algum leitor gulotão para dar uma vista de olhos ao Balik-Bazar, mercado do peixe, famoso desde os tempos d'aquelle velho Andronico Paleologo, o qual, como é sabido, só com o producto da pesca ao longo dos muros da cidade tirava o bastante para custear as despezas culinarias de toda a sua côrte. A pesca, effectivamente, é ainda abundantissima em Constantinopla, e o Balik-Bazar, nos seus bellos dias, pode-

ria offerecer ao auctor do *Ventre de Paris* assumpto para uma descripção pomposa e appetitosa como as grandes mezas dos velhos quadros hollandezes. Os vendedores são quasi todos turcos, e estão alinhados em tôrno da praça com os peixes amontoados em cima de esteiras deitadas no chão,

Bairro grego no Corno Aureo.

ou sobre longas mezas em tôrno das quaes disputam o espaço uma multidão de compradores e um exercito de cães. Ali se encontram as deliciosas pescadas do Bosphoro quatro vezes mais grossas do que as dos nossos mares; as ostras da ilha de Marmara, que só os gregos e os armenios sabem cozer com apuro nas brazas; as sardinhas e os atuns que os Judeus quasi

exclusivamente salgam; as enxovas que os turcos aprenderam dos Marselhezes a salgar; as sardas de que Constantinopla fornece o archipelago, os *ulufer*, o peixe mais saboroso do Bosphoro, que se apanha á luz da lua; os congros do mar Negro que fazem sete invasões successivas nas aguas da cidade, levantando um estrepito que se sente nas villas das duas margens; *isdaurids* colossaes, peixes-espadas enormes, rodovalhos, ou como lhes chamam os turcos *Kalkan-baluk*, peixes escudos, e outros mil peixes menores, que nadam entre os dois mares, seguidos pelos golphinhos, e caçados por innumeros alcyons, a quem o chumbo tira a preza da bôcca. Cosinheiros de pachás, velhos comilões musulmanos, escravas e moços de taverna se approximam das mezas, olham para os peixes em attitude meditabunda, contratam em monosyllabos, e vão-se embora com as suas compras penduradas de um cordel, todos graves e taciturnos, como se levassem a cabeça de um inimigo; ao meio-dia a praça está despejada, e os vendedores estão já espalhados pelos cafés visinhos, onde se deixam ficar até ao pôr do sol, sonhando com os olhos abertos, encostados á parede, e com a boquilha de narghilé entre os beiços.

Para ir para o Grande Bazar, enfia-se por uma rua que desemboca no mercado do peixe, tão estreita que as saliencias das casas fronteiras quasi que se tocam, e anda-se um bom pedaço no meio de duas filas de lojas baixas e escuras, onde se vende tabaco «a quarta columna da tenda da voluptuosidade» depois do café, do opio e do vinho, ou «o quarto sophá dos gosos» tambem esse, como o café, em tempo fulminado por editos de sultões e sentenças de muftis, e causa de perturbações e de supplicios, que o tornaram mais saboroso. A rua toda é occupada por tabacarias. O tabaco é apresentado á venda em pyramides e em montes redondos, que têem cada um d'elles por cima um limão. São pyramides de *latakié*, de Antochia, de *tabaco do Serralho* loiro e tenuissimo que parece seda da mais fina, de tabaco de cigarros e de chibuk, de todas as gradações de sabor e de força, desde o que fuma o agigantado moço de fretes de Galata até ao que concilia o somno ás odaliscas aborrecidas nos kiosques dos jardins imperiaes.

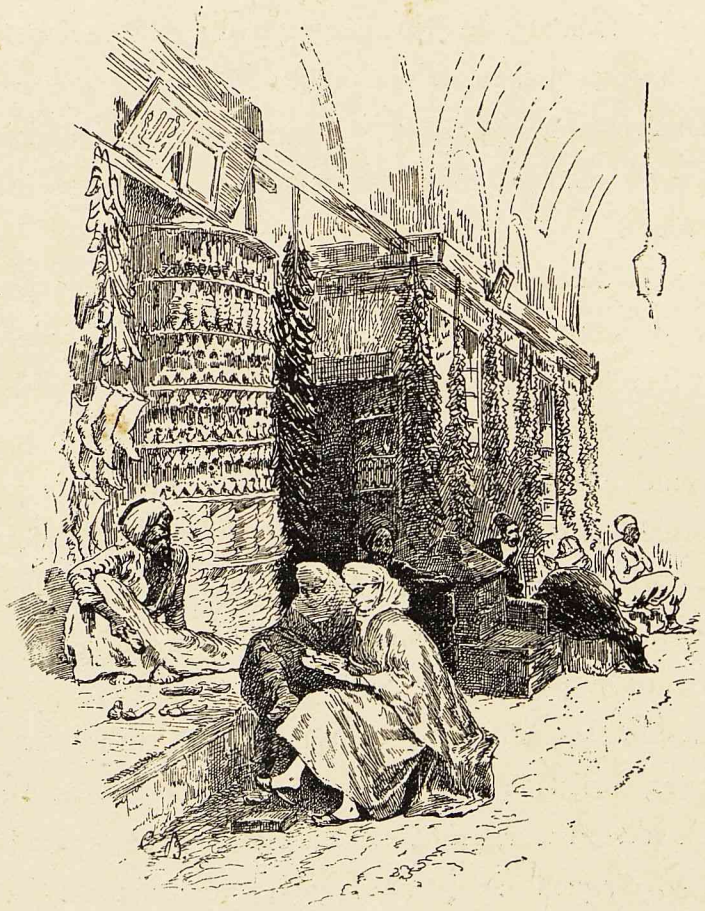
O *tombeki,* tabaco fortissimo, que embebedaria até um velho fumador, se o fumo não chegasse á bôcca purificado pela agua do *narghileh,* está fechado em frascos de vidro como uma herva medicinal. Os donos das tabacarias são quasi todos gregos e armenios ceremoniosos, que affectam um certo porte senhoril; os freguezes formam roda; ali param empregados do ministerio dos estrangeiros e do Seraskierato; ás vezes lá vae espairecer algum personagem importante; ali se faz politica, ali se vae colher noticias, ou contar as ninharias que se passam; é um pequeno bazar apartado e aristocratico, e que faz sentir, só de se passar por ali, a voluptuosidade da tagarellice e do fumo.

Seguindo para diante, passa-se por baixo de uma velha porta de arco, engrinaldada de pampanos, e dá-se com um vasto edificio de pedra, atravessado por uma longa rua direita e coberta, flanqueada por lojas escuras, e atulhada de gente, de caixas, de saccos, de montes de mercadorias. Entrando-se, sente-se um cheiro agudissimo de aromas, que quasi nos faz voltar para traz. É o bazar egypcio, onde estão reunidos todos os generos da India, da Syria, do Egypto, e da Arabia, que, reduzidos depois a essencias, a pastilhas, a pós, a unguentos, vão cobrir rostinhos e mãosinhas de odaliscas, perfumar quartos e banhos e bôccas e barbas e piteus, revigorisar pachás desfibrados, adormecer esposas infelizes, embrutecer fumadores, espalhar sonhos, ebriedade e esquecimento na cidade infinita. Dados porém poucos passos n'este bazar, principia-se a sentir a cabeça pesada e foge-se; mas a sensação d'aquelle ar quente e pesado e d'aquelles perfumes inebriantes acompanha-nos ainda por um bom pedaço ao ar livre, e fica depois viva na memoria como uma das mais intimas e das mais insignificantes impressões do Oriente.

Sahindo-se do bazar christão, passa-se no meio de officinas numerosas de caldeireiros, de tavernas turcas, que enchem a rua de nauseabundos fedores; de mil lojitas e nichos e recantos escuros, onde se fabrica e se vende uma miuçalha de objectos sem nome e chega-se finalmente ao Grande Bazar.

Mas muito antes de lá chegarmos, somos assaltados e precisamos de nos defender.

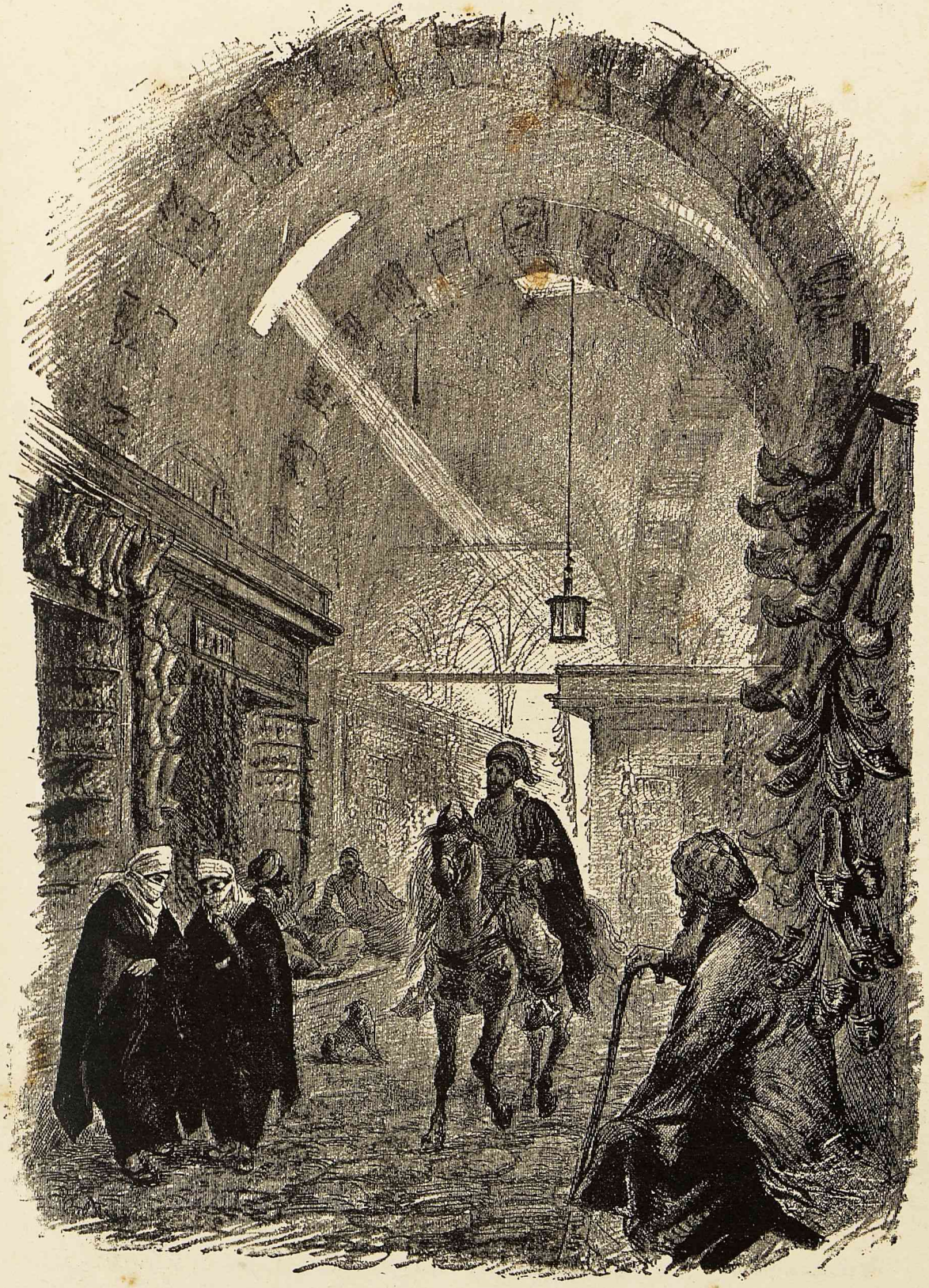
A cem passos da grande porta da entrada, estão postados, como uns sicarios, corretores dos mercadores e corretores dos corretores, que á pri-



Bazar de chinelas.

meira vista de olhos nos reconheceram como estrangeiro, perceberam que vamos ao bazar pela primeira vez, e adivinharam pouco mais ou menos de que paiz somos, tanto que rarissimas vezes se enganam na lingua em que nos dirigem a palavra. Approximam-se de fez na mão e de sorriso nos labios e offerecem-nos os seus serviços.

Então trava-se quasi sempre um dialogo como este:



Bazar de chinelas.

— Não compro nada, respondemos.

— Que importa, meu senhor? Não quero senão mostrar-lhe o bazar.

— Não quero vêr o bazar.

— Mas eu acompanho-o de graça.

— Não quero que me acompanhem de graça

— Então só o acompanho até ao fim da rua, para lhe dar alguma informação que lhe será util n'outro dia quando vier para comprar.

- Mas se eu nem quero ouvir fallar em compras!

— Fallaremos n'outra coisa, meu senhor. Ha quanto tempo está em Constantinopla? Está satisfeito com a sua hospedaria? Já obteve licença para visitar as mesquitas?

— Mas se eu lhe digo que não quero fallar, que quero estar só.

— Pois então deixo-o só; seguil-o-hei a dez passos de distancia.

— Mas para que me quer seguir?

— Para não deixar que o roubem nas lojas.

— Mas se eu não entro nas lojas!

— Então para impedir que o molestem na rua.

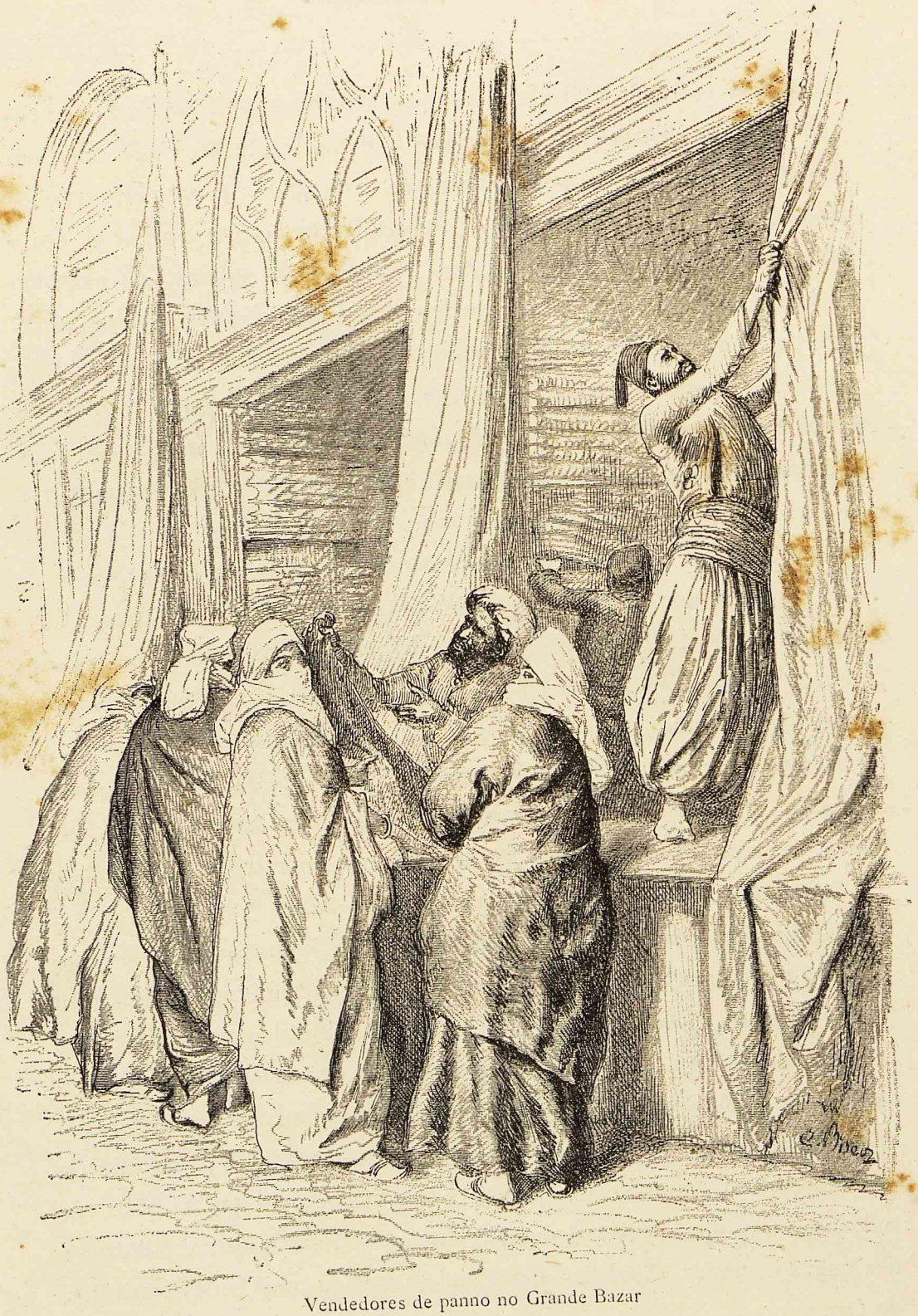
Em summa é necessario ou a gente deitar os bofes pela bôcca fóra, ou deixar-se acompanhar.

O grande bazar nada tem no exterior que attraia os olhos e faça adivinhar o que ha lá dentro. É um immenso edificio de pedra, de estylo byzantino, de fórma irregular, cercado por altos muros cinzentos, e encimado por centenares de cupulasinhas revestidas de chumbo, e esburacadas, que dão luz para dentro: a entrada principal é uma porta de arco, sem caracter architectonico; das viellas circumvisinhas não se ouve o minimo rumor; a quatro passos da porta ainda se póde julgar que pór traz d'aquelles muros de fortaleza não ha senão solidão e silencio. Mas, apenas entramos, ficamos assombrados. Não se está dentro de um edificio, mas de um labyrintho de ruas cobertas por abobadas, arqueadas e flanqueadas por pilastras esculpidas e por columnas; n'uma verdadeira cidade com as suas mesquitas, com as suas fontes, com as suas encruzilhadas, com os seus largos,

illuminada por uma luz vaga como a de uma floresta densa onde não penetre um raio de sol; e percorrida por immensa multidão. Cada rua é um bazar, e quasi todas deitam para uma rua principal, coberta por uma abobada de arcos de pedras brancas e negras, e ornada com arabescos, como uma nave de mesquita. N'estas ruas semi-escuras, no meio da multidão ondeante, passam carruagens, camellos e cavalleiros, que fazem um estrepito de ensurdecer. Em toda a parte se é apostrophado com palavras e com gestos. O mercador grego chama em alta voz e gesticula de um modo quasi imperioso: o armenio, tão charlatão como o outro, mas de apparencia mais modesta, sollicita com maneiras obsequiosas; o judeu sussurra-nos as suas offertas ao ouvido; o turco, silencioso, acocorado em cima de um coxim no limiar da loja, não convida senão com os olhos e entrega-se ao destino. Chamam-nos dez vozes ao mesmo tempo; Monsieur! Captan! Caballero! Signore! Eccellenza! Kyrie! Mylord! — A cada volta, pelas portas lateraes, vêem-se renques de columnas e de pilastras, longos corredores, escorços de ruasinhas, perspectivas longinquas e confusas, e por toda a parte lojas, mercadorias penduradas dos muros e das abobadas, mercadores azafamados, moços de fretes carregados, grupos de mulheres veladas, uma continua formação e desaggregação de circulos rumorosos, uma misturada de gente e de coisas que faz andar a cabeça á roda.

A confusão porém não é senão apparente. Este immenso bazar está ordenado como uma caserna, e bastam poucas horas para uma pessoa ficar em situação de encontrar o que procure, sem precisar de guia. Cada genero de mercadorias tem o seu pequeno quarteirão, a sua ruasinha, o seu corredor, o seu largo. São cem pequenos bazares que deitam uns para os outros como as salas de um vastissimo aposento, e cada bazar é ao mesmo tempo um museu, um mercado, um passeio e um theatro, em que se póde vêr tudo sem se comprar coisa alguma, tomar café, gosar o fresco, palrar em dez linguas e trocar olhadellas apaixonadas com as mais bellas raparigas do Oriente.

Póde-se tomar um bazar ao acaso, e passar-se lá meio dia sem se dar



Vendedores de panno no Grande Bazar

Bazar das armas.

por isso; por exemplo o bazar das fazendas e dos vestidos. É um emporio de bellezas e de riquezas capaz de nos deitar a perder os olhos, a cabeça e a bolsa, e é preciso estar-se em guarda, porque o mais leve capricho póde ter por consequencia fazer-nos pedir soccorro para casa pelo telegrapho. Passeia-se no meio de montes de pannos de brocados de Bagdad, de tapetes da Caramania, de sedas de Brussa, de telas do Indostão, de musselinas de Bengala, de chales de Madrasta, de casimiras da India e da Persia, de tecidos variegados do Cairo, de almofadas matizadas a oiro, de véus de seda com veios de prata, de faxas de gaze com riscas azues e encarnadas, ligeiras e transparentes que parecem vaporosas, de fazendas de todas as fórmas e de todos os desenhos, em que o carmezim, o azul, o verde, o amarello, as côres mais rebeldes ás combinações sympathicas se approximam e se entrançam com uma audacia e uma harmonia que nos fazem ficar de bôcca aberta; de toalhas de meza de todas as grandezas, de fundo vermelho ou branco, recamadas de arabescos, de flores, de versiculos do Koran, de cifras imperiaes, que se estaria um dia a contemplal-as como ás paredes da Alhambra.

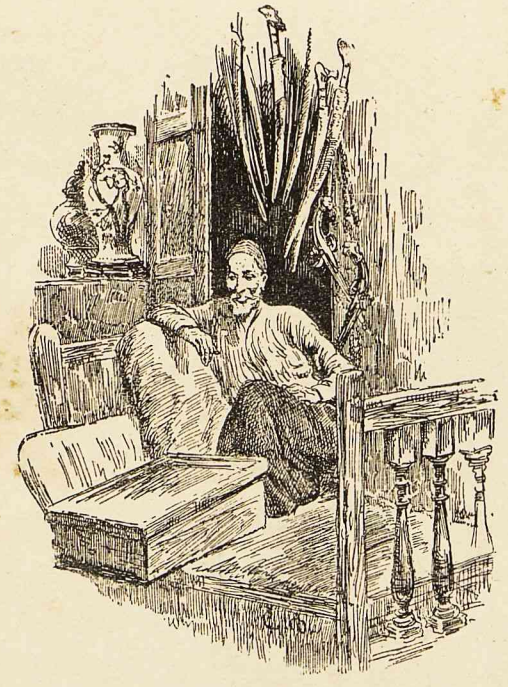
Aqui podem-se admirar a uma e uma todas as partes da guarda-roupa turca feminina desde as capas verdes, côr de laranja e côr de jacyntho, até ás camisas de seda, aos lenços bordados a oiro e aos cintos de setim a que não póde chegar o olhar de outro homem que não seja o do senhor e o do eunucho. Aqui os caftans de veludo vermelho, debruados de arminhos e cobertos de estrellas; os corpetes de setim amarello, os calções de seda côr de rosa, as jaquetas de damasco branco semeadas de flores de oiro, os véus de esposa scintillantes de palhetas de prata, os casaquinhos de veludo verde, orlados de pennas de cysne; as vestes gregas, armenias e circassianas, de mil cortes caprichosos, sobre-carregadas de enfeites, duras e resplandecentes como coiraças; e no meio de todos estes thesouros as fazendas prosaicas de França e de Inglaterra, de côres sinistras, que nos produzem o effeito de uma conta de alfayate no meio das paginas de um poema. Ninguem que ame uma mulher póde passar por aquelle bazar sem considerar

como uma grande desventura não ser millionario, e sem sentir por um momento arder-lhe dentro d'alma a furia do saque.

Para nos libertarmos d'estas idéas, não ha senão ir dar uma volta pelo bazar dos cachimbos. Ali a imaginação é reconduzida a mais tranquillos desejos. São feixes de chibuks de toda a especie de madeiras, boquilhas de ambar amarello do mar Baltico, luzentes como um cristal, de innumeras gradações de côr e de transparencia, ornadas de rubis e de diamantes; cachimbos de Cesarea, com o tubo envolto em fios de oiro e de seda; bolsas de tabaco do Libano, em lusangulos de varias côres, matizados de bordados esplendidos; narghilehs de cristal da Bohemia, de aço e de prata, de bellas fórmas antigas, adamascados, marchetados de pedras preciosas, com tubos de marroquim scintillantes de doiraduras e de anneis, envoltos em algodão e perpetuamente guardados por dois olhos fitos que, ao approximar-se qualquer curioso, se dilatam como uns olhos de coruja, e fazem morrer nos labios o perguntar pelo preço a quem não fôr pelo menos vizir ou pachá ou a quem não tenha sangrado durante um anno alguma provincia da Asia Menor. Aqui não vem comprar senão o mensageiro da Sultana que quer dar um signal de gratidão ao docil grão vizir, ou o alto dignatario da côrte, que, ao tomar posse do cargo, é obrigado, por decoro, a gastar cincoenta mil francos n'uma collecção de cachimbos, ou o embaixador do Sultão que quer levar ao Monarcha europeu uma lembrança esplendida de Stambul. O turco modesto deita um olhar melancholico e passa adiante, paraphraseando, para se consolar, a sentença do Propheta: — o fogo do inferno trovejará, como o mugido do camello, no ventre d'aquelle que *fumar em cachimbo de oiro ou de prata.*

D'aqui vai-se cahir de novo em plena tentação no bazar dos perfumistas, que é o mais puramente oriental e dos mais caros ao Propheta, que dizia: — Mulheres, creanças e perfumes — para exprimir os seus tres mais doces prazeres. Aqui se encontram as famosas pastilhas do Serralho que perfumam os beijos, as caixinhas da gomma odorifera que arrancam da resina as fortes raparigas de Chio para a mandarem reforçar as gengivas

das molles musulmanas; as essencias exquisitas da bergamota e do jasmim, e as essencias potentissimas de rosa, encerradas em estojos de veludo bordados a oiro, de um preço que faz erriçar os cabellos; aqui o collyrio para as sobrancelhas, o antimonio para os olhos, o henné para as unhas; os sabonetes que dão uma doce morbidez á cutis das bellas syriacas, as pilulas que fazem cahir os pellos do rosto das masculas circassianas, as aguas de cedro e de laranja, os *sachets* de almiscar, o oleo de sandalo, o ambar cinzento, o aloés para perfumar as chicaras e os cachimbos, uma myriade de pós, de aguas e de pomadas, distinguidas por nomes phantasticos e destinadas para usos indi ziveis, que representam cada uma um capricho amoroso, um proposito de seducção, um requinte de voluptuosidade, e expandem todas juntas uma fragrancia aguda e sensual que faz vêr como em sonhos grandes olhos voluptuosos e mãosinhas acariciadoras, e ouvir como que um som submisso de respiração e de beijos.



Typo turco do bazar das armas.

Todas estas phantasias se desvanecem, quando se entra no bazar dos joalheiros, que é uma ruasinha escura e deserta, ladeada por lojitas de aspecto mesquinho em que ninguem diria nunca que estejam escondidos como estão thesouros fabulosos. As joias estão encerradas em cofres de carvalho, cintados e couraçados de ferro, e postos em cima dos mostradores das lojas, á vista dos mercadores — velhos turcos ou velhos judeus, de longas barbas e de olhar agudo, que parece que penetra nas algibeiras e trasspassa os *porte-monnaies*. Alguns d'elles estão de pé no seu buraco, e apenas

passamos cravam primeiro os olhos nos nossos olhos, depois com um rapido movimento mettem-nos á cara um diamante de Golconda, ou uma saphyra de Ormuz, ou um rubi de Giamscid, que, ao mais leve gesto negativo que façamos, retiram com a mesma rapidez com que nol-o apresen-

Bazar dos ourives.

taram. Outros passeiam vagarosamente, fazem-nos parar no meio da rua, e, depois de terem deitado em tôrno de si um olhar suspeitoso, tiram do seio um trapo sujo, desdobram-n'o, e mostram-nos um topazio do Brazil ou uma bella turqueza da Macedonia, lançando-nos um olhar de demonios tentadores. Outros não fazem senão atirar-nos um olhar perscrutador, e, não

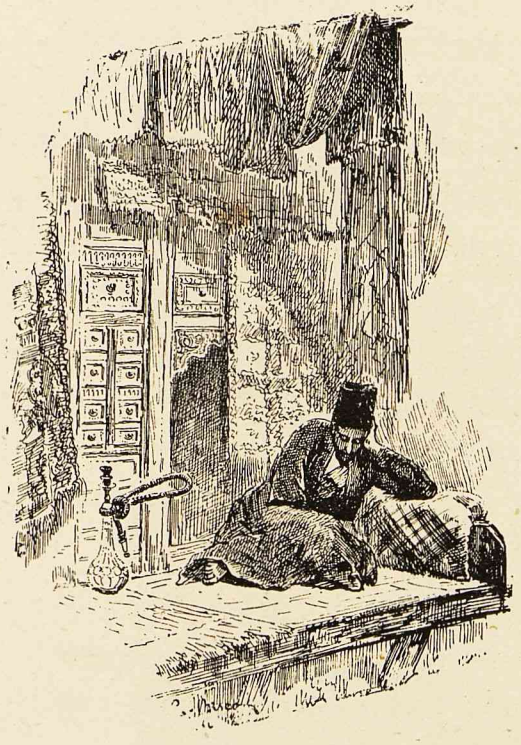
nos julgando com cara de pedras preciosas, não se dignam offerecer-nos nem uma. Nenhum depois faz o gesto de abrir o cofresinho, ainda que tenhamos a cara de um santo ou de um Creso. Os collares de opalas, as flores e as estrellas de esmeraldas, as meias-luas e os diademas orlados de perolas de Ophir, os montões deslumbrantes de aguas-marinhas, de venturinas, de agathas, de granadas, de lapis-lazulis conservam-se inexoravelmente occultos aos olhos dos curiosos sem dinheiro, e especialmente aos olhos de um escriptor italiano. Quando muito póde elle arriscar-se a perguntar o preço de alguns *tespi* ou rosarios de ambar, de sandalo ou de coral, para os esbrugarmos com os dedos, como fazem os turcos, para enganarem o tempo nos intervallos dos seus labores forçados.

Para nos divertirmos, precisamos de entrar nas lojas dos francos, vendilhões de fazendas, onde ha mercadorias para todas as bolsas. Apenas entramos, temos em tôrno de nós um circulo de gente que se não percebe d'onde foi que sahio. Nunca é possivel ter de tratar com um só. Entre mercador, socios do mercador, corretores e auxiliares diversos nunca são menos de meia duzia. Se um d'elles nos não desanca, enforca-nos o outro; não ha meio de evitar mau fim. E nem se póde dizer com que arte, com que paciencia, com que obstinação, com que diabolicos rodeios nos fazem comprar o que elles querem. Pedem por todas as coisas um despropositó, offerecemos o terço; deixam cahir os braços em signal de profundó desanimo, ou batem na testa com um gesto desesperado; ou então soltam uma torrente de palavras apaixonadas para nos commoverem. Somos um homem cruel, queremos obrigal-os a fechar as lojas, queremos reduzil-os á miseria; não temos dó dos seus filhos, não sabem que mal nos fizeram para que os tratemos d'essa maneira. Emquanto nós dizem o preço de um objecto, o corretor de uma loja visinha sussurra-nos ao ouvido: Não compre, olhe que o embaçam. Imaginamos que é sincero, e elle o que está é de accordo com o mercador; diz-nos que nos embaçam no chaile, para ganhar a nossa confiança, e d'ahi a um minuto fazer-nos dar uma cabeçada na compra de um tapete. Emquanto examinamos a fazenda, fallam elles uns com os outros por

gestos, por olhadellas, por cotovelladas, por meias palavras. Se sabemos grego, fallam em turco; se sabemos armenio, fallam hespanhol; mas de qualquer d'esses modos entendem-se e pregam-nol-a na menina do olho. Se depois continuamos a resistir, ensaboam-nos; dizem-nos que fallamos bem a sua lingua, que temos um modo de proceder de um verdadeiro fidalgo, e que nunca se esquecerão da nossa bella figura; discorrem sobre o nosso paiz em que estiveram muito tempo, porque estiveram em toda a parte; fazem-nos café, offerecem-se para nos acompanharem á alfandega quando partirmos, para impedirem que nos façam alguma injuria, quer dizer para nos enganarem a nós, á alfandega e aos nossos companheiros de viagem se os tivermos; revolvem a loja toda, e não fazem carranca se nos fôrmos embora sem comprarmos coisa alguma: se não é n'esse dia, n'outro será; havemos de tornar ao bazar, e logo seremos reconhecidos pelos seus cães de caça; se não cahirmos nas mãos d'esses cahiremos nas mãos de um companheiro seu; se nos não depennarem como mercadores, esfolar-nos-hão como corretores; se nos não apanham n'uma loja, irão apanhar-nos na alfandega; em todo o caso o golpe é que não falha. A que povo pertencem elles? Não se percebe. Á força de fallar linguas diversas, perderam a sua pronuncia primitiva; á força de representar comedia alteraram os traços physionomicos da sua raça; são do paiz que se quer, têem o officio que se deseja, são interpretes, guias, mercadores, usurarios; e acima de tudo artistas insuperaveis na arte de embaçar o universo.

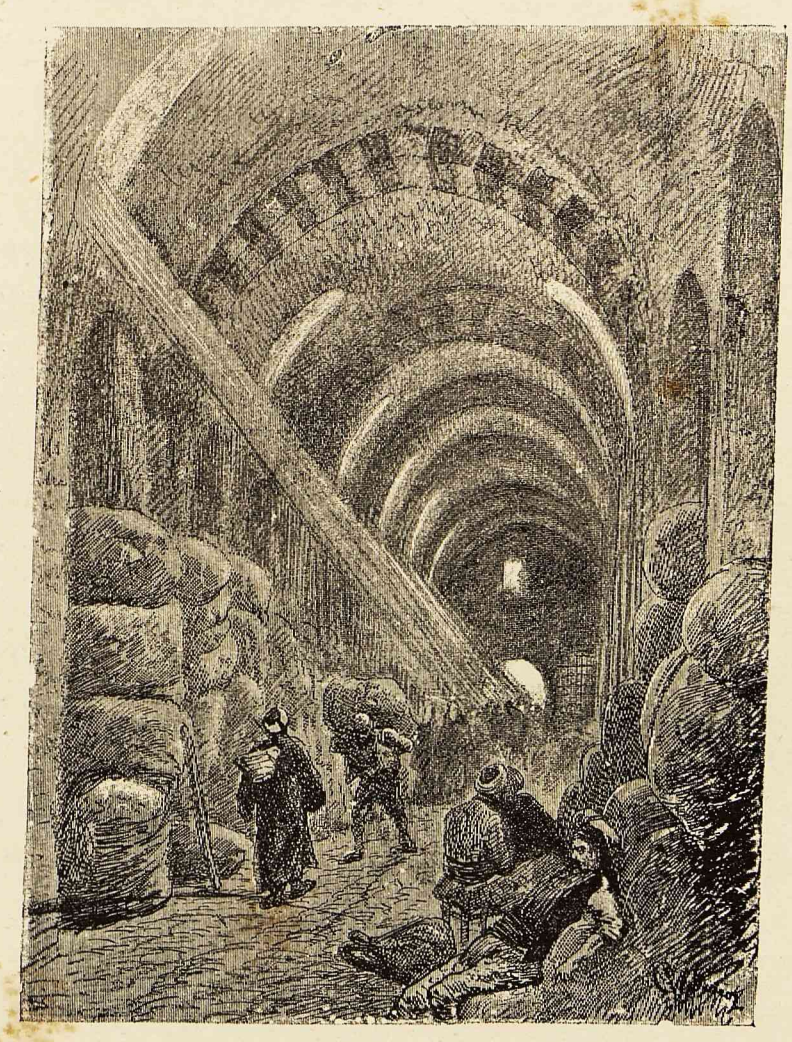
Os mercadores musulmanos apresentam um campo de observação completamente diverso. Ainda entre elles se encontram aquelles velhos turcos, hoje rarissimos nas ruas de Constantinopla, que são como que as personalisações do tempo dos Mahomets e dos Bajazets, os restos vivos do velho edificio ottomano, que principiou a desmoronar-se com as reformas de Mahmut, e que dia a dia, pedra a pedra, se arruina e se transforma. Precisa a gente de vir ao grande bazar e de cravar os olhos no fundo das lojinhas mais escuras das ruas mais apartadas para encontrar os velhos turbantes enormes do tempo de Solimão, em fórma de cupulas de mesquitas; os ros-

tos impassiveis, os olhos vitreos, os narizes aduncos, as longas barbas brancas, os antigos caftans côr de laranja e de purpura, as grandes calças de mil prégas apertadas á cinta pelas faxas desmesuradas, as attitudes altivas e tristes do antigo povo dominador, os rostos embrutecidos pelo opio ou illuminados pelo sentimento da sua fé ardente. Esses ahi estão no fundo dos seus nichos, de braços e de pernas cruzadas, immoveis e graves como uns idolos, e esperam, sem abrir a bôcca, os predestinados compradores. Se as coisas vão bem, murmuram: — *Mach Allah!* — Deus seja louvado! — Se vão mal: — *Olsun!* Assim seja! e inclinam a cabeça com resignação. Alguns lêem o Koran, outros esbrugam nos dedos as contas dos rosarios, murmurando, sem dar attenção ao que dizem, os cem epithetos de Allah; outros que fizeram bom negocio, *bebem o seu narghileh,* para nos servirmos da expressão turca, girando em tôrno lentamente com o seu olhar voluptuoso e cheio de somno; outros estão curvos com os olhos semi-cerrados e com a fronte enrugada como que absortos em profundos pensamentos. Em que pensam? Talvez nos seus filhos mortos debaixo dos muros de Sebastopol ou nas suas caravanas dispersas ou nas suas voluptuosidades perdidas, ou nos jardins eternos, promettidos pelo Propheta, onde, á sombra das palmeiras e das romanzeiras, desposarão as virgens dos olhos negros, que nunca foram profanadas nem por um homem nem por um genio. Todos têem o seu que de extravagante, são todos pittorescos; cada loja é a moldura de um quadro que nos faz passar diante da mente a historia inteira de



No bazar das fazendas: Persa diante da loja.

uma vida aventurosa e phantastica. Este homem secco e bronzeado, de lineamentos audazes, é um arabe que trouxe elle proprio do fundo da sua patria longinqua os seus camellos carregados de pedras preciosas e de alabastro, e



Bazar do algodão.

muitas vezes ouvio assobiarem-lhe aos ouvidos as balas dos ladrões do deserto. Aquell'outro de turbante amarello e de aspecto senhoril atravessou a cavallo as solidões da Syria, trazendo as sedas de Tyro e de Sidonia. Aquelle negro com a cabeça enrolada n'um velho chaile da Persia que tem a testa sulcada de cicatrizes que os nigromantes lhe fizeram para o salva-

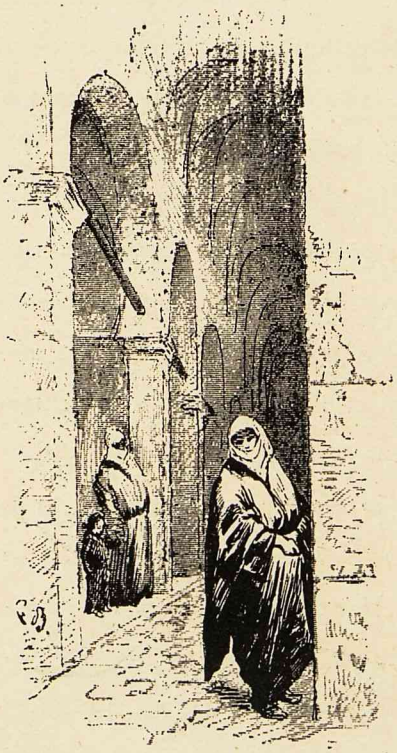
rem da morte, que está de rosto erguido e como se olhasse ainda para os capiteis das columnas de Thebas ou para os vertices das Pyramides, veio da Nubia. Aquelle bello mouro, de rosto pallido e de olhos negros, envolto n'uma capa branquissima, trouxe os seus *caics* e os seus tapetes das faldas mais occidentaes da cordilheira do Atlas. Este turco, de turbante verde e de rosto escavacado, fez este anno mesmo a grande romaria, vio parentes e amigos morrerem de sede no meio das planuras interminaveis da Asia Menor, chegou a Meca quasi expirante, deu sete vezes de rastos o giro á roda da Kaaba, e cahio em deliquio cobrindo de beijos furiosos a Pedra Negra. Aquelle colosso, de rosto branco, de sobrancelhas arqueadas, de olhos fulmineos, que parece mais um guerreiro que um mercador, e respira todo elle ambição e orgulho, trouxe as suas pellissas das regiões septentrionaes do Caucaso, onde, nos seus annos floridos, fez cahir a cabeça dos hombros a mais de um Cossaco. E este pobre mercador de lãs, de rosto chato, de olhos pequenos e obliquos, membrudo e rude como um athleta, não ha muito que disse as suas orações á sombra da immensa cupula, que protege o sepulchro de Timur; partio de Samarkanda; perlustrou os desertos da grande Bukharia, passou por meio das hordas dos turcomanos, atravessou o mar Putrido, fugio ás balas dos circassianos, deu graças a Allah nas mesquitas de Trebizonda, e veio buscar fortuna a Stambul, d'onde voltará, quando fôr velho, para o fundo da sua Tartaria, que tem sempre no coração.

Um dos bazares mais esplendidos é o bazar do calçado, e é elle tambem um dos que estonteiam mais a cabeça dos visitantes. São duas filas de lojas resplandecentes que dão á rua o aspecto de uma sala de paço, ou de um d'aquelles jardins das lendas arabes onde as arvores têem folhas de oiro e flores de perolas. Ha ali com que calçar todos os pésinhos de todas as côrtes da Asia e da Europa. As paredes estão cobertas de pantufos de veludo, de pelles, de brocado de setim, das côres mais petulantes e das formas mais caprichosas, ornados de filagrana, debruados de lustrina, embellezados com tufos de seda e de pennas de cysne, estrellados e enflorados a

prata e oiro, cobertos de intrincados arabescos que nem deixam vêr o tecido, e relampejantes com saphyras e esmeraldas. Ha-os para as mulheres dos barqueiros e para as favoritas do Sultão, que custam ou cinco francos ou cinco mil francos o par (ou 900 réis ou 900$000 réis); ali se vêem os escarpins de cordovão que hão-de pizar as pedras das calçadas de Pera, e as babuchas que se hão-de arrastar pelos tapetes do harem, as sandalias que farão resoar os marmores dos banhos imperiaes, e as chinellinhas de setim branco que serão apertadas pelos labios ardentes do Pachá, e talvez algum par de pantufos imperiaes que todas as manhãs esperarão o despertar de alguma formosa Georgiana ao lado do leito do Grão-Senhor. Mas que pés podem entrar n'aquellas babuchas? Ha algumas que parecem feitas para pés das huris e das fadas: do comprimento de uma folha de lyrio, e da largura de uma folha de rosa, de uma pequenez que seria o desespero de toda a Andaluzia, de uma gentileza que faz sonhar quem as vê; não são babuchas, são umas joiasinhas para se terem em cima da meza; caixinhas para se metterem doces e bilhetinhos amorosos; de se não poder imaginar que haja um pésinho que ali entre, sem se desejar estar um mez todo a revolvel-o nas mãos, enchendo-o de pedidos e de caricias. Este bazar é um dos mais frequentados pelos estrangeiros. Ali se vêem muitas vezes rapazes europeus, que trazem n'um pedacinho de papel a medida de um pésinho italiano ou francez, de que muito se orgulham, e que fazem um gesto de assombro e de despeito reconhecendo que excede muito o comprimento de uma certa babuchinha em que tinham posto os olhos; e outros que, tendo perguntado o preço, e tendo ouvido uma enormidade, se retiram sem responder uma palavra. Aqui tambem se accumulam as senhoras musulmanas, as *hanum* dos grandes véus brancos, e muitas vezes acontece colher-se de passagem algum fragmento dos seus longos dialogos com os vendedores, alguma palavra harmoniosa da sua bella lingua, pronunciada por uma voz suave e clara que acaricia o ouvido, como o som de um bandolim. — *Buni catscia verersin?* — Quanto vale isto? — *Pahalli dir.* — É muito caro. — *Ziadé veremen.* — Não pago mais. E depois uma risada infantil e

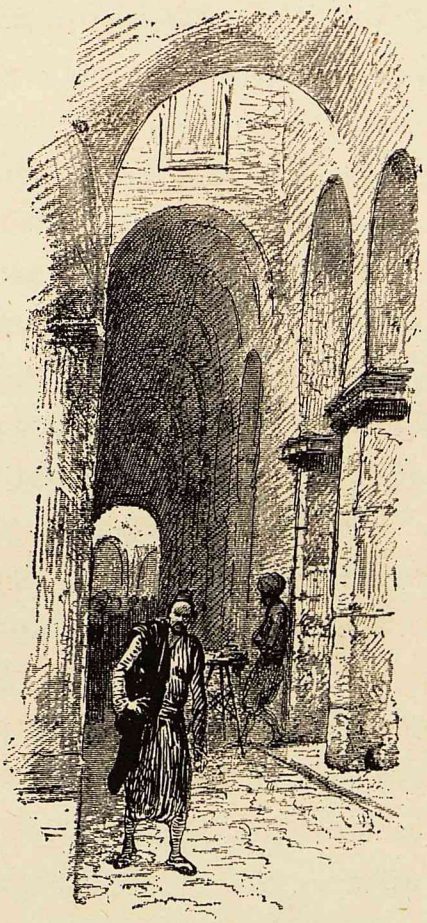
sonora, que dá vontade de se lhe agarrar um pedacinho da face, e chamar-se-lhe garota.

O bazar mais rico e mais pittoresco é o das armas. Não é um bazar, é um museu a trasbordar de thesouros, cheio de memorias e de imagens que transportam o pensamento para as regiões da historia e da lenda, e inspiram um sentimento indescriptivel de assombro e de terror. Todas as armas ainda as mais estranhas, mais pavorosas e mais ferozes que se brandiram desde Meca até ao Danubio em defeza do Islam, ali estão alinhadas e polidas, como se pouco antes as tivessem pendurado as mãos dos fanaticos soldados de Mahomet e de Selim, e parece que se vêem scintillar entre as suas laminas os olhos injectados de sangue d'aquelles sultões formidaveis, d'aquelles janizaros diabolicos, d'aquelles spahis, d'aquelles azab, d'aquelles silidar sem piedade e sem medo que semearam a Asia Menor e a Europa de cabeças cortadas e de corpos dilacerados. Ali se encontram as cimitarras famosas que partiam as pennas no ar, e cortavam as orelhas aos embaixadores insolentes; os kandgiar pesados que de um golpe fendiam os craneos e punham os corações a descoberto; as maças de armas que trituravam e desfaziam em pó os capacetes servios e hungaros; os yatagans de punho tauxiado de marfim e marchetado de amethystas e de rubis que ainda conservam marcado com riscos o numero de cabeças cortadas; os punhaes com bainhas de prata, de veludo e de setim, com os cabos de agatha, e de marfim, ornados de granadas, de coraes e de turquezas, esmaltados com versiculos do Koran em letras de oiro, com as laminas recurvas e retor-



No bazar.

cidas que parece que procuram um coração. Quem sabe se n'esta armaria confusa e terrivel não estará a cimitarra de Orkhan, o alfange de pau com que o braço potente de Abd-el-Murad, o derviche guerreiro, arrancava de um golpe as cabeças; ou o famoso yatagan com que o Sultão Musa rachou Hassan dos hombros ao coração; ou o enorme alfange do gigantesco bulgaro que encostou a primeira escada aos muros de Constantinopla; ou a massa com que Mahomet II esmagou o soldado rapinador debaixo das abobadas de Santa Sophia; ou o grande alfange adamascado de Scanderberg que rachou de meio a meio Firuz-Pachá debaixo dos muros de Stetigrad? Occorrem á mente os mais formidaveis golpes e as mais horrendas mortes da historia ottomana, e parece que n'aquellas mesmas laminas deve estar ainda conservado esse sangue, e que os velhos turcos encafuados nas lojas, colheram armas e cadaveres no terreno da matança e guardam ainda os esqueletos esfrangalhados n'algum canto escuro. Vêem-se tambem as grandes sellas de veludo escarlate e azul celeste, recamadas de estrellas e de meias-luas de oiro e de perolas as testeiras emplumadas, os freios de prata, e as gualdrapas esplendidas como uns mantos regios, arreios de cavallos das *Mil e uma noites* feitos para a entrada triumphal de um rei dos genios n'uma cidade doirada do mundo dos sonhos. Por cima d'estes thesouros, estão pendurados das paredes mosquetes de roda e de murrão, grandes pistolas albanezas, compridissimas espingardas arabes lavradas como umas joias, escudos



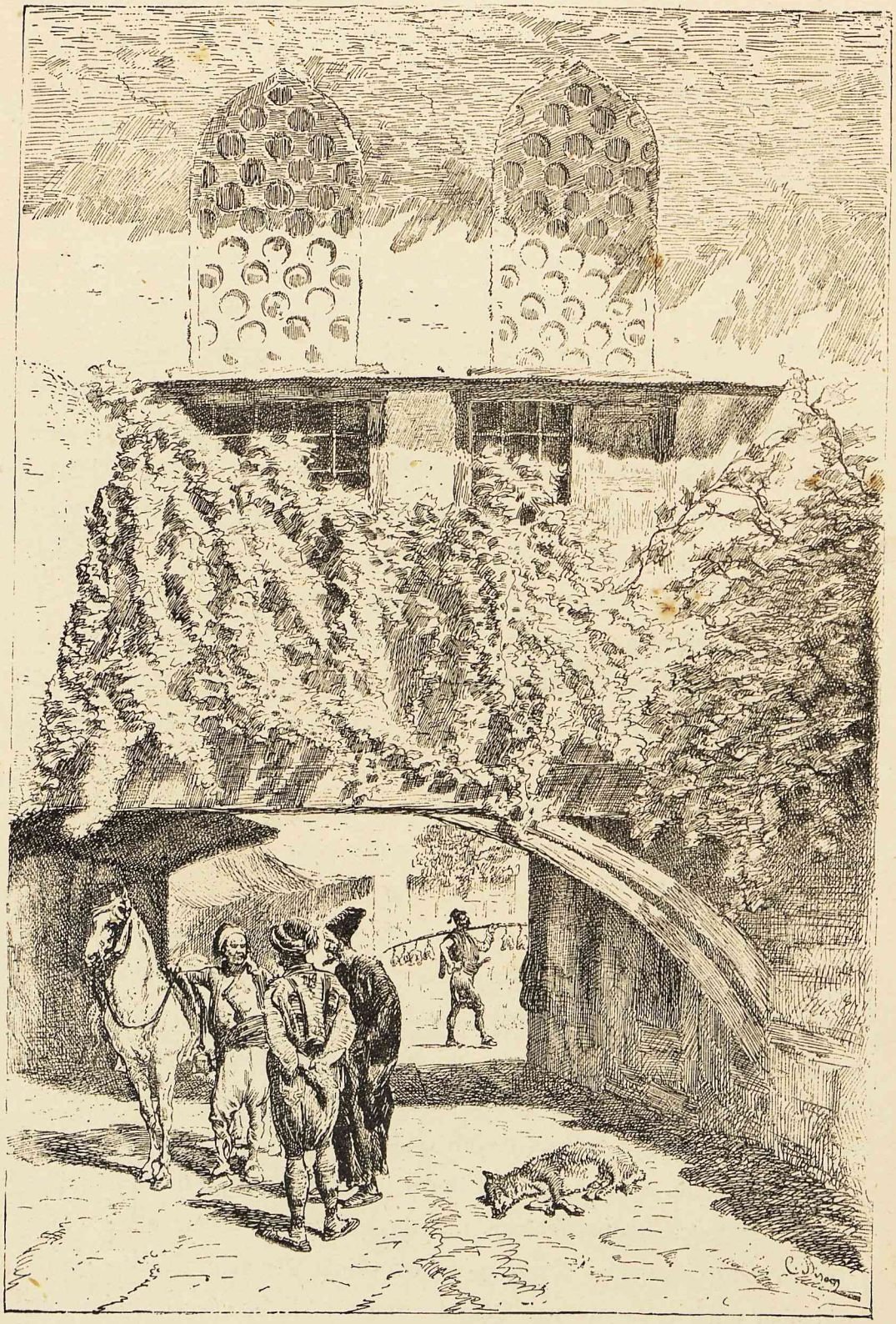
No bazar.

antigos de tartaruga e de pelles de hippopotamo, cotas de malha circassianas, escudos cossacos, elmos mongolicos, arcos turquescos, cutelos de algoz, folhas de fórmas sinistras, cada uma das quaes parece a revelação de um delicto, e faz pensar nos espasmos de uma agonia. No meio d'este apparato ameaçador e magnifico sentam-se de pernas cruzadas os mercadores mais francamente turcos do Grande Bazar, a maior parte velhos, de tetrico aspecto, macilentos como uns anachoretas, soberbos como uns sultões, physionomias de outros seculos, vestigios das primeiras hegiras, que parecem resuscitados do sepulchro para chamarem de novo os abastardeados netos á austeridade da antiga raça.

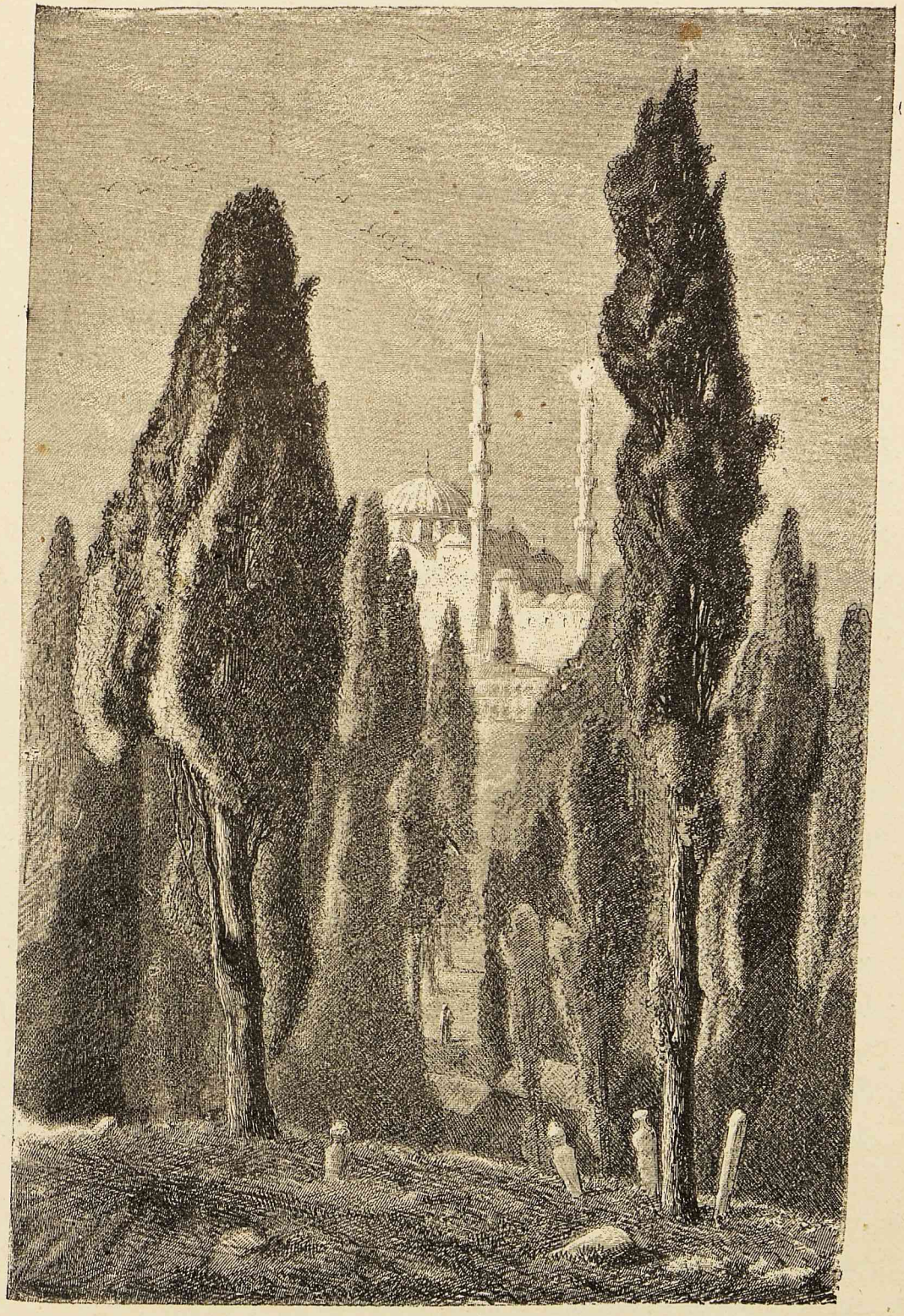
Outro bazar para se vêr é o dos fatos velhos. Aqui assentaria Rembrandt o seu domicilio e gastaria Goya a sua ultima *peceta*. Quem nunca vio uma loja de adelo oriental, não póde imaginar que extravagancia de farrapos, que pompa de côres, que ironia de contrastes, que espectaculo a um tempo carnavalesco, lugubre, asqueroso, apresenta este bazar, esta cloaca de trapos em que todo o refugo dos harens, dos quarteis, da côrte, dos theatros, vêm esperar qre o capricho de um pintor ou a necessidade de um mendigo os leve de novo para a luz do sol. De compridas varas espetadas nas paredes pendem velhos uniformes turcos, casacas de cauda de andorinha, dolmans de grãos-senhores, tunicas de derviches, capas de beduinos, tudo sebento, esfarpado, e esburacado, parecendo que tudo foi crivado de punhaladas e lembrando os despojos sinistros dos assassinios que se vêem nas mezas dos tribunaes. No meio d'esses trapos scintilla ainda ás vezes aqui e acolá algum arabesco de oiro; pendem velhos cintos de seda, turbantes soltos, ricos chailes lecerados, coletes de veludo, a que parece que a mão furiosa de um ladrão arrancou a um tempo o pello e as perolas, calças e veus que pertenceram talvez a alguma favorita infiel, que dorme cozida n'um saco no fundo das aguas do Bosphoro, e outras vestes e enfeites de mulher, de mil côres gentís, presos entre os grossos caftans circassianos, de cartuxeiras enferrujadas, entre as longas tunicas negras dos judeus, entre os grosseiros casacos e os pesados mantos, que esconderam sabe Deus quantas vezes a espin-

garda do bandido e o estylete do sicario. Ao anoitecer, á luz mysteriosa que desce das aberturas da abobada, todas aquellas vestimentas penduradas tomam uma vaga apparencia de corpos de enforcados; e, quando no fundo de uma loja se vêem scintillar os olhos astutos de um velho judeu, que coça a testa com a mão adunca, dir-se-hia que foi aquella a mão que deu os nós fataes, e olha-se para a porta do bazar com medo de que esteja fechada.

Não bastaria um dia de giros sem conto se se quizessem vêr todas as ruasitas d'aquella cidade. Ha o bazar dos fez, onde se encontram fez de todos os paizes, desde os de Marrocos até aos de Varna, ornados com inscripções do Koran que preservam dos espiritos malignos; os fez que as bellas gregas de Smyrna trazem no alto da cabeça, sobre o laço das tranças negras scintillantes de moedas; os barretinhos vermelhos das turcas; fez de soldados, de generaes, de Sultões, de tafues, de todos os cambiantes do vermelho, e de todas as fórmas, desde as fórmas primitivas dos tempos de Orkhan até ao grande fez elegante do Sultão Mahmud, emblema das reformas e abominação dos velhos musulmanos. Ha o bazar das pelliças, onde se mostra a sagrada pelle de rapoza negra, que outr'ora só podia ser usada pelo Sultão ou pelo grão-vizir, a marta com que se forravam os caftans de gala; as de urso branco, de urso preto, de rapoza azul, o astrakan, o arminho, a zibellina, em que muitas vezes os Sultões gastavam sommas fabulosas. É tambem muito para se vêr o bazar dos cutileiros, ainda que não seja senão para pegar n'uma d'aquellas enormes thesouras turcas, com as laminas bronzeadas e doiradas, adornadas com desenhos de passaros e flores, que se abrem ferinamente em cruz, deixando no meio um intervallo, onde poderia entrar a cabeça de um critico maligno. Ha tambem o bazar dos fiandeiros de oiro, o dos bordadores, o dos alfayates, o das quinquilharias, o da louça, todos diversos uns dos outros em fórma e em gradação de luz, todos iguaes n'uma coisa: em se não vêr nem a vender nem a trabalhar uma unica mulher. Quando muito póde acontecer que alguma grega sentada por um momento diante de um estabelecimento de alfayate



Uma rua de Scutari.



Cemiterio em Pera.

nos offereça timidamente um lenço que acabou de bordar. O ciume oriental prohibe ao bello sexo a estada nas lojas, por serem estas uma escola de garridice e um ninho de enredos amorosos.

Mas ha ainda outras partes do grande bazar, onde não póde aventurar-se um estrangeiro se o não acompanhar um mercador ou um corretor; são as partes internas dos pequeninos bairros em que se divide esta cidade singular, o interior dos pequenos quarteirões, emtôrno dos quaes giram as ruasinhas percorridas pela multidão. Se n'essas ruas é difficil a gente não se extraviar, lá dentro é impossivel. De corredores pouco mais largos do que um homem, em que é necessario irmos curvados para não batermos com a cabeça na abobada, sae-se para uns pateosinhos do tamanho de umas cellas, atulhados com sacos e caixotes, apenas illuminados por um vago lusco-fusco; desce-se ás apalpadellas por umas escadinhas de madeira, torna-se a passar por outros pateos illuminados com lanternas, desce-se ainda para debaixo da terra, sobe-se de novo para a luz do dia, caminha-se de cabeça baixa por uns longos passadiços serpeiantes, debaixo de abobadas humidas, no meio de muros negros e de taboados musgosos, que vão ter a portinhas secretas, d'onde se volta inesperadamente para o sitio d'onde se partio; e por toda a parte sombras que vão e que vêm, espectros immoveis nos cantos, gente que revolve mercadorias ou que conta dinheiro; luzeiros que apparecem e desapparecem, vozes e passos apressados que soam não se sabe onde; e encontros inesperados de negros obstaculos que não se comprehende o que sejam, e jogos de luz nunca vistos, e contactos suspeitos, e cheiros estranhos, que chega a parecer que giramos pelos meandros de uma caverna de feiticeiros e não vemos modo de nos vêrmos de ali para fóra.

Habitualmente os corretores fazem passar por estes sitios os estrangeiros para os levar áquellas lojas, mais affastadas, onde se vende um pouco de tudo, especie de Grande Bazar em miniatura, lojas de adelos afidalgados, curiosissimas de se vêrem, mas muito perigosas, porque encerram tantas e tão raras coisas que são capazes de fazer despejar a bolsa á avareza em

pessoa. Estes mercadores de um pouco de tudo, trapaceiros matriculados, subentende-se, e polyglottas como os seus irmãos de quadrilha, usam para tentar a gente um certo processo dramatico que não deixa de ser divertido, e que raras vezes lhes falha. As suas lojas são quasi todas umas casitas escuras cheias de caixas e de armarios, onde é necessario accender luz, e onde quasi que não ha espaço para uma pessoa se mexer. Depois de nos terem mostrado alguma velha papeleira marchetada de marfim e de madre-perola, alguma porcelana chineza, algum vaso do Japão, diz-nos o mercador que tem umas coisas especialissimas para nós, tira para fóra uma caixinha e despeja em cima do balcão um monte de frioleiras: um leque de pennas de pavão, por exemplo, um bracelete de velhas moedas turcas, uma almofada de lã de camello com a cifra do Sultão bordada a oiro, um espelhinho persa pintado com uma scena do *livro do paraizo,* uma espatula de tartaruga com que os turcos comem compota de ginjas, um velho e grande cordão da ordem de Osmanié. Não ha coisa alguma que nos agrade? Despeja outra caixinha, e essa é que estava positivamente só á nossa espera: É um dente partido de elephante, um bracelete de Trebizonda que parece uma trança de cabellos de prata, um idolosinho japonez, um pente de sandalo de Meca, uma grande colher turca, lavrada com arabescos e recortes, um narghilé de prata doirada e lavrada, pedrinhas dos mosaicos de Santa Sophia, uma penna de garça real que ornou o turbante de Selim III, como o mercador nol-o assegura debaixo da sua palavra de honra. Nada encontramos que seja do nosso gosto? Despeja outra caixa, d'onde tira um ovo de avestruz do Sennaar, um tinteiro persa, um annel adamascado, um arco de Mingrelia com a sua aljava de pelle de gazella, um capacete circassiano com duas pontas, um objecto de jaspe, um perfumador de oiro esmaltado, um talisman turco, uma faca de conductor de camellos, uma boceta de *atar-gull.* Não ha nada que nos tente por Deus? Não temos presentes a dar? Não pensamos nos nossos parentes? Não temos coração para os nossos amigos? Mas talvez tenhamos a paixão dos estofos e dos tapetes, e tambem elle n'isto nos póde servir como amigo. — Aqui está um manto

com riscas do Kurdistan, milord; aqui está uma pelle de leão, um tapete de Alepo com pregaduras de aço, aqui está um tapete de Casa-Branca, com tres dedos de espessura, e que dura quatro gerações, garantido; aqui estão, excellentissimo, as velhas almofadas, os velhos cintos de brocado e os velhos cobertores de seda, um pouco desbotados e um pouco esfarpados, mas bordados como já hoje se não bordam, a não ser que se paguem com um thesouro. Ao *caballero,* que veio aqui conduzido por um amigo, dou-lhe este velho cinto por cinco napoleões, e resigno-me a comer pão e alho uma semana inteira. Se nem mesmo com isso nos deixamos tentar, dir-nos-ha ao ouvido que nos póde vender a corda com que os terriveis mudos do Serralho estrangularam Nassuh Pachá, o grão-vizir de Mahomet III; e, se nos rimos na cara d'elle, dizendo-lhe que essa não engulimos nós, não insiste como homem esperto que é, e faz a ultima tentativa atirando para diante de nós uma cauda de cavallo d'aquellas que se levavam adiante e atraz dos pachás; uma marmita de Janizaro, que seu pae trouxera para casa, ainda salpicada de sangue, no proprio dia da matança; um pedaço de uma bandeira da Criméa com as meias-luas e as estrellinhas de prata; uma bacia de lavar as mãos, marchetada com agathas; um bracelete de estanho cinzelado, uma colleira de dromedario com as conchinhas e os guisos, um chicotinho de eunucho, de coiro de hippopotamo, um alcorão encadernado a oiro, uma charpa do Korassan, um par de chinellos de Cadina, um castiçal feito com a garra de uma aguia, tanto que afinal a phantasia accende-se, pulam os caprichos, e assalta-nos uma doida vontade de atirar para ali bolsa, relogio, gabão, e de gritar — Carreguem-me! e é necessario sermos deveras uns rapazes de tino ou uns paes com juizo para resistirmos á tentação. Quantos artistas sahiram d'ali depennados como Job e quantos ricassos ali deram fortes rasgões no patrimonio!

Mas antes que o bazar se feche precisamos ainda de dar um giro para vêr o seu aspecto da ultima hora. Torna-se mais apressado o movimento da turba, os mercadores chamam com gestos mais imperiosos, gregos e armenios correm gritando pelas ruas com um chaile ou um tapete nos bra-

ços, formam-se grupos, ajusta-se á pressa, os grupos dissolvem-se e tornam-se a formar mais adiante; os cavallos, os carros, os animaes de carga passam em longa fila em direitura á sahida. A essa hora todos os logistas, com quem litigámos sem chegarmos a accordo, volteiam em tôrno de nós, n'aquella meia escuridão, como uns morcegos; vemol-os á espreita por traz das columnas, encontrámol-os a cada volta das ruas, atravessam-se adiante de nós, pisam-nos os pés olhando para o ar, afim de nos lembrarem com a sua presença um certo tecido, uma certa fantasia, e fazer-nos renascer o desejo. Ás vezes caminhamos com uma esquadra d'elles ás costas; se paramos, param, se viramos uma esquina, viram a esquina, se nos voltamos encontramos dez olhos dilatados e fitos que nos comem vivos. Mas já vai escasseiando a luz, e rareando a multidão. Por baixo das longas abobadas arqueadas resôa a voz de algum mezzuin invisivel que annuncia o pôr do sol n'um minarete de madeira; algum turco estende o tapete diante da loja e murmura a oração da tarde; outros fazem as abluções nas fontes. Já os velhos centenarios do bazar das armas fecharam as portas; os pequenos bazares estão desertos, os corredores perdem-se nas trevas, as embocaduras das ruas parecem aberturas de cavernas; os camellos dão-nos de improviso uns encontrões nas costas, morre debaixo das arcadas longinquas a voz dos vendedores de agua, as turcas apressam o passo, os eunuchos aguçam os olhos, os estrangeiros escapam-se, fecham-se as portas de todo, está o dia acabado.

*
* *

E agora oiço perguntarem-me de todos os lados: — E Santa Sophia? E o antigo Serralho? E os palacios do Sultão? E o castello das Sete Torres? E Abdul-Aziz? E o Bosphoro? Descreverei tudo com toda a alma: tenho porém ainda necessidade de me estender livremente por Constantinopla, mudando de argumento a cada pagina, como lá mudava de pensamento a cada passo.

A VIDA EM CONSTANTINOPLA

E acima de tudo a luz! Um dos meus mais vivos prazeres em Constantinopla era vêr o nascer e o pôr do sol, estando na ponte da sultana Vali-

No bazar.

dé. Ao romper da alva, no outono, o Corno Aureo está quasi sempre coberto de uma nevoa ligeira, por traz da qual se vê a cidade confusamente, como atravez d'aquelles brancos véus, que se fazem descer no palco sce-

nico para esconderem os preparativos de uma scena espectaculosa. Scutari está toda ennevoada; não se vêem senão os contornos escuros e incertos das suas collinas. A ponte e as margens estão desertas. Constantinopla

Bazar de fazendas.

dorme: a solidão e o silencio tornam o espectaculo mais solemne. O céu principia a doirar-se por traz das collinas de Scutari. N'aquella faxa luminosa desenham-se, a uma e uma, precisas e negrissimas, as pontas dos cyprestes do vastissimo cemiterio, como um exercito de gigantes alinhados

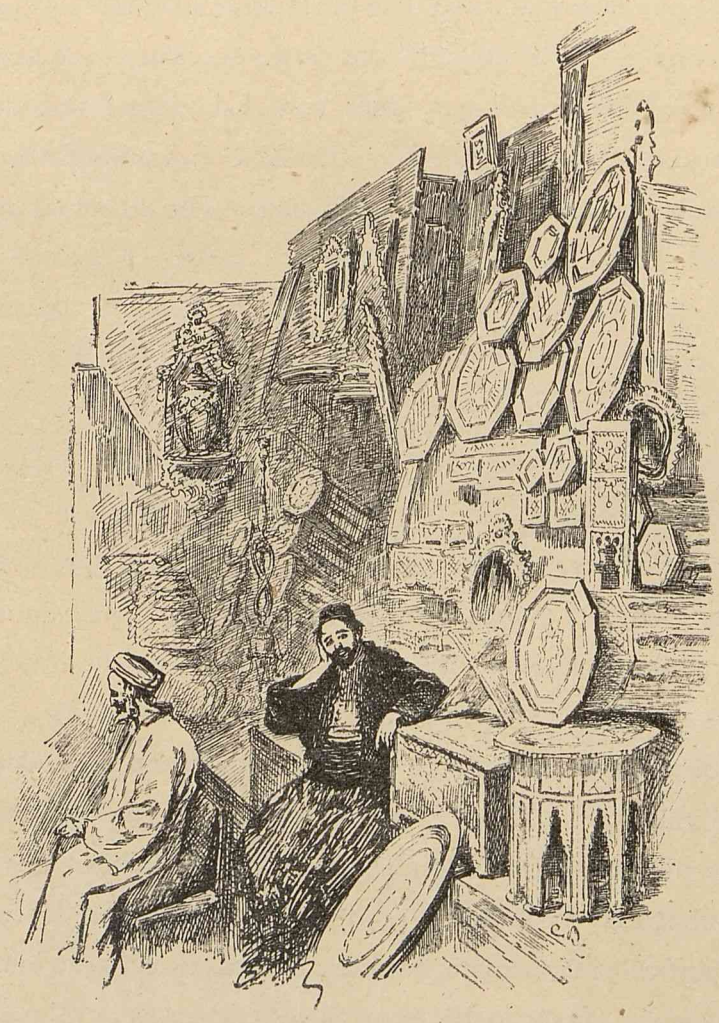
nas alturas; e de um cabeço a outro do Corno Aureo corre um fulgor ligeirissimo que é como que o primeiro fremito da grande cidade que sente a vida. Depois por traz dos cyprestes da margem asiatica desponta um olho de fogo, e de repente tingem-se de côr de rosa as brancas summidades dos quatro minaretes de Santa Sophia. Em poucos momentos, de collina para collina, de mesquita para mesquita, até ao fundo do Corno Aureo, todos os minaretes, um apoz outro, se avermelham, todas as cupulas, uma apoz outra, se prateiam, desce a vermelhidão de terraço em terraço, alarga-se o fulgor, cae o grande véu, e apparece Stambul toda, rosada e resplandecente nas alturas, azulina e violacea ao longo das margens, tersa e fresca, parecendo sahida das aguas. Á medida que o sol se vai erguendo, esvai-se a delicadeza das primeiras tintas n'um immenso clarão, e tudo fica como que velado na brancura da luz até ao fim da tarde. Então recomeça o espectaculo divino. O ar é tão limpido que de Galata se vêem distinctamente a uma e uma as arvores da ultima ponta de Kadi-Keui. Todo o immenso perfil de Stambul se destaca do céu com uma nitidez de linhas e um vigor de colorido taes, que se poderiam contar, ponta a ponta, os minaretes todos e todas as agulhas, todos os cyprestes que corôam as alturas desde o cabeço do Serralho até ao cemiterio de Eyub. O Corno Aureo e o Bosphoro tomam uma maravilhosa côr ultramarina, o céu, côr de amethysta no oriente, abraza-se por traz de Stambul, tingindo o horizonte com infinitas scintillações de rosas e carbunculos — que fazem pensar no primeiro dia da creação: Stambul escurece, doira-se Galata, e Scutari, ferida pelo sol poente, toda scintillante de vidraças, parece uma cidade que está sendo preza das chammas. É este o mais bello momento para contemplar Constantinopla. É uma rapida successão de matizes suavissimos, de oiro pallido, de côr de rosa e de lilaz, que tremem e fogem pelas encostas das collinas e pelas aguas, dando e tirando ora a uma parte da cidade ora a outra a primazia da belleza e revelando mil pequenas graças pudicas de paizagem que não ousavam mostrar-se em plena luz. Vêem-se grandes arrabaldes melancholicos, perdidos na sombra dos valles; pequenas cidades

purpureas, que riem nas alturas; aldeias e cidades que definham com languidez como se lhes faltasse a vida; outras que morrem de repente como incendios suffocados; outras que, já consideradas mortas, resuscitam de improviso, e ainda tripudiam por alguns instantes debaixo do ultimo raio de sol. Depois não ficam já senão dois pincaros resplandecentes na margem da Asia: o cume do monte Bulgurlú e a ponta do cabeço que guarda a entrada da Propontida; são primeiro duas corôas de oiro, depois dois barretinhos de purpura, depois dois rubis; depois Constantinopla toda se immerge na sombra, e dez mil vozes annunciam o pôr do sol do alto de dez mil minaretes.

*
* *

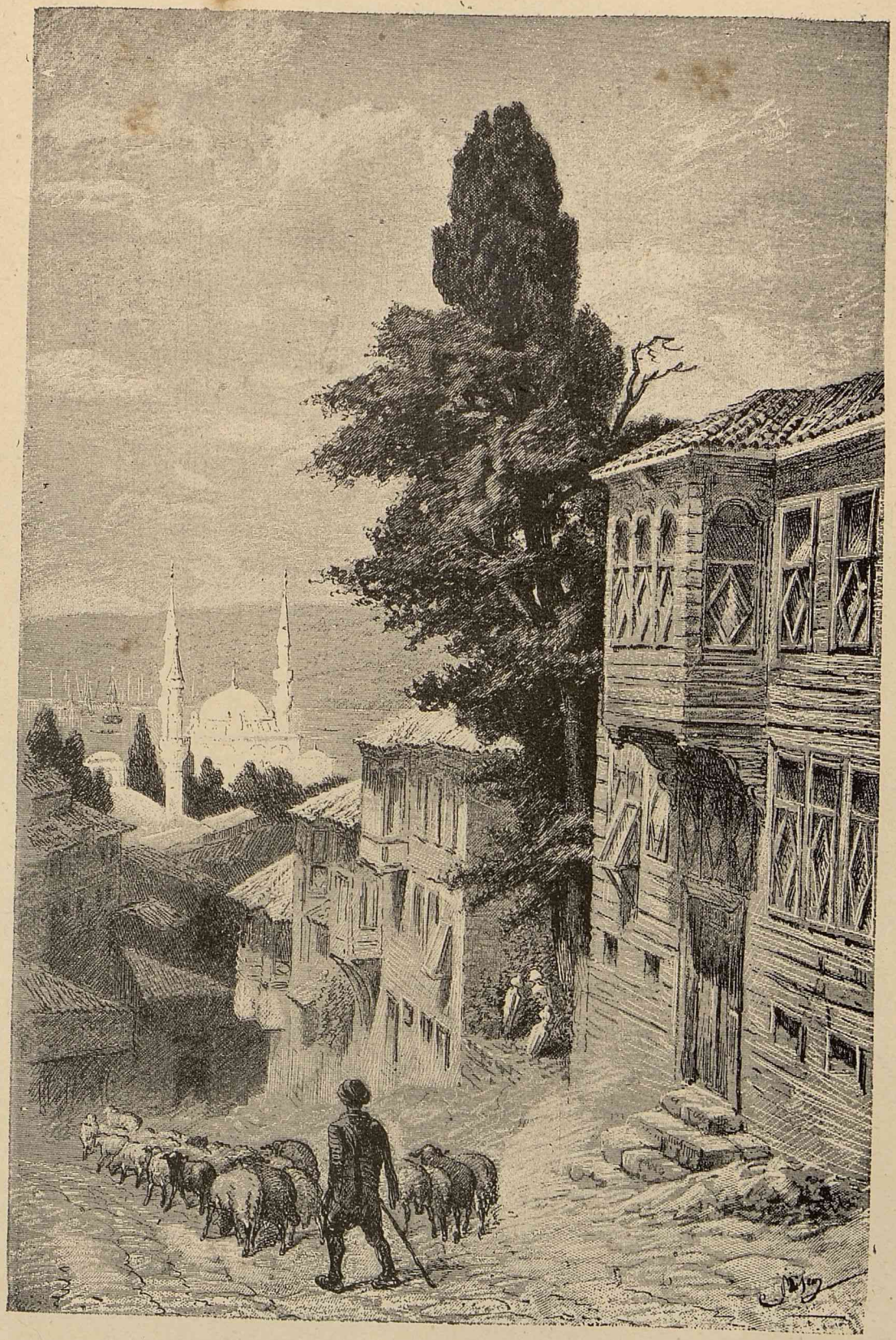
Constantinopla tem uma alegria e uma graça sua propria, que lhe vem de uma infinidade de passaros de toda a especie, pelos quaes nutrem os turcos um vivo sentimento de sympathia e de respeito. Mesquitas, bosques, velhos muros, jardins, tudo canta, tudo chilreia, tudo gorgeia, tudo pia; por toda a parte se sente um gorgolejar de agua, por toda a parte ha harmonia e vida. Os passaros entram atrevidamente nas casas e debicam na mão das mulheres; as andorinhas fazem os seus ninhos nas portas dos cafés e nas abobadas dos bazares; pombos, manteúdos com dadivas dos Sultões e dos particulares, formam grinaldas brancas e negras ao longo das cornijas das cupulas e em tôrno dos terraços dos minaretes, as rolas enamoradas arrulham entre os cyprestes dos cemiterios; em tôrno do castello das Sete Torres crocitam os corvos; os alcyones vão e vem em longas filas entre o mar Negro e o mar de Marmara, e as cegonhas conservam-se immoveis nas cupulasinhas dos mausoléus solitarios. Para o turco tem cada um d'estes passaros um sentido gentil, ou uma virtude benigna; as rolas protegem os amores, as andorinhas esconjuram os incendios das casas onde armam

o ninho, as cegonhas fazem todos os invernos uma peregrinação a Meca, os alcyones levam para o Paraiso as almas dos fieis. Assim elle protege-os e alimenta-os por gratidão e por devoção, e elles festejam-n'o em tôrno da



Bazar da baixella.

casa, no mar, e entre os sepulchros. Em Stambul, por toda a parte vôam por cima de nós, roçam-se por nós, cercam-nos os seus magotes sonoros, que espalham pela cidade a alegria do campo e refrescam na alma o sentimento da natureza.



Em Scutari

* * *

Em nenhuma outra cidade da Europa os bazares e os monumentos legendarios e historicos excitam tão vivamente a fantasia como em Stambul, pois que em nenhuma outra cidade recordam acontecimentos tão recentes e ao mesmo tempo tão fantasticos. N'outros sitios, para encontrar a poesia das recordações, é necessario tornar atraz com o pensamento uns poucos de seculos; em Stambul, basta retroceder poucos annos. A lenda, ou o que tem natureza e efficacia de lenda, é de hontem. Ha poucos annos que na praça do At-meidan se consummou a hecatombe fabulosa dos Janizaros; ha poucos annos que o mar de Marmara arrojou á praia dos jardins imperiaes os vinte sacos que encerravam as favoritas de Mustaphá; que no castello das Sete Torres foi degolada a familia de Brancovano; que dois turcos levavam pelo braço os embaixadores estrangeiros á presença do Grão-Senhor, de quem só apparecia meio rosto, illuminado por uma luz mysteriosa; e que dentro dos muros do antigo Serralho cessou aquella vida em que de modo tão estranho se entrelaçavam amores, horrores e loucuras, e que nos parece já tão remota. Girando por Stambul com estes pensamentos, experimenta-se quasi um sentimento de assombro ao vêr a cidade tão quieta, tão ridente de vegetação e de côres. Ah! perfida! — dir-se-hia, o que fizeste tu d'aquelles montes de cabeças e d'aquelles lagos de sangue? É possivel que tudo já esteja tão bem escondido, varrido e lavado, que já se lhe não encontre vestigio? No Bosphoro, em frente da torre de Leandro que surge das aguas como um monumento de amor, debaixo dos muros dos jardins do Serralho, vê-se ainda o plano inclinado por onde se faziam rolar para o mar as odaliscas infieis: no meio do At-meidan tem ainda a columna serpentina o signal da famosa cutilada de Mahomed o Conquistador, na ponte de Mahomet ainda se aponta o logar onde o fogoso sultão rasgou

com um fendente o temerario derviche que lhe arrojou á cara o anathema; na cisterna da antiga igreja de Balukli nadam ainda os peixes miraculosos que vaticinaram a queda da cidade dos Paleologos, debaixo das arvores das Aguas doces da Asia apontam-se ainda os recessos onde uma sultana dissoluta impunha aos favoritos de um instante um amor que acabava com a morte. Cada porta, cada torre, cada mesquita, cada praça, commenta um prodigio, uma matança, um amor, um mysterio, uma proeza de Padischah ou um capricho de sultana; tudo tem a sua lenda, e quasi por toda a parte os objectos visinhos, as vistas longinquas, o aroma das auras e o silencio concorrem para transportar a imaginação do estrangeiro, que se immerge n'essas recordações, para fóra do seu seculo, e da cidade de hoje e de si proprio, tanto que acontece muitas vezes em Stambul, sobresaltarmo-nos de improviso com a estranha idéa de ter de tornar para a estalagem. O que?—pensa a gente, é uma estalagem?

* * *

Nos primeiros dias, tendo como tinha frescas as leituras orientaes, via por toda a parte os personagens famosos das historias e das lendas, e as figuras, que m'as lembravam, pareciam-se ás vezes tão fielmente com as que eu phantasiára que estacava para as contemplar. Quant s vezes agarrei no meu amigo por um braço, e lhe disse, mostrando-lhe uma pessoa que passava:—É elle, com a bréca! não o reconheces?—No largo da Sultana Validé vi muitas vezes o turco gigante que deitava pedregulhos das muralhas de Nicéa sobre as cabeças dos soldados de Godofredo de Bulhão; vi diante de uma mesquita Umm Dgiemil, a velha megera que espalhava silvas e ortigas diante da casa de Mahomet; encontrei no bazar dos livreiros, com um livro debaixo do braço, Dgiemmal-eddin, o grande douto de Brus-

sa, que sabia de cór todo o diccionario arabe; passei ao lado de Aisché, a predilecta esposa do Propheta, que me cravou no rosto os seus olhos luzentes e humidos como a *estrella no poço;* reconheci no At-meidan a belleza famosa da pobre grega morta aos pés da columna serpentina por uma bala dos canhões de Orban; achei-me face a face, ao voltar de uma ruasinha do Phanar, com Kara-Abderhaman, o mais bello rapaz turco dos tempos de Orkhan; reconheci Coswa, a camella de Mahomet; encontrei *Karabulut,* o cavallo negro de Selim; vi o pobre poeta Fighani condemnado a percorrer as ruas de Stambul amarrado a um burro, por ter ferido com um distico insolente o grão-vizir Ibrahim; encontrei n'um café Solimão o gordo, o monstruoso almirante, que quatro escravos robustos mal conseguiam levantar do divan; Ali, o grão-vizir, que não achou em toda a Arabia um cavallo que o aguentasse; Mahmut Pachá, o hercules feroz que estrangulou o filho de Solimão; e o estupido Ahmed II que repetia continuamente: *Kosc! Kosc!* — vai bem! vai bem! — acocorado diante da porta do bazar dos copistas, proximo da praça de Bajazet. Todos os personagens das *Mil e uma noites,* os Aladinos, as Zobeidas, os Sindbad, as Gulnares, os velhos mercadores judeus possuidores dos tapetes encantados e das lampadas maravilhosas desfilaram diante de mim como uma procissão de phantasmas.

Bulgaro.

*
* *

O momento actual é verdadeiramente o melhor periodo de tempo para vêr a população de Constantinopla, porque no seculo passado era demasiadamente uniforme e provavelmente será demasiadamente uniforme no se

Exterior de café nos bairros do Corno Aureo.

culo futuro. Agora apanha-se aquelle povo no acto da sua transformação, e por isso apresenta uma variedade maravilhosa. O progresso dos reformadores, a resistencia dos velhos turcos, e as incertezas e as transacções da grande massa que ondeia entre aquelles dois extremos, todas as phases, em summa, da lucta entre a nova e a velha Turquia, são fielmente representadas pela variedade dos trajos. O velho turco inflexivel usa ainda o turbante, o caftan, e os sapatos tradiccionaes de marroquim amarello; e os que entre os velhos são mais obstinados um turbante mais volumoso. O turco reformado veste uma longa sobre-casaca preta abotoada até debaixo do queixo e as calças escuras com presilhas, não conservando de turco senão o fez. Entre estes porém os rapazes mais audaciosos já deitaram fóra a longa sobre-casaca preta, usam coletes abertos, calças claras, gravatas elegantes, *badines,* flores nas botoeiras. Entre aquelles e estes, entre quem usa caftan e quem usa sobre-casaca ha um abysmo; já não têem de commum senão o nome; são dois povos completamente diversos. O turco do turbante ainda crê firmemente na ponte Sirath, que passa por cima do inferno, mais fina do que um cabello, mais afiada do que uma cimitarra; faz as suas abluções ás horas devidas, e vae para casa ao pôr do sol. O turco de sobre-casaca ri-se do Propheta, faz-se photographar, falla francez e passa a noite no theatro. Entre uns e outros estão depois os titubeantes, alguns dos quaes ainda usam turbante, mas pequenissimo, de fórma que poderão inaugurar o fez sem escandalo; outros ainda usam caftan, mas já inauguraram o fez; outros ainda se vestem á antiga, mas já não têem nem cinto, nem chinellas, nem côres vistosas; e a pouco e pouco irão deitando fóra o resto. Só as mulheres conservam todas o seu antigo véu e o manto que esconde as fórmas; mas o véu tornou-se transparente, e deixa entrevêr um chapelinho de plumas, e o manto cobre frequentemente um vestido cortado pelo figurino de Paris. Todos os annos cáem milhares de caftans e surgem milhares de sobre-casacas; todos os dias morre um velho turco e nasce um turco reformado.

O jornal succede ao *tespi,* o charuto ao chibuk, o vinho á agua tempe-

rada com qualquer ingrediente, a carruagem ao arabá, a grammatica franceza á grammatica arabe, o piano ao *timbur,* a casa de pedra á casa de madeira. Tudo se altera, tudo se transforma. Talvez antes de um seculo seja necessario andar á procura dos restos da velha Turquia no fundo das mais longinquas provincias da Asia Menor, como se vão procurar os da velha Hespanha nas aldeias mais remotas da Andaluzia.

* * *

Salteava-me este pensamento muitas vezes, ao contemplar Constantinopla da ponte da Sultana Validé. O que será esta cidade d'aqui a dois ou tres seculos, ainda que os turcos não tenham sido expulsos da Europa? Ai de mim! Estará já consummado o grande holocausto da belleza á civilisação! Vejo essa Constantinopla futura, essa Londres do Oriente levantando a sua magestade ameaçadora e triste sobre as ruinas da mais ridente cidade da terra. Estarão aplanadas as collinas, arrazados os bosques, destruidas as casitas multicores, cortado o horizonte por toda a parte pelas longas linhas rigidas dos palacios, das casas dos operarios e das officinas no meio das quaes se erguerá uma myriade de chaminés altissimas de fabricas, e de tectos pyramidaes de campanilos; longas ruas direitas e uniformes dividirão Stambul em dez mil parallelipipedos enormes; os fios do telegrapho cruzar-se-hão como uma immensa teia de aranha sobre os tectos da cidade rumorosa; na ponte da Sultana Validé não se verá senão uma torrente negra de chapéus altos e de barretes; a collina mysteriosa do Serralho será um jardim zoologico, o Castello das Sete Torres uma penitenciaria, o Ebdomon um museu de historia natural; tudo será solido, geometrico, util, pardacento, sombrio, e uma immensa nuvem escura velará perpetuamente o bello céu da Thracia a que não subirão já nem preces ardentes

nem olhares enamorados, nem cantos de poetas. Quando esta imagem se me apresentava sentia devéras confranger-se-me o coração, mas depois consolava-me pensando: Quem sabe se alguma esposa italiana de seculo XXI, vindo aqui fazer a sua viagem de noiva, não exclamará alguma vez: — Que pena! que pena não ser Constantinopla já como a descreve aquelle velho livro italiano, carunchoso, do anno de oitocentos e tantos, que eu encontrei no fundo do armario da avó!

Distribuidor de comida aos cães.

* * *

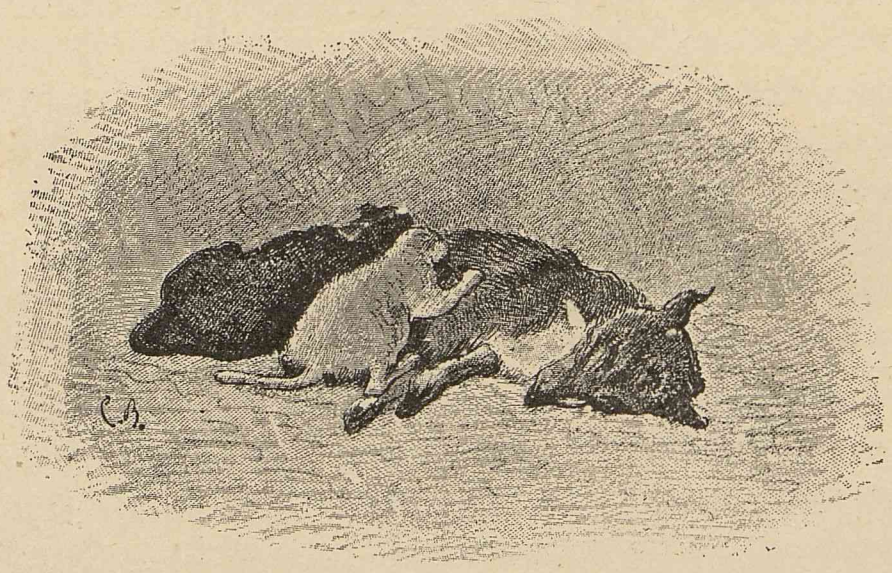
E então terá desapparecido tambem de Constantinopla uma das suas particularidades mais curiosas que são os cães. Aqui quero eu devéras deixar correr a penna porque o assumpto merece-o. Constantinopla é um immenso canil; todos o observam assim que chegam. Os cães constituem uma segunda população da cidade, menos numerosa, mas não menos estranha do que a primeira. Sabem todos quanto os turcos os amam e os protegem. Não pude saber se o fazem pelo sentimento de caridade que o Koran recommenda até para com os animaes; ou porque supponham que elles trazem a fortuna, como uns certos passaros, ou porque os amava o Propheta, ou porque fallam d'elles as suas historias sagradas, ou porque, como outros dizem, Mahomet o Conquistador trazia atraz de si um denso estado-maior canino, que entrou triumphante com elle pela brecha da porta de S. Romão. O que é certo é que os têem muito no coração, que muitos turcos deixam em testamento quantias importantes para alimentação dos

Os cães na rua.

cães, que, quando o Sultão Abdul-Medjid os mandou transportar todos para a ilha de Marmara, o povo murmurou, e, quando voltaram, foram recebidos com festejos, e o governo, para não provocar maus humores, os deixou em paz para sempre. Mas, como o cão, segundo o Alcorão, é um animal immundo e qualquer turco, que lhe désse hospedagem, imaginaria contaminar a casa, por isso nenhum dos innumeros cães de Constantinopla tem dono. Formam todos juntos uma grande republica de vadios completamente livres, sem nome, sem officio, sem casa, sem leis. Fazem tudo na rua; ali arranjam um coio escavando o chão, ali dormem, ali comem, ali se escondem, ali dão de mamar aos pequeninos e ali morrem; e ninguem, pelo menos em Stambul, os perturba por mais ao de leve que seja, nas suas occupações e no seu descanço. São donos da rua. Nas nossas cidades é o cão que se affasta para deixar passar os cavallos e a gente. Ali é a gente, são os cavallos, os camellos, os burros que dão até uma grande volta para não incommodarem os cães. Nos sitios mais frequentados de Stambul, quatro ou cinco cães a dormirem muito bem enroscados no meio da rua fazem com que gire em tôrno d'elles durante meio dia toda a população de um bairro. E o mesmo acontece em Pera e em Galata, ainda que n'estes dois bairros não é por motivo de respeito que os deixam em paz, mas porque são tantos que quem quizesse enxotal-os para se lhe não embrulharem nas pernas, precisava de não fazer outra coisa senão atirar pedradas e dar bengaladas desde o momento em que sáe de casa até ao momento em que volta para casa. A muito custo se desaccomodam quando, nas ruas planas, vêem vir sobre elles uma carruagem puxada a quatro que segue como o vento e não tem tempo de se desviar. Então levantam-se, mas só no ultimo momento, quando têem as patas dos cavallos a um fio da cabeça, transportam vagarosamente a sua preguiça para uma distancia de quatro dedos; o que é estrictamente necessario para lhes salvar a vida. A preguiça é a feição caracteristica dos cães de Constantinopla. Acuchilam-se no meio das ruas, aos quatro, aos cinco, aos seis, aos dez em fileira ou em circulo, enroscados de fórma que não parecem animaes, parecem montes de esterco, e ali dormem dias inteiros, en-

tre um movimento e um estrepito ensurdecedor, e não ha nem agua nem sol, nem frio que os sacuda. Quando neva, deixam-se estar debaixo da neve; quando chove, ficam enterrados na lama até á cabeça, tanto que depois, ao levantarem-se, parecem cães esboçados em greda, e não se lhes vê já nem olhos, nem orelhas, nem focinho. Em Pera e em Galata, porém, são menos indolentes do que em Stambul, porque ali acham menos facilmente de comer. Em Stambul estão em casa de hospedes, em Pera e em Galata, comem *á la carte*. São as vassouras vivas das ruas; o que os porcos regeitam, comem-n'o elles e consideram-n'o bom piteu. Comem tudo menos pedras, e apenas têem no bucho o bastante para não morrerem de fome, tornam a estatelar-se no meio do chão, e tornam a adormecer até que a fome os acorde. Dormem quasi sempre no mesmo sitio. A população canina de Constantinopla está dividida por bairros como a população humana. Cada bairro, cada rua é habitada, ou antes é possuida por um certo numero de cães, parentes e amigos, que se não affastam nunca, e não deixam lá entrar estranhos. Exercem uma especie de serviço de policia. Têem as suas casas de guarda, os seus *postos avançados,* as suas sentinellas, fazem rondas e reconhecimentos. Desgraçado do cão de outro bairro, que pungido pela fome, se arrisca a penetrar nas possessões dos seus visinhos. Cáe-lhe em cima um tropel de canzarrões endemoninhados, e se o apanha dá cabo d'elle; se não consegue apanhal-o, persegue-o raivosamente até aos limites do bairro. Só até aos limites e não mais adiante; o paiz inimigo é quasi sempre respeitado e temido. A cada instante se vê uma turba de cães a bater-se furiosamente n'um grupo intrincado e confuso, e desapparecer n'uma nuvem de pó soltando uivos, e ladridos e ganidos que são de esfarrapar os ouvidos a um surdo; depois a turba dispersa-se, e atravez da poeirada vêem-se estendidas no chão as victimas da peleja. Amores, ciumes, duellos, pernas quebradas, e orelhas rasgadas, sangue em jorros, tudo é obra de um momento. Ás vezes juntam-se tantos e fazem taes tropelias diante de uma loja que o lojista e os caixeiros são obrigados a armarem-se de trancas e de moxos, e a fazerem uma sortida militar com to-

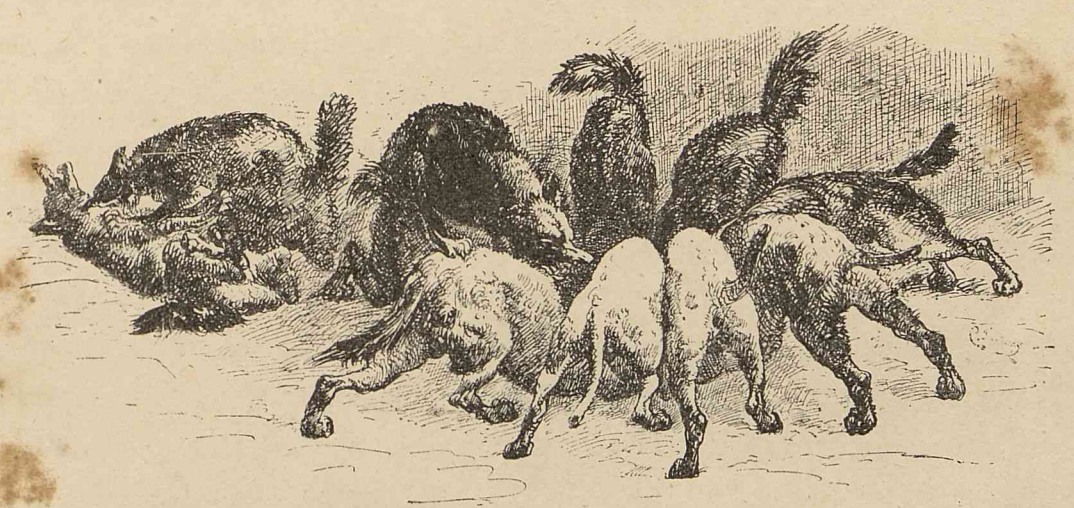
das as regras para desimpedirem a rua. E então ouvem-se resoar as pancadas e os pontapés nas cabeças, nas costellas e nas barrigas, e um ulular que é de virem abaixo céus e terra. Em Pera e em Galata especialmente aquelles pobres animaes são tão mal tratados e estão tão habituados a apanhar uma sova assim que vêem uma bengala, que basta sentirem bater na calçada uma sombrinha ou uma bengalinha para deitarem a fugir ou para se prepararem para isso; e até quando parece que dormem, têem quasi sempre um olho meio fechado, um pontosinho imperceptivel de pupilla



A cadella e os filhos.

com que seguem attentissimamente, ainda que seja por um quarto de hora a fio, e seja a que distancia fôr, todos os movimentos ainda os mais ligeiros de qualquer objecto que pareça uma bengala. E estão tão pouco habituados a tratamentos humanos que basta affagar um de passagem, para que venham logo dez saltando, dando ao rabo, ganindo, a acompanhar o protector generoso até ao fim da rua com os olhos scintillantes de alegria e de gratidão. A situação de um cão em Pera ou em Galata é peior, basta dizer isto, do que a de uma aranha na Hollanda, que é o ente mais perseguido de todo o reino animal. Quem os vê não pode deixar de acreditar que ha-

verá para elles uma compensação depois da morte. Tambem elles, como tudo o mais em Constantinopla, me despertavam uma reminiscencia historica, mas era uma amarga ironia; eram os cães das caças famosas de Bajazet, que corriam pelas florestas imperiaes do Olympo com as gualdrapas de purpura e as colleiras de perolas. Que diversidade de condição social! A infelicidade da sorte dos actuaes provem ainda em parte da sua fealdade. São quasi todos da raça dos mastins ou dos cães de fila, e têem um pouco de lobo, e de raposa, ou antes não têem nada de coisa nenhuma; são horriveis productos de cruzamentos fortuitos, mosqueados de côres es-



A comida dos cães.

tranhas, da grandeza dos que se chamam cães de carniceiros, e tão magros que se lhes podem contar as costellas a vinte passos. Depois a maior parte, além da magreza, são reduzidos pelas refregas a tal estado que, se os não vissemos andar, podiamos tomal-os por carcassas de cães trucidados. Vêem-se com o rabo decepado, as orelhas mutiladas, o dorso pellado, o pescoço esfolado, um olho vasado, coxos de ambas as pernas, cobertos de mataduras, devorados pelas moscas; reduzidos aos ultimos termos a que se póde reduzir um cão vivo; verdadeiras reliquias da fome, da guerra e da Venus vaga. O rabo póde-se dizer que é um membro de luxo; é raro o

cão de Constantinopla que o conserva inteiro por mais de dois mezes de vida publica. Pobres animaes! metteriam compaixão a um coração de pedra. E comtudo vêem-se ás vezes tosquiados até meio corpo de um modo tão estranho, vêem-se caminhar bamboleando-se de um modo tão malgeitoso e tão grotesco que se não póde suster o riso. Mas o seu peior flagello não é nem a fome, nem a guerra, nem a bordoada, é um uso cruel introduzido ha tempos a esta parte em Galata e em Pera. Muitas vezes de noite os pacificos perotas são acordados nas suas camas por um alarido dos demonios; e chegando ás janellas vêem lá em baixo na rua uma dança tremenda de cães que dão pulos altissimos, e cabriolas furiosas e cabeçadas tremendas nos muros, e ao romper da manhã está a rua juncada de cadaveres. É o medico ou o boticario do bairro, que, tendo o costume de estudar á noite, e não querendo sêr perturbados pela canzoada, arranjaram uma semana de silencio com uma distribuição de bolos. Estas e outras razões fazem com que o numero dos cães diminua continuamente em Pera e em Galata; mas para que serve? Entretanto em Stambul crescem e multiplicam-se, até que, não achando já alimento na cidade turca, emigram a pouco e pouco para a outra margem e preenchem na familia exterminada todas as vagas feitas pelas batalhas, a escassez dos alimentos e o veneno.

*
* *

Mas ha outros entes em Constantinopla que mettem mais compaixão do que os cães. São os ennuchos, os quaes, tendo-se introduzido na sociedade turca apezar dos preceitos formaes do Alcorão que condemnam esta infame degradação da natureza, ainda subsistem, apezar da lei recente que prohibe esse trafico, porque é mais forte do que a lei a scelerada avidez do oiro que faz commetter o delicto e o egoismo desapiedado que o aproveita.

Encontram-se estes desgraçados a cada passo na historia. No fundo de todos os quadros da historia da Turquia campeia uma d'estas figuras sinistras com os fios de uma conjuração nas mãos; coberto de oiro, ou manchado de sangue, victima ou favorito ou algoz, abertamente ou occultamente formidavel, hirto como um espectro á sombra do throno, ou abeirado á fechadura de uma porta mysteriosa. Assim por Constantinopla, no meio da multidão azafamada dos bazares, entre a multidão alegre das Aguas doces, entre as columnas das mesquitas, ao lado das carruagens, nos vapores, nos cahiques, em todas as festas, em todas as multidões, se vê esta larva de homem, esta figura dolorosa que põe com a sua personalidade uma lugubre mancha em todos os aspectos ridentes da vida oriental. Minguando a importancia da côrte, mingúa a sua importancia politica; affrouxando o ciume oriental, diminue a sua importancia nas casas particulares; por isso téem decahido muito as vantagens do seu estado; já não acham senão difficilmente na riqueza e no dominio uma compensação para a sua desventura; já se não encontram os Ghaznefer Agás, que consintam n'uma mutilação para serem chefes dos ennuchos brancos; agora todos são certamente victimas e victimas sem confortos; comprados, ou roubados em creanças na Abyssinia ou na Syria, sobrevivendo um terço ao infame cutello, e vendidos com opprobrio da lei e com uma hypocrisia de segredo que é mais odiosa do que um franco mercado. Não é preciso pedir que nol-os indiquem, logo os reconhecemos pelo aspecto. São quasi todos de alta estatura, gordos, de carnes molles, de rosto imberbe e engelhado, tronco curto, pernas e braços compridos. Usam fez, uma comprida sobre-casaca escura, calças á européa, e um azorrague de coiro de hippopotamo que é a insignia do seu emprego. Caminham a largos passos, mollemente, como umas creanças grandes. Acompanham as senhoras a pé ou a cavallo, adiante ou atraz das carruagens, ás vezes um só, outras vezes dois, e deitam sempre em tôrno de si um olhar vigilante, que ao mais insignificante olhar ou gesto irreverente, toma uma expressão de raiva ferina que mette medo e causa arripios. Fora estes casos, o seu rosto ou não diz absolutamente nada, ou

exprime um tedio infinito por tudo. Não me recordo de ter visto rir nenhum. Ha-os muito novos que parecem ter cincoenta annos; velhos que parecem adolescentes envelhecidos n'um dia; ha-os toucinhentos, redondos, luzidios, que parecem inchados ou engordados de proposito como animaes da raça suina; todos vestidos de panno fino, polidos e perfumados como uns tafues adamados e vaidosos. Ha homens sem coração que, passando ao lado d'aquelles infelizes, olham para elles e riem-se. Suppõem esses talvez que, sendo elles assim desde a infancia, não comprehendem a sua desventura. Sabe-se pelo contrario que a comprehendem e a sentem, mas ainda que se não soubesse, como se poderia duvidar d'esse facto? Não pertencer a sexo algum, ser apenas a amostra de um homem, viver entre os homens e saber que se está separado d'elles por um abysmo; sentir em tôrno de si a vida a arquejar como um oceano, e ter de ficar no meio, immovel e solitario como um escolho; sentir todos os pensamentos e todos os sentimentos estrangulados por um circulo de ferro que nenhuma virtude humana poderá nunca despedaçar, ter perpetuamente diante de si uma imagem da felicidade a que tudo tende, em tôrno da qual tudo gira, com que tudo se tinge e se illumina, e sentir-se a uma distancia desmedida d'essa imagem, na escuridão, n'um vacuo immenso e frio como uma creatura maldita de Deus: ser ainda por cima o guarda d'essa felicidade, a barreira que o homem cioso põe entre os seus prazeres e o mundo, a tranca com que segura a sua porta, o trapo com que cobre o seu thesouro; e ter de viver entre os perfumes, no meio das seducções, da juventude e da belleza, dos tripudios, com a vergonha na fronte, com a raiva na alma, des-

Eunuco.

No campo.

prezados, escarnecidos, sem nome, sem familia, sem mãe, sem uma recordação affectuosa, segregados da humanidade e da natureza, ah! deve ser um tormento que a mente humana não póde comprehender, como o de viver com um punhal cravado no coração. E esta infamia ainda hoje se supporta, estes desgraçados passeiam pelas ruas de uma cidade da Europa, vivem no meio dos homens, e não urram, não mordem, não matam, não escarram na cara da humanidade covarde que olha para elles sem corar e sem chorar, e faz associações internacionaes para a protecção dos gatos e dos cães! A sua vida não é senão um supplicio continuo Quando as mulheres não os encontram condescendentes como as suas intrigas, odeiam-n'os como carcereiros e como espiões, e torturam-n'os com uma *coquetterie* cruel, fazendo d'elles uns insensatos ou uns furiosos, como o pobre eunucho das *Cartas persanas* quando mettia no banho a sua senhora. Tudo é sarcasmo para elles; usam nomes de perfumes e de flores, em allusão ás mulheres de quem são guardas; são *possuidores de jacynthos, guardas de lyrios,* carcereiros de *rosas e de violetas.* E ás vezes amam esses amaldiçoados por Deus! porque n'elles o que se extingue das paixões são os effeitos e não as causas, e têem ciumes, e ralam-se, choram lagrimas de sangue; e ás vezes, quando um olhar protervo se crava no rosto da sua dama, e elles reparam que é correspondido, perdem a razão e batem. No tempo da guerra da Criméa um eunucho deu uma chicotada na cara a um official francez, e este rachou-lhe o craneo com uma cutilada. Quem poderá dizer o que elles soffrem, como os afflige a belleza, como os endoida uma caricia, como os dilacera um sorriso, e quantas vezes, quando chega aos seus ouvidos o som de um beijo, afferra a sua mão o cabo do punhal! Não admira que no immenso vacuo do seu coração não medrem a maior parte das vezes senão as paixões frias do odio, da vingança e da ambição; que cresçam, azedos, mordazes, mexeriqueiros, pusillanimes, ferozes; que sejam ou bestialmente devotados ou astutissimamente traidores, e que, quando são poderosos, procurem vingar-se no homem da affronta que n'elles fez á natureza. Mas por muito que isso os entristeça, sentem sempre no co-

ração a necessidade prepotente da mulher, e já que a não podem ter como amante, procuram-n'a como amiga; casam com mulheres já gravidas, como Sunbullú, o eunucho-mór de Ibrahim I, para terem uma creança a amar; arranjam um harem de virgens, como o eunucho-mór de Ahmed II, para terem ao menos o espectaculo da belleza e da graça, uma illusão de amor; adoptam alguma pequenina para terem um seio de mulher onde recostem a cabeça quando fôrem velhos, para não morrerem sem saberem o que é uma caricia, para ouvirem nos seus ultimos annos uma voz amorosa depois de terem ouvido toda a vida o riso da ironia e do desprezo; e não são raros aquelles que, tendo enriquecido na côrte ou nas grandes casas, onde exercem ao mesmo tempo o officio de chefes dos eunuchos e de intendentes, compram, quando envelhecem, uma bella quinta com a sua casa de campo á beira do Bosphoro, e ali procuram esquecer, adormecer o sentimento da propria desventura na alegria das festas e dos convites. Entre as muitas coisas que d'estes infelizes me foram contadas, uma me ficou viva mais do que todas as outras na memoria, e foi um joven medico de Pera que m'a contou, refutando os argumentos de quem suppõe que os eunuchos não padecem: — Uma noite — disse-me elle — sahia eu de casa de um rico musulmano, aonde fôra visitar pela terceira vez uma das suas quatro mulheres doente do coração. Ao sahir como ao entrar acompanhava me um eunucho gritando: — Mulheres, retirai-vos — para avisar senhoras e escravas de que estava um homem no harem e de que não deviam deixar-se vêr. Quando cheguei ao pateo, o eunucho deixou-me e eu dirigi-me sósinho para a porta. No momento em que a ia abrir, senti que me tocavam no braço, e voltando-me vi diante de mim, assim entre o claro e o escuro, outro eunucho, um rapazote de dezoito ou vinte annos, de aspecto sympathico, que olhava fito para mim com os olhos humidos de lagrimas. Perguntei-lhe o que queria. Titubeou um momento antes de responder, depois agarrou com ambas as mãos n'uma das minhas, apertou-m'a convulsamente e disse-me com voz tremula em que se sentia uma dôr desesperada: — Doutor! tu que conheces remedio para todos os males, não conhe-

ces algum para o meu? — Não sei dizer o que produziram em mim estas simples palavras; quiz responder, faltou-me a voz, e, não sabendo o que havia de fazer nem o que havia de dizer, abri bruscamente a porta e fugi. Mas, toda aquella noite e muitos dias depois, me pareceu vêr aquelle rapaz e ouvir aquellas palavras, e mais de uma vez tive de me forçar para não chorar de compaixão. — Ó philanthropos, publicistas, ministros, embaixadores, e vós, senhores deputados do Parlamento de Stambul e senadores da meia-lua, levantai um grito em nome de Deus, para que esta sanguinosa ignominia, esta horrenda mancha da honra humana, não seja no vigessimo seculo senão uma memoria dolorosa como as carnificinas da Bulgaria.

*
* *

Ainda que eu soubesse, antes de chegar a Constantinopla, que já não encontraria nem vestigio do esplendido exercito dos bellos tempos antigos, comtudo, apenas cheguei, procurei com vivissima curiosidade os soldados, a minha perpetua sympathia. Mas o que é certo é que achei a realidade muito peior do que esperava. Em logar das antigas vestes amplas, pittorescas e guerreiras, achei os uniformes negros, e enfeitados, as calças vermelhas, as jaquetas apertadas, os galões de continuo, as cintas de collegial, e em todas as cabeças, desde a do Sultão até á do soldado, aquelle deploravel fez, que, além de ser mesquinho e pueril, especialmente no cocuruto da cabeça dos musulmanos corpulentos, é causa de infinitas ophtalmias e hemicranias. O exercito turco já não tem a belleza de um exercito turco, e ainda não tem a belleza de um exercito europeu; os soldados pareceram-me tristes, enjoados e sujos; serão valorosos, mas não são sympathicos. E quanto á sua educação, basta-me dizer o seguinte: que vi sargentos e officiaes assoar-se com os dedos no meio da rua; que vi um soldado de sentinella á ponte, onde é prohibido fumar, tirar o charuto da bôcca a um vice-

consul; e que na mesquita dos derviches girantes da rua de Pera, estando eu presente, outro soldado, para fazer comprehender a tres senhoras européas que tinham de tirar os chapéus, arrancou-lh'os todos tres com um safanão. E soube que quem levantasse a voz em casos d'estes, o menos que lhe poderia succeder era ser agarrado como um saco de trapagem, e levado em peso á casa da guarda. Motivo pelo qual, todo o tempo que estive

Cozinha na praça.

em Constantinopla, sempre mostrei profundo respeito pelos soldados. E, por outro lado, deixei de me espantar com as suas maneiras, depois de ter visto com os meus olhos o que é essa gente antes de vestir o uniforme. Vi um dia passar por uma rua de Scutari um cento de recrutas que vinham provavelmente do interior da Asia Menor. Fizeram-me compaixão e tedio. Pareceu-me vêr aquelles terriveis bandidos de Hassan o doido, que atravessaram Constantinopla no fim do seculo decimo-sexto para irem morrer

debaixo da metralha austriaca na planura de Pesth. Vejo ainda esses rostos sinistros, essas longas madeixas de cabello, esses corpos semi-nús e picados de arabescos, esses ornamentos selvagens, e sinto ainda o fartum de jaula de feras que elles deixaram na rua. Quando chegaram as primeiras noticias das matanças da Bulgaria, pensei logo n'elles. — Devem ser os meus amigos de Scutari — disse eu de mim para mim. E são comtudo a unica imagem pittoresca que me ficou dos soldados musulmanos. Bellos exercitos de Bajazet, de Soliman, de Mahomet, quem vos podesse tornar a vêr por um minuto, do alto dos muros de Stambul, formados na planura de Daud-Pachá! De cada vez que passava por diante da porta triumphal de Adrianopolis, surgiam-me na mente aquelles bellos exercitos como uma visão luminosa, e parava a contemplar a porta, como se de um momento para outro, devesse apparecer o pachá quartel-mestre, arauto das hostes imperiaes.

Moço armenio.

O pachá quartel-mestre, de facto, caminhava á frente do exercito, com duas caudas de cavallo, insignia da sua dignidade. Atraz d'elle, via-se ao longe um vivissimo lampejo. Eram oito mil colheres de estanho espetadas

nos turbantes de oito mil Janizaros, no meio dos quaes ondeavam as pennas de airão e scintillavam as armaduras dos coroneis, seguidos por um enxame de servos carregados de armas e de vitualhas. Atraz dos janisaros vinha um pequeno exercito de voluntarios e de pagens, com as vestes de seda, com os corpos de malha de ferro, com os elmos scintillantes, acompanhados por uma banda de musica; atraz dos pagens, os artilheiros, com os canhões amarrados por uma cadeia de ferro; e depois outro pequeno exercito de agás, de pagens, de camanitas, de soldados feudatarios, montados, cavallos couraçados e emplumados. E isto não era senão a vanguarda. Sobre as columnas cerradas tremulavam estandartes de mil côres, ondeavam caudas de cavallo, embatiam-se lanças, espadas, arcos, aljavas, arcabuzes, no meio dos quaes se viam apenas os rostos ennegrecidos pelo sol das guerras de Candia e da Persia; e os sons desafinados dos tambores, das flautas, das cornetas, e dos timbales, a voz dos cantores que acompanhavam os janisaros, o tintinar das armaduras, o estrepito das cadeias, os gritos de Allah, confundiam-se n'uma algazarra festiva e terrivel que do campo de Daud-Pachá se espalhava até á outra margem do Corno Aureo.

Oh! pintores e poetas que estudastes amorosamente esse bello mundo oriental, desvanecido para sempre ajudai-me a fazer sahir inteiro do velho muro de Stambul o fabuloso exercito de Mahomet III!

Já passou a vanguarda: avança outro luzimento. É o Sultão? Não, o Nume não sahio talvez ainda do templo. É apenas o cortejo do vizir favorito. São quarenta agás vestidos de martha zibellina, montados em quarenta cavallos com xaireis de veludo e freios de prata, atraz dos quaes vem uma multidão de pagens e de palafreneiros pomposos, que conduzem á mão outros quarenta corceis couraçados de oiro, carregados de escudos, de clavas, e de cimitarras.

Segue-se outro cortejo. Não é ainda o Sultão. São os membros da Chancellaria do Estado, os grandes dignatarios do Serralho, o thesoureiro-mór, acompanhados por uma bando de tocadores, e por um enxame de voluntarios com os barretes purpureos, ornados de azas de passaros, vestidos de

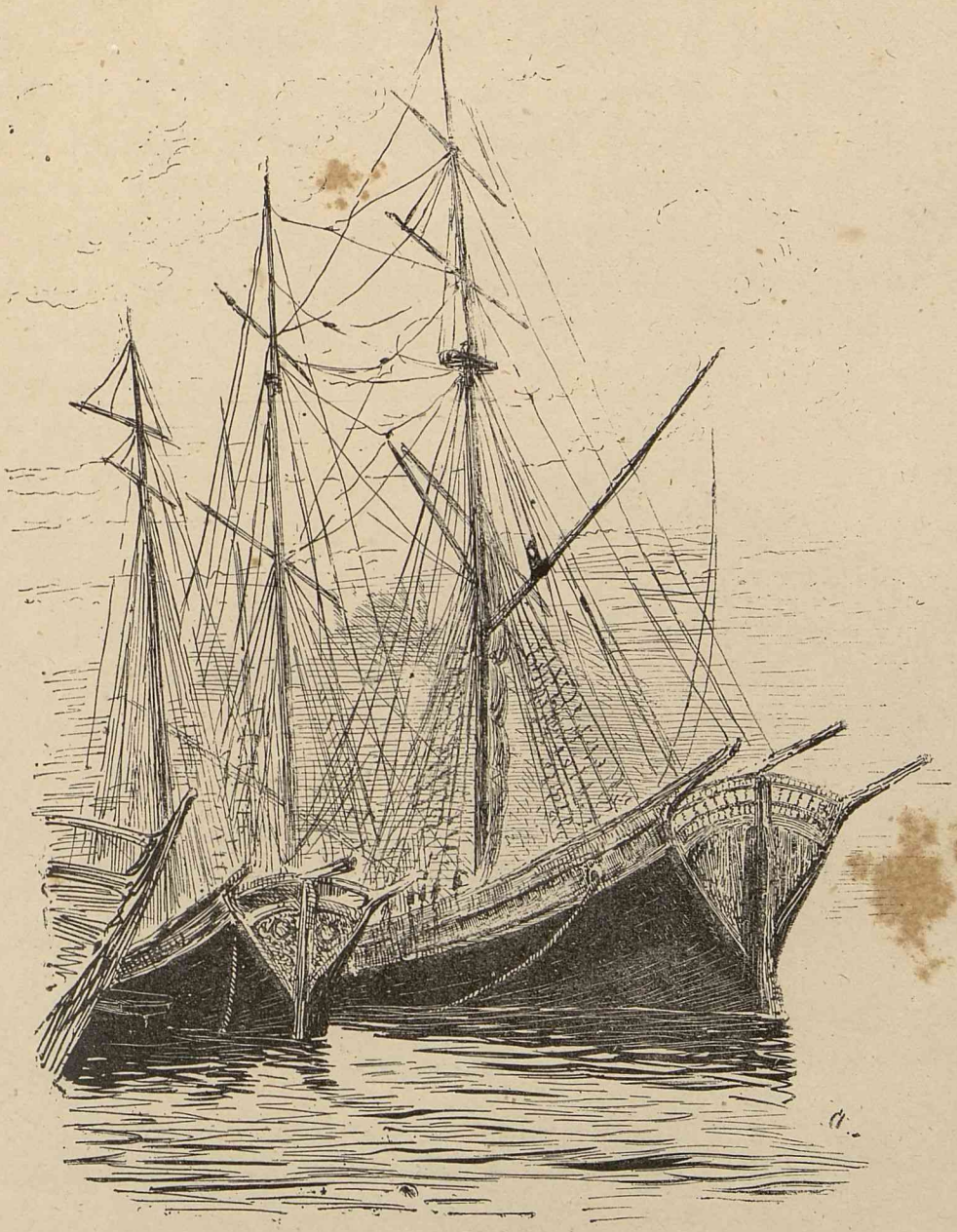
pelliças, de taffetá encarnado, de pelles de leopardo, de kolpaks hungaros, e armados com longas lanças envoltas em seda, e engrinaldadas de flores.

Sahe outra onda de cavallos fulgurantes da porta de Adrianopolis. Ainda não é o Sultão. É o cortejo do grão-vizir.

Outra multidão desemboca para fóra dos muros. Não é ainda o Sultão. É uma chusma de empregados, vestidos com trajos esplendidos, que fazem cortejo aos jurisconsultos, aos mollaha, aos muderrís, atraz dos quaes vem o caçador-mór das caçadas, um falcão e gavião de altaneria, seguido por uma fila de cavalleiros que levam na sella os leopardos amestrados para a caça, e de uma procissão de falcoeiros, de escudeiros, de esquartejadores, de guardas de furões, de troços de trombeteiros, e de matilhas de cães com as suas gualdrapas e joias.

Outra multidão comparece. Os espectadores apinhados prostram-se: é o Sultão! Não é ainda o Sultão: não é a cabeça, mas sim o coração do exercito; o lar onde se accende a coragem e a ira sagrada, a arca santa, o carro militar dos musulmanos, em tôrno do qual se levantarão montes de cadaveres e correrão torrentes de sangue; a bandeira verde do Propheta, a signa das signas, tirada da mesquita do Sultão Ahmed, que tremúla no meio de uma turba feroz de derviches cobertos de pelles de urso e de leão, no meio de uma corôa de scheicks prégadores, de aspecto inspirado, envoltos em capas de lã de camello; entre duas hostes de emires descendentes de Mahomet, coroados de turbantes verdes, que levantam todos juntos um clamor ameaçador e sinistro de vivas, de rugidos, de preces e de cantos.

Sahe outra onda de homens e de cavallos. Não é ainda o Sultão. É um tropel de *sciaús,* que brandem os seus bastões prateados para abrirem caminho ao juiz de Constantinopla e ao grão-juiz da Asia e da Europa, cujos turbantes enormes estadeiam por cima da multidão; são o vizir favorito e o vizir caimacan com os turbantes estrellejados de prata e agaloados de oiro; são todos os vizires do divan diante dos quaes ondeiam as caudas de cavallo tingidas de henné, suspensas do cimo de lanças vermelhas e azues; e emfim os juizes do exercito e uma cauda interminavel de servos vestidos



Barco turco

de pelles de leopardo, e armados de estoques, e pagens e armigeros e vivandeiras.

Outro deslumbramento de côres e de esplendores annuncía outro corte-

No Corno Aureo.

jo: é o Sultão finalmente. Não é ainda o Sultão. É o grão-vizir, vestido com um caftan purpureo debruádo de pelle de zibellina; montado n'um cavallo coberto de aço e de oiro, seguido por um enxame de servos vestidos de veludo vermelho, cercado por uma multidão de altos dignatarios e de tenentes-generaes dos janizaros, entre os quaes alveja o mufti como um cysne no meio de um bando de pavões; e atraz d'esses, entre dois esquadrões de lanceiros com gabões doirados, entre duas filas de archeiros com pennachos de meia lua, os palafreneiros faustosos do serralho que conduzem á mão um rebanho de cavallos arabes, turcomanos, persas, caramanianos, com sellas de veludo, borlas de canutilho, freios doirados, estribos adamascados, carregados de escudos e de armas scintillantes de rubis e de esmeraldas; e emfim dois camellos carregados, um dos quaes leva o Koran e o outro uma reliquia da Kaaba.

Passado o cortejo do grão-vizir, rompe uma musica fragorosa de trombetas e de tambores, os espectadores fogem, troveja o canhão, irrompe para fóra da porta fazendo redemoinho com as cimitarras um esquadrão de batedores, e apparece no meio de uma selva densa de lanças, de pennachos e de espadas, entre um fulgor deslumbrante de capacetes de oiro e de prata, debaixo de uma nuvem de estandartes de setim, o Sultão dos Sultões, o rei dos reis, o distribuidor das corôas pelos principes do mundo, a sombra de Deus na terra, o inspirador e senhor soberano do mar Branco e do mar Negro, da Romelia e da Anatolia, da provincia de Sulkadr, do Diarbekir, do Kurdistan, do Aderbidjan, do Hadgiem, do Sciam, do Haleb, do Egypto, de Meca, de Medina, de Jerusalem, de todos os paizes da Arabia e do Yemem e de todas as outras provincias conquistadas pelos seus gloriosos predecessores ou antepassados ou submettidas á sua gloriosa magestade pela sua espada flammejante e triumphadora. O cortejo solemne e tremendo passa lentamente, abrindo de quando em quando um pequeno respiradouro; e então entrevêem-se os tres pennachos com perolas do turbante do Deus, o rosto pallido e grave e o peito lampejante de diamantes; depois torna-se a fechar o circulo, affasta-se a cavalgada, abaixam-se as

cimitarras ameaçadoras, tornam a erguer a fronte os espectadores aterrados, e desvanece-se a visão.

Atraz do cortejo imperial vem uma multidão de officiaes da côrte, um dos quaes traz á cabeça o escabello do Sultão, outro o alfange, outro o turbante, outro o manto, o quinto a cafeteira de prata, o sexto a cafeteira de oiro; passam outras phalanges de pagens; passa o esquadrão dos eunuchos brancos, passam trezentos camaristas, vestidos com candidos caftans; passam as cem carruagens do harem com as rodas prateadas, puxadas por bois engrinaldados de flores, ou por cavallos cobertos de veludo, e flanqueados por uma legião de eunuchos negros; passam trezentas parelhas de mulas que levam as bagagens e o thesouro da côrte, passam mil camellos carregados de agua, passam mil dromedarios carregados de viveres; passa um exercito da gactadores, de armeiros e de operarios de Stambul, acompanhados por bandos de bobos, de jograes: e emfim passa o grosso do exercito combatente; as hordas dos janizaros, os *silidar* amarellos, os *azab* purpurinos, os spahis das signas vermelhas, os cavalleiros estrangeiros com os estandartes brancos, os canhões que vomitam blocos de marmore e de chumbo, as milicias feudatarias dos tres continentes, os voluntarios selvagens das provincias extremas do imperio; nuvens de bandeiras, selvas de pennachos, torrentes de turbantes, avalanches de ferro que vão precipitar-se sobre a Europa como uma maldição de Deus, deixando atraz de si um deserto semeado de fumegantes ruinas, e de pyramides de craneos.

*
* *

Posto que em algumas horas do dia Constantinopla pareça muito laboriosa, na realidade é talvez a cidade mais preguiçosa da Europa. Para isso turcos e francos podem-se dar a mão. Levantam-se todos o mais tarde pos-

sivel. Mesmo de verão, á hora em que as nossas cidades estão já em movimento de um a outro extremo, Constantinopla dorme ainda. Antes que o sol esteja alto, é difficil encontrar uma loja aberta e poder beber uma chavena de café. Hospedarias, officinas, bazares, bancos, tudo resona alegremente, e não acordaria nem a tiro de peça. Juntem-se os dias festivos: a

Uléma.

sexta-feira dos turcos, o sabbado dos judeus, o domingo dos christãos, os dias santos innumeraveis dos calendarios gregos e armenios, observados escrupulosamente; tudo dias de festas que, ainda que sejam parciaes, constrangem ao ocio mesmo uma parte da população que lhes é extranha, e ter-se-ha idéa do trabalho que Constantinopla póde fazer no giro dos sete

Torre de Serra schierato.

dias. Ha officinas que não estão abertas mais de vinte e quatro horas por semana. Cada dia ha um dos cinco povos da cidade que anda á tuna pelas ruas com o seu fato de gala sem outro pensamento que não seja o de matar tempo. N'esta arte são mestres os turcos. São capazes de fazer durar meio dia uma chavena de café de dois soldos e estar cinco horas immoveis ao pé de um cypreste de um cemiterio. O seu ocio é verdadeiramente o absoluto, irmão da morte como o somno, um descanço profundo de todas as faculdades, uma suspensão de todos os cuidados, um modo de vida completamente desconhecido dos europeus. Nem querem sequer ter o pensamento de passeiar. Em Stambul não ha passeios feitos de proposito, e, se os houves-

se, o turco não iria lá, porque andar de proposito n'um logar determinado para fazer movimento lhe pareceria uma especie de trabalho. Entra no primeiro cemiterio, ou enfia pela primeira rua que se lhe apresenta, e vai sem proposito determinado aonde o levam as pernas, aonde o conduzem os meandros do caminho, aonde o arrasta a multidão. Ha turcos de Stambul que nunca foram para diante de Kassim-pachá, senhores musulmanos que nunca passaram da ilha dos Principes onde têem algum amigo, ou do Bosphoro onde têem alguma quinta. Para elles o cumulo da bem-aventurança consiste na inercia da mente e do corpo. Por isso deixam aos irrequietos christãos as grandes industrias que reclamam cuidados, passos e viagens, e restringem-se ao commercio por miudo, que se póde exercitar, estando-se sentado, e quasi que mais com os olhos do que com o pensamento. O trabalho que é entre nós o que domina e regula todas as outras occupações da vida, está ali subordinado, como qualquer occupação secundaria, a todos os commodos e a todos os prazeres. Cá o descanço não é senão uma interrupção do trabalho; lá o trabalho não é senão uma suspensão do descanço. Trata-se primeiro que tudo, custe o que custar, de dormitar, de sonhar, de fumar, a umas certas horas; e, depois nos retalhos do tempo, de fazer alguma coisa para ir arrastando a vida. O tempo, para os turcos, tem uma significação muito differente do que tem para nós. A moeda, dia, mez e anno, não tem para elles senão a centesima parte do valor que tem na Europa.

O minimo tempo de que precisa um empregado de um ministerio turco para dar uma resposta qualquer são duas semanas. A sollicitude de acabarem uma coisa pelo gosto de a acabar não sabem o que seja. A não serem os moços de fretes não se vê nas ruas de Stambul um turco azafamado que apresse o passo. Todos caminham com a mesma cadencia, como se todos medissem o andamento ao som do mesmo tambor. Para nós a vida é uma torrente que se precipita; para elles é uma aguia que dorme.

*
* *

Constantinopla é de dia a cidade mais esplendida e de noite a cidade mais tenebrosa da Europa. Poucos fanaes, e a grande distancia uns dos outros, mal chegam para romper a escuridão das ruas principaes; as outras são escuras como cavernas, e não ha quem se arrisque a atravessal-as sem uma luz na mão. Por isso, ao cahir da noite, a cidade fica deserta; não se vêem já senão guardas nocturnos, bandos de cães, peccadoras furtivas, algum troço de rapazotes que desembocam das cervejarias subterraneas, e lanternas mysteriosas que apparecem e desapparecem como fogos fatuos, aqui e acolá, pelos becos e pelos cemiterios. Então deve-se contemplar das alturas de Pera e de Galata. As innumeras fontes illuminadas, os pharoes dos navios, os reflexos do Corno Aureo e as estrellas formam n'um horizonte de quatro milhas um immenso tremeluzir de pontos de fogo, em que se confundem o porto, a cidade e o céo e tudo parece firmamento. E quando o céu está nebuloso, e n'um pequeno espaço esplende a lua, vêem-se sobre Stambul toda escura, sobre as manchas negrissimas dos bosques e dos jardins, alvejar as mesquitas imperiaes, como uma fila de enormes tumulos de marmore, e a cidade apresenta a imagem da necropolis de um povo de gigantes. Mas é ainda mais bella e mais solemne nas noites sem estrellas e sem luar, á hora a que todas as luzes estão apagadas. Então não se vê senão uma immensa mancha negra do cabo do Serralho ao arrabalde de Eyub, um perfil desmedido em que as collinas parecem montanhas, e as pontes infinitas que as corôam tomam apparencias phantasticas de florestas, de exercitos, de ruinas, de castellos, de rochas, que fazem vagar a mente pelas regiões dos sonhos. N'estas noites escuras, é bello contemplar Stambul de um terraço alto e entregarmo-nos á propria phan-

tasia; penetrar com o pensamento n'aquella grande cidade tenebrosa, destapar aquella myriade de harens illuminados por uma luz desfallecida, vêr as bellas favoritas que tripudiam, as abandonadas que choram, os eunuchos frementes que põem o ouvido ás portas; seguir os amantes nocturnos pelos labyrinthos das viellas montuosas; girar pelas galerias silenciosas do grande bazar, passeiar pelos vastos cemiterios desertos, perdermo-nos no meio das immensas columnas das grandes cisternas subterraneas; imaginar que ficámos fechados na grande mesquita de Solimão, e que fazemos resoar as naves escuras com gritos de pavor e de horror, arrancando os cabellos e invocando a misericordia de Deus: e depois de subito exclamar:

Ociosos.

Que brincadeira! Estou no terraço do meu amigo Santoro e na sala de baixo espera-me uma ceia de sibarita em companhia das mais jucundas intelligencias de Pera.

*
* *

Em casa do meu bom amigo Santoro reuniam-se todas as noites muitos italianos, advogados, artistas, medicos, negociantes, com os quaes passei

Donzella grega.

horas deliciosissimas. Aquillo é que era uma conversação! Se eu fosse stenographo poderia tirar d'ali todas as noites um livro amenissimo. O medico

que tinha visitado um harem, o pintor que estivera no Bosphoro a fazer o retrato a um pachá, o advogado que defendera uma causa perante um tribunal, outro que atára os nós de um namorico internacional, contavam todos as suas aventuras, e cada narrativa era um esboceto graciosissimo de costumes orientaes. A cada momento se ouvia alguma nova. Chegava um: —Sabem o que succedeu esta manhã? O sultão atirou com um tinteiro á cabeça do ministro da fazenda. — Chegava outro: — Ouviram a noticia? O governo pagou finalmente os ordenados aos empregados que lhes deve ha tres mezes, e Galata está inundada de uma torrente de cobre. Chegava um terceiro e contava que um turco, presidente de tribunal, irritado com as más razões com que um mau advogado francez defendia uma causa perdida, fizera-lhe este bello cumprimento em presença de todo o auditorio: = Caro advogado, é inutil que te cances tanto para fazer parecer boa a tua causa; a... — e pronunciára com todas as letras a palavra Cambronne — por mais que se lhe mexa e se lhe remexa, é sempre... — e pronunciára outra vez essa palavra. A conversação, como era natural, espaçava-se por um campo geographico, inteiramente novo para mim. Com a mesma frequencia com que se falla entre nós de pessoas e de coisas de Paris, de Vienna, de Genebra, fallava-se ali de pessoas e de coisas de Tiflis, de Trebisonda, de Teheran, de Damasco, onde um tinha um amigo, onde outro estivera, aonde um terceiro queria ir; eu sentia-me no centro de outro mundo, e em tôrno de mim abriam-se novos horizontes. E ás vezes pensava com pena no dia em que teria de voltar para o circulo apertado da minha vida ordinaria. Como poderei eu tornar-me a adaptar — dizia commigo — a esses costumados discursos e a esses costumados casos? E é esse um sentimento que experimentam todos os Europeus de Constantinopla. A quem viu aquella vida, outra qualquer deve parecer descorada e uniforme. É uma vida mais ligeira, mais facil, mais juvenil do que a de qualquer outra cidade da Europa. O viver ali como que acampado em paiz estrangeiro, no meio de uma successão continua de acontecimentos estranhos e impossiveis de prever, acaba por infundir um certo sentimento de instabili-

dade e de futilidade das coisas mundanas, que se assemelha muito á fé fatalista dos musulmanos, e dá uma certa serenidade despreoccupada de aventureiros. A indole d'aquelle povo, que vive, como disse um poeta, n'uma especie de familiaridade intima com a morte, durante a qual nem ha tempo em se pensar em grandes intuitos que se não podem conseguir sem grandes fadigas, pega-se pouco a pouco até ao europeu, e vai-o reduzindo a viver dia a dia, sem se estimular demasiado, desempenhando no mundo, tanto quanto possivel, o papel simples e descançado de espectador: Ter que tratar com povos tão diversos e dever fallar e pensar um pouco á moda de todos, dá ao espirito uma certa ligeireza que o faz como que pairar por cima de muitos sentimentos e idéas, com as quaes nos nossos paizes quereriamos que se conformasse o mundo, e para o obter, e por não o poder obter, temos grande afan. Além do que, a presença do povo musulsamo, objecto continuo de curiosidade e de observação, é um espectaculo de todos os dias que alegra e desvia a mente de muitos pensamentos e de muitos cuidados. E a isto ajuda muito a fórma da cidade, muito mais do que o poderiam fazer as nossas cidades, em que o olhar e o pensamento está quasi sempre como que preso n'uma rua ou n'um circuito estreito; emquanto que ali, a cada passo, os olhos e a mente acham uma aberta por onde se arrojam para immensos longes ridentes. E ha emfim uma immensa liberdade de vida concedida pela grandissima variedade dos costumes: ali tudo se póde fazer, nada assombra, a noticia da coisa mais estranha morre ao nascer n'aquella immensa anarchia moral: os europeus vivem ali como n'uma immensa confederação de republicas; ali se gosa a liberdade que se gosaria em qualquer cidade européa no momento de uma grande barafunda; é como um interminavel *réveillon* e um entrudo perpetuo. Por isso, mais que pela belleza, é Constantinopla uma cidade que se não póde habitar durante um certo tempo, sem a recordar depois com um sentimento quasi de nostalgia; por isso os europeus a amam ardentemente, e n'ella lançam raizes profundas; e é justo n'esse sentido chamar-lhe como os turcos «a fada dos mil amantes», ou dizer com o seu proverbio que

quem bebeu a agua de Top-hané — não tem remedio — fica enamorado para toda a vida.

*
* *

A colonia italiana é uma das mais numerosas de Constantinopla, mas não das mais prosperas. Tem poucos membros ricos, muitos miseros, especialmente operarios da Italia meridional que não acham trabalho, e é a colonia mais mesquinhamente representada pela imprensa periodica quando é representada, porque os seus jornaes não fazem senão nascer e morrer. Quando eu ali estive esperava-se a apparição do *Levantino,* e sahira entretanto um numero-prospecto, que annunciava os titulos academicos e os merecimentos especiaes do director; setenta e sete ao todo sem contar a modestia. Deve-se ir passeiar na manhã de um domingo para a rua de Pera, quando as familias italianas vão á missa. Ouvem-se fallar todos os dialectos da Italia. Eu gosava muito com isso, mas nem sempre. Ás vezes sentia quasi compaixão ao vêr tantos concidadãos meus sem patria, muitos dos quaes deviam ter sido arrojados para ali quem sabe por que acontecimentos dolorosos ou estranhos; ao vêr esses velhos, que talvez nunca mais tornassem a vêr a Italia; aquellas creanças em quem esse nome não devia acordar senão a imagem confusa de um paiz querido e longinquo; aquellas raparigas muitas das quaes deviam casar talvez com homens de outra nação, e fundar familia onde nada ficaria que fosse italiano a não ser o nome. Via formosas genovezas que pareciam ter descido n'esse momento dos jardins da Acquasola, bellos rostinhos napolitanos, cabecinhas caprichosas que me parecia ter encontrado cem vezes nos porticos do Pó ou na galeria de Milão. Quereria atal-as todas a duas e duas com uma fita côr de rosa, mettel-as n'um navio, e reconduzil-as para a Italia, andando quinze nós por

hora. Como curiosidade quereria levar para Italia uma amostra da lingua italiana que fallam em Pera os Italianos nascidos na colonia; e especialmente os da terceira ou quarta geração. Um academico da Crusca que os ouvisse cahiria de cama com umas febres terçãs. A lingua que formariam mes-

Senhora grega.

clando o seu italiano um porteiro piemontez, um boleeiro lombardo e um moço de fretes romano seria menos amaldiçoada do que esta. É um italiano já bastardo mosqueado com outras quatro ou cinco linguas igualmente abastardeadas. E o curioso é que, no meio de infinitos barbarismos, ouvem-se dizer de espaço a espaço, áquelles que têem alguma cultura, phrases escolhidas e palavras illustres, como *puote, imperocché, a ogni pié sospinto, hav-*

vi puossi, recordações de leituras da Anthologia, com as quaes muitos d'aquelles nossos bons compatriotas procuram, n'umas nesgas de tempo, acostumar a bôcca a não esquecer o *celestial fallar toscano.* Mas, ao lado dos outros, podem esses aspirar, como dizia Cesari, á fama de terem boa loquela. D'aquelles ha alguns que já se não percebem. Um dia fui acompanhado não sei aonde por um rapazito italiano de dezeseis ou dezesete an-

Senhora armenia.

nos, amigo de um amigo meu, nascido em Pera. Pelo caminho fui travando palestra. Pareceu-me que elle não queria fallar. Respondia a meia voz, com palavras truncadas, abaixando a cabeça, e fazendo-se muito vermelho: via-se que estava incommodado. — Mas que tem? — perguntei-lhe eu — Tenho que fallo tão mal! — Continuando a discorrer effectivamente percebi que balbuciava um italiano extravagante, cheio de palavras contrafeitas e incomprehensiveis, semelhante áquella chamada lingua franca, a qual, como disse um *bel-esprit* francez, consiste n'um certo numero de vocabulos e de

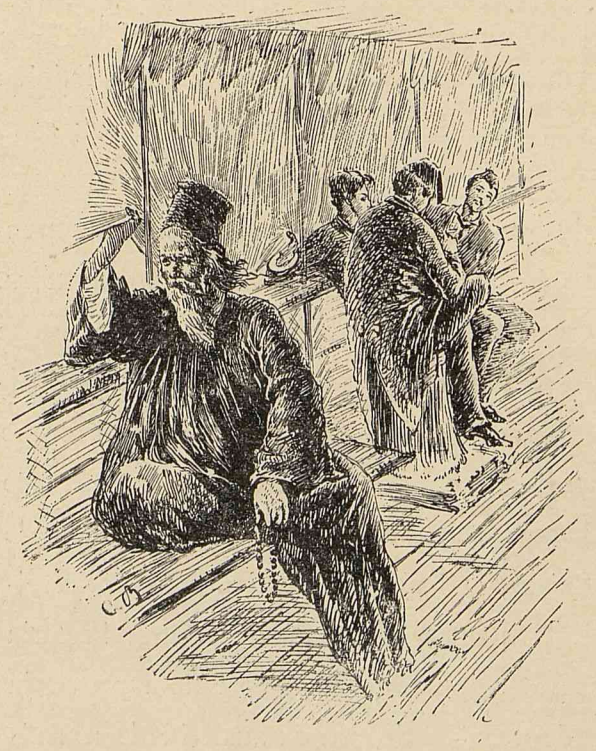
modos italianos, hespanhoes, francezes, gregos, que se deitam fóra uns atraz dos outros rapidissimamente para que se não fisgue alguma que seja percebida por quem escuta. Este trabalho porém raras vezes tem de se fazer em Pera e em Galata, onde um pouco de italiano quasi todos o comprehendem e o fallam. incluindo os turcos. Mas é lingua, se se pode chamar lingua, quasi exclusivamente fallada, se se póde dizer fallada. A lingua mais communemente usada escrevendo-se é a franceza. Litteratura italiana não a ha. Só me recordo de ter encontrado um dia n'um café de Galata cheio de negociantes, no fundo de um jornaleco commercial escripto meio em francez, meio em italiano, por baixo das noticias da Bolsa, oito versinhos melancholicos, que fallavam em zephyro, em estrellas e em suspiros. Oh pobre poeta! Parece-me estar a vêl-o em pessoa, sepultado debaixo de um monte de mercadorias, a exhalar com aquelles versos o seu ultimo alento.

* * *

Em Constantinopla quem fôr de bom estomago póde passar a noite no theatro, e póde escolher entre uma sucia de theatrinhos de toda a especie, muitos dos quaes são ao mesmo tempo jardins e cervejarias, e sempre n'alguns se encontra a comedia italiana, ou antes uma chusma de actores italianos, que muitas das vezes fazem desejar vêr-se a platéa convertida n'um amplo mercado de fructas verdes. Os turcos, porém, frequentam de preferencia os theatros em que certas francezas arrebicadas, decotadas e descaradas, cantam cançonetas com acompanhamento de uma orchestra das galés. Um d'esses theatros era então o Alhambra, situado na rua principal de Pera; um grande barracão, sempre cheio de gente, e vermelho de fez desde o palco scenico até á porta. O que eram essas cançonetas, e com que dia-

cho de gestos essas intrepidas senhoras conseguiam fazer entender aos turcos o seu occulto sentido, não se póde imaginar nem se póde crer. Só quem esteve no theatro de *los Capellanes* de Madrid, póde dizer que ouvio e vio alguma coisa semelhante. Aos gracejos mais ignobeis, aos gestos mais impudentes, todos esses turcassos, sentados em longas filas, prorompiam em grande risota; e, cahindo-lhes das faces a mascara da dignidade habitual, apparecia-nos o fundo todo da sua natureza, revelavam-se todos os segredos da sua vida grosseiramente sensual. E comtudo nada ha que o turco habitualmente esconda tanto como a sensualidade da sua indole e da sua vida. Nas ruas, o homem não acompanha nunca a mulher; raras vezes olha para ella, mais raras vezes lhe falla; considera quasi como uma offensa que se lhe pergunte pelas suas mulheres; a julgar pelas apparencias, dir-se-hia que aquelle povo é o mais casto e o mais austero da terra. Mas são meras apparencias. O mesmo turco que córa até ás orelhas, se se lhe pergunta como está sua esposa, manda os seus filhinhos e as suas filhinhas ouvir as torpissimas obscenidades de Caragheus, que lhes corrompe a imaginação antes de lhes despertarem os sentidos; e elle mesmo esquece muitas vezes as doçuras do harem pelas voluptuosidades nefandas de que deu o primeiro exemplo Bajazet o Raio, e não o ultimo provavelmente, Mahmud o Reformador. E quando não houvesse outra, bastaria aquelle Caragheus a dar ao mesmo tempo uma imagem e uma prova da profunda corrupção que se esconde debaixo do véu da austeridade musulmana. É uma figurinha grotesca que representa a caricatura do turco da classe média, uma especie de sombra chineza que move os braços, as pernas e a cabeça por traz de um véu transparente, e que faz quasi sempre o papel de protogonista em certas farçolas estapafurdiamente burlescas cujo assumpto é a maior parte das vezes um enredo amoroso. É uma copia, mas uma copia depravada, do Polichinello, tolo, maroto e cynico, luxurioso como um satyro, desbocado como uma rameira, e faz rir e até berrar de enthusiasmo o auditorio com toda a especie de chalaças, de trocadilhos, e de gesticulações extravagantes que são ou escondem ordinariamente uma ob-

scenidade. E de que natureza sejam essas obscenidades é facil imaginal-o quando se saiba que, se Caragheus no espirito se assemelha a Polichinello, no corpo assemelha-se a Priapo, semelhança de que elle dava, antes que a censura restringisse um pouco a sua liberdade illimitada, a cada instante prova visivel á platea, e frequentemente girava toda a comedia sobre este nobilissimo eixo.



Padre grego.

Querendo fazer tambem um estudo da cosinha turca, pedi aos meus bons amigos de Pera que me levassem a um restaurante *ad hoc*, onde se encontram todos os pratos orientaes, desde as mais delicadas gullodices do Serralho até á carne de camello cosinhada á arabe e á carne de cavallo temperada á turcomana. O amigo Santoro encommendou um jantar rigorosamente turco desde a sopa até á sobremeza, e eu, animando-me com o pensamento de muitos homens egregios que morreram pela sciencia, deitei abaixo um pouco de tudo sem soltar um grito. Foram-nos servidos mais de vinte pratos. Os turcos, como os outros povos orientaes, são um pouco como as creanças; ao fartar-se com poucas coisas preferem debicar um bocadinho de muitissimas; pastores de ante-hontem, desde que se tornaram

Mesquita de Solimão

gente de cidade, desdenham a simplicidade dos manjares como uma mesquinharia de villões. Não poderei dar conta exacta de todas as pitanças, porque de muitas não me ficou senão uma vaga reminiscencia sinistra. Lembro-me da *Rebab,* que se compõe de pequenissimos pedacinhos de carneiro assados em fogo vivo, temperados com muita pimenta e muito cravo, e servidos em cima de dois biscoitos molles e gordos; prato indicavel para as culpas leves. Sinto ainda ás vezes o sabor do *pilav,* composto de arroz e de carneiro, que é o *sine qua non* de todos os jantares, e por assim dizer o prato sacramental dos turcos, como o macarrão para os napolitanos, o cuscussú para os arabes e o *puchero* para os hespanhoes. Recordo-me, e é a unica coisa de que me recordo com saudade, do *Rosh' ab,* que se toma com a colher no fim do jantar: feito de passas, de maçãs, de ameixas, de cerejas e de outras fructas cozidas em agua com muito assucar, e temperadas com essencia de almiscar agua rosada, e agua de cedro. Havia ainda muitos outros pratinhos de carne de cordeiro e de carneiro tão cozida que já quasi que não tinha sabor; peixes a nadarem em azeite, bolinhas de arroz envoltas em parras, saladas feitas em massa, compotas, conservas, guizados condimentados com toda a especie de hervas aromaticas, que era de se poder accrescentar cada um como appendice a cada artigo do codigo criminal, para os criminosos reincidentes. Emfim um grande prato de doces, obra prima de algum pasteleiro arabe, entre os quaes se via um pequeno vapor, um leãosinho chimerico, e uma casinha de assucar com as suas janellinhas gradeadas. Feitas as contas, pareceu-me que tinha despejado dentro do corpo uma pharmacia portatil, e que tinha visto um d'aquelles jantarinhos que os rapazes preparam de vez em quando, cobrindo uma meza com pratinhos cheios de tijolo em pó, de fructa esquartejada e de hervas pisadas, que fazem de longe uma bonita vista. Todos aquelles pratos são servidos rapidamente, aos quatro e aos cinco de cada vez, e os turcos pescam-n'os com os dedos, porque entre elles não se usa senão faca e colher; e para todos serve um copo só em que se deita continuamente agua temperada. Não faziam o mesmo comtudo os turcos que jantavam ao pé de

nós no restaurante. Eram turcos que gostavam das suas commodidades, tanto assim que tinham os chinellos em cima da meza; cada um d'elles tinha o seu prato, serviam-se intrepidamente do garfo, e bebiam licor á farta, nas bochechas de Mahomet. Observei mais que não beijaram o pão, como fazem todos os bons musulmanos, antes de começarem a comer, e que se não envergonhavam de deitar olhos concupiscentes para as nossas botelhas, apezar de ser peccado, segundo as sentenças dos muftis, até deitar olhos para uma garrafa de vinho. Demais este «pae das abominações», uma gota do qual basta para fazer cahir sobre a cabeça do musulmano «os anathemas de todos os anjos do céu e da terra», vai de dia para dia conquistando devotos entre os turcos, e já se póde dizer que é um resto de respeito humano que os desvia de lhe prestarem publica homenagem; e creio que, se um dia descesse de subito sobre Constantinopla uma treva densa, e uma hora depois tornasse a resplender o sol de improviso, cincoenta mil turcos seriam surprehendidos de garrafa á bôcca, e tambem n'isto como em muitos outros extravios dos Osmanlis, foram os Sultões a pedra de escandalo; e é curioso que seja exactamente a dynastia que reina sobre um povo para o qual é uma offensa a Deus beber vinho, aquella que talvez, entre todas as da Europa, deu aos registros da historia maior numero de bebados; tão doce pareceu o fructo prohibido até ás sombras de Deus na terra! Foi, segundo se diz, Bajazet I aquelle que iniciou a serie interminavel das perúas imperiaes, e, como no peccado original, n'isto o primeiro culpado foi a mulher: foi a esposa do proprio Bajazet, filha do rei dos servios, quem offereceu ao marido o primeiro copo de Tokai. Depois Bajazet II embebedou-se com vinho de Chypre e vinho de Schiraz. Depois aquelle mesmo Solimão I, que mandou queimar no porto de Constantinopla todos os navios carregados de vinho, e deitar chumbo derretido na bôcca dos bebedores, morreu ás mãos de um alabardeiro e estando bebado. Veio depois Selim II, cognominado o *meseth*, o bebado, que apanhava camoecas que duravam tres dias, e durante o seu reinado beberam publicamente legistas e religiosos. Debalde Mahomet III troveja contra «a abo-

minação suggerida pelo demonio»; debalde Ahmed I manda destruir todas as tavernas e arrombar todas as dornas de Stambul; debalde Murad IV gira pela cidade acompanhado pelo carrasco, e manda cortar a cabeça a todo aquelle que tiver no halito cheiro de vinho. Elle mesmo, hypocrita feroz, cambaleia pelas salas do Serralho como um piteireiro plebeu; e depois d'elle a botelha, pequeno e festivo duende negro, irrompe pelos Serralhos, esconde-se nas lojas dos bazares, debaixo da travesseiro dos soldados, mette a sua cabeça prateada ou purpurea debaixo do divan das bellas, e, violado o liminar das mesquitas, salpica com a sua sacrilega espuma as paginas amarellecidas do Coran.

Dama grega dè Burdur.

* * *

A proposito de religião, eu não podia, passeiando por Constantinopla, tirar da cabeça esta idéa: Se não se ouvisse a voz dos muezzin, como perceberia um christão que a religião d'esta gente não é a sua? A architectura byzantina das mesquitas dá-lhes um aspecto de igrejas christãs: do rito islamitico não se vê signal algum externo; os soldados turcos escoltam o viatico; um christão ignorante poderia viver um anno em Constantinopla sem perceber que sobre a maior parte da população reina Mahomet em vez de Christo. E este pensamento reconduziu-me sempre ao das pequenas differenças substanciaes, como diziam os abyssinios christãos aos primeiros sequazes de Mahomet, que dividem as duas religiões, e á pequenina causa pela qual aconteceu que a Arabia se converteu ao islamismo, em vez de se converter

ao christianismo, ou se não se convertesse ao christianismo, a uma religião estreitamente apparentada com elle, que, ou com elle se confundindo posteriormente, ou conservando-se tal qual, mudaria completamente os destinos do mundo oriental. E essa pequenina causa foi a natureza voluptuosa de um bello moço arabe, alto, branco, de olhos negros, de voz grave, de alma ardente, que, não tendo força de dominar os proprios sentidos, em vez de arrancar pelas raizes o vicio dominante do seu povo, se contentou com podal-o; em vez de proclamar a unidade conjugal como proclamou a unidade de Deus, não fez senão apertar n'um circulo mais estreito, consagrado pela religião, a dissolução e o egoismo do homem. É certo que teria de vencer uma resistencia mais forte; mas não póde parecer impossivel que a vencesse quem levantou, para fundar o culto de um Deus unico entre um povo idolatra, um edificio enorme de tradições, de superstições, de privilegios, de interesses de toda a especie, estreitissimamente enlaçados ha seculos, e que fez acceitar entre os dogmas da sua religião, pela qual morreram depois milhões de crentes, um paraizo, cujo primeiro annuncio levantou em todo o seu povo um sentimento de indignação e de escarneo. Mas o bello moço arabe pactuou com os seus sentidos, e metade da terra mudou de face, pois que foi realmente a polygamia o vicio capital da sua legislação, e a causa primaz da decadencia de todos os povos que abraçaram a sua fé. Sem esta exauthoração de um sexo a favor de outro, sem a sancção d'esta enorme injustiça, que perturba completamente a ordem dos deveres humanos, que corrompe a riqueza, que opprime a pobreza, que fomenta a ignavia, que desfibra a familia, que, gerando a confusão dos direitos de nascimento nas dynastias reinantes, revolve e agita os Paços e os Estados,

Grega.

que se oppõe emfim como uma barreira inseparavel á união da sociedade musulmana com as sociedades de outra fé que povoam o Oriente; se, para tornarmos á primeira causa, o bello moço arabe tivesse tido a desgraça de nascer um pouco menos robusto ou a força de viver um pouco mais casto, quem sabe! talvez houvesse agora um Oriente mais ordenado e mais civilisado, e estaria mais adiantada um seculo a civilisação universal.

* * *

Achando-me em Constantinopla no Ramazan que é o nono mez do anno turco, onde cahe a quaresma musulmana, via todas as noites uma scena comica que merece ser descripta. Durante toda a quaresma é prohibido aos turcos comerem, beberem e fumarem desde o nascer até ao pôr do sol. Todos depois fazem grande bambochata a noite toda; mas, emquanto ha sol, respeitam quasi todos o preceito religioso, e ninguem se atreve a transgredil-o publicamente. Uma manhã, o meu amigo e eu fomos visitar um nosso conhecido, ajudante de campo do Sultão, um joven official sem preconceitos, e encontrámol-o n'um quarto do rez do chão do palacio imperial, com uma chavena de café nas mãos: —Como ousa tomar café depois do nascer do sol? perguntou-lhe Yunk—O official encolheu os hombros, e respondeu que se ria do Ramazan e do jejum; mas n'esse mesmo momento abriu-se de improviso uma porta, e o official fez um movimento tão rapido para esconder a chavena que se lhe entornou metade nos pés. Por isto se comprehende que rigorosa abstinencia devem conservar todos aquelles que estão o dia todo á vista do publico: os barqueiros por exemplo. Para os gosar, devem-se ir vêr da ponte da Sultana Validé, alguns minutos antes do sol posto. Entre os que estão parados e os que vogam, entre os proxi-

mos e os distantes, vêem-se cerca de mil. Estão todos em jejum desde a aurora, a rabear de fome, têem já a sua ceiasinha prompta no cahique, voltam continuadamente os olhos do sol para a ceia e da ceia para o sol, agitam-se e bufam como as feras de uma jaula no momento da distribuição da carne. O pôr do sol é annunciado por um tiro de peça. Nunca succede que antes d'esse suspirado momento qualquer d'elles metta na bôcca nem uma migalha de pão, nem uma gota de agua. Ás vezes n'alguma volta do Corno Aureo, estimulámos a comer os barqueiros que nos conduziam; mas sempre nos responderam: — Jok! Jok! Jok! — Não, não, não — apontando para o sol com gesto temeroso. Quando o sol já está escondido por mais de metade por traz dos montes, começam a pegar nos seus pães, a apalpal-os e a cheiral-os voluptuosamente. Quando já se não vê senão um subtil arco luminoso, então todos os que remam estão parados e todos os que atravessam o Corno Aureo, os que singram no Bosphoro, os que vogam no mar de Marmara, os que descançam nas enseadas mais solitarias da margem asiatica, todos se voltam para o occidente e ficam immoveis com os olhos no sol, com a bôcca aberta, com o pão no ar, com a alegria nos olhos. Quando se não vê já senão um ponto de oiro, já os mil pães tocam nas mil bôccas. Finalmente o ponto de fogo apaga-se, troveja o canhão, e no mesmo momento trinta e dois mil dentes arrancam dos mil pães mil enormes bocados; mas que digo, mil! em todas as casas, em todos os cafés, em todas as tavernas, acontece no mesmo momento a mesmissima coisa; e durante alguns minutos, a cidade turca não é mais que um monstro de cem mil bôccas que trinca e que devora.

* * *

Grego.

Mas o que devia ser esta cidade nos bellos tempos da gloria ottomana! Não podia tirar da cabeça este pensamento. Então não se erguia do Bosphoro, todo branquejante de velas, nem uma nuvem de fumo negro a manchar o azul do céu e das aguas. No porto e nas enseadas do mar de Marmara, entre os velhos navios de guerra, de altas pôpas esculpidas, de meias luas de prata, de estandartes de purpura, de fanaes de ouro, baloiçavam-se cascos despedaçados e ensanguentados de galés genovezas, venezianas e hespanholas. No Corno Aureo não havia pontes; de uma margem para a outra navegava perpetuamente uma myriade de barquinhos pomposos, no meio dos quaes se destacavam as lanchas branquissimas do Serralho, cobertas de doceis escarlates com as franjas doiradas e conduzidas por uns remadores vestidos de seda. Scutari era ainda uma aldeia; para além de Galata não se viam senão casas disseminadas pelo campo: nenhum grande palacio levantava ainda a cabeça na collina de Pera; o aspecto da cidade era menos grandioso do que é agora; mas era mais pronunciadamente oriental. Estando ainda em vigor a lei que prescrevia as côres, pelas côres das casas

Drusa.

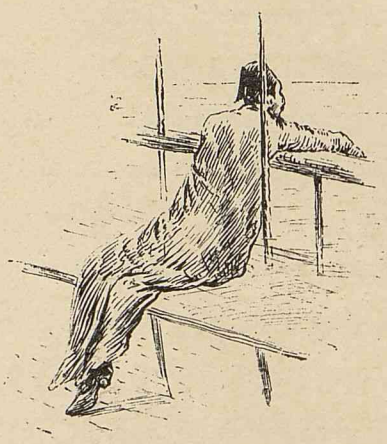
Judeu.

se reconhecia a religião dos habitantes: Stambul era toda amarella e vermelha, a não serem os edificios publicos e sagrados que eram brancos como a neve, os bairros armenios eram cinzentos claros, os bair-

ros gregos eram cinzentos escuros, os bairros judeus roseos. Era universal, como na Hollanda, a paixão das flores, e os jardins pareciam gandes ramalhetes de jacynthos, de tulipas e de rosas. Como a vegetação viçosa das collinas ainda não estava derribada pelos novos arrabaldes, Constantinopla apresentava a imagem de uma cidade escondida n'uma floresta. Dentro eram tudo beccos, mas embellezava-os uma multidão maravilhosamente pittoresca. Não se viam senão turbantes enormes que davam á população masculina uma apparencia collossal e magnifica. Todas as mulheres, a não ser a mãe do Sultão, andavam rigorosamente veladas, e de modo a não deixarem vêr senão os olhos, formando assim uma população á parte, anonyma e enigmatica, que espalhava por toda a cidade uma aura de gentil mysterio. Determinando uma lei severa o vestuario de todos, distinguiam-se, pelas fórmas dos turbantes e pelas côres dos caftans, as cathegorias, os postos, os officios, a idade, como se Constantinopla fosse uma immensa côrte. Sendo o cavallo ainda quasi o «coche unico do homem», giravam pelas ruas milhares de cavalleiros, e as longas filas dos camellos e dos dromedarios do exercito que atravessavam a cidade em todas as direcções davam-lhe o aspecto selvagem e grandioso de uma antiga metropole asiatica. As arabás doiradas, puxadas por bois, cruzavam-se com as carruagens revestidas de panno verde dos ulemas, com as carruagens revestidas de panno vermelho dos Kadi-aschieri, com as talikas ligeirissimas de doceis de setim, com as bussolas ornadas de pinturas phantasticas. Escravos de todos os paizes, desde a Polonia até á Ethiopia, passavam em bandos, fazendo tinir as suas grilhetas chumbadas nos campos de batalha. Nas encruzilhadas, nas praças, nos pateos das mesquitas viam-se grupos de soldados vestidos de andrajos gloriosos, que mostravam os cotos dos braços e as cicatrizes ainda frescas das feridas recebidas em Vienna, em Belgrado, em Rhodes, em Damasco. Centos de rhapsodas, de voz trovejante e de gesto inspirado, contavam no meio de rodas de musulmanos soberbos as façanhas dos exercitos que combatiam a tres mezes de marcha de Stambul. Os pachás, os beys, os agás, os musselim, uma infinidade de dignatarios e de

grandes senhores vestidos com um fasto theatral, acompanhados por phalanges de servos, fendiam a multidão que se curvava quando elles passavam como um canavial debaixo do sopro do vento; passavam, com um cortejo de principes, embaixadores de todos os Estados da Europa, vindos a pedir paz ou alliança; desfilavam caravanas carregadas de presentes de reis africanos e asiaticos; enxames de silidares e de spahis faustosos e insolentes arrastavam pelas ruas os espadalhões manchados com o sangue de vinte povos, e os bellos pagens gregos e hungaros do Serralho, vestidos como uns pequeninos reis, passeiavam altivamente entre a multidão obsequiosa, que respeitava nos seus os caprichos desnaturados do seu Senhor. Aqui e alem, diante das portas, via-se um tropheu de bastões nodosos; era uma casa da guarda dos Janizaros, que então exerciam a policia no interior da cidade. Encontravam-se judeus que levavam para o Bosphoro os corpos dos justiçados; achava-se todas as manhãs no Balik-bazar algum cadaver estendido no chão, com a cabeça debaixo do sovaco direito, a sentença no peito e uma pedra em cima da sentença; viam-se pelas ruas nobres enforcados no primeiro gancho e na primeira trave que os carrascos pressurosos tinham encontrado, tropeçava-se de noite em qualquer desgraçado atirado para o meio da rua de algum logar de tortura onde lhe tinham despedaçado os pés e as mãos com uma clava; viam-se debaixo do sol do meio-dia mercadores apanhados em fraude pregados por uma orelha na porta da sua loja. E, não existindo ainda a lei que depois restringio a liberdade illimitada das sepulturas, via-se abrir covas e enterrar cadaveres a qualquer hora do dia nos jardins, nas viellas, nas praças, diante das portas das casas. Ouviam-se nos pateos os balidos dos carneiros e dos cordeiros degolados em holocausto a Allah por occasião dos nascimentos e das circumcisões. De quando em quando passava a galope um esquadrão de eunuchos gritando e ameaçando, as ruas ficavam n'um momento desertas, fechavam-se as portas, tapavam-se as janellas, um bairro inteiro parecia morto; e então passavam n'uma fila de carruagens scintillantes as favoritas do Grão-Senhor que enchiam o ar de perfumes e de riso. Ás vezes um

personagem da côrte, atravessando uma rua apinhada de gente, empallidecia de improviso ao vêr seis freguezes de mesquinha apparencia que entravam n'uma loja; esses freguezes eram o sultão, quatro officiaes e o carrasco, que andavam de loja em loja a verificar os pesos e as medidas. Em todo o enorme corpo de Constantinopla refervia uma vida plethorica e febril. O thesouro regorgitava de joias, e de armas os arsenaes; os quarteis de soldados, os caravanserai de viajantes; o mercado de escravos era um formigueiro de favoritas, de mercadores e de gran-senhores; os eruditos apinhavam-se nos grandes archivos das mesquitas; os vizires de largo folego preparavam para as gerações futuras os immensos annaes do imperio; os poetas, recebendo pensões do Serralho, reuniam-se nos banhos a cantar as guerras e os amores imperiaes; turbas de operarios bulgaros e armenios trabalhavam em levantar mesquitas com blocos de granito do Egypto e de marmore de Paros, emquanto por mar chegavam as columnas dos templos do Archipelago e por terra os despojos das igrejas de Pesth e de Ofen; no porto aprestavam-se as frotas de trezentas velas que deviam levar o terror a todas as praias do Mediterraneo; entre Stambul e Adrianopolis expandiam-se cavalgadas de sete mil falcoeiros e de sete mil guardas-caça, e nos intervallos das revoltas da soldadesca, das guerras longinquas, dos incendios que reduziam a cinzas vinte mil casas n'uma noite, celebravam-se festas de trinta dias diante dos plenipotenciarios de todos os Estados da Africa, da Asia e da Europa. Então o enthusiasmo musulmano tornava-se uma loucura. Em presença do Sultão e da côrte, no meio d'aquellas descommunaes palmeiras de bodas carregadas de passaros, de fructos e de espelhos, para dar passagem ás quaes se derribavam as casas e os muros; no meio



Judeo.

de filas de leões e de sereias de assucar, que uns cavallos cobertos com xaireis de damasco prateado traziam; no meio de montes de dadivas reaes vindas de todas as partes do imperio e de todas as côrtes do mundo, alternavam-se as fingidas batalhas dos janizaros, os bailes furiosos dos derviches, as pelejas sanguinosas dos prisioneiros christãos, os banquetes populares de dez mil pratos de cuscussú; no Hippodromo dançavam os elephantes, as girafas; soltavam-se no meio da multidão os ursos e as rapozas com foguetes no rabo; ás pantomimas allegoricas succediam as danças lascivas, as mascaradas grotescas, as procissões phantasticas, as corridas, os carros symbolicos, os jogos, as comedias, e os bailes de roda; a festa degenerava, a pouco e pouco, ao cahir da noite, n'um tumulto insensato, e quinhentas mesquitas scintillantes de lumes formavam sobre a cidade uma immensa auréola de fogo que annunciava aos pastores das montanhas da Asia, aos navegantes da Propontida, as orgias da nova Babylonia. Assim era Stambul, a sultana formidavel, vuluptuosa e desenfreada, junto da qual a cidade de hoje não é mais que uma velha rainha doente de hypocondria.

Judia.

*
* *

Occupado quasi sempre com os turcos, não tive tempo, como podem todos comprehender, de estudar muito as tres nações, armenia, grega, e ju-

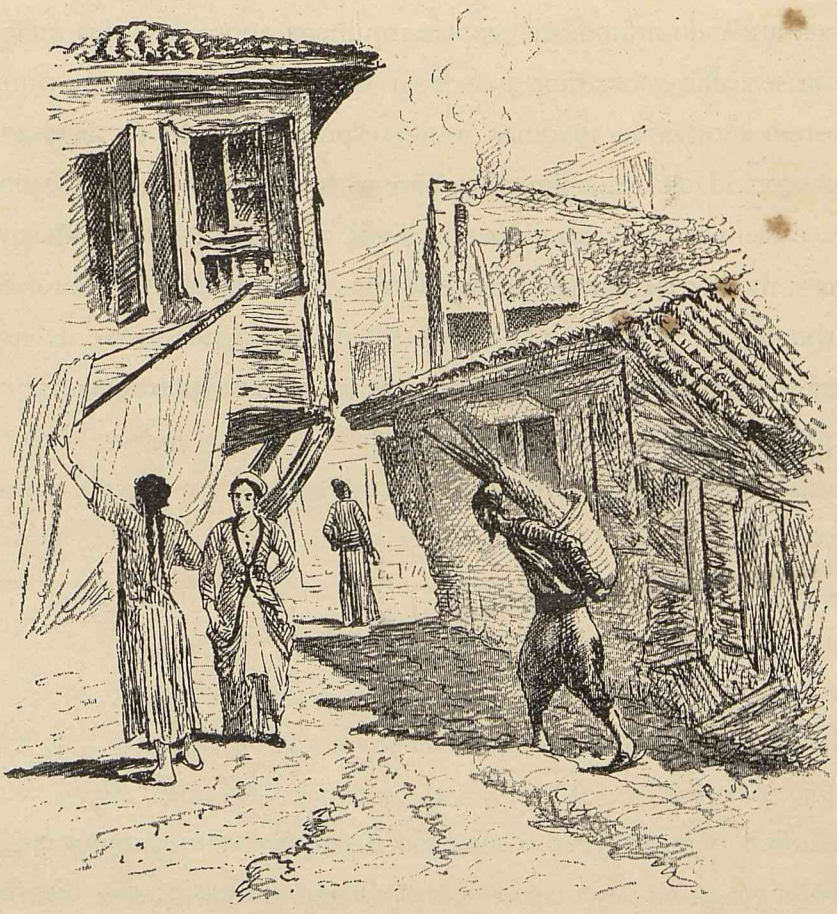
daica, que formam a população dos raiás; estudo por outro lado bastante longo, porque, se cada um d'aquelles povos conservou pouco mais ou menos a sua propria natureza, tomou a vida externa de todos tres como que uma velatura de côr musulmana, que vai agora perdendo-se a seu turno debaixo da tintura da civilisação européa; de modo que apresentam todos tres a difficuldade de observação que apresentaria um quadro movel e cambiante. Os armenios especialmente «christãos de espirito e de fé, e musulmanos asiaticos de nascimento e de carne», não são só difficeis de estudar intimamente, mas até de distinguir dos turcos com a vista, porque aquella parte d'elles, que ainda não tomou o trajo europeu, veste-se á turca com pequenissimas differenças, e quasi já que de facto não usa o barretão de feltro que era, com certas côres especiaes, o signal distinctivo da nação. E não differem muito dos turcos mesmo no aspecto. São pela maior parte altos de estatura, robustos, corpulentos, de carnação clara, de andar e de modos graves, e mostram no rosto as duas qualidades proprias da sua natureza; o espirito aberto, alegre, industrioso, pertinaz, pelo qual são maravilhosamente aptos para o commercio, e aquella placidez, que outros querem chamar flexibilidade servil com a qual conseguiram arranjar um nicho em toda a parte, desde a Hungria até á China, e tornar-se particularmente acceites aos turcos, cuja confiança captivaram, subditos doceis e amigos obsequiosos. Nada têem, nem por fóra nem por dentro, de heroico. Taes não eram talvez antigamente na região asiatica d'onte vieram, e diz-se effectivamente que hoje mesmo são muito differentes os seus irmãos que n'essa região habitam; mas os que foram transportados para cá do Bosphoro são verdadeiramente um povo prudente e manso, modesto na sua vida, não pensando n'outra coisa senão no seu trafico, e mais sinceramente religioso, ao que se diz, do que outro qualquer povo de Constantinopla. Os turcos chamam-lhes os *camellos do imperio,* e os francos dizem que todo o armenio nasce calculador; estes dois mottos são em grande parte justificados pelos factos, porque, graças exactamente á sua força physica e á sua intelligencia agil e aguda, alem de um grande numero de engenheiros, de ar-

chitectos, de medicos, de artifices engenhosos e pacientes, fornecem Constantinopla da maior parte dos seus moços de fretes e dos seus banqueiros; moços de fretes que carregam com pesos enormes e banqueiros que juntam thesouros fabulosos. Á primeira vista porém ninguem perceberá que ha um povo armenio em Constantinopla, por tal fórma a planta tomou, como costuma dizer-se, a côr do adubo. As proprias mulheres, por causa das quaes a casa armenia se fecha ao estrangeiro quasi tão severamente como a musulmana, vestem á turca, e só olhos muito espertos as podem distinguir entre as suas concidadãs musulmanas. São ellas tambem brancas e cheias de carnes, e têem a linha aquilina do perfil oriental, grandes olhos e longas pestanas; muitas de alta estatura e fórmas matronaes, que, coroadas com um turbante, pareceriam bellissimos scheicks; e quasi todas de aspecto a um tempo senhoril e modesto, em que, se alguma coisa falta, é a luz da alma que brilha no rosto da mulher grega.

*
* *

Tão difficil é reconhecer o armenio á simples vista como é facil reconhecer o grego, ainda que se não attenda ao vestuario; tão diverso é de natureza e de aspecto dos outros subditos do imperio, e principalmente do turco. Para perceber bem essa diversidade, basta observar um turco e um grego, que se acham sentados ao lado um do outro n'um café ou n'um vapor. Podem ser quasi da mesma idade e da mesma cathegoria e trajar ambos á européa, e ser até parecidos de cara, que não ha meio de haver engano. O turco está immovel e todos os seus lineamentos descançam n'uma especie de quietação sem pensamento, que se assemelha á de um animal farto; ou, se o seu rosto revela um pensamento, parece que ha de ser um pensa-

mento immovel como o seu corpo. Não olha para ninguem, não dá signal de reparar que olham para elle, a sua attitude mostra uma profunda indifferença por tudo aquillo e por todos aquelles que o rodeiam; o seu rosto exprime um não sei que da tristeza resignada de um escravo e do orgulho



No ghetto.

frio de um despota, um não sei que de duro, e de fechado que é de fazer ao principio desesperar quem se propozesse a persuadil-o fosse de que fosse e a demovel-o de uma resolução qualquer. Tem, em summa, o aspecto de um d'aquelles homens de uma peça só, com quem parece que se não póde viver senão obedecendo-lhes ou mandando-os, e com os quaes, por mais tempo que vivamos juntos, nunca poderemos ter inteira familiaridade. O

No Corno Aureo.—Kasskoj ou o ghetto dos judeus

grego, pelo contrario, é mobilissimo, e revela com mil fugitivos movimentos dos olhos e dos labios tudo o que lhe passa pela alma; sacode a cabeça com meneios de cavallo indomito; o seu rosto exprime uma altivez juvenil, e ás vezes quasi infantil; se vê que olham para elle, toma attitudes; se não olham para elle, põe-se em evidencia; parece sempre que deseja ou que phantasia alguma coisa; todo elle respira sagacidade e ambição; e inspira sympathia apezar de ter cara de mau sugeito, e estende-se-lhe a mão ainda que se não esteja resolvido a confiar-se-lhe a bolsa. Basta vêr ao pé um do outro estes dois homens, para comprehender que um d'elles deve parecer ao outro um barbaro, um orgulhoso, um prepotente, um brutal; que este deve considerar o outro um homem insano, falso, maligno, turbulento; e que devem desprezar-se e detestar-se reciprocamente com todas as forças da sua alma, e não encontrar meio de viverem de accordo. Observa-se a mesma differença entre as mulheres gregas e as outras mulheres levantinas. No meio das turcas e das armenias bellas e floridas, mas que se póde dizer que mais impressionam os sentidos do que fallam ao coração, reconhecem-se á primeira vista com um sentimento de grata maravilha os rostos elegantes e puros das gregas, illuminados por dois olhos cheios de pensamento, que em cada olhar parece que fazem acudir aos labios o verso de uma ode; e os bellos corpos a um tempo magestosos e ligeiros, que inspiram o desejo de os apertar nos braços, antes para os pôr n'um pedestal, do que para os levar para o harem. Vêem-se algumas que ainda usam os cabellos cahidos, á antiga, em longas madeixas ondulosas, e uma grossa trança cingida na cabeça em fórma de diadema; tão bellas, tão nobres, tão classicas que se tomariam por estatuas de Praxiteles e de Lysippo, ou por jovens immortaes encontradas ao cabo de vinte seculos n'algum valle ignorado da Laconia ou n'alguma ilhota esquecida do Egeu. São porém rarissimas estas bellezas soberanas mesmo entre as gregas, e já se não encontram estes exemplares senão na velha aristocracia do imperio, no bairro silencioso e triste do Phanar, onde se refugiou a alma da antiga Byzancio. Ali se vê ainda ás vezes alguma d'estas mulheres soberbas abeirada a uma sa-

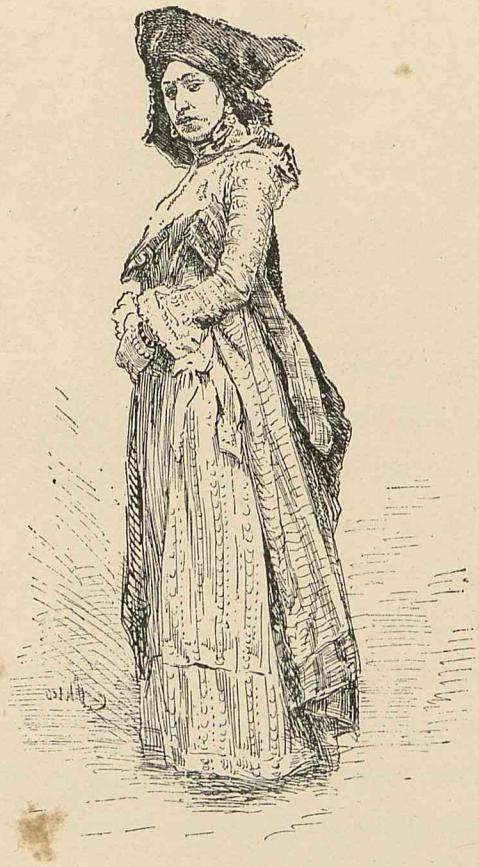
cada com balaústres, ou ao gradeamento de uma janella altissima, com os olhos cravados na rua solitaria, na attitude de uma rainha prisioneira; e, quando a criadagem dos descendentes dos Paleologos e dos Comnenos não está mandriando diante das portas, póde-se imaginar por um momento, ao contemplal-os ás escondidas, que se está vendo pelo rasgão de uma nuvem o rosto de uma deusa do Olympo.

* * *

Dama judia.

Com relação ás judias, posso affirmar, depois de ter estado em Marrocos, que as de Constantinopla em nada se parecem com as da costa septentrional da Africa, nas quaes os doutos observadores julgam vêr ainda com toda a sua pureza o primeiro typo oriental da formosura hebraica. Com esperança de encontrar essa belleza, armei-me de coragem, e dei muitos giros pelo vasto *ghetto* de Balata, que se estende, como uma serpente immunda, pela margem do Corno Aureo. Internei-me nas viellas mais miseraveis, por pardieiros «untados de bolor» na phrase conhecida do Dante, por encruzilhadas onde não tornaria a passar senão em andas e com o nariz tapado; olhando para as janellas forradas de trapos nauseabundos, para as estancias negras e viscosas; estacando diante das portas dos pateos humidos d'onde sahia um fedor de se tombar, abrindo caminho por meio de grupos de rapazes tinhosos e escrofulosos; tocando com o cotovello em velhos horrorosos que pareciam ter morrido de peste e ter resuscitado depois, desviando-me a cada passo de cães cobertos de ulceras e de lamaçaes escuris-

simos, e de pannos asquerosos pendurados de cordas besuntadas, e de montes de podridão que eram de se cahir em deliquio; mas a minha coragem não foi recompensada. Entre as muitas mulheres que encontrei embiocadas no calpak nacional, que parece um turbante alongado e cobre os cabellos e as orelhas, vi, é certo, alguns rostos em que reconheci aquella delicada regularidade de lineamentos e aquelle modo suave de resignação, que se considera como a feição distinctiva das judias de Constantinopla; vi algum vago perfil de Rebecca e de Rachel, olhos em amendoa, cheios de doçura e de graça; e alguma figura elegante erguida n'uma attitude raphaelesca no limiar de uma porta, com uma mão finissima poisada na cabeça annellada de uma creança. Mas na maior parte não vi senão os signaes da degradação da raça. Que differença entre aquellas physionomias desfallecidas e os olhos de fogo, as côres pomposas, e as fórmas opulentas que admirei um anno depois nos *mellá* de Tanger e de Fez! e o mesmo com os homens: rachiticos, amarellados, molles, cuja vitalidade parece ter-se concentrado toda nos olhos scintillantes de astucia e de cubiça, que esses é que giram continuamente em tôrno de si proprios, como se por todos os lados sentissem pular dinheiro. E agora espero que os meus bons criticos israelitas, que já me deram as suas palmatoadas, a proposito dos seus correligio-



Judia.

narios de Marrocos, tornem a cantar a mesma cantiga, attribuindo aos turcos oppressores a culpa da decadencia e do aviltamento dos judeus de Constantinopla. Mas note-se que nas mesmas condições politicas e civis dos judeus se acharam todos os outros subditos não musulmanos da Porta; e que ainda, se assim não fosse, seria muito difficil provar que a vergonhosa immundicie, a precocidade dos matrimonios e a abstenção de todos os officios fatigadores, considerados como causas efficacissimas d'essa decadencia, sejam uma consequencia logica da falta de liberdade e independencia. E se em troca me quizerem dizer que foram, não a oppressão politica dos turcos, mas as pequenas perseguições e o desprezo de todos, a causa d'aquelle aviltamento, perguntem primeiro a si proprios se por acaso não seria verdadeiro o contrario; e, se em vez de esconderem a chaga, não seria util que elles proprios lhe tocassem com o ferro em braza.

* * *

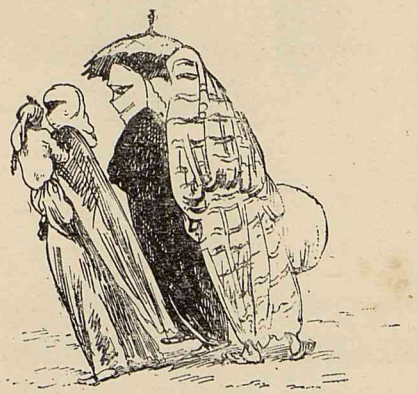
Depois de ter dado um giro por Balatha, não é mau ir tomar um banho turco. As casas dos banhos reconhecem-se por fóra; são edificios com janellas, da fórma de pequenas mesquitas, tendo por cima uma cupula e altas chaminés conicas que deitam perpetuamente fumo. Mas antes de entrarmos, bom é que pensemos duas vezes, e que perguntemos a nós mesmos *quid valeant humeri,* porque nem todos podem resistir ao aspero tratamento que se faz a um homem dentro d'aquelles muros salutares. Confesso que, depois do que tinha ouvido dizer a esse respeito, entrei com uma certa trepidação, e verão os leitores que eu era digno de dó. Quando me lembro d'isso, sinto aljofrarem-se-me as fontes com duas bagas de suor, que esperam que eu chegue ao mais vivo da descripção para me deslisarem pelas

faces. Eis pois o que fizeram á minha pobre pessoa. Entro timidamente, e acho-me n'uma grande sala que me deixa por um momento incerto sem poder saber se estou n'um theatro se estou n'um hospital. No meio jorra uma fonte de repuxo coroada de flores; e ao longo das paredes corre uma galeria de madeira onde dormem profundamente ou fumam dormitando alguns turcos estirados n'uns colxões, e envoltos desde a cabeça até aos pés em pannos de linho branquissimos. Emquanto olho á roda de mim á procura de banheiro, surgem de subito na minha frente, como dois espectros, sahidos não sei d'onde, dois alentados mulatos semi-nús que me perguntam ambos ao mesmo tempo com voz cavernosa: *Hammamun* (banho)? *Evvet,* (sim) respondo eu com um fio de voz. Fazem-me signal de que os siga, e levam-me a reboque por uma escadinha de madeira acima até a uma estancia cheia de esteiras e de almofadas onde me fazem comprehender que me devo despir. Apertam-me os rins com uma facha branca e azul, amarram-me a cabeça com um lenço de cassa, fazem-me enfiar dois tamancos collossaes, tomam-me por baixo dos braços como a um bebado, e conduzem-me ou antes transportam-me para outra sala quente e meio escura, onde me estendem em cima de um tapete e ficam á espera, de mãos nas ilhargas, até que esteja morbida a minha pelle. Todos estes apparelhos, que se parecem muito com os de um supplicio, causam-me uma inquietação, que se transforma n'um sentimento muito menos decoroso, quando os dois sicarios me tocam na testa, e trocam um olhar que significa: hade resistir, e parece que querem dizer: Vamos para a polé. Tomam-me outra vez por baixo dos braços e levam-me para uma terceira sala. Aqui experimento uma sensação muitissimo estranha. Parece que estou n'um templo submarino. Vejo vagamente, atravez de um véu branco de vapores, altas paredes marmoreas, columnas, arcadas, a abobada de uma cupula com janellas, d'onde descem raios de luz vermelha, azul e verde, phantasmas brancos que passam de um lado para o outro rentes com as paredes; e ao meio da sala homens semi-nús, estendidos no pavimento como cadaveres, sobre os quaes outros homens semi-nús estão inclinados na attitude de medicos que

fazem uma autopsia. A temperatura da sala é tal que, apenas entrei, senti-me logo todo banhado em suor, e pareceu-me que não poderia sahir mais d'ali senão transformado n'um riacho como o amante de Arethusa. Os dois mulatos transportam o meu corpo para o meio da sala, e estendem-n'o em cima de uma especie de meza anatomica, que é uma grande lage de marmore, por baixo da qual estão as fornalhas, a lage escalda e eu vejo as estrellas; mas em todo o caso cá estou e escuso de berrar. Os dois mulatos principiam a *vivisecção* cantarolando uma cançoneta funebre. Beliscam-me os braços e as pernas; comprimem-me os musculos, fazem-me estalar as articulações, esfregam-me, escovam-me, surram-me; fazem-me rebolar e recomeçam; tor-

Judeu na loja.

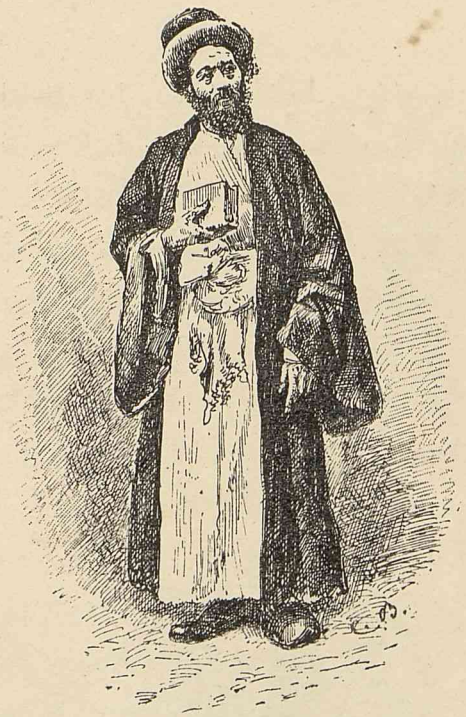
Judeu.



Senhora que vae ao banho

nam-me a deitar de costas, e voltam a principiar; puxam-me, amachucam-me como um boneco de massa, ao qual quizessem dar uma fórma que tivessem na imaginação, não o conseguem e desesperam-se; depois tomam um pouco a respiração; depois novos beliscões, puxões,

apertões que me fazem receiar que seja aquelle o ultimo quarto de hora da minha vida. Finalmente quando o meu corpo verte agua como uma esponja espremida, quando me vêem circular o sangue debaixo da pelle, quando reparam que eu já não sei de mim, nem posso commigo, tiram os meus restos mortaes d'aquelle leito de tortura, e levam-nos para um canto, para diante de um pequeno nicho onde estão dois tubos de bronze que deitam agua quente e agua fria n'uma bacia de marmore. Mas ai de mim! principia aqui um novo martyrio. E realmente as coisas tomam tal caminho que, fóra de brincadeira, pergunto a mim proprio se não chegou o momento de atirar um cachação para a direita e um murro para a esquerda e de me pôr a andar tal como estou. Um dos dois atormentadores calça uma luva de pelle de camello, e começa a esfregar-me a espinha, o peito, os braços e as pernas com a gentileza com que escovaria um cavallo, e a escovadella dura a graça de cinco minutos. Acabada a escovadella, atiram-me para cima das costas com uma torrente de agua tepida e tomam a respiração. Tambem eu a tomo, dando graças ao céu por estar a escovadella terminada. Mas não está tal terminada! O feroz mulato descalça a luva, e principia a operação com a mão núa, e eu esforço-me, e faço signal que me deixe, e elle, mostrando-me a mão, prova-me, com grande espanto meu, que ainda tem que esfregar. Acabada a esfregadella, outro jorro de agua, e depois outra operação. Agarram ambos n'uma rodilha de estopa, embebida em sabão de Constantinopla, e ensaboam-me desde a cabeça até aos pés. Acabada a ensaboadella, outro diluvio de agua



Rabbino

perfumada, e depois de novo a fricção com a estopa. Mas d'esta vez, bemdito Deus, a estopa está secca, e elles estão tratando de me enxugar. Apenas me apanham enxuto, amarram-me outra vez a cabeça, põem-me o avental, embrulham-me n'um lençol, reconduzem-me para a segunda sala, e, depois de uma paragem de alguns minutos, fazem-me voltar para a primeira. Aqui encontro um colxão tepido em que me estendo mollemente, e os dois executores de alta justiça dão-me os ultimos beliscões para tornarem igual em todos os membros a circulação do sangue. Feito isto, põem-me uma almofada bordada debaixo da cabeça, uma coberta branca em cima de mim, um cachimbo na bôcca, uma limonada ao lado, e deixam-me ali fresco, ligeiro, odorifero, com a mente serena, com o coração satisfeito, com um senso tão puro e tão juvenil da vida, que me parece ter nascido então, como Venus, da espuma do mar, e sentir roçarem-me pela cabeça as azas dos cupidinhos.

*
* *

Quem se sente assim tão puro e tão disposto a tornar a vêr as estrellas o melhor que tem a fazer é trepar á cabeça d'aquelle titan de pedra que se chama a torre do Seraskier. Creio que Satanaz, se quizesse tentar outra vez alguem com o offerecimento dos reinos da terra, podia contar com bom resultado, transportando a sua victima para aquelle cume. A torre, construida no reinado de Mahmud, ergue-se na collina mais alta de Stambul, no meio do pateo vastissimo do ministerio da guerra, no ponto que os turcos chamam o umbigo da cidade. É construida em grande parte com marmore branco de Marmara, no plano de um polygono regular de dezeseis lados, e arroja-se para cima audaciosa e esbelta como uma columna, excedendo um

bom pedaço os agigantados minaretes da proxima mesquita de Solimão. Vai-se lá acima por uma escada de caracol, illuminada por poucas janellas quadradas, pelas quaes se entrevê, quando se passa, ora Galata, ora Stambul, ora os arrabaldes do Corno Aureo, e ainda se não está a meia altura e já, deitando-se o olhar para fóra, parece que se está na região das nuvens. Ás vezes, quando se sobe, sente-se um ligeiro rumor por cima da cabeça, e quasi ao mesmo tempo vê-se passar uma larva, que mais parece uma coisa que se precipita do que um homem que desce; é um dos guardas que estão dia e noite de vedeta no alto da torre, que vio provavelmente n'algum ponto longinquo do horizonte uma nuvem de fumo suspeita e vai avisar o Seraskierado. A escada tem cerca de duzentos degraus, e conduz a uma especie de terraço redondo, coberto por cima e envidraçado á roda, onde passeia constantemente um guarda que serve café aos visitantes. Ao entrar n'aquella gaiola transparente, que parece suspensa entre o céu e a terra, ao vêr em tôrno aquelle immenso vacuo azul, ao sentir o vento que zune e faz vibrar os vidros e ranger os tabiques, quasi que se sente a vertigem, e se téem tentações de se renunciar ao panorama. Mas, ao vêr a escada de mão encostada á janellinha do tecto, recupera-se a coragem, sobe-se com o coração palpitante, e solta-se um grito de assombro. É um momento sublime. Fica-se como que fulminado. Está ali Constantinopla toda e abrange-se com uma vista de olhos; todas as collinas e todos os valles de Stambul desde o castello das Sete Torres até aos cemiterios de Eynb; toda a Galata e toda a Pera, como se o olhar cahisse sobre ellas a prumo, toda a Scutari como se estivesse ali por baixo; tres filas de cidades, de bosques, e de esquadras, que fogem até se perderem de vista ao longo de tres margens encantadoras; e outras faxas interminaveis de aldeias e de jardins que se perdem serpeando no interior das terras; todo o Corno Aureo, immovel, cristallino, e mosqueado de immensos cahiques, que parecem mosquitos nadantes; todo o Bosphoro, que parece fechado aqui e acolá pelas collinas mais avançadas das duas margens, e apresenta a imagem de uma successão de lagos, e cada lago parece cercado por uma cidade, e cada cidade é en-

grinaldada por jardins; para além do Bosphoro o mar Negro azulino que se confunde com o céu; do lado opposto o mar de Marmara, o golpho de Nicomedia, as ilhas dos Principes, a margem européa e a margem asiatica branquejantes de aldeias; para além do mar de Marmara o estreito dos Dardanellos, que scintilla como um subtil nastro de prata; para além dos Dardanellos um vago esplendor branco que é o mar Egeu e uma curva escura que é a riba da Troade; para além de Scutari, a Bithynia e o Olympo; para além de Stambul as solidões onduladas e amarelladas da Thracia; dois golphos, dois estreitos, dois continentes, tres mares, vinte cidades, uma myriade de cupulas prateadas e de agulhas de oiro, uma gloria de côres e de luz, que chega a fazer duvidar se aquillo será uma vista do nosso planeta ou de algum outro astro favorecido por Deus.

*
* *

E na torre do Seraskier, como na de Galata, como na velha ponte, como em Scutari, perguntei a mim mesmo cem vezes: Mas como podeste tu enamorar-te da Hollanda? — E não só aquelle paiz, mas Paris, mas Madrid, mas Sevilha, me pareciam cidades escuras e melancholicas, em que não poderia viver nem um mez. Depois tornava a pensar nas minhas pobres descripções, e dizia commigo com amargura: — Ah! desgraçado! quantas vezes desperdiçaste as palavras «bello, immenso, esplendido»! E agora que hei-de eu dizer d'este espectaculo? — Mas já me parecia que de Constantinopla não arrancaria nem uma pagina. E o meu amigo Rossasco dizia-me: — Mas porque não experimentas? — E eu respondia-lhe: — Mas eu não tenho nada que dizer! — E ás vezes, quem o acreditaria? aquelle espectaculo, durante alguns minutos, a certas horas, com uma certa luz, parecia-me

mesquinho, e eu exclamava com afflicção: — Onde está a minha Constantinopla? — Outras vezes invadia-me um sentimento de tristeza, pensando que, emquanto eu estava ali, diante d'aquella immensidade e d'aquella belleza, minha mãe estava n'um quarto pequeno, d'onde se não via senão um pateo feiissimo e uma nesga de céu, e parecia-me culpa minha, e daria um dos olhos da cara para ter ali pelo meu braço a minha boa velhinha e leval-a a Santa Sophia. O dia porém corria quasi sempre alegre e ligeiro como uma hora de embriaguez. E as raras vezes que o mau humor me espreitava, tinhamos eu e o meu amigo um meio seguro de nos livrarmos d'elle. Desciamos a Galata, saltavamos para dois cahiques de dois remos, os mais pintalgados e os mais doirados do porto, e gritavamos: — Eyub, e d'ahi a pouco estavamos no meio do Corno Aureo. Os nossos remadores chamavam-se Mahmud, Bajazet, Ibraim, Murad, cada um d'elles tinha vinte annos e dois braços de ferro, e vogavam á porfia, incitando-se com gritos e rindo como umas creanças; o céu estava sereno, e transparente o mar; nós deitavamos a cabeça para traz para bebermos a sorvos mais prolongados o ar cheio de perfumes e deixavamos pender uma das mãos dentro da agua; os dois cahiques voavam, d'aqui e de acolá fugiam aos nossos olhares os kiosques, os palacios, os jardins, as mesquitas; parecia-nos que eramos levados pelo vento atravez de um mundo de fadas, sentiamos um prazer inexprimivel em sermos novos e em estarmos em Stambul: Yunk cantava, eu recitava balladas orientaes de Victor Hugo, e via, ora á direita, ora á esquerda, ora perto, ora ao longe, lampejar nos ares um rosto amoroso, coroado de cabellos brancos e illuminado por um sorriso dulcissimo, que dizia: — Sê feliz, meu filho, abençôo-te e sigo-te.

SANTA SOPHIA

E agora, se ainda um pobre escriptor de viagens póde invocar uma musa, invoco-a de mãos postas, porque a minha mente desmaia «em face do nobre assumpto,» tremem diante de mim as grandes linhas da basilica byzantina como a imagem reflectida por aguas agitadas. Inspire-me a musa, illumine-me Santa Sophia, e perdõe-me o imperador Justiniano.

Por uma bella manhã de outubro, acompanhados por um cavas turco do consulado de Italia e por um drogman grego, fomos finalmente visitar o «paraizo terrestre, o segundo firmamento, o carro dos cherubins, o throno da gloria de Deus, a maravilha da terra, o maior templo do mundo depois de São Pedro». Esta ultima sentença — saibam-no os meus amigos de Burgos, de Colonia, de Milão, de Florença não é minha, e não ousaria fazel-a minha; mas citei-a com as outras, porque é uma das muitas expressões consagradas pelo enthusiasmo dos Gregos que o nosso drogman nos ia repetindo pelo caminho. E tinhamos escolhido pensadamente ao mesmo tempo um velho cavas turco e um velho drogman grego, com a esperança, que não foi illudida, de sentirmos nas suas explicações e nas suas lendas luctar as duas religiões, as duas historias, os dois povos; e que um nos exaltaria a igreja, o outro magnificaria a mesquita, de modo que nos fizessem vêr Santa Sophia como ali devia ser vista; com um olho de christão e um olho de turco.

Era grande a minha esperança e vivissima a minha curiosidade: e com-

O Serralho, Santa Sophia e o porto. Vista tirada da torre de Galata.

tudo pelo caminho pensava, como penso ainda, que não ha monumento famoso, ainda que seja digno da sua fama, de que nos venha ao espirito uma commoção tão viva e tão francamente agradavel como a que experimentamos quando o vamos vêr. Se eu podesse tornar a viver uma hora de todos os dias em que vi alguma grande coisa, escolheria a que decorrera entre o momento em que eu disse «Vamos», e aquelle em que ouvi dizer: «Chegámos!» As mais bellas horas das viagens são essas. Andando, parece que se sente engrandecer-se a alma para poder conter a commoção que surgirá dentro em pouco; lembram-nos os desejos da primeira mocidade que pareciam sonhos; torna-se a vêr um velho professor de geographia, que, depois de ter designado Constantinopla no mappa da Europa, traça no ar com uma pitada nos dedos, as linhas da grande basilica; vê-se aquella sala, aquelle fogão, diante do qual, no pessimo inverno, se descreverá o monumento no meio de um circulo de rostos maravilhados e immoveis; ouve-se resoar aquelle nome de Santa Sophia na cabeça, no coração, nos ouvidos, como o de um ente vivo que nos espera e nos chama para nos revelar algum grande segredo; vêem-se apparecer sobre a nossa cabeça arcadas e pilastras prodigiosas de edificios que se perdem no céo; e, quando se está a poucos passos da meta, sente-se ainda um prazer inexprimivel em parar para olhar para uma pedra, para vêr fugir um lagarto, para contar uma graçola, para perder um pouco de tempo, para demorar alguns minutos aquelle momento que se desejou por vinte annos e de que nos recordaremos toda a vida. De fórma que fica muito pouca coisa d'estes celebrados prazeres da admiração, se se tira o sentimento que os precede e o que os segue. É quasi sempre uma illusão, seguida por um ligeiro desengano, de que nós, obstinadamente, fazemos pullular outras illusões.

A mesquita de Santa Sophia fica defronte da entrada principal do antigo Serralho.

Chegando, porém, á praça que se estende diante do Serralho, a primeira coisa que attrahe os olhos não é a mesquita, mas a fonte famosa do Sultão Ahmed III.

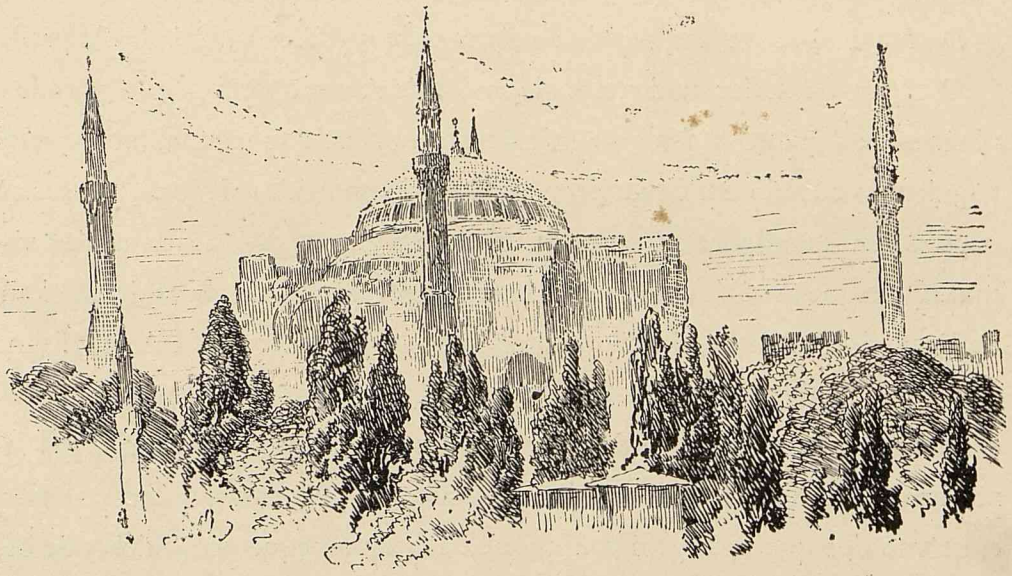
É um dos mais originaes e dos mais ricos monumentos da arte turca. Mas, mais que um monumento, é uma caricia de marmore, que um sultão galanteador poz na fronte da sua Stambul n'um instante de amor. Creio que só uma mulher a póde descrever bem. A minha penna não é bastante fina para lhe retratar a imagem. Á primeira vista não parece uma fonte. Tem a fórma de um templosinho quadrado, coberto por um tecto á chineza, que estende os seus beiraes ondulados muito para fóra dos muros, e lhe dá uma vaga apparencia de pagode. Nos quatro angulos ha quatro torrinhas redondas, munidas de janellinhas gradeadas, ou antes quatro kiosquesinhos de fórma gentilissima, aos quaes correspondem, no tecto outras tantas cupulasinhas esbeltas encimadas cada uma d'ellas por uma agulha graciosa, que fazem corôa a uma cupulasinha maior posta no meio. Em cada um dos quatro muros ha dois nichos elegantes; entre os nichos um arco de arqueamento agudo; debaixo do arco uma bica que deita a agua n'uma pequena bacia. Em tôrno do edificio gira uma inscripção que diz: Esta fonte falla-te da sua idade nos seguintes versos do Sultão Ahmed: abre a torneira d'esta nascente pura e tranquilla e invoca o nome de Deus; bebe esta agua inexhaurivel e limpida, e reza pelo Sultão. — O pequeno edificio é todo de marmore branco, que mal apparece por baixo dos infinitos ornamentos que cobrem os muros; são arcos pequeninos, pequenos nichos, columnelos, florões, polygonos, nastros, bordados de marmore, doirados em fundo azul, franjas em tôrno das cupulas, embutidos debaixo do tecto, mosaicos de cem côres, arabescos de mil fórmas, que parece que se emmaranham para nos fixar a vista, e irritam quasi o senso da admiração. Não ha espaço, que a mão possa cobrir que não esteja esculpido, cinzelado, lavrado. É um prodigio de graça, de riqueza, e de paciencia, para se metter debaixo de uma redoma de crystal; uma coisa que parece que se não faz só para os olhos, mas que deve ter tambem um sabor, e appetece chupal-a; um escrinio que se desejaria abrir para vêr o que ha lá dentro: se é uma deusa infantil, ou uma perola enorme, ou um annel magico. O tempo em parte desmaiou os doirados, confundio as côres e ennegreceu os

marmores. O que seria essa joiasinha collossal quando se descobrio pela primeira vez, joven e fulgurante, aos olhos do Salomão do Bosphoro, ha cento e sessenta annos? Mas, assim velha e negra como está, ainda tem a primazia entre todas as pequenas maravilhas de Constantinopla; e além d'isso é um monumento tão francamente turco, que, visto uma vez, fixa-se para sempre na memoria, no meio d'aquelle certo numero de imagens, que fluctuam depois todas juntas diante da nossa mente de cada vez que nos sôa ao ouvido o nome de Stambul, e formam como que o fundo do quadro oriental, em que se moverá perpetuamente o nosso pensamento.

Da fonte vê-se a mesquita de Santa Sophia que fecha um lado da praça.

O aspecto exterior nada tem de notavel. A unica coisa que prende o olhar são os quatro altissimos minaretes brancos, que surgem nos quatro angulos do edificio em cima de pedestaes do tamanho de umas casas. A cupula famosa affigura-se pequenina. Não parece que possa ser aquella mesma cupula que se vê desenhar-se redonda no azul, como a cabeça de um titan, de Pera, do Bosphoro, do mar de Marmara, e das collinas da Asia. É uma cupula achatada, flanqueada por duas meias cupulas, revestida de chumbo, coroada de janellas, que se firma em quatro muros pintados com largas faxas brancas e rosadas, sustentados pela sua vez por enormes contra-fortes, em tôrno dos quaes surgem confusamente muitos pequenos edificios de aspecto mesquinho — banhos, escolas, mausoleus, hospicios, cosinhas para os pobres, — que escondem a antiga fórma architectonica da basilica. Não se vê senão uma mole pesada, irregular, côr de cal, núa como uma fortaleza, e que não parece tão grande que possa suppôr quem o não saiba que está lá dentro a immensa nave de Santa Sophia. Da basilica antiga não apparece propriamente senão a cupula, que perdeu comtudo o esplendor argenteo, que se via, segundo dizem os Gregos, das summidades do Olympo. O resto é todo musulmano. Foi levantado um minarete por Mahomet o Conquistador, outro por Selim II, os outros dois pelo terceiro Amurat. Do mesmo Amurat são os contra-fortes levantados no fim do seculo XVI para suster os muros que foram abalados por um terremoto, e a desmedida meia

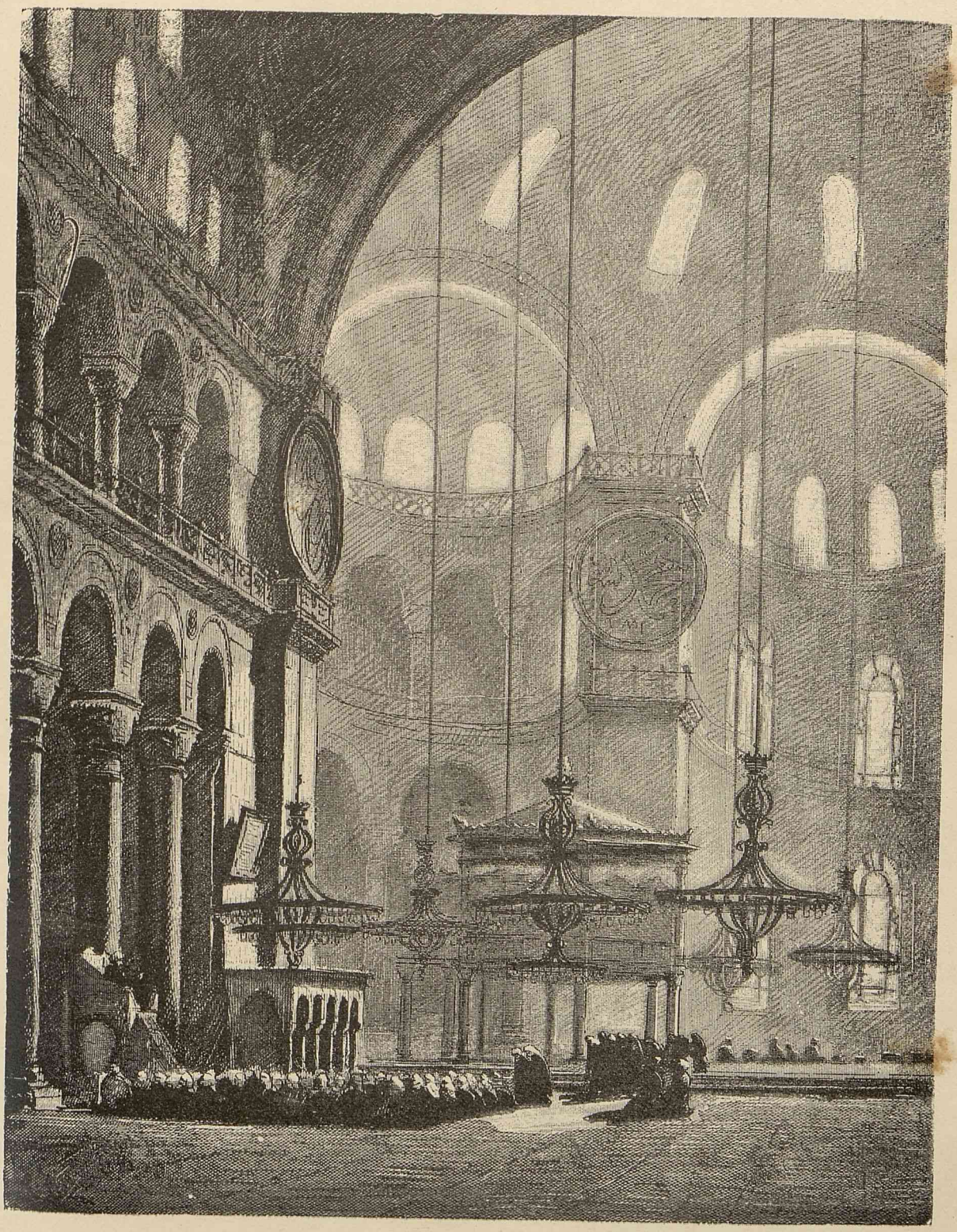
lua de bronze, posta no cimo da cupula, e cujo doirado só á sua parte custou cincoenta mil ducados. O antigo atrio desappareceu; o baptisterio foi convertido em mausoléu de Mustaphá e de Ibrahim I, quasi todos os outros pequenos edificios foram annexados á igreja grega, ou destruidos, ou escondidos por novos muros, ou transformados de modo que se não reconhecem. Por todos os lados a mesquita aperta, opprime e mascára a igreja, que não tem já livre senão a cabeça, sobre a qual vigiam comtudo, como quatro sentinellas agigantadas, os quatro minaretes imperiaes. Do lado do



Santa Sophia.

Oriente ha uma porta ornada por seis columnas de porphydo e de marmore; ao sul, outra por onde se entra n'um pateo, cercado de edificios baixos e desiguaes, no meio do qual jorra uma fonte para as abluções, coberta por um templosinho arqueado, sustentado por oito columnelos. Vendo-se de fóra, não se distingue Santa Sophia das outras grandes mesquitas de Constantinopla, a não ser porque é menos branca e menos ligeira; e muito menos poderá passar pela cabeça de quem a vir que seja esse o maior templo do mundo depois de S. Pedro.

Os nossos guias levaram-nos, por uma viella que flanqueia o lado sep-



Interior de Santa Sophia.

temtrional do edificio, a uma porta de bronze que girou lentamente nos eixos, e entrámos no vestibulo.

Esse vestibulo que é uma compridissima e altissima sala, revestida de marmore e ainda scintillante aqui e além com os antigos mosaicos, dá accesso para a nave, pelo lado oriental, por nove portas, e pelo lado opposto dava antigamente por outras cinco portas para outro vestibulo, que por outras treze portas communicava com o atrio.

Apenas ultrapassámos o limiar, mostrámos o nosso firman de entrada, e um sachristão, de turbante, enfiou-nos os chinellos, e, a um signal do guia, approximámo-nos, trepidando, da porta do meio do lado oriental, que nos esperava escancarada.

Apenas pozemos o pé na nave, ficámos ambos como que pregados no chão.

O primeiro effeito, realmente, é grande e novo.

Abrange-se com uma vista d'olhos um vacuo enorme, uma architectura audaciosa de meias cupulas que parecem suspensas no ar, de pilastras desmedidas, de arcos agigantados, de columnas collossaes, de galerias, de tribunas, de porticos, sobre os quaes desce de mil grandes janellas uma torrente de luz; um não sei que de theatral e de pittoresco, mais que de sacro; uma ostentação de grandeza e de força, um ar de elegancia mundana, uma confusão de classico, de barbaro, de caprichoso, de presumpçoso, de magnifico; uma grande harmonia, em que com as notas trovejantes e formidaveis das pilastras e dos arcos cyclopicos, que lembram as cathedraes do Norte, se misturam gentis e brandas cantilenas orientaes, musicas clamorosas dos banquetes de Justiniano e de Heraclio, echos de cantos pagãos, vozes frouxas de um povo effeminado e exhausto, e gritos longinquos de Vandalos, de Avaros e de Godos, uma grande magestade destruida, uma mudez sinistra, uma paz profunda; uma idéa da basilica de S. Pedro encurtada e rebocada e da de S. Marcos engrandecida e deserta; uma mistura nunca vista de templo, de igreja e de mesquita, de aspectos severos e de ornamentos puerís, de coisas antigas e de coisas novas, e de côres

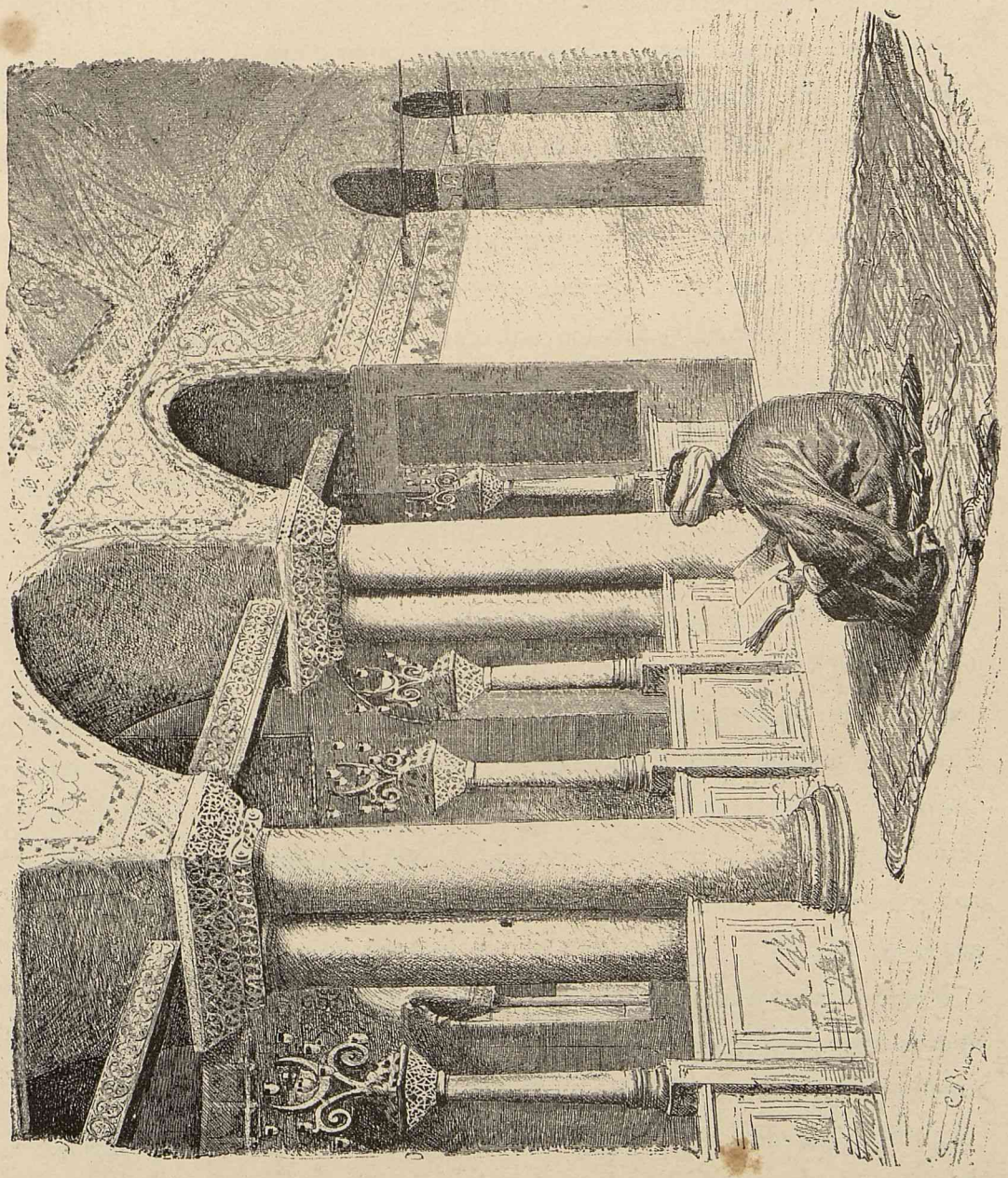
disparatadas, e de accessorios desconhecidos e extravagantes; um espectaculo em summa que levanta um sentimento a um tempo de assombro e de amargura, e que faz com que se esteja por algum tempo com o animo incerto, como procurando uma palavra que exprima e affirme o proprio pensamento.

O edificio é construido n'um rectangulo quasi quadrilatero, no meio do qual se levanta a cupula maior, sustentada por quatro grandes arcos, que assentam sobre quatro pilastras altissimas, e que são como que a ossatura de toda a basilica. Nos dois arcos que se apresentam na frente de quem entra apoiam-se duas grandes semi-cupulas, que cobrem toda a nave, e cada uma d'ellas abre-se n'outras duas semi-cupulas menores, que formam como que quatro templosinhos redondos no grande templo. Entre os dois templosinhos da parte opposta á entrada abre-se a abside, mas coberta por uma abobada em quarto de esphera. São pois sete cupulas que fazem corôa á cupula maior, cinco debaixo d'esta e cinco debaixo das duas, sem ponto de apoio apparente, de fórma que apresentam todas juntas um aspecto de maravilhosa ligeireza, e parecem devéras, como disse um poeta grego, penduradas, por sete fios, da abobada do céu. Todas estas cupulas são illuminadas por grandes janellas arqueadas e symetricas. Entre as quatro pilastras enormes que formam um quadrado no meio da basilica, levantam-se, á direita e a esquerda de quem entra, oito maravilhosas columnas de côr verde, sobre as quaes se recurvam uns arcos graciosos esculpidos em folhagem, que formam um portico elegantissimo de ambos os lados da nave e levantam a grande altura duas vastas galerias, que apresentam duas outras ordens de columnas e de arcos esculpidos. Corre uma terceira galeria, que communica com as duas primeiras, ao longo de todo o lado da entrada, e se abre para a nave por tres grandes arcos, sustentados por columnas gemeas. Outras galerias menores, sustentadas por columnas de porphydo, entremeiam quatro templosinhos collocados na outra extremidade da nave, e levantam outras columnas em que se firmam tribunas. É esta a basilica. A mesquita está como que disseminada no seu seio, e enre-

dada nos seus muros. O Mihrab, o nicho que indica a direcção de Meca, está escavado n'uma pilastra da abside. Á sua direita, em cima, está pendurado um dos quatro tapetes, sobre os quaes Mahomet fazia as suas orações. No angulo da abside, mais proximo do Mihrab, em cima de uma escadinha muito ingreme, flanqueada por duas balaustradas de marmore, esculpidas com uma delicadeza magistral, debaixo de um extravagante tecto conico, no meio de duas bandeiras triumphaes de Mahomet II, destaca-se o pulpito aonde sobe o Ratib para lêr o Alcorão, com uma espada desembainhada em punho, para significar que Santa Sophia é mesquita conquistada. Em frente do pulpito está a tribuna do Sultão, coberta com uma grade doirada. Outros pulpitos ou especies de terraços, munidos de balaustradas esculpidas em renda, e sustentadas por columnelos de marmore e arcos de arabescos, estendem-se aqui e acolá ao longo dos muros e avançam para o meio da nave. Á direita e á esquerda da entrada ha duas enormes urnas de alabastro, descobertas nas ruinas de Pergamo, e mandadas transportar para Constantinopla por Amurat III. Das pilastras pendem, a grande altura, discos verdes enormes, com inscripções do Alcorão em letras de oiro. Por baixo estão pregados nos muros grandes rotulos de porphydo, que têem escriptos os nomes de Allah, de Mahomet e dos quatro primeiros Califas. Nos angulos formados pelos quatro arcos que sustentam a cupula vêem-se ainda as azas agigantadas de quatro cherubins de mosaico, cujo rosto está coberto por um florão doirado. Das abobadas da cupula pendem immensos cordões de seda, que medem quasi toda a altura da basilica, e sustentam ovos de avestruz, lampadas de bronze cinzelado e globos de cristal. Aqui e além vêem-se estantes de madeira, embutidas de madre-perola e de cobre, com Alcorões manuscriptos. O pavimento está coberto de tapetes e de esteiras. Os muros são núS, esbranquiçados, amarellados, cinzentos escuros, ornados ainda n'alguns pontos com mosaico. O aspecto geral, triste.

A primeira maravilha da mesquita é a grande cupula. Olhando para ella do meio da nave, parece realmente vêr-se, como diz M^me^ de Stael da cu-

pula de S. Pedro, um abysmo suspenso sobre a nossa cabeça. É altissima, tem uma circumferencia enorme e a sua profundidade não é senão a sexta



Santa Sophia — Vista da galeria.

parte do seu diametro o que a faz parecer ainda maior. Na sua base corre um terracinho; sobre o terracinho uma corôa de quarenta janellas em arco. No cimo está escripta a sentença que pronunciou Mahomet II, fazendo pa-

rar o seu cavallo diante do altar-mór da basilica, no dia da tomada de Constantinopla: — Allah é luz do céu e da terra —; e algumas das letras brancas em fundo escuro, têem nove metros de comprimento. Como todos sabem, este prodigio aereo não se poderia acabar com os materiaes ordinarios; as abobadas foram construidas com pedra pomes que fluctúa na agua, e com pedras da ilha de Rhodes, cinco das quaes pesam tanto como uma pedra vulgar. Em cada pedra estava inscripta a sentença de David: *Deus in medio eius non commovebitur. Adiuvabit eam Deus vultu suo.* A cada doze circuitos de pedras emparedavam-se na abobada reliquias de santos. Emquanto os operarios trabalhavam, cantavam os sacerdotes; Justiniano assistia, vestido com uma tunica de linho; uma immensa multidão admirava. E não é de pasmar quando se pense que a construcção d'este «segundo firmamento» ainda maravilhosa nos nossos dias, era um atrevimento sem exemplo no sexto seculo. O vulgo julgava que estava lá em cima por encanto, e os turcos, ainda muito tempo depois da conquista, eram obrigados a fazer grande esforço sobre si mesmos para volverem o olhar para o Oriente, em vez de o erguerem para aquelle «céu de pedra.» A cupula effectivamente cobre cerca de metade da nave, de modo que senhoreia e illumina o edificio todo, e de todas as partes se vê um segmento da cupula; por mais que andemos, acabamos sempre por nos achar debaixo d'ella, sentindo pela centessima vez andarem-nos á roda o nosso olhar e os nossos pensamentos, com um calafrio de prazer agudo, que se assemelha á sensação do vôo.

Vista a nave e a cupula, só se começou a vêr Santa Sophia. Quem tem apenas uma sombra de curiosidade historica póde, por exemplo, dedicar uma hora ao exame das columnas. Aqui estão os despojos de todos os templos do mundo. As columnas verdes que sustentam as duas galerias foram dadas de presente a Justiniano pelos magistrados de Epheso, e pertenciam ao templo de Diana, incendiado por Erostrato. As oito columnas de porphydo, que se erguem a duas e duas entre as pilastras, pertenciam ao templo do Sol erguido por Aureliano em Balbek. Outras columnas são

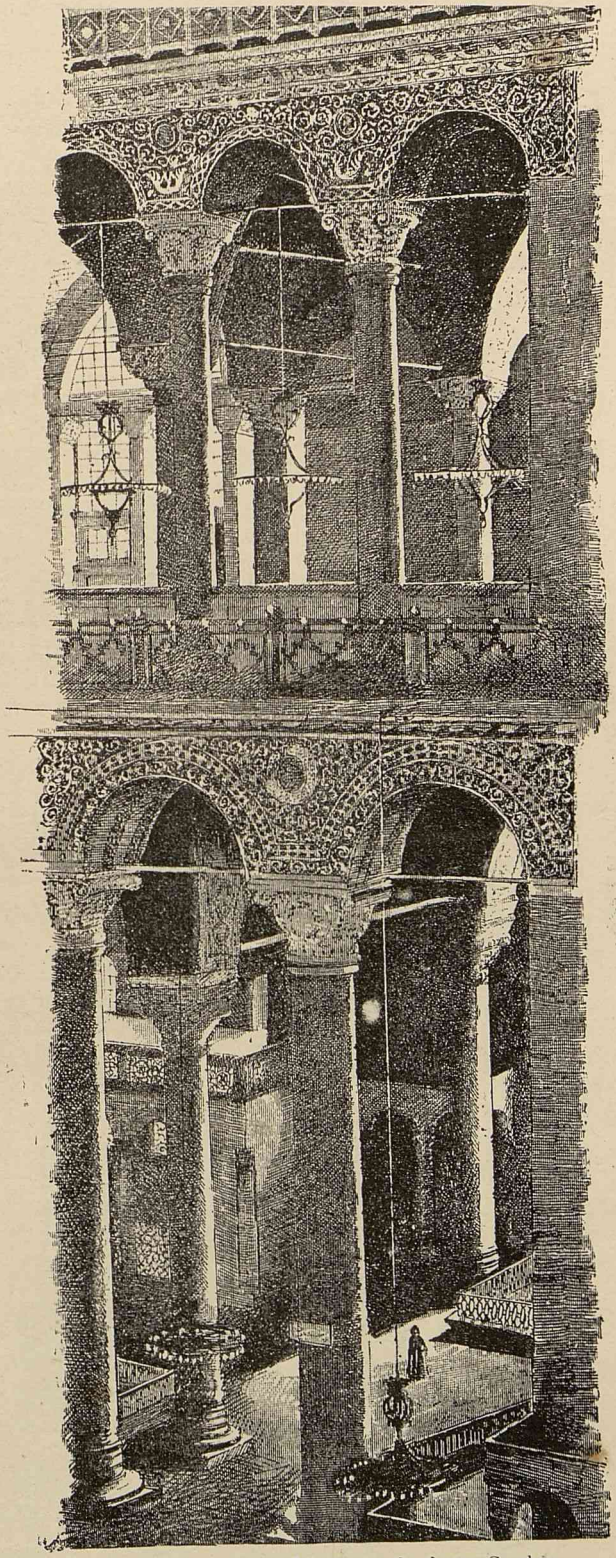
do templo de Jupiter em Cyzico, do templo de Helios de Palmyra, dos templos de Thebas, de Athenas, de Roma, da Troade, das Cycladas, de Alexandria; apresentam uma novidade infinita de côres e de grandezas. Entre as columnas, as balaustradas, os pedestaes e as laminas que restam do antigo revestimento dos muros, vêem-se marmores de quasi todas as pedreiras do Archipelago, da Asia Menor, da Africa e da Gallia. O marmore do Bosphoro, mosqueado de preto, contrasta com o celtico, preto com veios brancos; reflecte-se o marmore verde da Laconia no marmore azul da Lybia; o porphydo ponteado do Egypto, o granito estrellado da Thessalia, o cario do monte Iassi listrado de branco e de vermelho, o pallido caristio betado de ferro, misturam as suas côres com a purpura do marmore phrygio, com a côr de rosa do marmore da Mauritania, com a neve do marmore de Paros. A esta variedade de côres junta-se a variedade indescriptivel dos ornatos, das cornijas, dos florões, dos balaustres, dos capiteis de um extravagante estylo corinthio, em que se entrelaçam animaes, folhagens, cruzes, chimeras, e de outros que não pertencem a ordem alguma, phantasticos de desenho e desiguaes de grandeza, extraordinariamente emparelhados; e fustes de columnas e pedestaes ornados de esculpturas caprichosas, gastos pelo tempo e lascados pelas cimitarras, que apresentam no seu conjuncto um aspecto extravagante de magnificencia desordenada e barbaresca, e são o vilipendio do bom gosto, mas de que se não póde desprender o olhar.

Estando-se na nave porém, não se póde comprehender toda a vastidão da mesquita. A nave, effectivamente, não é senão uma pequena parte da mesquita. Os dois porticos que sustentam as galerias lateraes são por si sós dois grandes edificios de que se poderiam fazer dois templos. Cada um d'elles é dividido em tres partes, separadas por arcos altissimos. Aqui porém columnas, architraves, pilastras, abobadas, tudo é enorme. Passeiando por baixo d'aquellas arcadas, entrevê-se apenas, pelos intersticios das columnas do templo de Epheso, a grande nave e quasi parece que se está n'outra basilica. O mesmo effeito se experimenta nas galerias para onde se sobe

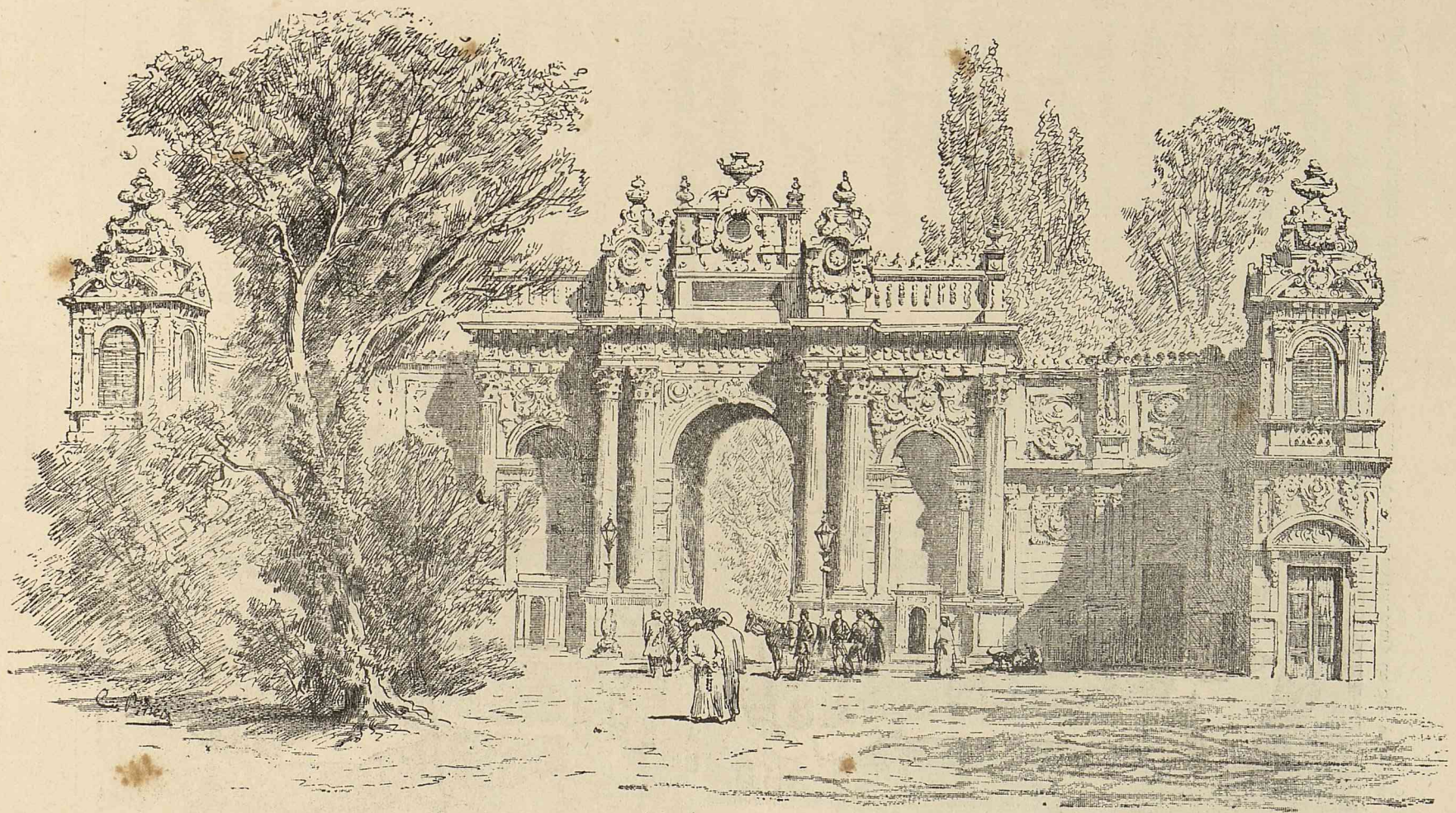
por uma escada em espiral de inclinação ligeirissima, ou antes por uma rua em subida, porque não ha degraus e poderia subir commodamente um homem a cavallo. As galerias eram o «gyneceu», ou a parte da igreja reservada para as mulheres; os penitentes estavam no vestibulo, o vulgo dos fieis na nave. Cada galeria poderia conter a população de um arrabalde de Constantinopla. Não parece que se está n'uma igreja; parece que se passeia no camarote de um theatro titanico, onde deve estalar de um momento para o outro um canto de cem mil vozes. Para vêr a mesquita, é necessario abeirar-se a gente da balaustrada e então apparece toda a grandeza. Os arcos, as abobadas, as pilastras, tudo se agiganta. Os discos verdes, que parecia que se poderiam abranger com os braços, podem tapar uma casa. As janellas são portões de palacios: as azas de cherubins velas de navios: as tribunas são praças, a cupula faz andar a cabeça á roda. Abaixando os olhos, sente-se outra maravilha. Não se suppunha que se tivesse subido tão alto. O chão da nave está lá em baixo no fundo de um abysmo, e os pulpitos, as urnas de Pergamo, as esteiras, as lampadas, parecem singularmente diminuidas. D'ali se vê melhor que de baixo uma particularidade curiosa da mesquita de Santa Sophia, e é que, não tendo a nave a direcção exacta de Meca, para onde os musulmanos devem voltar-se rezando, todas as esteiras e todos os tapetes estão dispostos obliquamente ás linhas do edificio, e offendem os olhos como um erro crasso de perspectiva. Lá de cima abrange-se bem com o olhar e com o pensamento a vida toda da mesquita. Vêem-se turcos ajoelhados nas esteiras com a fronte no chão; outros erectos como estatuas com a mão diante do rosto como se lhe interrogassem as rugas da palma; alguns sentados de pernas cruzadas aos pés de uma pilastra como se descançassem á sombra de uma arvore; alguma mulher velada, de joelhos a um canto solitario; velhos sentados diante das estantes, a lêrem o Alcorão; um iman fazendo recitar versiculos sagrados a um grupo de rapazes; aqui e além, debaixo das arcadas longinquas e pelas galerias, iman, ratib, muezzin, servidores da mesquita, vestidos de um modo extranho, que vão e vem lentamente como se nem tocassem no chão.

A melodia vaga formada pelas vozes submissas e monotonas de quem lê e de quem reza, aquellas mil lampadas extravagantes, aquella luz clara e igual, aquella abside deserta, aquellas outras galerias silenciosas, aquella immensidade, aquellas memorias, aquella paz deixam no animo uma impressão de grandeza e de mysterio, que nem a palavra póde exprimir, nem o tempo póde trancar.

Mas no fundo, como já disse, é uma impressão triste, e não errou o grande poeta que comparou a mesquita de Santa Sophia com um «collossal sepulchro,» porque de todas as partes ali se vêem os vestigios de uma devastação horrenda, e experimenta-se maior amargura pensando-se no que foi, do que deleite na admiração do que é ainda. Aplacado o sentimento do pri-



As duas ordens de architectura de Santa Sophia.



Palacio imperial de Dolma Bagcé.

meiro assombro, o espirito arroja-se irresistivelmente para o passado. E hoje ainda, depois de tres annos, nunca me acode á mente a grande mesquita que eu não procure representar antes na minha imaginação a igreja. Derrubo os pulpitos musulmanos, tiro as lampadas e as urnas, desprego os discos e os rotulos de porphydo, reabro as portas e as janellas entaipadas, raspo o rebôco que cobre as paredes e as abobadas, e eis a basilica inteira e novissima, como ha treze seculos, quando Justiniano exclamou: Gloria a Deus que me julgou digno de completar esta obra! Salomão, venci-te! — Para qualquer parte que se volte o olhar tudo scintilla, reluz e lampeja como nos paços encantados das lendas. As grandes paredes, revestidas de marmores preciosos, despedem reflexos de oiro, de marfim, de aço, de coral, de madre-perola, as innumeraveis nodoas dos marmores offerecem o aspecto de corôas e de grinaldas de flores, os infinitos mosaicos de cristal dão aos muros, em que bate um raio de sol, a apparencia de muros de prata marchetados de diamantes. Os capiteis, as cornijas, as portas, os ornatos, são de bronze doirado. As abobadas dos porticos e das galerias, pintadas a fogo, apresentam imagens collossaes de anjos e de santos em campo de oiro. Diante das pilastras, nas capellas, ao lado das portas, no meio das columnas, erguem-se estatuas de marmore e de bronze, candelabros enormes de oiro macisso, evangelhos gigantes poisados em estantes resplandecentes como thronos regios, altas cruzes de marfim, vasos scintillantes de perolas. No fundo da nave não se vê senão um clarão confuso como de muitas coisas que ardem. É a balaustrada do côro, de bronze doirado; é o pulpito, embutido com quarenta mil libras de prata, que custou o tributo de um anno do Egypto; são as cadeiras dos sete padres, o throno do patriarcha, o throno do imperador, doirados, esculpidos, marchetados, aljofrados, nos quaes, quando a luz cahe direita, não se póde fitar a vista. Para além d'estes esplendores, na abside, vê-se uma fulguração mais viva. É o altar, cuja meza, sustentada por quatro columnas de oiro, é feita de uma fusão de prata, de oiro, de estanho e de perolas, e o ciborio formado por quatro columnas de prata pura, sobre as quaes se ergue uma cupula

de oiro macisso, encimada por um globo e por uma cruz de oiro do peso de duzentas e sessenta libras. Para alêm do altar ergue-se uma figura gigantesca da divina Sapiencia, que toca com os pés no chão e com a cabeça na abobada da abside. Sobre todos estes thesouros resplendem no alto as sete meias cupulas cobertas de mosaicos de cristal e de oiro, e a grande cupula, sobre a qual se alongam as imagens desmesuradas dos apostolos, dos evangelistas, da Virgem e da Cruz, toda doirada, colorida e scintillante, como uma abobada de joias e de flores. E cupulas e columnas, e estatuas e candelabros se espelham no immenso pavimento de marmore proconnesio ondeado, que visto das quatro portas principaes, apresenta a imagem de quatro rios magestosos encrespados pelo vento. Assim era o interior da basilica. Mas é preciso ainda figurar o grande atrio, circumdado de columnas e de muros revestidos de mosaico, e ornado de fontes de marmore e de estatuetas equestres; a torre cujos trinta e dois sinos faziam ouvir as suas formidaveis badaladas nas sete collinas; as cem portas de bronze ornadas de baixos-relevos e de inscripções de prata; as salas dos synodos, as estancias do Imperador, as prisões dos sacerdotes, o baptisterio, as vastas sachristias repletas de thesouros, e um labyrintho de vestibulos, de triclinios, de corredores, de escadas escondidas que giravam nos flancos dos edificios e iam ter ás tribunas e aos oratorios secretos. Agora se póde imaginar que espectaculo offereceria uma tal basilica nas grandes solemnidades das bodas imperiaes, dos concilios, das coroações; quando do palacio enorme dos Cesares, por uma rua flanqueada por mil columnas, semeada de murta e de flores, perfumada com incenso e myrrha, entre as casas ornadas de vasos preciosos e de paramentos de seda, entre duas filas de *azues* e de *verdes,* entre os cantos dos poetas e os clamores dos arautos que soltavam vivas em todas as linguas do imperio, vinha adiante o imperador, com a thiara encimada por uma cruz, cheio de perolas como um idolo, sentado n'um carro de oiro com toldos de purpura, puxado por duas mulas brancas, e cercado por um cortejo de monarcha persa; e ia ao seu encontro o clero pomposo no atrio da basilica; e toda aquella turba de cor-

tezãos, de escudeiros, de logothetes, de protospatharios, de condestaveis, de generaes eunuchos, de governadores ladrões, de magistrados vendidos, de patricias impudicas, de senadores covardes, de escravos, de bobos, de casuistas, de mercenarios de todos os paizes, toda aquella canalha faustosa,

Turca na rua.

e toda aquella podridão doirada irrompia por vinte e sete portas na nave illuminada por seis mil candelabros; e via-se, ao longo da balaustrada do côro, debaixo dos porticos e nas tribunas um vaivem, um reboliço de cabeças coroadas de madeixas e de capas purpureas, uma scintillação de barretes com perolas, de collares de oiro, de coiraças de prata, uma troca de

gestos ceremoniosos, um cruzamento de inclinações e de sorrisos, um arrastar affectado de togas de seda e de espadas de gala, e um molle perfume enchia o ar, e uma immensa multidão trocista fazia resoar a abobada com gritos de alegria e com applausos profanos.

Depois de termos dado em silencio uns poucos de giros pela mesquita, deixámos fallar os nossos guias, que principiaram por nos mostrar as capellas

Escrava africana.

collocadas por baixo das galerias, despojadas de tudo, como todas as outras partes da basilica. Algumas servem de thesourarias, como o epistodomo do Parthenon, nas quaes os turcos que partem para uma longa viagem, ou que têem medo dos ladrões, depositam os seus dinheiros ou os seus objectos preciosos, e ali os deixam até por uns poucos de annos debaixo da guarda de Deus; outras, fechadas por um muro, estão convertidas em enfermarias, em que espera a cura ou a morte algum doente incuravel ou algum idiota, que fazem de quando em quando resoar a mesquita com gritos lamen-

tosos e com risadas infantis. D'aqui nos reconduziram ao meio da nave, e principiou o drogman grego a contar as maravilhas da basilica. O desenho foi traçado, não ha duvida, por Anthemio de Tralles e por Isidoro de Mileto; mas foi um anjo que lhes inspirou a primeira concepção. Foi um anjo tambem que suggerio a Justiniano a idéa de mandar abrir tres janellas na abside, que representassem as tres pessoas da Santissima Trindade. Assim as cento e sete columnas da igreja representam as cento e sete columnas que sustentam a casa da Sapiencia. Para reunir os materiaes necessarios para a construcção do edificio se empregaram sete annos. Cem mestres de obras superintendiam o trabalho, e dez mil operarios trabalhavam ao mesmo tempo, cinco mil de um lado e cinco mil do outro. Ainda os muros não estavam senão a poucos palmos acima da terra, e já se tinham gasto quatrocentos e cincoenta quintaes de oiro. A despeza total só para o edificio subio a vinte e cinco milhões de liras (um milhão de libras esterlinas, ou 4:500 contos de réis). A igreja foi consagrada pelo Patriarcha cinco annos, onze mezes e dez dias depois de se ter posto a primeira pedra, e Justiniano ordenou n'essa occasião sacrificios, festas, distribuições de dinheiro e de viveres que duraram duas semanas. Aqui tomou a palavra o cavas turco, e foi para nos mostrar a pilastra em que o sultão Mahomet II, entrando vencedor em Santa Sophia, deixou o vestigio sanguinolento da mão direita como para sellar a sua conquista. Depois mostrou-nos, junto do Mihrab, a chamada *janella fria,* d'onde sopra continuamente um ar fresquissimo, que inspirou as mais bellas predicas aos maiores doutores do Islamismo. Fez-nos vêr n'outra janella a famosa *pedra resplandecente,* que é uma lage de marmore diaphano, que resplandece como um pedaço de cristal quando lhe batem os raios do sol. Fez-nos tocar, á esquerda de quem entra pela porta do lado septentrional, a *columna que súa,* uma columna revestida de bronze, cujo marmore se vê humido sempre por uma pequena racha do revestimento. E emfim indicou-nos um bloco de marmoreôco, transportado de Bethlem, e onde se diz que foi posto, apenas nasceu, Sidi Yssa, «o filho de Maria, o apostolo de Deus, o espirito que d'elle procede e que merece

ser honrado n'este mundo e no outro». Mas pareceu-me que nem o grego nem o turco acreditavam muito no caso. Tomou de novo ainda a palavra o drogman, passando diante de uma porta emparedada das galerias, para contar a lenda celebre do bispo, e d'esta vez, fallou com um tom de persuasão, que, se não era sincero, era bem simulado. No momento em que os turcos irromperam na igreja de Santa Sophia, estava um bispo grego dizendo missa no altar-mór. Ao vêr os invasores, subio á galeria, e, perseguido pelos soldados, desappareceu por aquella pequena porta, que ficou instantaneamente fechada por um muro de pedra. Os soldados pozeram-se a bater no muro com furia, mas não conseguiram senão deixar lá o vestigio das suas armas; foram chamados pedreiros; mas, depois de terem trabalhado um dia inteiro com as picaretas e com as alavancas, tiveram de desistir da empreza; experimentaram em seguida as suas forças todos os pedreiros de Constantinopla, e todos cahiram inutilmente exhaustos de forças diante do muro miraculoso. Mas esse muro ha-de-se abrir, no dia em que a basilica profanada fôr restituida ao culto de Christo; então d'ella sahirá o bispo grego, trajando as suas vestes pontificaes, com o calice na mão, de rosto radiante, e subindo de novo os degraus do altar, continuará a dizer a missa no ponto em que a tinha deixado; e n'esse dia resplenderá a aurora dos novos seculos para a cidade de Constantino.

Quando iamos sahir, o sachristão turco que até ahi nos acompanhára bamboleando-se e bocejando, deu-nos um punhado de pedacinhos de mosaico que pouco antes arrancára de um muro, e o drogman grego, parando á porta, começou a narrativa, que logo lhe atalhámos, da profanação de Santa Sophia.

Não m'a atalhem outros a mim, agora que a descripção da basilica me reavivou na memoria as particularidades d'aquella scena.

Apenas, pelas sete da manhã, se espalhou a noticia de que os turcos tinham galgado os muros, refugiára-se uma turba immensa em Santa Sophia.

Eram cerca de cem mil pessoas: soldados fugitivos, monges, sacerdotes, senadores, milhares de virgens fugidas dos mosteiros, familias patricias com

os seus thesouros, grandes dignatarios do Estado e principes do sangue imperial, que corriam pelas galerias e pela nave e que se apinhavam por todos os recéssos do edificio, á mistura com as fezes do vulgo, com os escravos, com os malfeitores vomitados pelos carceres e pelas galés, e em toda a basilica resoavam os gritos de terror como n'um theatro apinhado ao irromper de um incendio.

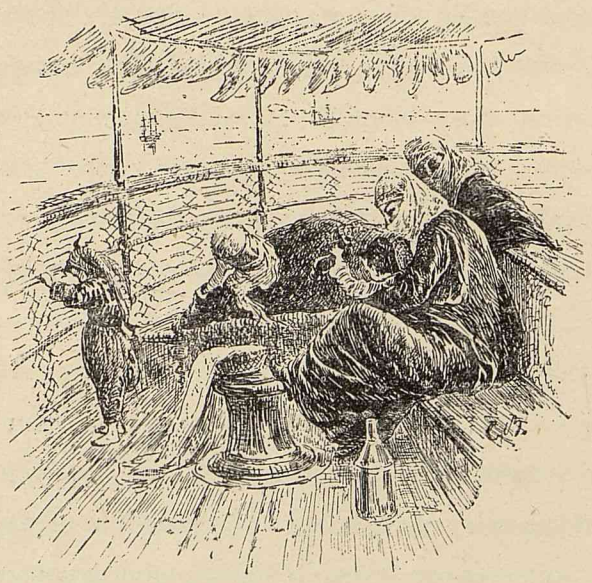
Quando a nave, todas as galerias e todos os vestibulos se encheram a trasbordar, trancaram-se e afferrolharam-se as portas, e ao tumulto dos primeiros momentos succedeu uma quietação aterradora. Muitos suppunham ainda que os vencedores não ousariam profanar a igreja de Santa Sophia, outros esperavam com estupida tranquillidade a apparição do Anjo annunciado pelos prophetas, que exterminaria o exercito musulmano antes que as guardas avançadas chegassem á columna de Constantino; outros, subindo ao terraço que rodeia a grande cupula, espreitavam das janellas o progredir do perigo, e davam noticia d'elle com os gestos para cem mil rostos lividos que das galerias e da nave olhavam para cima.

Lá de cima via-se uma immensa nuvem branca que cobria os muros desde as Blachernas até á Porta Aurea; e para aquem dos muros quatro faxas lampejantes, que avançavam por entre as casas como quatro torrentes de lava, alargando-se e rumorejando, no meio do fumo e das chammas. Eram as quatro columnas assaltantes do exercito turco, que levavam adiante de si as desordenadas guardas avançadas do exercito grego, e convergiam, saqueando e incendiando, para Santa Sophia, o Hippodromo e o Palacio imperial.

Quando as vanguardas das columnas chegaram á segunda collina, o clangor das trombetas resoou de improviso na igreja e a multidão aterrada cahiu de joelhos. Mas ainda n'esses momentos continuavam muitos a confiar na apparição do Anjo, e outros esperavam que um sentimento de respeito e de terror fizesse parar os invasores diante da magestade d'aquelle enorme edificio consagrado a Deus. Mas esta ultima illusão não tardou tambem a desvanecer-se. Avisinhou-se o estridor das trombetas, um rumor

confuso de armas e de gritos, irrompendo das mil janellas, veio encher a basilica, e um minuto depois ribombaram os primeiros golpes dos machados ottomanos nas portas de bronze dos vestibulos.

Então aquella immensa turba sentiu o frio da morte e todos se recommendaram a Deus. As portas, despedaçadas ou arrombadas, cahiram, e uma horda selvagem de janizaros, de spahis, de timariotas, de derviches, carregados de sangue e de pó, transfigurados pelo furor da batalha, da rapina e do estupro, appareceu nos limiares. Ao primeiro aspecto da grande nave, fulgurante de thesouros, soltaram um grito, altissimo de maravilha e de jubilo; depois irromperam por ali dentro como uma torrente furiosa. Precipitou-se uma parte sobre as virgens, as damas, os patricios, escravos preciosos, que, assombrados pelo terror, estenderam espontaneamente os braços ás cordas e ás cadeias; os outros cahiram sobre as riquezas da igreja. Foram saqueados os tabernaculos, derrubadas as estatuas, quebrados os crucifixos de marfim; os mosaicos, tomados por pedras preciosas, desfeitos a golpes de cimitarra, cahiram em chuva scintillante nos caftans e nas capas abertas; as perolas dos vasos, desengastadas com os bicos dos punhaes, saltaram no pavimento perseguidas como objectos vivos, e disputadas á mordidella e á punhalada; o altar-mór baqueou disperso em mil fragmentos de ouro e de prata; as cadeiras, os thronos, o pulpito, a balaustrada do côro desappareceram como que triturados por uma avalancha de pedra.



Familia turca.

E entretanto continuavam a irromper pela igreja, em ondas sanguinosas, as hordas asiaticas e em breve não se vio senão um redemoinho vertiginoso de saqueadores ebrios, mascarados com tiaras e vestes sacerdotaes, que agitavam no ar calices e ostensorios, arrastando filas de escravos amarrados com os cintos doirados dos pontifices, no meio dos camellos e dos cavallos carregados de presa, que tropeavam no pavimento atulhado de fragmentos de estatuas, de Evangelhos lacerados, e de reliquias de santos; uma orgia delirante e sacrilega, acompanhada por uma horrida algazarra de urros de triumpho, de ameaças, de relinchos, de risos, de gritos de creanças, e de clangores de trombetas, até que tudo emmudeceu de subito, e no limiar da porta principal appareceu a cavallo Mahomet II, cercado por uma multidão de principes, de vizires e de generaes, soberbo e impassivel como a imagem viva da vingança de Deus, e, erguendo-se nos estribos, soltou com voz trovejante na basilica devastada a primeira formula da nova religião:—Allah é a luz do céu e da terra.

Uma Cadina

DOLMA BAGCÉ

Hoje sexta-feira, vai o sultão fazer as suas orações n'uma mesquita de Constantinopla.

Vimol-o n'um dia em que elle foi á mesquita de Abdul-Medjid, situada na margem européa do Bosphoro, ao pé do palacio imperial de Dolma Bagcé.

Para ir de Galata a Dolma Bagcé, passa-se pelo bairro populoso de Top-

Hané, entre uma grande fundição de canhões e um vasto arsenal; percorre-se todo o arrabalde musulmano de Funduclú que occupa o logar do antigo Aianteon, e sahe-se para uma praça espaçosa, aberta para o mar, para além da qual, ao longo da margem do Bosphoro, se ergue o palacio famoso onde residem os sultões.

É a maior mole de marmore que reflectem as aguas do estreito desde a collina do Serralho até ás bôccas do Mar Negro, e não se abrange toda com um olhar senão passando por diante d'ella n'um cahique. A fachada, que se desdobra n'uma extensão de cerca de meia milha italiana, está voltada para a Asia, e vê-se branquear a grande distancia entre o azul do mar e o verde carregado das collinas da praia. Não é propriamente um palacio, porque não tem uma concepção architectonica unica; as varias fracções estão desligadas, e n'ellas se misturam n'uma confusão nunca vista o estylo arabe, o grego, o gothico, o turco, o romano, o da Renascença, e com a magestade dos palacios reaes da Europa a graça mais feminina dos paços mouriscos de Sevilha e de Granada. Podia chamar-se antes do que «palacio» cidade imperial, como a do Imperador da China; e mais do que pela vastidão, pela fórma, parece que deve ser habitado, não por um só monarcha, mas por dez reis irmãos ou amigos, que passem o tempo no ocio e nos prazeres. Para o lado do Bosphoro, apresenta uma serie de fachadas de theatros ou de templos, em que ha uma profusão indescriptivel de ornatos, atirados para ali, como diz um poeta turco, pelas mãos de um doido; que lembram aquelles fabulosos pagodes indianos em que os olhos se cançam logo á primeira vista, e parecem a imagem dos infinitos caprichos amorosos e fanaticos dos principes infrenes que vivem dentro d'aquelles muros. São filas de columnas doricas e jonias, ligeiras como lanças; janellas emmolduradas por cornijas em festões e por columnelos com cannelluras, arcos cheios de folhagens e de flores que se recurvam sobre portas cobertas de lavrados; terraços gentís com os parapeitos arrendados; trophéus, florões, vides esculpidas; grinaldas que se enlaçam e se entrançam, caricias de marmore que se atropellam nas altas cornijas, ao longo das janellas, em

tôrno de todos os relevos; uma rede de arabescos que se estende desde as portas até aos frontões, uma profusão e uma finura de ornatos e de galas architectonicas, que dão a cada um dos pequenos palacios de que se compõe o grande edificio multiforme a apparencia de um prodigioso trabalho de cinzeladura. Parece que não devia ter sido um tranquillo architecto armenio o que tivesse a primeira concepção d'este palacio; mas um sultão enamorado que o tivesse visto em sonho, dormindo nos braços da mais ambiciosa das suas amantes. Diante d'elle estende-se uma fila de pilastras monumentaes de marmore branco, unidas por cancellas doiradas que representam um delicadissimo enlace de ramos e de flores, e que vistas de longe parecem cortinas de espiguilha que o vento deve levar. Longas escadarias de marmore descem das portas até á praia e escondem-se no mar. Tudo está branco, fresco, nitido, como se o palacio fosse feito hontem. Os olhos de um artista podem vêr n'elle mil erros de harmonia e de gosto; mas o conjuncto d'aquella mole desmesurada e riquissima, o primeiro aspecto d'aquelle grupo de paços brancos como a neve, cinzelados como joias, coroados por aquella verdura, reflectidos por aquellas aguas, deixa uma impressão de força e de mysterio e de amor, que faz quasi esquecer a collina do antigo Serralho. Aquelles que tiveram a fortuna de penetrar dentro d'aquelles muros, dizem que o interior corresponde á fachada, que são longas fieiras de salas com pinturas a fresco de assumptos phantasticos e de côres ridentes, com portas de cedro e de mogno, esculpidas e adornadas de oiro, que abrem para interminaveis corredores illuminados por uma luz dulcissima, d'onde se passa para outras salas revestidas de tintas de fogo por pequenas cupulas de purpurino cristal, e para quartos de banho que parecem escavados n'um só bloco de marmore de Paros; e d'aqui para terraços aereos que pendem sobre jardins mysteriosos e sobre bosques de cyprestes e de rosas, dos quaes, por longas fugas de porticos mouriscos se vê o azul do mar; e janellas, terraços, alpendres, kiosques, tudo está repleto de flores, por toda a parte ha agua que repuxa e recahe em chuva vaporosa sobre a verdura e sobre os marmores, e por toda a parte se abrem vistas di-

vinas para o Bosphoro, cujo ar vivo espalha por todos os recessos do enorme pateo uma deliciosa frescura marinha.

Do lado de Funduclú ha uma porta monumental, sobrecarregada de ornamentos; o Sultão devia sahir por aquella porta e atravessar a praça.

Não ha outro rei na terra que tenha tão bella praça para uma sahida solemne dos seus Paços. Estando aos pés da collina, vê-se de um lado a

Aldeã turca.

porta do palacio, que parece o arco de triumpho de uma rainha; do outro a mesquita graciosa d'Abdul-Medjid, flanqueada por dois minaretes gentis; defronte o Bosphoro; para além as collinas da Asia, verdissimas, mosqueadas com infinitas côres pelos kiosques, pelos palacios, pelas mesquitas, pelas quintas que apresentam o aspecto de uma grande cidade enfeitada para a festa; mais longe a magestade ridente de Scutari com a sua corôa funebre de cyprestes; e entre as duas margens um cruzamento continuo de bar-

cos á vela, de navios de guerra embandeirados, de pequenos vapores atulhados que parecem cheios de flores, de navios asiaticos de fórmas antigas e extravagantes, de lanchas do Serralho, de barquinhos senhoris, de revoadas de passaros que roçam pelas aguas; uma formosura cheia de alegria e de vida, diante da qual o estrangeiro, que espera a sahida do cortejo im-

Georgiana.

perial, não póde senão imaginar um Sultão bello como um anjo e sereno como uma creança,

Meia hora antes, estavam já na praça dois troços de soldados, fardados á zuava, que deviam formar alas na passagem do Sultão, e um milhar de curiosos. Nada ha mais estranho do que o conjuncto da gente que se vê habitualmente n'aquella occasião. Estavam paradas aqui e acolá varias carruagens fechadas, com turcas lá dentro «da alta fidalguia», guardadas

por eunuchos agigantados a cavallo, immoveis ao lado das portinholas; algumas senhoras inglezas em carruagens de aluguer descobertas, varios circulos de viajantes, de oculo a tiracollo, entre os quaes vi o incessante conquistador da hospedaria de Byzancio, que viera talvez — cruel! — para fulminar com um olhar de triumpho o seu rival poderoso e infeliz. Entre a multidão giravam alguns personagens de largos chapéus, com um album debaixo do braço, que me pareceram desenhadores vindos para esboçar furtivamente o semblante imperial. Ao pé da banda de musica estava uma formosissima senhora franceza, vestida um pouco estranhamente, de aspecto e de attitude audaciosa, que estava adiante de todos, e que devia ser alguma aventureira cosmopolita que viera ali para dar nas vistas ao Grão-Senhor, porque se lhe lia no rosto «o alegre trepidar de um grão designio». Havia tambem alguns d'aquelles velhos turcos, subditos fanaticos e suspeitosos, que não faltam nunca quando passa o Sultão, porque querem assegurar-se com os seus proprios olhos de que está vivo e são para gloria e prosperidade do universo; e o Sultão sahe de proposito todas as sextas-feiras para dar ao seu bom povo uma prova da sua existencia, podendo acontecer, como acontece muita vez, que a sua morte natural ou violenta seja conservada secreta por conjuração da côrte. Havia mendigos, janotas musulmanos, eunuchos desoccupados, derviches. Entre esses, notei um velho alto e magro, com uns olhos terriveis, immovel, que olhava para a porta do palacio com uma expressão sinistra; e pensei que estivesse á espera do Sultão para se lhe pespegar diante, e gritar-lhe na cara como o derviche das *Orientaes* ao pachá Ali de Tépéléni: «Tu não és senão um perro e um amaldiçoado!» Mas d'estes atrevimentos sublimes não ha já exemplo depois da cutilada famosa de Mahomed. Havia depois á parte varios grupos de raparigas turcas, que pareciam grupos de mascaras, e a costumada gentalha de comparsas do palco scenico que é a turba de Constantinopla. Todas as cabeças se perfilavam no azul do Bosphoro, e provavelmente todas as bôccas diziam as mesmas palavras.

Principiava-se a fallar n'esses dias nas extravagancias de Abdul-Aziz. Já

havia tempo que se fallava na sua miseravel avidez de dinheiro. O povo dizia: — Mahmud, avido de sangue, Abdul-Medjid de mulheres, Abdul-Aziz de oiro — Todas as esperanças que se punham n'elle, quando, principe imperial, matando um boi com um murro, dizia: — Assim matarei a barbarie — estavam já, havia muito, desvanecidas. As tendencias para uma vida simples e severa, de que déra provas nos primeiros annos do seu reinado, amando, como se dizia, uma mulher só, e restringindo inexoravelmente as despezas enormes do Serralho, não eram já senão memoria. Talvez tambem havia annos e annos que elle abandonára completamente aquelles estudos de legislação, de arte militar e de litteratura européa, com que se fizera tanta bulha, como se n'elles repousassem todas as esperanças da regeneração do Imperio. Havia muito tempo que não pensava já senão em si proprio. A cada momento corria a noticia de alguma furia sua contra o ministro da fazenda, que não queria ou não podia dar-lhe todo o dinheiro que elle desejava. Á primeira objecção ferrava nas costas de Sua atrapalhadissima Excellencia com o primeiro objecto que lhe cahia nas mãos, recitando a fio com quanta voz tinha na garganta a formula antiga do juramento imperial: pelo Deus creador do céu e da terra, pelo propheta Mahomet, pelas sete variantes do Alcorão, pelos cento e vinte e quatro mil prophetas de Deus, pela alma do meu avô e pela alma de meu pae, pelos meus filhos e pela minha espada, traze-me dinheiro ou mando espetar a tua cabeça na ponta do mais alto minarete de Stambul. E ou por *fás* ou por *nefas* sempre conseguia o que queria, e o dinheiro extorquido d'aquella maneira ora o amontoava e o enterrava ciosamente como um avarento vulgar, ora o desperdiçava em caprichos puerís. Hoje era a mania dos leões, ámanhã dos tigres, e mandava compradores á India e á Africa; depois durante um mez quinhentos papagaios faziam resoar nos jardins imperiaes a mesma palavra; depois assenhoreava-se d'elle o furor pelas carruagens e pelos pianos, que queria tocar pondo-os ás costas de quatro escravos; depois a mania dos combates de gallos a que assistia com enthusiasmo, e punha com a sua mão uma medalha ao pescoço dos vencedores, e mandava

em exilio, para além do Bosphoro, os vencidos; depois a paixão do jogo, dos kiosques, dos quadros; a côrte parecia ter voltado aos tempos do primeiro Ibrahim; mas o pobre principe não encontrava paz, não fazia senão passar de um aborrecimento mortal para uma inquietação tormentosa; estava torvo e triste, parecia presentir o fim desgraçado que o esperava. Ás vezes mettia-se-lhe na cabeça que devia morrer envenenado, por algum tempo, desconfiando de todos, não comia senão ovos cosidos; e, outras vezes, salteado pelo terror dos incendios, mandava tirar dos quartos todos os objectos de madeira, até as molduras dos espelhos. Exactamente n'aquella occasião dizia-se que, com medo do fogo, lia de noite á luz de uma candeia mettida n'uma bacia de agua. E, apezar de todas estas loucuras, cuja causa primaria se dizia que fôra uma causa que não precisamos de dizer, conservava toda a força imperiosa da sua vontade antiga e sabia fazer-se obedecer e fazia tremer os mais atrevidos. A unica pessoa que tinha poder no seu animo era sua mãe, mulher de indole soberba e vaidosa que nos primeiros annos do seu reinado mandava cobrir com tapetes de brocado as ruas por onde passava seu filho para ir á mesquita, e no dia seguinte dava todos esses tapetes de presente aos escravos que os iam levantar. Porém, mesmo na desordem da sua vida afanosa, entre um e outro dos seus grandes caprichos, Abdul-Aziz tinha tambem caprichos pequenissimos como o de querer n'uma certa porta uma pintura a fresco de natureza morta, com certos fructos e flores, combinados de uma certa maneira, e prescrevia minuciosamente todas as coisas ao pintor, e estava ali largo tempo a contar

Senhora turca em casa.

Aldeia turça na margem asiatica.

as pinceladas, como se não tivesse outro pensamento n'este mundo. Em todas estas extravagancias, floreadas sabe Deus como pèlas mil bôccas do Serralho, fallava toda a cidade, e talvez desde então se andassem tecendo os primeiros fios da conjuração que o derrubou do throno dois annos depois. A sua queda, como dizem os Musulmanos, estava já escripta, e com ella a sentença que depois foi proferida ácerca d'esse sultão e do seu reinado. E essa não é muito diversa da que se poderia dar ácerca de quasi todos os sultões dos ultimos tempos. Principes imperiaes, inclinados para a civilisação européa por uma educação superficial, mas varia e livre, e pelo fervor da juventude desejosa de novidade e de gloria, namoram, antes de subirem ao throno, grandes projectos de reformas e de renovações, e têem o proposito firme e sincero de consagrar a esse fim toda a sua vida, que deverá ser uma vida austera de trabalho e de lucta. Mas depois de alguns annos de reinado e de luctas inuteis, cercados de mil obstaculos, algemados com tradições e costumes, combatidos pelos homens e pelas coisas, aterrados com a grandeza da obra que primeiro não tinham medido, deixam-se d'isso desalentados, para pedirem aos prazeres o que da gloria não podem obter, e a pouco e pouco perdem n'uma vida toda sensual até a memoria dos primeiros propositos e a consciencia do seu aviltamento. Assim acontece que, ao surgir cada novo sultão, se faz sempre e não sem fundamento, um prognostico feliz a que se segue sempre um desengano.

Abdul-Aziz não se fez esperar. Á hora marcada, ouviu-se um clangor de trombetas, a banda entoou uma marcha guerreira, os soldados apresentaram armas, sahio improvisamente um esquadrão de lanceiros da porta do palacio, e vio-se apparecer o Sultão a cavallo, que caminhava lentamente.

Passou por diante de mim a poucos passos, e tive tempo á larga de o considerar attentamente.

A minha imaginação ficou estranhamente desilludida.

O rei dos reis, o sultão esbanjador, violento, caprichoso, imperioso — que tinha então os seus quarenta e quatro annos — tinha o aspecto de um bonacheirão de um turco, que se achasse sem o saber a fazer de sultão.

Era um homem atarracado e gordo, um bello carão com dois grandes olhos serenos, a barba toda e curta, já um pouco salpicada de branco, uma physionomia aberta e cheia de mansidão, um porte naturalissimo quasi desleixado, e um olhar quieto e lento, em que não apparecia a minima preoccupação dos milhares de olhos que estavam em cima d'elle. Montava um cavallo cinzento, todo arreiado de ouro, de bellissimas fórmas, e levado á redea por dois palafreneiros fulgurantes. O cortejo seguia-o a grande distancia, e só por isso é que se podia perceber que era o Sultão. Era modestissimo o seu fato. Tinha um simples fez, uma comprida sobre-casaca de côr escura abotoada até debaixo do queixo, umas calças claras e umas botas de cordovão. Caminhava lentissimamente, olhando em tôrno de si, com uma expressão entre benevola e fatigada, como se quizesse dizer aos espectadores: — Ah! se soubessem como eu vou seccado! — Os musulmanos inclinaram-se profundamente, os europeus tiraram o chapéo; elle não correspondeu ao cumprimento de ninguem. Passando por diante de nós, deitou um olhar a um official de alta estatura que o saúdou com a espada, outro ao Bosphoro, e depois um olhar mais demorado a duas senhoras inglezas que se fizeram vermelhas como dois morangos. Observei que tinha a mão branca e bem feita, e era exactamente a mão direita com a qual, dois annos depois, abrio as veias no banho. Atraz d'elle passou um grupo de pachás, de cortezãos, de medalhões, a cavallo; quasi todos uns homem-zarrões, com grandes barbas negras; vestidos sem pompa, silenciosos, graves, lugubres, como se acompanhassem um enterro; depois um esquadrão de palafreneiros que levavam á mão dois cavallos soberbos; depois um grupo de officiaes a pé com o peito coberto de cordões de oiro; depois d'elles passarem, os soldados abaixaram as armas, a multidão disseminou-se pela praça e eu fiquei ali immovel, com os olhos fitos no cume do monte Bulgurlú, pensando nas singularissimas condições em que se acha um Sultão em Stambul.

É um monarcha mahometano, pensava eu, e tem o seu Paço aos pés de uma cidade christã, Pera que ostenta as suas casas por cima d'elle. É sobe-

rano absoluto de um dos mais vastos imperios do mundo, e ha na sua metropole, a pouca distancia d'elle, dentro dos grandes palacios que sobrepujam o seu Serralho, quatro ou cinco estrangeiros ceremoniosos que lhe governam em casa e que, tratando com elle, escondem debaixo de uma linguagem reverente uma ameaça perpetua que o faz tremer. Tem nas suas mãos um poder desmedido, a vida e os haveres de milhões de subditos, meio de satisfazer os seus mais loucos desejos, e não póde mudar a fórma do seu barrete. Está cercado de um exercito de cortezãos e de guardas, que bei-

Joven circassiana.

jam as suas pégadas, e treme continuamente pela propria vida e pela vida dos seus filhos. Possue mil mulheres, que são das mais formosas mulheres da terra, e elle é o unico, entre todos os musulmanos do seu imperio, que não póde dar a mão de esposo a uma mulher livre, não póde ter senão filhos de escravas, e elle mesmo é denominado «Filho de escrava» por esse mesmo povo que lhe chama «a sombra de Deus». Resôa o seu nome reverenciado e terrivel desde os ultimos confins da Tartaria até aos ultimos confins do Maghreb, e na sua propria metropole ha um povo innumero e sempre crescente, sobre o qual não tem sombra de poder, e que se ri d'el-

le, da sua força e da sua fé. Em toda a face do seu immenso imperio, entre as tribus mais miseraveis das provincias mais longinquas, nas mesquitas e nos conventos mais solitarios das terras mais selvagens, se reza ardentemente pela sua vida e pela sua gloria, e não póde dar um passo nos seus Estados, sem se achar no meio de inimigos que o detestam, e que invocam sobre a sua cabeça a vingança de Deus. Para toda aquella parte do mundo

Rapariga zingara.

que se estende diante do seu Paço, é elle um dos mais augustos e formidaveis monarchas do universo; para a que se estende por traz d'esse Paço, é o mais debil, o mais pusillanime, o mais miserando dos homens que têem uma corôa na cabeça. Uma corrente enorme de idéas, de vontades, de forças contrarias á natureza e ás condições do seu poder o envolve, o domina, transforma por baixo d'elle, em tôrno d'elle, contra sua vontade, sem que elle dê por tal, costumes, eis, usos, crenças, homens, tudo. E elle ali está,

entre a Europa e a Asia, no seu immenso palacio, banhado pelo mar, como n'uma nave prompta a dar á vela, no meio de uma confusão infinita de idéas e de coisas, cercado por um fausto fabuloso e por uma miseria immensa, não sendo já *nem um nem dois,* já não musulmano verdadeiro, e ainda não verdadeiro europeu, reinando sobre um povo mudado, barbaro de sangue, civilisado de aspecto, bifronte como Jano; servido como um nume, e vigiado como um escravo, adorado, cercado de insidias, cego de todo, em quanto não passa um dia que não apague um raio da sua auréola, e não arranque uma pedra do seu pedestal. Parece-me que, se eu fosse elle, cançado d'aquella situação tão singular no mundo, saciado de prazeres, enjoado de adulações, enojado com as suspeitas, indignado com aquella soberania mal segura e viciosa sobre aquella desordem sem nome, alguma vez, á hora em que está immerso no somno o immenso serralho, atirava-me ao Bosphoro a nado, como um galeote fugitivo, e ia passar a noite n'uma taverna de Galata, no meio de um bando de marujos, com um copo de cerveja na mão, e com um cachimbo de gesso nos dentes, a cantar a *Marselheza*.

Meia hora depois, o Sultão tornou a passar rapidamente n'uma carruagem fechada, seguida por um grupo de officiaes a pé, e o espectaculo acabou. De tudo o que me fez impressão mais viva foram esses officiaes de grande uniforme que corriam aos pulos, como um bando de lacaios, atraz da carruagem imperial. Nunca vi semelhante prostituição da farda militar.

Este espectaculo da passagem do Sultão está sendo agora, como se vê, uma coisa bastante mesquinha. Os sultões de outro tempo sahiam em grande pompa, precedidos e seguidos por uma nuvem de cavalleiros, de escravos, de guardas dos jardins, de eunuchos, de camaristas que, vistos de longe, apresentavam o aspecto, como diziam os chronistas enthusiastas, de «um vasto canteiro de tulipas». Em vez d'isso, os sultões de hoje parece que fogem das pompas como de uma ostentação theatral da grandeza perdida. Pergunto a mim mesmo muitas vezes o que diria um d'esses antigos

monarchas se, resurgindo por um momento do seu sepulchro de Brussa, ou do seu *turbé* de Stambul, visse passar um d'estes seus netos do seculo XIX, enfiado n'uma sobre-casaca preta, sem turbante, sem espada, sem joias, no meio de uma turba de estrangeiros insolentes. Creio que havia de córar de raiva e de vergonha, e que em signal de supremo desprezo lhes mandaria, como Solimão I a Hassan, cortar a barba a golpes de cimitarra, que é a mais cruel injuria que se póde fazer a um osmanli. E realmente, entre os sultões de agora, e esses sultões antigos, cujos nomes resoaram na Europa entre o seculo XII e o seculo XVI, como explosões de raio, corre a mesma differença que entre o imperio ottomano dos nossos dias e o dos antigos seculos. Esses reuniam deveras em si a juventude, a belleza e o vigor da sua raça, e não eram apenas uma imagem viva do proprio povo, uma bella insignia, uma perola preciosa da espada do islamismo; mas constituiam por si sós uma das suas verdadeiras forças, ou antes a sua verdadeira força, porque não ha quem possa desconhecer nos seus predicados pessoaes uma das causas mais efficazes do maravilhoso incremento do poder ottomano. O mais bello periodo é o da primeira juventude da dynastia, que abrange cento e noventa e tres annos, de Osman a Mahomet II. Essa foi deveras uma cadeia de principes fortissimos, e, só com uma excepção, e tendo em conta os tempos e as condições da raça, austeros e sensatos e amados pelos proprios subditos; frequentemente ferozes, mas raramente injustos, e muitas vezes até generosos e beneficos para os inimigos; bellos e de aspecto tremendo, verdadeiros leões como suas mães lhes chamavam, «cujo rugido fazia tremer a terra». Os Abdul-Medjid, os Abdul-Aziz, os Murad, os Hamid não são senão larvas de padischahs em confronto d'aquelles jovens formidaveis, filhos de paes de dezoito annos e de mães de quinze e dezeseis annos, nascidos da flor do sangue tartaro, e da flor da belleza grega, persa e caucasica. Aos quatorze annos commandavam exercitos e governavam provincias, e recebiam em premio das proprias mães escravas bellas e ardentes como elles. Aos dezeseis annos já eram paes, e ainda o eram aos setenta. Mas o amor não lhes enfraquecia a tempera galhardissima do animo

e dos membros. O animo era de ferro, diziam os poetas, e o corpo era de aço. Tinham todos umas certas feições communs que se perdiam depois nos seus netos degenerados: a fronte alta, as sobrancelhas arqueadas e reunidas como as dos persas, os olhos azulinos dos filhos das steppes, o nariz que se curvava sobre a bôcca purpurea «como o bico de um papagaio sobre uma cereja», e densissimas barbas negras, para as quaes os poetas do serralho distillavam

Turca velada.

todo o seu engenho na busca de comparações graciosas ou terriveis. Tinham «o olhar da aguia do monte Tauro, e a força do rei do deserto», pescoços taurinos, hombros larguissimos, peitos salientes «que podiam conter toda a ira guerreira dos seus povos», braços muito compridos, articulações collossaes, pernas curtas e arqueadas, que faziam rinchar de dôr os mais vigorosos cavallos turcomanos, e grandes mãos hirsutas que manejavam como debeis canas as massas e os arcos enormes dos seus bronzeos soldados. E tinham sobre-nomes dignos d'elles; o luctador, o campeão, o

esmagador de ossos, o derramador de sangue. A guerra era abaixo de Allah o primeiro dos seus pensamentos, e a morte o ultimo. Não tinham o genio dos grandes capitães, mas eram todos dotados d'aquella promptidão de resolução, que o suppre quasi sempre e d'aquella feroz obstinação que não raro consegue os mesmos effeitos. Voavam, como furias aladas, pelos campos de batalha, mostrando de longe as longas pennas de garça espetadas nos candidos turbantes, e os amplos caftans tecidos de oiro e de purpura; os seus gritos selvagens faziam voltar ao campo as phalanges rareadas pela metralha allemã ou servia, quando já não bastavam os nervos de boi de mil lategos furibundos. Lançavam os seus cavallos a nado pelos rios fazendo rodopiar por cima das aguas as cimitarras a distillarem sangue, afferravam pela garganta, de passagem, e arrancavam da sella os pachás madraços ou velhacos; saltavam do cavallo abaixo nas derrotas e cravavam os seus punhaes scintillantes de rubis nas costas dos soldados fugitivos; e, feridos mortalmente, subiam, apertando a ferida, a algum monticulo do campo para mostrarem aos seus janizaros o rosto pallido mas ainda ameaçador e imperioso, até que cahiam rugindo de raiva mas não de dôr. Qual devia ser o sentimento d'aquellas doces rapariguinhas circassianas ou persas, apenas sahidas da puericia, quando pela primeira vez, na noite de um dia de batalha, debaixo de uma tenda purpurea, á luz velada de uma lampada, compareciam diante de um d'aquelles sultões aterradores e soberbos, inebriados com a victoria e com o sangue? Mas elles então tornavam-se meigos e amorosos, e, apertando aquellas mãos infantis nas suas mãos gigantescas ainda convulsas do apertar da espada, procuravam mil imagens nas flores dos seus jardins, nas perolas dos seus punhaes, nos mais bellos passaros dos seus bosques, nas mais bellas côres das auroras da Anatolia e da Mesopotamia para louvar a belleza das suas escravas trementes, até que ellas tomavam animo, e respondiam na sua linguagem apaixonada e phantastica: — Corôa da minha cabeça! Gloria da minha vida! Meu doce e tremendo senhor! Que o teu rosto seja sempre branco o esplendido nos dois mundos da Asia e da Europa! Que a victoria te siga por toda a parte aon-

Senhora turca em casa.

de o teu cavallo te levar! Que a tua sombra se estenda sobre toda a terra! Quereria ser uma rosa para rescender no cimo do teu turbante, ou uma borboleta para bater as azas sobre a tua fronte! — E depois, com a voz ve-

lada, contavam áquelles grandes amantes saciados, que lhes adormeciam no seio, as suas historias infantis de palacios de esmeralda e de montanhas de oiro, emquanto, em tôrno da tenda, pelos campos ensanguentados e escuros, o exercito feroz dormia. Mas elles deixavam toda a molleza no limiar do harem, e sahiam dos seus amores mais feros e mais ardentes. Eram meigos no harem, ferozes no campo de batalha, humildes na mesquita, soberbos no throno. E fallavam uma linguagem cheia de hyperboles fulgurantes e de fulmineas ameaças, e cada sentença sua era uma sentença irrevogavel que apregoava uma guerra, ou levava um homem ao apice da fortuna, ou fazia rolar uma cabeça aos pés do throno, ou desencadeiava um furacão de ferro e de fogo sobre uma provincia rebelde. Assim redemoinhando desde a Persia até ao Danubio, desde a Arabia até á Macedonia, entre as batalhas e os triumphos, as caçadas e os amores, passavam da flor dos annos a uma virilidade mais ardente e mais audaz do que a mocidade, e depois a uma velhice que nem o seio das suas favoritas nem o dorso dos seus cavallos chegavam a conhecer. E não só na velhice, mas na verdura da idade acontecia ás vezes que, oppressos pelo sentimento do seu monstruoso poder, angustiados de repente, no furor das victimas e dos triumphos, pela consciencia de uma responsabilidade mais que humana, e salteados por uma especie de terror na solidão da sua propria altura, voltavam-se com todas as veras da sua alma para Deus, e passavam os dias e as noites nos recessos dos seus jardins a compôr poesias religiosas, ou iam meditar o Alcorão, nas praias do mar ou dançar as danças freneticas dos dervíches ou macerar o corpo com jejuns e com cilicios na caverna de um velho ermita.

E como tanto na vida como na morte se apresentaram quasi todos aos seus povos com uma physionomia ou veneravel, ou tremenda, quer morressem com a serenidade dos santos como o chefe da dynastia, ou carregados de annos de gloria e de tristeza como Orkhan, ou victimas do punhal de um traidor como Murad I, ou na desesperação do exilio como Bajazet, ou conversando placidamente entre uma corôa de doutos e de poe-

tas como o primeiro Mahomet, ou da dôr de uma derrota como o segundo Murad; póde-se dizer com certeza que os seus phantasmas ameaçadores são o que ficará mais poetico e melhor nos horizontes côr de sangue da historia ottomana.

AS TURCAS

É uma grande surpreza para quem chega a Constantinopla, depois de ter ouvido fallar tanto na escravidão das mulheres turcas, vêr mulheres por toda a parte e a todas as horas do dia, como em qualquer cidade européa. Parece que exactamente n'aquelle dia se deu vôo livre a todas aquellas andorinhas captivas, e principiou uma era nova de liberdade para o bello sexo musulmano. A primeira impressão é curiosissima. O estrangeiro pergunta a si proprio, ao vêr todas as mulheres com aquelles véus brancos e aquellas longas capas de côr charlatanescas, se são mascaras, ou freiras, ou doidas; e como se não vê nem uma só acompanhada por um homem, parece que não devem pertencer a ninguem, que são todas ou viuvas ou solteiras, ou que pertencem todas a algum grande *convento* de «mal-casadas». Nos primeiros dias ninguem se póde persuadir de que aquelles turcos e aquellas turcas que se encontram e se tocam sem olharem uns para os outros, possam ter entre si alguma coisa de commum. E a cada momento se é obrigado a parar para se observarem aquellas estranhas figuras e para se meditar n'aquelle estranhissimo uso. São estas pois, diz a gente comsigo, aquellas «vencedoras de corações», aquellas «fontes de prazer», aquellas pequeninas «folhas de rosa», e «uvas temporãs», e «orvalhos da manhã», e «auroras», e «vivificadoras», e «luas esplendidas», com que mil poetas nos encheram a cabeça? São estas as *hanuns* e as odaliscas mysteriosas, que aos vinte annos, lendo as balladas de Victor Hugo á sombra de um jardim, tantas vezes sonhámos, como creaturas de outro mundo, das quaes um só

amplexo consumiria todas as forças da nossa mocidade! São estas as formosas infelizes, escondidas por grades, vigiadas por eunuchos, separadas do mundo, que passam na terra, como umas larvas, soltando um grito de voluptuosidade e um grito de dôr? Vejamos o que ha ainda de verdade em toda esta poesia.

Rapaz turco.

Primeiro que tudo, o rosto da mulher turca já não é um mysterio, e por isso se desvaneceu uma grande parte da poesia que a circumdava. Aquelle véu cioso, que, segundo o Alkorão, devia ser «um signal da sua virtude e um freio para as fallas do mundo» já não é senão uma apparencia. Todos sabem como o *jasmac* é feito. São dois grandes véus brancos, um dos quaes, apertado em tôrno da cabeça como uma venda, cobre a testa até ás sobrancelhas, ata-se atraz no cabello por cima da nuca, e vai cahir nas costas em duas tiras até á cintura; o outro cobre toda a parte inferior do rosto e vai atar-se com o primeiro, de fórma que parece tudo um véu só. Mas esses dois véus, que deviam ser de mosselina, e apertados de fórma que não deixassem vêr senão os olhos e a parte superior das faces, são de tulle transparente, e tão soltos que deixam vêr não só o rosto mas as orelhas, o pescoço, as tranças, e muitas vezes tambem os chapelinhos á

européa, ornados de plumas e de flores, usados pelas senhoras «reformadas». E por isso acontece exactamente o contrario do que se via antigamente, quando ás senhoras idosas era licito andarem com o rosto um pouco mais descoberto, e ás novas se impunha a obrigação de se taparem mais rigorosamente. Agora são as novas, e especialmente as bonitas, que mais se mostram, e são as velhas que para enganarem o mundo usam o véu denso e apertado. Portanto já não são possiveis uma infinidade de bellos mysterios e de surprezas, contadas pelos poetas e pelos romancistas; é fabula, entre outras, a de vêr o marido pela primeira vez o rosto de sua esposa na noite nupcial. Mas, a não ser a cara, tudo está ainda escondido; não se póde entrevêr nem o seio nem a cintura, nem os braços, nem as ilhargas; o *férédgé* tudo esconde rigorosamente. É uma especie de tunica, guarnecida com uma romeira, de mangas muito compridas, larga, sem garbo, cahindo como uma capa desde os hombros até aos pés, de panno de inverno, de seda de verão, e toda de uma côr, quasi sempre vivissima; ora de um vermelho vivo, ora alaranjada, ora verde; e uma ou outra predomina de anno para

Rapariga turca.

anno, ficando sem alteração a fórma. Mas, apezar de estarem d'esse modo como que mettidas n'um saco, tal é a arte com que sabem dirigir o *jasmaç*, que as bonitas parecem lindissimas e as feias graciosas. Não se póde dizer o que fazem co messes dois véus, a graça com que os dispõem em corôa ou em turbante, com que amplidão e com que nobreza de pregas os envolvem e os sobrepõem, com que ligeireza e com que elegante desleixo os soltam e os deixam cahir, como os fazem servir a um tempo para mostrar, para esconder, para prometter, para propôr enigmas e para revelar inesperadamente pequenas maravilhas. Algumas parece que têem á roda da cabeça uma nuvem branca e diaphana, que a um sopro se deve desvanecer; outras parecem engrinaldadas com açucenas e jasmins; todas parecem de pelle alvissima, e tomam com aquelles véus uns niveos esfumados e uma apparencia de morbidez e de frescura que enamora. É um toucado, a um tempo austero e ridente, que tem um que de sacerdotal e de virgineo; debaixo do qual parece que não devem nascer senão pensamentos gentís e caprichos innocentes... Mas nasce um pouco de tudo.

É difficil definir a belleza da mulher turca. Posso dizer que quando n'ellas penso, vejo um rosto alvissimo, dois olhos negros, uma bôcca purpurea, e uma expressão de doçura. Quasi todas porém são pintadas. Embranquecem o rosto com massa de amendoas e de jasmim, augmentam as sobrancelhas com tinta da China, tingem as palpebras, enfarinham o pescoço, põem signaes nas faces. Mas fazem isso com garbo; não como as formosas de Fez, que dão pincelladas de alvaiade. A maior parte têem um bello contorno oval, um nariz um pouco arqueado, os labios grossos, o queixo redondo com a covinha; muitas têem tambem covinhas nas faces, um bello pescoço compridito e flexivel; e mãos pequenas, quasi sempre cobertas, que pena! pelas mangas da capa. Quasi todas são gordinhas, e

muitissimas de altura mais que mediana; rarissimas as enfezadas e as magrizellas dos nossos paizes Se têem um defeito commum, é o de andarem um poucochinho curvadas, e um pouco descompostas, com este modo desastrado dos adolescentes que cresceram muito depressa; o que deriva, diz-se, de uma molleza de membros, de que é causa o abuso do banho, e tambem um pouco do calçado mal-geitoso. Vêem-se effectivamente rapariguinhas elegantissimas, que devem ter um pésinho microscopico, calçadas com uns chinellos de homem, ou com umas botinas compridas, largas e engelhadas que uma camponia européa desdenharia. Mas ainda com esse feio andar têem um certo garbo infantil que, quando os olhos se habituam, não desagrada. Não se vê nenhuma d'aquellas figuras muito tezas, d'aquelles manequins de modista, tão frequentes nas nossas cidades, tão frequentes nas cidades européas, que andam com passinhos de bonifrates, e que parece que vão a saltar n'um taboleiro. Ainda não perderam aquelle andar oriental pesado e desleixado, e, se o perdessem, talvez fossem mais magestosas, mas menos sympathicas. Vêem-se caras lindissimas e de belleza infinitamente variada, porque n'ellas entra com o sangue turco, o sangue circassiano, arabe, ou persa. Ha matronas de trinta annos, de fórmas opulentas, que o *férédgé* não consegue esconder, altissimas, com grandes olhos escuros, com labios tumidos e narinas dilatadas — formidaveis *hanum* que fariam tremer com um olhar cem escravas — vendo as quaes, parece deveras uma ridicula e temeraria fanfaronada, a dos senhores turcos que se gabam de ser quatro vezes maridos. Ha outras pequeninas e rochonchudinhas, que têem tudo redondo — cara, olhos, nariz e bôcca — e um ar tão sereno, tão benevolo, tão acreançado, uma apparencia de resignação tão docil ao seu destino, o de não serem senão um passatempo e um recreio, que ao passar junto d'ellas tem a gente vontade de lhes metter na bôcca um caramello. Ha tambem as figurinhas esbeltas, pequeninas esposas de dezeseis annos, ardentes e vivissimas, com os olhos cheios de caprichos e de astucias, que fazem pensar com um sentimento de piedade no pobre effendi que as ha-de ter sugeitas ao freio e no desgraçado eunucho que as ha-de ter vigiadas. E a

cidade presta-se admiravelmente para emmoldurar, por assim dizer, a sua belleza e o seu vestuario. É muito para se vêr uma d'aquellas figurinhas de véu branco e de *férédgé* purpureo, sentada n'um cahique, no meio do azul do Bosphoro, ou recostada na relva, no meio do verde escuro de um cemiterio; ou ainda melhor vêl-a descer alguma viella ingreme e solitaria de Stambul, fechada ao fundo por um platano, quando ha ventania e os véus e *férédgés* esvoaçam e descobrem o pescoço, os pésinhos e as calças; e asseguro-vos que n'esse momento, se ainda estivesse em vigor o indulgente decreto de Solimão o Magnifico, que multa com um *aspro* cada beijo dado na mulher ou na filha d'outrem, daria um pontapé na avareza o proprio Harpagão. E não se imagine que, quando ha ventania, a mulher turca tenha grande azafama em conservar baixo o *férédgé*, porque o pudor das musulmanas não vai abaixo dos joelhos, e pára ás vezes muito acima.

Drusa no monte Libano.

O que assombra ao principio é a maneira que ellas têem de olhar e de rir que auctorisaria qualquer juizo mais temerario. Acontece frequentemente que um rapaz europeu, olhando fito para uma mulher turca, mesmo das de alto bordo, obtenha em troca um olhar sorridente ou um sorriso aberto. Não é raro tambem que uma bella *hanum*, de carruagem, faça ás escondidas do eunucho, um gracioso comprimento com a mão a um rapazito franco a quem se lembrasse de querer agradar. Ás vezes, n'algum cemiterio ou n'alguma rua apartada, arrisca-se uma turca caprichosa

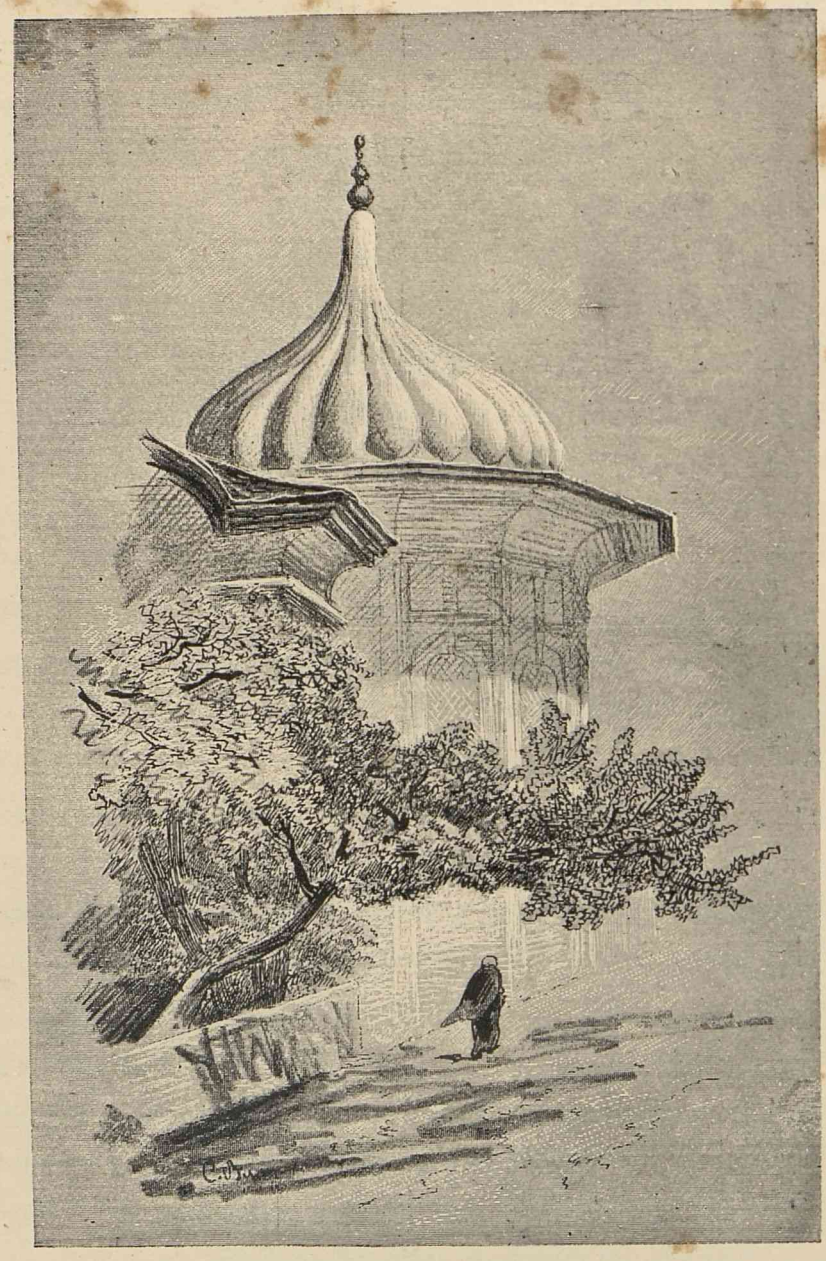
Senhora turca nas Aguas Doces.

a atirar, passando, uma flor, ou a deixal-a cahir no chão com a intenção evidente de que seja apanhada pelo giaúr elegante que vai atraz d'ella. Por isso um viajante fatuo póde ter grandes cegueiras, e ha effectivamente europeus basbaques, que, tendo estado um mez em Constantinopla, acreditam com boa fé que roubaram a tranquillidade a um cento de desgraçadas.

Ha sem duvida n'esses actos uma expressão ingenua de sympathia, mas entra n'ella em parte muito maior, um espirito de revolta — que todas as turcas têem no coração, — e que nasce do odio da sugeição em que são conservadas, e ao qual dão desaffogo, como e quando podem, em pequenas gaiatices, ainda que não seja senão para fazer pirraça, em segredo aos seus senhores. Procedem assim mais por creancice do que por *coquetterie*. E a sua *coquetterie* é de um genero singularissimo, que se assemelha muito ás primeiras experiencias das rapariguitas que principiam a reparar que se olha para ellas. É um rir muito, sem olhar para cima com a bôcca aberta em signal de assombro, sem fingir ter dôres na cabeça ou n'uma perna, são uns certos gestos de despeito com o *férédgé* que as embaraça, umas garotices de estudantes, que parecem mais proprias para fazer rir do que para seduzir. Nunca uma attitude de ante-camara ou de photographia. A pouca arte que mostram é perfeitamente uma arte rudimentar. Vê-se, como diria Tommaseo, que não têem muitos véus que deitar fóra, que não estão habituadas aos longos namoros, ou «a serem cortejadas mudamente», como as mulheres hieroglyphicas de que falla Giusti; e que, em tendo uma sympathia, em vez de estarem a suspirar e a revirar os olhos, dirão sem hesitações, se poderem exprimir o seu pensamento: — «Christão, agradas-me. — Não lh'o podendo dizer com a voz, dizem-lh'o francamente, mostrando duas bellas fieiras de pérolas, ou rindo-lhe na cara. São umas bellas tartaras domesticadas.

E são livres: é uma verdade que o estrangeiro apalpa apenas chega. É uma exaggeração dizer, como Lady Montague, que são mais livres do que as Européas; mas quem esteve em Constantinopla, não póde deixar de se rir quando ouve fallar na sua «escravidão». As senhoras, quando querem sahir, ordenam aos eunuchos que mandem pôr a carruagem, sahem sem pedir licença a ninguem, e voltam para casa, quando lhes apraz, comtanto que seja antes da noite. Outr'ora não podiam sahir sem serem acompanhadas por um eunucho, ou por uma escrava, ou por uma amiga, e as mais atrevidas, se não queriam outra companhia, deviam levar comsigo pelo menos um filhito, que fosse como que um titulo ao respeito das gentes. Se alguma apparecia sósinha n'algum sitio affastado era facil de acontecer fazel-a parar um guarda da cidade ou algum velho turco rigorista e perguntar-lhe: — Aonde vais? D'onde vens? Porque é que não trazes ninguem comtigo? Assim respeitas o teu effendi? Volta para casa». — Mas agora sahem sósinhas aos centos, e vêem-se a todas as horas pelas ruas dos arrabaldes musulmanos e da cidade franca. Vão visitar as suas amigas de um a outro extremo de Stambnl, vão passar meios dias nas casas de banhos, dão passeios de barco, nas quintas-feiras ás Aguas doces da Europa, aos domingos ás Aguas da Asia, ás sextas-feiras ao cemiterio de Scutari, nos outros dias ás ilhas dos Principes, a Therapia, a Bujukdéré, a Kalender, e vão merendar com as suas escravas, em grupos de oito e de dez; vão rezar aos tumulos dos Padischahs e das Sultanas, vêr os conventos dos derviches, visitar as exposições publicas dos enxovaes de noivos, e não ha figura de homem, não que as acompanhe ou que as siga, mas que, ainda que as veja sós, se atreva a fazer-lhes uma observação. Vêr um turco n'uma rua de Constantinopla não digo de braço dado, mas ao lado, mas parado um instante a conversar com «uma velada», ainda que tivessem escripto na testa que são marido e mulher, a todos pareceria a mais estranha das

estranhezas, ou para melhor dizer uma imprudencia inaudita, como nas nossas ruas a de um homem e de uma mulher que trocassem em alta voz declarações de amor. Por esse lado as mulheres turcas são mais livres que as européas, e nem se póde dizer quanto gosam essa liberdade, e com que louco desejo correm para o estrepito, para a multidão, para a luz, para o ar livre, ellas que em casa não vêem senão um homem só, e têem janellas, e jardins claustraes. Sahem e espalham-se pela cidade com a alegria de presas libertadas. É um divertimento seguir uma ao acaso de longe para vêr como podem esmiuçar-se e apurar-se os prazeres da vadiagem. Vão á mesquita mais proxima rezar uma oração e param a tagarellar um quarto de hora com uma amiga debaixo das arcadas do pateo; depois ao bazar para entrarem de corrida em dez lojas e em duas d'ellas fazer com que tudo se revolva para afinal comprarem uma bagatella; depois entram no *tramway*, descem á praça do peixe, passam a ponte, param a contemplar todas as tranças e todas as cabelleiras da rua de Pera, entram n'um cemiterio, e comem um doce sentadas n'um tumulo, voltam para a cidade, tornam a descer ao Corno Aureo, voltando cem vezes as esquinas, e olhando com o rabo do olho para tudo — vitrinas, estampas, carruagens, senhoras que passam, taboletas, portas de theatros — compram um ramalhete de flores, bebem uma limonada comprada aos vendedores ambulantes, dão esmola a um pobre, tornam a passar o Corno Aureo n'um cahique, tornam a principiar a girar por Stambul; depois tomam outra vez o *tramway*, e, chegando á porta de casa, são capazes de voltar para traz, para darem ainda um giro de cem passos em tôrno de um grupo de pequenas casas; tal e qual como os rapazes que sahem sósinhos a primeira vez, e que n'aquella horasita de liberdade querem vêr um pouco de tudo. Se qualquer desgraçado se lembrasse de ir atraz de sua mulher para descobrir se ella tem algum namoro, ficava esfalfado a meio caminho.



Sepulchro imperial em Stambul.

Para vêr o bello sexo musulmano é preciso ir n'um dia de grande festa ás Aguas doces da Europa, ao fundo do Corno Aureo, ou ás da Asia, proximo de Anaduli-Hissar; que são dois grandes jardins publicos, cobertos

de bosques densissimos, atravessados por dois pequenos rios, e semeados de cafés e de fontes. Ali sobre um vasto chão coberto de relva, só, á sombra das nogueiras, dos terebinthos, dos platanos, dos sycomoros que formam uma serie de pavilhões verdes, pelos quaes não passa nem um raio de sol, vêem-se milhares de turcas, sentadas em grupos e em circulos, circumdadas de escravas, de eunuchos, de creanças, que merendam e doidejam, durante meio dia, entre um sirandar de infinita gente. Apenas nos approximamos ficamos como que entontecidos. Parece-nos vêr uma festa do paraizo islamita. Aquella myriade de véus branquissimos e de *férédgés* escarlates, amarellos, verdes e cinzentos, aquelles innumeros grupos de escravas vestidas de gala, que correm girando e levando fructas e gelados, os ciganos que dançam, os pastores bulgaros que tocam, os cavallos arreiados de oiro e de seda que escarvam o chão amarrados ás arvores, os pachás, os beys, os jovens senhores que galopam ao longo da margem do rio, o movimento da multidão distante que parece o tremular de um campo de camelias e de rosas, os cahiques pintalgados, as carruagens que vêm continuamente derramar n'aquelle mar de côres outras côres, e o som confuso dos cantos, das flautas, das gaitas de folles, das castanholas, de gritos infantis, no meio d'aquella belleza de verdura e de sombra, variada aqui e acolá com pequenas vistas luminosas de paizagens longinquas, apresentam um espectaculo tão festivo e tão novo que, quando se vê pela primeira vez, dá vontade de bater as palmas e de gritar: Bravissimo! como a uma scena de theatro.

E tambem ali, apezar da confusão, é rarissimo apanhar em flagrante um turco e uma turca, que se namorem com os olhos ou troquem sorrisos ou gestos de intelligencia. Além não existe o galanteio *coram populo* como nos nossos paizes: não ha nem as sentinellas melancholicas que vão e vem debaixo das janellas nem as rectaguardas afanosas que seguem tres horas as

pégadas das suas bellas. O amor é todo em casa. Se ás vezes n'uma rua solitaria se surprehende um rapaz turco a olhar para cima para uma janellinha gradeada por traz da qual scintillam uns olhos negros ou desponta uma mãosinha branca, quasi se póde ter a certeza de que é um noivo. Só aos noivos se permitte o serviço de ronda e de escolta e todas as outras creancices do amor official, como o de se fallar de longe com uma flor, com uma fita, ou por meio da côr de um vestido ou de uma charpa. E n'isso são as turcas mestras. Têm milhares de objectos entre flores, fructas, hervas, plumas, pedras, cada um dos quaes possue uma significação convencionada, que é um epitheto ou um verbo ou até uma proposição inteira, de fórma que possam fazer de um ramalhete uma carta, e dizer mil coisas com uma caixinha ou com uma bolsa cheia de pequenos e variadissimos objectos, que parecem reunidos por acaso, e assim como a significação de cada objecto é pela maior parte das vezes expressa n'um verso, assim cada namorado está no caso de compôr uma poesia amorosa ou até um poema polymetrico em cinco minutos. Um cravinho da India, uma tira de papel, uma talhada de pera, um pedacinho de sabão, um phosphoro, um pouco de fio de oiro, e um grão de canella ou de pimenta querem dizer: — Ha muito tempo que te amo — que ardo, — que definho — que morro de amor por ti. — Dá-me um pouco de esperança — não me repulses — responde-me uma palavra. E além do amor, ha modo de dizer mil coisas: podem dar reprehensões, conselhos, avisos, noticias; e é um grande entretenimento das raparigas, no periodo das primeiras palpitações do coração, aprender este phraseado symbolico, e compôr longas cartas dirigidas a bellos sultões de vinte annos, vistos em sonhos. E fazem o mesmo com a linguagem dos gestos, alguns dos quaes são graciosissimos, o que faz o homem por exemplo, fingindo lacerar o peito com um punhal, que significa: Estou dilacerado pelas furias do amor; — a que a mulher responde deixando cahir os braços ao longo do corpo, de fórma que o *férédgé* se descerre um pouco adiante: — Abro-te os meus braços — Mas não ha talvez um unico Europeu que visse alguma vez fazer estas coisas, que estão sendo

agora mais tradições do que usos, e não se aprendem dos Turcos, que se envergonhariam de fallar em semelhante coisa, mas de alguma ingenua *hanum* que as confia a alguma amiga christã.

É tambem por esse meio que se conhece o trajar da mulher turca dentro das paredes do harem, aquelle bello fato caprichoso e pomposo, de que todos têem idéa, que dá a cada mulher a dignidade de uma princeza e a graça de uma creança, excepto se a moda o trouxer para os nossos paizes, porque, ainda que um dia venha a cahir o *férédgé*, verão que se mostram as turcas vestidas por baixo á européa. Que afflicção para os pintores, e que pena para todos! Precisamos de imaginar uma formosa turca «esbelta como um cypreste!» e colorida «com todos os matizes das petalas da rosa», com um barretinho de veludo vermelho ou de fazenda prateada, um pouco inclinado á direita; com as tranças negras cahidas pelos hombros abaixo; com um vestido de damasco branco bordado a oiro, com as mangas em tufos e uma compridissima cauda, aberta adiante de modo que deixa vêr umas grandes calças de seda côr de rosa que cahem com mil pregas em dois sapatinhos retorcidos no bico, á chineza; com um cinto de setim verde em tôrno da cintura, com diamantes nos collares, nos alfinetes de peito, nos braceletes, nos broches, na borla do barrete, nas babuchas, no collarinho da camisa, na cintura, em tôrno da fronte; scintillante da cabeça até aos pés como uma Nossa Senhora das cathedraes hespanholas, e recostada, com uma attitude infantil, n'um largo divan, no meio de uma grinalda de bellas escravas circassianas, arabes e persas, envoltas, como estatuas antigas, em grandes vestes cadentes, ou imaginar uma esposa, «alva como o cume do Olympo», vestida de setim azul claro e toda coberta com um grande véu entretecido de oiro, sentada n'uma ottomana marchetada de pérolas, diante da qual o esposo ajoelhado n'um tapete de Teheran, faz

No Serralho velho.

a sua ultima oração antes de descobrir o seu thesouro;—ou representar na imaginação uma favorita enamorada que espera o seu senhor na estancia mais secreta do harem, não já vestida senão com a zuavina e as cabeças, que põem em relevo todas as graças do seu corpo flexivel, e lhe dão o aspecto de um bello pagem esbelto e elegante; e deve-se concordar que aquelles feios turcos reformados com a cabeça pellada e a sobre-casaca preta, têem muito mais do que o que merecem. Este fato de casa, porém, está sujeito aos caprichos da moda. As mulheres, não tendo mais que fazer, passam o tempo a procurar novos toucados; cobrem-se de enfeites, põem plumas e fitas nos cabellos, rendas em tôrno da cabeça, pellissas á roda do pescoço e nos braços; tomam de emprestimo alguma coisa de todas as vestimentas orientaes; misturam a moda européa com a moda turca, põem cabelleiras, tingem os cabellos de preto, de loiro, de ruivo, desfazem umas nas outras de mil modos e luctam entre si como as mais infrenes ambiciosas das grandes cidades européas. Se n'um dia de festa, nas Aguas Doces, se podesse fazer desapparecer ao toque de uma vara magica todos os *férédgés* e todos os véus, vêr-se-hiam provavelmente turcas vestidas de rainhas asiaticas, outras de modistas francezas, outras de fidalgas em trajo de baile, outras de mercadoras em grande gala, de vivandeiras, de amazonas, de gregas, de ciganas; tantas variedades de vestuarios quantas são as que se vêem no sexo masculino na ponte da Sultana Validé.

Os aposentos onde vivem estas bellas e ricas mahometanas correspondem de certo modo ao seu extravagante vestuario. Os quartos reservados ás mulheres estão a maior parte das vezes em bellos sitios d'onde se gosam vistas maravilhosas para o campo ou para o mar ou para uma grande parte de Constantinopla. Por baixo de um jardimsinho fechado por muros altos, revestidos de hera e de jasmins; por cima um terraço; do lado da

rua uns camarins salientes e envidraçados como os *miradores* das casas hespanholas. O interior é delicioso. São quasi tudo salas pequenas; os sobrados cobertos de esteiras chinezas ou de tapetes, os tectos pintados de fructas e de flores, largos divans ao longo das paredes, uma fontesinha no meio, vasos de flores nas janellas, e aquella luz vaga e suavissima que é muito propria das casas orientaes, uma luz de bosque, que sei eu? de claustro, de logar sagrado e gentil, que me impõe o dever de caminhar no bico dos pés, de falar com um fio de voz, de não dizer senão palavras humildes e doces, de não discorrer senão ácerca de amor ou de Deus. Esta luz languida, os perfumes do jardim, o murmurio da agua, as escravas que passam como sombras, o silencio profundo que reina em toda a casa, as montanhas da Asia de que se vê o azul atravez das grades, e dos ramos de madre-silva que fazem toldo á janella, dispertam nos européus, que entram n'aquelles muros pela primeira vez, um sentimento inexprimivel de doçura e de melancholia. A decoração da maior parte d'estes harens é simples e quasi severa; mas ha-os tambem esplendidissimos, com as paredes cobertas de setim branco matizado de oiro, com as grades doiradas, com moveis preciosos. Pelos moveis se adivinha o viver. Não se vêem senão poltronas, ottomanas grandes e pequenas, pequeninos tapetes, escabellos, banquinhos, almofadas de todas as fórmas e colxões cobertos de chailes e de bordados: uma mobilia toda molleza e delicadeza, que dizem de mil modos: Senta-te, estende-te, ama, adormece, sonha — Encontram-se ali, por um e outra lado, espelhinhos de mão e grandes leques de pennas de avestruz; das paredes pendem chibriks cinzelados: ha gaiolas de passaros á janella, perfumadores no meio dos quartos, relogios de musica em cima das mezas, brinquedos e futilidades de toda a especie, que accusam os mil caprichos pueris de uma rapariga que não tem nada que fazer e que se aborrece. E não é só o luxo das coisas que se vêem. Ha casas onde todo o serviço da meza é de prata doirada, de oiro macisso os vasos de aguas odoriferas, as toalhas de setim franzidas de oiro, brilhantes e pedras preciosas nos pratos, nas chavenas do café, nas amphoras, nos cachimbos, nas tapeçarias, nos

leques; assim como ha outras casas e em muito maior numero, como se pode imaginar, em que nada se muda do que existia na antiga tenda ou na cabana tartara, cuja mobilia toda se póde pôr ás costas de uma mula, onde está tudo prompto para uma nova peregrinação atravez da Asia, casas virginalmente mahometanas e austeras, nas quaes, quando vier a hora da partida, não se ouvirá senão a voz pacata do dono da casa que dirá: — *Olsum* — Assim seja.

A casa turca divide-se, como todos sabem, em duas partes — o *harem* e o *selamlik*. O *selamlik* é a parte reservada para o homem. Aqui trabalha, janta, recebe os amigos, dorme a sesta, e passa a noite quando o amor o não aperta. A mulher nunca ahi penetra. E, da mesma fórma que no *selamlik* é o homem o dono da casa, no harem é dona da casa a mulher. Tem a sua administração e o seu governo, e faz quanto quer menos receber homens. Quando não está disposta a receber o seu marido, póde até mandar-lhe dizer cortezmente que venha outra vez. Uma porta só e um pequeno corredor separam a maior parte das vezes o *selamlik* do harem; e comtudo são como duas casas distantissimas uma da outra. Os homens vão visitar o *effendi* e as mulheres vão ter com a *hanum* sem se mostrarem e sem se ouvirem uns aos outros, e a maior parte das vezes nem uns aos outros se conhecem. As pessoas de serviço estão separadas, e separadas quasi sempre as cosinhas. Cada um se diverte e tagarella por sua conta. Raras vezes o marido janta com a mulher, principalmente quando tem mais de uma. Nada têem de commum senão o divan em que se approximam. O homem não entra quasi nunca no harem como marido, quer dizer como companheiro e como educador dos filhos; não entra senão como amante. Entrando ali, deixa no limiar, se póde, todos os pensamentos que poderiam turvar o prazer que elle vai procurar, toda aquella parte de si mesmo que

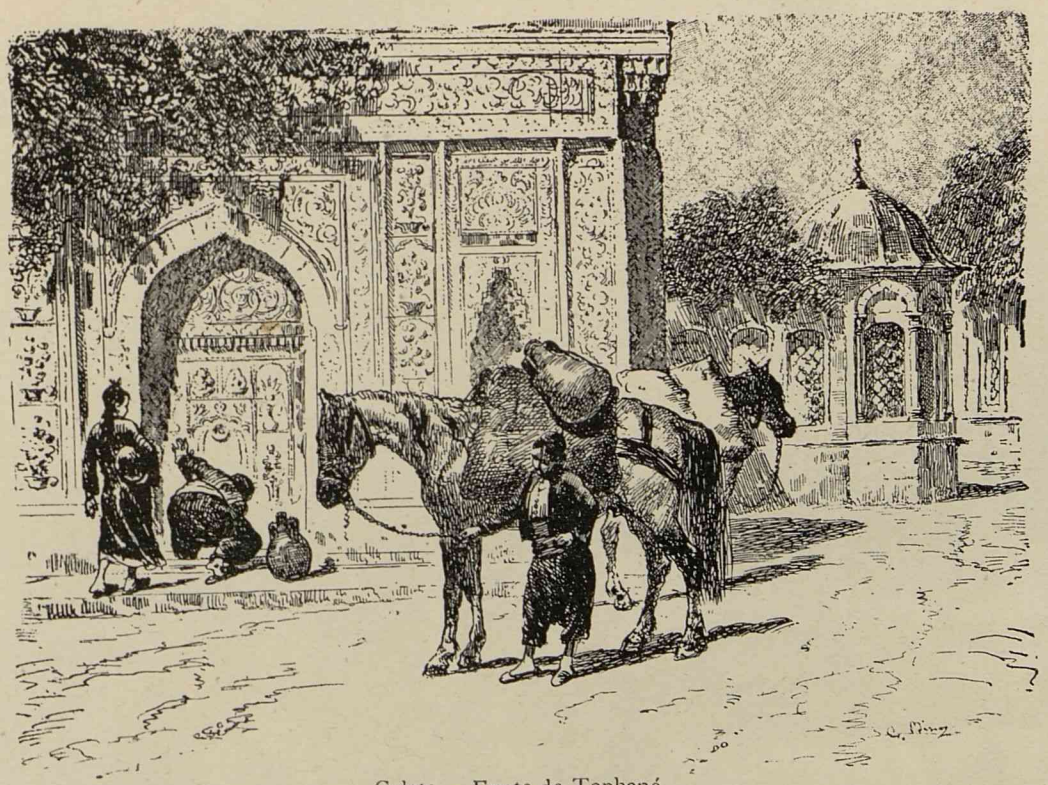
No antigo Serralho.

nada tem que vêr com o desejo d'aquelle momento. Vai ali para esquecer os cuidados ou ardores do dia, ou antes para adormentar em si o sentimento d'essas dôres; não para pedir luz a uma mente serena e conforto a um coração gentil. Nem a sua mulher seria apta para esse mister. Elle tambem não se importa com o apresentar-se-lhe ou não coroado de uma gloria qualquer de engenho ou de saber ou de força, que podesse tornal-o mais amavel. É elle o deus do templo e é-lhe devida adoração; não precisa de se fazer valer; a preferencia que dá á mulher que procura basta para fazer com que ella lhe dê com um sentimento de gratidão que parece amor o desejado amplexo «Mulher» para elle significa «prazer». Esse nome leva-lhe o pensamento direito a esse sentido; é até aqui quasi que o nome proprio dos sentidos; e por isso lhe parece impudico pronuncia-lo e não o pronuncia nunca; e se tem que dizer: Nasceu-me uma filha — diz: — Nasceu-me uma velada, uma escondida, uma estranha. Assim não póde haver intimidade verdadeira entre elles, porque ha sempre entre um e outro como que o véu dos sentidos, que esconde aquelles infinitos e reconditos resessos da alma, que se não vêem senão atravez da limpidez de uma familiaridade longa e tranquilla. Além d'isso a mulher, preparada sempre para a visita do marido, sempre vestida e ataviada quasi para aquelle momento, sempre empenhada em vencer uma rival ou em conservar um predominio que está continuadamente em perigo, deve ser sempre um poucochinho cortezã, esforçar-se energicamente para que tudo sorria em tôrno do seu senhor, ainda quando o seu coração está triste, mostrar-lhe sempre a mascara ridente de uma mulher feliz para que elle se não enfastie e se não affaste d'ella. Por isso o marido conhece-a raras vezes como esposa, da mesma fórma que a não conhece, nem póde conhecel-a nunca como filha, irmã, e amiga nem a conhece como mãe. E assim ella deixa estirelisarem-se em si mesma as qualidades nobres que não póde revelar e que lhe não são apreciadas; habitua-se a não cuidar senão d'aquella que se lhe procura, e suffoca muitas vezes resolutamente a voz do seu coração e do seu espirito, para encontrar n'uma certa somnolencia de vida anima-

lesca, se não a felicidade, a paz. Tem, é verdade, o conforto dos filhos, e o marido procura-os e abraça-os diante d'ella, mas é um conforto amargurado pelo pensamento de que talvez, uma hora antes beijou os filhos de outra, que beijará talvez uma hora depois os de uma terceira, e mais anno menos anno beijará os de quarta. O amor de amante, o affecto de pae, a amizade, a confiança, tudo está dividido e sub-dividido, e tem o seu horario, as suas cautellas, as suas medidas, as suas ceremonias; d'ahi resulta que tudo é frio e insufficiente. E depois ha sempre no fundo um que de desprezador e de mortalmente injurioso para a mulher no amor do marido, que lhe colloca ao lado um eunucho. Diz-lhe em resumo: Amo-te, és a minha alegria, e a minha gloria, és a «perola da minha casa», mas tenho a certeza de que, se este monstro que te vigia, fosse um homem, prostituir-te-hias ao teu servo.

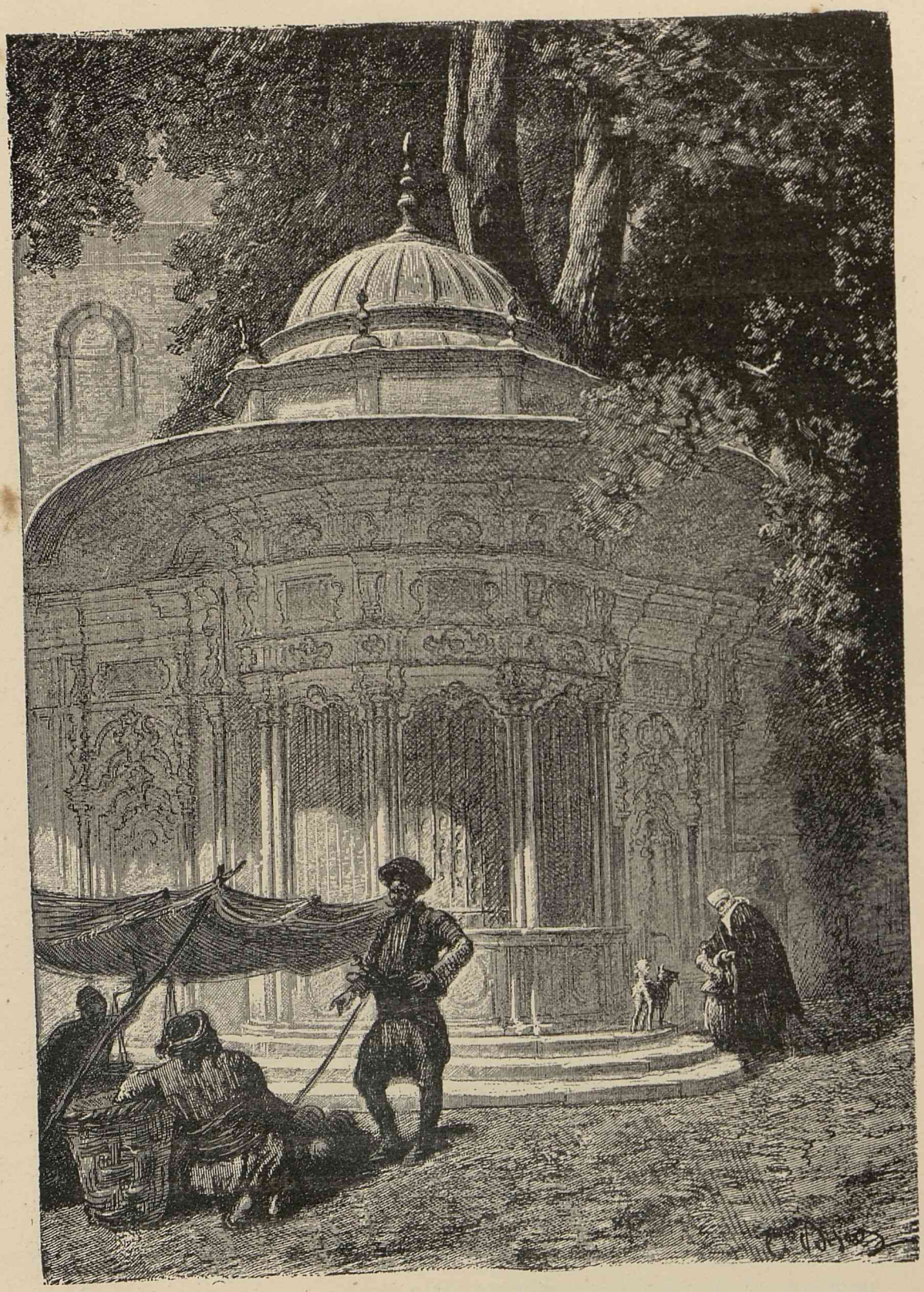
Variam porém grandemente as condições da vida conjugal segundo os meios pecuniarios do marido, ainda que se não attenda ao seguinte: que quem não tem meios de manter mais de uma mulher, é obrigado a ter só uma esposa. O rico senhor vive separado de casa e de espirito de sua esposa; porque póde ter um aposento e até uma casa só para ella, e porque, querendo receber amigos, clientes, aduladores, sem que as suas mulheres sejam vistas e incommodadas, é obrigado a ter casa separada. O turco da classe média, por motivos de economia, está mais proximo de sua mulher, vê-a mais vezes, e vive com ella em maior familiaridade. O turco pobre emfim, que é obrigado a viver no menor espaço e com a menor despeza possivel, come, dorme, passa todas as suas horas livres com a mulher e com os filhos. A riqueza divide. A pobreza une. Na casa do pobre não ha differença real entre a vida da familia christã e a da familia turca. A mulher, que não póde ter uma escrava, trabalha e o trabalho realça a sua dignidade e a sua respeitabilidade. Não é raro que ella vá arrancar o ma-

rido ocioso do café ou da taberna, e que o traga para casa á chinellada. Tratam-se de igual para igual, passam as tardes um ao lado do outro diante da porta de casa, nos bairros mais apartados, vão muitas vezes juntos fazer as compras para a familia: e succede muitas vezes vêr-se n'um cemiterio solitario o marido e a mulher a merendarem ao pé do cippo de



Galata.—Fonte de Tophané.

um parente, com os seus pequenos á roda como uma familia de operarios, dos nossos paizes. E é um espectaculo mais commovente, exactamente porque é mais singular. E não se póde, ao vêl-o, deixar de sentir que ha um não sei que de necessario e de universalmente e de eternamente bello n'este laço de almas e de corpos, n'este grupo unico de affectos; que não ha logar para outros; que uma nota mais n'aquella harmonia a estraga e a destroe; que ha um bem dizer e um bem fazer, mas que a força primaria, o ele-



Fonte do Sultão Hamed.

mento necessario, a pedra angular de uma sociedade ordenada e justa está ahi;—que qualquer outra combinação de affectos está fóra da natureza; que só aquella é uma familia e a outra um rebanho; que só aquella é uma casa e a outra um lupanar.

E ha quem diga que as mulheres orientaes estão satisfeitas com a polygamia e que nem sequer lhe comprehendem a injustiça! Para acreditar em semelhante coisa, é necessario não conhecer não digo o Oriente, mas nem sequer a alma humana. Se isso fosse verdadeiro, não succederia o que succede: quer dizer, que não ha quasi uma unica rapariga turca, que, acceitando a mão de um homem, não lhe ponha como condição não desposar outra, emquanto ella fôr viva; não haveria tantas esposas que voltam para a sua familia, quando o marido falta á sua promessa; e não haveria um proverbio turco que diz:—casa de quatro mulheres, barca na borrasca. Ainda que seja adorada pelo seu marido, a mulher turca não póde senão dizer mal da polygamia, pela qual vive sempre com esta espada de Damocles sobre a cabeça, a de ter de dia para dia uma rival, não escondida ou longinqua e sempre criminosa como a de uma esposa européa; mas estabelecida ao seu lado, na sua casa, com o seu titulo, com os mesmos direitos; a de vêr talvez tambem uma das suas escravas, escolhida primeiro para odalisca, erguer de subito a fronte diante d'ella, e tratal-a como igual, e dar á luz filhos com os mesmos direitos que os seus. É impossivel que o seu coração não sinta a injustiça d'essa lei. Quando o marido amado por ella lhe leva para casa outra mulher, debalde pensará que, procedendo assim, o homem não faz senão valer-se de um direito que lhe dá o codigo do Propheta. No fundo da sua alma sentirá que ha uma lei mais antiga, e mais sagrada que condemna esse facto como uma traição e uma prepotencia, sentirá que esse homem já não é seu, que o nó está desatado, que está despedaçada a sua vida, que tem direito de se revoltar e de amaldiçoar. E,

ainda que ame seu marido, tem mil razões de detestar essa lei: o interesse lesado dos seus filhos, o seu amor proprio ferido, a necessidade em que está ou de viver abandonada, ou de não ser já procurada pelo homem, senão por compaixão ou por um desejo sem amor. Dir-se-ha que a mulher turca sabe que estas coisas tambem acontecem ás mulheres européas: é verdade; mas sabe tambem que a mulher européa não é abandonada pela lei civil e religiosa a respeitar e a chamar irmã áquella que lhe envenena a vida, e que tem ao menos a consolação de ser considerada como uma victima, e que tem mil modos de se consolar e de se vingar, sem que o homem lhe possa dizer como o polygamo a uma das suas esposas infieis: Eu tenho o direito de amar cem mulheres, e tu tens o dever de não amar senão um homem, que sou eu.

É verdade que a lei dá muitas garantias e o costume muitos privilegios á mulher turca. É geralmente respeitada com uma certa fórma de gentileza cavalheiresca. Nenhum homem se atreveria a levantar a mão para uma mulher no meio da rua. Nenhum soldado, nem na balburdia de uma revolução, se arriscaria a maltratar nem a mais insolente das mulheres do povo. O marido trata a mulher com uma certa deferencia ceremoniosa. A mãe é objecto de um culto particular. É o esposo quem marca um dote á esposa; ella não leva para a casa marital senão o seu enxoval e alguma escrava. Em caso de repudio ou de divorcio, o marido é obrigado a dar á mulher o que baste para viver sem privações; e esta obrigação impede-o de usar com ella de maus tratamentos que lhe dêem direito de obter a separação. A facilidade do divorcio remedeia em parte as tristes consequencias dos matrimonios, contrahidos quasi sempre ás cegas por effeito da constituição especial da sociedade turca, em que os dois sexos vivem separados. Á mulher, para obter o divorcio, basta pouco; que o marido a maltratasse uma vez, que a offendesse nas suas conversações com outros, que a descurasse

por algum tempo. Quando tem rasão de queixa de seu marido, basta que apresente as suas queixas por escripto ao tribunal; póde, sendo necessario, apresentar-se, em pessoa, a um vizir, ao proprio grão-vizir, que a recebe sempre e a escuta sem demora e benignamente. Se ella não póde estar de accordo com as outras esposas, o marido é obrigado a dar-lhe uma casa separada; e ainda que esteja de accordo, tem direito a um aposento para si só. O marido não póde nunca desposar, nem fazer suas odaliscas as escravas que a mulher trouxe comsigo da casa paterna. Uma mulher seduzida e abandonada póde fazer-se esposar pelo seu seductor, se elle não tiver já quatro mulheres, e se tiver quatro póde fazer-se receber em sua casa como odalisca e o pae tem de reconhecer o filho; e por isso entre os turcos não ha bastardos. Rarissimos os celibatarios, rarissimas as solteironas; muito menos frequentes do que se imagina os casamentos forçados porque a lei pune os paes que têem a culpa. O Estado dá uma pensão ás viuvas sem meios e sem parentes, e acode ás orphãs; muitas meninas que apparecem no meio da rua são recolhidas por senhoras ricas que as educam e as casam; é raro que se deixe uma mulher na miseria. Tudo isto é verdadeiro e é bom, mas não tolhe que os turcos nos façam rir quando querem confrontar com vantagem a condição social da sua mulher com a da nossa, e affirmar que a sua sociedade está immune da corrupção de que accusam a sociedade européa. De que valem á mulher as fórmas do respeito, se a sua condição de esposa supplementar é por si mesma humilhante? De que lhe vale a facilidade de divorciar e de tornar a casar-se, se qualquer homem que a desposar tem direito de a pôr nas mesmas condições pelas quaes se separou do primeiro marido? Que grande coisa que o homem tenha a a obrigação de reconhecer o filho illegitimo, se não tem os meios de o manter, e se póde ter legitimamente cincoenta, aos quaes, se não cabe o nome, cabe de bastardos a miseria e o abandono? Dizem-nos que se não commettem infanticidios, mas os abortos voluntarios, para os quaes têem casas proprias, quem os conta? Dizem-nos que não têem prostituição. Ora essa! E que outro officio é o das mil concubinas caucasicas, compradas e

vendidas cem vezes? Dizem: ao menos essa prostituição não é publica. Que gracejo! Parece que Murad III não ordenava que fossem mandadas para além do Bosphoro todas as mulheres de má vida, e por signal que se apanhou na rede um lanço enorme. Querem depois fazer-me crêr que é mais facil a um homem ter a fidelidade de quatro mulheres do que a fidelidade de uma só? E deu-nos a entender que o turco que tem quatro mulheres não pecca mais fóra de casa e fóra da propria religião? E podem-nos fallar de moralidade os homens mais devotos da *nefanda voluptas* que existem no mundo?

Rapaz.

De tudo isto é facil deduzir o que são as mulheres turcas. Não são pela maior parte senão «femeas agradaveis». A maior parte d'ellas não sabem senão lêr e escrever, e nem lêem nem escrevem, e são creaturas miraculosas as

que têem uma superficialissima leitura. Já aos turcos, segundo os quaes as mulheres têem «cabellos compridos e intelligencia curta» não agrada que ellas cultivem a mente porque não convém que em coisa alguma lhes sejam iguaes ou superiores. Assim, não tirando instrucção dos livros, e não podendo recebel-a da conversação com os homens, permanecem n'uma crassa ignorancia. Da separação dos dois sexos nasce que falta a um d'elles um que de gentil e ao outro um que de elevado, os homens tornam-se grosseiros, as mulheres mexeriqueiras. E, não tendo pratica de outra sociedade que não seja a de uma pequena roda mulheril, conservam quasi todas até á velhice um que de pueril nas idéas e nas maneiras; uma curiosidade innata de mil coisas, um espantar-se com tudo, fazerem caso de todas as inepcias, uma maledicencia mesquinha, um habito de irritações e de despeitosinhos de educandas, um rir a escancaras a proposito de tudo, o divertirem-se horas inteiras com brinquedos infantis, como o de correrem atraz umas das outras de quarto para quarto, e arrancarem os confeitos da bôcca. É verdade que em compensação têem, para dizer-mos ao inverso dos francezes, *les qualités de leurs défauts;* e é o serem umas indoles francas e transparentes, dentro das quaes se lê á primeira vista; que são o que parecem, *pessoas verdadeiras,* como dizia madame de Sévigné, não são mascaras, nem caricaturas, nem cimiescas, são mulheres de um só feitio, mesmo na tristeza, e se é verdade que basta que uma d'ellas jure e trejure uma coisa para que ninguem a acredite, quer isso dizer exactamente que não têem arte bastante para conseguirem enganar. E não é pequeno louvor dizer que não ha entre ellas nem doutoras pedantes, nem mestras-escolas que não fallem senão em lingua e estylo, nem creaturas vaporosas que vivem fóra da vida. Mas é tambem verdadeiro que n'essa vida estreita, privada de todos os recreios do espirito, em que fica perpetuamente por satisfazer o desejo instinctivo da mocidade e da formosura de serem admiradas e louvadas, a sua alma não se abre; e que, não tendo o freio da educação, correm para qualquer excesso, quando as move uma paixão má. E o ocio fomenta no seu animo mil caprichos insensatos, em que se obstinam com furia, e que-

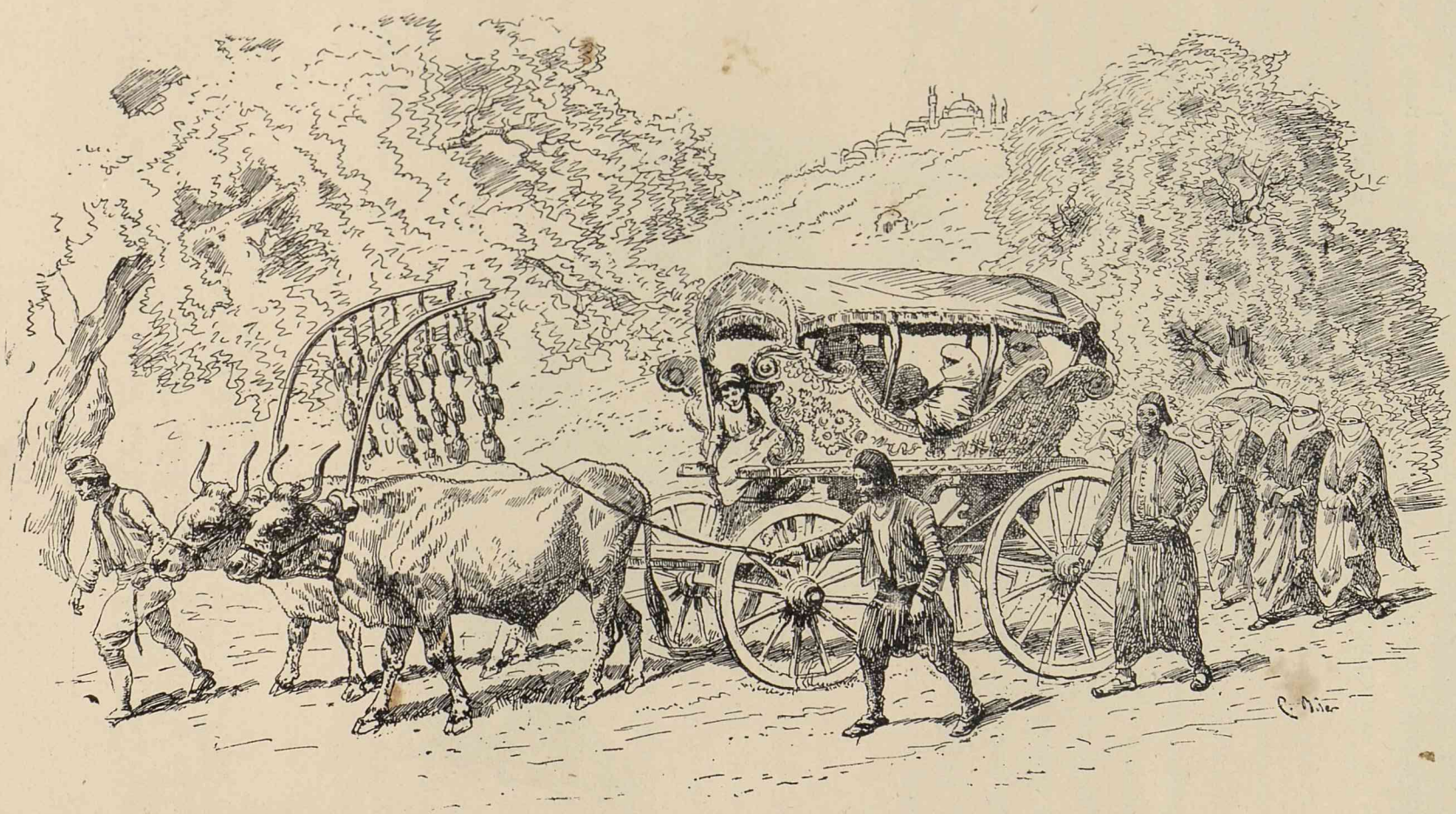
rem satisfazel-os, custe o que custar. Além d'isso, n'aquelles ares sensuaes do harem, n'aquella companhia de mulheres inferiores a ellas pelo nascimento e pela educação, longe do homem que lhes serviria de freio, costumam-se a um indizivel desbragamento de linguagem, não conhecem o esfumado da expressão, dizem as coisas sem véu, gostam das palavras que fazem córar, da farçada inverosimil, do equivoco plebeu, tornam-se desbocadamente mordazes e insolentes, tanto que aos europeus que entendem o turco succede algumas vezes ouvir da bôcca de uma *hanum* de aspecto senhoril, enfurecida contra algum logista indiscreto ou incivil, os atrevimentos que não escapam entre nós senão a mulheres da peior especie. E esta sua acrimonia vai augmentando com o augmento das suas relações com as mulheres européas, ou com o conhecimento dos nossos costumes que alimentam n'ellas o espirito de rebellião; e, quando são amadas, vingam-se com uma tyrannia caprichosa sobre os seus maridos da tyrannia social a que estão sujeitas. Muitos têem descripto as mulheres turcas como todas doçura, mansidão e acanhamento. Mas ha tambem entre ellas animos ardidos e ferozes. Tambem ali, nos motins populares, se vêem as mulheres na primeira linha; armam-se, juntam-se, detêem as carruagens dos vizires odiados, cobrem-n'os de injurias, perseguem-n'os á pedrada e resistem á força. São meigas e mansas como todas as mulheres quando nenhuma paixão as punge ou as inflamma. Tratam carinhosamente as escravas, se não têem ciumes d'ellas; mostram ternura pelos filhos, apezar de não saberem educal-os ou de se não importarem com isso; contrahem entre si, principalmente as que estão separadas dos maridos, pungidas pela mesma dôr, amizades ternissimas, cheias de enthusiasmo juvenil, e demonstram esse affecto reciproco, trajando as mesmas côres, perfumando-se com as mesmas essencias, e pondo no rosto signaes da mesma fórma. E aqui podia eu accrescentar o que escreveu mais de uma viajante européa «que ha entre ellas todos os vicios de Babylonia»; mas repugna-me, n'uma coisa tão grave, affirmal-a com depoimentos alheios.

Tal é a sua indole, taes são as suas maneiras. A maior parte d'ellas asse-

melha-se a estas raparigas de boa familia, mas educadas no campo, as quaes, na idade em que já não são meninas e em que não são ainda senhoras, commettem na sociedade mil deliciosas inconveniencias, por causa

Tartaro.

das quaes apanham a cada momento umas olhadellas fulminantes das mamãs. É bom ouvir fallar d'ellas alguma senhora européa que tenha visitado um harem. Não ha nada mais comico. A *hanum,* por exemplo, que nos



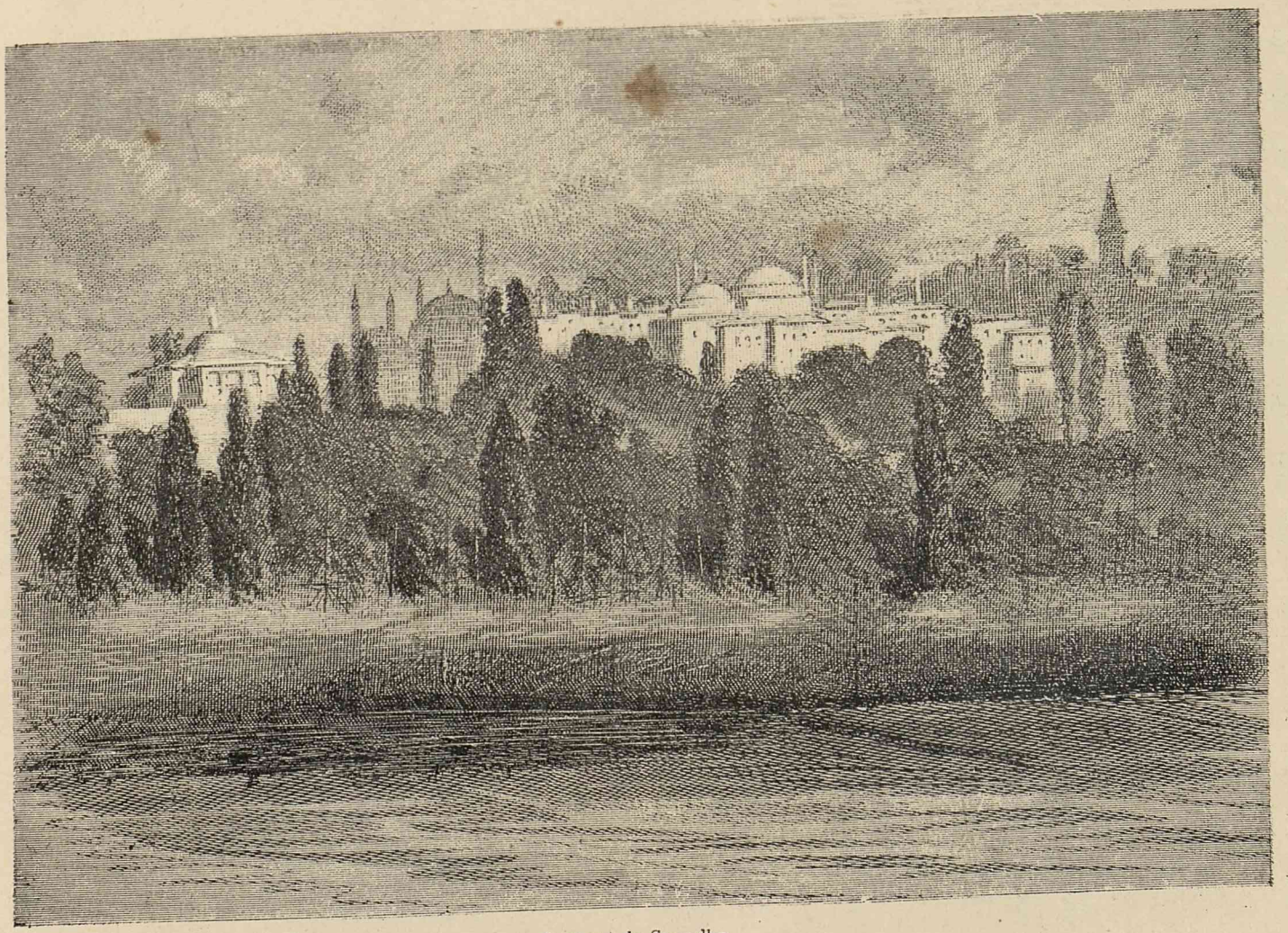
Nas Aguas doces da Asia.

primeiros momentos terá estado sentada no sofá na mesma attitude correcta da sua visitante, de repente cruzará os dedos na cabeça, abrirá largamente a bôcca, ou agarrará n'um joelho com ambas as mãos. Habituadas á liberdade, para não dizer á licença do harem, ás attitudes alquebradas do ocio e do fastio, e amollecidas pelos banhos prolongados, cançam-se depressa de qualquer compostura forçada. Estendem-se no divan, voltam-se e tornam-se a voltar continuamente, torcendo e destorcendo de mil maneiras a sua compridissima cauda, ennovellam-se, agarram nos pésinhos, põem uma almofada em cima dos joelhos, e os cotovellos em cima da almofada, estendem-se, retorcem-se, estiram-se, entufam-se como os gatos, rebolam do divan para o colxão, do colxão para o tapete, do tapete para o marmore do pavimento, e adormecem onde o somno as surprehende como as creanças. Uma viajante famosa disse que ellas têem o quer que seja de mollusco. Estão quasi sempre na attitude de poderem ser tomadas nos braços como uma coisa redonda. A sua posição menos relaxada é a de estarem sentadas com as pernas cruzadas. E diz-se que se deriva exactamente de estarem sentadas quasi sempre d'este modo, e desde a infancia, o defeito que ha em quasi todas de terem as pernas um pouco arqueadas. Mas com que garbo se sentam! Vê-se nos cemiterios e nos jardins. Cahem a prumo e ficam sentadas no chão, sem estender as mãos, immoveis como estatuas, e depois põem-se de pé, sem se apoiarem em parte alguma, de um pulo, como se as fizesse saltar occulta mola. Mas é talvez este o seu unico movimento com vivacidade. A graça da mulher turca está toda no descanço;—na arte de pôr em evidencia as bellas curvas com attitudes fatigadas de adormecida, com a cabeça deitada para traz, com os cabellos soltos, com os braços pendentes,—a arte que arranca o oiro e as joias ao marido e revolve e transtorna o sangue e a razão ao eunucho.

E o estudo d'essa arte não é o ultimo dos meios com que ellas procuram aligeirar o tedio mortal que pesa sobre a maior parte dos harens; tedio que deriva não tanto da falta de occupações e de distracções como de serem quasi todas de uma côr uniforme; como certos livros, que, sendo talvez variados na substancia, massam pela uniformidade do estylo. Para se salvarem do tedio fazem tudo: o seu dia pode-se dizer que é quasi sempre uma lucta continua contra esse monstro obstinado. Sentadas nas almofadas ou nos tapetes, ao lado das suas escravas, debrúam innumeros lenços, para darem de presente ás amigas, bordam barretes de dormir e bolsas de tabaco para os maridos, para os paes, para os irmãos: estragam cem vezes as contas do *tespí;* contam até ao numero mais alto que sabem, seguem com os olhos, durante muito tempo, das janellinhas redondas dos quartos altos os navios que passam no Bosphoro, ou no mar de Marmara, ou põem-se a phantasiar riquezas, liberdade e amores acompanhando com o olhar as espiraes azulinas do fumo da cigarrilha. Quando estão fratas de cigarrilhas saboreiam no *chibuk* os «loiros cabellos do Latachié»; saciadas de fumar, sorvem uma chavenasinha de café da Syria; debicam em fructa e em confeitos; fazem durar meia hora um gelado que estejam tomando; depois tornam a tomar uma fumaçasita no *narghileh* perfumado com agua de rosa; depois chupam uma resina especial para tirarem o sabor do fumo; e em seguida tomam uma limonada para tirarem o sabor da resina. Vestem-se, despem-se, poem todos os vestidos que têem nos seus bahús, experimentam todas as tinturas dos seus boiões, fazem e desfazem no rosto signaes em fórma de estrellas e de meias-luas, e combinam de todas as maneiras possiveis uma duzia de espelhos e de espelhinhos, para se vêrem por todos os lados, até que lhes chegue o aborrecimento completo. Então duas escravas de quinze annos dançam o bailado obrigado com pandeiro e castanholas; outra repete pela centesima vez uma cançoneta ou uma fabula

que todas sabem de cór; ou as duas costumadas escravas mascaradas de acrobatas travam a costumada lucta que termina cahindo ambas de pernas para o ar no pavimento e soltando as espectadoras uma gargalhada sem sabor. Ás vezes ha a novidade de uma *troupe* de bailarinas egypcias e então é uma pequena festa; outras vezes apanha-se uma cigana, e a *hanum* faz com que ella lhe leia a *buena-dicha* na palma da mão, ou compra um talisman para ser sempre nova, um cozimento para ter filhos, um filtro para se fazer amar. Estão horas com o rosto nas grades a olhar para a gente e para os cães que passam, ensinam alguma palavra nova a um papagaio, descem ao jardim para andar no balouço, sobem outra vez a casa a rezar as orações, tornam a estender se no divan para jogar as cartas, erguem-se n'um pulo para receberem a visita de uma amiga, e então recomeça a costumada sequencia de café, e de fumo, e de limonada e de merendinhas, de frouxas risadas e de sonoros bocejos, até que a amiga se vai embora, e o eunucho, apparecendo no limiar, diz em voz boixa:—O Effendi—Ah! finalmente, é Allah que o manda, ainda que seja o mais feio marido de Stambul.

Isto é o que succede nos harens, onde ha, se não ha mais nada, a paz; nos outros o fastio é suffocado pelas furias das paixões, e leva-se uma vida muitissimo diversa. Reina a paz no harem, em que ha uma mulher só, amada por seu marido, que se não importa com as escravas nem tem amoricos lóra de casa. Ha talvez senão felicidade, pelo menos paz, no harem onde ha umas poucas de mulheres de genio leviano e frio, indifferentes para o marido que entre ellas não faz differença, que recebem cada uma por sua vêz as suas preferencias sem amor, sem ciume, sem predominio. Estas mulheres de boa feição procuram arrancar ao Effendi todo o dinheiro que podem, estão na mesma casa, vivem de accordo, chamam-se



A ponta do Serralho.

irmãs, divertem-se juntas e adeus; a barca lá vai á moda do diabo, mas segue ávante. Ha ainda a paz, pelo menos uma apparencia de paz nos harens onde a mulher posposta a uma recem-chegada se resigna tristemente ao seu destino, e recusando até os retalhos de amor que seu marido lhe queira dar, fica sua amiga, na sua casa, e procura um conforto nos filhos e vive n'um recato cheio de dignidade. Mas é um viver muito diverso o dos harens onde ha mulheres de coração altivo e de sangue ardente que não querem obstar ao triumpho de uma rival, que não podem supportar a vergonha do abandono, que se não resignam a vêr pospostos os seus proprios filhos aos de outra mãe. N'estes harens é um inferno. Aqui chora-se, grita-se, quebram-se porcelanas e cristaes, ha quem peça a uma escrava que a mate a golpes de alfinete, urdem-se conjurações, atiram-se frascos de vitriolo á cara umas das outras; aqui a vida não é senão uma teia horrivel de perseguições, de odios implacaveis, de guerras surdas e ferozes. O homem que tem muitas mulheres em conclusão ou ama uma só deveras e não tem socego; ou ama-as todas a um tempo para ter socego e não tem o amor. E n'um ou n'outro caso vai quasi sempre direito á ruina, porque se entre as suas mulheres não ha ciume de amor, ha pelo menos ciume de amor proprio, rivalidade de ambição, lucta de esplendores; e não póde dar elle de presente á sua predilecta de um dia uma joia, ou uma carruagem, ou uma quintasita á beira do Bosphoro, sem que haja logo um grande reboliço; portanto obrigado a fazer a todas o que elle quereria fazer só a uma, quer dizer vê-se comprar o socego a peso de oiro. E o que acontece ás mulheres, acontece aos filhos, os quaes ou são filhos da mãe desprezada, e odeiam; ou são filhos da favorita e são odiados. E é facil imaginar que educação podem receber no harem, n'aquellas casas cheias de rancores e de intrigas, no meio das escravas e dos eunuchos, sem o pai assistir, sem o exemplo do trabalho, n'aquelle ar sensual e vil; especialmente as raparigas, porque se costumam desde os primeiros annos a fundar todas as esperanças da sua propria fortuna nas artes de uma seducção, para a qual é demasiadamente alto o epitheto de «amorosa», e que

aprendem essas artes da mãe, e o resto das escravas, e o mais de Caragheuz.

Ha duas outras especies de harens, além dos pacificos e dos tempestuosos: o harem do turco joven e sem preconceitos, e o do turco ou rigorista por sentimento proprio, ou dominado pelos parentes e em especial por uma velha mãe, musulmana inflexivel, adversa a todas as novidades, que lhe faz governar a casa a seu modo. Entre estes dois harens ha grandissima differença. O primeiro tem ares da casa de uma senhora européa. Ha um piano que a *hanum* aprende a tocar com uma mestra christã; ha mezas de trabalho, cadeiras de palha, um leito de mogno, uma escrevaninha; está pendurado da parede um bello retrato a lapis do Effendi feito por um pintor italiano de Pera, uma estantesita a um canto com uns vinte livros, entre os quaes um pequeno diccionario turco e francez, e o ultimo numero da *Mode illustrée* que a senhora recebe em segunda mão da consuleza da Hespanha. Tambem possue tudo o que é necessario para pintar á aguarella, e pinta com paixão flores e fructos. Essa assegura ás suas amigas que não tem um momento de fastio. Entre um trabalho e outro, escreve as suas memorias. A certas horas recebe o mestre de francez (um velho corcunda e rachitico, já se vê), com o qual faz exercicios de palestra. Ás vezes vem tirar-lhe o retrato uma photographa allemã de Galata. Quando está doente, vem visital-a um medico européu, que póde até ser um bello rapaz, porque o marido já não é tão bestialmente ciumento como alguns dos seus amigos antiquados. E vem tambem de vez em quando uma modista franceza tomar-lhe medida para um vestido cortado pelo ultimo figurino do jornal de modas, com o qual a senhora quer fazer uma bella surpreza ao marido na noite de quinta feira, que é a noite sacramental dos esposos musulmanos, em que o Effendi tem uma especie de letra de amor a pagar á sua «pétala de rosa». E o Effendi, que é homem de alta roda,

prometteu mostrar-lhe pelo buraco da fechadura de uma porta o primeiro grande baile que dér no proximo inverno a embaixada de Inglaterra. A *hanum*, em summa, é uma senhora européa de religião musulmana, e dil-o

Zingaros.

complacentemente ás amigas: — Eu vivo como uma *cocona* — como uma christã; e as amigas e as parentas professam os mesmos principios se não podem levar a mesma vida, e conversam entre si em modas e em theatros, cobrem de epigrammas as «superstições», o «pedantismo», o «fanatismo

Nas Aguas Doces da Asia.

da velha Turquia», e acabam todas as palestras dizendo «que é tempo de começarem a viver de um modo mais razoavel». Mas no outro harem?

Ahi tudo é rigorosamente turco, desde o trajar da senhora até ao mais insignificante traste. Emquanto a livros só entra o *Alcorão,* e emquanto a jornaes só o *Stambul.* Se a senhora adoece, não se chama um medico, chama-se uma d'aquellas innumeras doutoras turcas que têem um especifico miraculoso para todas as doenças. Se o pae e a mãe da senhora são gente infeccionada pela peste européa, não se lhes consente que vejam a filha senão uma vez por semana. Todas as aberturas da casa estão bem gradeadas e aferrolhadas, e não entra ali de europeu senão o ar, excepto no caso da senhora ter tido a desgraça de aprender um pouco de francez em creança, porque então a sogra é capaz de lhe metter nas mãos qualquer romancito da peior especie, para lhe poder dizer depois:— Vês que bonita sociedade é esta que queres macaquear? que flores produz? e que bellos exemplos dá?

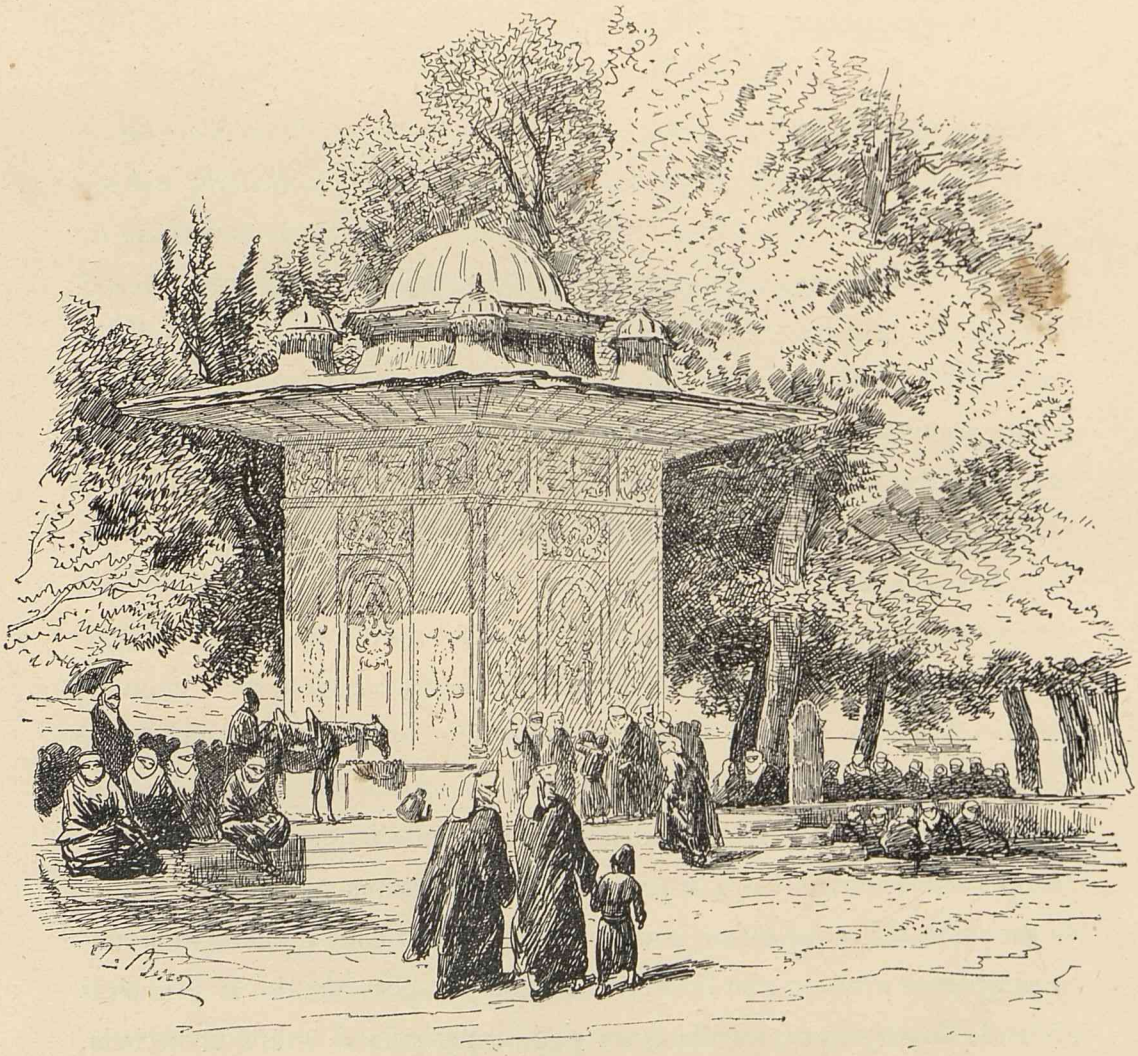
E comtudo a vida das mulheres é cheia de incidentes, de brigas, de mexericos, que á primeira vista não parecem possiveis n'uma sociedade onde os dois sexos não têem communicação directa entre si. N'este harem, por exemplo, ha a velha mãe que quer arrancar do coração de seu filho uma das mulheres para a substituir por outra que é sua predilecta, e procura todos os modos de lhe esconder os filhos d'aquella, e de lhes estragar a educação para que elle lhes não crie affecto, e os não prefira aos da outra. N'outro ha uma mulher, que, não podendo arrancar o marido a uma rival para só ella lhe rehaver o amor, procura ao menos desaffogar o seu receio arrancando-o a ella em proveito de outra, e para isso procura por mar e terra uma formosa escrava que ponha diante dos olhos do Effendi, para que este sinta um capricho e atraiçõe com ella a sua favorita. Outra mulher, que faz por inclinação natural de corretora de matrimonios, trabalha por arranjar as coisas de fórma que um seu determinado parente veja com

frequencia uma certa rapariga, e se enamore d'ella, e a despose, e a roube assim ao marido da intermediaria que anda a chocar o proposito de a arranjar para si. Aqui ha um grupo de senhoras que se cotisam, a tanto cada uma, para darem de presente, com algum segundo fim, uma bella escrava ao Grão-Vizir ou ao Sultão; além ha outras senhoras, altamente collocadas, que, movendo mil fios secretos da poderosa parentella, conseguem o que querem, e fazem cahir inimigos de altos cargos, e subir amigos, e divorciar-se um, e partir outro para uma provincia remota. E, apezar de haver menos commercio social do que nas nossas cidades, não se sabe menos o que os outros fazem. A fama de uma mulher espirituosa, ou de uma grande maldizente, ou de uma ciumenta feroz, ou de uma estupida, espalha-se muito além do circulo dos conhecidos. Até os ditos argutos e os bellos trocadilhos, a que a lingua turca se presta admiravelmente, correm de bôcca em bôcca, e fazem infinitos giros. Os nascimentos, as circumcisões, os matrimonios, as festas, todos os acontecimentos mais insignificantes que occorrem nas colonias européas e no Serralho, são argumento de interminavel tagarellar. Já viram o chapéu novo da embaixatriz de França? Sabe-se alguma coisa da bella escrava que veio da Georgia, e que a Sultana Validé dará de presente ao Sultão no dia do grande Beiram? É verdade que a mulher de Ahmed-pachá sahio um dia d'estes com botinas á européa, enfeitadas de seda? Já chegaram finalmente de Paris os fatos para a representação do *Bourgeois Gentilhomme* no theatro do Serralho? Ha uma semana que a mulher de Mahamud-Effendi vai rezar todas as manhãs á mesquita de Bajazet, para alcançar a mercê de ter dois gemeos. Houve grande escandalo em casa do photographo da rua de Pera, porque Ahmed-effendi encontrou lá o retrato de sua mulher. A senhora Aischè bebe vinho. A senhora Hafiten foi vista a entrar ás tres e a sahir ás quatro da loja de um franco. A ligeira chronica maligna circula com uma rapidez inacreditavel por aquellas innumeras casinhas amarellas e vermelhas, enlaça-se com a da côrte, espalha-se por Scutari, estende-se pelas duas margens do Bosphoro até ao Mar Negro, e bastantes vezes chega até ás grandes cidades, da pro-

vincia d'onde volta com bordados e franjas a provocar novas risadas e novos mexericos nos mil harens da metropole.

Seria um divertimento curioso, se houvesse entre os turcos como ha entre nós aquellas gazetas vivas da boa sociedade, que conhecem todos, e sabem e propalam tudo; seria um divertimento e ao mesmo tempo um estudo amenissimo dos costumes de Constantinopla, ir uma pessoa pespegar-se com um d'esses á entrada das Aguas doces da Europa, n'um dia de festa, e fazer com que elle diga uma palavrinha a proposito de todas as pessoas notaveis, por uma ou por outra razão, que passassem diante de nós. Mas que importa que isso se não faça? As coisas sabem-se, e as pessoas podem-se imaginar. Para mim, é como se as estivesse a vêr ou a ouvir n'este momento. Passa a gente, e o turco chanceia. Aquella senhora rompeu ha pouco tempo com seu marido e foi residir para Scutari; Scutari é o refugio das descontentes e das zangadas; foi estar com uma amiga sua, e lá estará até seu marido, que no fundo lhe quer bem, lhe ir annunciar que se desembaraçou da concubina, causa da ruptura, e a conduzir a casa apaziguada. Este effendi que passa é um empregado do ministerio dos estrangeiros, que para não ter que aturar parentes e parentes de parentes, fez o que fazem muitos outros: casou com uma escrava arabe, a quem a irmã do marido está exactamente agora dando as primeiras lições de lingua turca. Aquella outra gentil rapariguinha é uma divorciada, que espera que o effendi fulano repudie uma das suas quatro mulheres, para ir occupar o logar que lhe foi promettido. Aquell'outra é uma senhora que, depois de se ter divorciado duas vezes do mesmo marido, o quer desposar de novo, e elle está de accordo; e para o fazer casa d'aqui a alguns dias, como a lei ordena, com outro homem, que só será seu marido uma noite, e se divorciará de subito, depois do que a bella caprichosa poderá

celebrar o seu terceiro matrimonio com o primeiro marido. Aquella morenita de olhos espivitados é um escrava abyssinia que foi dada de presente por uma nobre senhora do Cairo a uma nobre senhora de Stambul, que



Nas Aguas Doces da Asia.

morreu e lhe deixou o logar de dona da casa. Este effendi de cincoenta annos já foi marido de dez mulheres. Aquella velhita vestida de verde póde gabar-se de ter sido mulher legitima de doze homens. Aquell'outra é uma senhora que arranja dinheiro comprando raparigas de quatorze annos a

quem manda ensinar musica, dança, canto, as boas maneiras da sociedade senhoril, e que depois torna a vender com lucro de quinhentos por cento. Vem ali outra formosa senhora cujo custo exacto lhes posso dizer: é uma circassiana que foi comprada em Tophané por cento e vinte liras turcas e tornada a vender tres annos depois pela bagatella de quatrocentas. Aquella que vai aconchegando o véu passou por uma fieira singular; primeiro foi escrava, depois odalisca, depois mulher legitima, depois divorciada, depois mulher legitima outra vez, depois viuva, e agora está vendo se arranja novo matrimonio. Olhai para aquelle effendi, está n'uma situação curiosa e não sois capaz de a adivinhar; a sua mulher está apaixonada por um eunucho, e diz-se que não hesitará em dar uma chavena de café envenenada ao marido, para viver em paz com o amante; e não seria esse o primeiro exemplo de um amor tão monstruosamente espiritual. Aquelle é um negociante que por motivos commerciaes casou com quatro mulheres, e tem uma em Constantinopla, outra em Trebizonda, outra em Salonica e a quarta em Alexandria do Egypto, e assim tem quatro portos amorosos onde fundear no termo das suas viagens. Aquelle bello pachá de vinte e quatro annos não era ha um mez senão um pobre official subalterno da guarda imperial, e fel-o pachá de um pulo o Sultão para lhe dar por mulher uma irmã sua; mas desconta os peccados dos outros maridos turcos, porque com uma sultana não se brinca, e sabe-se que esta é ciumenta como um «rouxinol» e, talvez se procurassemos bem na multidão, encontrassemos alguma escrava que de longe o vigia para vêr para quem elle olha e para quem não olha. Olhai para aquelle bello busto de mulher; não são precisos olhos muito perspicazes para se perceber que é uma flor sahida do Serralho; foi favorita do Sultão, e casou ha mezes com um empregado do ministerio da guerra, o qual por seu intermedio tem agora um pé na côrte, e ha-de andar em pouco tempo muito caminho. Ali vem uma pequenita de cinco annos que hoje desposou um rapaz de oito; o maridinho foi levado pelos paes á visital-a, achou-a a seu gosto, e mostrou-se de subito furioso porque um primito da altura de um metro lhe deu um beijo na sua

presença. Aquella é uma velha bruxa que ainda hontem mandou degolar dois carneiros em agradecimento a Allah por elle a ter desembaraçado de uma nora que detestava. Ali vai uma medica intrujona, a quem uma senhora metteu nas mãos uma das suas escravas, encarregando-a de fazer abortar o fructo de uns amoricos seus com o Effendi, porque, se a escrava dér á luz uma creatura, nem a senhora a póde vender, nem o senhor póde deixar de a manter. Aquell'outra é uma mulher do mesmo cunho, a quem certos effendis dão de quando em quando o encargo de verificar *de visu* se uma escrava que elles tencionam tomar para casa é realmente farinha sem mistura. Aquella que vai com o rosto todo coberto e com um *fërédgé* côr de lilaz é mulher de um turco meu amigo; mas não é turca, é christã; não digam nada a ninguem, por causa d'ella, não por causa do marido, porque o Alcorão não lhe prohibe casar com christãs, e, para se purificar dos abraços de uma infiel, basta lavar a cara e as mãos. Ah! o que nós perdemos! Passou uma carruagem do Serralho; ia dentro a terceira cadina do Sultão; reconheci a fita côr de rosa ao pescoço do intendente; a terceira cadina do Sultão, presente do pachá de Smyrna, que tem os olhos mais rasgados e a bôcca mais pequena do Imperio; uma figura pelo gosto d'aquella pequenina *hanum*, de nariz arqueado, que hontem offendeu Jesus e Mahomet com um pintor inglez, meu conhecido. Amaldiçoada! Pensar eu que, quando os anjos Nekir e Munkir julgarem a sua alma, julgará desculpar-se com a costumada mentira, dizendo que n'esse momento tinha os olhos fechados e não reconhecera o infiel!

Mas então ha turcas infieis? Não obstante o ciume dos effendis e a vigilancia dos eunuchos, não obstante as cem chicotadas com que o Alcorão ameaça as culpadas, não obstante os maridos turcos formaram entre si uma especie de sociedade de seguros mutuos, e acontecer ali o contrario

do que acontece nos outros paizes, onde parece que todos conspiram tacitamente contra a felicidade conjugal; póde-se quasi affirmar que as «veladas» de Constantinopla não commettem menos peccados que as «não veladas» de muitas cidades européas. Se assim não fosse, Caragheuz não teria tão frequentemente na bôcca a palavra *kerata,* que, traduzida n'um nome historico, significa «Menelau». E como é possivel? É possivel de mil modos. Em primeiro logar devemos dizer que já se não deitam mulheres ao Bosphoro nem em saco nem sem saco, e que os castigos de jejum, de silencio, de cilicio, de bastonadas na sola dos pés, já não são senão ameaças de algum *kerata* bestial. O ciume procura impedir a traição; mas, quando percebe que o não consegue, já não tem furias, nem as vinganças de outr'ora, porque é muito mais difficil agora conservar escondidas as tragedias domesticas dentro dos muros das casas, e na sociedade musulmana entrou, com muitas outras forças européas, a força do ridiculo de que o ciume tem medo. E além d'isso o ciume turco, que na maior parte dos casos é um ciume frio, corporal, mais de amor proprio que de amor, é igualmente severo, pesado e até vingativo; mas não póde ter os mil olhos, e a actividade investigadora e infatigavel do que vem do amago da alma enamorada. E depois quem vigia as mulheres separadas do marido, ou ainda não separadas, mas que estão n'uma casa aonde elle não vai todos os dias? Quem as segue pelas viellas intrincadas de Pera e de Galata e pelos bairros longinquos de Stambul? Quem impede um bello ajudante de campo do Sultão de fazer o que eu lhe vi fazer, passar a galope ao lado de uma carruagem ao virar de uma rua, no ponto em que o eunucho que vai adiante lhe volta as costas, e em que o que vem atraz o não póde vêr porque está a carruagem no meio e atirar passando um bilhete pela portinhola? E as noites do Ramazan em que as mulheres estão fóra de casa até á meia-noite? E as *coconas* complacentes, especialmente as que vivem nos confins de um arrabalde christão e de um arrabalde musulmano, que recebem em casa uma amiga velada, sem fecharem a porta a um amigo europeu? Essas aventuras porém não são já terriveis, nem estranhas como d'antes Não ha

No harem.

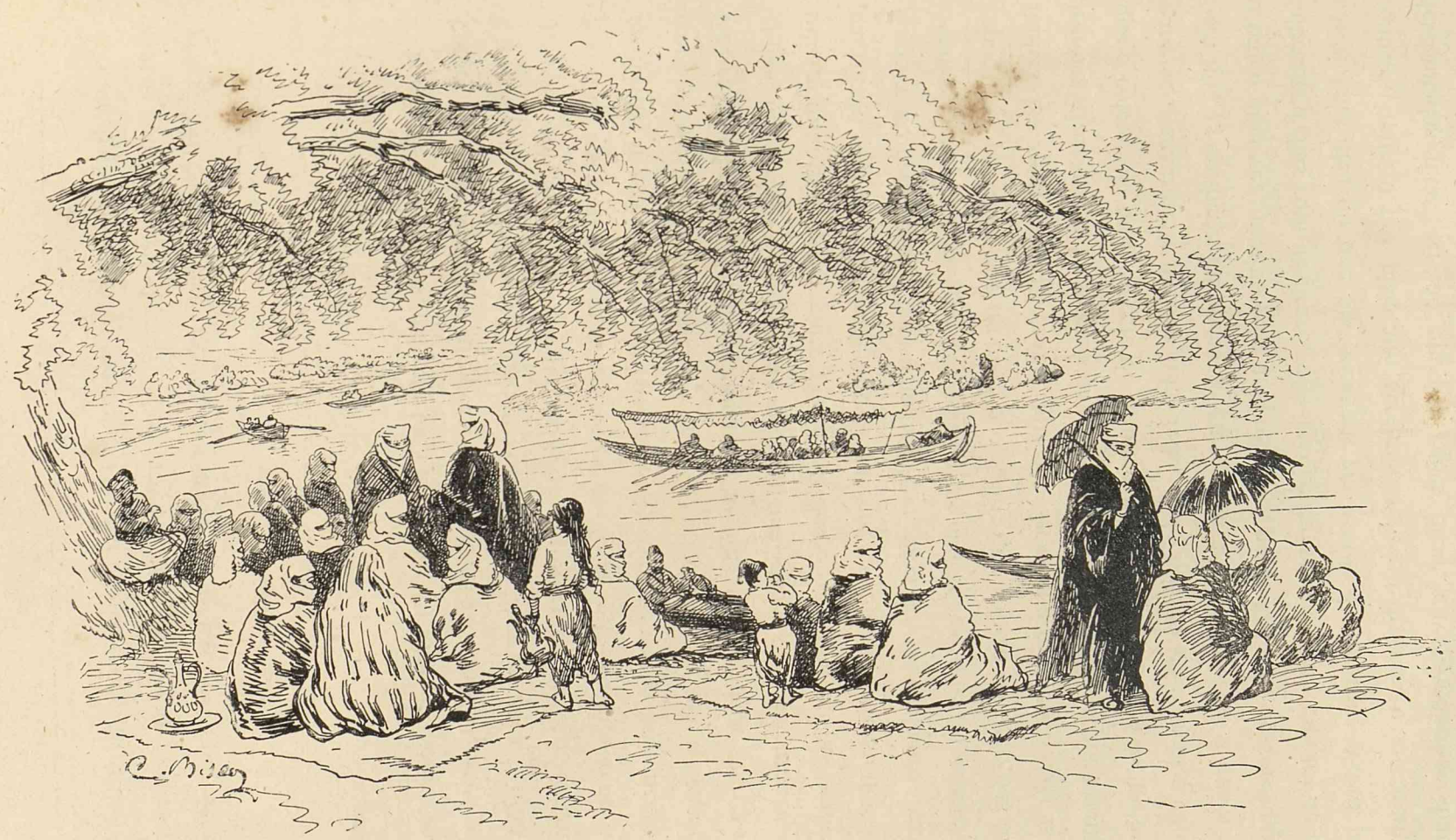
já as nobres senhoras que de noite, depois de satisfeito um capricho, precipitavam no Bosphoro por um alçapão o joven caixeiro da loja que levou ao harem a fazenda comprada n'essa manhã, como fazia uma Sultana do seculo passado. Agora tudo caminha prosaicamente. Os primeiros *rendez-vous* dão-se quando muito nas *arrière-boutiques*. Sabe-se: ha em toda a parte logistas que fazem negocio com tudo. E não se pergunte se as auctoridades turcas procuram impedir estes abusos. Basta dizer que entre as prescripções que emanam da Policia de Constantinopla para regular a boa ordem nas occasiões das grandes festas, a maior parte referem-se ás mulheres e são-lhes dadas directamente em fórma de conselhos ou de ameaças. É prohibido ás mulheres, por exemplo, entrarem nos quartos interiores das lojas, devem estar de maneira que sejam vistas da rua. É prohibido ás mulheres andarem de *tramway* por divertimento; quer dizer devem apeiar-se no termo da corrida, e não voltar para traz immediatamente pelo mesmo caminho. É prohibido ás mulheres fazer signaes a gente que passa, parar aqui, parar acolá, demorar-se mais do que um certo tempo em dados logares: prescripções que logo todos vêem como serão respeitadas ou como será possivel fazel-as respeitar. E depois ha aquelle bemdito véu, que foi instituido como salva-guarda do homem, e que se tornou agora salva-guarda da mulher, porque o põem transparente para fazerem brotar os caprichos, e espesso para os satisfazer; de que se diz que nascem muitos accidentes extraordinarios; de amantes felizes que, depois de passado muito tempo, não sabem ainda quem são as suas amantes, de mulheres que se entregam dando o nome de outras para se vingarem; ludibrios, reconhecimentos, embrulhadas, que dão logar a fallatorios infinitos.

Todos esses fallatorios vão confundir-se e referver nas casas de banhos que são os logares usuaes de reunião para as mulheres turcas. O banho é de certo modo o seu theatro. Para lá vão aos pares e aos grupos com as

escravas, levando comsigo almofadas, tapetes, objectos de *toilette*, gulodices, e ás vezes o jantar para lá estarem desde pela manhã até á noite. Ali n'aquellas salas semi-escuras, entre os marmores e as fontes, vêem-se ás vezes juntas mais de duzentas mulheres, núas como nymphas ou mal veladas, que, ao dizer das senhoras européas que lá foram, apresentam um espectaculo capaz de fazer cahir o pincel da mão a cem pintores. Ali se vêem as *hanum* branquissimas ao lado das escravas negras como o ebano; as bellas matronas de fórmas poderosas que representam o ideal da belleza para os turcos de gosto antigo; esposas novissimas e magras, com os cabellos curtos e annellados, que parecem uns rapazinhos; circassianas de cabellos de oiro que lhes cahem até aos joelhos; turcas que têem até cem tranças negrissimas espalhadas pelo seio e pelas espaduas; outras com os cabellos divididos n'uma infinidade de pequenos annéis desordenados que fazem o effeito de uma cabelleira enorme; uma com um amuleto, ao pescoço, outra com um dente d'alho amarrado á cabeça para esconjurar o mau olhado; umas meio-selvagens com pinturas nos braços; as raparigas da moda que têem em tôrno da cintura a marca do colete e á roda dos tornozellos o signal das botinas; e ás vezes tambem pobres escravas que mostram nos hombros os vestigios do chicote dos eunuchos. Vêem-se mil grupos e mil attitudes graciosas e extravagantes; algumas fumam estiradas nos tapetes, outras fazem-se pentear pelas escravas, outras bordam, outras cantarolam, riem, borrifam-se, correm atraz umas das outras, gritam apanhando as duches, ou chalreiam sentadas em circulos, ou cortam na casaca ao proximo, agrupadas á parte. E, descobrindo o seu corpo, descobrem tambem ali, mais do que em qualquer outro sitio a sua indole pueril. Medem os pés, julgam-se, confrontam-se. Uma diz francamente: — Sou bonita; outra — Sou soffrivel; outra: — Aborrece-me ter este defeito, ou — Sabes tu que és mais bonita do que eu? E alguma diz em tom de censura a uma amiga — Olha para a senhora Ferideh, como ella engorda a comer camarões, quando afinal dizias que é o arroz que faz bem? — E quando ha alguma *cocona* garbosa, cercam-n'a e fazem-lhe mil perguntas: — É verdade que

vão aos bailes descobertas até aqui? E o seu effendi o que diz a isso? E os outros homens o que dizem? E como é que dançam? D'esta maneira? Devéras? São coisas que é necessario a gente vêl-as para as poder acreditar.

E não só nos banhos, mas em toda a parte e em todas as occasiões procuram conhecer senhoras européas, e são felizes quando podem conversar com ellas e especialmente quando as podem receber em casa. Então reunem as amigas, põem á vista todas as mulheres de serviço, fazem um pouco de festa, atafulham as visitantes de doces e de fructa, e raras vezes as deixam ir embora sem um presente. Percebe-se que o sentimento que as move a estas demonstrações é mais a curiosidade do que a benevolencia; e, effectivamente, apenas tomaram alguma familiaridade com a nova amiga, interrogam-n'a ácerca de mil particularidades da vida européa, examinam minuciosamente parte por parte desde o chapéu até ás botinas, e não ficam satisfeitas senão depois de a terem levado ao banho, e depois de terem visto bem como é feita uma nazarena, uma d'essas mulheres extraordinarias, que estudam, que escrevem para os jornaes, que trabalham nas repartições publicas, que montam a cavallo, que sobem ao cimo das montanhas. Ha muito tempo porém que não formam a respeito d'ellas as estranhas idéas que tinham antes da reforma; já não acreditam, por exemplo, que o colete seja uma especie de couraça posta pelos maridos ás mulheres para se assegurarem da sua fidelidade, e de que só elles têem a chave; nem que as mulheres européas se entreguem a todos aquelles a quem dão o braço uma vez; motivo pelo qual olhavam para ellas com desconfiança e fallavam d'ellas com desprezo, não invejando sequer a sua cultura de que não tinham idéa ou que não estavam em estado de apreciar. Agora pelo contrario nutrem por ellas um sentimento muito diverso, e tornaram-se desconfiadas n'um sentido opposto; quer dizer, envergonham-se diante



Nas Aguas Doces da Europa.

d'ellas da sua propria ignorancia; receiam parecer boçaes, tolas, ou pueris; e muitas já se não entregam com a ingenua confiança das primeiras vezes. Mas imitam-n'as sempre cada vez mais no vestir e nos modos. Aquellas que estudam uma lingua européa, estudam-n'a mais por imitação do que por saber, ou estudam-n'a para fallar com as christãs. Quando fallam, tratam de engastar no turco alguma palavra franceza; as que não sabem essa lingua, fingem sabel-a, ou pelo menos entendel-a; folgam immenso de que lhes chamem *madame;* vão de proposito a certas lojas de francos para serem saudadas com esse titulo; e Pera, a grande Pera, attrahe-as, como a luz attrahe as borboletas; attrahe os seus passos, os seus caprichos, o seu dinheiro, e ás vezes tambem os seus peccados. Por isso morrem por conhecer senhoras francas, que são para ellas como que reveladoras de um novo mundo. Por ellas se fazem descrever os grandes espectaculos dos theatros do occidente, os bailes esplendidos, os bellos banquetes, as recepções sumptuosas das nossas senhoras, as aventuras carnavalescas e as grandes viagens, e todas aquellas imagens luminosas revoluteiam depois todas juntas na sua cabecinha fatigada, entre as paredes fastidiosas do harem, á sombra dos jardins melancholicos; e assim como as mulheres européas sonham com os horizontes serenos do Oriente, suspiram ellas n'esse momento pela vida variada e febril dos nossos paizes, e dariam todas as maravilhas do Bosphoro por um bairro brumoso de Paris. Mas não é só pela vida variada e febril que ellas suspiram; é tambem pela vida domestica, e essa é mais vezes e mais vivamente desejada, pelo pequeno mundo da casa européa, pelo circulo dos amigos devotados, pelas mezas coroadas dos filhos, pelas bellas velhices respeitadas; aquelle sanctuario cheio de memorias, de confidencias e de ternuras, que póde tornar bella a união de duas almas até sem o amor; a que se volta até depois de uma longa vida de aberrações e de culpas; no qual, até entre as dôres do presente e as tempestades da mocidade, o pensamento se refugia e o coração se conforta, como n'uma promessa de paz para os annos mais tardios, como na belleza de um sereno sol-posto contemplado da escuridão do valle.

Mas ha uma grande coisa a dizer para conforto de todos os que lamentam a sorte da mulher turca, e é que a polygamia vai em decadencia de dia para dia. Ella sempre foi considerada pelos proprios turcos mais como um abuso toleravel do que como direito natural do homem. Mahomet disse: — É sempre louvavel quem casa com uma mulher só, apezar d'elle ter casado com umas poucas; e casam effectivamente com uma mulher só todos os que querem dar o exemplo de costumes honestos e austeros. Quem tem mais de uma não é desapprovado abertamente, mas tambem não é louvado. São poucos os Turcos que sustentam abertamente a polygamia, mais raros os que a approvam na sua consciencia. Quasi todos lhe comprehendem a injustiça e as más consequencias; muitos a combatem de rosto descoberto e com ardor. Todos os que estão em condições sociaes que impõem uma certa respeitabilidade de caracter e uma certa dignidade de vida, não têem senão uma mulher. Têem só uma os altos empregados dos ministerios, os officiaes do exercito, os magistrados, os homens da religião. — Uma só, por necessidade, todos os pobres e quasi todos os homens da classe média. Quatro quintos dos turcos de Constantinopla já não são polygamos. É certo que muitos só casam com uma mulher pela mania de imitarem os europeus; outros muitos, que só têem uma mulher, desforram-se com as odaliscas. Mas essa mania de imitação tem as suas primeiras raizes n'um sentimento confuso da necessidade de uma mudança na sociedade musulmana; e o uso das odaliscas, abertamente censurado como um vicio, não póde deixar de diminuir com a restricção do commercio, hoje ainda tolerado, das escravas, até que virá a confundir-se com a corrupção ordinaria de todos os paizes europeus. Bastará d'ahi uma corrupção maior? Profiram outros a sentença. O facto é o seguinte: que a transformação européa da sociedade turca não é possivel sem a redempção da mulher, que a redempção da mulher não se póde levar a effeito sem a queda da poly-

gamia, e que a polygamia está a cahir. Ninguem talvez levantasse a voz, se a supprimisse de improviso ámanhã um decreto do Grão-Senhor. O edificio está desmoronado, e só falta agora desentulhar as ruinas. A nova aurora já tinge de côr de rosa os terraços dos harens. Tende esperança, ó formosas *hanum!* As portas do *selamlik* serão despedaçadas, cahirão as grades, o *férédgé* ira decorar os museus do grande bazar, o eunucho não será já senão uma reminiscencia negra da infancia, e mostrareis livremente ao mundo as graças do vosso rosto e os thesouros da vossa alma; e então, de cada vez que se fallar na Europa nas «perolas do Oriente», saber-se-ha que se falla, em vós, ó brancas *hanum;* em vós, ó bellas musulmanas, cultas, argutas e gentís; não nas inuteis perolas que brilham em tôrno da vossa fronte no meio das pompas frias do harem. Coragem pois! O sol está a nascer. E eu por mim — e isto digo-o eu aos meus amigos incredulos — apezar de estar velho, ainda não renunciei á esperança de dar o braço á mulher de um pachá, de passagem por Turim, e de a levar a passeiar á margem do Pó, recitando-lhe um capitulo dos *Desposados* de Manzoni.

IANGHEN-VAR

Estava eu exactamente a sonhar com essa passeiata, seriam cinco horas da manhã, no meu quarto do Hotel de Byzancio, e assim, entre o somno e a vigilia, vendo ao longe a collina de Superga, começava eu a dizer á minha *hanum* viajante: — «Aquelle braço do lago de Como que se volta para o meio dia entre duas cordilheiras não interrompidas — quando appareceu diante de mim, com uma luz na mão, o meu amigo Yumk «todo de branco vestido», e perguntou-me com grande espanto:

— O que está acontecendo esta noite em Constantinopla?

Apurei o ouvido e senti um rumor surdo e confuso que vinha da rua, um som de passos apressados pelas escadas, um murmurio, um frémito que parecia de dia. Encostei-me á janella, e vi lá abaixo na escuridão uma grande corrida de gente para o lado do Corno Aureo. Corri ao patamar, agarrei um creado grego que descia as escadas a quatro e quatro, e perguntei-lhe o que tinha acontecido. Elle soltou-se dizendo: — *Ianghen-Var*, por Deus! Não ouvio o grito? E depois accrescentou, escapando-se: — Olhe para o cimo da Torre de Galata. Voltámos para a janella, e, olhando para baixo para o lado de Galata vimos toda a parte superior da grande torre illuminada por uma vivissima luz purpurea e uma grande nuvem negra que se erguia das casas visinhas no meio de um vertice de faiscas, e se alargava rapidamente pelo céu estrellado.

De subito voou o nosso pensamento aos formidaveis incendios de Constantinopla, especialmente áquelle terrivel incendio de quatro annos antes;

e o nosso primeiro sentimento foi de terror e de compaixão. Mas immediatamente depois — confesso-o com vergonha — outro sentimento egoista e cruel — a curiosidade do pintor e do descriptor, — superou o outro, e — tambem confesso isto — trocámos um sorriso que Gustavo Doré podia ter apanhado n'um relance para o estampar no rosto de um dos seus demonios dantescos. Quem nos tivesse aberto o peito n'aquelle momento, não encontraria senão uma palheta e um tinteiro.

Vestimo-nos, e descemos a correr para a grande rua de Pera.

Mas, felizmente, a nossa curiosidade foi ludibriada. Ainda não tinhamos chegado á torre de Galata, e já o incendio estava quasi apagado. Acabavam de arder duas pequenas casas, começava toda a gente a retirar-se; as ruas estavam alagadas com a agua das bombas e atulhadas com a mobilia e com os colxões, por entre os quaes, andavam de um lado para o outro, na penumbra pardacenta da manhã, homens e mulheres em camiza, a tremerem de frio, a erguerem em cem linguas uma vozearia ensurdecedora, em que já se não sentia senão aquelle resto de medo que dá sabor ao tagarellar depois de um grave perigo que se desvaneceu. Vendo que tudo estava a acabar, descemos para a ponte para nos consolarmos do nosso despeito sellerado com o nascer do sol.

Aqui assistimos a um espectaculo qne valia bem o de um incendio.

Principiava o céu apenas a aclarar-se por traz das collinas da Asia. Stambul, sobresaltada com a primeira noticia do incendio, recahira já na quietação solemne da noite. As praias e as pontes estavam desertas, todo o Corno Aureo dormia coberto com uma bruma ligeirissima e immerso n'um silencio profundo. Não se movia um barco, não voava um passaro, não rumorejara uma arvore, não se sentia uma respiração. Aquella interminavel cidade azul, muda e velada, parecia pintada no ar, e dir-se-hia que, se se soltasse um grito, se esvahiria toda. Nunca se nos mostrára Constantinopla com um aspecto tão aereo e tão mysterioso; nunca nos apresentára mais vivamente a imagem d'aquellas cidades fabulosas das historias orientaes, que o peregrino vê surgir de improviso diante de si, e onde encontra,

ao entrar, um povo immovel, petrificado, nas infinitas attitudes de uma vida azafamada e alegre, pela vingança de um rei dos genios. Estavamos ali, encostados ao parapeito da ponte, contemplando aquella scena maravilhosa, sem pensarmos mais no incendio, quando ouvimos primeiro uma vozearia frouxa e confusa do lado de lá do Corno Aureo, como de gente a pedir soccorro, e depois um estalar de gritos altissimos: — Allah! Allah! Allah! — que resoavam de improviso no vacuo enorme e silencioso da enseada, e ao mesmo tempo appareceu na margem opposta, e arrojou-se pela ponte, correndo precipitadamente para nós uma multidão rumorosa e sinistra.

— *Tulumbadji!* — gritou um dos guardas da ponte (Os bombeiros!)

Desviámo-nos para um lado.

Uma horda de selvagens semi-nús, com a cabeça descoberta, com os peitos hirsutos, a suar em bica, velhos, novos, pretos, anões e gigantes, cabelludos e rapados, caras de assassinos e de ladrões, quatro dos quaes transportavam ás costas uma pequena bomba que parecia uma liteira de creança; armados com longos paus de gancho, com feixes de cordas, machados e picaretas, passaram ao nosso lado, urrando e esbufando-se, com os olhos dilatados, com os cabellos esparsos, com os farrapos ao vento, impetuosos, cerrados e enviegados — e, atirando-nos á cara uma baforada de um cheiro de féras, desappareceram na rua de Galata, d'onde nos vieram os ultimos gritos debeis de Allah, e depois houve de novo um silencio profundo.

A impressão que me fez aquella apparição tumultuosa e fulminea n'aquelles quietos recessos da grande cidade adormecida, não a sei exprimir; sei que comprehendi e vi n'um momento mil scenas de invasões barbaras, de saques e de horrores de paizes e de tempos longinquos, que até então a minha imaginação debalde procurára representar ao vivo, e que perguntei a mim mesmo se era aquella a cidade, se era aquella devéras a ponte, por onde passavam, de dia, embaixadores europeus, senhoras vestidas á parisiense e vendedores de jornaes francezes.

Um minuto depois, o silencio solemne do Corno Aureo foi interrompido de novo por uma gritaria longinqua, e outra turba descamizada e selvagem passou por diante de nós, como um turbilhão, pela ponte ondeante e vibrante, levantando uma confusa algazarra de berros, de bufos, de risos suffocados e sinistros, de anhelitos, e outra vez se perderam os gritos prolongados e lamentosos de Allah pelas ruas de Galata, seguidos por um silencio mortal.

Bombeiros.

Pouco depois passou outra turba, e depois quarta, e depois passaram outras duas, e afinal passou o doido de Pera, nú desde os pés até á cabeça, meio morto de frio, soltando gritos agudissimos, seguido por um bando de garotos turcos, que desappareceram com elle e com os bombeiros por traz das casas da margem franca; e na grande cidade, doirada pelos primeiros raios da aurora, tornou a reinar um altissimo silencio.

D'ahi a pouco nasceu o sol, appareceram os muezzins, moveram-se os cahiques, despertou o porto, começou a passar gente pela ponte e a espa-

lhar-se em tôrno de nós o surdo rumor da vida da cidade, e voltámos para Pera. Mas a imagem d'aquella grande cidade adormecida, d'aquelle céu alvejante, d'aquella paz solemne, d'aquellas hordas selvagens, ficou tão profundamente impressa no nosso pensamento, que ainda hoje nos não tornamos a vêr uma vez só sem a recordarmos, com um mixto agradabilissimo de assombro e de medo, como uma scena vista na Stambul d'outros seculos, ou sonhada na embriaguez do *haschich*.

Assim não vi o espectaculo de um incendio em Constantinopla; mas, se o não vi com os meus olhos, conheci tantas testemunhas oculares do que devorou Pera em 1870, e colhi a respeito d'elle noticias tão minuciosas, que posso dizer que o vi com o pensamento, e descrevel-o talvez com tamanha evidencia, como se eu tambem tivesse sido espectador.

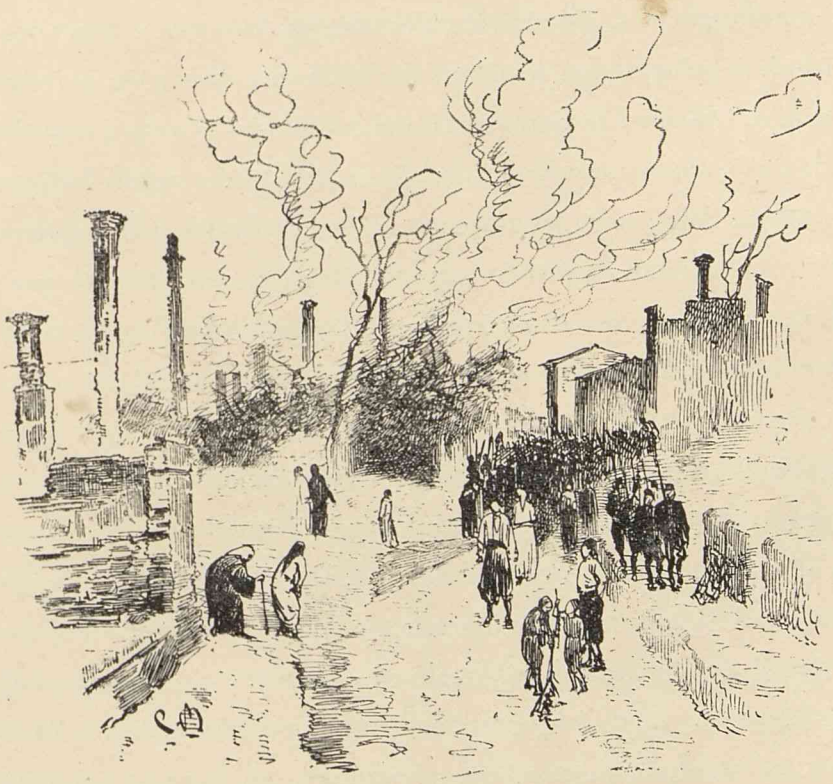
A primeira chamma accendeu-se n'uma pequena casa na rua Feridié, em Pera, no dia cinco de junho, época em que uma boa parte da população rica ou remediada de Constantinopla vai fazer *villeggiatura* á beira do Bosphoro; depois do meio-dia, hora a que quasi todos os habitantes da cidade, mesmo europeus, estão fechados em casa a dormir a sesta. Na casa da rua Feridié não havia senão uma velha criada; a familia partira pela manhã para o campo. Apenas deu pelo incendio, a velha saltou para o meio da rua, e desatou a correr, gritando: — Fogo! Correu logo gente das casas de ao redor com baldes e pequenas bombas, porque já caducou a lei insensata que prohibia que se apagassem os incendios antes de chegarem os officiaes do Seraskiérado, e, como sempre, precipitaram-se todos para a fonte mais proxima para trazerem agua. As fontes de Pera, aonde os aguadeiros vão buscar agua, a certas horas, para as familias do bairro, são todas fechadas á chave depois de feita a distribuição, e o empregado que as guarda já as não póde abrir sem licença da auctoridade. Exactamente n'esse momento estava ao pé da fonte um guarda turco da municipalidade de Pera, que tinha a chave na algibeira, e ali estava espectador impassivel

do incendio. A multidão azafamada cerca-o e intima-o a que abra. Elle recusa dizendo que não tem ordem. Saltam n'elle, ameaçam-no, agarram-n'o; elle resiste, debate-se, grita que lhe não tirarão a chave senão do seu cadaver. Entretanto as labaredas envolvem toda a casa e começam a lamber as casas visinhas. A noticia do incendio propaga-se de bairro para bairro. Do alto da torre de Galata, e do alto da torre do Seraskier já os guardas viram o fumo, e deitaram para fóra as grandes cestas purpureas, signal de incendios de dia. Todos os guardas da cidade correm pelas ruas batendo com os seus longos bastões na calçada, e soltando o grito sinistro: — *Ianghen var!* — Ha fogo! — a que respondem com precipitados e prolongados rufos os mil tambores das casernas. O canhão de Top-Hané annuncia o perigo á immensa cidade com tres tiros que resoam desde o Mar de Marmara até ao Mar Negro. O Seraskiérado, o Serralho, as embaixadas, Pera toda, toda a Galata estão em reboliço; e poucos minutos depois chegam a toda a brida á rua Féridié o ministro da guerra, uma nuvem de officiaes, um exercito de bombeiros, e principiam precipitadamente o trabalho. Mas, como acontece quasi sempre, aquella primeira tentativa não deu resultado. As ruas estreitissimas não concediam liberdade de movimento; as bombas não serviam, a agua era insufficiente, e ficava longe: os bombeiros, mal disciplinados, como sempre, mostravam-se mais inclinados a augmentar do que a diminuir a confusão, para pescarem nas aguas turvas; e além d'isso escasseiavam os moços de fretes para transporte dos salvados, porque um grande numero d'elles fôra n'esse dia para a festa nacional armenia que se celebra em Beicos. É de notar além d'isso que as casas de madeira eram então em muito maior numero do que são hoje, e que até as casas de pedra e de tijolo tinham, como as de madeira, uns tectos delgadissimos, defendidos por pouquissimas telhas, e por isso com grande facilidade de se incendiarem. E nem havia ao menos a vantagem que apresenta, em occasiões d'essas, a população musulmana, a qual, fatalista e apathica como é em presença da desventura, não se aterra muito com o aspecto de um incendio, e, se não ajuda a apagar, ao menos não atrapalha a obra dos ou-

tros com a sua propria insania. Aquella era uma população quasi toda christã, e perdeu immediatamente a cabeça. Ainda o incendio não abrangia senão poucas casas, e já por todas aquellas ruas ao redor havia um reboliço indescriptivel, um atirar mobilia pelas janellas, um tumulto de prantos e de gritos, uma afflicção, um atravancamento contra o qual nada podiam nem as ameaças, nem a força, nem as armas. Correra apenas uma hora desde o apparecimento das primeiras labaredas, e já toda a rua Féridié estava incendiada, e os officiaes e os bombeiros recuavam precipitadamente, deixando aqui e além mortos e feridos, e estava perdida a esperança de suffocar o incendio á nascença. Para maior desgraça soprava n'aquelle dia um vento fortissimo que acamava as labaredas das casas a arder para cima dos tectos das casas proximas em largas chammas horizontaes, que pareciam toldos ondeantes, de fórma que o fogo penetrava em todos as casas pelo tecto, como se chovesse da erupção de um vulcão. O esbrazeamento era tão rapido que familias reunidas em casa, com a certeza de terem ainda tempo de sobra para poderem salvar uma parte dos seus haveres, sentiam de subito crepitar o tecto por cima da cabeça, e mal conseguiam pôr a vida a salvo. As casas accendiam-se uma apoz outra, como se estivessem besuntadas de pez, e, de subito, das innumeraveis janellinhas prorompiam as chammas longas, direitas, mobilissimas como serpentes avidas de presa, que se curvavam quasi até a lamberem a rua para procurarem victimas humanas. O incendio não corria, voava, e, antes de envolver, cobria como um mar de fogo. Da rua Feridié irrompeu furiosamente pela rua de Tarla-Bachi, d'aqui voltou atraz e invadio como uma torrente a rua de Misc, depois inflammou como uma floresta secca o bairro Aga-Dgiami, depois a rua Sakes-Agatsce, depois a de Kalindgi-Kuluk, e depois, de rua em rua, cobrio de fogo toda a encosta de Yeni-Sceir, e cruzou-se com o turbilhão de chammas que vinha pela grande rua de Pera abaixo mugindo com um estrepito infernal. Não eram só mil incendios a apagar, mil inimigos espalhados a combater, eram como que as insidias e os assaltos inesperados de um grande exercito, que parecia guiado astutamente por uma vontade uni-

ca, para colher na rede a cidade inteira, e não deixar salvação a ninguem. Eram outras tantas torrentes de lava que se reuniam e se cruzavam precipitando-se e expandindo-se em lagos de fogo com uma rapidez que prevenia todos os soccorros.

Ao fim de tres horas metade de Pera estava a arder. Uma myriade de



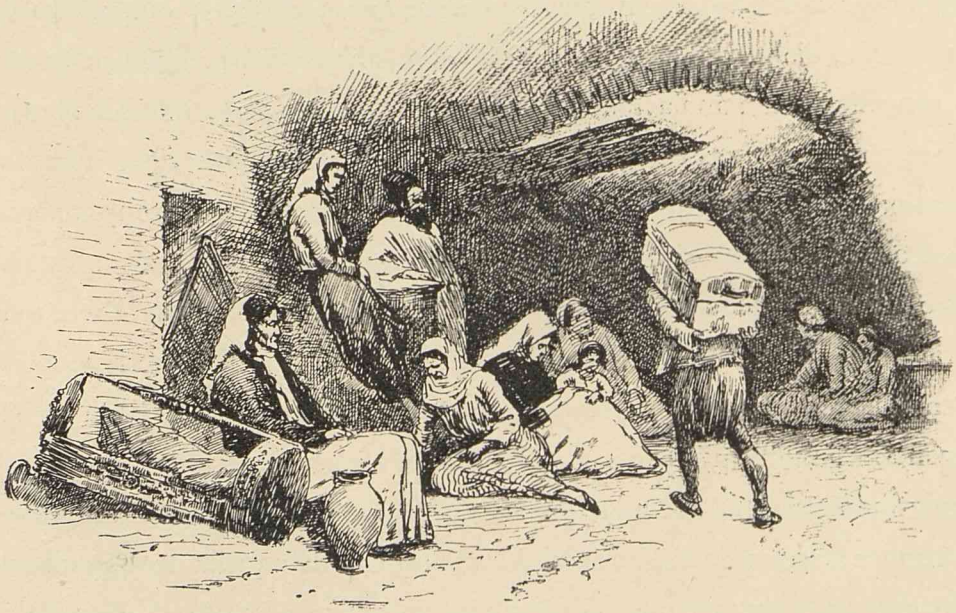
O resto de um incendio.

columnas de fumo vermelho, sulphureo, branco, preto, fugia rapidissimamente rasando os tectos, e estendiam-se a perder de vista ao longo das collinas, escurecendo e tingindo de côres sinistras os vastos arrabaldes do Corno Aureo; por toda a parte havia um redemoinho furioso de cinzas e de faiscas; e o vento fustigava as casas ainda intactas dos bairros baixos com um verdadeiro granizo de brazas e de tições, que se disseminavam pelas ruas como descargas de metralha. As ruas dos bairros incendiados já

não eram senão grandes fornalhas, sobre algumas das quaes formavam as chammas como que um espesso pavilhão, e ali se precipitavam e saltavam com um fracasso horrendo os pinheiros do mar Negro das traves dos tectos, os barrotes delgados dos *ciardak*, as varandas envidraçadas, os minaretes de madeira das pequenas mesquitas, que parecia que se despenhavam derribados por um terremoto. Pelas ruas ainda accessiveis viam-se passar, como espectros, illuminados por clarões do inferno, lanceiros a cavallo, a todo o galope, que levavam em todas as direcções as ordens do Seraskierado, officiaes do Serralho com a cabeça descoberta e a farda queimada; cavallos soltos de soldados cahidos; grupos de moços de fretes carregados de mobilia, enxames de cães ululantas, turmas de fugitivos, que tropeçavam e cahiam berrando por aquellas encostas abaixo, por entre os feridos, os cadaveres, e as ruinas, e desappareciam entre o fumo e as chammas como legiões de precitos. Por um momento foi visto immovel diante da embocadura de uma rua incendiada do bairro Aga-Dgéami, o Sultão, Abdul-Aziz, a cavallo, cercado do seu cortejo, pallido como um cadaver, com os olhos dilatados e cravados nas chammas, como se repetisse entre si as palavras memoraveis de Selim I: — Eis o sopro ardente das minhas victimas! Sinto que ha-de destruir a cidade, o meu serralho, e a mim tambem! — E depois desappareceu n'uma nuvem de cinzas, arrastado pelos seus cortezãos. Todo o exercito de Constantinopla, e toda a innumeravel turba dos bombeiros estava em movimento, em bandos, em longuissimas cadeias, em semi-circulos immensos que abraçavam bairros inteiros, vigiados e dirigidos por vizires, por officiaes da côrte, por pachás, por ulemas; n'alguns pontos, para interceptar a rua ás chammas, ferviam batalhas desesperadas; casas após casas cahiam, em poucos minutos, debaixo dos machados; nos tectos havia um formigueiro de gente audaciosa que affrontava o fogo á queima-roupa, e cahia de cabeça para baixo nas crateras abertas debaixo dos seus pés, e outros lhes succediam, como n'uma peleja, obstinados, soltando gritos selvagens, e agitando os fez chamuscados no meio do fumo côr de fogo. Mas o incendio avançava victorioso no meio de mil

jorros de agua, saltando em grandes pulos por cima de praças, de jardins, de edificios de pedra, de pequenos cemiterios, e fazia retroceder por todos os lados bombeiros, soldados e habitantes, como um exercito em derrota, flagellando-os nas costas com uma chuva de carvões ardentes. Praticavam-se, até n'aquella horrenda confusão, bellos actos de coragem e de humanidade. Viram-se em muitos pontos, entre as ruinas ardentes das casas, esvoaçar os véus brancos das Irmãs de Caridade, curvadas sobre os moribundos; turcos que se arrojavam ás chammas e reappareciam pouco depois levantando nos braços em carne viva creanças christãs; outros musulmanos que, diante de uma casa incendiada, immoveis, de braços cruzados no meio de uma familia christã pungida pelo desespero, offereciam friamente cem liras turcas a quem salvasse um rapaz europeu que ficára nas chammas; alguns que juntavam em bandos, pelas ruas, as creanças perdidas e as atavam com a faxa do turbante para as restituir depois aos paes; outros que abriam as suas casas aos fugitivos semi-núS; mais de um, que, para dar um exemplo de coragem e de desprezo dos bens terrenos, emquanto a propria casa ardia, estava sentado na rua em cima de um tapete, fumando tranquillamente o seu *narghileh,* e ali se deixava estar, com suprema indifferença, á medida que as chammas se approximavam. Mas a coragem e a frieza de animo já nada valiam contra aquella tempestade de fogo. Ás vezes parecia que, diminuindo um pouco o vento, o incendio ia amainando um pouco a sua furia; mas de repente o vento recomeçava a soprar com maior vehemencia, e as chammas, que apenas se tinham levantado um pouco, tornavam a curvar-se com impeto e a vibrar como frechas as suas pontas direitas e implacaveis, levantando um barulho tormentoso, interrompido pelos estouros subitos das pharmacias cheias de petroleo, pelas detonações do gaz espalhado pelas casas cujos tubos desfeitos arrojavam regueiras de chumbo fundido; pelos tectos que se despenhavam de chofre como esmagados por uma avalancha; pelo crepitar dos jardins de cyprestes que se contorciam e se inflammavam de subito, deixando escorrer uma chuva de resina ardente; pelos grupos de velhas casas de madei-

ra, que se accendiam estalando como fogos de vistas, e saltavam feixes enormes de chammas brancas, em que parecia que sopravam folles de cem officinas. Era um esfarelamento, uma ruina, uma destruição raivosa, que parecia produzida ao mesmo tempo por uma inundação, por uma convulsão da terra e pela rapina de um exercito. Ninguem vira nunca nem sonhára semelhante horror. A população parecia enlouquecida. Pelas ruas de Pera havia uma confusão vertiginosa e uma gritaria insensata como na



Depois do incendio.

tolda de um navio no momento do naufragio. No meio dos moveis que rolavam, debaixo do relampago das espadas dos officiaes, entre os encontrões e as bordoadas dos moços de fretes e dos aguadeiros, no meio dos cavallos dos pachás, e dos esquadrões de bombeiros que passavam de corrida, investindo e derrubando quanto encontravam, familias italianas, francezas, gregas, armenias, pobres e ricos, mulheres e creanças, perdidos, desmemoriados, procuravam-se ás apalpadellas, chamavam-se chorando e gritando, suffocados pelo fumo e cegos com as faiscas; passavam embaixadores se-

Victimas sobreviventes de um incendio.

guidos por bandos de criados carregados com papeis e livros; frades que levantavam um crucifixo acima da turba; grupos de mulheres turcas que levavam nos braços os objectos mais preciosos do harem; troços de gente curvada debaixo dos despojos de igrejas, de theatros, de escolas, de mesquitas; e de quando em quando uma nuvem enorme de fumo caliginoso, abatida por uma subita ventania, immergia todos nas trevas e augmentava a desordem e o terror. Para avolumar ainda os horrores d'esse desastre, havia, como sempre, mais porém n'aquelle dia do que nunca, uma myriade de ladrões de todos os paizes, sahidos de todos os covis de Constantinopla, e reunidos em batalhões que se entendiam perfeitamente entre si, e vestidos de moços de fretes, de mulheres e de soldados, que entravam nas casas e roubavam a são e salvo, e corriam depois em grupos a Hassim-Pachá e a Tataola, a depositar a preza; e os soldados caçavam-n'os estendendo-se em cordões, e assaltando-os em patrulhas, e seguiam-se luctas, dispersões e perseguições, que juntavam afflicção a afflicção. Os bombeiros, os aguadeiros, ajudados pelos seus parentes, estendidos em bandos de salteadores, á vista das familias desoladas cujas casas ardiam, interrompiam o trabalho, e punham a preço carissimo a continuação. Os moveis, amontoados atravez das ruas estreitas, defendidos pelas familias, eram tomados de assalto por turmas de bandidos, com as armas na mão, e depois tornados a defender, como barricadas, do assalto de outros ladrões. Turbas de fugitivos, encontrando-se com os seus bens nas passagens estreitas, disputavam-se ferozmente a precedencia da fuga, e deixavam o terreno atulhado de gente suffocada e ferida. Mas, depois das primeiras quatro horas de incendio, a furia do fogo era tal que poucos já se azafamavam para salvar os seus bens, e a todos já parecia muito pôr a vida a salvo. Ardiam dois terços de Pera, e as chammas, correndo sempre mais rapidamente em todas as direcções, acercavam-se quasi de improviso dos vastos espaços, antes que a gente, que lá estava dentro, désse por isso. Centenares de desventurados, apertados em chusma, se arrojavam por uma viella tortuosa, para procurarem escápula, e de repente, a uma volta, viam vir contra elles um

furação de labaredas e de fumo, que os arrojava para traz, endoidados, a procurar outra sahida. Familias inteiras — e uma entre ellas de vinte e duas pessoas — achavam-se de subito cercadas, asphyxiadas, queimadas, carbonisadas. Assaltados pelo desespero, refugiavam-se nas adegas onde ficavam suffocados, precipitavam-se nos poços e nas cisternas, penduravam-se nas arvores, ou, depois de ter procurado inutilmente um asilo nos recessos mais reconditos da casa, perdida a razão, sahiam abertamente e corriam a deitar-se nas chammas. Dos logares altos de Pera viam-se pelas encostas abaixo, no meio de circulos de fogo, familias ajoelhadas nos terraços, com os braços erguidos e as mãos postas, a pedirem ao céu o soccorro que já não esperavam da terra. Viam-se vir de corrida das alturas de Pera e espalhar-se por Galata, por Top-Hané, por Funduclú, pelos baixos cemiterios, bandos de gente pallida e desgrenhada, enlouquecida de terror, que procurava ainda onde se esconder como se fosse perseguida pelo fogo; creanças ensanguentadas, mulheres rasgadas, com os cabellos queimados, apertando nos braços creanças mortas ou cegas; homens com o rosto e os braços em carne viva a contorcerem-se no chão entre os espasmos da agonia; velhos a soluçarem como creanças, ricos reduzidos á miseria, que batiam com a cabeça nas paredes, rapazes delirantes que iam cahir extenuados na margem do Corno Aureo, familias que transportavam cadaveres ennegrecidos, desventurados loucos de terror que arrastavam cadeiras amarradas a um barbante, ou apertavam ao peito braçados de cacos e de trapos, prorompendo em gritos lamentosos ou em risos freneticos. E entretanto continuavam a subir dos bairros baixos, dos arsenaes de Ters-hané e de Top-hané, dos quarteis, das mesquitas, dos palacios do Sultão, e corriam como a um assalto, berrando *Ianghen-Var* e *Allah*, pelas collinas acima, entre o turbilhão das cinzas e das faiscas, debaixo de uma nuvem caliginosa e ardente, pelas ruas cobertas de tições e de residuos, batalhões de nizams, bandos de ladrões, phalanges de bombeiros, generaes, derviches, mensageiros da côrte, familias que tornavam atraz a procurar os parentes perdidos, bandidos e heroes, a desventura, a caridade e o crime, confundi-

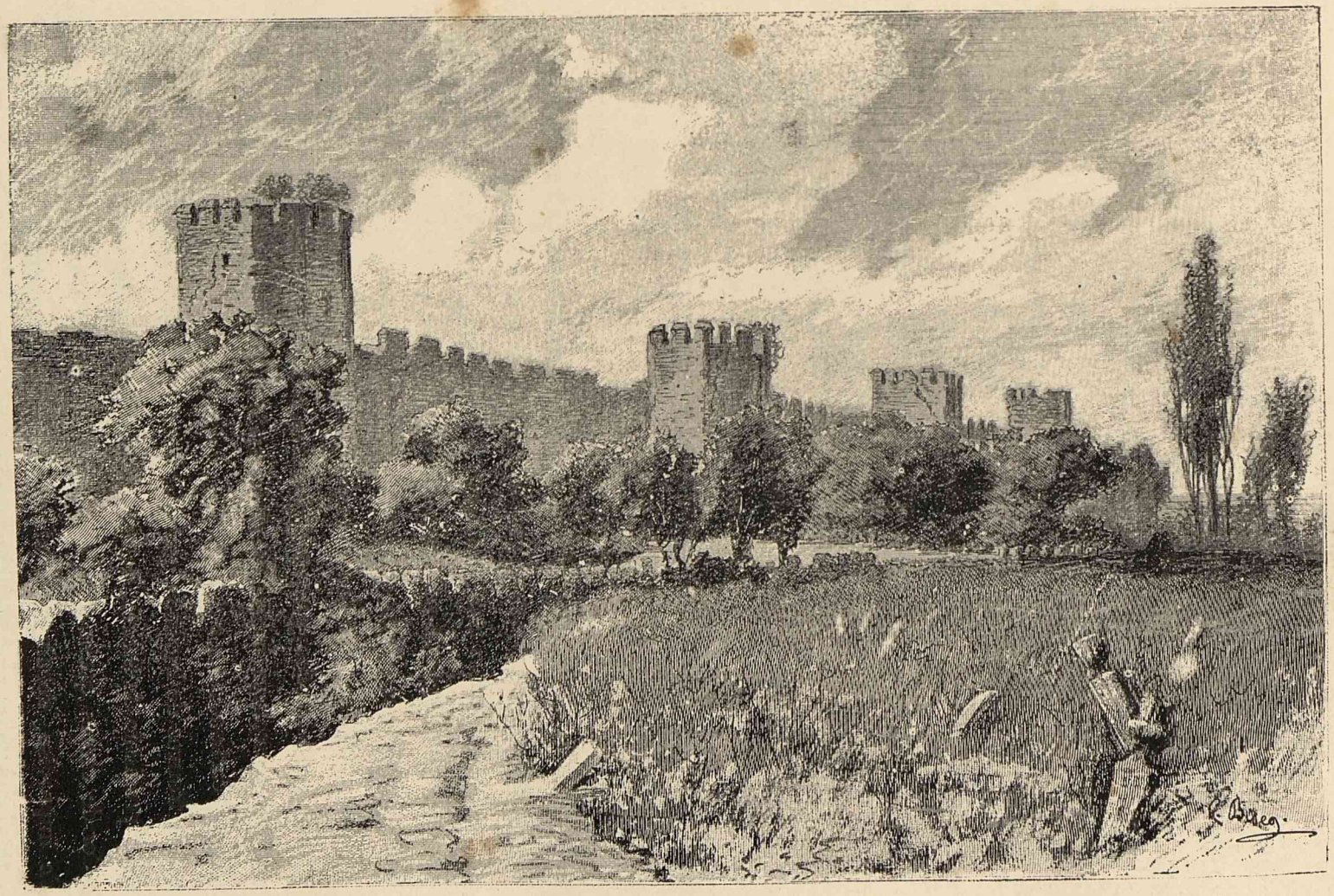
dos n'uma turba horrida, que subia rumorejando como um mar tempestuoso, colorida pelos reflexos vermelhos da immensa fornalha. E a pouca distancia d'aquelle inferno ria, como sempre, a magestade serena de Stambul e a belleza primaveril da margem asiatica, espelhada no mar de Marmara e no Bosphoro, coberto de navios immoveis; uma multidão immensa que tornava negras todas as praias, assistia muda e impassivel ao espectaculo horroroso; os muezzin annunciavam com lentas cantilenas, dos terraços dos minaretes, o pôr do sol; os passaros esvoaçavam alegremente em tôrno das mesquitas das sete collinas, e os velhos turcos, sentados á sombra dos platanos, nas alturas verdes de Scutari, murmuravam com voz pacata: — Soou a ultima hora para a cidade dos Sultões, — chegou o dia prescripto — Cumpre-se a sentença de Allah — Assim seja! — Assim seja!

O incendio, por fortuna, não se protrahio pela noite adiante. Ás sete da noite accendia-se, por ultimo, o palacio da embaixada de Inglaterra; depois d'isso o vento cessava de subito, e as chammas morriam, espontaneamente ou suffocadas, por todos os lados.

Em seis horas tinham sido destruidos desde os alicerces dois terços de Pera, nove mil casas reduzidas a cinzas, e tinham morrido duas mil pessoas.

Depois do incendio famoso de 1756, que destruio oitenta mil casas, e arrazou dois terços de Stambul, no reinado de Othman III, nunca se vira um desastre tão tremendo, e nenhum incendio, desde a tomada de Constantinopla, ceifou tamanho numero de vidas.

No dia seguinte Pera offerecia um aspecto menos horroroso, mas não menos triste do que durante a furia do incendio. Por onde passára o fogo, estava um deserto, e appareciam as fórmas nuas e sinistras da grande collina; novas perspectivas, uma luz nova, espaços vastissimos no meio dos quaes não restavam senão as torres esfumaçadas das chaminés, como monumentos funebres; bairros inteiros desapparecidos como acampamentos de beduinos varridos pelo furacão, ruas e encruzilhadas de que já não res-



As muralhas.

tavam senão os vestigios negros e fumegantes no chão, por entre os quaes vagueavam milhares de desventurados andrajosos e descarnados, que pediam esmola no meio de um vaivem de soldados, de medicos, de freiras, de sacerdotes de todas as religiões e de empregados de todas as graduações, que distribuiam pão e dinheiro, e guiavam longas filas de carros carregados de colxões e de cobertores, mandados pelo governo para a gente que ficára sem casa. O governo mandara tambem distribuir as tendas dos soldados. As alturas de Tataola, e o grande cemiterio armenio estavam cobertos de acampamentos, em que refervia uma multidão immensa. Por toda a parte se viam tapetes e montes de mobilia em que se sentavam familias extenuadas e emparvecidas. No vasto cemiterio de Galata estavam espalhados a granel como n'um bazar em desordem, ao longo das veredas e no meio dos sepulchros, divans, leitos, coxins, pianos, quadros, livros, carruagens escangalhadas, cavallos feridos amarrados aos cyprestes, liteiras doiradas de embaixadores e gaiolas de papagaios, guardadas por uma multidão de criados e de moços de fretes, negros de fumo e cahindo de somno. Uma miuçalha de pobres, innumeravel, immunda, nunca vista, girava pelas ruas a procurar pregos e fechaduras nas paredes arruinadas, evitando os soldados e os bombeiros adormecidos no meio do chão, prostrados pelas fadigas da noite; via-se por toda a parte gente azafamada a armar barracas nas ruinas das proprias casas, com toldos e tabiques; familias ajoelhadas no meio dos muros enfumaçados de igrejas sem tecto, diante de altares queimados; grupos de homens e de mulheres que corriam afanosamente, de cabeça inclinada, observando rosto a rosto longas filas de cadaveres carbonisados e deformados; e os reconhecimentos, gritos desesperados, frouxos de lagrimas, gente que cahia como fulminada no meio de uma procissão de liteiras, de uma poeirada densa, do ar abrazado, de um fedor de carnes queimadas, de nuvens de scentelhas que se levantavam de improviso, debaixo das alavancas e das picaretas dos escavadores, e recahiam sobre uma multidão densa, lenta, silenciosa, aturdida, vinda de todas as partes de Constantinopla, sobre a qual appareciam os rostos palli-

dos e graves dos consules e dos embaixadores, que faziam parar os cavallos nas encruzilhadas, e olhavam em tôrno de si, afflictos com a immensidade do desastre.

E comtudo esse immenso desastre, como acontece sempre nos paizes orientaes, foi depressa esquecido. Quatro annos depois, já não vi nem rastos d'elle, a não ser algum tracto de terreno atulhado de ruinas na extremidade de Pera, diante das alturas de Tataola. Fallava-se já do incendio como de um acontecimento muito longinquo. Por algum tempo, emquanto as cinzas estavam ainda quentes, tinham os jornaes pedido providencias ao governo: que reorganisasse o corpo de bombeiros, que mudasse as bombas, que arranjasse mais abundancia de agua, que regulasse a construcção das casas; mas o governo fizera ouvidos de mercador e os europeus tinham tornado a pôr os corações em paz, continuando a viver á turca, quer dizer fiando-se um pouco no bom Deus e um pouco na boa sorte.

Assim, não se tendo mudado nada ou quasi nada, pode-se ter a certeza de que o incendio de 1870 não foi o ultimo d'aquelles pelos quaes «está escripto» que a cidade será desolada todos os annos. As casas de Pera são agora quasi todas, é verdade, de cantaria; mas construidas, a maior parte pessimamente, por architectos sem estudos e sem experiencia, não vigiados pelo governo, e muitas vezes tambem construidas pelo primeiro que apparece, de fórma que muitas se arruinam antes de estarem terminadas, e as que ficam de pé não podem oppôr resistencia alguma ás chammas. A agua, especialmente em Pera, é sempre escassa e está sugeita a um monopolio vergonhoso, e, como vem em grande parte dos reservatorios da aldeia de Belgrado, construidos pelos Romanos, falta deveras quando não cahem chuvas abundantes na primavera e no outomno; d'onde resulta que quem tem dinheiro a tem de pagar a peso de oiro e os pobres bebem lama. Os bombeiros são sempre mais uma grande quadrilha de malfeitores do que um corpo ordinario de operarios; quadrilha composta de gente de todos os paizes, dependente

mais de nome que de facto do Seraskierado, de que não recebem senão uma ração de pão; inexperientes, indisciplinados, ladrões, tão detestados e temidos pela população como o fogo que elles não sabem apagar, e suspeitos, não sem fundamento, de desejarem os incendios, como occasião de darem saque. Não escasseiam as bombas, é verdade, e os turcos orgulham-se d'ellas como de machinas maravilhosas; mas são ridiculas ninharias que contêm uma duzia de litros de agua, e lançam um esguicho delgadissimo, muito mais proprio para regar jardins do que para apagar incendios. E seria comtudo uma grande felicidade, se, permanecendo estes inconvenientes, tivessem cessado os outros que são muito mais graves. Não é crivel sem duvida o que muitos ainda hoje imaginam, isto é que o governo suscite os incendios para alargar as ruas, porque o damno e o perigo seriam demasiadamente desproporcionados ás vantagens; nem succede já como d'antes que o partido da opposição deite fogo a um bairro de Constantinopla para assustar o Sultão, nem que o exercito incendeie um arrabalde para obter um augmento de paga. Mas a suspeita de que os incendios sejam muitas vezes suscitados por aquelles que possam ganhar com isso está sempre viva, e os factos têem provado com demasiada frequencia que não é uma suspeita infundada. E por isso a população vive n'uma ancia continua. Tem medo dos aguadeiros, dos moços de fretes, dos architectos, dos mercadores de madeira e de cal, e principalmente dos criados que são a peior ralé de Constantinopla, ligados pela maior parte com ladrões, que estão tambem organisados em associações e em *comités,* aos quaes outras companhias occultas compram as coisas roubadas, e facilitam por varios meios o delicto. E a policia local mostra com esta gente uma fraqueza, para não lhe chamar indulgencia, que produz quasi os effeitos da cumplicidade. Nunca foi condemnado um incendiario. Raras vezes os ladrões, depois dos incendios, são apanhados e punidos. E ainda é mais raro que os objectos sequestrados pela policia sejam restituidos aos proprietarios. Alem d'isso, havendo em Constantinopla canalha de todos os paizes, a acção da policia é entorpecida de mil modos pelos tratados internacionaes, os Consulados

reclamam os malfeitores da sua nação; os processos duram um seculo; o temor do castigo quasi que não serve de freio aos scelerados, e o saque nos incendios é considerado por elles quasi como um privilegio tacitamente reconhecido pelas auctoridades, como era d'antes pelos exercitos o pôrem a saque as cidades expugnadas. Por isso a palavra «incendio» significa ainda para a população de Constantinopla «todas as desventuras», e o grito *Ianghen-Var* é sempre um grito tremendo, solemne, fatal, a cujo som toda a cidade se revolve até ao mais fundo das suas visceras como ao annuncio de um castigo de Deus. E quem sabe quantas vezes será ainda a grande metropole reduzida a cinzas, e sobre essas cinzas levantada de novo, antes que a civilisação européa arvore a sua bandeira no palacio imperial de Dolma-Bagcé!

Nos tempos passados, quando rebentava um incendio em Constantinopla, se o Sultão se achava n'esse momento no harem, levava-lhe a noticia uma odalisca toda vestida de côr de purpura desde o turbante até ás babuchas, a qual tinha ordem de se apresentar, estivesse Elle onde estivesse, ainda que fosse nos braços da mais querida das suas favoritas. Não tinha senão que apparecer no limiar; a côr de fogo das suas vestes era o annuncio mudo da desventura. Pois bem! quem ha-de suppôr que de tantas imagens grandiosas e terriveis que me occorrem á mente quando penso nos incendios de Constantinopla, é a figura d'essa odalisca que agita mais vivamente todas as minhas fibras de artista? Quereria ser pintor para pintar este quadro, e hei-de supplicar a todos os pintores que o pintem, até encontrar um que se enamore do argumento, e ser-lhe-hei grato para toda a minha vida. Representará n'uma estancia do harem imperial, forrada de setim e illuminada por uma luz suavissima, n'um largo divan, ao lado de uma loira circassiana de quinze annos, coberta de perolas, Selim I, o Sultão tremendo, que se desprende impetuosamente dos braços da sua cadina, e crava os grandes olhos aterrados na odalisca purpurea, muda, sinistra, erguida no limiar como uma estatua, a qual, com um rosto pallido que re-

vela a veneração e o terror, parece querer dizer: — Rei dos Reis, Allah te chama, e o teu povo desolado espera-te! e, levantando a cortina da porta, mostra para alem de um terraço, n'uns longes azulados, a grande cidade envolta em turbilhões de fumo.

Em tôrno das muralhas.

AS MURALHAS

O passeio em tôrno das antigas muralhas de Constantinopla quiz eu dal-o sósinho, e aconselho a que me imitem todos os italianos que fôrem a Constantinopla, porque o espectaculo das grandes ruinas solitarias não deixa uma impressão verdadeiramente profunda e perduravel senão em quem está completamente disposto a recebel-a, e póde seguir livremente o curso dos seus pensamentos em silencio. Tinha de dar um passeio de cerca de quinze milhas italianas, a pé, debaixo dos raios do sol, por desertas ruas. — Talvez — disse eu ao meu amigo — a meio caminho se apodere de mim a tristeza da solidão e te invoque como um santo; mas não importa, quero ir só. — Aligeirei o *porte-monnaie* para o caso de algum ladrão querer vêr o que havia dentro, atirei alguma coisa para as «avidas goelas»

para poder dizer depois a mim mesmo: — «cala-te maldito lobo» — e encaminhei-me ás oito da manhã, debaixo de um bello céu lavado por uns chuviscos da noite, para a ponte da Sultana Validé.

O meu projecto era sahir de Stambul pela porta do bairro das Blachernas, percorrer a linha dos muros desde o Corno Aureo até ao castello das Sete Torres, e voltar ao longo da margem do mar de Marmara, girando assim em tôrno de todo o grande triangulo da cidade musulmana.

Passada a ponte, voltei á direita, e internei-me no vasto bairro chamado Istambul-disciaré, ou Stambul externa, que é uma longa faxa da cidade comprehendida entre as muralhas e o porto, toda pardieiros e armazens de azeite, de oleo e a que foi mais vezes destruida pelos incendios. Entre as viellas e a margem do Corno Aureo, ao longo da qual se estende uma fila de pequenos ancoradouros e de enseadas cheias de navios, de barcos, ha um vai-vem enorme de moços de fretes, de jumentos e de camellos, uma balburdia de gente estranha e de coisas porcas, e uma berraria incomprehensivel que faz pensar n'aquelles portos maravilhosos do mar das Indias e do mar da China, onde se encontram os povos e as mercadorias dos dois hemispherios. As muralhas que restam d'este lado da cidade são cinco vezes da altura de um homem, ameiadas, flanqueadas de cem em cem passos por pequenas torres rectangulares, e em muitas partes arruinadas; mas são o trecho menos notavel tanto pela arte como pelas memorias das muralhas de Stambul. Atravessei o bairro de Phanar, passando pela margem atulhada de vendedores de fructa, de pasteleiros, de vendedores de aniz e de licor de rosas, e de cosinhas expostas ao ar livre, no meio de grupos de bellos marinheiros gregos com as attitudes das estatuas dos seus Numes antigos; girei em tôrno do vastissimo *ghetto* de Balata, percorri o bairro silencioso das Blachernas, e sahi finalmente da cidade pela porta chamada Egri-Kapú, pouco distante da margem do Corno Aureo. Tudo isto depressa se diz, mas é uma caminhada de hora e meia, ora em subida, ora em descida, em tôrno de lagos de lama, sobre pedregulhos enormes, por viellas sem fim, por baixo de abobadas escuras, atravez de vastos es-

paços solitarios, sem outro guia que não seja a ponta dos minaretes da mesquita de Selim. N'um certo ponto principia-se a não se vêr já nem fatos nem caras de francos; depois desapparecem as casas á européa; depois a calçada, depois as taboletas das lojas, depois a indicação das ruas, depois todo o rumor do trabalho, e quanto mais para diante se vai, mais torvo é o olhar dos cães, mais os gaiatos turcos nos fitam com olhar atrevido, mais as mulheres do vulgo escondem a cara com cuidado, até que nos achamos em plena barbaria asiatica, e a passeiata de duas horas parece que foi uma viagem de dois dias.

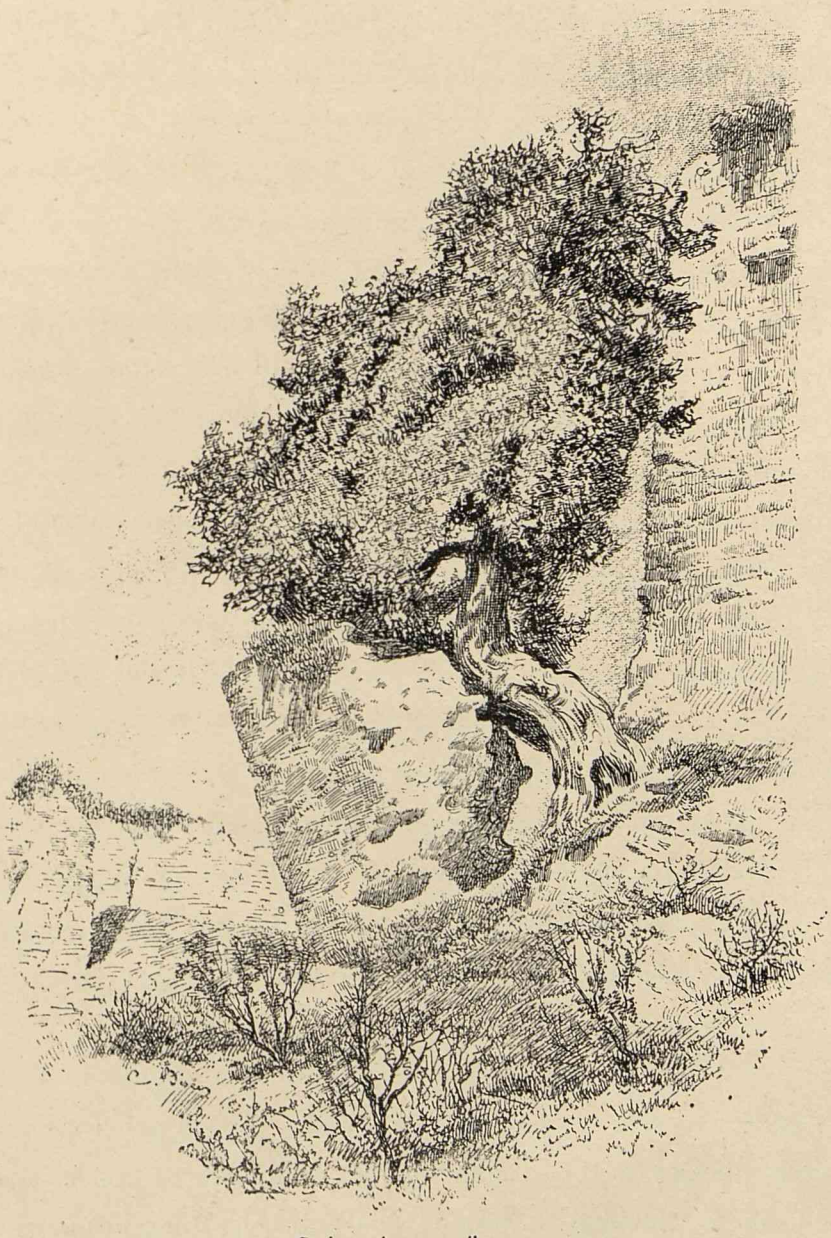
Sahindo d'Egri-Kapú, voltei á esquerda, e vi de repente um larguissimo trecho das famosas muralhas que defendem Stambul do lado de terra.

Passaram-se tres annos desde aquelle momento: mas não posso recordar-me d'elle sem experimentar um sentimento vivissimo de assombro. Não sei em que outro logar do Oriente se achem assim reunidas a grandeza da obra humana, a magestade da força, a gloria dos seculos, a solemnidade das memorias, a tristeza das ruinas, a formosura da natureza. É uma vista que a um tempo inspira admiração, veneração e terror; um espectaculo digno de um canto de Homero. Ao primeiro aspecto sente-se vontade de descobrir a cabeça e de gritar: — Gloria! como diante de uma phalange interminavel de gigantescos heroes mutilados.

A cinta das muralhas e das torres enormes estende-se até onde chega a vista, subindo e descendo conforme as alturas e as depressões de terreno, ora tão baixa que parece que se profunda na terra, ora tão alta que parece que corôa a summidade de uma montanha; variada em infinitas fórmas de ruinas, tingida de mil côres severas desde o calcareo fosco quasi negro até ao amarello quente quasi doirado, e revestida de uma vegetação viçosa de um verde carregado, que trepa aos muros, recáe em grinaldas das ameias e das setteiras, ergue-se em altivos topetes no cimo das torres, amontoa-se em pyramides altissimas, despenha-se quasi em cascatas das cortinas, tapa brechas, fendas e fossos, e avança até á estrada. São tres or-

dens de muros que formam como que um amphitheatro gigante de ruinas; o muro interior, que é o mais alto, flanqueado a curtos intervallos iguaes, por grossissimas torres quadradas; o do meio reforçado por pequenas torres redondas; o exterior, sem torres, baixissimo, e defendido por um fosso largo e profundo, antigamente cheio com as aguas da Corno Aureo e do Mar de Marmara, agora coberto de hervas e de tojos. Todos estes muros são hoje, com pouca differença, o que eram no dia seguinte á tomada de Constantinopla; porque são pouquissima coisa as restaurações feitas por Mahomet e por Bajazet II. Ali se vêem ainda as bréchas que foram abertas pelos canhões enormes de Orban, os vestigios dos golpes dos arietes e das catapultas, os rasgões das minas, e todos os indicios dos logares onde se deram os assaltos mais furiosos e se oppozeram as resistencias mais desesperadas. As torres redondas da muralha do meio estão quasi todas arruinadas até aos alicerces; as torres dos muros internos quasi todas de pé; mas sem ameias, sem cantos, reduzidas em cima a uma ponta como troncos enormes de arvores aguçados a golpes de machado, e fendidos de cima até baixo ou cavados na base como escolhos roidos pelo mar. Enormissimos pedaços de cantaria, já cahidos das cortinas, atulham a plata-fórma do muro do meio, a do muro exterior e o fosso. Pequenas veredas serpeiam entre os escombros e as hervas e perdem-se na sombra profunda, entre as pedras soltas e os despenhadeiros da terra posta a nú pelos muros precipitados. Cada trecho de baluarte comprehendido entre duas torres é um quadro estupendo de ruinas e de verdura, cheio de magestade e de grandeza. Tudo é colossal, selvatico, hirto, ameaçador e tem o cunho de uma belleza pomposa e triste, que impõe reverencia. Parece que se estão vendo as ruinas de uma cadeia infinita de castellos feudaes, ou os restos de uma d'aquellas muralhas prodigiosas que circumdavam os grandes imperios legendarios da Asia oriental. A Constantinopla do seculo decimo-nono desappareceu; estamos diante da cidade dos Constantinos, respiramos o ar do seculo xv, todos os pensamentos correm para o dia da immensa queda, e ficamos por um momento assombrados e angustiados.

A porta por onde eu tinha sahido, chamada pelos turcos Egri-Kapú, era aquella famosa porta Caligaria pela qual fez a sua entrada triumphal Jus-



Ruinas das muralhas.

tiniano, e por onde entrou depois Alexis Comneno para se assenhorear do throno. Nos primeiros dias do assedio ali se pozera aquelle descommunal canhão de Orban, em tôrno do qual trabalhavam quatrocentos artilheiros e

que cem bois a custo moviam. A porta era defendida por Theodoro de Caristo e por João Gréant contra a ala esquerda do exercito turco que se estendia até ao Corno Aureo. D'aquelle ponto até ao Mar de Marmara não ha nada que nos distraia da contemplação das ruinas. Puz-me a caminho. Andei um longo espaço entre dois cemiterios: um christão á esquerda debaixo dos muros; outro mahometano, á direita, vastissimo e assombreado por um bosque de cyprestes. O sol ardia; a estrada estendia-se diante de mim branca e solitaria, e, levantando-se a pouco e pouco, cortava, com uma linha recta, na summidade ás alturas, o céu limpidissimo. De um lado seguiam-se ás torres as torres, do outro aos tumulos os tumulos. Não sentia senão o rumor cadenciado do meu passo, e de quando em quando o restolhar de um lagarto nos trigaes proximos. Andei assim um largo espaço, até que impensadamente me achei diante de uma bella porta quadrada que tinha por cima um grande arco de volta completa e era flanqueada por duas grossas torres octogonaes. Era a porta de Adrianopolis, a Polyandria dos Gregos; a que sustentou em 625, no tempo de Heraclio, o formidavel embate dos Avaros, que foi defendida contra Mahomet II pelos irmãos Paulo e Antonino Troilo Bochiardi, e que se tornou depois a porta das sahidas e das entradas triumphaes dos exercitos musulmanos. Nem diante de mim nem á roda de mim havia viva alma. De subito sahiram a galope dois cavalleiros turcos, envolveram-me n'uma nuvem de pó e desappareceram pela estrada de Adrianopolis; depois tornou a reinar um silencio profundo.

D'ahi, voltando as costas aos muros, avancei pela estrada de Adrianopolis, descendo ao valle do Lykus, subi a uma altura e achei-me diante da vastissima planura arida e ondulada de Dahud-Pachá, onde teve o seu quartel-general Mahomet II, durante o assedio de Constantinopla. Estive ali algum tempo immovel, olhando em tôrno de mim e resguardando os olhos com a mão, como para procurar os vestigios do acampamento imperial e representar a mim mesmo o grande e estranho espectaculo que esse logar devia offerecer ao findar a primavera do anno de 1453. Ali refluia

como reflúe ao coração, a vida de todo o enorme exercito que estreitava no seu formidavel amplexo a grande cidade moribunda. D'ali partiam as ordens fulminantes que moviam os braços de cem mil operarios, que faziam com que fossem transportadas por terra duzentas galeras da bahia de Besci-tass á bahia de Kassim-pachá, que arrojavam ás entranhas da terra exercitos de mineiros armenios, que soltavam por cem partes os esquadrões de arautos a annunciar a hora dos assaltos, e faziam, no tempo que se emprega em se esbrugar as contas de um rosario, retezar trezentos mil arcos e desembainhar trezentas mil cimitarras. Ali se encontravam os pallidos mensageiros de Constantino com os genovezes de Galata que vinham vender o oleo para se refrescarem os canhões de Orban e com as vedetas mussulmanas que espreitavam da praia do Mar de Marmara se appareciam no horizonte as frotas européas a trazer os ultimos soccorros da christandade ao ultimo baluarte dos Constantinos. Ali havia um formigueiro de christãos renegados, de aventureiros asiaticos, de velhos scheicks, de derviches macilentos e extenuados pelas longas marchas, que iam e vinham afanosamente em tôrno das tendas de quatorze mil janizaros, entre filas interminaveis de cavallos arreiados, e de altos camellos immoveis, no meio de catapultas e de balistas quebradas, de fragmentos de canhões arrebentados, de pyramides de balas enormes de granito; cruzando-se com as procissões dos soldados pulverulentos que levavam, a dois e dois, dos muros para o campo aberto, cadaveres desfigurados e feridos gementes, atravez de uma nuvem perpetua de fumo. No meio do acampamento dos janizaros levantavam-se as tendas variegadas da côrte, e por cima d'essas o pavilhão vermelho de Mahomet II. E todas as manhãs, ao despontar do dia, elle ali estava, erguido diante da abertura do seu pavilhão, pallido da afanosa vigilia da noite, com o seu grande turbante ornado de um pennacho amarello e o seu longo caftan côr de sangue, e cravava o seu olhar de aguia na immensa cidade que se estendia diante d'elle, atormentando com uma das mãos a densa barba negra, com a outra o cabo de prata do seu punhal recurvo. Ao lado d'elle estava Orban, o inventor do canhão prodigioso que devia, poucos dias de-

pois, estourando, lançar os seus ossos na esplanada do Hippodromo; o almirante Balta-Ogli, já turbado com o presentimento da derrota que fez cahir sobre a sua cabeça o bastão de oiro do Grão-Senhor; o commandante temerario do Epepolin, o grande castello movel, coroado de torres e erriçado de ferro, que depois cahiu em cinzas diante da porta de S. Romano; uma corôa de legístas e de poetas bronzeados pelo sol de cem batalhas; um cortejo de pachás com os membros cobertos de cicatrizes e os caftans rasgados pelas frechas; uma multidão de janizaros agigantados, com os alfanges nús em punho, e de *sciaús* armados de varas de aço, promptos a fazer cahir as cabeças e a rasgar as carnes aos rebeldes e aos velhacos; toda a flor d'aquella infinita multidão asiatica, cheia de juventude, de ferocidade e de força, que estava para arrojar-se, como uma torrente de ferro e de fogo, sobre os decrepitos restos do imperio byzantino; e todos immeveis como estatuas, tingidos de côr de rosa pelos primeiros raios da aurora, contemplavam no horizonte as mil cupulas argenteas da cidade da promissão do Propheta, por baixo das quaes soavam, áquella hora, as preces e os soluços do povo covarde. Eu via os rostos, as attitudes, os punhaes, as pregas das capas e dos caftans, e as grandes sombras que se alongavam no terreno escavado pelas rodas dos canhões e das torres. Mas de subito, deixando cahir os olhos sobre uma grande pedra, meio enterrada no chão, e lendo n'ella uma inscripção tosca, desappareceu aquelle grande quadro como uma visão phantasmagorica, e vi espalharem-se pela planura arida uma multidão alegre de caçadores de Vincennes, de zuavos e de infantes de calças vermelhas, ouvi cantar as cançonetas da Provença e da Normandia; vi o marechal Saint-Arnaud, Canrobert, Forey, Espinasse, Pelissier; reconheci mil rostos e mil côres vivas na minha memoria e caras ao meu coração desde a infancia... e reli com um sentimento inexprimivel de surpreza e de prazer aquella pobre inscripção. A qual dizia: *Eugène Saccard, caporal dans le 22e léger. 16 juin 1854.*

D'ahi tornei a passar pelo valle do Lykus, e voltei á entrada que flanqueia

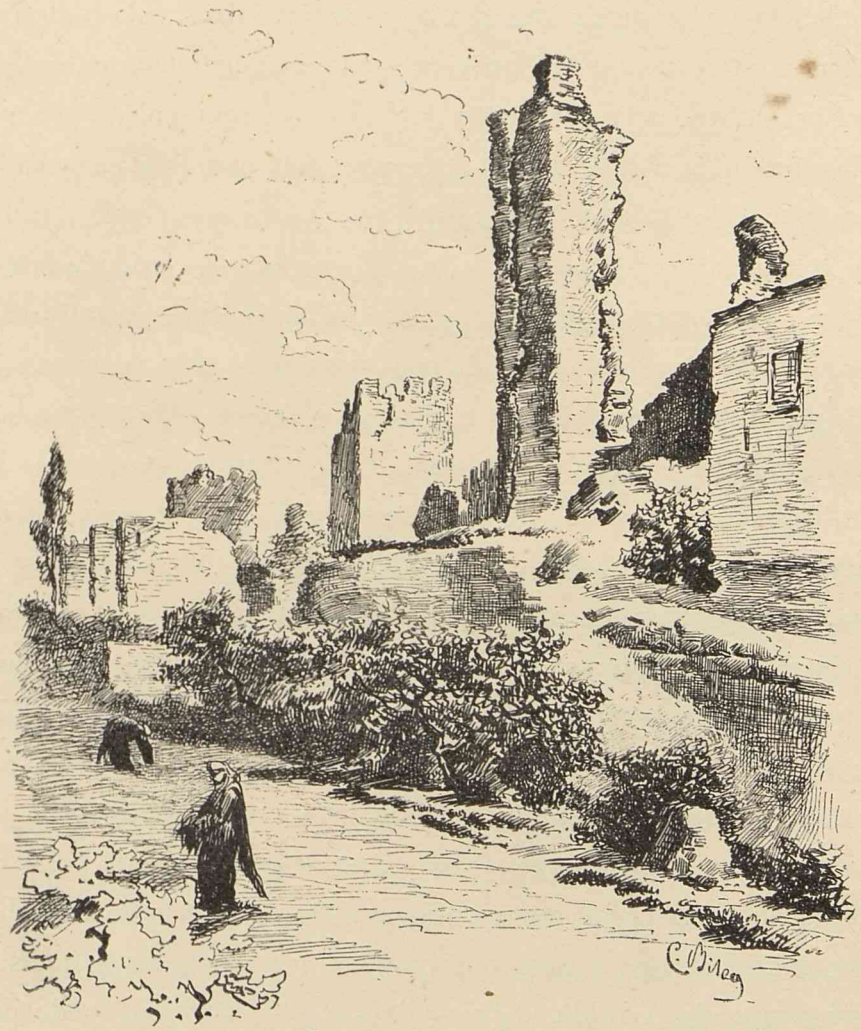
Partida para Meca.

os muros, sempre solitarios e sempre serpeiantes entre as ruinas e os cemiterios. Passei diante da antiga porta militar de Pempti, agora tapada, atravessei outra vez o Lykus, que entra na cidade n'aquelle ponto e cheguei finalmente diante da porta chamada do Canhão, do grande canhão de Orban que estava assestado diante d'ella; a porta contra a qual dirigiu o seu ultimo assalto o exercito de Mahomet. Levantando os olhos para o alto dos muros, vi por traz das ameias varias horriveis caras negras, com os cabellos desgrenhados, que olhavam para mim com um modo de assombro. Soube depois que se aninhára ali uma tribu de ciganos, cravando as suas cabanas nas bréchas das cortinas e das torres. Aqui os vestigios da lucta são verdadeiramente gigantescos e soberbos; os muros arrombados, esmigalhados, perfurados; as torres partidas ao meio e informes, as plataformas sepultadas debaixo de montes de caliça, as setteiras escancaradas, o terreno revolvido, o fosso atulhado de fragmentos colossaes, que parecem penedos que dasabaram de uma montanha. Parece que se pelejou no dia anterior a batalha tremenda, e as ruinas contam melhor do que a voz humana a carnificina horrivel de que foram espectadoras. E foi pouco menos do que o mesmo diante de todas as portas, por toda a extensão dos muros. A lucta principiou ao despontar do dia. O exercito ottomano estava dividido em quatro enormes columnas, e era precedido por cem mil voluntarios que formavam uma immensa vanguarda predestinada á morte. Toda esta *chair á canon*, esta turba indisciplinada e temeraria de tartaros, de caucasicos, de arabes, de negros, guiados pelos scheicks, excitados pelos derviches, levados para diante á chicotada por um exercito de *sciaús*, foi a primeira que se arrojou ao assalto coberta de terra e de fachinas, formando uma só cadeia, e soltando um só urro do Mar de Marmara ao Corno Aureo. Chegados á margem do fosso, uma saraivada de ferro e de pedras os faz parar e os esmaga; cahem aos centos, esmagados pelos pedregulhos, atravessados pelas frechas, fulminados pelas balas, queimados pela chamma das espingardas, velhos, creanças, escravos, ladrões, pastores, bandidos; outras turbas, impellidas por outras mais distantes, succedem-lhe; em pouco tempo

o fosso e as bordas cobrem-se de montes de cadaveres, de membros palpitantes, de turbantes ensaguentados, de arcos, de cimitarras; sobre os quaes passam mugindo outras torrentes de homens armados, e vão quebrar-se e ensanguentar-se aos pés das cortinas e das torres, debaixo de um chuveiro mais denso de dardos e de pedras, no meio de uma nuvem que esconde os muros, os defensores, os mortos, a estrada; até que mil trombetas ottomanas fazem ouvir os seus clangores selvagens sobre o tumulto da batalha, e a grande vanguarda partida ao meio e sangrenta retrocede confusamente em toda a linha dos muros. Então Mahomet II arroja ao assalto o grosso das suas forças. Tres grandes exercitos, tres inundações humanas, conduzidos por cem pachás, debaixo do fluctuar de mil estandartes, avançam, alargam-se, cobrem as alturas, inundam os valles, descem levantando um pavoroso estrondo de trombetas, de timbales e de espadas, e, soltando um grito: — *La Ilah illa lah!* que retumba como um trovão desde o Corno Aureo até ás Sete Torres, desatam a correr e vão precipitar-se contra os muros como um oceano tempestuoso contra uma riba de rochedos cortados a prumo. Então principia a grande batalha, quer dizer cem batalhas, nas portas, nas brechas, nos fossos, nas plataformas, aos pés das cortinas, de uma á outra extremidade do enorme baluarte secular de Constantinopla. Dez mil setteiras vomitam a morte sobre duzentas mil vidas. Do alto das cortinas e das torres rolam os pedregulhos, as traves, os gabiões cheios de terra, as fachinas accesas. As escadas carregadas de assaltantes quebram-se; as pontes levadiças das torres de assedio caem; as catapultas flammejam. Batalhões apoz batalhões se arrojam e recahem fulminados sobre os escombros, sobre os mortos esmigalhados, sobre os moribundos, no sangue, na agua, sobre as armas dos companheiros, entre um fumo denso, illuminado aqui e além pelas subitas labaredas do fogo grego, entre o sybillar raivoso da metralha, entre o estourar das minas, entre os gritos dos mutilados, entre os ribombos formidaveis das dezoito baterias de Mahomet, que fulminam a cidade das alturas. De espaço a espaço, a batalha affrouxa como para tomar a respiração, e então na larga brecha da

porta de S. Romano, atravez do fumo rareado, vê-se por alguns momentos ondear o manto de purpura de Constantino, scintillar as armaduras de Giustiniani e de Francisco de Toledo, e agitar-se confusamente as terriveis figuras dos trezentos besteiros genovezes. Depois reaccende-se a peleja, o fumo torna a esconder as brechas, tornam a encostar-se as escadas aos muros, e recomeçam a cahir ruinas sobre ruinas, cadaveres sobre cadaveres, á porta de Adrianopolis, á porta Doirada, á porta de Selymbria, á porta de Tetarté, á porta de Pempti, á porta de Russion, ás Blachernas, ao Heptapurgion; e turbas armadas atraz de turbas armadas, que parece que rebentam do chão, continuam a irromper contra os muros, atravessam o fosso, transpõem as primeiras cortinas, cahem, tornam a levantar-se, trepam para cima pelos escombros, arrastam-se por cima dos cadaveres, debaixo de nuvens de frechas, debaixo de procellas de balas, debaixo de uma chuva de fogo. Finalmente os assaltantes, rareados e extenuados, cedem, retrocedem, disseminam-se e um grito altissimo de victoria e um côro solemne de cantos sagrados se ergue dos muros. Da altura fronteira a S. Romano, Mahomet II, cercado por quatorze mil janizaros, vê e fica algum tempo incerto se deve tentar de novo o assalto ou renunciar á empreza. Mas, voltando um olhar para os seus formidaveis soldados que o encaram frementes de impaciencia e de ira, ergue-se soberbamente nos estribos e solta outra vez o grito da batalha. Então é a vingança de Deus que se desencadeia. Os janizaros respondem com quatorze mil gritos n'um só grito; movem-se as columnas; espalha-se uma turba de derviches pelo campo a reanimar os dispersos, os *sciaús* a fazer parar os fugitivos, os pachás tornam a formar os batalhões, o Sultão, brandindo a sua massa de ferro, avança entre uma scintillação de cimitarras e de arcos, no meio de um mar de turbantes e de capacetes; na porta de S. Romano torna a cahir uma saraivada de frechas e de balas; Giustiniani, ferido, desapparece, os italianos, desanimados, desordenam-se; o agigantado janizaro Hassan d'Olubad é o primeiro a subir aos baluartes, Constantino, combatendo no meio dos seus ultimos valentes da Moréa, é precipitado das ameias, lucta ainda debaixo

da porta, e cahe no meio dos cadaveres...; cahiu o imperio do Oriente. Diz a tradição que uma grande arvore marcava o sitio onde foi encontrado o corpo de Constantino; mas não vi rastos de tal arvore. Entre aquellas



Em tôrno das muralhas.

cortinas, onde correram rios de sangue, estava a terra toda branca de pequenas margaritas e de umbelliferas, por cima das quaes volitava uma nuvem de borboletas. Colhi uma flôr para lembrança debaixo dos olhares attonitos dos ciganos, e tornei-me a pôr a caminho.

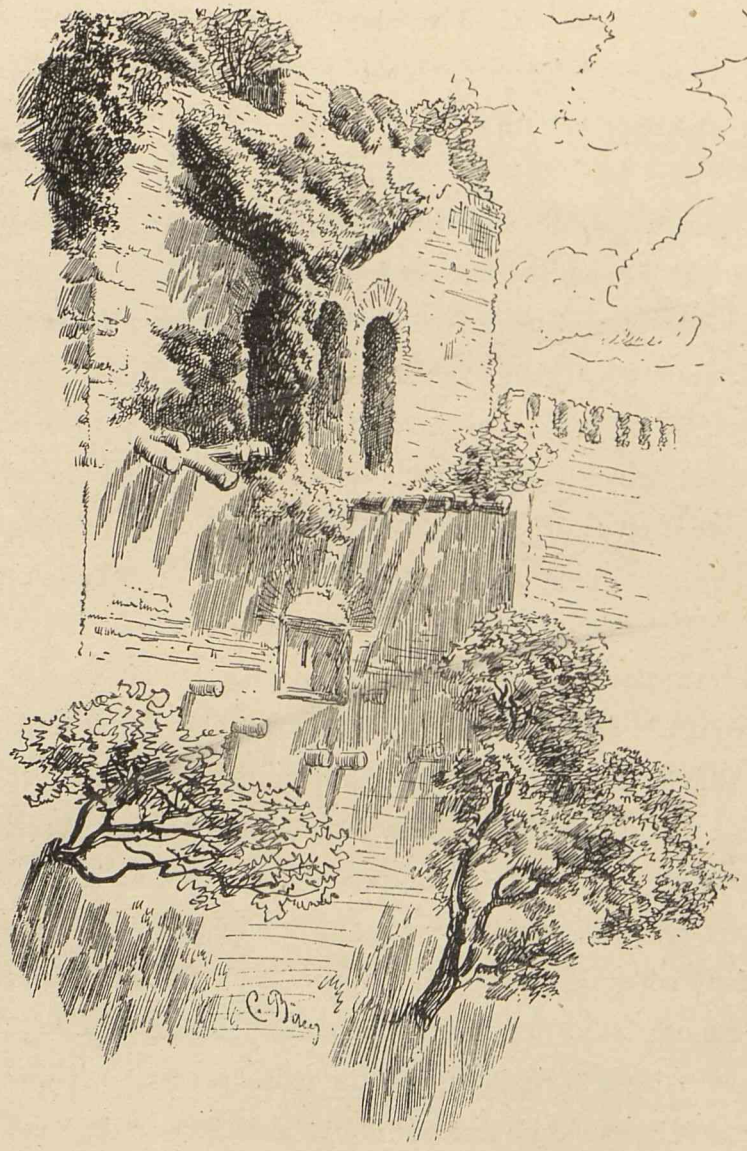
Os muros estendiam-se diante de mim a perder de vista. Nos logares altos escondiam tão completamente a cidade, que quem o não soubesse, não pensaria nunca que por traz d'aquellas ruinas solitarias e silenciosas podesse haver uma grande metropole, coroada de grandes monumentos e habitada por uma grande população. Nos logares baixos, pelo contrario, appareciam por traz das ameias pontas prateadas de minaretes, cimos de cupulas, tectos de igrejas gregas, cimos de cyprestes. Aqui e além, por um rasgão das cortinas, via-se de fugida, como por uma porta aberta e fechada, um pedaço de cidade; grupos de casas que pareciam abandonadas, valles desertos, hortas, jardins, e mais ao longe, esfumados na claridade branca do meio-dia, os contornos phantasticos de Stambul. Passei diante da porta emparedada de Tetarté, só indicada por duas torres muito proximas. N'esse espaço os muros estão mais bem conservados. Vêem-se longos trechos das cortinas de Theodosio II, quasi intactas; bellas torres do prefeito do Pretorio Anthemio e do imperador Cyro Constantino, que ostentam ainda gloriosamente sobre a sua cabeça invulnerada a sua corôa de quinze seculos; e parece que desafiam um novo assalto. N'alguns pontos, nas plataformas, ha cabanas de camponezes, que dão um relevo inesperado, com a sua fragil pequenez, á solida magestade dos muros, e parecem ninhos de passaros suspensos dos flancos dilacerados de uma montanha. E á direita sempre cimiterios, cyprestaes em subida e em descida, valles cobertos de pedras sepulchraes; aqui um convento de derviches, meio escondido por uma corôa de platanos; além um café solitario; mais longe uma fonte assombreada por um salgueiro; e para além dos bosques, veredas brancas que se perdem no campo alto e arido, debaixo de um céu offuscante onde pairam bandos de aves.

Depois de um quarto de hora de caminho cheguei diante da porta chamada Yeni-Mewlehane, do nome de um famoso convento de derviches que está na frente: uma porta baixa em que estão engastadas quatro columnas de marmore, e a cujo lado se erguem duas torres quadradas, ornadas com

uma inscripção de Justino II e de Sophia, em que a orthographia dos nomes imperiaes está atropellada; exemplo curioso da ignorancia barbara do seculo xv. Olhei para dentro da porta, para os muros, á roda do convento, para os cemiterios; não havia viva alma. Descancei alguns momentos encostado ao parapeito da pequena ponte que atravessa o fosso dos muros e segui de novo o meu caminho.

Darei a recordação de uma das mais bellas vistas de Constantinopla para transfundir a quem lê uma sombra ao menos do sentimento profundo e singularissimo que experimentei, andando assim sósinho entre aquellas duas cadeias interminaveis de ruinas e de sepulchros, debaixo d'aquelle sol, n'aquella solidão severa, no meio d'aquella immensa paz: Muitas vezes, nos dias tristes da minha vida, magicando, desejei achar-me n'uma caravana de gente mysteriosa e muda que caminhasse eternamente por paizes desconhecidos, para uma meta ignorada. Pois bem! aquella estrada correspondia ao meu desejo. Quereria que não acabasse nunca. Mas não me inspirava tristeza; dava-me em vez d'isso serenidade e ardimento. Aquellas côres vigorosas de vegetação, aquellas fórmas cyclopicas dos muros, aquellas grandes linhas do terreno semelhantes ás ondas de um occeano agitado, aquellas solemnes memorias de imperadores, de exercitos, de luctas titanicas, de povos desapparecidos, de gerações defunctas, ao lado d'aquella cidade enorme, n'aquelle silencio mortal, quebrado apenas pelo rugir potente das azas das aguias que soltavam o vôo do alto das torres, despertavam-me na mente um referver de phantasias gigantescas e de desejos desmedidos que me redobrava o sentimento da vida. Quereria ser mais alto dois palmos e vestir a armadura colossal do Grande Eleitor da Saxonia que eu vira na Armaria de Madrid, e que o meu passo resoasse n'aquelle silencio como o passo cadenciado de um regimento de alabardeiros da idade média. Quereria ter a força de um Titão para levantar nos braços os destroços immanes d'aquelles muros soberbos. Caminhava de fronte alta, de sobrancelhas carregadas, com a mão direita fechada, apostrophando em grandes

versos soltos Constantino e Mahomet, arrebatado n'uma especie de embriaguez guerreira, com a alma toda no passado; e sentia tanta mocidade na



Em tôrno das muralhas.

mente e no sangue, e estava tão feliz por ir só, e tão cioso d'aquella solidão cheia de vida, que não quereria encontrar nem o mais intimo dos meus amigos.

Em Scutari.

Passei diante da antiga porta militar de Trite, hoje fechada. As cortinas e as torres esboroadas indicam que diante d'aquelle ponto dos muros devem ter estado collocados alguns dos grossos canhões de Orban. Suppõe-se tambem que fosse ali uma das tres grandes brechas que Mahomet II designou ao exercito no dia anterior ao assalto, quando disse: — Podereis entrar em Constantinopla a cavallo pelas tres brechas que abri — D'ahi tornei a sahir para diante de uma porta aberta, flanqueada por duas torres octogoneas, e reconheci, da pequena ponte de tres arcos de uma bella côr de oiro, a porta de Selivri, d'onde partia a grande estrada que conduzia á cidade de Selymbria que lhe deu o nome, mudado pelos Turcos em Selivri. Durante o assedio de Mahomet, defendia aquella porta Mauricio Cattaneo, genovez. A estrada conserva ainda algumas pedras do lagedo que Justiniano mandou fazer. Diante está um vasto cemiterio e para além do cemiterio o mosteiro conhecidissimo de Baluklú.

Apenas entrei no cemiterio, achei, sem perguntar, o logar solitario onde estão sepultadas as cabeças do famoso Ali de Tépéleni, pachá de Janina, dos seus filhos: Velí governador de Tirhala, Muktar, governador de Arlonia, Saalih, governador de Lepanto; e de um sobrinho Mehemet, governador de Delvina. São cinco columnelos de pedra, terminados em fórma de turbante, que têem todos a data de 1827, e uma inscripção sinplicissima, feita por aquelle pobre Soliman-derviche, amigo de infancia de Ali, que comprou as cabeças, depois de terem sido tiradas das ameias de Stambul, e as sepultou pela sua mão. A inscripção do cippo de Ali, que está no meio, diz: — Aqui jaz a cabeça do famoso Ali-pachá, de Tépéléni, governador do Sandgyakado de Janina, que, durante mais de cincoenta annos, trabalhou sem descanço pela independencia da Albania, o que prova que até nos sepulchros musulmanos se escrevem piedosas mentiras. Parei um momento a contemplar aquelles palmos de terra que cobriam aquelle formidavel chefe, e acudiam-me á idéa as perguntas de Hamlet á caveira de Yorick. Onde estão os teus Palikares, leão do Epiro? Onde estão os teus bravos Arnautas

e os teus palacios erriçados de canhões e o teu bello kiosque reflectido pelo lago de Janina e os teus thesouros sepultados nas rochas e os bellos olhos da tua Vasiliki? E pensava na formosissima mulher vagueando pelas ruas de Constantinopla, pobre e pungida pelas recordações da sua felicidade e da sua grandeza, quando senti um ligeiro ruido, e voltando-me vi um homem alto e secco, vestido com uma grande tunica escura, de cabeça descoberta, que olhava para mim com um modo interrogador. A um signal que fez, percebi que era um monge grego de Baluclú, que me queria mostrar a fonte miraculosa, e encaminhei-me com elle para o mosteiro. Conduzio-me atravez de um pateo silencioso, abrio uma portinha, accendeu uma vela, fez-me descer comsigo por uma escadinha, por baixo de uma abobada humida e escura, e, parando diante de uma especie de cisterna, por cima da qual resguardou com a mão a luz da vela, indicou-me com o gesto que olhasse para os peixes vermelhos que brincavam na agua. Emquanto eu olhava, fez-me um discurso incomprehensivel que devia ser a fabula famosa do milagre dos peixes. Emquanto os musulmanos davam o ultimo assalto aos muros de Constantinopla, estava um monge grego n'aquelle momento a frigir peixe. De subito appareceu á porta da cosinha outro monge, aterradissimo, gritando: — Está a cidade tomada! — O que! — respondeu o primeiro — só o acreditarei se vir estes peixes a saltar para fóra da frigideira. E os peixes saltaram logo, vivos e bellos, meio escuros e meio vermelhos, porque não estavam fritos se não por um lado, e foram tornados a metter religiosamente, como se póde imaginar, na agua onde tinham sido apanhados, e onde ainda hoje saltam. Acabada a sua palração, o monge atirou-me á cara algnmas gotas da agua sagrada que lhe tornaram a cahir na mão, transformadas em soldos, e, depois de me ter acompanhado até á porta, esteve um pedaço a olhar para mim, emquanto eu me ia affastando, com os seus pequenos olhos aborrecidos e somnolentos.

E, sempre de um lado, muros apoz muros, torres apoz torres, e do outro cemiterios umbrosos, algum campo verde, alguma vinha, alguma casa fe-

chada, e, para além, o deserto. Ás vezes, olhando para as muralhas de um sitio baixo, parecia-me vêr-lhes o ultimo perfil; mas, depois de uma breve subida, via-as de novo a estender-se diante de mim sem termo, e a cada passo saltavam para fóra as torres, distantes, uma atraz da outra, ás duas, ás tres ao mesmo tempo, como se corressem á estrada, para vêr quem perturbava o silencio d'aquella solidão. A vegetação, só n'aquelle espaço, é maravilhosa. Erguem-se nas torres arvores frondosas, como em vasos gigantescos; pendem das ameias trunfas de flores amarellas e de flores vermelhas e grinaldas de hera e de madresilva; por baixo ha moitas inextricaveis de medronheiros, de aroeiras, de ortigas, de silvas, no meio das quaes surgem platanos e salgueiros que cobrem de sombra o fosso e as bordas. Grandes pedaços de muro estão completamente cobertos de hera, que prende como uma rede a caliça e as pedras soltas, e esconde as brechas e as setteiras. O fosso está cultivado em pequenas hortas; á beira pastam cabras e rebanhos guardados por pequenos gregos, estendidos á sombra das arvores; dos muros sahem bandos de passaros; o ar está cheio das fragrancias vivissimas das hervas selvaticas; e respira-se não sei que alegria primaveril n'aquellas ruinas que parecem engrinaldadas e enfloradas para a passagem triumphal de uma sultana. De subito senti no rosto um sopro de ar salino, e, levantando os olhos, vi ao longe diante de mim, o azul do Mar de Marmara. No mesmo momento pareceu-me que uma voz mansa murmurava ao meu ouvido: —o castello das Sete Torres, e parei um momento no meio da estrada com um sentimento vago de inquietação. Depois tornei a seguir o meu caminho, passei por diante da antiga porta Deleutera, transpuz a porta Melandesia, e achei-me em frente do castello.

Este edificio de mau agouro, erguido por Mahomet II sobre o antigo Cyclobion dos Gregos, para defender a cidade no ponto em que os muros que a protegem da parte da terra se juntam com os que a defendem da parte do Mar de Marmara, e convertido depois em prisão de Estado, apenas as ulteriores conquistas dos Sultões, assegurando Stambul contra o perigo de

um assedio, o tornaram inutil como fortaleza, não é agora já senão o esqueleto de um castello guardado por poucos soldados; uma ruina amaldiçoada cheia de memorias dolorosas e horriveis, que correm em lendas sinistras pelas bôccas de todos os povos de Constantinopla, e não vista ha-

Cisterna em Constantinopla.

bitualmente pelos viajantes, senão de fugida, da prôa do navio que os leva ao Corno Aureo. Os Turcos chamam-lhe Jedi-kulé, e é para elles o que a Bastilha é para a França e a Torre de Londres para a Inglaterra, um monumento que recorda os tempos mais nefandos da tyrannia dos Sultões.

Os muros da cidade escondem-n'o á vista de quem olha da estrada, com excepção de duas das sete grandes torres que lhe deram o nome, e de que só restam inteiras quatro. No muro externo subsistem duas columnas corinthias que pertenciam á antiga Porta doirada, pela qual fizeram as suas entradas triumphaes Narsés e Heraclio, e que é a mesma, segundo uma lenda commum aos mussulmanos e gregos, pela qual hão-de passar os Christãos quando regressarem vencedores á cidade de Constantinopla. A porta de entrada fica dentro dos muros n'uma pequena torre quadrada, diante da qual dormita uma sentinella de chinellos, que quasi sempre deixa entrar ao mesmo tempo uma moeda na algibeira e um viajante no castello.

Entrei e achei-me sósinho n'um grande recinto, de um aspecto lugubre de cemiterio e de carcere que me fez parar. Em tôrno erguem-se muros enormes e negros que formam um pentagono, cercados de grossas torres quadradas e redondas, altissimas e baixas, algumas derrocadas, outras inteiras e cobertas de altos tectos conicos, revestidos de chumbo, innumeras escadas em ruina que conduzem ás ameias e ás setteiras. Dentro do recinto ha uma vegetação alta e densa, dominada por um grupo de cyprestes e de platanos, entre os quaes desponta o minarete de uma mesquita escondida, entre as plantas mais baixas, os tectos de um grupo de cabanas onde dormem os soldados; no meio o tumulo de um vizir que foi estrangulado no castello; aqui e além os restos informes de um antigo reducto; e entre as sarças, e ao longo dos muros, fragmentos de baixos-relevos, fustes de columnas e capiteis enterrados no chão, meio cobertos com as hervas e a agua dos pantanos; uma desordem extravagante e triste, cheia de mysterio e de ameaças, em que repugna penetrar. Estive um pouco incerto olhando á roda de mim, e depois segui para diante com circumspecção como se tivesse medo de metter os pés n'uma poça de sangue. As cabanas estavam fechadas, fechada a mesquita, tudo pacifico e solitario, como n'uma ruina abandonada. N'alguns pontos dos muros ha ainda vestigios de cruzes gregas, fragmentos de monogrammas constantinianos, azas despedaçadas de

aguias romanas e restos de frisos do antigo edificio byzantino, ennegrecidos pelo tempo. N'algumas pedras vêem-se gravadas toscamente inscripções gregas em caracteres miudos; quasi todas inscripções dos soldados de Constantino, que guardavam a fortaleza debaixo do commando do florentino Giuliani, no dia anterior á queda de Constantinopla, pobre gente resignada a morrer que invocava Deus para que salvasse a sua cidade do saque e as suas familias da escravidão. Das duas torres collocadas por traz da Porta Doirada, uma era aquella em que se fechavam os embaixadores dos Estados que estavam em guerra com os Sultões, e ali se lêem ainda nas paredes varias inscripções latinas, a mais recente das quaes é a dos embaixadores venezianos presos no reinado de Ahmed III, quando rebentou a guerra da Moréa. A outra é a torre famosa a que se referem as mais lugubres tradições do castello: a torre que encerrava um labyrintho de segredos horrendos, sepulchros de vivos, em que os vizires e os grandes da côrte esperavam, rezando nas trevas, a apparição do carrasco, e, enlouquecidos pelo desespero, deixavam nas paredes os vestigios sanguineos das unhas e do craneo. N'um d'esses sepulchros, havia o grande almofariz em que se esmigalhavam os ossos e as carnes aos ulemas. Ao rez do chão está a grande estancia redonda, chamada prisão de sangue, onde se decapitavam secretamente os condemnados, e se atiravam as cabeças a um poço, chamado *poço do sangue,* cuja bôcca ainda se vê no meio do pavimento desigual tapado com duas lages. Debaixo havia a chamada caverna pedregosa, illuminada por uma lanterna suspensa na abobada, onde se cortava a pelle em tiras aos condemnados á tortura, se deitava pez inflammado nas feridas abertas pelos lategos, e se esmigalhavam com maças os pés e as mãos, e os uivos horrendos dos agonizantes não chegavam senão como um debil lamento aos ouvidos dos presos da torre. N'um angulo do recinto vêem-se ainda os vestigios de um pateo em que se cortava a cabeça, de noite, aos condemnados vulgares: e ali proximo havia ainda, não ha muito tempo, um muro de ossos humanos que se levantava até quasi á plataforma do castello. Proximo da entrada está a prisão de Othman II, a primeira victi-

ma imperial dos Janizaros. É a estancia onde o pobre Sultão de dezoito annos, a quem o desespero redobrava as forças, resistio furiosamente aos seus quatro algozes até que mão desapiedada e covarde, costumada a fazer eunuchos, o agarrou «pelas nascentes da virilidade» e lhe arrancou um altissimo grito que foi suffocado pela corda. Em todas as outras torres e em parte das muralhas havia um labyrintho de corredores tenebrosos, de escadinhas secretas, de portas fechadas por batentes de ferro ou por traves, por baixo da qual curvavam a cabeça pela ultima vez pachás, principes imperiaes, governadores, camaristas, officiaes-móres na flôr da juventude e no auge do poder, aos quaes tudo n'uma hora se arrancava; e já a sua cabeça regára de sangue os muros externos do castello e ainda as suas esposas os esperavam vestidas de gala entre os esplendores dos harens. Passavam por aquelles corredores a escorrer em agua e por aquellas escadas sepulchraes, de noite, á luz das lanternas, soldados e algozes de mãos ensanguentadas, e mensageiros do Serralho que vinham trazer aos condemnados á morte, ainda illudidos por um vislumbre de esperança, o ultimo não dos Sultões, e cadaveres com os olhos a saltar da testa e com o horrendo cordão de seda nas guellas, por sciaús azafamados e fatigados das longas luctas pelejadas nas trevas contra a furia do desespero. Na extremidade opposta de Stambul, na collina do Serralho, estava o tribunal pavoroso da Côrte. Isto era uma machina enorme de supplicios, coroada de sete patibulos de pedra, que recebia do mar e da terra, á luz da lua, as victimas vivas, e não restituia ao sol senão craneos e cadaveres; e do alto das torres, em que se morria, viam as sentinellas nocturnas ao longe os kiosques do Serralho illuminados para as festas imperiaes. E agora experimenta-se um sentimento de prazer, ao vêl-o assim deformado, como se todas as victimas resuscitadas o tivessem quebrado e esboroado com as unhas e com os dentes para se vingarem nos muros, não se podendo vingar nos homens. O grande monstro, desarmado e decrepito, escancara as cem bôccas das suas setteiras e das suas portas arrombadas, reduzido a um vão espantalho, e uma miryade de ratos, de cobras e de escorpiões amarellados, que pullula-

Fonte do Sultão Ahmed.

ram, como vermes, do seu corpanzil apodrecido, formiga-lhe no ventre vasio e nos rins despedaçados, no meio de uma vegetação insolente que o engrinalda e o empluma por ludibrio. Depois de me ter approximado de varias portas sem vêr mais do que uma debandada de ratazanas, subi por uma escada coberta de herva acima de uma das cortinas do lado occidental. D'ali se domina todo o castello: uma vasta confusão de ruinas, de escadas, de plataformas, tudo ennegrecido ou de um vermelho carregado, em tôrno de um grande monte de vivissima verdura; e para além outras torres e outras ameias innumeras nas muralhas orientaes de Stambul, de fórma que, cerrando-se os olhos, parece que se vê uma só vastissima fortaleza abandonada, que se desenha no azul do Mar de Marmara. Á esquerda vê-se uma grande parte de Stambul, cortada por muitas longuissimas ruas serpeantes, que fogem na direcção da antiga via triumphal dos imperadores byzantinos, que da Porta Doirada, passando pelo fôro de Arcadio e pelo fôro de Constantino, ia até ao Paço. Era uma vista immensa e risonha, que me fazia parecer mais sinistro o monte de ruinas amaldiçoadas que eu tinha aos pés. Ali estive muito tempo encostado a uma ameia abrazada pelo sol, offuscado por uma luz vivissima, olhando para esse grande sepulchro destapado que me ficava por baixo com aquella curiosidade pensativa e desconfiada com que se olha para os logares onde se commetteu de fresco um delicto. Reinava um silencio profundo. Corriam pelos muros grandes lagartixas, lá em baixo nos fossos grasnavam as rãs, por cima das torres pairavam os corvos, zumbia em tôrno da minha cabeça uma nuvem de insectos que vinham lá de baixo dos pantanos das ruinas, e o ar um pouco agitado trazia-me o fetido de um cavallo putrefacto, estendido no fundo do fosso externo da fortaleza. Apoderou-se de mim uma sensação de nojo e de arripio; e comtudo sentia-me pregado ali, como que fascinado, immerso n'uma especie de torpor; e, conservando os olhos semi-cerrados, quasi sonhando, n'aquella paz morta do meio-dia, parecia-me ouvir, no zumbido monotono dos insectos, o baque dos craneos atirados ao poço, os gritos lamentosos dos moribundos nos subterraneos, e

a voz do filho pequeno de Brancovano, que, sentindo no pescoço o frio da corda, gritava: — Meu pae! meu pae! — E como eu estava fatigado e a luz me cegava, fiquei um instante adormecido, e de subito todas aquellas horriveis imagens se me atropellaram na mente com uma evidencia assustadora. N'esse momento senti um grito agudo e sonoro, e vi por baixo de mim, no terraço do pequeno minarete, o muezzin da mesquita. Aquella voz doce, lenta, solemne, que fallava de Deus n'aquelle logar, n'aquelle momento, desceu ao mais profundo da minha alma! Parecia que fallava em nome de todos aquelles que tinham morrido lá dentro, que dizia que as suas dores não tinham ficado inultas, que as suas ultimas lagrimas tinham sido colhidas, que as suas torturas tinham tido uma compensação, que elles tinham pensado, que era necessario perdoar, que se devia rezar e confiar em Deus, até quando o mundo nos abandona, e que tudo é vão na terra a não ser este sentimento infinito de amor e de piedade... E sahi do castello, commovido.

Segui de novo para o mar ao longo das muralhas externas de Stambul. Ali proximo fica a estação de Adrianopolis, e cruzam-se debaixo das muralhas varias linhas de vias ferreas. Achei-me no meio de longas filas de wagons usados e pulverulentos. Se eu fosse um turco fanatico, inimigo das novidades européas, podia incendiar uma apoz outra aquellas barracas e ir-me embora tranquillamente sem ser molestado. Avancei até á beira da estrada temendo sentir de um momento para o outro o olá ameaçador de um guarda; mas ninguem me incommodou. Em pouco tempo cheguei á extremidade das muralhas. Julgava poder entrar em Stambul por ali; fiquei illudido. As muralhas do lado de terra juntam-se na praia com as muralhas do lado do mar, e não ha nem sombra de porta. Então avancei por cima das ruinas de um antigo molhe e sentei-me n'um pedregulho no meio da agua. D'ali não via senão o Mar de Marmara, os montes da Asia, e as alturas azuladas, que pareciam affastadissimas, de Scutari. A praia estava deserta; parecia-me que estava eu sósinho no universo. As ondas vinham

quebrar a meus pés e salpicavam-me a cara. Fiquei ali um pedaço, pensando em mil coisas, vagamente. Via-me a sahir sósinho pela porta Caligaria e a descer lentamente pela estrada erma, entre os cemiterios e as torres, e seguia aquelle homem como se fosse outro. Depois dei-me a procurar Yunk na cidade immensa. Depois fiquei a observar as ondas que vinham uma apoz outra em silencio e via n'ellas a imagem do povo e dos exercitos que tinham vindo, successivamente esbarrar nas muralhas de Byzancio: as phalanges de Pausanias e de Alcibiades, as legiões de Mauricio e de Severo, os bandos dos Persas, as hordas dos Avaros, e os Slavos, e os Arabes e os Bulgaros e os Cruzados e os exercitos de Miguel Paleologo e de Comneno e os de Bajazet Ilderim e os do segundo Amurat, e os de Mahomet o conquistador, esvahidos uns apoz outros no silencio infinito da morte; e experimentava a tristeza que confrangia o coração de Leopardi *na noite do dia de festa,* quando sentia morrer a pouco e pouco o solitario canto do operario, que lhe lembrava o som dos povos antigos, e pensava que tudo passa como um sonho na terra.

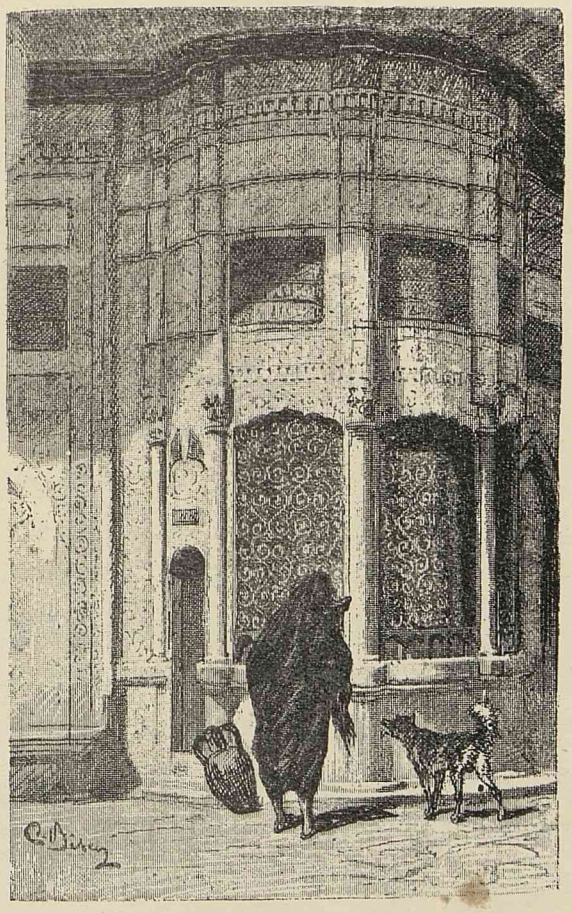
D'ali voltei para traz até á porta das Sette Torres e entrei nas muralhas para percorrer Stambul toda ao longo da margem do mar de Marmara. Estáva já estafadissimo; mas nas longas passeiatas, em certo ponto, nasce da propria fraqueza uma reacção animalesca que reaviva as forças. Vejo-me ainda a caminhar por aquellas estradas desertas, debaixo d'aquelle sol ardente, dominado por não sei que somnolencia phantastica, em que passavam por diante da minha imaginação rostos de amigos de Turim, episodios de romances, vistas de outros paizes, e pensamentos vagos ácerca da vida humana e da immortalidade da alma; e tudo afinal ia ter á meza redonda do hotel de Byzancio, scintillante de luzes e de cristaes, e que eu via distantissimo, para além de uma cidade cem vezes maior do que Stambul e já coberta pela escuridão da noite. Atravesso um arrabalde musulmano que parece deshabitado, em que Transpira ainda a tristeza do castello das Sete Torres, e entro no vasto bairro de Tsamatia, habitado

por gregos e por armenios, e esse mesmo deserto. Vou para diante por uma interminavel viella tortuosa, da qual vejo ao fundo á direita, entre as casas, as muralhas ameiadas da cidade, que desenham as suas ameias negras no vivo azul do mar. Passo por baixo da porta de Psamatia, e acho-me de subito n'um bairro musulmano, entre janellas gradeadas, portas fechadas, pequenas mesquitas, jardins escondidos, cisternas cheias de herva, fontes abandonadas. Atravesso o espaço onde estava o antigo fôro boario, vendo sempre ao fundo, á direita, as muralhas e as torres, e não encontrando senão algum cão que pára para me vêr passar e algum gaiato turco, sentado no chão, que crava os olhos em mim, pensando uma insolencia. Abre-se alguma janella e fecha-se de subito, e vejo de fugida a fimbria da manga e a mão de uma mulher. Giro em tôrno dos vastos jardins de Vlanga, que corôam o antigo porto de Theodosio; vejo vastos espaços com os vestigios de um incendio recente, logares onde parece que a cidade acaba no campo, conventos de derviches, igrejas gregas, pequenas praças mysteriosas, assombreadas por um grande platano, debaixo do qual dormita algum velho com a boquilha do narghileh nos dedos. Vou para a frente, paro diante de um pequeno café para beber um copo de agua que está como que em exposição á janella, chamo, bato, ninguem responde. Saio do bairro grego de Jeni-Kapú, entro n'outro bairro musulmano, torno a metter-me por entre as casitas gregas e armenias do bairro da porta Kum, e acompanham-me sempre de um lado as ameias das muralhas e o azul do mar, e não encontro senão cães, mendigos, gaiatos, e oiço lá no alto resoar a voz dos muezzins que annunciam o pôr do sol. Escurecem-se os ares, e continuam a succeder-se as casas, as mesquitas melancholicas, as encruzilhadas desertas, as embocaduras das viellas; e principio a sentir-me exhausto de forças e a pensar em atirar comigo para cima de um colxão diante do primeiro café que me appareça, quando, a uma volta, surge subitamente diante de mim a mole enorme de Santa Sophia. Oh! que abençoada vista! Tornam-me as forças, serenam-me os pensamentos, apresso o passo, chego ao posto, atravesso a ponte, e eis-me diante da porta illuminada do pri-

meiro café de Galata. Yunk, Ronasco, Santoro, toda a minha pequena Italia vem ao meu encontro de rosto risonho, e de mãos estendidas... e solto um dos mais prolongados e mais largos suspiros que nunca sahiram dos pulmões de um homem de bem.

O ANTIGO SERRALHO

Como em Granada antes de ter visto a Alhambra, assim em Constantinopla parece que nada se vio emquanto se não penetrou nos muros do antigo Serralho. Mil vezes por dia, de todos os pontos da cidade e do mar se vê aquella collina verdissima, cheia de segredos e de promessas, que attrahe sempre os olhares como uma coisa nova, que atormenta a phantasia como um enigma, que se mette no meio de todos os pensamentos, de fórma que afinal acaba a gente por se ir embora antes do dia fixado, mais para se livrar de um tormento do que para procurar um prazer.



Fonte de Galata.

Não ha effectivamente outro canto de terra em toda a Europa, cujo nome só desperte na mente mais estranha confusão de imagens bellas ou terriveis; ácerca do qual tanto se pensasse e se escrevesse e se procurasse adivinhar; que désse logar a tantas noticias vagas e contradi-

ctorias; que seja ainda objecto da tantas curiosidades inextinguiveis, de tantas narrativas maravilhosas. Ora todos lá penetram e muitos sahem de animo frio. Mas póde-se ter a certeza de que ainda, d'aqui a seculos, quando talvez já o dominio ottomano não fôr mais do que uma reminiscencia na Europa, e n'aquella bella collina se cruzarem as ruas populosas de uma cidade nova, nenhum viajante por ali passará sem tornar a vêr com o pensamento os antigos kiosques imperiaes, e sem pensar com inveja em nós, homens do seculo dezenove, que ainda encontrámos n'aquelles logares as miserias vivas e eloquentes do grande reino ottomano. Quem sabe quantos archeologos procurarão pacientemente os vestigios de uma porta ou de um muro nos pateos dos novos edificios e quantos poetas escreverão versos nas poucas pedras espalhadas na praia! Oh! talvez até, durante muitos seculos, esses muros serão ciosamente guardados, e irão visital-os doutos, namorados e artistas, e a vida fabulosa, que ali se viveu durante quatrocentos annos, resuscitará e se espalhará n'uma myriade de volumes e de quadros por toda a face da terra.

Não é a belleza architectonica que attrahe para aquelles muros a curiosidade universal. O Serralho não é um grande monumento artistico como a Alhambra. Só o pateo dos Leões do paço arabe vale todos os kiosques e todas as torres do paço turco. O valor do Serralho está em ser um grande monumento historico, que commenta e illumina quasi toda a vida da dynastia ottomana; que tem escripta nas pedras dos seus muros e no tronco das suas arvores a chronica mais intima e mais secreta do imperio. Não lhe falta senão a dos ultimos trinta annos e a dos dois seculos que precederam a conquista de Constantinopla. De Mahomet II que lhe poz os alicerces até Abdul-Medjid que o abandonou para ir habitar o palacio de Dolma-Bagcé, ali poz o pé a dynastia, apenas conquistou a sua metropole européa, aqui subio ao apice da sua fortuna, aqui principiou a sua decadencia. Era a um tempo paço, fortaleza e sanctuario; estava ali o cerebro do imperio e o coração do islamismo; era uma cidade na cidade,

um castello roqueiro augusto e magnifico, habitado por um povo e guardado por um exercito, que abrangia dentro dos seus muros uma variedade infinita de edificios, logares de delicias, logares de horror, cidade e campo, paços, arsenal, escolas, officinas, mesquitas; onde se alternavam as festas e as matanças, as ceremonias religiosas e os amores, as solemnidades diplomaticas e as folias, onde os sultões nasciam, eram erguidos ao throno, depostos, encarcerados, assassinados; onde se urdia o trama de todas as conjurações, e echoava o grito de todas os revoltas; aonde affluia o oiro e o sangue mais puro do imperio; onde giravam os copos da espada immensa que lampejava sobre a cabeça de cem povos; onde por quasi tres seculos tiveram cravado o olhar a Europa inquieta, a Asia desconfiada, e a Africa aterrada, como para um vulcão fumegante que ameaçava a terra.

Este Paço monstruoso fica situado na collina mais oriental de Stambul, que declina docemente para o mar de Marmara, para a embocadura do Bosphoro e para o Corno Aureo; no espaço occupado antigamente pela Acropole de Byzancio, para uma parte da cidade e para uma ala dos grandes palacios dos imperadores. É a mais bella collina de Constantinopla e o promontorio mais favorecido pela natureza de toda a margem européa. Ali convergem, como para um centro, dois mares e dois estreitos; ali começavam as grandes estradas militares e commerciaes da Europa oriental; os aqueductos dos imperadores byzantinos ali conduziam torrentes de agua; as collinas da Thracia protegem-n'o contra os ventos do septentrião, banha-o o mar por dois lados; Galata defronta-o do lado do porto; Scutari mira-o do lado do Bosphoro, e as grandes montanhas da Bythinia fecham-lhe com os pincaros nevosos os horizontes da Asia. É uma collina solitaria, collocada na extremidade da grande metropole, quasi isolada, fortissima e bellissima, que parece feita pela natureza para servir de pedestal a uma grande monarchia e para proteger a vida, deliciosa e secreta, de um principe quasi Deus.

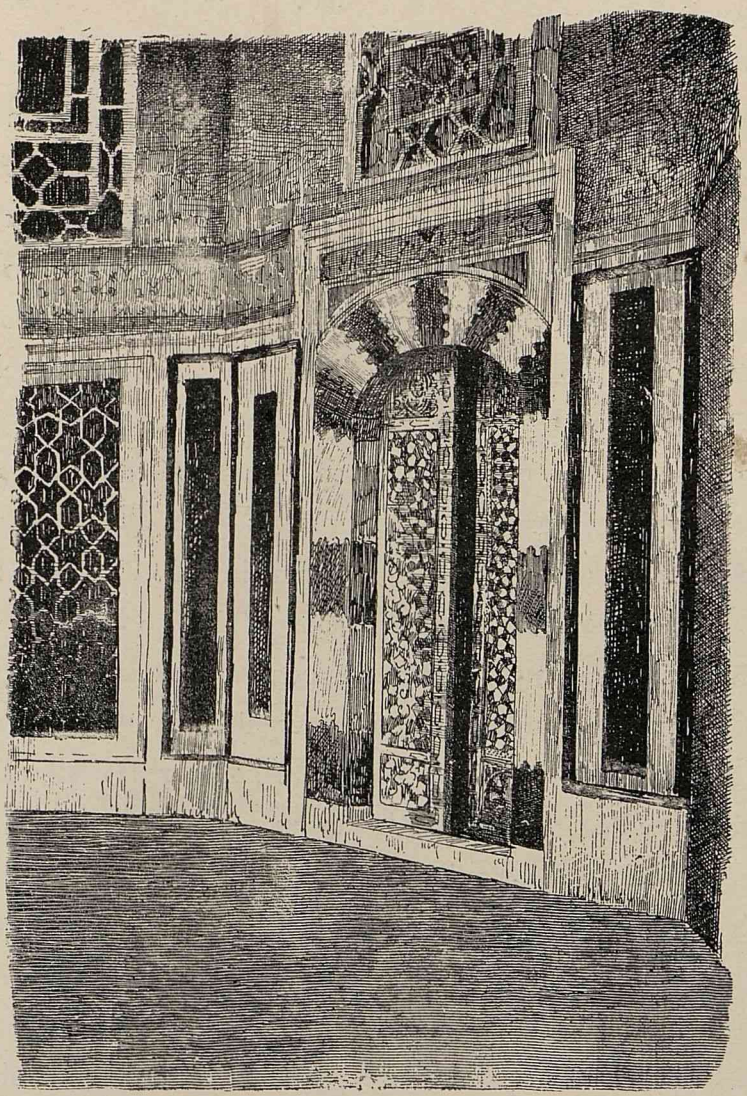
A collina toda está cercada, aos seus pés, por um alto muro ameiado,

flanqueado de grossas torres. Na margem do Mar de Marmara, e ao longo do Corno Aureo, são esses muros os proprios muros da cidade; do lado de terra, são muralhas levantadas por Mahomet II, os quaes separam a collina do Serralho d'aquella em que se ergue a Mesquita de Nuri-Osmanié,

Patriarcha armenio.

voltam em angulo recto proximo da Sublime Porta, passam diante de Santa Sophia, e, descrevendo uma grande curva para a frente, vão juntar-se com os de Stambul na praia maritima. Este é o recinto externo do Serralho. O Serralho propriamente dito estende-se pelas alturas cercado tambem por altos muros, que formam como que um reducto central da grande fortaleza da collina.

Mas seria fadiga malbaratada descrever o Serralho no estado a que está hoje reduzido. O caminho de ferro passa atravez dos muros exteriores; um grande incendio, em 1865, destruio muitos edificios; os jardins estão, em



Porta da sala da Circumcisão (palacio velho).

grande parte, devastados; ali se estabeleceram hospitaes, casernas e escolas militares; dos edificios que ficaram, muitos mudaram de fórma e de destino; e apezar de permanecerem os muros principaes, de modo que representam completamente a fórma do antigo Serralho, as pequenas alterações

são taes e tantas, e o desamparo em que tudo se deixou ha cerca de trinta annos mudou de tal fórma o aspecto das partes intactas, que se não poderia descrever o logar fielmente sem que ficasse illudida ainda a mais modesta espectativa.

Vale mais para quem escreve e para quem lê tornar a vêr aquelle Serralho famoso como elle era nos bellos tempos da grandeza ottomana.

Então, quem podesse abranger toda a collina com um olhar, ou das ameias de uma das torres mais altas, ou de um minarete da mesquita de Santa Sophia, gosava uma vista maravilhosa. No meio do azul vivo do mar do Bosphoro e do porto, dentro do grande semi-circulo branco das velas da frota, via-se a vasta mancha verde da collina, cercada por muralhas e torres coroadas de canhões e de sentinellas; e no meio d'esta mancha, havia uma selva de arvores enormes, entre as quaes alvejava um labyrintho de veredas e riam as côres de mil canteiros floridos, estendia-se, no alto da collina, o vastissimo rectangulo dos edificios do Serralho, dividido em tres grandes pateos, ou antes em tres pequenas cidades construidas em tôrno de tres praças desiguaes, d'onde se erguia uma confusa multidão de tectos variegados, de terraços cheios de flores, de cupulas doiradas, de minaretes brancos e de cimos aereos de kiosques, de arcos de portas monumentaes, entremeiados de jardins e de bosques, e meio escondidos pelos ramos. Era uma pequena metropole branca, scintillante e desordenada, ligeira como um acampamento de tendas, d'onde transpirava um não sei que de voluptuoso, de pastoril e de guerreiro; n'uma parte cheia de gente e de vida, n'outra solitaria e muda como uma necropole; aqui toda descoberta e doirada pelo sol; além inaccessivel a todo o olhar humano e immersa n'uma sombra perpetua; alegrada por infinitos repuxos, embellezada por mil contrastes de esplendor e de escuridão e de côres potentes e de esfumados de tintas argenteas e azulinas, reflectidas pelos marmores das columnatas e pelas aguas dos pequenos lagos; em cuja atmosphera esvoaçam nuvens de andorinhas e de pombos.

Tal era o aspecto exterior da cidade imperial que não parecia muito vasta a quem a olhava de cima; mas tão dividida e intrincada que os janizaros que a invadiam pela terceira vez ainda lá se perdiam.

A porta principal era e continua a ser a Bab-Umaiun, ou porta augusta que dá para a pequena praça onde se ergue a fonte do Sultão Ahmed por traz da mesquita de Santa Sophia. É uma grande porta de marmore branco e negro, ornada com ricos arabescos em que se apoia outro edificio, com oito janellas, coberto com um tecto saliente e pertencente áquelle mixto de estylo arabe e persa, pelo qual se reconhecem quasi todos os monumentos erguidos pelos Turcos nos primeiros annos depois da conquista, antes de começarem a imitar a architectura byzantina, Por cima da abertura n'uma placa de marmore, lê-se ainda a inscripção de Mahomet II:—Allah conserve eternamente a gloria do seu possuidor! Allah conserve o seu edificio! Allah fortaleça os seus alcerces! É a porta diante da qual vinha todas as as manhãs o povo de Stambul vêr quaes tinham sido os grandes do Estado ou da côrte cuja cabeça cahira n'essa noite. Estavam as cabeças penduradas de um prego dentro de dois nichos que ainda se vêem, quasi intactos, á direita e á esquerda da entrada, ou então expostas n'uma bacia de prata ao lado da qual estava affixada a accusação e a sentença. Para a praça diante da porta, atiravam-se os cadaveres dos condemnados á fôrca; e ali paravam, esperando ordem de entrarem no primeiro recinto do Serralho, os destacamentos dos exercitos longinquos que traziam os tropheus das victorias; e amontoavam no limiar augusto armas, bandeiras, craneos de capitães e esplendidas fardas ensanguentadas. A porta era guardada por um grosso esquadrão de capigis, filhos de beys e de pachás, vestidos pomposamente, que assistiam do alto dos muros e das janellas á procissão continua da gente que entrava e sahia, ou faziam recuar com as longas cimitarras a turba silenciosa dos curiosos, vindos ali para vêr de fugida, por uma fresta, um pedaço de um pateo, um fragmento da segunda porta, um vislumbre ao menos d'aquelle Paço enorme e secre-

to, argumento de tantos desejos e de tantos terrores. Passando de ali, o musulmano devoto murmurava uma oração pelo seu Sublime Senhor: o rapa-

Guarda do Serralho (gravura antiga).

zito pobre e ambicioso sonhava com o dia em que ultrapassasse aqu lle limiar para receber a cauda de cavallo; a rapariga bella e andrajosa phantasiava, com uma vaga esperança, a vida esplendida da cadina; os parentes das victimas abaixavam a cabeça com um fremito; e em toda a praça

reinava um silencio severo, só perturbado tres vezes por dia pela voz sonora dos muezzins de Santa Sophia.

Creado do Serralho (gravura antiga).

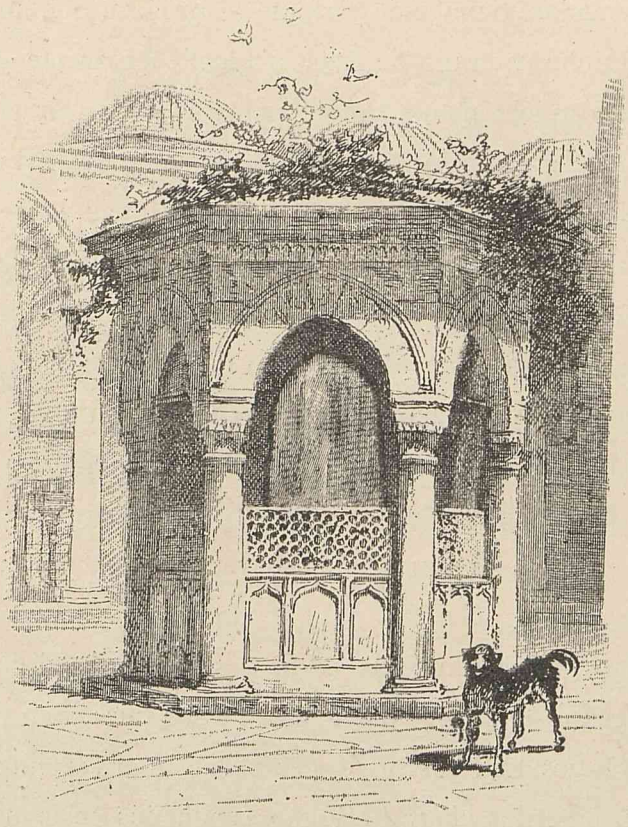
Da porta Humaiun entrava-se no chamado pateo dos Janizaros, que era o primeiro recinto do Serralho.

Esse grande pateo lá está ainda, cercado por edificios irregulares, muito comprido, e assombreado por varios grupos de arvores, entre as quaes o platano enorme chamado dos Janizaros, cujo tronco dez homens não bas-

tavam para abraçar. Á esquerda de quem entra está a egreja de Santa Irene, fundada por Constantino o Grande e convertida pelos turcos em Armaria. Mais para diante e á roda estava o hospital do Serralho, o edificio do thesouro publico, o armazem das laranjas, as estrebarias imperiaes, as cosinhas, os quarteis dos capidgís, a moeda, e as casas dos officiaes móres da côrte. Debaixo do grande platano ha ainda dois columnelos de pedra, em que se faziam as execuções. Por aqui passavam todos aquelles que deviam ir ao divan ou á presença do Padischah. Era como que um desmedido vestibulo aberto, sempre cheio de gente, em que tudo era reboliço e azafama. Cento e cincoenta forneiros, duzentos entre cosinheiros e copeiros trabalhavam nas grandes cosinhas, a preparar as victualhas para a interminavel familia «que comia o pão e o sal do Grão Senhor.» Da parte opposta atropellavam-se os guardas e os servos, que se fingiam doentes para gosarem a vida molle do hospital sumptuoso em que eram empregados vinte medicos e um exercito de escravos. Longas caravanas de mulas e de camellos entravam a trazer provisões para as cosinhas e a levar armas de exercitos vencidos para a igreja de Santa Irene, onde ao lado do alfange de Mahomet II scintillava a cimitarra de Scanderbeg e o braçal de Tamerlan. Os recebedores dos impostos passavam, seguidos por escravos carregados de oiro, direitos á thesouraria, onde havia tantas riquezas, como dizia Sokolli, grão-vizir de Solimão o Grande, que se podiam construir esquadras com ancoras de prata e cabos de seda. Passavam em turba, conduzidos pelos bellos palafreneiros da Bulgaria, os novecentos cavallos de Murad IV, que comiam em manjedouras de prata macissa. Havia desde pela manhã até á noite um formigueiro scintillante de uniformes, no meio do qual irrompiam os altos turbantes brancos dos janizaros, os grandes pennachos de garça real dos *solak*, os capacetes prateados dos *peik*, guardas do Sultão, vestidos com uma tunica de oiro apertada á cintura por um cinto de pedras preciosas; os *zuluftú-baltagi*, empregados ao serviço dos officiaes da camara, com as suas borlas de lã pendentes dos barretes; os *kanekí* com o seu bastão emblematico na mão; os *balta-gi* com o machado; os criados do

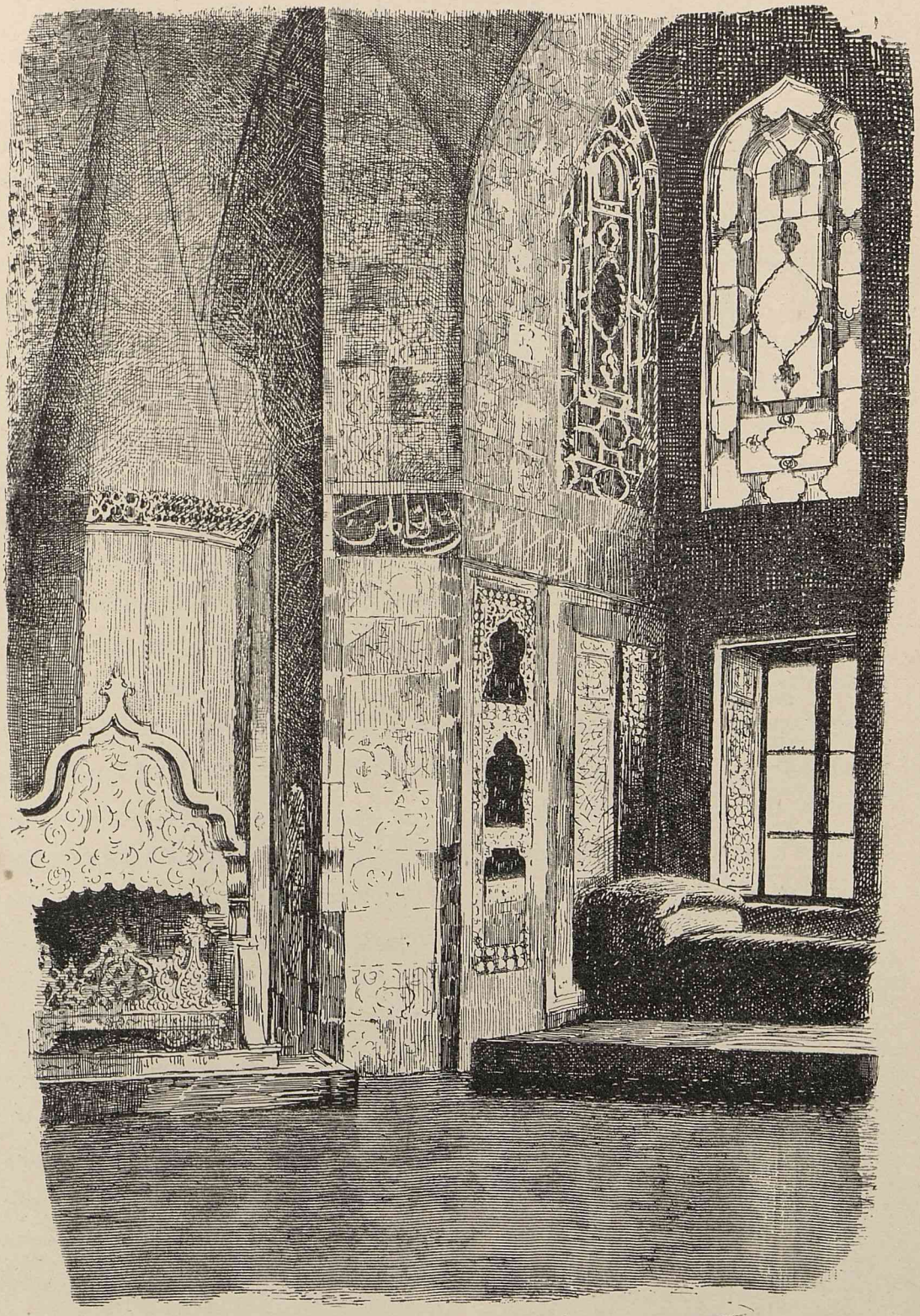
grão-visir com os chicotes ornados de presilhas de prata, os *bostangí,* guardas dos jardins, com os grandes barretes purpureos; e uma multidão matizada de cem côres e de cem emblemas de archeiros, de lanceiros, de guardas do Thesouro, de *guardas corajosos,* de *guardas temerarios,* de eunuchos pretos e de eunuchos brancos, de escudeiros e de *sciaús,* homens altos e poderosos, de aspecto altivo, em que estava impressa a dignidade senhoril da Côrte, que enchiam o pateo de perfumes. Um horario minucioso e severo regulava o que tinha cada um de fazer n'aquella apparente desordem. Todos se moviam n'aquelle pateo como os automatos que giram sobre a meza que encerra o mechanismo. Ao romper do dia compareciam os trinta e dois muezzins da Côrte, escolhidos entre os cantores mais suaves de Stambul, a annunciar a aurora dos minaretes das mesquitas do Serralho, e encontravam-se com os astrologos e com os astronomos que desciam do terraço onde tinham passado a noite estudando o firmamento para determinarem as horas propicias ás occupações do Sultão. Depois entrava o primeiro medico do Serralho a pedir noticias da saude do Padischah; o ulema professor ia dar ao augusto discipulo o costumado ensinamento religioso; o secretario particular lêr-lhe os requerimentos recebidos á noite; passavam os professores de artes e sciencias para ir ao terceiro pateo dar lições aos pagens imperiaes. Cada um á sua hora, passavam por ali todos os personagens empregados no serviço da augusta pessoa para irem pedir as ordens para o dia. O bostangi-baschi, general das guardas imperiaes, governador do Serralho e das *villas* do Sultão espalhadas pelas margens do Bosphoro e da Propontida, vinha informar-se se ao Grão Senhor agradaria dar um passeio pelo mar, porque esperava para si o governo do leme e para os seus *bostangis* a honra dos remos. Vinha interrogar os caprichos do Padischah o grão-mestre das caçadas acompanhado pelo falcoeiro-mór, pelos chefes dos caçadores dos falcões brancos, dos caçadores dos gaviões, e dos caçadores dos gerifaltes. Vinha o intendente geral da cidade, um grupo de intendentes das cosinhas, das moedas, das forragens, do Thesouro, uns após outros, n'uma ordem pre-estabelecida, cada um com os seus memo-

riaes, com as suas palavras preparadas, com os seus servos distinctos por uma vestimenta especial. Depois, seguidos por um cortejo de secretarios e de familiares, passavam os vizires da Cupula para se reunirem no divan. Passavam personagens a cavallo, de carruagem, de cadeirinha, e apeiavam-se todos á segunda porta que se não podia transpôr senão a pé. Toda



A Fonte do Sultão Ahmed.

esta gente se podia conhecer, emprego a emprego, pela fórma dos turbantes pelo corte das mangas, pela qualidade das pellissas, pelas côres das bainhas das espadas, pelos ornamentos das sellas, por terem a barba toda, ou só bigodes. Nenhuma confusão resultava d'este ajuntamento enorme. O mufti era branco, os vizires reconheciam-se pelo verde claro, os camaristas pelo escarlate; o azul ferrete distinguia os seis primeiros officiaes legis-



Interior do kiosque de Bagdad.

lativos, o chefe dos emires, e os juizes de Meca, de Medina, e de Constantinopla; os grandes ulemas tinham a côr violacea; os muderis e os scheicks trajavam de azul claro; o azul celeste clarissimo distinguia os sciaús feudatarios e os agás dos vizires; o verde escuro era privilegio dos agás da estribeira imperial; os empregados das estrebarias do sultão vestiam de verde pallido; os generaes do exercito calçavam botas vermelhas, os officiaes da Porta amarellas, os ulemas azuladas; e á escala das côres correspondia uma gradação na profundidade dos comprimentos. O bostangí-bachá, chefe da policia do Serralho, commandante de um exercito de carrascos e de carcereiros, que espalhava o terror do seu nome, atravessava o pateo no meio de duas fileiras de cabeças inclinadas até ao chão. Passava o chefe dos eunuchos, grão-marechal da côrte interna e externa, e curvavam-se os capacetes, os penachos, como empurrados para baixo por cem mãos invisiveis. O esmoler-mór passava entre mil saudações obsequiosas. Todos aquelles que se approximavam do Sultão, o chefe dos estribeiros que lhe segurava no estribo, o primeiro camarista que lhe levava as sandalias, o Silihdar-agá que lhe polia as armas, o eunucho branco que lambia o pavimento com a lingua antes de estender o tapete, o pagem que deitava ao Sultão a agua para as abluções, aquelle que lhe entregava o arcabuz nas caçadas, aquelle que lhe guardava os turbantes, aquelle que sacudia o pó aos seus pennachos ornados de pedras preciosas, aquelle que tratava das suas vestes de pelle de raposa preta, passavam no meio de demonstrações especiaes de curiosidade e de respeito. Um murmurio submisso precedia e seguia a passagem do prégador da Côrte e do mestre da guarda-roupa, que atirava dinheiro ao povo nas festas imperiaes. Passava asseteado por muitos olhares invejosos o afortunado musulmano que de dez em dez dias cortava o cabello ao Sultão dos Sultões. Abria-se a multidão com uma pressa especial diante do primeiro cirurgião encarregado da circumcisão dos principes, diante do primeiro oculista que preparava o collyrio para as palpebras das cadinas e das odaliscas, diante do grão-mestre das flores, azafamado para obedecer aos caprichos de cem favoritas, que levava debaixo

do caftan o seu poetico diploma ornado de rosas doiradas. Recebia o primeiro cosinheiro os seus comprimentos adulatorios. Sorrisos ceremoniosos saudavam o guarda dos papagaios e dos rouxinoes que podia transpôr o limiar dos kiosques mais secretos. Eram milhares de pessoas, divididas n'uma gerarchia minuciosissimamente graduada, governadas por um cèremonial de cincoenta volumes, vestidas de mil modos pittorescos, que desfilavam ou circulavam pelo vasto pateo, e de minuto a minuto se renovava a multidão. Passava rapidamente um mensageiro e todas as cabeças se voltavam. Era o *vizir karakulak*, mensageiro entre o Sultão e o primeiro ministro, que ia levar um recado secreto ao Grão-Vizir, era um *capidgí* que corria ao palacio de um pachá que se tornara suspeito a levar-lhe a ordem de se apresentar immediatamente no divan; era o *portador de boas novas* que vinha annunciar ao Padischah a feliz chegada da caravana de Meca. Outros mensageiros especiaes, entre o Sultão e os officiaes móres do Estado, distinguido cada um com um titulo e facil de reconhecer por alguma particularidade do trajo, abriam passagem, correndo, e desappareciam pelas duas portas do pateo. Passavam enxames de moços de café para se dirigirem para as cosinhas do palacio, bandos de caçadores imperiaes, vergados ao peso das bolsas de caça doiradas; filas de moços de fretes, carregados de fazendas, precedidos pelo Grão-Mercador, fornecedor do Sultão; esquadrões de galeotes levados pelos escravos aos trabalhos mais fadigosos do Serralho. Depois cem *marmitons* duas vezes por dia, sahiam das cosinhas, e levavam para debaixo das arcadas, á sombra dos platanos, ao longo dos muros, pyramides enormes de arroz e cârneiros inteiros assados; corria uma turba de guardas e de criados, e o grande pateo offerecia o espectaculo festivo do banquete de um exercito. Pouco depois mudava a scena, e via-se apparecer uma embaixada estrangeira no meio de *dois mares de oiro e de seda*. Ali como escrevia Solimão o Grande ao schah da Persia, «affluia todo o universo». Ali se encontravam os embaixadores de Carlos V ao lado dos embaixadores de Francisco I; os enviados da Hungria, da Servia e da Polonia ali entravam ao lado dos representantes das republicas de

Genova e de Veneza. O *peskesgi-bachi,* encarregado de receber os presentes, ia ao encontro das caravanas estrangeiras no limiar de Bab-Umaiún, e

Ulema (gravura antiga).

ali vinham, entre mil espectadores, elephantes que traziam thronos de oiro, gazellas gigantescas, jaulas de leões, cavallos da Tartaria, e cavallos dos desertos, vestidos de pelles de tigres e carregados de escudos de orelhas de elephante; os enviados da Persia com os vasos da China; os mensageiros

dos sultões das Indias, com bocetas de oiro atulhadas de joias; os embaixadores dos reis africanos com tapetes de lã de camello e estofos prateados

Janizaro (gravura antiga).

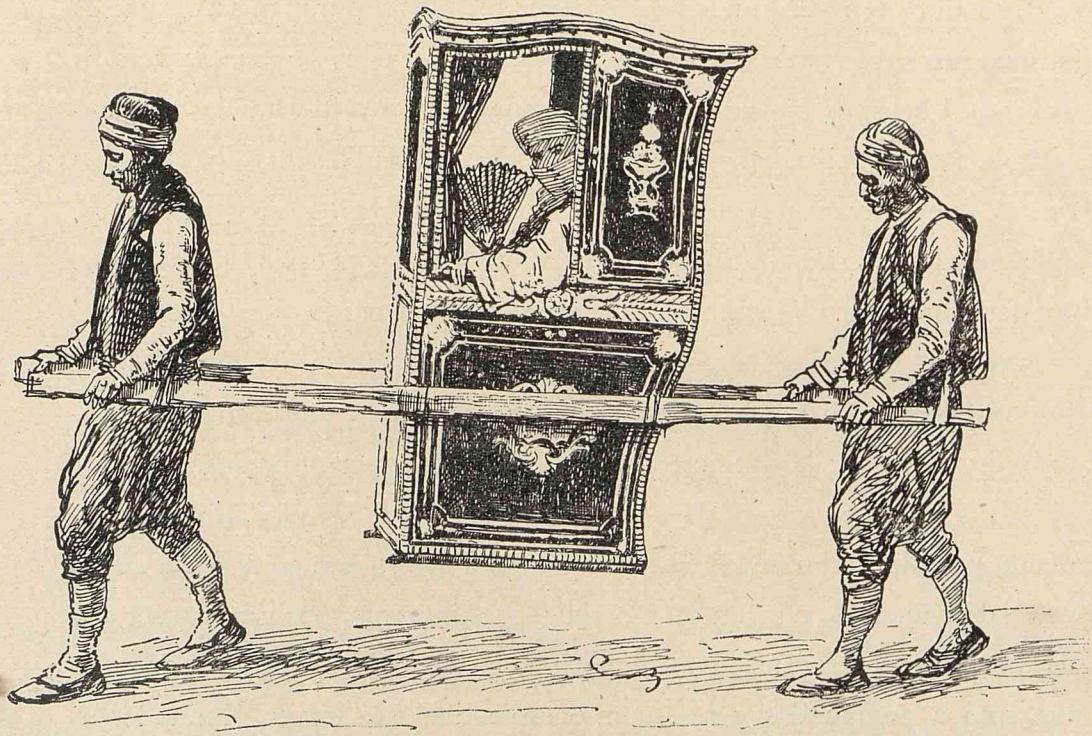
que faziam vergar o dorso a dez escravos; os embaixadores dos Estados do Norte seguidos por esquadrões de servos carregados de pellissas e de armas preciosas. Entravam depois as guerras afortunadas, para serem mos-

trados ao Padischah generaes carregados de grilhões e princezas prisioneiras, veladas, com os seus cortejos desarmados e tristes, e bandos de eunuchos de todas as idades e de todas as côres, tomados como despojos da guerra ou offerecidos em presente pelos principes vencidos. E entretanto os officiaes dos exercitos vencedores atropellavam-se ás portas da Thesouraria para depôrem os brocados, e os alfanges marchetados de perolas tomados nos saques das cidades persas, o oiro e as joias tiradas aos mamelukos do Egypto, as taças de oiro engastadas com topazios do thesouro dos Cavalleiros de Rhodes, os troncos das estatuas de Diana e de Apollos roubados á Grecia e á Hungria, e chaves de cidades e de castellos; e outros conduziam ao segundo pateo os rapazes e as raparigas roubadas na ilha de Lesbos. Todas as enormes provisões de toda a especie que vinham para o Serralho dos portos da Africa, da Caramania, da Moréa, do Mar Egeu, passavam ou paravam dentro d'aquelles muros, e um exercito de mordomos e de secretarios estavam continuamente occupados a registar, a pagar, a dispôr, a fixar audiencias, a dar ordenações. Achavam-se diante da segunda porta os mercadores de escravos de Brussa e de Trebizonda, a esperar a vez de entrarem, juntamente com os poetas vindos de Bagdad para recitarem versos ao Sultão. Os governadores cahidos em desfavor, vindos para comprar a propria salvação com uma taça cheia de moedas de oiro, esperavam ao lado dos mensageiros de um Pachá vindos para offerecer ao Grão-Senhor uma formosa virgem de treze annos, achada depois de tres mezes de pesquizas n'uma cabana da Anatolia; no meio de espiões que voltavam dos confins do Imperio, ao pé de familias exhaustas de cançasso que vinham de provincias longinquas para pedir justiça, entre mulheres e creanças da infima plebe de Stambul, admittidas a apresentar as suas queixas ao divan. E nos dias do divan, viam-se passar por ali, entre as zombarias dos curiosos, os embaixadores das provincias rebeldes, a cavallo n'um burro, com a barba rapada e um barrete de mulher na cabeça; e os mensageiros insolentes dos principes asiaticos com o nariz mutilado pelas cimitarras dos *sciauis;* por ali passavam os officiaes do Estado que sahiam inscien-

tes, para levarem a um governador longiquo um chale precioso, presente do Grão-Vizir, e onde ia enrolada a sentença de morte dos portadores; por ali os rostos radiantes dos ambiciosos que tinham obtido uma satrapia á força de intrigas; e os rostos pallidos d'aquelles que tinham sentido no divan a surda ameaça de proximo desfavor; por ali os portadores d'aquelles *hatti-scheriffes* inexoraveis como o Destino, que iam na garupa de um cavallo, a trezentas milhas de distancia, levar a ruina, a morte ao palacio de um vice-rei; por ali os terriveis mudos da côrte mandados a estrangular os presos illustres nos subterraneos das Sete Torres. E com estes se encontravam os ulemas, os beys, os mollahs, os emires, que iam ou voltavam das audiencias, de cabeça baixa, olhos no chão, e mãos escondidas nas mangas; os vizires, que levavam o Alcorão na algibeira para terem, n'uma occorrencia qualquer, as orações dos finados; o Grão-Vizir, despota espiado pelo algoz, que levava debaixo do caftan o seu proprio testamento para estar prompto sempre a morrer. E todos passavam, compostos, a passos lentos, em silencio, ou fallando em voz baixa uma linguagem circumspecta e correcta, propria do Serralho; e viam-se cruzar-se continuamente olhares graves e perscrutadores, e poisar mãos na fronte e no peito, tudo isso acompanhado por um borborinho ininterrompido, por um ruge-ruge discreto de capas e de babuchas, por um manso tinir de cimitarras, por um não sei que de monachal e de triste, que contrastava com a altivez guerreira dos rostos, com a pompa das côres, com o esplendor das armas. Em todos os olhos se lia um pensamento, em todas as frontes se via o terror de um homem que estava acima de todos, para quem todos se voltavam, diante do qual tudo se inclinava, tudo rastejava, tudo se anniquilava, e cuja imagem parecia que em todas as coisas se apresentava, e cujo nome parecia que se sentia em todos os rumores.

Passava-se d'este pateo para o segundo pela grande porta Bab-el-Selam, ou porta da Saudação, que está ainda intacta no meio de duas grossas torres, e não se passa por ali, nem mesmo agora, senão com um firman.

Antigamente fechavam-n'a para o lado do primeiro pateo dois grandes batentes, e outros dois para o lado do segundo, de modo que havia entre elles, quando tudo se fechava, uma estancia escura onde um homem podia ser assassinado secretamente. Ali debaixo estavam as cellas dos carrascos, as quaes, por um passadiço occulto, communicavam com a sala do divan. Ali iam esperar a sua sentença os altos personagens que cahiam em desfa-



A cadeirinha.

vor, e ali muitas vezes recebiam ao mesmo tempo a sentença e a morte. Outras vezes o governador, ou o vizir desgraciado, era chamado ao Serralho com um pretexto; vinha; passava, sem a minima suspeita, por baixo da abobada sinistra, entrava no divan, era recebido com um sorriso benevolo, com uma severidade pouco dura que só trazia comsigo a ameaça de um castigo longinquo, e, despedido, tornava a passar tranquillamente pela porta fatal. Mas de subito, sem vêr ninguem, sentia uma lamina nos rins e

Aldeia turca na Asia.

uma corda na guella, e expirava sem ter tempo de resistir. Ao grito do moribundo, cem rostos se voltavam por um momento para os dois pateos; depois voltavam todos em silencio ao que estavam a fazer. A cabeça era levada para um nicho de Bab-Umaiún, o cadaver atirado aos corvos na praia de Santo-Stephano, e estava tudo acabado. Ha ainda á direita, de baixo da abobada, a portinha ferrea da prisão para onde se atiravam as victimas, quando vinha a tempo ainda a revogação da ordem da morte, ou para lhes prolongar a agonia, ou para trocar a pena ultima pela pena do exilio.

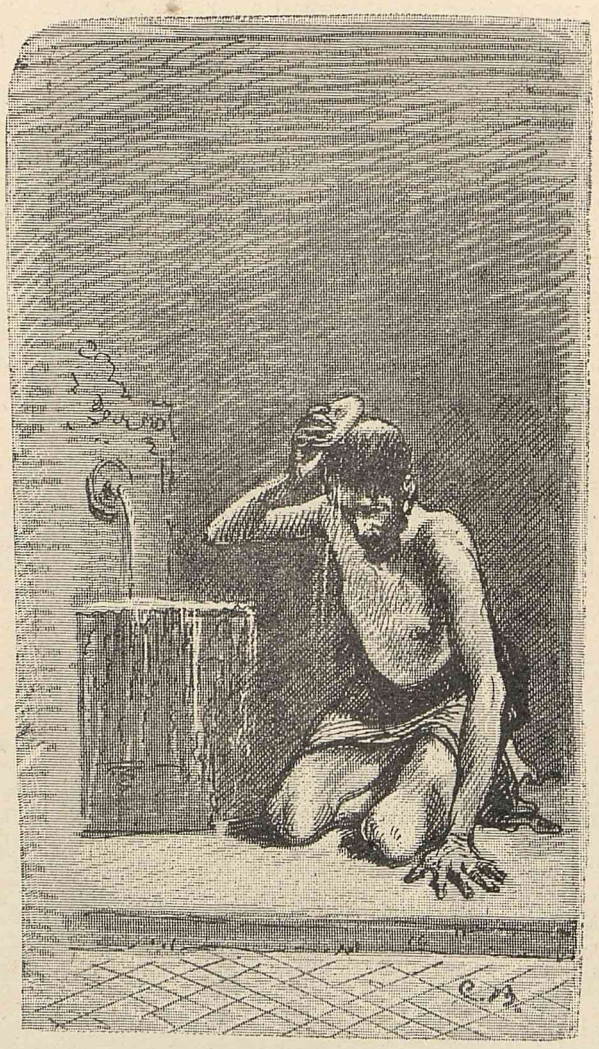
Sahindo de baixo de Bab-el-Selam, entra-se immediatamente no segundo pateo.

Aqui principiava-se a sentir com mais vivacidade a aura sagrada do Senhor «dos dois mares e dos dois mundos,» e quem ali penetrava pela primeira vez, parava involuntariamente, logo depois da entrada, salteado por um sentimento de terror e de veneração.

Era um vastissimo pateo irregular, uma enorme sala a céu aberto, cercada de edificios graciosos e de cupulas prateadas, e doiradas, semeada de grupos de arvores bellissimas, e atravessada por duas alamedas de cypres-tes gigantescos. Corria em tôrno uma bella arcada, sustentada por delicadas columnas de marmore branco, e coberta por um tecto saliente revestido de chumbo. Á esquerda, entrando, estava a sala do divan, tendo por cima uma cupula scintillante; mais para além a sala das grandes recepções, diante da qual seis enormes columnas de marmore de Marmara sustentavam um largo tecto de bordas ondeadas; bases, capiteis, muros, portas, arcos, tudo cinzelado, tauxiado, pintado, doirado, ligeirissimo e gentil como um pavilhão de rendas matizadas de joias, e assombreado por um grupo de platanos soberbos. Dos outros lados estavam os archivos, as salas onde se guardavam as vestes de gala, os armazens das tendas, a casa do grande eunucho negro, as cosinhas da Côrte. Aqui estava aquelle Intendente-mór, mais occupado do que um ministro da Cupula, que tinha ás

suas ordens cincoenta sub-intendentes, aos quaes obedecia um exercito de cosinheiros e de confeiteiros, ajudados, nas grandes occasiões, por artistas mandados vir de todas as partes do imperio. Ali se fazia o jantar para os vizires nos dias de divan; ali se preparavam, por occasião das circumcisões e das bodas principescas, os famosos jardins de massa doce, as cegonhas, os falcões, as girafas, os camellos de assucar, os carneiros assados d'onde sahiam bandos de passarinhos, que se levavam depois com grande pompa para a praça do Hippodromo; ali as infinitas doçarias de mil fórmas e de mil côres que se iam desfazer nas innumeras bôccas gulosas do harem. Ao pé das cosinhas formigavam, nas grandes festas, os oitocentos operarios encarregados de armar as tendas do Sultão e do harem nos jardins do Serralho e nas collinas do Bosphoro, e, quando não bastavam já as tendas dos vastissimos armazens, formavam-se pavilhões com as velas da frota, e com cyprestes inteiros desarraigados dos bosques das *villas* imperiaes. A casa do Eunucho-mór, ali proximo, era um pequeno Paço entre o qual e o terceiro Paço ia e vinha uma procissão continua de eunuchos negros, de escravas e de servos. Por este pateo passavam as embaixadas que iam á presença do Sultão. Então paramentava-se a arcada toda com panno vermelho, as columnas luziam, o chão polia-se como o pavimento de uma sala; duzentos homens entre janizaros, spahis, e silihdares, que formavam a guarda do divan, vestidos e armados como principes, estavam alinhados á sombra dos cyprestes e dos platanos, e esquadrões de eunuchos brancos e pretos formavam alas ás portas. Tudo, n'este segundo pateo, annunciava a visinhança do Grão-Senhor; soavam mais baixo as vozes, eram mais recatados os movimentos, não se sentia ali nem tropear de cavallos, nem rumor de trabalho; passavam tacitamente os servos e os soldados; e uma certa quietação de sanctuario reinava em todo o recinto, não perturbada senão pelo subito estrepito dos passaros que fugiam das arvores ou pelo embate sonoro das grandes portas de ferro fechadas pelos capidgis.

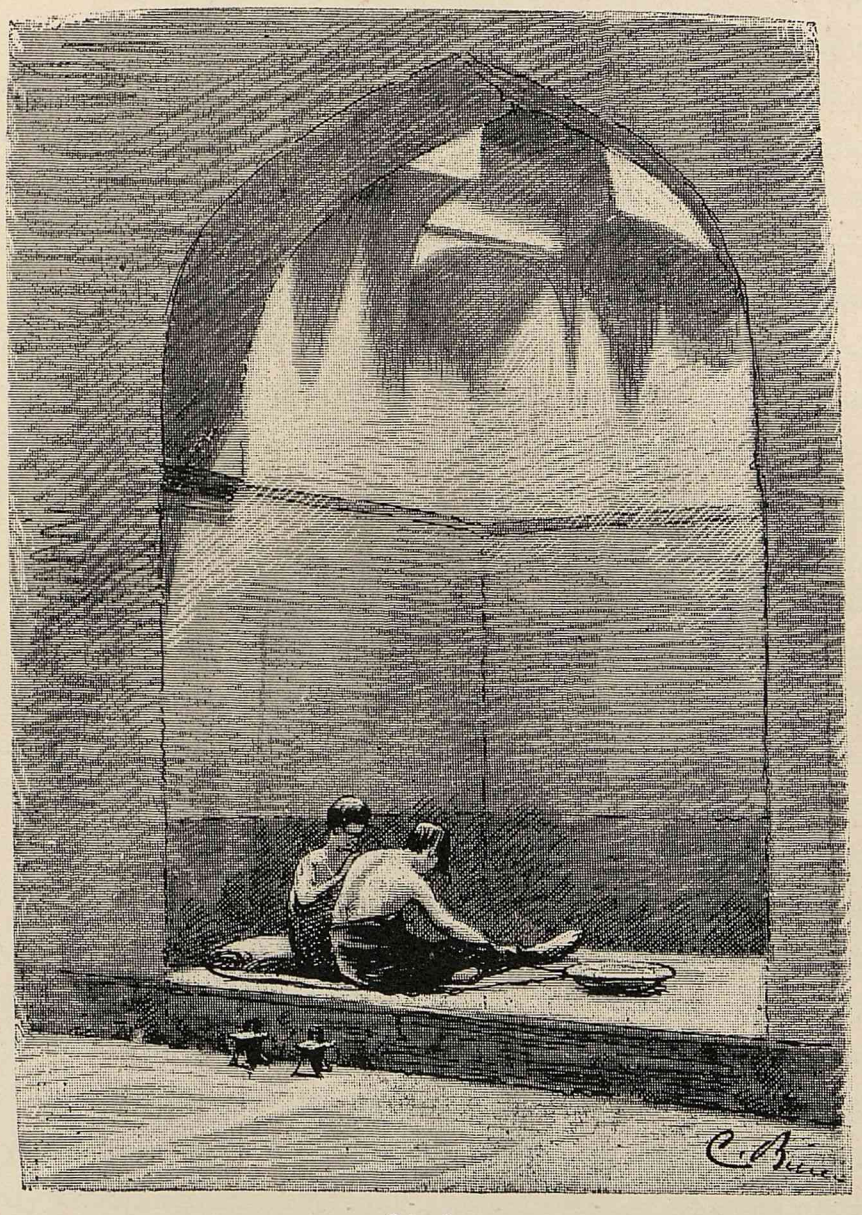
De todos os edificios do pateo não vi senão a sala do divan, que está intacta, como estava, quando ali se reunia o conselho Supremo do Estado. É uma grande sala de abobada, illuminada por cima, de frestas mouriscas,



O banho.

e revestida de marmores ornados de arabescos de oiro, sem outra mobilia a não ser o divan em que se sentavam os membros do Conselho. Por cima do logar do grão-vizir está ainda a fresta fechada por uma gradesinha de madeira doirada, por traz da qual, primeiro Solimão o Magnifico, depois

todos os outros Padischahs assistiam, sem ser vistos, ou se suppunha que assistiam ás sessões: um corredor secreto conduzia d'aquella salasita escon-



O banho.

dida aos aposentos imperiaes do terceiro pateo. N'esta sala reunia-se cinco vezes por semana o grande conselho dos ministros presididos pelo grão-vizir. O apparato era solemne. O grão-vizir sentava-se defronte da porta

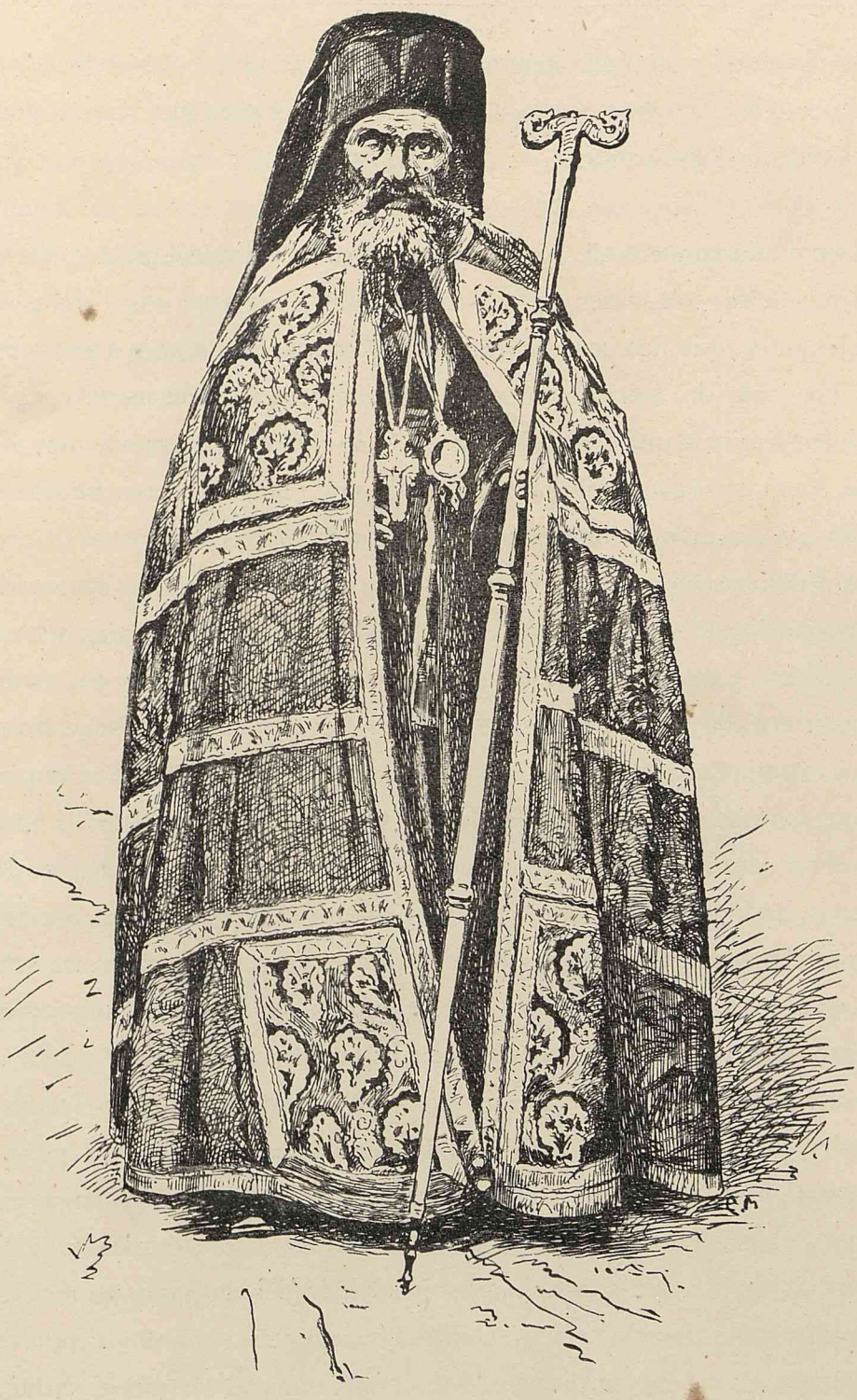
da entrada; proximo d'elle o vizir da Cupula, o capudan-pachá, almirante-mór; os dois grandes juizes da Anatolia e da Romelia, representantes da magistratura das provincias da Asia e da Europa; de um lado os thesoureiros do imperio; do outro o *nisciandgí* que punha o sello do Sultão nos decretos; depois, mais para além, á direita e á esquerda, duas filas de ulemas e de camaristas; nos angulos *sciais,* portadores de ordens, executores de supplicios, exercitados em comprehender todos os signaes e todos os olhares. Era um espectaculo diante do qual os mais atrevidos tremiam e os mais innocentes interrogavam medrosamente a propria consciencia. Toda aquella gente estava ali de rosto impassivel, com os braços cruzados, com as mãos escondidas. Uma luz vaga, descendo da adobada, tingia com um matiz de oiro pallido os turbantes brancos, os rostos graves, as longas barbas immoveis, as ricas pellissas, os cabos cheios de joias dos punhaes. Á primeira vista o Conselho tinha a apparencia morta de um grande grupo de estatuas vestidas e pintadas. As esteiras não deixavam ouvir o passo de quem entrava e de quem sahia, o ambiente rescendia com os perfumes das pellissas, as paredes marmoreas reflectiam o verde das arvores do pateo; o canto dos passaros nos momentos de silencio, resoava debaixo da abobada reluzente de oiro; tudo era suave e gracioso n'aquelle tribunal tremendo. Soavam as vozes, uma de cada vez, tranquillas e monotonas como o murmurio de um regato, sem que aquelle que accusava ou se desculpava, direito e rigido no meio da sala, percebesse qual a bôcca de que sahiam. Cem olhos fixos e muito abertos perscrutavam o rosto de um só. Eram estudados os olhares, pesadas as palavras, adivinhados os pensamentos pelos mais fugitivos movimentos da physionomia. As sentenças de morte formulavam-se com palavras pacatas, depois de longos e mansos dialogos, acolhidos com um silencio sepulchral; e comtudo estouravam improvisamente como raios, e tinham por echo aquellas palavras que sahem da alma desesperada nos momentos supremos; e então, a um signal, as cimitarras dilaceravam as vertebras, o sangue repuxava sobre os tapetes e sobre os marmores; agás de janizaros e de spahis cahiam crivados de punhaladas;

governadores e kaimakans cahiam com o laço ao pescoço, e com os olhos a saltarem-lhes da testa. Um minuto depois estendiam-se os cadaveres á sombra dos platanos cobertos com um panno verde; lavava-se o sangue, perfumava-se o ar, voltavam os carrascos para o seu posto, e o conselho continuava a sua sessão com rostos impassiveis, mãos escondidas, vozes pacatas e monotonas, debaixo da luz vaga das frestas mouriscas que tingia com uma côr de oiro pallido os grandes turbantes e as grandes barbas. Mas tremiam pela sua vez aquelles feros juizes quando Murad IV ou o segundo Selim, descontentes com o divan, faziam ranger com um murro furioso a gradesinha doirada do esconderijo imperial! Depois de um longo silencio, e de se consultarem alternativamente uns aos outros com olhares enleiados, continuavam a sessão, com rosto impassivel e com vozes solemnes; mas as mãos geladas tremiam por largo tempo nas mangas e as almas recommendavam-se a Deus.

No fundo d'este segundo pateo, que era de certo modo o pateo diplomatico do Serralho, abria-se a terceira grande porta, flanqueada por columnas de marmore e coberta por um grande tecto saliente, diante da qual estava de guarda de dia e de noite um batalhão de eunuchos brancos e um esquadrão de capidgís armados de alfanges e de punhaes.

Era esta a famosa Bab-Seadet ou porta da Felicidade que conduzia ao terceiro pateo, a porta sagrada que se conservou fechada por quasi quatro seculos a todo o christão que se não apresentasse em nome de um rei ou de um povo; a porta mysteriosa a que bateu em vão a curiosidade supplicante de mil viajantes poderosos e illustres, a porta d'onde sahiram e se espalharam pelo mundo tantas fabulas gentís e tantas lendas dolorosas, tantos phantasmas de belleza e de prazer, tantas revelações pagas de segredos de amor e de sangue, e uma aura infinita de poesia voluptuosa e terrivel; a porta solemne do Santuario do rei dos reis, a porta cujo nome o povo proferia com um secreto sentimento de angustia, como o da porta de um recinto fatal, entrando na qual uma creatura profana devia ficar petrificada ou vêr coisas que a linguagem humana não poderia descrever; a

Albanez.



Bispo grego.

porta diante da qual ainda hoje o viajante mais frio pára com certa hesitação, olhando com pasmo para a sombra do seu chapéu alto que se alonga pelos batentes semi-cerrados.

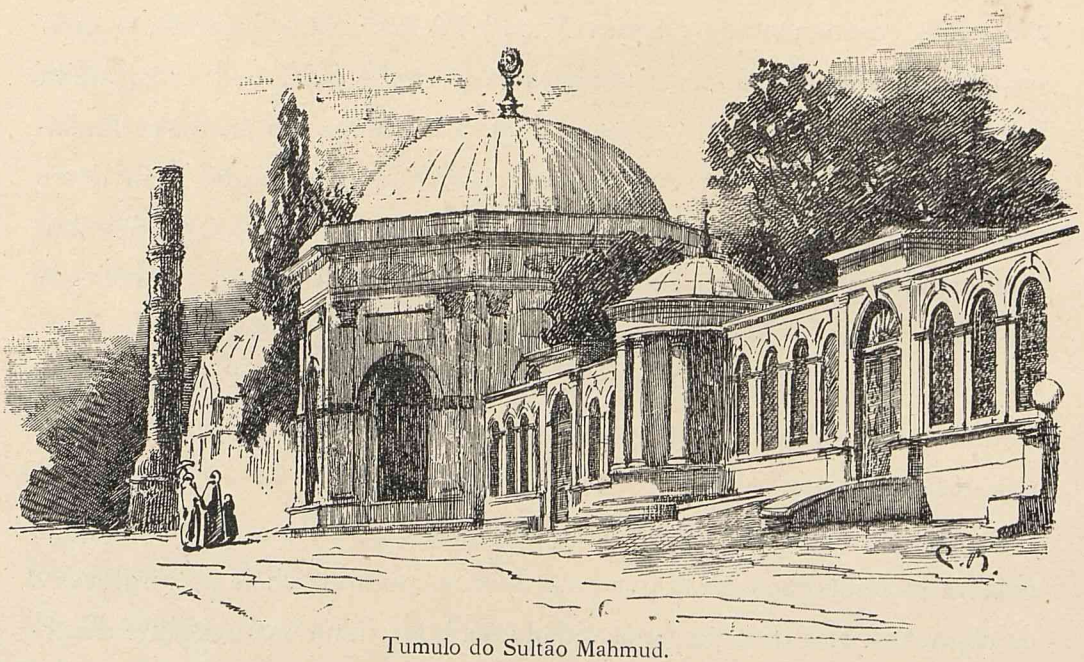
E comtudo tambem ali, áquella porta solemne, chegou a onda mugidora das rebelliões soldadescas. Póde-se tambem dizer que esse angulo do grande pateo, que fica comprehendido entre a sala do divan e a porta Seadet, é o ponto do Serralho onde o furor dos rebeldes commette os actos mais temerarios e mais sanguinosos. O Grão-Senhor governava com a espada, e era a espada tambem que lhe dictava a lei. O despotismo que defendia o accesso do Grande Serralho era o mesmo que lhe violava os penetraes. Então se via em que fragil pedestal se mantinha o colosso ameaçador, quando se lhe tiravam de roda as escoras das cimitarras. Hordas armadas de janizaros e de spahis, por altas horas da noite, de archotes em punho, derrubavam a golpes de machado as portas do primeiro e do segundo pateo, e irrompiam por ali fóra agitando na ponta das espadas os requerimentos em que pediam as cabeças dos vizires, e os seus gritos de morte resoavam para além dos muros inviolaveis, no recinto sagrado dos seus soberanos, onde tudo era confusão e terror. Em vão do alto dos muros se deitavam sacos de moedas de oiro e de prata; em vão os muftis, os scheicks, os ulemas, os grandes da Côrte, confusos, enleiados, argumentavam, pediam, tentavam brandamente abaixar os braços convulsos de colera; em vão as Sultanas validés, desfallecidas, mostravam das janellas gradeadas os filhinhos innocentes. O monstro de mil cabeças, desencadeiado e cego, queria a sua preza, as victimas vivas, as carnes para as lacerar, o sangue para o espargir, as cabeças para as espetar nas lanças. Os sultões chegavam-se ás ameias, arriscavam-se a apparecer nas barricadas da porta, no meio dos eunuchos e dos pagens trementes, armados de inuteis punhaes; disputavam as cabeças a uma e uma, promettiam, choravam, pediam misericordia em nome de sua propria mãe, dos seus proprios filhos, do Propheta, da gloria do imperio, da paz do mundo. Uma explosão de ameaças e de insultos e

um agitar vertiginoso de archotes e de cimitarras respondia aos seus gritos impotentes. E então da porta da Felicidade sahiam a um e um, ás cegas, achavam-se no meio das feras sedentas de sangue, os thesoureiros, os vizires, os eunuchos, as favoritas, os generaes, e cahiam um apoz outro lacerados por um cento de espadas e pisados por cem pés. Assim Murad III arrojava Mehemed, o seu falcoeiro favorito, que era feito em pedaços á sua vista, assim Mahomet III arrojava o Kislagá Othman, e o chefe dos eunuchos brancos Ghaznéfer, e era obrigado a saúdar a soldadesca diante dos dois cadaveres ensanguentados; assim Murad IV arrojava, soluçando, o grão vizir Hafiz, a quem dezesete punhaes rasgavam o peito e os rins, assim Selim III arrojava todas as cabeças do seu divan; e, emquanto os Padischahs voltavam para os seus aposentos, bramindo, pungidos pela dôr e pela vergonha, os mil archotes dos rebeldes corriam pelas ruas de Stambu illuminando os restos dos cadaveres arrastados em triumpho no meio da multidão ebria.

A porta da Felicidade formava, como o Bab-el-Selam, um passadiço d'onde se sahia directamente para o recondito recinto, que encerrava o irmão do sol.

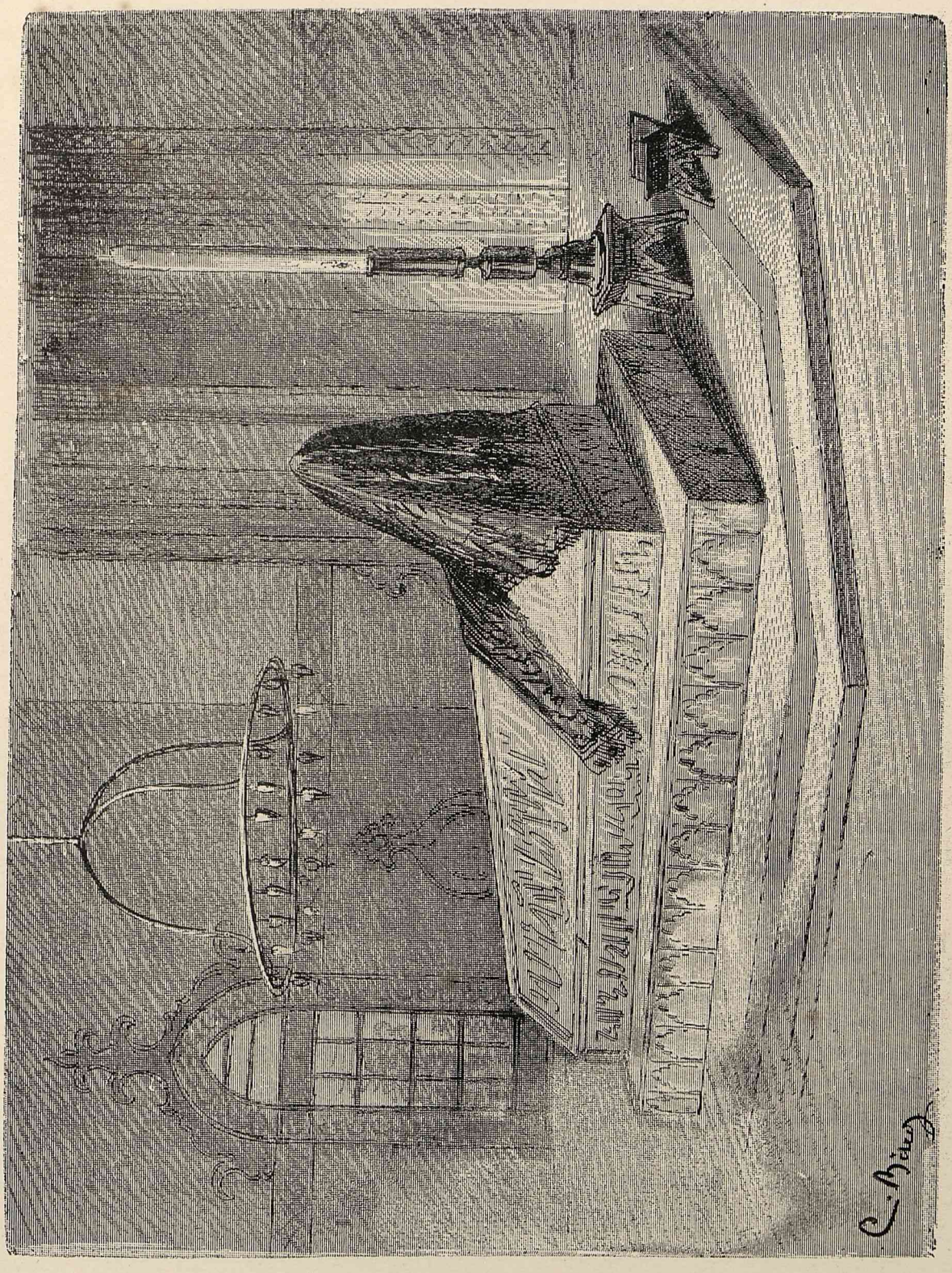
Aqui, para dar uma imagem viva do logar, seria necessario que a minha palavra fosse acompanhada por uma musica submissa cheia de surprezas e de caprichos. Era uma pequena cidade de fadas, uma extravagante desordem de architecturas mysteriosas e gentís, escondidas n'um bosque de cyprestes e de platanos desmesurados, que estendiam os seus ramos sobre os tectos, e cobriam de sombra um labyrintho intrincadissimo de jardins cheios de rosas e de verbenas, de pequenos pateos circumdados de porticos, de viellas flanqueadas de kiosques e de pavilhões chinezes, de taboleiros de relva, de lagos cercados de myrtos que reflectiam pequenas mesquitas branquissimas e cupulasinhas prateadas de edificios de fórmas de templos e de claustros ligados por galerias cobertas, sustentadas por filas de columnas ligeiras, e tectos de madeira entalhada e pintada que faziam saliencia sobre portinhas cobertas de arabescos e escadinhas externas que

conduziam a terraços munidos de balaustres graciosos; por toda a parte panoramas escuros, em que alvejavam fontes de marmore e appareciam entre as ramarias arcos e columnelos de outros kiosques; e por todos os lados, entre a verdura dos pinheiros e dos sycomoros, vistas longinquas e immensas do mar de Marmara, das duas margens do Bosphoro, do porto e de Stambul; e sobre este paraizo aquelle céu. Era uma pequena cidade sepultada n'um monte enorme de verdura, construida a pouco e pouco, sem



Tumulo do Sultão Mahmud.

plano prefixo, segundo as necessidades e os caprichos do momento, pomposa e fragil como um scenario theatral, toda esconderijos e extravagancias ciosas e puerís; que via tudo e era invisivel, que tinha formigueiros de gente e parecia solitaria, como se ali reinasse ainda o espirito pastoral e meditativo dos antigos principes ottomanos; um acampamento de pedra, que recordava ainda, entre o fausto, o acampamento de panno das tribus errantes da Tartaria; um grande paço disseminado, composto de pequenos paços escondidos uns dos outros, que exalavam a um tempo a tristeza das prisões, a austeridade dos templos e a alegria dos campos, um espectaculo



Tumulo de Solimão.

cheio de ostentação principesca e da ingenuidade barbara, diante do qual o recem-vindo perguntava a si proprio em que seculo vivia e em que mundo cahira.

Era este o coração do Serralho aonde iam ter todas as veias da monarchia e d'onde partiam todas as veias do imperio.

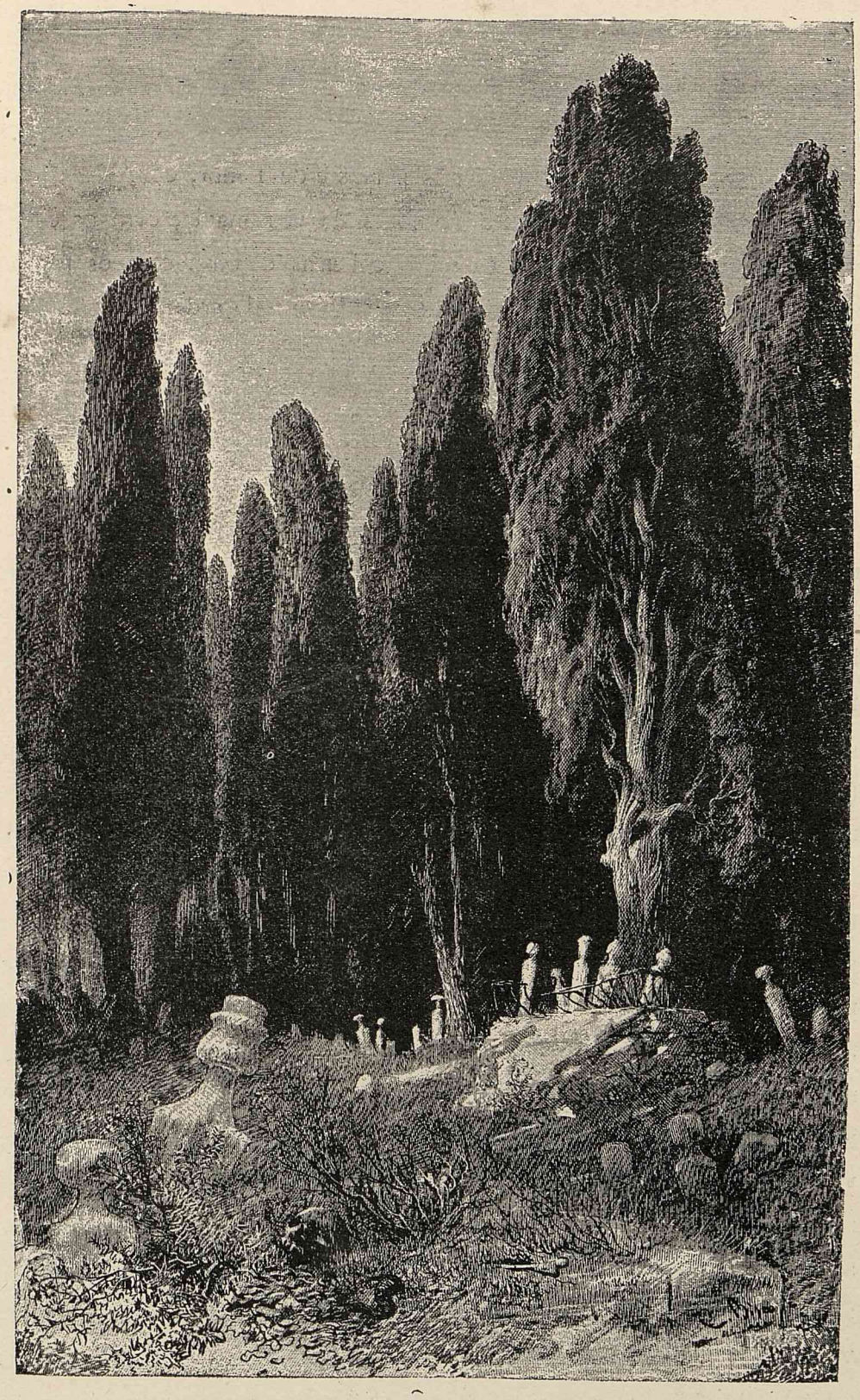
O primeiro edificio que se encontrava á entrada era a sala do Throno, que lá está ainda e que pude visitar. É um pequeno edificio quadrado em tôrno do qual gira um bello portico de marmore, e para onde se entra por uma rica porta flanqueada por duas bellas fontes. A sala é coberta por uma abobada ornada com arabescos doirados, as paredes são revestidas de marmores e de azulejos combinados com figuras symetricas, no meio ha uma fonte de marmore, a luz desce de altas janellas com vidraças coloridas, e no fundo está o throno, em fórma de um grande tecto, coberto com um docel franzido de perolas, que se fórma em quatro columnas altas e delicadas de bronze doirado, ornadas com arabescos e pedras preciosas, e encimadas por quatro bolas de oiro, com quatro meias-luas de que pendem caudas de cavallos, emblema do poder militar dos Padischahs. Aqui fazia o Grão-Senhor as recepções solemnes, em presença de toda a Côrte; aqui se arrojavam aos seus pés os irmãos e os sobrinhos assassinados para assegurar o seu reino contra as conjurações e as traições. Pensei, apenas entrei, nos dezenove irmãos de Mahomet III. Esses tinham recebido a sentença de morte, no fundo das suas prisões, nos tiros de peça que annunciavam á Europa e á Asia a morte de seu pae. Os mudos do Serralho amontoavam os seus cadaveres diante do throno. Havia-os de todas as idades, desde a infancia até á idade madura, uns em cima dos outros, com os olhos sahidos das orbitas, com o vestigio das mãos homicidas no rosto e no pescoço; as pequenas cabeças loiras encostadas ao peito robusto dos adolescentes, as cabeças grisalhas esmagadas de encontro ao pavimento pelos pés dos irmãos de dez annos; caftans vermelhos de poeira, e fraldas tiradas dos berços, tudo contaminado ao mesmo tempo pela corda assassina, e confundido com os membros hirtos, e os rostos desfigurados. Ali viram repuxos

de sangue aquelles bellos arabescos de oiro e aquelles azulejos luzentes, ali onde explosiram as coleras formidaveis de Selim II, de Murad IV, de Ahmed I, de Ibrahim, espectadores exultantes das agonias desesperadas! Ali cahiram vizires, debaixo dos pés dos *sciaüs* despedaçando o craneo no marmore da fonte. Ali rolavam cabeças de governadores trazidas da Syria e do Egypto, penduradas da sella de um agá! Quem ali entrava com a consciencia pouco segura voltava-se no limiar para dizer adeus ao formoso céu e ás bellas collinas da Asia, e quem sahia salvo tornava a saúdar o sol com o sentimento de um enfermo que torna á vida.

Este pavilhão do throno não é o unico que se póde visitar. Sahindo d'ali, passa-se por varios jardins e pateos cercados de pequenos edificios de arcos mouriscos, sustentados por columnelos de marmore. Ali estavam os pagens reunidos n'um collegio, em que recebiam instrucção para occuparem depois os altos cargos do Imperio, e tinham quartos sumptuosos e salas de recreio e servos e mestres escolhidos entre os homens mais doutos do Estado. No meio d'aquelles edificios levantava-se uma fila de graciosos kiosques sarracenos, com os perystilos abertos, onde era a bibliotheca, e ainda resta um, admiravel principalmente pelo seu portão de bronze, ornado de relevos de jaspe e de lapis-lazuli, e coberto de uma cinzeladura prodigiosa de arabescos, de estrellas, de folhas, de figuras de todas as fórmas, delicadissimas, intrincadissimas, que não parecem obra humana. A pouca distancia da bibliotheca erguia-se o pavilhão do Thesouro Imperial, todo luzente de porcelana, onde estavam fechadas riquezas immensas, compostas em grande parte de armas conquistadas, ou dadas aos Sultões, ou deixadas no testamento pelos proprios sultões como lembranças. Só Mahmud II, que era caligrapho valente e d'isso se gabava deixou a sua caneta de oiro marchetada de diamantes. Agora uma boa parte d'esses thesouros passou mudada em oiro, para as caixas do erario. Mas nos bellos tempos da monarchia estava o pavilhão todo fulgurante de cimitarras adamascadas, cujo punho parecia um laço só de perolas e de joias; de pistolas enormes que chegavam a ter duzentos diamantes na coronha; de punhaes que valiam

Chaldeo.

a renda de um anno de uma provincia asiatica, de prata macissa ou de aço com o castão formado por um só pedaço de cristal facetada e doirado, misturadas com os pennachos adornados de joias dos Merad e dos Maho-



Grande cemiterio em Scutari.

met, com as taças de agatha em que tinham espumado os vinhos da Hungria nos banquetes imperiaes, com os copos escavados n'uma só turqueza, que tinham estado nos paços dos reis persas e de Timor, com os pés ornados de diamantes da grossura de nozes da Caramania, com os cintos marchetados de perolas, com as sellas cobertas de oiro, com os tapetes scintillantes de joias, com os quaes a sala parecia toda ardente, e offuscava a um tempo a razão e a vista.

Pouco distante do pavilhão do Thesouro ha ainda, no meio de um jardim solitario, aquella famosa *gaiola dos passaros,* em que, de Mahomet IV em diante, se fechavam os principes de sangue que faziam sombra ao Padischah, e ali ficavam sepultados vivos, á espera de que a grita dos janizaros os chamasse ao throno, ou de que viesse o carrasco degolal-os. É um edificio de fórma de um pequeno templo, de muros grossos, com janellas, illuminado por cima e fechado por uma pequena porta de ferro, de encontro á qual se punha um grande pedregulho. Ali esteve fechado Abdul-Aziz durante os poucos dias que decorreram entre a sua queda do throno e a sua morte. Ali teve o seu horrivel e miserando fim o Caligula dos Ottomanos, Ibrahim, e a sua imagem é a primeira que se ergue no limiar d'aquella necropole dos vivos em frente do visitante estrangeiro. Os agás militares tinham-n'o arrancado do throno e arrastado, como um miseravel, para a prisão. Aqui estivera fechado com duas das suas odaliscas predilectas. Depois das primeiras furias do desespero, resignava-se. — Isto, dizia elle, estava escripto na minha fronte; era a ordem de Deus. De todo o seu imperio, e do immenso harem em que foliára durante dez annos, não lhe restavam já senão um carcere, duas escravas e o Alcorão: mas julgava ter a vida segura, e vivia tranquillamente, consolado ainda por um raio de esperança: que os seus partidarios das tavernas e dos quarteis de Stambul conseguiriam mudar a sua sorte. Mas esquecera-se da sentença do Alcorão: se houver dois califas, mata um, e o mufti, interrogado pelos agás e pelos vizires, d'ella se recordára. No seu ultimo dia, estava elle sentado n'uma esteira n'um angulo do seu tumulo, e lia o Alcorão ás duas escravas, ergui-

das diante d'elle, com os braços cruzados no peito. Vestia um caftan negro, apertado na cintura por um chaile esfarrapado; e tinha na cabeça um barrete de lã vermelha. Um raio de pallida luz, que descia da abobada, illuminava o seu rosto macilento e côr de cera, mas tranquillo. De subito ouvio um rumor profundo, e ergueu-se n'um pulo, a porta estava aberta e um grupo de figuras sinistras occupava o limiar. Comprehendeu, ergueu os olhos para uma tribuna gradeada que se destacava do cimo de uma parede, e vio atravez das grades os rostos impassiveis do mufti, dos agás e dos vizires, em que estava escripta a sua sentença. Invadio-o o terror, e sahio-lhe da bôcca uma onda de palavras supplicantes: — Tende piedade de mim! tende piedade do Padischah! Concedei-me a vida! Se ha algum d'entre vós que tivesse comído o meu pão que me soccorra em nome de Deus! Tu, mufti Abdul-Rahim, repara no que vais fazer! Vê como os homens são cegos e insensatos! Agora t'o digo: Iussuf-pachá aconselhava-me que te mandasse matar como traidor, e eu não quiz, e tu agoras queres a minha morte! Lê o Alcorão como eu, lê as palavras de Deus que condemna a ingratidão e a injustiça. Deixa-me a vida, Abdul-Rahim, a vida! a vida! — O carrasco, tremulo, ergueu os olhos para a tribuna, mas com voz secca que sahia do meio d'aquelles rostos immoveis como simulacros respondeu: — Kará-ali, executa-o — O carrasco deitou as mãos aos hombros de Ibrahim o Ibrahim soltou um urro e refugiou-se a um canto, atraz das duas escravas. Então Kara-alí e os *sciaús* correram a elle, atiraram as duas mulheres ao chão e precipitaram-se sobre o Padischah: ouviu-se uma explosão de maldições e de blasphemias, a bulha de um corpo que cahia, um grito altissimo que morreu n'um estertor surdo, e depois um silencio profundo. Um pequeno cordãosinho de seda arrojara para a eternidade o decimo-nono Padischah da dynastia dos Osmana.

Outros edificios, além dos já descriptos e dos do harem, estavam espalhados por aqui e por acolá nos jardins e nos bosques. Havia os banhos de Selim II que comprehendiam trinta e duas vastissimas salas, todas marmore, oiro e pinturas; havia kiosques octogeneos e redondos, encimados por

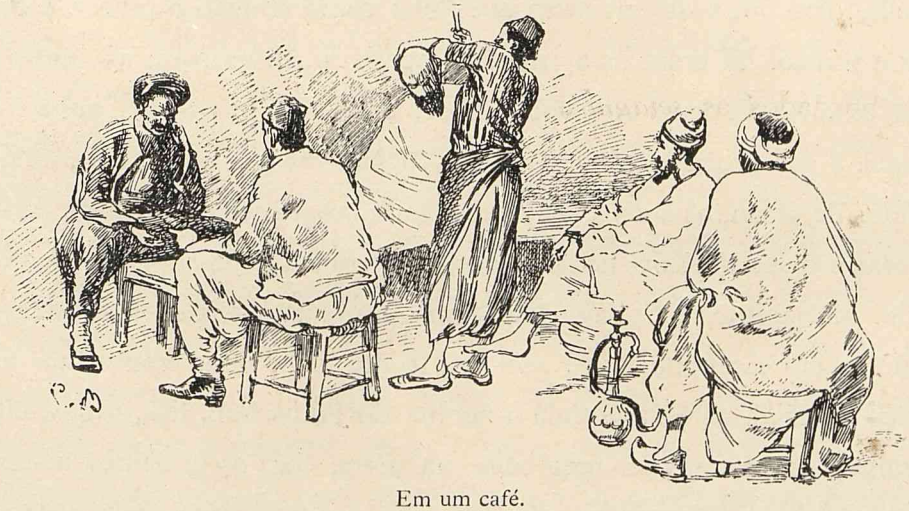
tectos e cupulas de todas as fórmas, que cobriam salões revestidos de madre-perola e ornados de inscripções arabes, onde em todas as janellas estavam penduradas gaiolas doiradas de rouxinoes e de papagaios, e os vidros de côr espalhavam uma dulcissima luz azulina e rosada; kiosques em que os Padischahs iam ouvir lêr as *Mil e uma noites* aos velhos derviches; outros em que se davam solemnemente as primeiras lições de leitura aos principesinhos; pequenos kiosques para as meditações, pequenos pavilhões para aprazimentos nocturnos, ninhos e prisões gentís, levantados e deitados ao chão por um capricho, que gosavam a vista de Scutari purpureada pelo pôr do sol e a do Olympo prateado pela lua, e a caricia perpetua das aragens do Bosphoro, cheias de fragancias, que faziam tremular as meias luas de oiro na ponta das suas agulhas subtís. E emfim, na parte mais secreta do harem, o templosinho das reliquias, ou *camara da nobre veste,* imitada da sala aurea dos imperadores byzantinos, e fechada por uma porta prateada; na qual se conservava o manto do Propheta, descoberto solemnemente, uma vez por anno, em presença de toda a côrte, o seu bordão, o arco fechado n'uma bainha de prata, as reliquias da Kaaba, e o venerado e tremendo estandarte da guerra santa, envolto em quarenta cobertas de seda, que cegaria, como o fulminar de um raio o infiel que n'elle cravasse o olhar. Tudo o que tinha de mais sagrado a raça, de mais precioso o imperio, de mais dilecto e de mais recondito a dynastia, estava ali reunido, n'aquelle recinto umbroso e discreto, n'aquella pequena cidade occulta, para a qual parecia que convergia de todos os lados a metropole immensa, como uma multidão innumeravel que quizesse prostrar-se e adorar.

N'um angulo d'esse recinto, á esquerda de quem entrava, á sombra das arvores mais copadas, entre um murmurio mais sonoro das fontes e um charlar mais intenso de passaros, levantava-se o harem que era como que um bairro separado da cidadesinha imperial, e se compunha de muitos pequenos edificios brancos, cobertos de cupulasinhas de chumbo, assombreados por larangeiras e pinheiros chamados de umbella, separados por jar-

dinsinhos cingidos de muros, revestidos de madre-silva e de hera, no meio dos quaes serpeiavam veredas semeadas de miudissimas conchinhas combinadas em mosaico, que se perdiam entre os rosaes, os ebanos e as murtas; tudo pequenino, fechado, dividido, sub-dividido; as sacadas abertas, as frestas gradeadas, os porteiros escondidos por cortinas côr de rosa, os vidros coloridos, as portas chapeadas de ferro, as viellas sem sahida; e por toda a parte uma luz crepuscular dulcissima, uma frescura de floresta, um ar de mysterio e de paz que fazia sonhar. Aqui vivia, amava, desfallecia, servia, renovando-se continuamente, toda a grande familia mulheril do Serralho. Era um vasto mosteiro que tinha como religião o prazer, e como Deus o Sultão. Ali eram os aposentos imperiaes. Ali estavam as quatro cadinas, amantes titulares do Grão-Senhor, cada uma das quaes tinha o seu kiosque, a sua pequena côrte, os seus officiaes-móres, os seus barquinhos forrados de setim, as suas carruagens doiradas, os seus eunuchos, as suas escravas e o seu *dinheiro dos pantufos,* que era o rendimento de uma provincia. Ali habitava a Sultana Mãe com o seu cortejo innumeravel de *ustás,* divididas em companhias de vinte ou trinta, cada uma empregada n'um serviço especial. Ali estava toda a familia do Padischah, tias, irmãs, filhas, sobrinhas, que formavam uma côrte na côrte, com os principes infantís e adolescentes. Ali estavam as *ghediclú,* das quaes as doze mais bellas serviam, cada uma com um titulo e um officio especial, a pessoa do Sultão; cem *sciaghird* ou noviças que faziam tirocinio para occupar os logares vagos das *ustás*, um formigueiro de escravas de todos os paizes, de todas as côres, de todos os vestuarios, escolhidas entre milhares e milhares, que enchiam aquelle enorme gyneceu, dividido como uma colmeia em cellulas innumeraveis, com um fremito de poderosa juventude, com um quente perfume de voluptuosidade africana e asiatica, que subia á cabeça do Nume, e se espalhava depois transfundido nas suas paixões formidaveis, por toda a face do imperio.

Quantas memorias entre as arvores d'aquelles jardins e as paredes d'a-

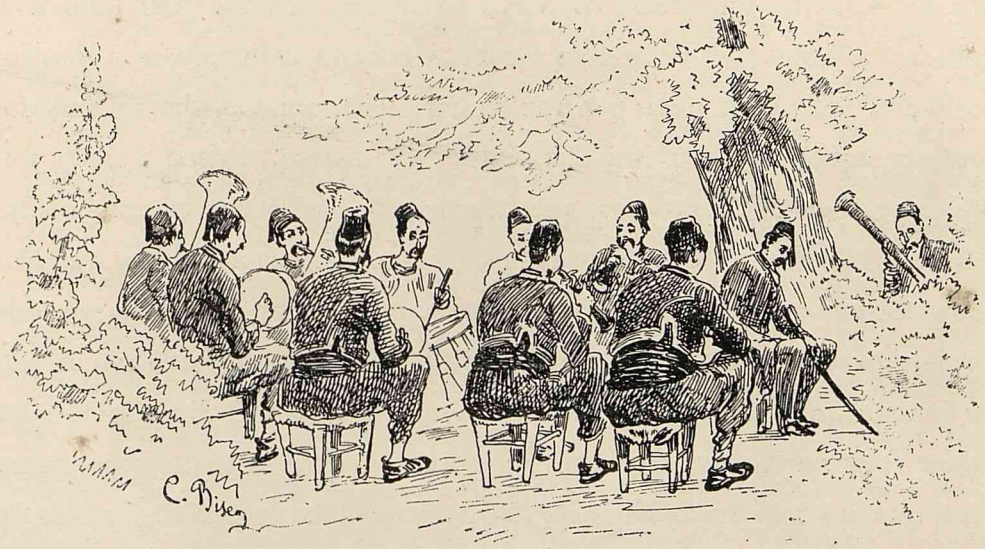
quelles pequenos claustros brancos! Quantas bellas filhas do Caucaso e do Archipelago, das montanhas da Albania e da Ethiopia, do deserto e do mar, musulmanas, nazarenas, idolatras, conquistadas pelos pachás, compradas pelos mercadores, dadas de presente pelos principes, roubadas pelos corsarios, passavam, como sombras, por baixo d'aquellas cupulasinhas argentinas! São estes os muros e as abobadas, que viram foliar, com a cabeça coroada de flores e com a barba scintillante de joias, o primeiro Ibrahim, que fazia encarecer as escravas em todos os mercados da Asia, e de-



Em um café.

cuplicar o preço dos perfumes da Arabia; que assistiram ás furias de sensualidade morbida do terceiro Murad, pae de cem filhos; que viram Murad IV, decrepito aos trinta e um annos, arrojar-se cambaleando aos amplexos infames; que foram testemunhas das orgias e dos delirios do segundo Selim. Por estas veredas passavam, á noite, ebrios de vinho e de luxuria, aquelles dissolutos ferozes, a quem a mãe, os vizires, os pachás, offerecendo escravas sobre escravas, não faziam senão accender os desejos; e corriam de kiosque em kiosque, procurando a voluptuosidade e não achando senão o espasmo, até que a phantasia desvairada os arrastava furiosos para fóra do Paço a procurarem os restos das bellezas famosas entre

os muros melancholicos do Eschi-Serai. Aqui se celebravam aquellas estranhas festas nocturnas, em que nas cupulas, nos tectos e nas arvores estavam desenhados a traços de fogo os navios da frota, e milhares de vasos de flores, illuminados por milhares de chammasinhas, reflectidas por innumeros espelhos, representavam a imagem de um vasto jardim ardente, onde centenares de favoritas se apinhavam em tôrno de bazares cheios de thesouros, e os eunuchos levantavam nos braços, desfallecendo, as escravas semi-núas, abandonadas ao vortice dos bailes desenfreados, no meio do



Musica militar no jardim publico.

fumo de mil thuribulos, que o vento do Mar Negro espalhava por todo o Serralho juntamente com o estrondo de uma musica barbaresca e guerreira.

Resuscitemos aquella vida, n'um bello dia de abril, no reinado do grande Solimão e do terceiro Ahmed. O céu está sereno, o ar cheio de fragancias primaveris, os jardins todos em flor. Pelo labyrintho das veredas ainda humidas de orvalho, giram, em ocio, eunuchos negros vestidos de tunicas doiradas, e passam escravas vestidas com fazendas listradas de côres vivis-

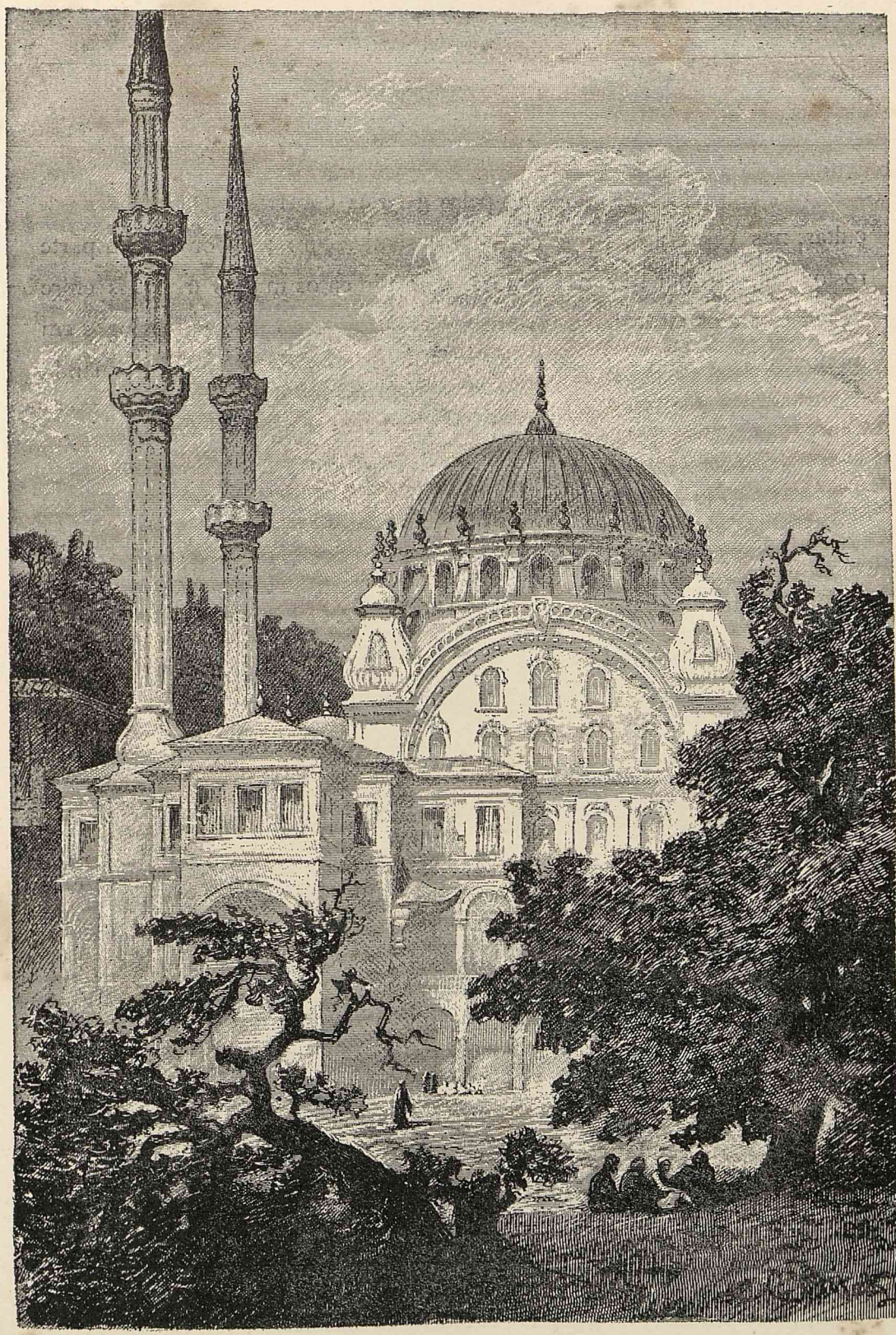
simas, que levam e trazem bandejas e cestos cobertos de véus verdes entre os kiosques e as cosinhas. As *ustás* da Validé encontram-se debaixo dos porticos mouriscos com as *gheduclú* do Sultão, que passam altivamente, seguidas por escravas noviças, carregadas com a roupa branca imperial. Todos os olhares se viram para um lado; sahio por uma portinha, e desappareceu por uma escadinha a mais nova das doze gheduclú privilegiadas, a copeira, uma rapariga syriaca, abençoada por Allah, que agradou ao Grão-Senhor, o qual já lhe concedeu o titulo de *filha da felicidade,* e lhe dará a pellissa de zibelina, logo que ella der signal de ser mãe. Ao longe, á sombra dos platanos, brincavam os bobos do Sultão, vestidos com trajo arlequinesco, e anões disformes com a cabeça coberta com turbantes despropositados. Mais para além, por traz de uma sebe, um eunucho agigantado, com um signal imperceptivel dos dedos e da cabeça, ordena a cinco mudos, executores dos supplicios, que vão ter com Kislar-agá, que os procura para um negocio secreto. Rapazinhos de uma belleza ambigua, vestidos com um requinte feminino, correm atraz uns dos outros entre as sebes de um jardim assombreado por um enorme platano. N'outro sitio um bando de escravas pára de subito e divide-se em duas alas, inclinando-se para deixar passar a Kiaya, grande governadora do harem, que corresponde ao cumprimento com um movimento da sua bengalinha ornada de laminas de prata, que tem n'uma das extremidades o sinete imperial. No mesmo momento abre-se a porta de um kiosque proximo, e sahe uma cadina trajando de azul celeste, envolta n'um denso véu branco, seguida pelas suas escravas, que vai, com licença da governadora, obtida na vespera, jogar o volrute com outra cadina, e ao voltar para uma alameda sombrosa, encontra e cumprimenta mollemente uma irmã do Sultão, que vai para o banho com os seus pequenos e com as suas criadas. Ao fundo da pequena alameda, diante do kiosque d'outra cadina, debaixo de um gracioso alpendre sustentado por quatro columnelos altos e esbeltos como troncos de palmeira, espera um eunucho um signal para fazer entrar uma judia, mercadora de joias, que, depois de intrigar muito, obteve o direito da entrada no harem

imperial, aonde, com as joias, levará embaixadas secretas de pachás ambiciosos e de amantes temerarios. Na extremidade opposta do harem, a *hanum*, encarregada de visitar as novas escravas, vai á procura da governadora, para lhe referir que a joven abyssinia apresentada no dia anterior lhe pareceu digna de ser vestida entre as *gheduclú*, se não se fizer caso de uma pequena excrescencia que tem no hombro esquerdo. Entretanto n'um terreiro cerrado de murtas, debaixo de um alto caramanchel, reunem-se as vinte amas dos princepesinhos nascidos, e um grupo de escravas tocam flauta e guitarra no meio de um circulo saltitante de creanças vestidas de veludo côr de cereja e de setim vermelho, a que a Sultana Validé atira doces do alto de um terraço. Passam mestras que vão dar lições de dança, de musica e de bordados ás *seiaghird;* eunuchos que levam grandes pratos cheios de doces em fórma de liões e de papagaios; que carregam com grossos vasos de flores e pesados tapetes: presentes de uma sultana a uma cadina, de uma cadina á Validé, da Validé aos sobrinhos. A thesoureira do harem, acompanhada por tres escravas, chega com rosto alviçareiro: traz a noticia de que os navios imperiaes mandados contra as galeras venezianas e genovezas se cruzaram com ellas a vinte milhas da porta de Syra e se apoderaram de todas as sedas e de todos os veludos da carga para o harem do Padischah. Chega de corrida um eunucho a annunciar á Sultana impaciente que a circumcisão da creança se fez com exito maravilhoso, e pouco depois apparecem outros dois eunuchos, um dos quaes traz, n'uma bandeja de prata, á mãe a parte cortada pelo cirurgião, o outro n'uma bandeja de oiro, á Validé a faca ensanguentada. É um continuo abrir e fechar de portas, um levantar e deixar cahir cortinas, para deixar passar noticias, embaixadas, presentesinhos e mimos. Quem podesse do alto penetrar com a vista atravéz dos tectos e das cupulas, veria n'uma sala uma Sultana á janella, que olha melancholicamente, entre as cortinas de setim, para as montanhas azues da Asia, pensando talvez em seu esposo, um bello pachá, governador de uma provincia longinqua, arrancado dos seus braços, segundo o costume, depois de seis mezes de amor, porque não tiveram filhos;

n'outra saleta, revestida de marmores e de espelhos, uma cadina de quinze annos, que espera n'esse dia uma visita do Padischah, e folia infantilmente no meio de um grupo de escravas que a perfumam e a infloram, encarecendo as suas bellezas mais secretas com actos servís de maravilha e de

Escrivão publico

alegria; sultanas juvenís que passeiam pelos jardins cerrados, em tôrno dos tanques luzentes com os doirados peixes, fazendo estalar as conchinhas das veredas debaixo das suas babuchas de setim branco; outras, pallidas, sentadas no fundo de estancias escuras, com o gesto de quem medita vinganças; salões alcatifados de brocado, onde creanças condemnadas desde o seu nascimento á morte, se rebolam sobre almofadas de setim bordadas de



Em Galata.—Mesquita de Tophané.

oiro, e por baixo de mezas de madre-perola; bellas princezas nas tinas de marmore de Paros; *gheduchi* adormecidas nos tapetes; o redemoinhar constante de escravas e de eunuchos pelas galerias cobertas, pelas escadas occultas, nos vestibulos, pelos corredores semi-escuros; e por toda a parte rostos curiosos por traz das grades, cumprimentos mudos trocados entre os terraços e os jardins, gestos furtivos por traz das cortinas, dialogos em mononosyllabos entre fresta e fresta, interrompidos de quando em quando por sonoras e comprimidas risadas, seguidas por um rapido esvoaçar de sacás que fogem e se esvaem ao longo dos muros claustraes.

Mas não se cruzavam só intrigas amorosas e frioleiras puerís n'aquelle labyrintho de jardins e de templosinhos. Entrava a politica pelas fisgas de todas as portas e pelos buracos de todas as grades, e o poder dos olhos formosos sobre os negocios do Estado não era ali menor do que nos Paços do occidente; que até a vida reclusa e monotona augmentava a intensidade dos ciumes e das ambições. Aquellas cabecinhas coroadas de joias agitavam, de dentro d'aquellas pequeninas prisões fragrantes, a côrte, os divans, o Serralho inteiro. Por meio dos eunuchos communicavam com o mufti, com os vizires e com os agás dos janizaros. Pelos administradores dos seus bens, com os quaes podiam conferenciar atravéz de uma cortina ou de uma grade, sobre os seus proprios interesses, eram informadas de todos os acontecimentos ainda os mais insignificantes do Paço e da metropole; sabiam os perigos que as ameaçavam, aprendiam a conhecer os homens de Estado de quem tinham a receiar ou de quem podiam esperar alguma coisa, e urdiam pacientemente as conjurações mysteriosas que precipitavam os inimigos e levantavam os protegidos. Todos os partidos da Côrte e do imperio tinham ali dentro uma raiz, cem raizes, ramificadas nos corações das validés, das irmãs do Sultão, das cadinas, das odaliscas. Eram questões e enredos infinitos para a educação dos filhos, para o casamento das filhas, para as dotações, para as precedencias nas festas, para a successão dos princepesinhos ao throno, para as pazes e para as guerras. Os capri-

chos das favoritas mandavam exercitos de trinta mil janizaros e de quarenta mil spahis cobrir de cadaveres as margens do Danubio, e frotas de cem navios ensanguentar o Mar Negro e o Archipelago. A ellas recorriam em cartas secretas, os principes da Europa para assegurarem o bom exito das negociações; das suas mãosinhas brancas sahiam os decretos que davam os governos das provincias e os postos do exercito. São as caricias de Roxolane que fazem apertar o laço do cordão no pescoço dos grãos-vizires Ahmed e Ibrahim. Foram os beijos de Saffié, a bella veneziana, *perola e concha do califado,* que mantiveram por tantos annos as relações amigaveis da Porta e da republica de Veneza. Foram as sete cadinas de Murad III que governaram o imperio nos ultimos vinte annos do seculo XVI. Foi a bella Makpeiker, *fórma de lua*, a cadina dos dois mil e setecentos chailes, que reinou nos dois mares e nos dois mundos desde Ahmed I até ao quarto Mahomet. Foi Rebia Gulnuz, a odalisca das cem carruagens de prata, que regeu os divans imperiaes nos primeiros dez annos da segunda metade do seculo XVII Era Scekerbulí, o *torrãosinho de assucar,* que fazia viajar para os seus fins, como um automato, entre Stambul e Adrianopolis, o sanguinario Ibrahim.

Que confusão de manobras, que rede intrincada de espionagens terriveis e de frioleiras puerís devia haver n'aquella pequena cidade amorosa e omnipotente! Passando por aquellas alamedas, parecia-me ouvir por todos os lados um murmurio accelerado de vozes feminís, que desenvolveriam, interrogando e respondendo, toda a chronica interna do Serralho. E devia ser uma chronica estranhamente variada e intrincada! Tratava-se de saber qual era a cadina que o Sultão levaria no verão para o seu kiosque das Aguas Doces; que dote se daria á terceira filha do Padischah, que devia casar com o almirante-mór; se era verdade que a herva dada á governadora Raazgié pelo mago Sciugaa fizera conceber a terceira cadina esteril havia cinco annos; se era certo que a favorita Giamfeda obtivera para o governador da Anatolia o governo da provincia da Caramania. De kiosque

em kiosque circulava a noticia de que, logo que tivesse o seu bom successo a primeira cadina, o novo grão-vizir, para supplantar o seu predecessor, lhe daria de presente um berço de prata macissa, marchetado de esmeraldas; que a preferida pelo Sultão seria a escrava que a kiaya-harem lhe déra de presente, e não a que o Pachá de Adrianopolis lhe enviára; que, em morrendo o eunucho-mór branco que estava agonizante, o joven pagem Mehemet compraria com o sacrificio da sua virilidade o cargo ambicionado ha tanto tempo. Dizia-se em voz baixa que se não faria o grande canal da Asia Menor proposto pelo grão-vizir Sinau, para não affastar os operarios occupados em levantar o novo kiosque para a Sultana Baffo; e que a cadina Saharai, de trinta e cinco annos, chorava havia dois dias e duas noites com medo de ser desterrada para o velho Serralho; e que o bobo Ahmed fizera rir o Sultão com tanta vontade que este o nomeára immediatamente agá dos Janizaros. E depois explosiam mil bisbilhotices ácerca das proximas festas por occasião do casamento de Othman-pachá com a sultana Ummetullá, festas em que um dragão de bronze vomitaria fogo no At-meidan; ácerca do novo vestido da Sultana Validé, todo de martha zibellina, em que era cada botão uma pedra preciosa que valia cem escudos de oiro; ácerca do novo apanagio dado á cadina Kamarigé, *lua de belleza,* das rendas da Valachia, e ácerca da pequena rosa côr de sangue, descoberta no pescoço da *chiamachirusta,* guarda da roupa branca do Sultão, e ácerca dos lindos cabellos loiros annellados do embaixador da republica de Genova, e da maravilhosa carta escripta pelo proprio punho da primeira mulher do Schah da Persia em resposta á Sultana Currem, *a alegre.* Todos os boatos vindos da cidade, todos os incidentes clamorosos das discussões do divan, todos os rumores ouvidos á noite no Serralho, eram commentados e passados pela fieira de míl conjecturas em todos aquelles jardinsinhos, por cem grupos de cabecinhas circumspectas e curiosas. Ali tambem passavam de mão em mão e de bôcca em bôcca os madrigaes anonymos dos Padischahs, os versos tristes e livres de Abdul-Baki *o immortal,* e as poesias brilhantes de Abu-Sud de quem «cada palavra era um diamante»

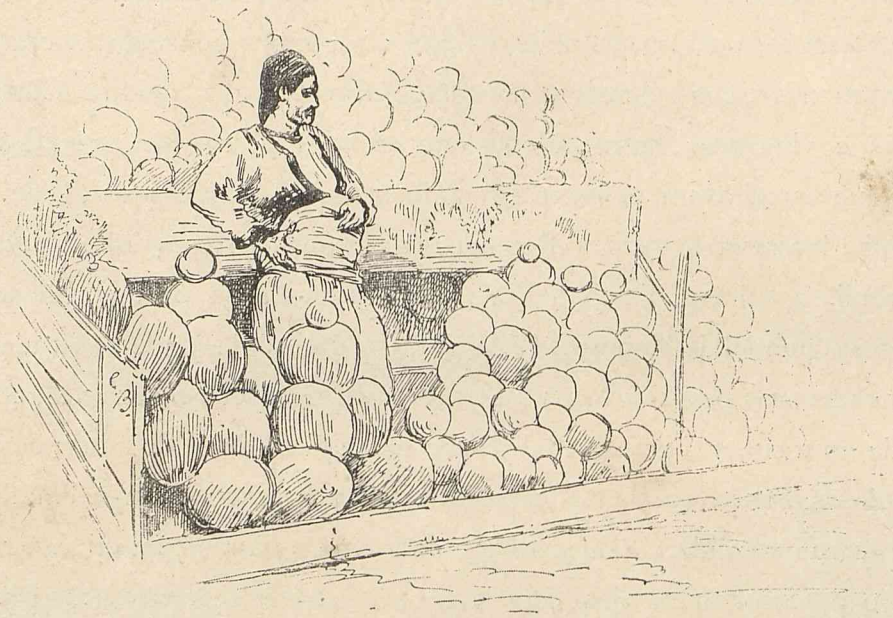
Mesquita dos pombos.

e os cantos ebrios de opio e de vinho de Fuzuli, e as lascivias canoras de Gazali. E tudo mudava com a mudança da indole e da vida dos Padischahs. Ora passava atravez d'aquelle mundo como que uma corrente de ternura e de melancholia, e então uma certa dignidade gentil realçava todas as frontes; aquietava-se o furor do luxo, corrigiam-se as maneiras, purificava-se a linguagem, nascia o gosto das leituras pias, ostentava-se o recato e a devoção religiosa, e as proprias festas, sem serem menos esplendidas, assumiam o aspecto de ceremonias alegres mas compostas. Ora em vez d'isso subia ao throno um Padischah educado desde a infancia no vicio e nas folias, e então a deusa Voluptuosidade reconquistava o seu imperio, cahiam os véus, tornava-se a ouvir a linguagem sem sub-entendidos, e a risada clamorosa, tornavam-se a vêr as nudezas sem pudor; os atravessadores da belleza partiam para a Georgia e para a Circassia; affluiam as raparigas; cem mulheres se podiam gabar de terem os amplexos do Grão-Senhor, povoavam-se os kiosques de berços, os cofres do Erario vertiam torrentes de oiro, os vinhos de Chypre e da Hungria gorgolejavam nas mezas cobertas de flores, Sodoma erguia a fronte, Lesbos triumphava, empallideciam os bellos rostos de grandes olhos negros, e todo o harem pulsava febricitante com a furia da voluptuosidade, n'uma atmosphera carregada de perfumes e de vicio, até que uma noite o Padischah acordava de improviso cego com a luz de mil archotes, e recebia das cimitarras dos Janizaros o castigo de Deus.

Vinham as noites tremendas tambem para aquella pequena Babylonia escondida entre flores. A rebellião não respeitava o terceiro recinto mais do que respeitava os outros dois. A soldadesca arrombava as portas da Felicidade e irrompia no harem. Cem eunuchos defendiam, em vão, ás punhaladas, os limiares dos kiosques. Os janizaros subiam aos tectos, quebravam as cupulas, precipitavam-se nas salas a arrancar os principes dos braços das mães. As Validés eram puxadas pelos pés para fóra dos esconderijos, defendiam-se á unhada e á mordidella, cahiam

de costas debaixo dos joelhos dos *baltagis,* e morriam estranguladas com os cordões das cortinas. As Sultanas, voltando para casa, soltavam gritos desesperados ao verem os berços vasios, e virando-se para interrogar as escravas só tinham como resposta um silencio tremendo que queria dizer: Vai procurar aos pés do throno o teu pequenino! — Os eunuchos, aterrados, vinham annunciar ás favoritas, acordadas por um longinquo tumulto, que eram esperadas as suas cabeças e que se tratava de se prepararem para morrer. As tres cadinas do terceiro Selim, condemnadas ao baraço e ao sacco, ouviam, de noite, os gritos supremos umas das outras, e expiravam nas trevas debaixo das mãos convulsas dos mudos. Ciumes mortaes e vinganças horrendas faziam resoar nos kiosques gemidos e gritos que espalhavam o terror em todo o harem. A circassiana mãe de Mustaphá lacerava o rosto a Roxolane, as favoritas rivaes esbofeteavam Scekerbuli, a sultana Tarchan via relampejar sobre a cabeça das suas creaturas o punhal de Mahomet IV, a primeira cadina de Ahmed I estrangulava com as suas proprias mãos a escrava rival, e cahia pela sua vez, apunhalada no rosto, aos pés do Padischah, uivando de dôr e de fama; as cadinas ciosas esperavam-se nos corredores escuros, chamavam-se em altos gritos «carne vendida,» e dilaceravam-se umas ás outras como tigres, rasgando o pescoço ou os rins com a ponta dos estyletes envenenados. E quem sabe quantos exicios ficaram desconhecidos, quantas escravas foram afogadas nas fontes, derrubadas com os punhos dos alfanges violentamente vibrados á região temporal da cabeça, laceradas pelo *colbach* dos eunuchos, esmagadas entre as portas de ferro pelos braços de dez ciumentas freneticas! Os véus suffocavam os lamentos, as flores escondiam o sangue, perdiam-se duas sombras no labyrintho das alamedas escuras levando uma coisa negra; as sentinellas das torres, na margem do mar de Marmara, sentiam um baque nas aguas, e o harem acordava ao romper d'alva, como sempre, ridente e fragrante, sem reparar que estava vasia uma das suas mil estancias.

Todas estas imagens me acudiam á mente, ao girar por aquelle recinto, e ao levantar os olhos para as grades d'aquelles kiosques abandonados e tristes como sepulchros. E comtudo, no meio d'aquellas memorias sinistras, experimentava de quando em quando um pulsar de coração agradavel, uma especie de trepidação voluptuosa de adolescente, em que se misturavam a melancholia e a ternura, pensando que as escadas por onde subia ou descia tinham sentido o peso d'aquellas mulheres bellissimas e famosas,



Negociante de melancias e melões.

que as veredas que eu pisava tinham ouvido o ruge-ruge dos seus vestidos, que as abobadas d'aquelles pequenos porticos, cujos columnelos eu acariciava, passando, tinham repercutido o som dos seus risos infantís. Parecia-me que alguma coisa d'essas formosas devia estar ainda por traz d'aquelles muros, n'aquelle ar. Quereria procurar, proferir gritando aquelles nomes memoraveis, chamal-as a uma e uma centos de vezes, e parecia-me que eu teria ouvido qualquer resposta de uma voz longinqua, que teria visto passar qualquer coisa alvejante nos altos terraços e no fundo dos bosques solitarios. E revolvia os olhos para um lado e para outro, e interro-

Interior da mesquita do Sultão Ahmed.

gava as grades e as portas. Quanto eu daria por saber onde estivera fechada a viuva de Alexis Comneno, a mais formosa das prisioneiras de Lesbos e a mais seductora grega do seu seculo, ou onde fôra apunhalada a querida filha de Erizzo, governador de Negroponto, que preferio a morte ao amplexo brutal de Mahomet II! Currem a favorita de Solimão, a que janella se encostava, com as suas bellas attitudes languidas de persa, para cravar no mar de Marmara os seus poderosos olhos negros, velados pelas longuissimas pestanas de seda? Aqui n'esta vereda, não terá deixado muitas vezes as pégadas do seu passo ligeiro a formosa dançarina hungara que arrancou Saffié do coração de Murad III, pulando como uma lamina de aço nos braços imperiaes? E d'este canteiro nunca teria arrancado uma flor, de passagem, Kasem, a formosa grega, a ciumenta feroz, de rosto pallido e melancholico, que vio o reinado de sete sultões? E a armenia agigantada, que fez enlouquecer de amor Ibrahim, nunca mergulharia o seu enorme braço branco na agua d'esta fonte? E quem tinha o pé mais pequenino, a *pequena favorita* de Mahomet IV, duas babuchas da qual não chegavam a ter o comprimento de um estylete, ou Rebia Gulnuz, a *essencia das rosas da primavera* que tinha os mais bellos olhos azues do Archipelago, e não deixava um só vestigio do seu passo nas areias brancas do seu jardim? E os cabellos mais doirados e mais morbidos quem os possuia, Markfiruz, a *favorita do astro das noites,* ou Miliclia, a joven odalisca russa, que subjugou a ferocidade do segundo Othman? E as raparigas persas e arabes que adormeciam com as suas fabulas Ibrahim? E as quarenta rapariguinhas que beberam o sangue do terceiro Murad? Já d'ellas nada resta nem sequer uma trança de cabello, nem um fio de um véu, nem um signal nas paredes? E estas phantasias terminavam todas com uma visão dolorosa e horrivel. Via-as passar, em filas interminaveis, ao longe, entre os densos arvoredos, e por baixo dos longos porticos, umas atraz das outras, sultanas validés, sultanas irmãs, cadinas, odaliscas, escravas, meninas apenas esboçadas, mulheres de trinta annos, velhas de cabellos brancos, rostos timidos de virgens e rostos terriveis de ciumentas, dominadoras de impe-

rios, favoritas de um dia, brinquedos de uma hora; creaturas de dez gerações e de cem povos, com os seus filhinhos estrangulados ao collo ou pela mão; uma com o nó na garganta, outra com um punhal no coração, outra encharcada em agua do Mar de Marmara, resplandecentes de joias, cobertas de feridas, moribundas com o veneno, desfiguradas pelas longas agonias do velho Serralho; e passavam mudas e ligeiras como phantasmas ou perdiam-se em filas interminaveis na escuridão dos bosques, deixando atraz de si um longo rasto de flores murchas, e de gotas de pranto e de sangue; e uma immensa piedade me apertava o coração.

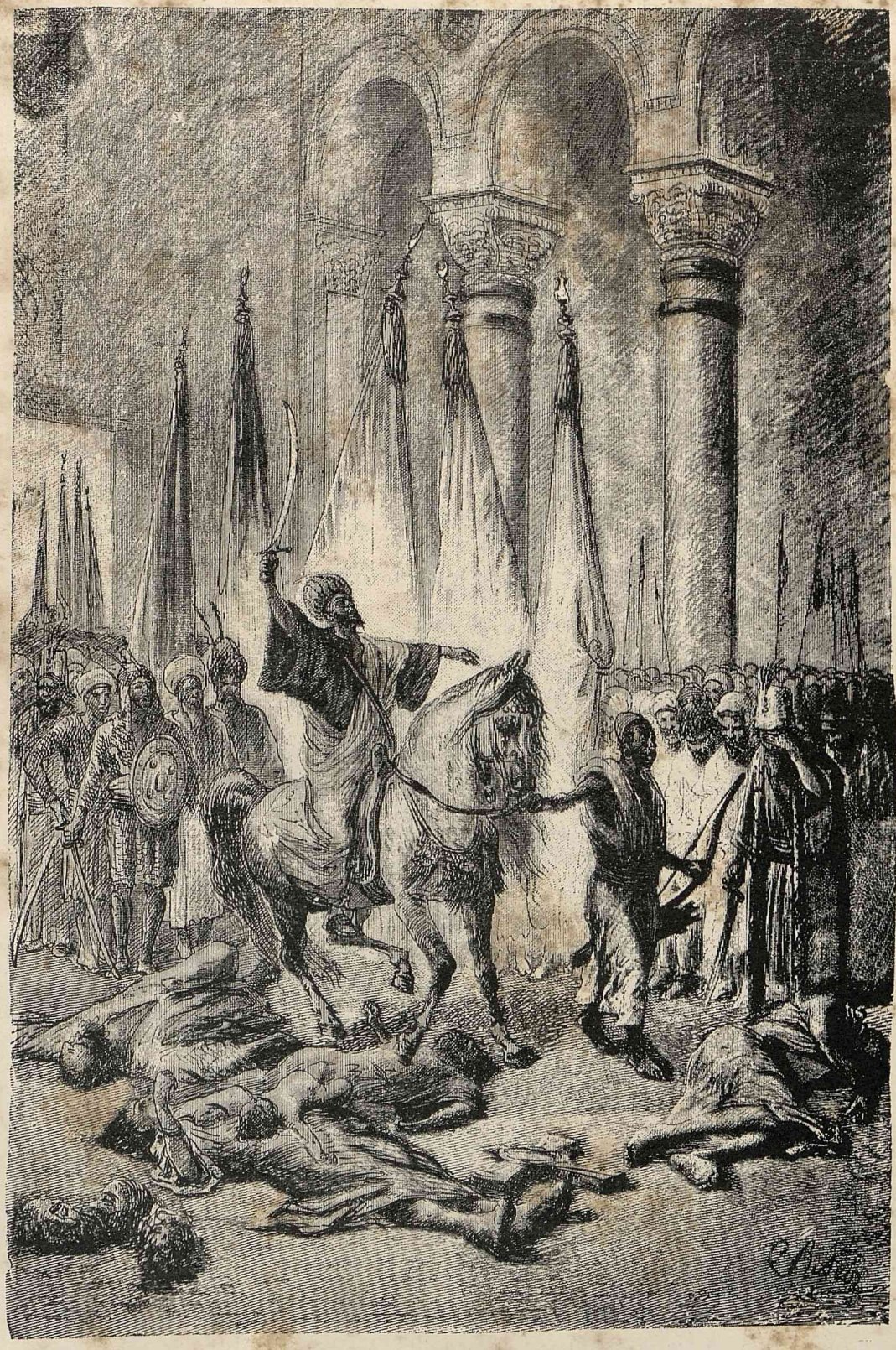
Para além do terceiro recinto, estende-se um espaço de terreno plano, coberto de uma vegetação luxuriante e semeado de pequenes edificios gentís, no meio dos quaes se levanta a chamada columna de Theodosio, de granito cinzento, encimada por nm bello capitel corinthio, e levantada n'um largo pedestal em que se lêem ainda as duas ultimas palavras de uma inscripção latina que dizia: *Fortuna reduci ob devictos Gothos.* E aqui acaba o plan'alto em que se estende o grande rectangulo central dos edificios do Serralho. D'aqui até ao cabo do Serralho, e em todo o espaço comprehendido entre o circuito dos tres recintos e os muros exteriores, e ao longo dos flancos da collina, estava um bosque todo de grandes platanos, de cyprestes altissimos, de alamedas de pinheiros, de grupos de loureiros e de terebinthos e de alamos engrinaldados com pampanos, que assombreavam uma successão de jardins cheios de rosas e de heliotropos, dispostos em amphitheatro, e atravessados por largos degraus de marmore pelos quaes se descia até ao mar. Ao longo dos muros, defronte de Scutari, estava o novo palacio do Sultão Mahomed, que se abria para o mar com uma grande porta revestida de bronze doirado. Proximo do cabo do Serralho erguia-se o harem do estio, que era um vastissimo edificio semi-circular, com capacidade para quinhentas mulheres, com vastos pateos e banhos esplendidos e jardins, onde se fazia aquella illuminação phantastica de luminarias, que se tornou celebre com o nome de *festas das tulipas.* Diante d'este ha-

rem, fóra dos muros, na praia do mar, estava a bateria famosa do Serralho, composta de vinte canhões de fórmas extravagantes, esculpidos e historiados, que tinham sido tomados aos exercitos christãos nas primeiras guerras européas. Os muros tinham oito portas, tres do lado da cidade e cinco do lado do mar. Grandes terraços de marmore avançavam dos muros para a praia. Ruas subterraneas conduzem do Paço ás portas do mar de Marmara, de modo que os Sultões podiam salvar-se de um assalto embarcando secretamente e abrigando-se em Scutari ou em Top-Hané. Nem aqui estava o Serralho todo; proximo dos muros exteriores e pelos flancos da collina levantavam-se ainda muitos kiosques, da fórma de pequenas mesquitas, de fortins e de galerias, de cada uma das quaes, por uma vereda que escondiam altas latadas de verdura, se sahia para as portas secundarias do terceiro recinto. Havia o kiosque Yali, agora destruido, que se espelhava no Corno Aureo. Ha ainda, quasi intacto, o novo kiosque, que é um pequeno paço redondo, todo ornado de doirados e de pinturas, aonde os Sultões iam, ao pôr do sol, gosar a vista dos mil navios do porto. Proximo do harem de verão estava o kiosque dos Espelhos, onde foi assignado o tratado de paz de 1784, pelo qual a Turquia cedia a Criméa á Russia, e o kiosque de Hassan-pachá, todo resplendente de oiro, cujas paredes cobertas de espelhos alegravam com um jogo phantastico de reflexos as festas e as orgias nocturnas dos Sultões. O kiosque do Canhão, por cujas janellas se atiravam ao mar os cadaveres, erguia-se proximo da bateria do Cabo do Serralho. O kiosque do Mar, onde reunia os seus divans secretos a Validé de Mahomet IV, estava como que suspenso por um fio sobre as correntes confundidas do Mar de Marmara e do Bosphoro. O kiosque das Rosas dominava a esplanada onde faziam os pagens os seus exercicios, e onde foi proclamada, em 1839, a nova constituição do Imperio, com o famoso hatti-scheriff de Gul-Hané. Do outro lado do Serralho estava ainda o kiosque das Revistas, d'onde os Sultões viam passar, sem serem vistos, todos os que iam para o divan; no angulo dos muros proximo de Santa Sophia o kiosque de Alai, d'onde Mahomet IV atirou ao exercito rebelde a sua favo-

rita Meleki, e vinte e nove officiaes da Côrte dilacerados á sua vista; e na outra extremidade dos muros o kiosque Sepedgiler, proximo do qual os Padischahs se despediam dos almirantes-móres que partiam para as guerras longinquas. Assim o Paço formidavel, do alto das collinas, onde estavam reunidas e escondidas as suas partes mais vitaes, disseminava-se pela encosta, ao longo da praia do mar, coroado de torres, erriçado de canhões,

Mesquita de Osman.

engrinaldado de rosas; arrojava para todos os lados os seus doirados barquinhos, erguia para o céu uma nuvem de perfumes como um enorme altar, espelhava nas aguas as mil chammas das suas festas, lançava do alto dos seus muros oiro á multidão e cadaveres ás ondas, hontem nas mãos de uma escrava, hoje em poder de um doido, ámanhã ludibrio da soldadesca, bello como uma ilha de fadas e sinistro como um sepulchro de vivos.



Mahomet II entra em Santa Sophia.

Vai alta a noite; o Mar de Marmara reflecte o céu resplandecente de estrellas; a lua prateia as cem cupulas do Serralho, e branqueia as copas dos cyprestes e dos platanos, que estendem as suas grandes sombras pelos vastos recintos, cercados por innumeras janellinhas illuminadas que se vão apagando a uma e uma. Os kiosques e as mesquitas resaltam com uma brancura de neve no meio da verdura lugubre dos bosques. As agulhas, as pontas dos minaretes, as meias luas aéreas, as portas de bronze, as gradesinhas doiradas, scintillam por entre as arvores, apresentando a apparencia vaga de uma cidade de oiro e de prata. A cidade imperial adormece. As tres grandes portas acabaram de se fechar agora mesmo, e as chaves enormes soam ainda nas mãos dos *capidgís,* debaixo das abobadas dos altos vestibulos. Um grupo de *capidgís* vela diante da porta da Saúde; trinta eunuchos brancos guardam a porta da Felicidade, apegados aos muros e immoveis como baixos-relevos, com o rosto na sombra. Centenares de sentinellas invisiveis vigiam dos muros e das portas, olhando para o mar, para o porto, para as ruas tenebrosas de Stambul e para a mole muda e enorme de Santa Sophia. Nas grandes cosinhas do primeiro pateo vê-se ainda o subir e descer das lanternas, que illuminam os ultimos trabalhos, depois fica todo o edificio escuro. Brilha uma luz ainda nas casas do Veznedaragá e do Defterdar-effendi. Alguma coisa se move lentamente, no terceiro recinto, diante da casa do grande Eunucho negro. No labyrintho do harem vão-se fechando as ultimas portas. Os eunuchos giram pelas alamedas desertas, em tôrno dos kiosques escuros, não ouvindo outro ruido senão o rumorejar das arvores agitadas pelo ar do mar e o murmurio monotono das fontes. Parece que reina uma altissima paz em todo o Paço. E comtudo referve ainda uma vida febril dentro d'aquelles muros. De todo aquelle povo de escravas, de soldados, de presos, de servos, erguem-se confusamente os pensamentos da noite, e, superados os muros do Serralho, vôam aos quatro cantos do mundo a procurar logares queridos e mais abandonados desde a infancia, e a percorrer de novo as vicissitudes estranhas e terriveis dos remotos tempos. Cruzam-se as preces e os inarticulados lamentos,

pelos passadiços e pelos bosques escuros, com propositos de vingança e de sangue e com os desejos insensatos das ambições secretas. Dorme o grande Paço um somno turbido, interrompido por subitos sobresaltos de desconfiança e de medo. Confunde-se um murmurio diffuso de palavras em cem linguas com o som das respirações e com o murmurio da vegetação agitada pelo vento. A breve distancia, separados por poucas paredes, dorme o pagem que se prostituio, o iman que prégou a palavra de Deus, o carrasco que matou um innocente, o principe captivo que espera a morte, a sultana enamorada que se prepara para as bodas. Creaturas desherdadas de todos os bens repousam ao lado de riquezas fabulosas; a belleza divina, a disformidade escarnecida, todos os vicios, todas as prostituições da alma e da carne se acham encerradas dentro dos mesmos muros. As architecturas mouriscas, que se erguem acima das arvores, perfilam no céu estrellado as suas mil fórmas extravagantes e aéreas; sobre os muros se estendem sombras graciosas das franjas, dos festões, e das espiguilhas; as fontes illuminadas pela lua jorram saphyras e diamantes; todos os perfumes do jardim vôam, levados pela aragem nocturna, confundidos n'uma fragrancia potente que entra pelas grades nas salas a despertar frémitos de prazer e sonhos lascivos. É a hora em que os eunuchos, sentados debaixo das arvores, com os olhos cravados no frouxo clarão que transluz das janellas dos kiosques, roem a alma e o coração, apalpando com os dedos trémulos o bico do punhal; a hora em que a pobre rapariga, roubada e vendida de fresco, mira, da alta janellinha da sua cella, com os olhos humidos de lagrimas, os horizontes serenos da Asia, chorando a cabana onde nasceu e o valle onde estão sepultados os seus paes; a hora em que o galeote acorrentado, o mudo manchado de sangne, o anão desprezado medem com angustiado tremor a infinita distancia que os separa do homem que está acima de todos, e interrogam dolorosamente o *poder occulto,* que tirou a um a liberdade, ao outro a palavra, ao terceiro a fórma humana para dar tudo a um só. É a hora em que choram os desprezados e em que tremem os grandes, sem confiança no dia de ámanhã. As lanternas espa-

Mesquita do Sultão Bajazet.

Mesquita do Sultão Ahmed

lhadas pelos edificios multiformes illuminam frontes pallidas de thesoureiros curvadas sobre as escripturações; cabeças desgrenhadas de odaliscas, desesperadas com um longo abandono, que procuram o somno debalde nos travesseiros abrazados; rostos bronzeados de janizaros herculeos, adormecidos com um sorriso feroz, que trae a visão de uma mortandade. Os muros subtis sentem anhelitos de voluptuosidade e soluços interrompidos por palavras desesperadas. E emquanto n'um kiosque espuma o licor maldito no meio de um circulo de bacchantes semi-nuas; emquanto n'uma sala meio-escura uma sultana, mãe de um instante, esconde, gritando, o rosto nos travesseiros para não vêr um lago de sangue em que expira a sua creatura, a quem, por ordem do Padischah, a parteira deixou aberto o cordão umbilical; emquanto as cabeças dos beys, assassinados ao cahir da noite, deixam escorrer sobre os marmores dos nichos de Bab-Umaiun as suas ultimas gotas de sangue; no kiosque mais alto do terceiro recinto, n'uma sala alcatifada de damasco vermelho, sobre um leito de martha zibellina, no meio de uma desordem magnifica de coxins aljofrados e de cobertas de veludo resplandecentes de oiro, sobre as quaes desce a luz vaga de uma lanterua mourisca de prata cinzelada, suspensa do tecto de cedro, uma bella rapariga trigueira, envolta n'um grande véu branco, que ha poucos annos guardava gado nas planuras da Arabia Feliz, inclinada sobre o rosto pallido do terceiro Murad, que descança, dormitando, a seus pés, murmura-lhe com voz timida e branda: — Era uma vez em Damasco um mercador chamado Abd-Eyúb, que tinha juntado muitas riquezas e vivia honradamente. E tinha um filho que era formoso e que sabia muitas coisas e se chamava Escravo de amor e uma filha lindissima, que tinha por sobre-nome Força dos corações. Ora Abd-Eyúb veio a morrer e deixou todas as suas mercadorias enfeixadas e amarradas, e em cima de todas estava escripto: Para Bagdad. E Escravo de amor perguntou á mãe: — Porque é que está escripto «Para Bagdad» em todas as mercadorias de meu pae? E a mãe respondeu: — Meu filho. . . » Mas o Padischah adormeceu, e a escrava deixa cahir brandamente a sua cabeça sobre os travesseiros. Todas as portas do harem es-

tão fechadas, estão apagadas todas as luzes, a lua prateia as cem cupulas, as meias luas, e as janellas doiradas scintillam entre as arvores, as fontes correm rumorosamente no alto silencio da noite; todo o Serralho repousa.

E assim repousa ha trinta annos, abandonado na sua collina solitaria; e podem repetir-se por isso os versos do poeta persa que acudiram aos labios de Mahomet o conquistador, quando poz o pé no palacio devastado dos imperadores do Oriente: A immunda aranha urde as suas teias nas salas dos reis, e dos pincaros soberbos de Erasciab, vibra o corvo no ar o seu canto sinistro.

OS ULTIMOS DIAS

N'este ponto acho despedaçada a cadeia das reminiscencias minuciosas e lucidas que permittem as longas descripções, e não me recordo já senão de uma serie de correrias azafamadas de uma margem para a outra do Corno Aureo e da Europa para a Asia, depois das quaes, á noite, via passar por diante de mim, rapidissimamente, como n'um sonho, cidades luminosas, multidões immensas, bosques, frotas, collinas, e o pensamento da proxima partida dava a todas as coisas uma ligeira côr de tristeza, como se aquellas visões não fossem já senão recordações de um paiz longinquo.

E comtudo algumas imagens ficam immoveis no meio da fuga de pessoas e de coisas, a que me parece assistir quando penso n'aquelles dias.

Recordo-me da bella manhã em que visitei a maior parte das mesquitas imperiaes, e, pensando n'isso, parece-me ainda que se faz em tôrno de mim um immenso vacuo e um silencio solemne. A imagem de Santa Sophia não diminue inteiramente o assombro que se experimenta quando o viajante se vê pela primeira vez dentro d'aquelles muros titanicos. Tambem ali, como n'outros sitios, a religião dos vencedores se appropriou da arte religiosa dos vencidos. Quasi todas as basilicas são imitadas da Basilica de Justiniano; tem a grande cupula, as meias cupulas sub-postas, os pateos

os porticos; alguns, a fórma de cruz grega. Mas o islamismo espalhou sobre todas as coisas a côr e a luz propria, de modo que o complexo d'aquellas fórmas conhecidas apresenta o aspecto de um edificio novo em que se entrevêem os horizontes de um mundo desconhecido e se sente a aura de outro Deus. São naves enormes, de uma simplicidade austera e grandiosa, brancas por todos os lados, e illuminadas por janellas innumeras que põem em toda a parte uma luz branda e igual; em que o olhar vê tudo, de uma a outra extremidade, e descança, juntamente com o pensamento, quasi adormecido n'uma quietação suave e diffusa, que se assemelha á de um valle nevoso coberto por um céu branco. Não julgariamos estar n'um logar fechado se não sentissemos o echo sonoro dos nossos proprios passos. Não ha nada que distraia a mente: o pensamento vai direito, atravéz d'aquelle vacuo e d'aquella claridade, ao objecto da adoração. Não ha argumento nem de melancholia nem de terrores, não ha nem illusões, nem mysterios, nem recantos escuros, em que brilhem vagamente as imagens de uma gerarchia complicada de seres sobre-humanos, que confundem a mente; não ha senão a idéa clara, nitida, deslumbrante, formidavel, de um Deus solitario, que ama com predilecção a mudez severa dos desertos inundados de luz, e não admitte outro simulacro de si proprio que não seja o céu. Todas as mesquitas imperiaes de Constantinopla apresentam este mesmo aspecto de grandeza que exalta a mente e de simplicidade que a fixa n'um só pensamento, e tão pouco differem nas particularidades que é difficil recordal-as a uma e uma. A mesquita de Ahmed, enorme, e comtudo graciosa e ligeira á vista, como um edificio aéreo, apoia a sua cupula sobre quatro desmedidas pilastras de marmore redondas, em cujo seio se poderiam abrir quatro pequenas mesquitas, e é a unica de Stambul que tem a corôa gloriosa de seis minaretes. A mesquita de Solimão, que é, mais do que um templo, uma cidade sagrada, em que o estrangeiro se perde, é formada de tres naves, e a sua cupula, mais alta do que a de Santa Sophia, repousa sobre quatro columnas maravilhosas de granito côr de rosa, que fazem pensar nos troncos das famosas arvores gigantescas da Cali-

O Sultão indo á mesquita.

fornia. A mesquita de Mahomet é uma Santa Sophia branca e alegre, a de Bajazet gosa a primazia da elegancia das fórmas; a de Osman é toda de marmore; a de Sciá-Zadé tem os dois mais graciosos minaretes de Stambul; a de Ak-Seraí é o mais gentil modelo do renascimento da arte turca; a de Selim é a mais grave, a de Mahomet a mais caprichosa. a da Sultana Validé a mais ornada. Cada uma tem alguma belleza que lhe seja propria ou uma lenda ou um privilegio. Sultão-Ahmed guarda o estandarte do propheta. Sultão-Baizit está coroada de pombas, Solimanié orgulha-se das inscripções de Kara-hissari, Validé-Sultão tem a falsa columna de oiro que custou a vida ao conquistador da Canéa; Sultão-Mehemet «vê onze mesquitas imperiaes inclinar a cabeça diante d'ella, como diante do feixe de espigas de José se inclinavam os feixes dos seus irmãos. N'uma erguem-se as columnas do palacio imperial e do Augusteon de Justiniano, que sustentaram as estatuas de Venus, de Theodora e de Eudoxia; n'outras encontram-se os marmores das igrejas antigas de Chalcedonia, columnas das ruinas de Troia, pilastras de templos do Egypto, vidros preciosos roubados aos paços persas, materiaes de circos, de fóros, de aqueductos, de basilicas: tudo confundido e esvaído na immensa alvura da religião vencedora. Dentro, differem ainda menos do que na fórma externa. No fundo, ha um pulpito de marmore; em frente a tribuna do Sultão fechada por uma grade doirada; ao lado do Mihrab dois candelabros enormes que sustêem tochas da altura de troncos de palmeiras; e por toda a nave, lampadas innumeras formadas de grandes globos de vidro, e dispostas de uma fórma extravagante, que parece mais propria de uma grande festa de baile do que de uma solemnidade religiosa. As grandes inscripções sagradas, que giram em tôrno das pilastras, das portas, das janellas da cupula, algum friso fingido pintado á imitação do marmore, e os vidros desenhados e coloridos em flores, são os unicos ornatos que resaltam na branca nudez d'aquelles muros monumentaes. São profusos os thesouros de marmore nos pavimentos dos vestibulos, nos porticos que circumdam os pateos, nas fontes para abluções e nos minaretes; mas não alteram o caracter graciosamente sobrio e austero do

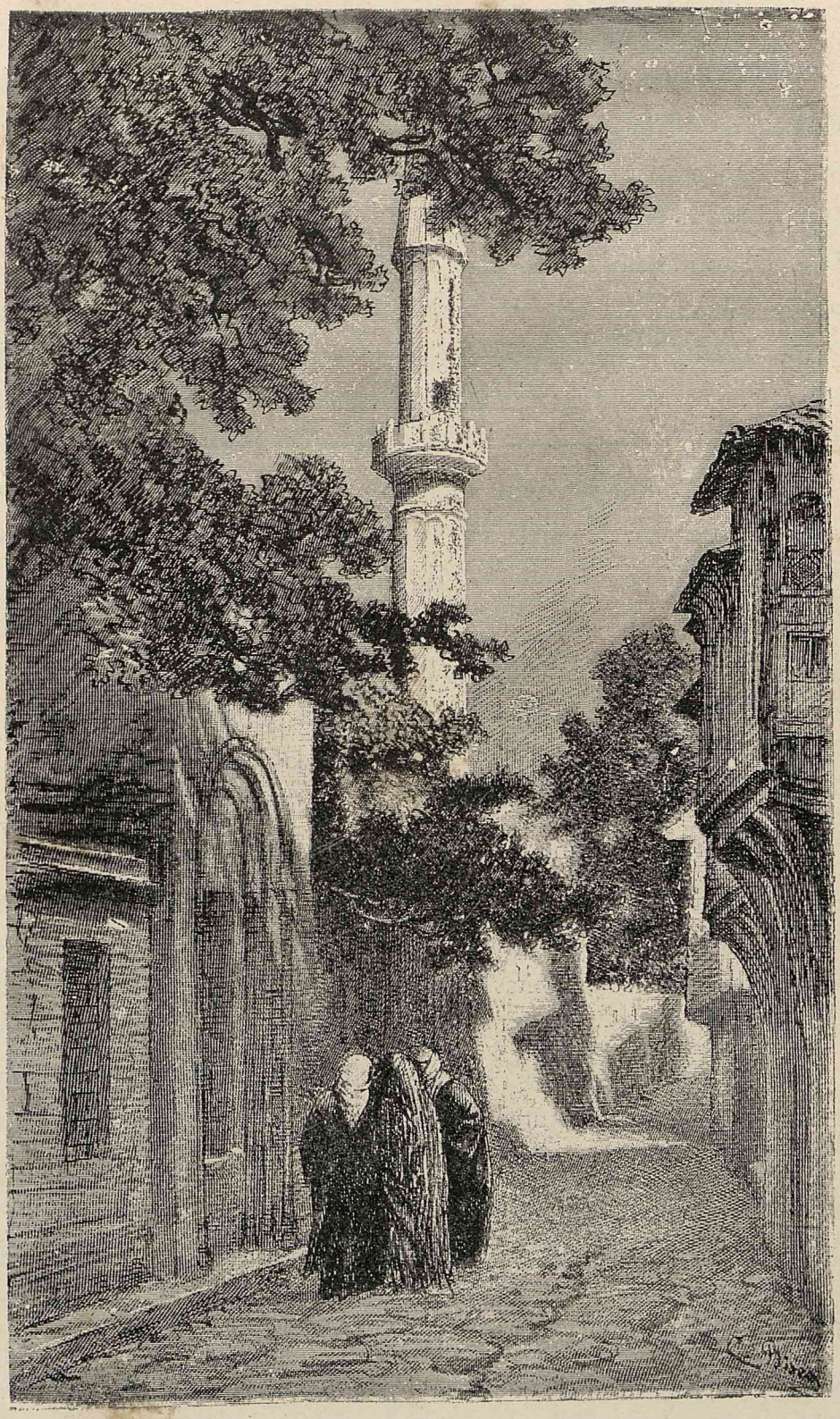
edificio, todo branco, cercado de verdura e coroado de cupulas scintillantes no azul do céu. E a mesquita não occupa senão a parte menor do recinto, que abraça um labyrintho de pateos e de casas. E aqui ha auditorios para a leitura do Alcorão e logares de deposito para os thesouros dos particulares, bibliothecas e academias, escolas de medicina e escolas para creanças, alojamentos para os estudantes e cosinhas para os pobres, casas de doidos, enfermarias, albergues para os viajantes, salas de banho: uma pequena cidade hospitaleira e benefica, apinhada em tôrno da mole altissima do templo, como aos pés de uma montanha, e sombreada por arvores gigantescas. Mas todas estas imagens se escureceram na minha mente; e já não vejo, n'este ponto, senão a pequena manchinha negra da minha pessoa, quasi perdida, como um atomo, nas enormes naves, no meio de longas filas de pequenissimos turcos prostrados que rezam; e sigo para diante offuscado por aquella brancura, assombrado por aquella luz estranha, atordoado com aquella immensidade, arrastando os meus chinellos acalcanhados e o meu orgulho esmagado de descriptor; e parece-me que uma mesquita se confunde com a outra, e que se estende, em tôrno de mim, em todas as direcções, uma successão interminavel de pilastras e de abobadas, uma multidão branca infinita, na qual o meu olhar se perde.

As recordações de outro dia são todas escuras e cheias de mysterios e de phantasmas. Entro no pateo de uma casa musulmana, desço, á luz de um archote, até ao ultimo degrau de uma escada tetrica e humida, e acho-me debaixo das abobadas de Kere-batan Serai, a grande *cisterna basilica* de Constantino, da qual diz o vulgo de Stambul que se não conhecem os confins. Perdem-se as aguas esverdeadas debaixo das abobadas negras, illuminadas aqui e além por um lampejo de lívida luz que augmenta o horror das trevas. O archote dá uma côr de fogo aos arcos proximo da porta, faz scintillar os muros gotejantes, e revela confusamente filas interminaveis de columnas, que interceptam o olhar por todos os lados como os troncos das arvores n'uma densissima floresta alagada. Arroja-se a

phantasia, attrahida pela voluptuosidade do terror, por aquellas fugas de porticos sepulchraes, voando por cima das aguas sinistras, e perde-se em infinitos giros vertiginosos no meio das columnas innumeras, emquanto a

Fanatismo musulmano.

voz submissa de um drogman conta as historias pavorosas de quem se aventurou n'uma barca por aquelle subterraneo para lhe descobrir os confins, e voltou para traz muitas horas depois, remando desesperadamente, com o rosto desfigurado e com os cabellos erriçados, emquanto nas abobadas longinquas echôam risadas clamorosas e agudos assobios; e de outros



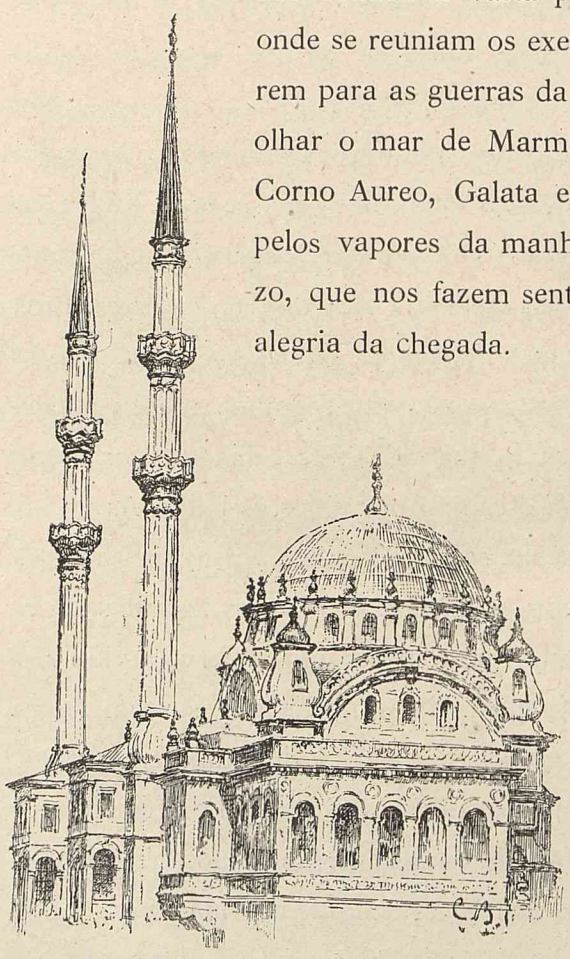
Rua de Eyub á beira do Corno Aureo.

que não mais voltaram, que acabaram quem sabe como? talvez enlouquecidos pelo terror, talvez arrastados por uma corrente mysteriosa para um abysmo desconhecido, muito distante de Stambul, só Deus sabe onde. Esta visão lugubre desapparece subitamente na grande luz da praça do At-meidan, e poucos minutos depois acho-me de novo debaixo da terra, entre as duzentas columnas da cisterna enxuta Bin-birdirek, onde fiam seda cem operarios gregos, cantando com vozes agudas uma canção guerreira, illuminados por um raio de luz pallida que se quebra nos encruzamentos das arcadas; e sinto sobre a minha cabeça o estrepito confuso de uma caravana que passa. Depois de novo o ar livre e a luz do sol, e depois de novo a escuridão, debaixo de outras arcadas seculares, no meio de uma quietação de sepulchro, perturbada por um frouxo som de vozes longinquas; e assim até á noite uma peregrinação mysteriosa e pensativa, depois da qual me fica por muito tempo diante dos olhos a imagem de um vasto lago subterraneo, em que se immergia a metropole do imperio grego, e em que Stambul, ridente e incauta, deve um dia pela sua vez desapparecer.

Toda esta escuridão se esvae diante da imagem esplendida de Scutari. Indo a Scutari n'um vapor apinhado de gente, discutiamos, sempre, eu e o meu amigo, a quem pertencia a primazia da belleza, se a Scutari se ás duas margens do Corno Aureo. Junck preferia Scutari; eu Stambul. Mas Scutari enamorava-me com as suas subitas mudanças de aspecto, com as quaes parece querer escarnecer de quem d'ella se approxima pelo mar. Olhando-se para ella do Mar de Marmara, não parece senão uma aldeia estendida sobre uma collina. Olhada do Corno Aureo, apresenta já o aspecto de uma cidade. Mas, quando o vapor, girando em tôrno da ponta mais avançada da margem asiatica, vai direito ao seu porto, então a cidadinha alarga-se e levanta-se; as collinas cobertas de edificios pulam uma atraz da outra; os arrabaldes desembocam dos valles, as quintas disseminam-se pelas alturas; a margem, toda pintalgada de casinhas, desenrola-se a perder de vista; uma cidade enorme, pomposa, theatral, que se não póde comprehender onde podia ter estado escondida, descobre-se aos nossos olhos em poucos momentos co-

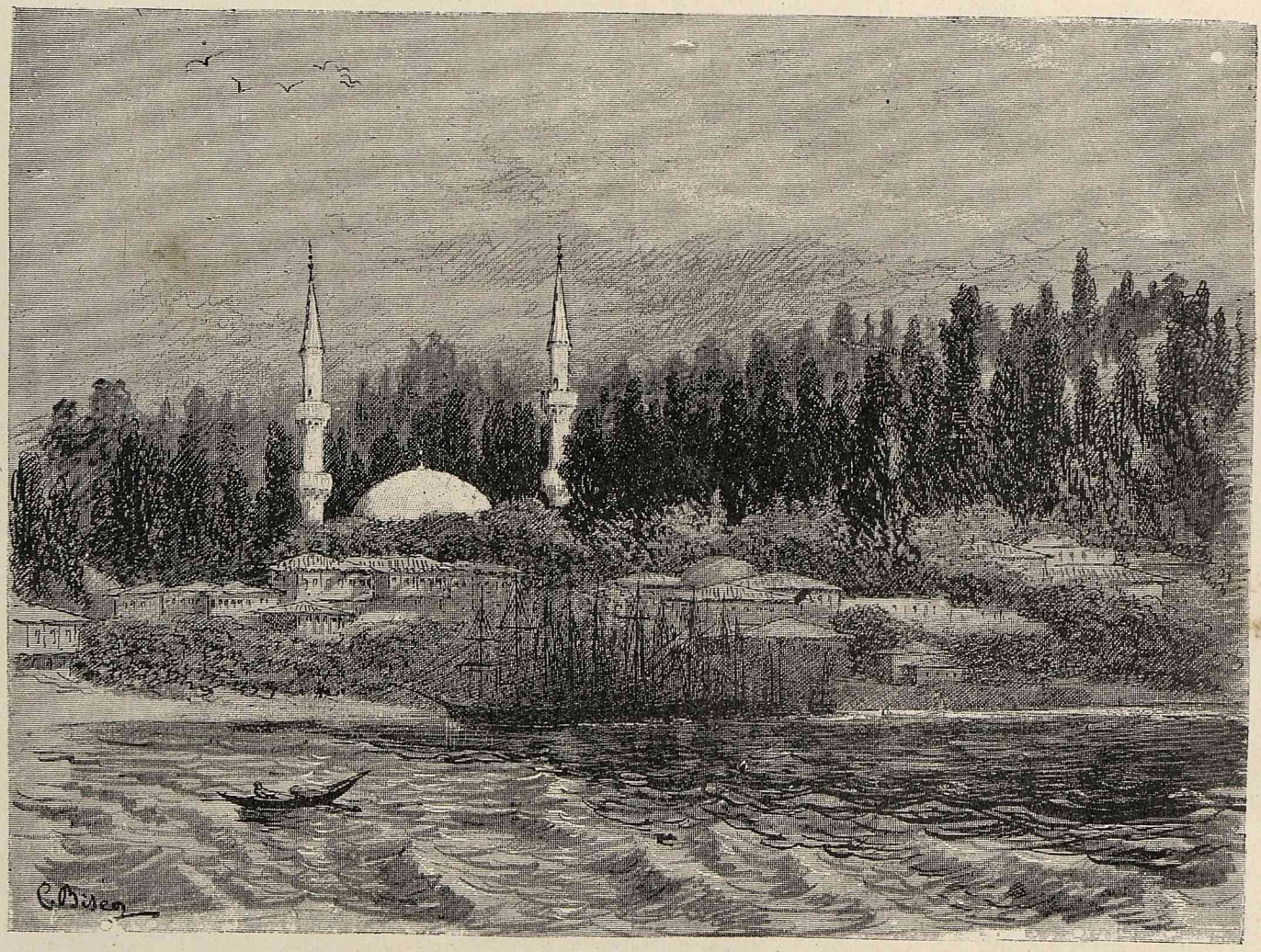
mo ao levantar de um panno immenso de theatro, e faz com que fiquemos ali estupefactos como esperando que torne a desapparecer. Desce-se por uma escada de madeira, entre uma chusma variegada de barqueiros, de alugadores de cavallos, de drogmans, e segue-se pela rua principal, que sobe docemente, serpeando, no meio de casinhas vermelhas e amarellas, vestidas de hera e de pampanos, entre muros de jardins cheios de verdura, debaixo de altas latadas, á sombra de grandes platanos que fecham quasi a passagem; passa-se diante de cafés turcos, atulhados de vadios asiaticos, que fumam estirados, com os olhos fitos não se sabe onde; encontram-se rebanhos de cabras, carros de campo pesadissimos, puxados por bufalos com a cabeça enramada de flores, camponezes de fez e de turbante, enterros musulmanos, e grupos de *hanuns* em *villeggiatura,* que levam ramalhetes de flores. Parece que se vê outra Stambul, menos magestosa, mas mais alegre e mais fresca do que a das sete collinas.É como uma grande cidade campestre. Invade-a o campo por todos os lados. As viellas, flanqueadas de choupanas de presepio, sobem e descem por collinas a valles, e perdem-se na verdura dos jardins e das hortas. Nas partes altas da cidade reina a paz profunda do campo; nos sitios baixos referve a vida azafamada das cidades maritimas; dos grandes quarteis que surgem aqui e além sae um alarido confuso de gritos, de cantos e de tambores, e milhares de passarinhos saltitam pelos becos solitarios. Seguindo um enterro, sahimos da cidade, entramos no cemiterio famoso, perdemo-nos n'uma grande floresta de cyprestes altissimos que se estende de um lado para o mar de Marmara e do outro para o Corno Aureo, por cima de um vasto terreno montuoso. As pedras sepulchraes alvejam em tôrno até aonde chega o olhar, em montes, em filas interminaveis, no meio dos cippos pintados e doirados, direitos e tombados entre as cancellas dos sepulchros de familia, entre os pequenos mausoleus dos pachás, entre os columnelos toscos do vulgo, vendo aqui e além ramalhetes de flores murchas, e toutiços de craneos que sahem da terra revolvida, ouvindo arrulhar por todos os lados as pombas escondidas nos cyprestes; e de subito, parece que a floresta se

alarga, que as pedras pullulam, que as veredas se multiplicam, que a faxa luminosa do horizonte se affasta, que o reino da morte avança passo a passo comnosco; e começamos a perguntar a nós mesmos como sahiremos d'ali, quando desembocamos inesperadamente n'uma larga alameda, que nos conduz á vasta planura aberta de Haidar-pachá, onde se reuniam os exercitos musulmanos para marcharem para as guerras da Asia, e d'ali abraçarem com um olhar o mar de Marmara, Stambul, a embocadura do Corno Aureo, Galata e Pera, tudo velado ligeiramente pelos vapores da manhã e tingido pelas côres do paraizo, que nos fazem sentir um fremito da maravilha e da alegria da chegada.



Architectura sacra.

Outra manhã mettemo-nos n'um carro do *tramway,* no meio de dois colossaes eunuchos negros, encarregados por um ajudante de campo de Abdul-Aziz de nos levar a visitar o palacio imperial de Caragan, collocado na margem do Bosphoro aos pés do arrabalde de Bechic-Tass. Recordo-me do sentimento indefinivel, mixto de curiosidade e de repugnancia, que eu experimentava olhando com o rabo do olho para o eunucho que estava a meu lado, a quem eu dava pelo hombro, e que tinha estendida em cima do joelho uma desmesurada mão; e de cada vez que eu me voltava sentia um perfume ligeiro de essencia de bergamota que sahia das suas vestes lusidias e correctas de cortezão. Quando o carro parou metti a mão á algi-

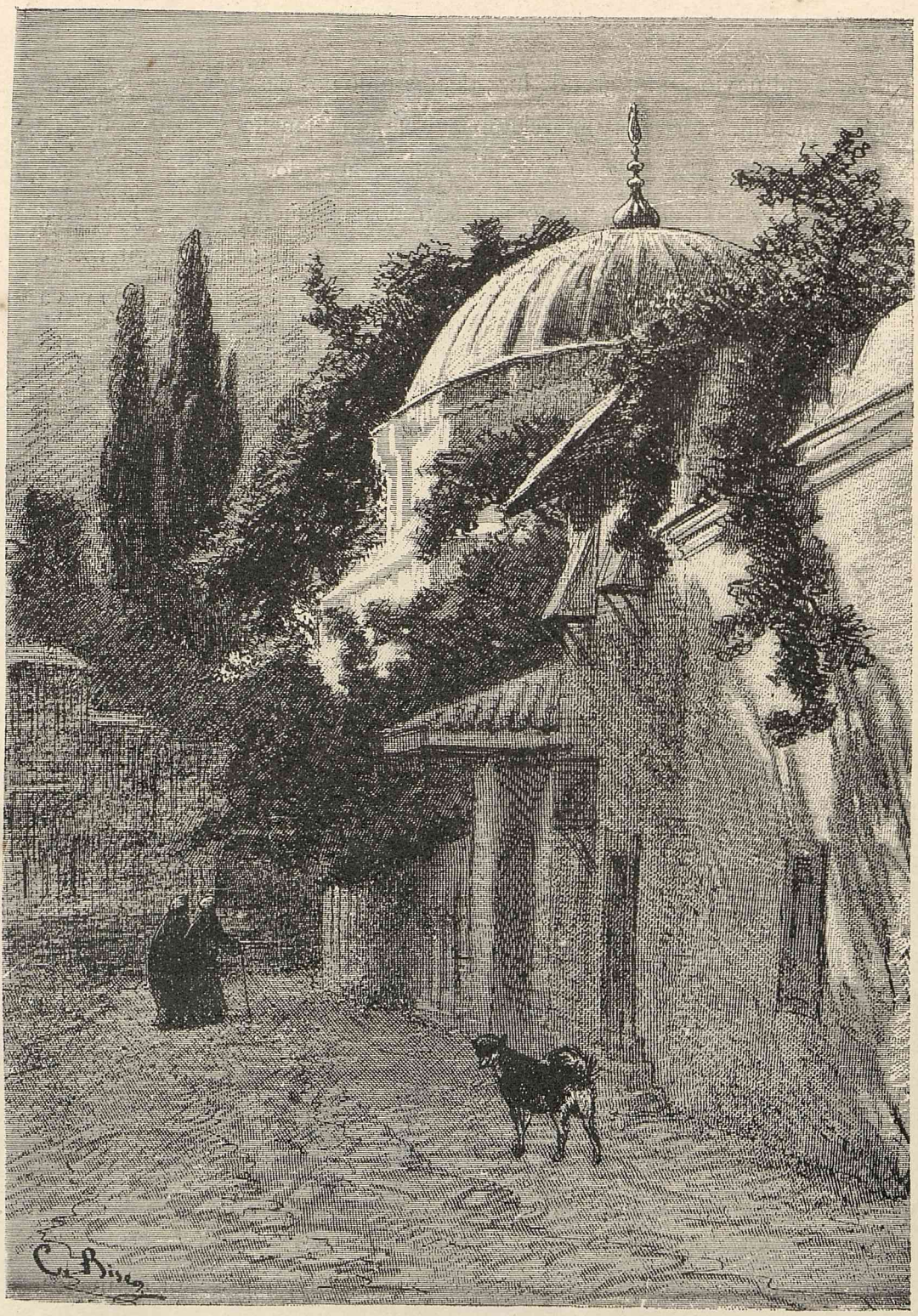


A collina de Eyub á beira do Corno Aureo.

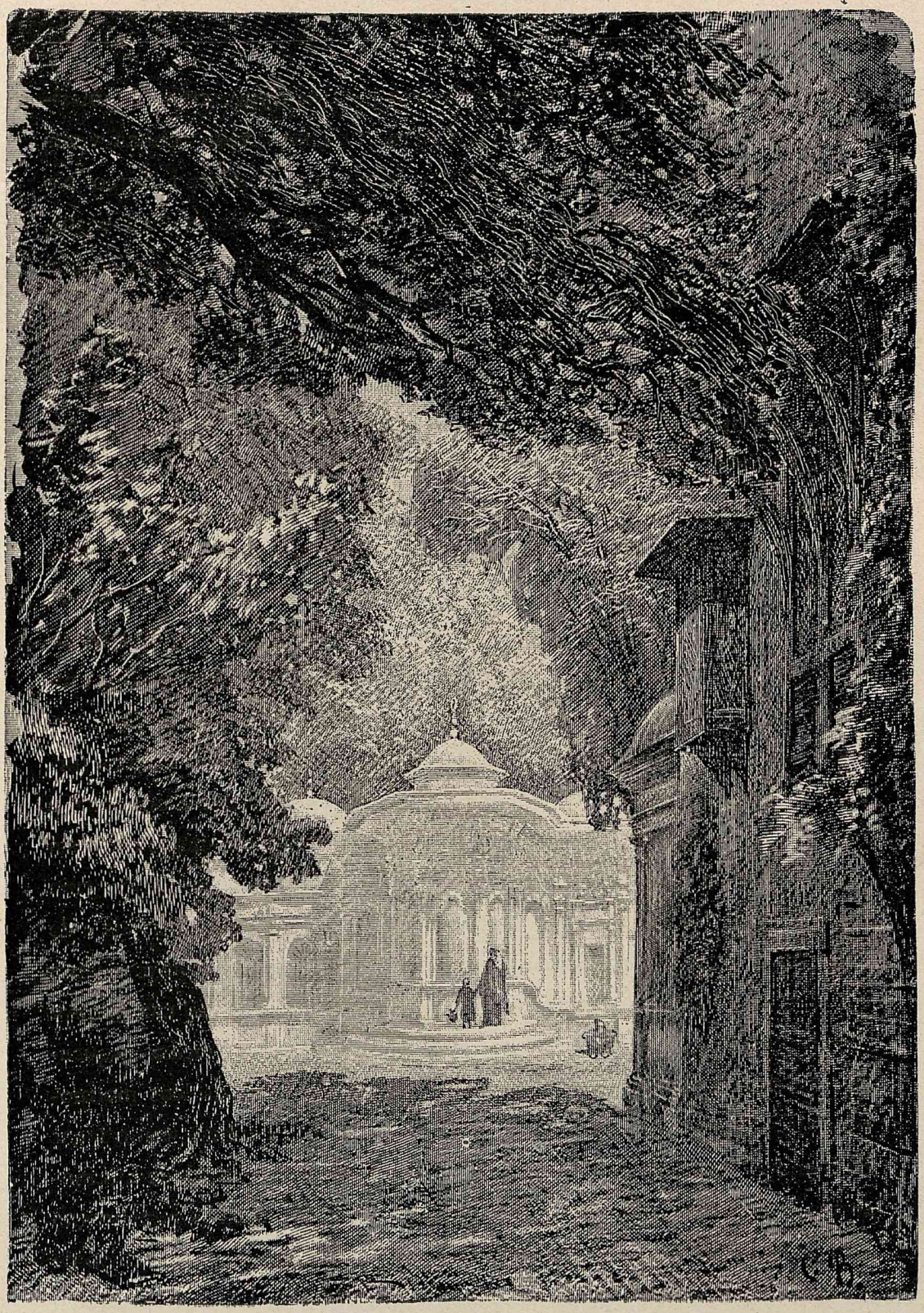
beira para tirar o *porte-monnaie;* mas a mão enorme do eunucho agarrou-me no braço como uma tenaz de ferro, e os seus grandes olhos de negro fitaram-se nos meus como para me dizer: — Christão, não me faças essa affronta ou quebro-te os ossos. Apeiamo-nos diante de uma pequena porta com arabescos, percorremos um longuissimo corredor onde veio ao nosso encontro um grupo de criados de libré, e, enfiadas as babuchas, subimos por uma larga escada, que deitava para as salas do Paço. Aqui não houve necessidade de evocar as recordações historicas para se ter uma illusão da vida. O ar estava ainda quente com o halito da Côrte. Os larguissimos divans, cobertos de veludo e de setim, eram exactamente aquelles nos quaes, poucas semanas antes, se tinham sentado as odaliscas do Grão Senhor. Ainda enchia o ar um vago perfume de vida molle e faustosa. Passou-se por um longo giro de salas, ornadas com um estylo mixto de europeu e de mourisco, nitidissimas e formosas com uma certa simplicidade soberba, que nos fazia abaixar a voz; emquanto os eunuchos, murmurando explicações incomprehensiveis, nos indicavam ora um canto, ora uma porta, com um gesto circumspecto, como se apontassem para um mysterio. As cortinas de seda, os tapetes de mil côres, as mezas de mosaico, os bellos quadros a oleo postos contra a luz, os bellos quadros de stalactites das portas entre-meiadas com collumnasinhas arabes, os altissimos candelabros semelhantes a arvores de crystal que tiniam rumorosamente quando nós passavamos, succediam-se e confundiam-se, apenas se acabavam de vêr, na nossa phantasia, toda empenhada em seguir imagens fugitivas de cadinas surprehendidas. Não me ficou diante dos olhos senão a sala de banhos do Sultão, toda de marmore branquissimo, rendilhada em stalactites, em flores pendentes, em franjas e em bordados aéreos, de uma delicadeza, que faz temer que se quebrem ao tocar-se-lhes com a ponta dos dedos. A disposição dos quadros recordava-me vagamente a Alhambra, caminhavamos á pressa por cima de tapetes espessissimos sem fazermos rumor, quasi furtivamente. De quando em quando um eunucho puxava um cordão, levantava-se uma cortina verde, e viamos, por uma ampla janella, o Bosphoro,

a Asia, mil navios, uma grande luz; depois tudo nos desapparecia de subito como que offuscados por um relampago. De uma janella vêmos de fugida um pequeno jardim, fechado por altos muros, aceiado, regrado, monachal, que nos revelou n'um momento mil segredos melancholicos de formosas mulheres sequiosas de amor e de liberdade, e desappareceu subitamente por traz da cortina. E as salas não acabavam nunca, e, á vista de cada nova porta, apressavamos o passo para apparecermos insperadamente na nova sala; mas não se via já nem sequer a cauda de um vestido, tinham desapparecido as odaliscas, reinava um silencio profundo por toda a parte, o ruge-ruge que nos fazia olhar para traz curiosamente não era senão o dos pesados reposteiros de brocado que recahiam no limiar da porta; e o tintinar dos candelabros de cristal parecia a risada argentina de alguma favorita escondida que escarnecia de nós. E afinal tornou-se odioso aquelle giro interminavel por aquelle Paço mudo, entre aquellas riquezas mortas, vendo reflectidas a cada passo, pelos grandes espelhos, aquellas caras negras dos eunuchos, aquelle grupo sinistro de servos pensativos, e os nossos dois rostos attonitos de vagabundos; e sahimos quasi correndo, e experimentámos um grande prazer em nos tornarmos a encontrar ao ar livre, entre as casas miseraveis, no meio do populacho andrajoso e vociferante do bairro de Top-Hané.

E como esquecermo-nos da necropole de Eyub? Fomos ali uma tarde ao pôr do sol. Conduzio-nos um cahique ligeirissimo até ao fundo do Corno Aureo, e subimos á «terra santa» dos Osmanlis por uma vereda ingreme, flanqueada de sepulchros. A essa hora os cinzeladores que trabalham de dia em tôrno dos cippos, e fazem echoar na vasta necropole as suas pancadas sonoras tinham já partido; o logar estava deserto. Fomos para diante, circumspectos, olhando em tôrno de nós para vêr se apparecia o rosto suave de um iman ou de um derviche, pois que ali ainda se tolera menos, do que em qualquer outro logar sagrado, a curiosidade profana de um giaúr; mas não vimos nem chapéus altos nem turbantes. Chegámos, com



Rua de Eyub á beira do Corno Aureo.



Em Eyub.

alguma trepidação, áquella mysteriosa mesquita de Eyub, cujas cupulasinhas scintillantes e cujos minaretes ligeiros tinhamos visto muitas vezes das collinas da outra margem e de todas as enseadas do Corno Aureo. No pateo, á sombra de um grande platano, levanta-se, em fórma de kiosque, perpetuamente illuminado por uma corôa de lampadas, o mausoléo que encerra o corpo do famoso porta-estandarte do Propheta, que morreu com os primeiros musulmanos, debaixo dos muros de Byzancio, e que foi encontrado oito seculos depois sepultado n'aquella margem por Mahomet o Conquistador. Consagrou-lhe Mahomet aquella mesquita aonde vão os Padischahs cingir solemnemente a espada de Othman; pois que é aquella a mesquita mais santa de Constantinopla como o cemiterio que o cerca é o mais sagrado dos cemiterios. Em tôrno da mesquita, á sombra das grandes arvores, erguem-se *turbés* de Sultanas, de vizires, de grandes da Côrte, cercados de flores, esplendidos de marmores e de arabescos de oiro, ornados com inscripções pomposas. Áparte está o templosinho funebre dos muphtis, coberto por uma cupula octogona, em que descançam os grãos-sacerdotes, encerrados em enormes eças negras, tendo por cima altissimos turbantes de musselina. É uma cidade de tumulos, toda branca e umbrosa, e regiamente gentil, que, justamente com a tristeza religiosa, inspira não sei que sentimento de sugeição mundana, como um bairro aristocratico, cuja mudez é um silencio soberbo. Passa-se por meio de muros brancos e de cancellas delicadissimas d'onde desce em grinaldas e em tranças a verdura dos jardins funebres, e irrompem os ramos das acacias, dos carvalhos e das murtas, e pelas redes de ferro doirado que fecham as janellas arqueadas dos *turbés,* viam-se lá dentro, n'uma luz suave, os mausoléos marmoreos, tingidos com os reflexos verdes das arvores. Em nenhum outro logar de Stambul se manifesta tão graciosamente a arte musulmana de aformosear a imagem da morte e de fazer com que se fite n'ella o pensamento sem terror. É uma necropole, um paço, um jardim, um pantheon cheio de melancholia e de graça, que chama a um tempo aos labios a prece e o sorriso. E por todos os lados se estendem em tôrno da cidade os cemite-

rios, sombreados por cyprestes seculares, atravessados por alamedas serpeiantes, brancos com myriades de cippos, que parece que se despenham pelas encostas abaixo para se irem atufar nas aguas ou que se apinham ao longo das veredas para verem passar larvas. E de mil recessos escuros, desviando as moitas, se vê, á direita, confusamente, a longinqua Stambul, que apresenta o aspecto de uma fuga de cidades azulinas, destacadas umas das outras; por baixo o Corno Aureo, em que lampeja o ultimo raio de sol; defronte os arrabaldes de Sudlugé, de Halidgi-Ogli, de Piri-Pachá, de Hass-Kioi, e mais ao longe o grande bairro de Kassim e o perfil vago de Galata, perdidos n'uma doçura infinita de tintas trémulas e desmaiadas, que não parecem coisa d'este mundo.

Tudo isto se desvanece, e acho-me a passeiar em compridissimas salas, no meio de duas filas immoveis de figuras sinistras, que parecem cadaveres emparedados. Não me recordo de ter experimentado nunca um sentimento tão vivo de repugnancia, a não ser em Londres na ultima sala do museu Tussaud, onde se entre-vêem na escuridão os mais horrendos assassinos da Inglaterra. É como que um museu de espectros, ou antes um sepulchro aberto, em que se mostram momificados os mais famosos personagens d'aquella velha Turquia esplendida, extravagante e feroz, que não existe já senão na memoria dos velhos e na phantasia dos poetas. São centenares de grandes figuras de madeira, coloridas, vestidas com os velhos trajos, hirtos, em attitudes rigidas e soberbas, com os rostos erguidos, os olhos esbogalhados, com as mãos no punho das espadas, que parece que esperam um signal para as desembainhar e fazer sangue, como nos bons tempos de outr'ora. Primeiro vem a casa do Padischah, o eunucho-mór, o grão-vizir, os muftís, camaristas e officiaes-móres, com a cabeça coberta de turbantes de todas as côres, pyramidaes, espherícos, quadrados, enormes, prodigiosos, com caftans de brocado de côres brilhantes, cobertos de bordados, com tunicas de seda vermelha e de seda branca, apertadas na cinta por fachas de casimira, com mantos doirados, com os

peitos cobertos de alamares de oiro e de prata, com armas principescas: duas longas filas de espantalhos extravagantes e esplendidos que revelam de um modo admiravel a natureza da antiga côrte ottomana, descaradamente fautosa e barbaramente soberba. Seguem-se os pagens que levam as pellissas do Padischah, o turbante, o escabello, a espada. Depois os guardas das portas e dos jardins, os guardas do Sultão, os eunuchos brancos e os eunuchos pretos, com rostos de magos e de idolos, scintillantes, emplumados, com as cabeças cobertas de chapéus persas e de capacetes metallicos, de barretes purpureos, de turbantes extranhos, da fórma de meias luas, de cones, de pyramides invertidas; armados de varas de ferro, de punhaes e de cacetes como um bando de assassinos e de carrascos; e um olha com uns ares de desprezo, outro range os dentes, um terceiro esbogalha para fóra das orbitas dois olhos sedentos de sangue, um quarto sorri com uma expressão de sarcasmo satanico. E no fim o corpo dos janizaros, com o seu santo padroeiro Emin-babá, esqueletico, vestido com uma tunica branca, e officiaes de todos os postos symbolisados pelos varios officios da cozinha, e soldados de todas as classes com todos os emblemas e todos os uniformes d'aquelle exercito insolente exterminado pela metralha de Mahmud. E aqui a extravagancia grotesca e pueril dos vestuarios, misturada com o terror das memorias, produz a impressão de uma palhaçada feroz. A mais desenfreada imaginação de um pintor não conseguiria nunca formar tão doida confusão de vestimentas de reis, de sacerdotes, de bandidos e de bobos. Succedem-se em longas filas os «aguadeiros,» os «chefes dos bichos da cosinha», os soldados encarregados de serviços especiaes, com os arcabuzes e com as colheres no turbante, com os chocalhos pendurados das tunicas, com os odres, com as marmitas famosas que davam o signal das revoltas, com os grandes barretes de pello, com os largos estofos cahidos, como mantos de nigromante, da nuca sobre os rins, com os largos cintos de discos de metal cinzelado, com os alfanges enormes, com os olhos tortos, com os troncos formidaveis, com os rostos contrahidos em attitudes de mofa, de ameaça e de insulto. Por ultimo vêm os mudos do Ser-

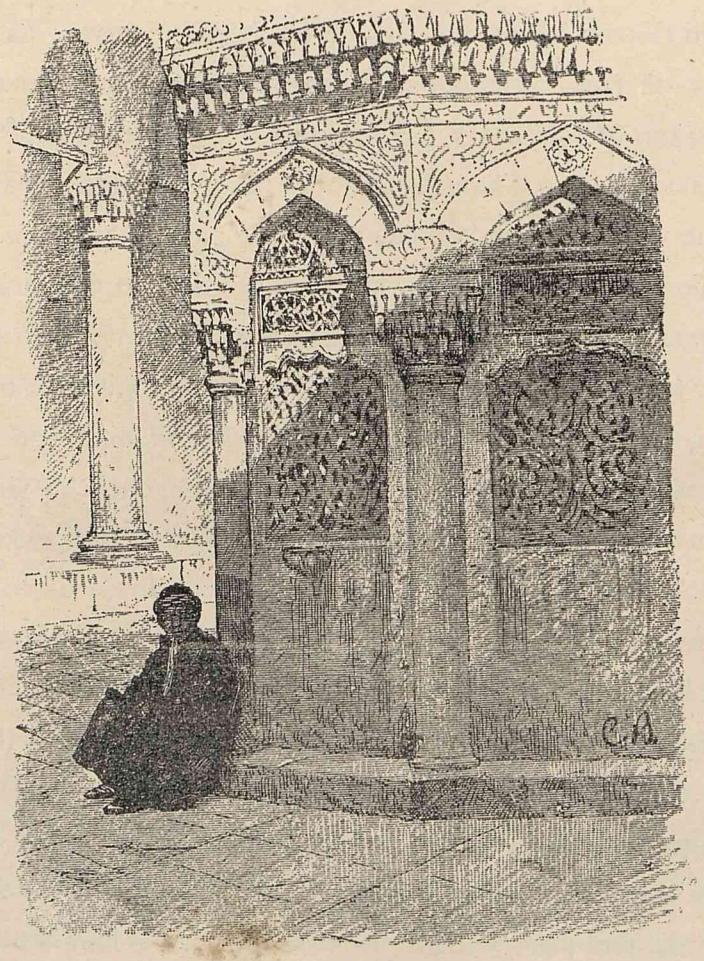
Derviches prégando e dançando.

ralho, com o cordão de seda nas mãos, e os anões e os bobos, com rostos repugnantes de cretinos assanhados e corôas burlescas na cabeça. As grandes vitrinas em que está fechada toda esta gente dão ao logar um certo ar de museu anatomico, que torna mais verosimil a apparencia cadaverica dos simulacros e faz ás vezes que torçamos o rosto com horror. Chegando ao fundo, parece que passámos por uma sala do antigo Serralho, no meio de toda a côrte, gelada de susto por um grito ameaçador do Padischah; e, sahindo e encontrando na praça do At-meidan os pachás de sobre-casaca preta e os nizams modestamente vestidos á zuava, oh! como parece branda a Turquia dos nossos dias!

E ainda d'ali volto irresistivelmente para entre os tumulos, para o meio dos innumeros *turbés* imperiaes espalhados pela cidade turca, que hão-de ficar sempre na minha memoria como uma das mais gentis manifestações da arte e da philosophia musulmana. Um firman fez com que nos abrissem, pela primeira vez, o *turbé* de Mahmud o reformador situado a pouca distancia do At-meidan, n'um jardim cheio de rosas e de jasmins. É um bello templosinho hexagono, de marmore branco, coberto por uma cupula revestida de chumbo, sustentado por pilastras jonias, e illuminado por sete janellas fechadas com grades doiradas, algumas das quaes olham para uma das principaes ruas de Stambul. As paredes internas são ornadas de baixos-relevos e enfeitadas com tapeçarias de seda e de brocado. No meio surge o sarcophago coberto com bellissimos chailes persas; e ha por cima o fez, emblema da reforma, com o penachito scintillante de diamantes, e em tôrno uma graciosa balaustrada, tauxiada de madre-perola, que encerra quatro grandes candelabros de prata. Ao longo das paredes estão os sarcophagos de sete sultanas. O pavimento é coberto de esteiras finissimas e de tapetes variegados. Aqui e além, em ricas estantes, brilham Alcorões preciosos, escriptos em letras de oiro. N'uma caixinha de prata ha um longo pedaço de musselina, enrolado, todo coberto de miudissimos caracteres arabes, traçados pela mão de Mahmud. Antes de subir ao throno, quando

vivia preso no antigo Serralho, transcreveu pacientemente n'aquelle pedaço de fazenda uma grande parte do Alcorão, e, morrendo, ordenou que aquella sua recordação juvenil fosse posta no seu tumulo. Do interior do *turbé* vê-se, atravéz das grades doiradas, a verdura do jardim e sente-se o aroma das rosas; uma luz viva illumina todo o templo; todos os rumores da cidade ali resoam como debaixo de um portico aberto; as mulheres e as creanças, da rua, encostam-se á janella e murmuram uma prece. Ha em tudo isto um quê de suave e de primitivo que é tocante. Parece que o que está fechado dentro d'aquellas paredes não é o cadaver mas a alma do Sultão, e que vê e sente ainda o seu povo que passa e o corteja. Morrendo, não fez senão mudar de kiosque; dos kiosques do Serralho veio para este outro, não menos ridente; e está sempre á luz do sol, no meio do estrepito da vida de Stambul, no meio dos seus filhos, ainda mais proximo d'elles, á beira da rua, debaixo dos olhos de todos, e mostra ainda ao povo o seu penachinho scintillante, como quando ia á mesquita, cheio de vida e de gloria, rezar pela prosperidade do Imperio. E assim são quasi todos os outros *turbés,* o de Ahmed, o de Bajazet que encosta a cabeça a um tijolo feito com o pó sacudido de todas as suas vestimentas e de todas as suas chinellas: o de Solimão, de Mustaphá e de Selim III, o de Abdul-Hamid, o da Sultana Roxolana. São templosinhos sustentados por pilastras de marmore branco e de porphydo, scintillantes de ambar e de madre-perola; n'alguns dos quaes entra a agua da chuva, por uma abertura da cupula, para regar as flores e as hervas em tôrno dos sarcophagos, cobertos de veludo e de espiguilha, e da abobada pendem ovos de avestruz e lampadas doiradas, que illuminam os tumulos dos principes, dispostos em corôa em tôrno do sepulchro paterno, tendo por cima os lenços que serviram para os estrangular na infancia ou na adolescencia, talvez para inspirar aos fieis, com a piedade das victimas, o sentimento da necessidade fatal d'aquelles delictos. E recordo-me que, á força de vêr imagens d'aquelles mortos, começava a sentir em mim como que um principio de escravisação do pensamento e do coração á iniqua razão do Estado que as decretava; como á força de

achar a cada passo, nas mesquitas, nas fontes, nos *turbés*, em mil imagens, recordado e glorificado o nome de um homem, o poder absoluto e supremo, começava dentro em mim alguma coisa a submetter-se; como á força de vaguear á sombra dos cemiterios e de fixar o pensamento nos sepul-



Fonte de ablução.

chros, começava a considerar debaixo de um novo aspecto, quasi sereno, a morte; a experimentar um sentimento mais quieto e mais descuidoso da vida; a entregar-me a não sei que philosophia ociosa, a um vagar indefinido do pensamento, a um estado novo do animo, em que me parece que talvez o melhor fosse passar placidamente sonhando e deixar que se cum-

pra o que está escripto. E tinha um sentimento subito de horror e de aversão quando, no meio d'aquellas phantasias serenas e quietas, me apparecia

Derviche mendicante.

a imagem das nossas cidades affadigadas, das nossas igrejas escuras, dos nossos cemiterios murados e desertos.

E ainda os derviches passam por diante de mim, entre as imagens d'aquelles ultimos dias; e são os derviches Mevleia (a mais famosa das trinta e duas ordens) que têem um conhecidissimo *tekké* na rua de Pera. Lá fui preparado para vêr rostos luminosos de santos, arrebatados por allucinações paradisiacas. Mas tive uma grande desillusão. Ai de mim! tambem nos derviches «a chamma da fé lambe o arido fio». A famosa dança divina não me parece senão uma fria representação theatral. São curiosos de vêr, sem duvida quando entram na mesquita circular, uns atraz dos outros, envoltos n'uma grande capa escura, de cabeça baixa, de braços escondidos, acompanhados por uma musica barbara, monotona e dulcissima, que parece o gemido do vento nos cyprestes do cemiterio de Scutari, e faz sonhar com os olhos abertos; e, quando giram em tôrno do Mihrab, e se inclinam a dois e dois diante d'elle, com um movimento magestoso e languido, que faz nascer subitamente uma duvida ácerca do seu sexo. Assim é tambem uma bella scena quando atiram ao chão a capa com um gesto vivaz, e apparecem todos vestidos de branco, com a longa saia de lã, e, abrindo os braços n'um gesto amoroso, e deitando a cabeça para traz, se entregam uns apoz outros ás voltas como se fossem atirados por invisivel mão; e quando giram todos juntos no meio da mesquita, equidistantes entre si, sem se affastarem nem um fio do logar que lhes pertence, como automatos n'um eixo, brancos, ligeiros, rapidissimos, com a saia entumecida e volteiante, e com os olhos semi-cerrados; e quando se precipitam todos juntos, como que aterrados por uma apparição sobrehumana, suffocando de encontro ao pavimento o grito trovejante de Allah; e quando recomeçam a inclinar-se e a beijar as mãos e a girar em volta, rentes da parede, com um passo gracioso entre o andar e o dançar. Mas os extasis, os raptos, os rostos transfigurados, que tantos viajantes viram e descreveram, não os vi eu. Não vi senão uns bailarinos agilissimos e infatigaveis que faziam o seu officio com a maxima indifferença. Vi até risos reprimidos; descobri um joven derviche que não parecia muito descontente por vêr que estava olhando fito para elle uma senhora ingleza, encostada a uma tribuna fron-

teira e apanhei em flagrante alguns, que, quando beijavam as mãos aos companheiros, as puxavam para as morder ás escondidas, e os outros respingavam-lhes com beliscão! O que me fez mais impressão foi vêr em todos esses homens, e havia-os de todas as idades e de todos os aspectos, uma graça e uma elegancia de movimentos e de attitudes, que poderiam ser invejadas por muitos dos nossos bailarinos de sala, e que é sem duvida uma prenda natural das raças orientaes, devida a uma especial estructura do corpo: E notei-o ainda melhor n'outro dia, em que pude penetrar n'uma cella do *tekké* e vêr de perto um derviche que se preparava para a funcção. Era um joven imberbe, alto e esbelto, de physionomia feminina: apertava á cinta a sotaina branca, mirando-se ao espelho; voltava-se para nós e sorria; apertava com as mãos a cintura subtil; arranjava á pressa, mas com garbo, e com olhos de artista, todas as partes do vestuario, como senhora que dá os ultimos toques á sua *toilette,* e, visto por traz, com aquella cauda, apresentava effectivamente o perfil de um bello busto de rapariga vestida para um baile e que pedisse um juizo ao espelho. E era um frade! *Oh! estranhas coisas deveras!* como dizia Desdemona a Othello.

Mas a mais bella das minhas ultimas recordações está no cimo do monte Shiamlidjah, que se ergue nas costas de Scutari. D'ali enviei á cidade a minha ultima saudação, e foi a ultima e a mais esplendida de todas as minhas grandes visões de Constantinopla. Torno a Scutari ao despontar do dia, com um tempo nebuloso. O nevoeiro ainda lá estava quando se chegou ao cimo do monte; mas o céu promettia um dia sereno. Por baixo de nós, estava tudo escondido. Uma immensa cortina pardacenta horizontal, que dominavamos toda com o olhar, cobria Scutari, o Bosphoro, o Corno Aureo, Constantinopla toda. Não se via absolutamente nada. A cidade, com todos os seus arrabaldes e todos os seus portos, parecia ter desapparecido. Era como um mar de nevoa d'onde não sahia senão o cume de Shamlidjah como uma ilha. E olhavamos para aquelle mar pardacento, imaginando que eramos dois pobres peregrinos, vindos do fundo da Asia

Menor, e chegados ali, antes do romper d'alva por cima d'aquella grande nevoa, sem sabermos que estivesse por baixo de nós a grande metropole do Imperio Ottomano, e experimentavamos um grande prazer em seguir com o pensamento o sentimento crescente de assombro e de maravilha que esses peregrinos experimentariam, vendo apparecer a pouco e pouco, ao nascer do sol, por baixo d'aquelle immenso véu cinzento, a cidade maravilhosa e inesperada. E effectivamente, d'ahi a pouco, principiou o véu densissimo a romper ao mesmo tempo por varios pontos. Viram-se apparecer aqui e além, sobre aquella vasta superficie alvacenta, como outros tantos principios de cidade que pareciam ilhotas: um archipelago de cidadinhas a nadarem na nevoa, e disseminadas a grandes distancias: o cimo de Scutari, os sete pincaros das collinas de Stambul, a cumiada de Pera, os arrabaldes mais altos da margem européa do Bosphoro, a crista de Kassim-Pachá, um que de confuso dos mais longinquos arrabaldes do Corno Aureo, lá para cima para o lado de Eyub e de Hass-Kisi; vinte pequenas Constantinoplas, rosadas e aéreas, erriçadas com innumeraveis pontas brancas, verdes e argentinas. Depois cada uma começa a alargar-se, como se se erguesse lentamente sobre aquelle mar vaporoso, e vinham acima, por todos os lados, milhares de tectos, de cupulas, de torres, de minaretes que parecia que se agrupavam e se alinhavam á pressa para se acharem no logar proprio antes de serem surprehendidas pelo sol. Já se via, por baixo Scutari toda; em frente, Stambul quasi toda; na outra margem do Corno Aureo a parte mais alta de todos os arrabaldes que se estendem de Galata ás Aguas Doces; e na margem européa do Bosphoro Top-Hané, Funduclú, Dolma-Bagcé, Bechitass, e em seguida, a perder de vista, cidade ao lado de cidade, amphitheatros immensos de edificios, e cidades mais distantes que não mostravam senão a fronte, banhadas pela aurora de um suavissimo rubor de coral. Mas o Corno Aureo, o Bosphoro, o mar, estavam ainda escondidos. Os peregrinos não teriam comprehendido coisa alguma. Teriam podido imaginar que a immensa cidade fôra fabricada sobre dois valles profundos e perpetuamente nebulosos, entrando uma parte da cidade na

outra, e perguntar a si mesmos o que se poderia esconder n'aquelles dois abysmos mysteriosos. Mas eis que em poucos momentos se esclarece o pardacento das ultimas nevoas, azula-se, resplende, é agua, é uma enseada, um estreito, um mar, dois mares, está ali Constantinopla toda immersa n'um occeano de luz, de azul e verde, que parece creado ha uma hora. Ah! n'esse ponto, por mais que se tenha já contemplado de mil alturas aquella belleza, por mais que se tenha perscrutado em todas as suas particularidades, e se tenha exprimido de mil modos o assombro e a admiração, ainda sentimos a necessidade de gritar e de fazer barulho; e, pensando que d'aqui a poucos dias tudo desapparecerá dos nossos olhos para não ser mais que uma recordação confusa, que aquelle véu de nevoa nunca mais se levantará, que é aquelle o momento de dar o ultimo adeus a todas as coisas... não sei... parece que se deve partir para o exilio, e que o horizonte da nossa vida se escurece.

E comtudo até em Constantinopla, nos ultimos dias, se apodera de nós o tedio. A mente fatigada recusava-se ás novas impressões. Passavamos pela ponte sem nos voltarmos. Tudo nos parecia da mesma côr. Giravamos sem fim determinado, bocejando, com o ar de uns vagabundos sem eira nem beira. Passavamos horas e horas diante de um café turco, com os olhos cravados nas pedras da rua, ou na janella da estalagem a olhar para os gatos que vagueavam defronte pelos tectos das casas. Estavamos saciados de Oriente; principiavamos a sentir uma necessidade predominante de recolhimento e de trabalho. Depois chove durante dois dias; Constantinopla converteu-se n'um immenso pantano, e tornou-se toda pardacenta. E esse foi o golpe de misericordia. Salteiava-nos o mau humor, diziamos da cidade cobras e lagartos, tinhamo-nos tornado insolentes, descarados, cheios de pretenções e de fumaças européas. Quem nol-o diria no dia da nossa chegada! E a que ponto se chega! Chega-se a festejar-se o dia em que se sahio do escriptorio do Lloyd austriaco com dois bilhetes de embarque para Varna e para o Danubio! Mas havia um ponto negro n'a-

quella festa, e era o desprazer de termos de nos separar dos nossos bons amigos de Pera, com os quaes passámos todas aquellas ultimas noites, affectuosamente. Como é triste o ter sempre de dizer adeus, e despedaçar sempre liames, e deixar sempre um pedaço do coração por toda a parte! Pois não haverá em parte alguma do mundo uma varinha de condão com que eu possa um dia, n'uma dada hora, fazer com que appareçam todos juntos em tôrno de uma grande meza posta para um banquete os meus bons amigos espalhados por todas as praias dos quatro pontos cardeaes: a ti de Constantinopla, Santoro; a ti das margens africanas, Selam; a ti, Segovia, do Guadalquivir, a ti, Saavedra, do Tejo, para vos bradar que vos terei sempre no fundo do coração? Ai de mim! a varinha de condão não apparece, e, entretanto, os annos passam, e as esperanças vôam e somem-se.

OS TURCOS

Ora, antes de subirmos para o navio austriaco que fumega no Corno Aureo, em frente de Galata, prompto a partir para o Mar Negro, resta-me expôr modestamente, como um pobre viajante, algumas observações geraes, que respondam á pergunta. Que te pareceram os Turcos? observações expontaneas, liberrimas de todas as considerações dos acontecimentos presentes, e arrancados taes e quaes dos meus apontamentos d'aquelles dias. A esta pergunta: — O que te pareceram os Turcos? aviva-se-me em primeiro logar a impressão que em mim produzio, tanto no primeiro dia como no ultimo, o aspecto exterior da população masculina de Stambul. Ainda não attendendo á differença das fórmas physicas, é uma impressão effectivamente diversa da que produz a gente de qualquer outra cidade européa. Parece que se vê um povo — não sei como traduzir melhor a minha idéa — em que todo pensa perpetuamente na mesma coisa. A mesma impressão podem produzir, n'um habitante da Europa meridional, que observe superficialmente, os habitantes das cidades do Norte; mas a coisa é muito diversa. Estes têem a seriedade e o recolhimento de gente azafamada

Derviche.

que pensa no que tem que fazer; os turcos têem o aspecto de gente que pensa em alguma coisa remota e indeterminada. Parecem todos philosophos absortos n'uma idéa fixa, ou somnambulos que caminham sem reparar no logar em que estão e nas coisas que têem em tôrno de si. Olham todos direito e para longe como quem está habituado a contemplar grandes horizontes, e têem uma vaga expressão de tristeza nos olhos e na bôcca, como quem está habituado a viver muito encerrado em si proprio. E em todos a mesma gravidade, a mesma compostura de modos, a mesma reserva de linguagem, do olhar, dos gestos. Parecem todos fidalgos, educados todos do mesmo modo, desde o pachá até ao mercador, e envoltos como n'um manto n'uma especie de dignidade aristocratica, que faz com que por assim dizer ninguem daria, á primeira vista, pela existencia de uma plebe em Stambul, se não fosse a differença dos vestuarios. São quasi todos rostos frios que não revelam effectivamente o animo e o pensamento. É rarissimo encontrar uma d'aquellas physionomias claras, tão frequentes entre nós, que são como que o espelho de uma indole amoravel e apaixonada ou caprichosa, e que consentem que se forme um juizo prompto e seguro do homem. Entre elles cada rosto é um enigma; o seu olhar interroga, mas não responde; a sua bôcca não atraiçoa nenhum movimento do coração. Não se póde imaginar quanto pesa no animo do estrangeiro esta mudez dos rostos, esta frieza, esta uniformidade de attitudes estatuarias e de olhares fixos que não dizem coisa alguma. Ás vezes tem-se vontade de gritar no meio da multidão: — Descobri-vos por uma vez! dizei-nos quem sois, o que pensais, o que vêdes diante de vós, pelos ares, com esses olhos de vidro! E a coisa parece tão estranha que custa quasi a acreditar que seja natural; suspeita-se ás vezes, que seja uma ficção combinada, ou o effeito passageiro de alguma doença moral commum a todos os musulmanos de Constantinopla. Dá na vista, desde logo, porém, n'aquella uniformidade de maneiras e de attitudes, uma differença notavel de aspecto entre uma parte e outra da população. As feições originaes da raça turca, que é bella e robusta, não ficaram inalteradas senão no baixo povo, que conserva

por necessidade ou por sentimento religioso a sobriedade de vida dos seus paes. No povo vêem-se os corpos enxutos de carnes e vigorosos, as cabeças bem formadas, os olhos vivos, o nariz aquilino, os ossos maxillares proeminentes, e um que de forte e audacioso em todas as fórmas da pessoa. Os turcos das altas classes, pelo contrario, nos quaes é antiga a corrupção e maior a mescla do sangue estrangeiro, têem pela maior parte corpos grossos e carnes molles, cabeças pequeninas, frontes baixas, olhos sem lampejo e labios cahidos. E a esta differença physica corresponde uma differença moral não menos grande ou talvez maior, que é a que vai entre o turco verdadeiro, sincero, antigo, e esse ser ambiguo, sem côr e sem sabor, que se chama o turco da reforma. D'aqui nasce uma grande difficuldade em estudar o que se chama de um modo geral o povo turco; pois que nem ha meio de nos misturarmos, nem modo de nos entendermos com a parte d'esse povo que conserva intacto o caracter nacional; e a outra parte com que ha facilidade de observação e de trato, não representa fielmente nem a indole nem as idéas nacionaes. Mas nem a corrupção nem a nova tintura de civilisação européa tirou ainda aos turcos das classes inferiores aquelle não sei que de austero e de vagamente triste, que se observa no povo da classe baixa, e que, não considerado nos individuos mas na generalidade da população, produz uma impressão innegavelmente favoravel. A julgar, effectivamente, pela apparencia, a população turca de Constantinopla pareceria a mais honesta e a mais civilisada da Europa. Não se dá o caso, sem sequer nas ruas mais solitarias de Stambul, de que um estrangeiro seja insultado; podem-se visitar as mesquitas, até durante as preces, com muito mais certeza de se ser respeitado do que a teria um turco que visitasse as nossas igrejas, na multidão nunca se encontra um olhar, já não digo insolente, mas nem sequer demasiadamente curioso; rarissimas as rixas, rarissima a gente do povo que se encanalhe ás portas, no meio da rua, nenhuma vozearia de mulhersinhas ás janellas, nas lojas; nenhuma apparencia publica de prostituição, nenhum gesto indecente, o mercado pouco menos digno do que a mesquita; por toda

Derviche valsante.

a parte uma grande parcimonia de gestos e de palavras; nem cantos, nem risadas clamorosas, nem alarido plebeu, nem ajuntamentos importunos que estorvem o passo; rostos, mãos e pés, tudo aceiado, raros os andrajos e raras vezes sujos; e uma manifestação universal e reciproca de respeito entre todas as classes sociaes. Mas isto não é senão apparencia. A podridão está escondida. A corrupção está dissimulada pela separação dos

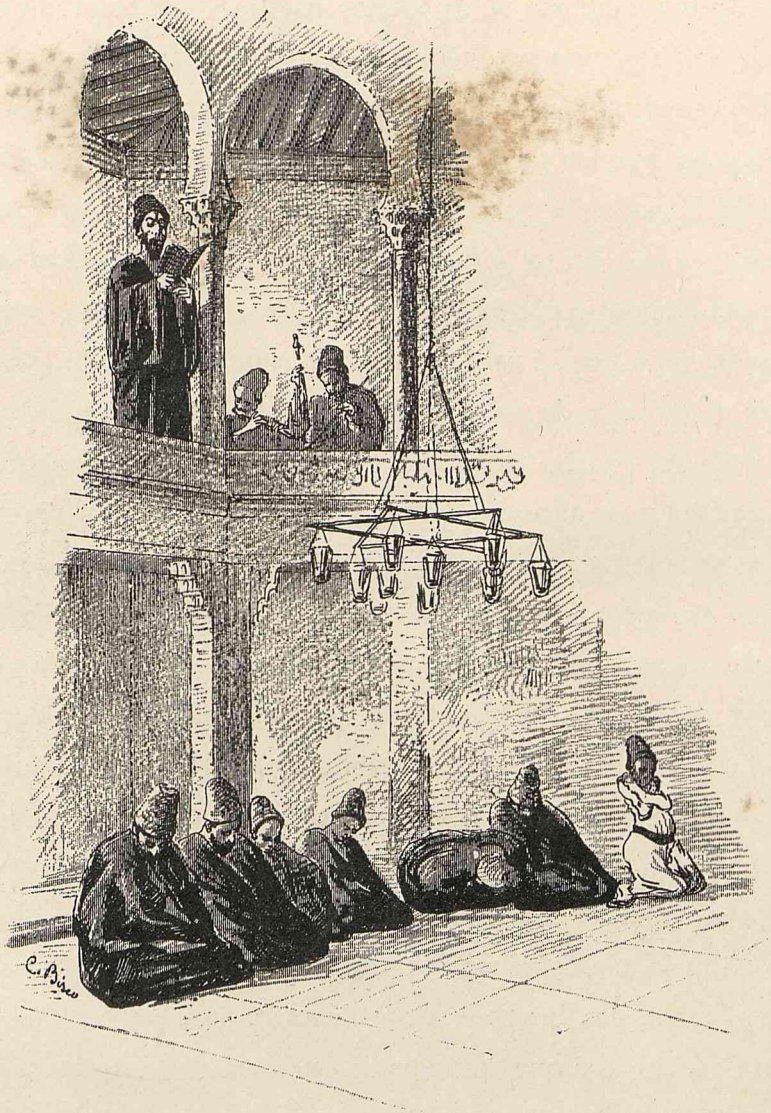
Derviche gritador.

dois sexos, o ocio disfarçado com a quietação, a dignidade serve de mascara ao orgulho, a compostura grave das physionomias, que parece indicio de profundos pensamentos, esconde a inercia mortal do intellecto, e

o que parece temperança civilisada da vida não é senão falta de vida verdadeira. A natureza, a philosophia, a vida inteira d'este povo, é significada por um estado particular do espirito e do corpo, que se chama *kief*, e que é o supremo dos seus prazeres. Ter comido parcamente, ter bebido um copo de agua da fonte, haver dito as orações, sentir a carne quieta e a consciencia tranquilla, e estar assim n'um ponto d'onde se veja um vasto horizonte, sentado á sombra de uma arvore, seguindo com o olhar as pombas do cemiterio que fica por baixo, os navios ao longe, os insectos proximos, as nuvens do céu e o fumo do narghilé, pensando vagamente em Deus, na morte, na vaidade dos bens da terra e na doçura do repouso eterno de outra vida: eis o *kief*. Estar espectador ocioso do grande theatro do mundo, eis a grande aspiração do turco. A isto o leva a sua natureza antiga de pastor contemplativo e lento, a sua religião que liga os braços ao homem, entregando todas as coisas a Deus, a sua tradição de soldado do islamismo, para o qual não ha outra acção verdadeiramente grande e necessaria senão combater e vencer pela propria fé, e, acabada a batalha, estão todos os deveres cumpridos. Para elle, tudo é fatal; o homem não é senão um instrumento nas mãos da Providencia; é inutil que se agite para dar ás coisas humanas outra direcção senão a que no céu está prescripta; a terra é um caravanserai; Deus creou o homem para que elle passe na terra rezando e admirando os suas obras; deixemos cahir quem cahe e passar quem passa; não nos azafamemos para renovar, não nos azafamemos para conservar. Assim o seu supremo desejo é a quietação, e abstem-se com todo o cuidado de todas as commoções que possam perturbar a harmonia socegada da sua vida. D'aqui resulta não terem nem avidez de saber, nem febre de ganho, nem furor de viagens, nem paixões vagas e inextinguiveis de amor e de ambição. A falta das muitissimas necessidades intellectuaes e physicas, para satisfazer as quaes luctamos com um trabalho continuo, faz com que elle não comprehenda nem mesmo em nós a razão d'este trabalho. Considera-o como um indicio de aberração morbida do nosso espirito. Parecendo-lhe necessariamente a meta ultima de toda a fadiga a paz de

que elle gosa sem se fatigar, parece-lhe mais sensato e mais util chegar a essa meta pelo caminho breve e plano por onde elle vai. Todo o grande trabalho de pensamento e de braço dos povos europeus parece-lhe um afan pueril, porque lhe não vê os effeitos n'uma posse maior da sua felicidade ideal. Não trabalhando, não tem sentimento do valor do tempo; e, faltando-lhe este sentimento, não póde apreciar nem deseja todos os achados do engenho humano que tendem a accelerar a vida e o caminhar da humanidade. É capaz de perguntar a si mesmo para que serve um caminho de ferro, se não vai ter a uma cidade onde se possa viver mais feliz do que n'aquella d'onde se parte. A sua fé fatalista, que faz com que lhe pareça vão pensar no futuro, é causa tambem de que não aprecie coisa alguma senão pela quantidade de goso seguro e immediato que lhe pode alcançar. Por isso não lhe parece senão um sonhador o europeu que prevê e que prepara, que lança os alicerces de um edificio cuja execução não verá, que consome as suas forças, que sacrifica a sua paz a um fim longinquo e duvidoso. Por isso julga a nossa raça uma raça frivola, mesquinha, presumpçosa, abastardeada, cujo unico premio é uma sciencia orgulhosa das coisas terrenas que elle desdenha, excepto quando é obrigado a valer-se d'ella para não ficar debaixo de nós. E despreza-nos. Para mim é este o sentimento dominante que inspiramos nós europeus aos verdadeiros turcos que constituem ainda a grande maioria da nação; e poder-se-ha negar e fingir-se que se não acredita; mas não póde deixar de o sentir quem viveu pouco ou muito no meio d'elles. E este sentimento de desprezo deriva de muitas causas, a primeira das quaes é a consideração de um facto muito significativo para elles; isto é que, ha mais de quatro seculos, apezar de relativamente escassos em numero, dominam uma grande parte da Europa de fé adversa a elles, e que ali se mantêem apezar de tudo o que succede. A parte minima da nação vê a causa d'este facto nos ciumes e nas discordias dos Estados da Europa; a maior parte vê-a em vez d'isso na superioridade da sua raça e no nosso aviltamento. Effectivamente não póde entrar na cabeça de nenhum turco do vulgo, que uma Europa islamita tivesse suppor-

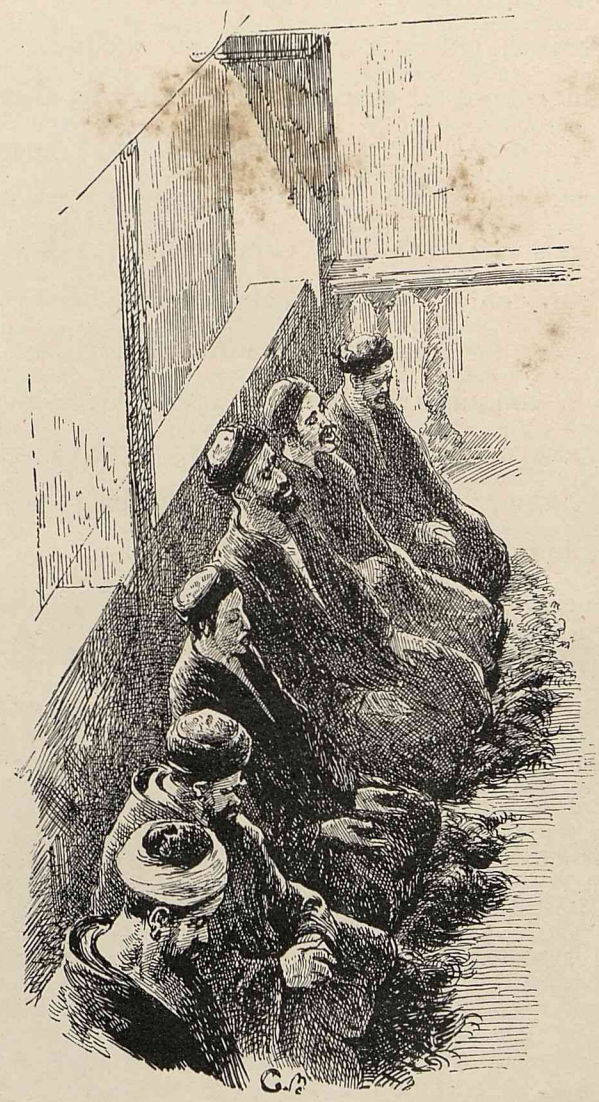
tado e supportasse a affronta de uma conquista christã desde os Dardanellos até ao Danubio. Aos gabos da nossa civilisação oppõem elles o facto do seu dominio. Orgulhosos de sangue, fortificados n'esse orgulho pelo



Derviches que rezam.

costume do mando, habituados a ouvir os seus padres dizerem-lhe, em nome de Deus, que pertencem a uma raça conquistadora, nascida para a guerra e não para o trabalho, habituados tambem a viver do trabalho dos vencidos, não comprehendem sequer que os povos a elles sujeitos possam

invocar um direito qualquer á igualdade civil. Para elles, possuidos de uma fé cega no reino sensivel da Providencia, a conquista da Europa foi o cum-



Derviches gritadores rezando.

primento de um decreto de Deus; foi Deus que os investio, em signal de predilecção, n'esta soberania terrena; e o facto d'elles a conservarem, contra forças hostís, é uma prova incontestavel do seu direito divino, e ao

mesmo tempo um argumento luminoso a favor da verdade da sua fé. Contra este sentimento quebram-se todos os raciocinios de civilisação, de direito, de igualdade. A civilisação para elles não é senão uma força hostil que quer desarmal-os sem combater, a pouco e pouco, á traição, para os rebaixar, pôl-os a par dos seus subditos, despojal-os do seu dominio. D'ahi vem que, além de a desprezarem como vã, a têem como inimiga; e, já que a não podem repellir com a força, oppõem-lhe a invencivel resistencia da sua inercia. Transformarem se, civilisarem-se, igualarem-se aos seus subditos; comprehendem elles que significa terem de entrar em competencia com os homens de engenho, de estudo, e de trabalho, adquirirem uma superioridade nova, refazerem com a força do espirito a conquista já feita com a espada; e a isto se oppõe, além de um interesse material de dominadores, o seu desprezo religioso pelos infieis, a sua altivez soldadesca, a sua indolencia que se tornou segunda natureza, a indole do seu engenho a que faltam todas as qualidades iniciadoras, e que está entorpecido na immobilidade d'aquellas cinco idéas tradicionaes que formam todo o patrimonio intellectual da nação. Não vêem elles, por outro lado, n'aquella classe social que acceita, segundo elles dizem, a civilisação européa, e que representa aos seus olhos o estado a que a Europa quereria vêr reduzidos todos os filhos de Osman, não vêem n'esses seus irmãos de sobre-casaca e luvas, que balbuciam o francez e não vão á mesquita, um exemplo que possa razoavelmente convertel-os. Como representa a civilisação aquella parte da nação ottomana? Sobre isso estão pouco mais ou menos todos de accordo. O novo turco não chega aos calcanhares do velho. Adoptou os nossos fatos, as nossas commodidades, os nossos vicios, a nossa vaidade; mas não acolheu, por ora, nem os nossos sentimentos, nem as nossas idéas; e, n'esta transformação parcial, perdeu o que havia de bom no fundo da sua natureza genuina de Osmanli. O velho turco não vê por isso outros fructos da civilisação senão uma *peste dicasterica* mais diffundida, uma empregadagem innumera, ociosa, inepta, impia, rapinadora, mascarada á franca, que despreza todas as

tradições nacionaes, e uma especie de *jeunesse dorée,* corrupta e descarada, que promette sahir muito peior do que os seus paes. Vestir assim e viver assim, segundo o conceito do verdadeiro turco, é ser civilisado; e effectivamente elle chama proceder, pensar, e viver á franca todos os usos e todas as acções que não só a sua consciencia de mahometanos, mas a consciencia de qualquer homem honesto, condemne. D'ahi resulta considerar os «civilisados», não como musulmanos mais avançados do que os outros no caminho de um melhoramento qualquer; mas como gente decahida, extraviada, pouco menos do que apostata e traidora á nação; e desconfia das novidades, e repelle-as com toda a força que em si tem, ainda que não fosse senão por virem d'aquelle sitio, d'onde vem as coisas de que elle vê todos os dias os effeitos funestos. Cada novidade européa é para elle um attentado contra o seu caracter e contra os seus interesses. O governo é revolucionario, o povo é conservador; a semente das novas idéas cahe n'um terreno rijo e compacto que lhe recusa os humores para a fecundação; a mão de quem rege as coisas, aperta e agita os copos da espada; mas a folha gira no punho. É este o motivo porque toda a obra reformadora, que se está tentando ha cincoenta annos, ainda não passou da primeira epiderme da nação. Se se mudaram os nomes, ficaram as coisas. O pouco que se fez fez-se com violencia, e a isso attribue a audacia crescente dos infieis, a corrupção que penetra no amago do imperio, e todas as desventuras nacionaes. Para que mudar as nossas instituições, pergunta elle a si proprio, se são aquellas com que vencemos e dominámos durante seculos? Para que adoptarmos aquellas que não tiveram força de resistir ao embate da nossa espada? A organisação, a vida, as tradições do povo turco, são as de um exercito vencedor acampado na Europa; exerce-lhe o commando, gosa-lhe os privilegios e os ocios e sente-lhe o orgulho; e, como todos os exercitos, prefere a disciplina de ferro, que lhe concede a prepotencia sobre os vencidos, a uma disciplina mais branda, mas que encadeia o seu arbitrio de vencedor. Ora esperar que este estado de coisas, immovel ha seculos, possa mudar no espaço de poucos annos, é um sonho. As van-

guardas ligeiras da civilisação podem avançar o mais rapidamente que quizerem; mas o grosso do exercito, carregado ainda com as pesadas armaduras medievaes, ou não se move, ou não as segue senão de longe, com passo vagarosissimo. Não são senão coisas de hontem, convem recordar-mo-nos, o despotismo cego, os janizaros, o serralho coroado de cabeças, o sentimento da invencibilidade dos Osmanlis, o raiá considerado e tratado como um ente immundo; os embaixadores de França, vestindo-se e comendo no limiar da sala do throno, para symbolisar a vil pobreza dos infieis na presença do Grão-Senhor. Mas sobre este argumento não ha, supponho eu, grande disparidade de opiniões entre os Europeus e os proprios Turcos. A disparidade dos juizos, e d'ahi a difficuldade para um estrangeiro de emittir um juizo proprio, está na avaliação das ultimas qualidades individuaes do turco; porque, se se interrogam os raiás, não se ouvem senão os vilipendios do opprimido contra o oppressor, se se pergunta aos Europeus livres das colonias que não têem razão, nem para temer, nem para odiar os Osmanlis, mas têem mil razões de se comprazer no estado actual das coisas, não se obtêem em geral senão juizos, talvez conscienciosamente, mas de certo excessivamente favoraveis. A maior parte d'estes são concordes em reconhecer que o turco é probo, franco, leal, e sinceramente religioso. Mas a respeito do sentimento religioso, cuja observancia lhe poderia ser levada á conta de um grande merito, deve notar-se que a religião, em que se mantem solidamente, não se oppõe a nenhuma das suas tendencias, a nenhum dos seus interesses; acaricia, até, a sua natureza sensual, justifica a sua inercia, sancciona o seu dominio; afferra-se tenazmente a ella, porque sente que a sua nacionalidade está no seu dogma e o seu destino na sua fé. A respeito da probidade, citam-se muitas provas de factos indivi-

Pequeno derviche.

duaes de que se poderiam citar exemplos innumeros até no mais corrupto povo europeu. Mas deve considerar-se, ainda a este respeito, que não tem pouca parte a ostentação que o turco mostra no seu trato com os christãos, com os quaes faz frequentemente por orgulho o que não faria por simples impulso da consciencia, porque lhe repugna mostrar-se apoucado diante de

Derviches gritadores que rezam

gente a que se julga superior na raça e no valor moral. Assim nascem da sua propria condição de dominador certas qualidades, abstractamente apreciaveis, de franqueza, de orgulho, de dignidade, que não é bem certo se teria conservado, posto na condição de quem lhe está sugeito. Não se lhe póde negar porém, nem o sentimento de caridade, que é o unico balsamo dos infinitos males da sua sociedade mal ordenada, ainda que anime a indolen-

cia e multiplique a miseria; nem outros sentimentos que são indicios de gentileza de animo, como a gratidão que elle conserva pelos mais pequenos beneficios, o culto dos mortos, a cortezia hospitaleira, o respeito dos animaes. É bello o seu sentimento da igualdade de todas as classes sociaes. É innegavel uma certa moderação severa da sua indole, que transparece nos innumeros proverbios cheios de sensatez e de prudencia; uma certa simplicidade patriarchal, uma certa tendencia vaga para a solidão e para a melancholia que exclue a vulgaridade e a tristeza do animo. O peior é que todas estas qualidades são, por assim dizer, embaladas no somno da sua alma, na quietação não turbada da vida ordinaria; e ha no fundo como que adormecida a sua violenta natureza asiatica, o seu fanatismo, o seu furor de soldado, a sua ferocidade de barbaro, que, estimulados, prorompem e salta outro homem. Por isso é justa a phrase que diz que o turco é brandissimo quando não corta cabeças. O tartaro está como que aninhado e adormecido dentro d'elle. O vigor nativo conservou-se inteiro, quasi guardado pela indolente molleza da sua vida, que só d'elle se serve nas occasiões supremas. Assim conserva inteira a coragem, cujas molas affrouxa a cultura intellectual, requintando o sentimento da vida, tornada mais cara pela concepção e pela esperança de maiores gosos. N'elle a paixão religiosa e guerreira encontra um campo não estragado nem pelas duvidas, nem pelas rebelliões do espirito, nem pelos embates de idéas; uma substancia toda e instantaneamente inflammavel; um homem de uma cana só, que salta completo, ao mais leve toque; uma lamina sempre afiada em que não está escripto senão o nome de um Deus e o de um soberano. A vida social apenas desbastou n'elle o homem antigo da steppe e da cabana. Espiritualmente vive ainda na cidade pouco mais ou menos como vivia na tribu, no meio da gente, mas solitario com os seus pensamentos. Não ha ainda, entre elles, uma verdadeira vida social. A vida dos dois sexos dá a imagem de dois rios parallelos, que não confundem as suas aguas, senão aqui e além, por meio de communicações subterraneas. Os homens reunem-se entre si, mas não vivem em communidade de sentimentos uns com os ou-

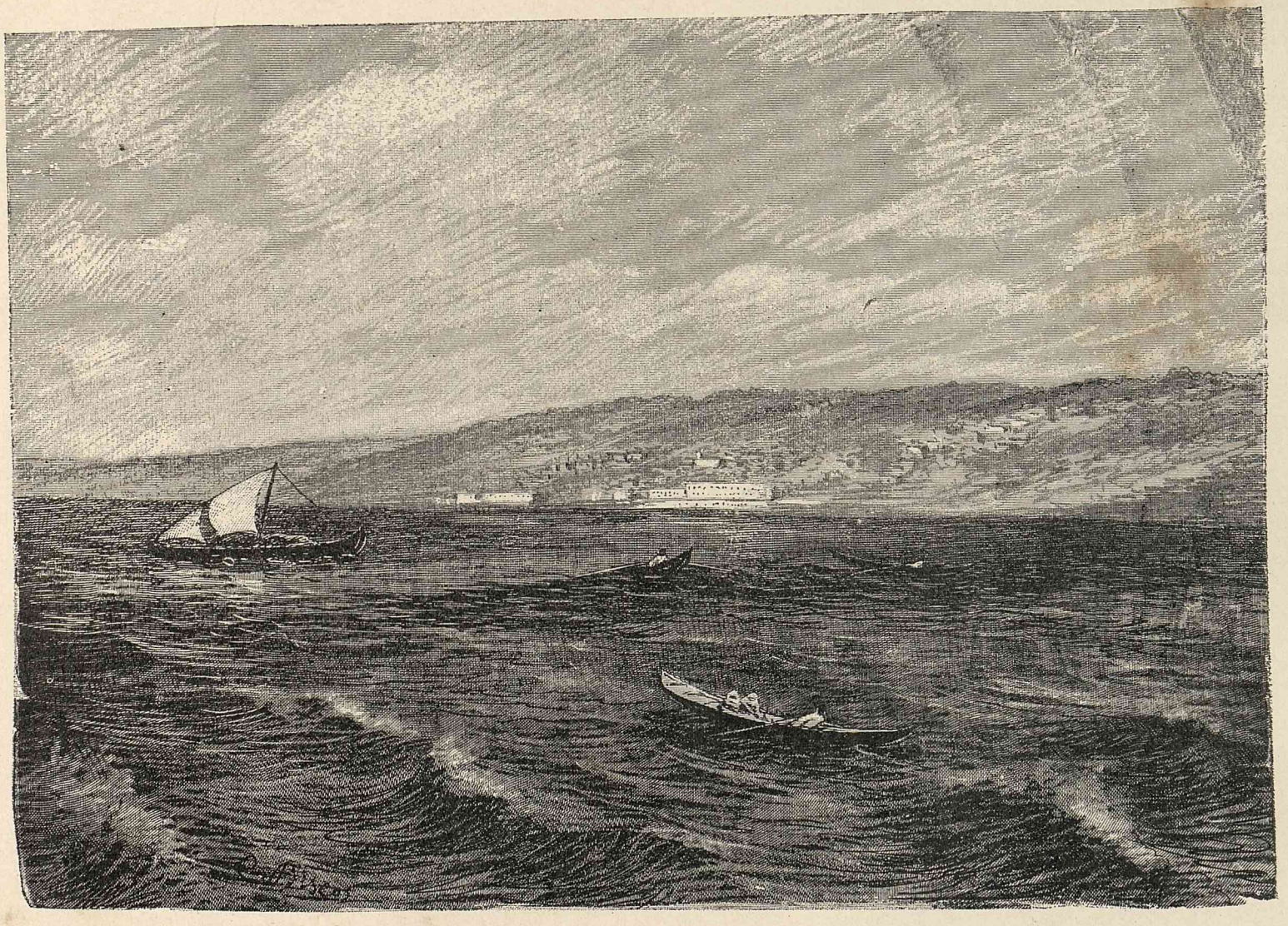
tros; avisinham-se, mas não se ligam; cada qual prefere á expansão de si mesmo aquella que um grande poeta definio admiravelmente *a vegetação surda das idéas*. A nossa conversação agil e varia, que zomba, discute, ensina, recreia, a nossa necessidade de dar e receber sentimentos e pensamentos, esta extrinsecação reciproca do nosso ser, em que a intelligencia se exercita e o coração aquece, pouquissimos entre elles a conhecem, os seus discursos rasam a terra quasi sempre e tratam a maior parte das vezes das coisas materialmente necessarias. O amor é excluido, a litteratura é privilegio de poucos, a sciencia é um mytho, a politica reduz-se a maior parte das vezes a uma questão de nomes, os negocios não occupam senão uma pequenissima parte na vida do maior numero. Recusa-se ás discussões abstractas a natureza da sua intelligencia. Não comprehendem bem senão o que vêem e aquillo em que tocam; d'isso é uma prova a sua propria lingua, que se torna defectiva sempre que se trata de exprimir uma abstracção; para isso os turcos instruidos são obrigados a recorrer ao arabe e ao persa, ou a uma lingua européa. Não sentem, por outro lado, necessidade de forçar a mente a comprehender coisas que estão fóra dos seus desejos, e quasi da sua vida. O persa é mais investigador, o arabe é mais curioso: o turco não tem senão uma suprema indifferença por aquillo que não conhece. E, não tendo idéas a trocar, não procura a companhia dos europeus; e não gosta nem das suas interminaveis e subtís discussões, nem d'elles mesmos. Nem póde haver inteira confiança entre uns e outros, desde o momento que um dos dois esconde perpetuamente uma parte de si proprio: os seus affectos mais intimos, a sua casa, os seus prazeres, e, o que mais importa, o verdadeiro sentimento que nutre pelo outro, que é um sentimento invencivel de desconfiança. O turco tolera o armenio, despreza o judeu, odeia o grego, e desconfia do franco. Atura-os a todos, como um animal graúdo e forte, que deixa que lhe passeiem pelo lombo myriades de moscas, reservando-se o direito de as sacudir com a cauda, quando sente que o picam. Deixa que todos façam e manejem e revolvam tudo em tôrno d'elle; vale-se dos europeus que lhe podem ser uteis; acceita as innovações

materiaes cuja vantagem immediata reconhece; ouve sem pestanejar as lições de civilisação que se lhe dão; muda leis, trajos e ceremoniaes; aprende a repetir correctamente as nossas sentenças philosophicas; deixa-se disfarçar, embellesar, mascarar, mas lá dentro é sempre, immutavelmente, invencivelmente o mesmo. E comtudo repugna á razão o resignarmo-nos a acreditar que a acção lenta e continua da civilisação não possa, n'um periodo de tempo indeterminavel, infundir a scentelha de uma vida nova n'este gigantesco soldado asiatico, que dorme atravez de dois continentes, e não acorda nunca senão para brandir a espada. Mas, considerando os esforços feitos e os fructos obtidos até agora, este periodo de tempo apparece tão longo á mente, em confronto com as necessidades e com as impaciencias dos povos christãos do Occidente, que torna vã a esperança de que a questão em tôrno da qual hoje se agita a Europa se possa resolver com a civilisação progressiva do turco. Foi esta a opinião que formei na minha breve residencia em Constantinopla. — Oh! de que outro modo se poderá por conseguinte resolver a questão? Ah! senhores, não me sinto aqui mesmo obrigado a responder, porque não podia responder sem ter ares de dar conselhos á Europa, e a isso se recusa inexoravelmente a minha modestia. E depois... já disse que ha um navio austriaco que deita fumo, no Corno Aureo, defronte de Galata, prompto a partir para o Mar Negro; e o leitor bem sabe por onde deve passar esse navio!

O BOSPHORO

Apenas subimos para bordo, vêmos como que estender-se um véu pardacento sobre Constantinopla, e vi n'esse véu desenhar-se as montanhas da Moravia e da Hungria e os Alpes da Baixa Austria. É uma rapida mutação de scena que se vê sempre quando se sobe para um navio em que se encontram já os rostos e se ouvem já os accentos do paiz para onde se parte. Estamos presos n'um circulo de caras allemãs, que nos fazem sentir antes de tempo o frio e o horror do septemtrião. Os nossos amigos deixaram-nos; não vêmos já senão tres lenços brancos que se agitam n'um cahique distante, no meio de um vaivem de barcaças negras, defronte do edificio da alfandega. Estamos no mesmissimo ponto em que parou o nosso navio siciliano no dia da chegada. É uma bella tarde de outono, esplendida e tépida. Nunca nos pareceu Constantinopla tão risonha e tão grande. Pela ultima vez procurámos fixar na mente os seus contornos immensos e as suas côres vagas de cidade de fadas; e lançámos um olhar pela ultima vez para o fundo d'aquello maravilhoso Corno Aureo, que se esconderá d'aqui a poucos momentos para sempre. O navio move-se. Tudo parece que se

Derviche gritador.



No Bosphoro.

desloca. Scutari avança, Stambul recúa, Galata gira sobre si mesma como para nos vêr partir. Adeus Corno Aureo! Um balanço do navio nos rouba o arrabalde de Kassim-Pachá; outro balanço nos leva Eyub, outro a sexta collina de Stambul; desapparece a quinta, esconde-se a quarta, desvanece-se a terceira, esfuma-se a segunda; não fica já senão a collina do Serralho, que, graças ao céu, não nos deixará ainda por um pedaço. Navegamos já no meio do Bosphoro, rapidamente. Passa o bairro de Top-Hané, passa o bairro de Funduclú; fogem as fachadas brancas e cinzeladas do palacio de Dolma-Bagcé; e Scutari estende, pela ultima vez, o seu amphitheatro de collinas cobertas de jardins e de quintas. Adeus, Constantinopla, querida e immensa cidade, sonho da minha infancia, suspiro da minha juventude, recordação inolvidavel da minha vida! Adeus, bella e immortal rainha! Que o tempo mude o teu destino sem offender a tua belleza, e possam vêr-te um dia os meus filhos com a mesma ebriedade de enthusiasmo juvenil com que eu te vi e te abandono!

A tristeza da despedida, porém, só durou poucos momentos, porque outra Constantinopla, mais vasta, mais bella, mais alegre do que aquella que eu deixava no Corno Aureo, se estendia diante de mim pela extensão de vinte e sete mil metros, nas duas mais bellas margens da terra.

A primeira aldeia que se apresenta á esquerda, na margem européa do Bosphoro, é Bechik-Tass, uma grande aldeia turca, ou antes um grande arrabalde de Constantinopla, que se estende aos pés de uma collina, em tôrno de um pequeno porto. Detraz d'ella abre-se um bello valle; o antigo valle dos loureiros de Estevão, de Byzancio, que sobe para Pera; entre as casas levanta-se um grupo de platanos que assombreiam o sepulchro do famoso corsario Barbaroxa; um grande café, atulhado de gente, avança sobre as aguas, sustentado por uma estacaria, o porto está cheio de barcos e de cahiques; a margem apinhada; a collina coberta de verdura, o valle cheio de casas e de jardins. Mas não é já o aspecto dos arrabaldes de Con-

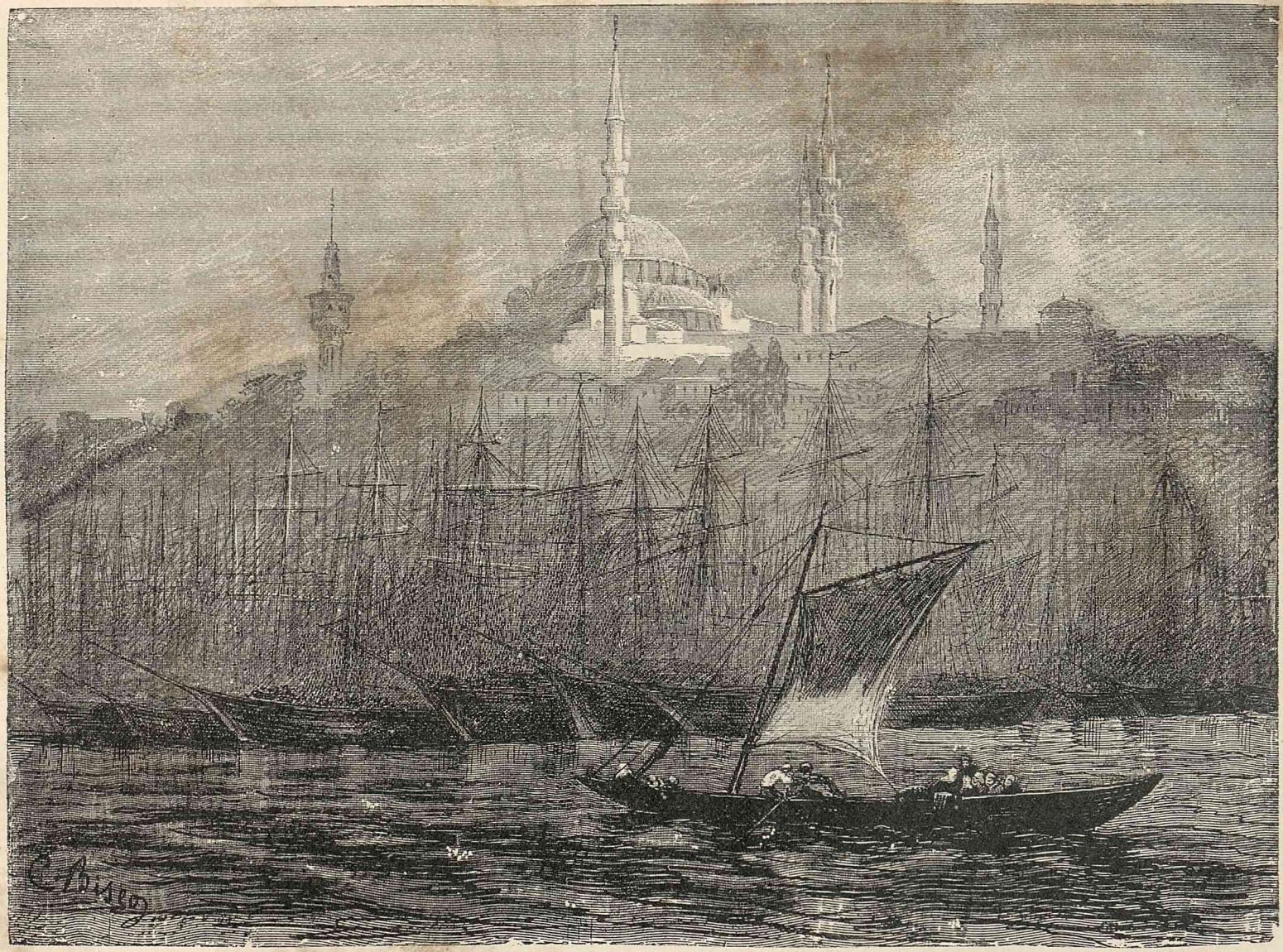
stantinopla. É agora a graça e a alegria inolvidavel e propria da grande cidade. As fórmas são mais pequenas, a verdura mais densa, as côres mais ardentes. É como que uma ninhada de casinhas risonhas que parecem suspensas entre a terra e a agua, uma cidadinha de enamorados e de poetas, destinada a ter a duração de uma paixão ou de uma inspiração lyrica, plantada alli por um capricho n'uma bella noite de estio. Ainda alli se não fixa o olhar e já ella está longe, e passa por diante de nós o palacio de Ceragan, ou antes uma linha de palacios de marmore branco, simples e magnificos, ornados com longas filas de columnas e coroados de terraços de balaustradas, sobre as quaes, como vivas ameias, poisam innumeraveis passaros brancos do Bosphoro, postos em relevo pelo verde vigoroso das collinas da margem. Mas aqui principia o caro tormento de vêr fugir mil bellezas no momento em que se admira uma só. Emquanto contemplamos Bechik-Tass e Céragan, do outro lado foge a margem asiatica, coberta de aldeias deliciosas, que quereriamos poder comprar e levar comnosco, como joias. Foge Kuzgundjuk, tingida com todas as côres do arco iris, com o seu pequeno porto, onde diz a tradicção que aproára Io a divina vitella, depois de ter atravessado o Bosphoro, para se salvar dos moscardos de Juno , passa Istauros, com a sua bella mesquita de dois minaretes; o palacio imperial de Beylerbey, com os seus tectos conicos e pyramidaes, e os seus muros amarellos e cinzentos, que apresenta o aspecto mysterioso e extravagante de um convento de princezas: e depois a aldeia de Beylerbey, reflectida pelas aguas, por traz da qual se ergue o monte de Bulgurlú; e todas essas aldeias, reunidas ou espalhadas aos pés de pequenas collinas verdissimas, e immersas n'uma vegetação opulenta, que parece que tende a cobril-as, são ligadas entre si por grinaldas de quintas e de casinhas e de longas fileiras de arvores que correm ao longo da margem, ou descem em zig-zag das alturas ao mar, atravez de immensos jardins, e hortas e pequenos prados, dispostos em xadrez e em amphitheatro, e coloridos com infinitos cambiantes de verde.

É necessario pois que nos resignemos a vêr tudo de corrida, girando

constantemente com a cabeça para a direita e para a esquerda, com uma regularidade automatica. Ultrapassada ha pouco Céragan, vê-se á esquerda, na margem européa, a grande aldeia Orta-Kioi, por cima da qual mostra a sua cupula scintillante a mesquita da Sultana Validé, mãe de Abdul-Aziz,

Emir.

e avança com os seus tectos graciosos o palacio de Riza-pachá, aos pés de uma collina, em cujo cimo, no meio de uma densa vegetação, se erguem os muros brancos e ligeiros do kiosque imperial da Estrella. Orta-Kioi é habitada por muitos banqueiros armenios, francos e gregos. N'esse momento aproava ali o vapor de Constantinopla. Desembarcava uma multidão, outra multidão estava esperando para embarcar. Eram senhoras tur-



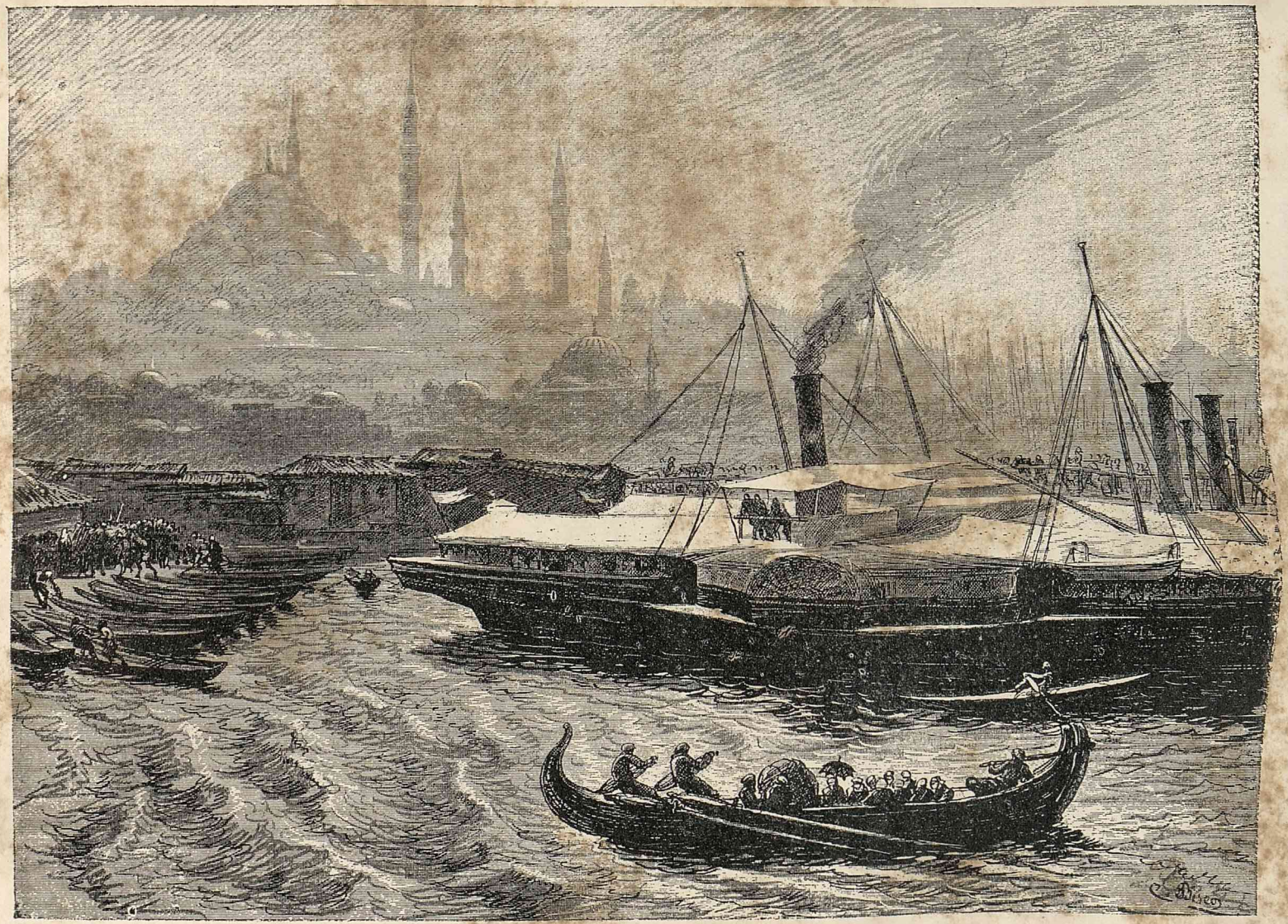
O Corno Aureo.

cas, senhoras européas, officiaes, frades, eunuchos, janotas, fez, turbantes, chapéus de senhora, chapéus altos, chapéos de côco, tudo confundido; espectaculo que se vê em todas as vinte estações do Bosphoro, principalmente á noite. Defronte da Osta-Kioi, na margem asiatica, brilha com mil côres, no meio de uma corôa de quintas, a aldeia de Cengel, da *ancora*, nome que vem d'uma velha ancora de ferro que achou n'aquella margem Mahomet II; e levanta-se-lhe nas costas o kiosque branco, d'onde Murad IV, roído por uma inveja feròz, ordenava a morte da gente alegre que passava pelos campos cantando. Olhando para a Europa, achamo-nos em frente da bella aldeia e do porto gracioso de Kuru-Cesmé, a antiga Anaplos, onde Medéa, desembarcando com Jasão, plantou o loureiro famoso; e, soltando-nos novamente para a Asia vêmos as duas aldeias risonhas de Kulleli e de Vani-Kioi, espalhadas ao longo da praia, á direita e á esquerda de um desmedido quartel, semelhante a um palacio real que se espelha nas aguas. Por traz das duas aldeias levanta-se uma collina coroada de um grande jardim no meio do qual branqueia, quasi todo escondido pelas arvores, o kiosque onde Solimão o Grande viveu tres annos, escondido n'uma pequena torre, para se subtrahir ás pesquizas dos espiões e dos carrascos de seu pae Selim. Emquanto procuramos a torre entre as arvores, passa o navio por diante de Arnot-Kioi, a aldeia dos albanezes, agora habitada por Gregos, estendida, em fórma de meia-lua, pela margem européa, em tôrno de uma pequena enseada, cheia de navios á vela. Mas como se póde vêr tudo? Uma aldeia nos rouba outra, uma bella mesquita nos distrahe de uma paizagem, e, emquanto se contemplam as aldeias e os portos, passam os palacios dos vizires, dos pachás, das sultanas, dos eunuchos-móres, dos grandes senhores; casas amarellas, azues e purpureas, que parecem fluctuantes na agua, vestidas de hera e de cipós, cobertas de terraços apinhados de flôres, e meio escondidos em bosques de cyprestes, de loureiros e de laranjeiras; edificios encimados com frontões corinthios, e decorados com columnas de marmore branco; quintasinhas suissas, casinhas japonezas, pequenos paços mouriscos, kiosques turcos com os tres andares salien-

tes, que suspendem sobre o azul do Bosphoro as varandas gradeadas dos harens, e arrojam para diante as suas pequenas pontes de desembarque com degraus, e os seus jardimsinhos acariciados pela corrente; tudo pequenos edificios ligeiros e passageiros que representam exactamente a fortuna dos seus habitantes: o triumpho de uma rapariguita, o bom exito de uma intriga, um alto cargo que se perderá ámanhã, uma gloria que acabará no exilio, uma riqueza que se evapora, uma grandeza que se desmorona. Quasi que não ha um espaçosinho nas duas margens que não esteja coberto de casas. É uma especie de Canal Grande de uma enorme Veneza campestre. Erguem-se uns atraz dos outros os palacios, os kiosques e as quintas, dispostos de maneira que é visivel toda a fachada de cada um d'elles, e os de traz parecem plantados nos terraços dos de diante, e no meio de uns e de outros, e para além dos mais longinquos, tudo é verde, por toda a parte se levantam troncos, ramaria de carvalhos, de platanos, de sobros, de alamos, de pinheiros, de figueiras, entre as quaes alvejam fontes e scintillam cupulasinhas argenteas de *turbés* e de mesquitas solitarias.

Voltando-nos para Constantinopla, vêmos ainda, confusamente, a collina do Serralho, e a cupula enorme de Santa Sophia, que negreja no céu limpido e doirado. Entretanto desapparece Arnot-Kioi, Vani, Kulleli, Cengel, Orta, e tudo está mudado em tôrno de nós. Parece que se está n'um vasto lago. Abre-se á esquerda na margem européa uma pequena bahia; outra pequena bahia, á direita, na margem asiatica. Na margem esquerda estende-se em semi-circulo a bella cidadinha grega de Bebek, assombreada por arvores altissimas entre as quaes surge uma bella mesquita antiga e o kiosque imperial de Humaiun-Habad, onde outr'ora os Sultões recebiam em entrevistas secretas os embaixadores europeus. Uma parte da cidade esconde-se na densa verdura de um pequeno valle; outra parte dissemina-se nas faldas de uma collina, coberta de carvalhos, em cujo cimo está um bosque famoso por um echo potentissimo, que responde ás patadas de um

cavallo com o tropear de um esquadrão. É uma paizagem graciosa e risonha capaz de enfeitiçar uma rainha; mas esquece-se quando nos voltamos para a parte opposta. Aqui a margem da Asia apresenta uma vista de Paraizo terrestre. Estende-se sobre um largo promontorio, em arco saliente, a aldeia de Kandilli pintalgada como uma aldeia hollandeza, com uma mesquita branquissima e um denso cortejo de quintasinhas; por traz da qual se levanta a collina florida de Hidjiadié, encimada por uma torre de ameias, que espreita os incendios nas duas margens. Á direita de Kandilli desembocam na bahia, a breve distancia um do outro, dois valles: o do grande e o do pequeno *riacho celeste*, entre os quaes se estende a pradaria deliciosa das Aguas Doces da Asia, coberta de sycomoros, de carvalhos e de platanos, e dominada pelo kiosque riquissimo da mãe de Abdul-Medjid, desenhado e esculpido no estylo do palacio de Dolma-Bagcé, e cercado por altos jardins, purpureantes de rosas. E para além do «grande riacho celeste» vêem-se ainda as mil côres da aldeia de Anaduli-Hissar, estendida nas abas de uma collina, sobre a qual se erguem as torres esbeltas do castello de Bajazet-Ilderin, que fica defronte do castello de Mahomet II, collocado na margem européa. Todo este formoso trecho do Bosphoro estava n'aquelle momento cheio de vida. Na bahia da Europa baloiçavam-se centenares de barquinhos; passavam barcos á vela e a vapor, direitos ao porto de Bebek, os pescadores turcos lançavam as redes dos seus poisos aéreos sustentados sobre a agua por altissimas traves cruzadas; um vapor de Constantinopla despejára na ponte de desembarque da cidadinha européa uma multidão de senhoras gregas, de Lazaristas, de alumnos da escóla protestante americana, de familias carregadas de embrulhos e de cestos; e do lado opposto viam-se com o oculo grupos de senhoras musulmanas que passeiavam debaixo das arvores das Aguas Doces e estavam sentadas em circulo na margem do «riacho celeste», emquanto um grande numero de cahiques e de barcos de toldo, cheios de turcos e de turcas, iam e vinham ao longo da praia. Parecia uma festa. Era um não sei que de arcadico e amoroso, que dava vontade de saltarmos fóra do navio, ir a nado para



A cidade de Stambul vista do porto.

uma das duas margens, pespegarmo-nos ali e dizermos: — Aconteça o que acontecer já d'aqui me não tiro; quero viver e morrer aqui no meio d'esta beatitude musulmana.

Mas de repente o espectaculo muda e todas aquellas phantasias desferem o vôo. O Bosphoro estende-se diante de nós e apresenta uma vaga imagem do Rheno; mas de um Rheno embellezado e sempre tingido pelas côres quentes e pomposas do Oriente. Á esquerda, um cemiterio coberto de um bosque de cyprestes e de pinheiros, quebra a linha das casas até áquelle ponto não interrompida, e logo ao pé nas abas do pequeno monte pedregoso de Hermaion erguem-se as tres grandes torres de Rumili-Hissar, o castello da Europa, cercado de troços de muros ameiados e de torres menores, que descem n'um amphitheatro pittoresco de ruinas até á orla da margem. É o castello famoso que Mahomet II ergueu um anno antes da tomada de Constantinopla, apezar dos calorosos protestos de Constantino, cujos embaixadores, como todos sabem, foram despedidos pelo sultão com ameaças de morte. É aquelle o ponto em que é mais impetuosa a corrente chamada por isso «grande corrente» pelos Gregos, e «corrente de Satanaz» pelos Turcos, e é tambem o trecho mais estreito do Bosphoro, não distando as duas margens senão pouco mais de quinhentos metros. Ali Mandocles de Samos lançou a ponte de barcas por onde passaram os setecentos mil soldados de Dario, e ali tambem se suppõe que passaram os *dez mil* voltando da Asia. Mas já não restam vestigios nem das duas columnas de Mandocles nem do throno escavado na rocha do monte Hermaion, d'onde o rei persa teria assistido á passagem do seu exercito. Uma pequena aldeia turca sorri secretamente, anichada aos pés do castello, e a margem asiatica foge sempre mais verde e mais alegre. É uma successão continua de casinhas de barqueiros e de jardineiros, de valles em que a vegetação trasborda, de pequenas enseadas solitarias quasi cobertas com os ramos gigantescos das arvores da praia, debaixo das quaes passam lentamente pequenas velas brancas de pescadores, de prados floridos que descem com um de-

clive dulcissimo até á orla da praia; de pequenas rochas de jardim envoltas em hera; de pequenos cemiterios que alvejam na summidade de altas collinas cortadas a prumo. De improviso salta na mesma margem asiatica a bella aldeia de Kanlidgié, toda vermelha, posta sobre dois promontorios pedregosos, de encontro aos quaes se quebram as ondas rumorosamente, e ornada de uma bella mesquita que arroja os seus dois minaretes candidos d'entre um macisso de cyprestes e de pinheiros de umbella. E aqui tornam a levantar-se os jardins, á maneira de minaretes, uns atraz dos outros, e a multiplicar-se as quintas, entre as quaes resplende o palacio encantador d'aquelle celebre Fuad-pachá, diplomata e poeta, vaidoso, voluptuoso e gentil, que foi chamado o Lamartine ottomano. Pouco mais adeante, na margem européa, mostra-se a aldeia amenissima de Balta -Liman, collocada na embocadura de um valle, por onde desce para o porto um pequeno rio, e dominada por uma collina semeada de quintas, entre as quaes se levanta o antigo palacio de Reschid-Pachá; e depois a pequena bahia de Emir-Ghian-Ogli-Bagcé, toda verdejante de cyprestes, no meio dos quaes brilha com uma alvura de neve uma mesquita solitaria, lambida pelas aguas, e dominada por um grande globo erriçado de raios de oiro. Entretanto approxima-se o navio ora de uma, ora de outra margem, e vêem-se então mil particularidades da grande paizagem: aqui o vestibulo do *selamlik* de uma opulenta casa turca, aberto para a praia, no fundo do qual fuma um gordo mordomo, estendido em cima de um divan, além um eunucho, erguido no ultimo degrau da escada externa de uma casa de campo, ajuda duas turcas veladas a embarcarem n'um cahique; mais além um jardimsinho, circumdado de sebes, e quasi inteiramente coberto de um platano, a cujos pés descança de pernas cruzadas um velho turco de barba branca, que medita sobre o Alkorão; familias que estão fazendo *villeggiatura* reunidas nos terraços; rebanhos de cabras e de ovelhas que andam pastando pelos altos prados; cavalleiros que galopam ao longo da praia, caravanas de camellos que passam pelo cimo das collinas, desenhando os seus contornos estranhos no céu sereno.

De repente o Bosphoro alarga-se, a scena muda, estamos de novo entre duas bahias, no meio de um vasto lago. Á esquerda está uma bahia estreita e profunda, em tôrno da qual gira a cidadinha grega de Istenia; Sosthenios do templo e da estatua alada que levantaram ali os Argonautas em

Softá.

honra do genio tutelar que os tornára victoriosos na lucta contra Amicon, rei de Bebrix. Graças a uma ligeira curva que descreve o navio para a Europa, vêmos distinctamente os cafés e as casinhas alinhadas ao longo da praia, as pequenas casas de campo espalhadas entre as oliveiras e as vinhas, o valle que desemboca no porto, a torrente que se precipita de uma altura e a famosa fonte mourisca de marmore branco nitidissimo, assom-

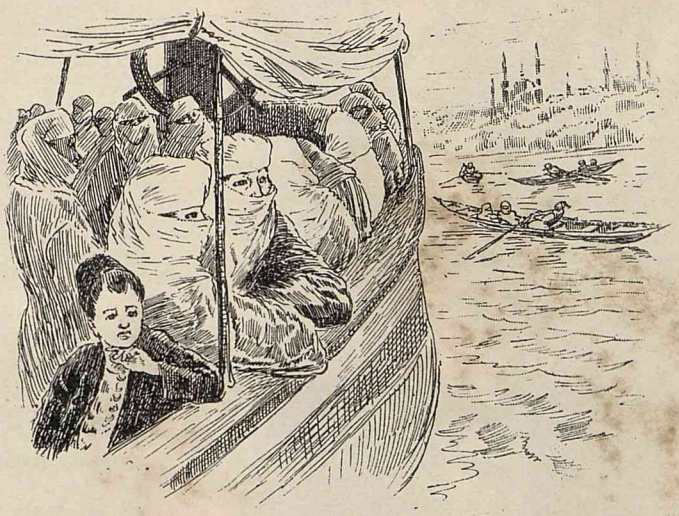
Mesquita vista do mar.

breada por um grupo de bordos enormes, d'onde pendem as redes dos pescadores, no meio de um ir e vir de raparigas gregas, que levam as amphoras á cabeça. Defronte de Istenia, á beira da bahia da margem asiatica, por entre as arvores, está espreitando a aldeia turca de Cibulkú, onde era o convento afamado dos Vigilantes, que rezavam e cantavam, sem interrupção, de dia e de noite. As duas margens do Bosphoro estão cheias, de um a outro mar, com as memorias d'estes cenobitas e anachoretas fanaticos do quinto seculo, que vagueavam pelas collinas, carregados de cruzes e de cadeias, atormentados por cilicios e por coleiras de ferro, ou que estavam semanas e mezes immoveis no cimo de uma columna ou de uma arvore, em tôrno de quem iam prostrar-se, jejuar, rezar, bater no peito principes, soldados, magistrados e pastores invocando uma benção ou um conselho como uma graça de Deus. Mas é um poder singular que tem o Bosphoro, o de desviar irresistivelmente do passado o pensamento do viajante que deslise pela primeira vez ao longo das suas margens. Todas as recordações, todas as imagens mais grandiosas, mais bellas, mais tristes que se podem encontrar na historia e na lenda d'aquelles logares, ficam offuscadas, subjugadas, estou quasi a dizer sepultadas n'aquelle prodigioso viço de vegetação, n'aquella fulguração de côres festivas, n'aquella exuberancia de vida, na mocidade poderosa e soberba d'aquella natureza toda sorriso e toda festa. É necessario fazer-se um esforço para se acreditar que n'aquellas aguas, no meio d'aquella magica belleza, podessem combater-se furiosamente, incendiar-se e ensanguentar-se as frotas dos bulgaros, dos godos, dos herulos, dos byzantinos, dos russos e dos turcos. Os proprios castellos que corôam as collinas, não dão nem sequer uma idéa d'aquelle sentimento de terror poetico, que inspiram n'outros logares as ruinas d'aquella natureza; e parecem antes uma decoração artificial da paizagem do que monumentos verdadeiros de guerra que um dia vomitassem a morte. Tudo está como que velado por uma tinta de languidez e de doçura que não desperta senão pensamentos serenos e um desejo immenso de paz.

Para além de Istenia o Bosphoro alarga-se ainda, e o navio chega n'alguns minutos a um ponto d'onde se gosa uma vista mais estupenda do que todas quantas se offereceram até agora aos nossos olhos. Voltando-nos para a Europa, temos diante de nós a pequena cidade grega e armenia de Ieni-Kioi, situada nas abas de uma alta collina coberta de vinhas e de pequenos pinhaes, e estendida em arco saliente sobre uma margem penhascosa, de encontro á qual se quebra a corrente com grande estrepito, e um pouco mais para diante a bellissima bahia de Kalender, cheia de barquinhos, rodeada de casinhas, de jardins, e engrinaldada com uma vegetação luxuriante, sobre a qual fazem saliencia os terraços aéreos de um kiosque imperial. Voltando-nos para traz temos diante a margem asiatica que se encurva n'um grande arco, formando um maravilhoso amphitheatro de collinas, de aldeias e de portos. É Indgir-Kioi, a aldeia das figueiras, coroada de jardins; ao lado de Indgir-Kioi, Sultanié que parece escondida n'um bosque; depois de Sultanié, a grande aldeia de Bescos, cercada de hortas e de vinhedos, e assombreada por altissimas nogueiras, que se espelha no mais bello golpho do Bosphoro, que é o antigo golpho onde o rei de Bebrix foi vencido por Pollux, e onde estava o loureiro prodigioso que fazia endoidecer quem lhe tocava nas folhas; e para além de Beikos, ao longe, a aldeia de Iali, a antiga Amea, que não parece senão um monte de flores amarellas e vermelhas sobre um grande tapete verde. Mas isto não é senão um esboço do grande quadro. Trata-se de imaginar as fórmas indescriptivelmente gentís d'aquellas collinas, que quereriamos acariciar com a mão; aquellas innumeras e pequenissimas aldeias sem nome, que parecem postas ali pela mão de um pintor; aquella vegetação de todos os climas, aquella architectura de todos os paizes, aquelle amphitheatro de jardins, aquellas cascatas de agua, aquellas sombras densas, aquellas mesquitas scintillantes, aquelle azul mosqueado de velas brancas, aquelle céu rosado pelo pôr do sol.

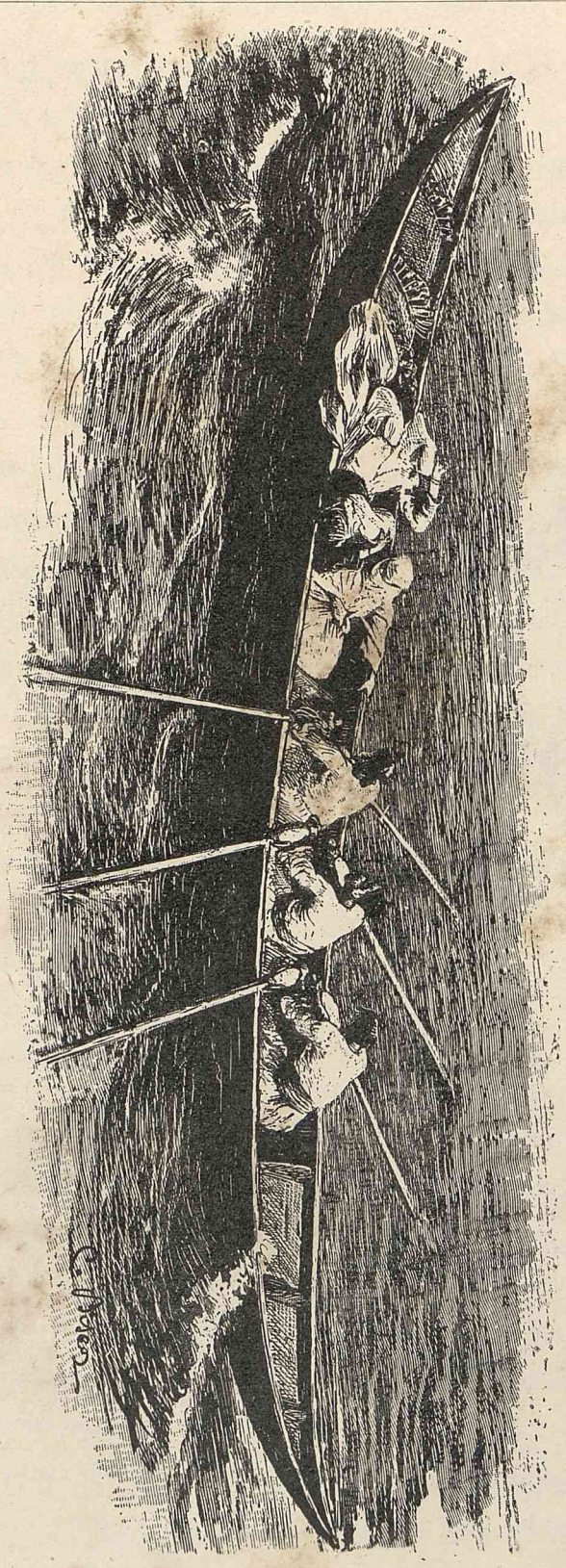
Mas, chegando ali, experimentei eu tambem um sentimento de saciedade como experimentam quasi todos n'um certo ponto do Bosphoro. Fatiga

aquella successão interminavel de linhas molles e de côres risonhas. É uma monotonia de gentileza e de graça em que o pensamento adormece. Quereriamos vêr surgir de repente n'uma d'aquellas margens uma rocha desmesurada e disforme ou estender-se um compridissimo tratcto de praia deserta e triste semeada com os destroços de um naufragio. E então, para nos distrahirmos, não ha senão fixarmos a attenção nas aguas. O Bosphoro parece um porto continuado. Passa-se ao pé dos couraçados esplendidos



Vapores no Bosphoro.

da armada ottomana; no meio de frotas de navios mercantes de todos os paizes, de velas variegadas e de pôpas extravagantes, apinhados de gente estranha; encontram-se os lenhos de fórmas antigas dos portos asiaticos do Mar Negro, e as pequenas corvetas elegantes das embaixadas; passam, como settas, os barcos á vela dos senhores, que vôam em regatos, á vista dos espectadores alinhados na praia; barcas de todas as fórmas, cheias de gente de todas as côres, ou sahem ou aprôam ás mil pequenas escalas dos dois continentes; os cahiques rebocados saltam no meio de longas filas de barcaças carregadas de mercadorias; cruzam-se as lanchas embandeiradas dos marinheiros com as jangadas dos pescadores, com os cahiques doira-



Os cahiques.

dos dos Pachás, com os vapores de Constantinopla, cheios de turbantes, de fez e de véus, que atravessam o canal em zig-zag para tocar em todas as estações. E como tambem o nosso navio avança serpeando, parece que todo este espectaculo gira em tôrno de nós; os promontorios deslocam-se, as collinas mudam inesperadamente de fórma, as aldeias escondem-se e depois tornam a apparecer com um novo aspecto, e adiante e atraz de nós, ora o Bosphoro se fecha como um lago, ora se abre e deixa vêr uma fuga de lagos e de collinas longinquas; depois, de subito, as collinas tornam a juntar-se adeante e atraz, e fica-se dentro de uma concha verde de que senão percebe

como se poderá sahir; mas tem-se apenas tempo de trocar dez palavras com um visinho, e já a concha desappareceu, e vêem-se em tôrno novas alturas, novas cidades, novos portos.

Está-se entre a bahia de Therapia — a Pharmacia dos venenos de Medéa — e a bahia de Hunchiar Skelessi, ponte de desembarque dos Sultões, onde foi assignado em 1833 o tratado famoso que fechou os Dardanellos ás frotas estrangeiras. Aqui o espectaculo do Bosphoro está no penultimo grau da sua belleza. Therapia é a mais esplendida cidadinha que orna as duas margens desde Bujukderé, e o valle que se abre por traz da bahia de Hunchiar-Iskelessi é o mais verde, o mais querido, o mais poetico valle que se póde admirar entre o Mar de Marmara e o Mar Negro. Therapia estende-se em parte por uma margem direita, aos pés de uma grande collina, e em parte em tôrno de uma enseada profunda, que é o seu porto, cheio de navios e de barcas, no qual desemboca o valle de Krio-negro em que outra parte da cidade se achata entre a verdura. A praia do mar está toda coberta de cafés pittorescos que fazem saliencia sobre a agua, de hospedarias senhorís, de casas pomposas, de grupos de arvores altissimas que assombreiam praças e fontes, para além dos quaes se erguem os palacios de verão das embaixadas de França, de Italia e de Inglaterra, e sobre estes um kiosque imperial; e em tôrno e pela collina acima, terraços sobre terraços, jardins sobre jardins, quintas sobre quintas, bosques sobre bosques, e gente vestida de vivas côres formiga nos cafés, no porto, nas praias, pelas veredas das alturas, como n'uma pequena metropole em festa. Em troca, do lado da Asia tudo é paz. A pequena aldeia de Hunchiar-Iskelessi, residencia predilecta dos ricos armenios de Constantinopla, dorme entre os platanos e os cyprestes, em tôrno do seu pequeno porto percorrido por poucas barcas furtivas; para além da aldeia, no cimo de uma vasta escada de jardins, pompeia, solitario, o kiosque de Abdul-Aziz; e para além do kiosque desenvolve-se e esconde-se n'uma efflorescencia indescriptivel de vegetação tropical, o valle favorito dos Padischahs, cheio de mysterios e de sonhos.

Mas toda esta belleza já não parece nada uma milha mais adiante, quando o navio chega diante do golpho de Bujuk-deré. Aqui está a magestade e a gentileza suprema do Bosphoro. Aqui quem já estava fatigado da sua belleza, e tinha pronunciado irreverentemente o seu nome, descobre a cabeça e pede-lhe perdão. Está-se no meio de um vasto lago coroado de maravilhas, que inspira a idéa de se pôr uma pessoa a girar como os derviches para vêr todas as margens e todas as collinas n'um relance. Na margem da Europa, em tôrno de um golpho profundo, onde vai morrer a corrente em molles ondulações, nas abas de uma grande collina, semeada de quintas innumeraveis, espraia-se a cidade de Bujuk-deré, vasta, colorida como um immenso taboleiro de flores, toda palacetes, kiosques e casas de campo immersas n'uma verdura vivissima que parece que sahe dos tectos e dos muros e enche as ruas e as praças. A cidade estende-se á direita até uma pequena enseada, que é como um golpho no golpho, em tôrno do qual gira a aldeia de Kefele-Kioi; e por traz d'esta abre-se um largo valle, todo verdejante de pradarias, e alvejante de casas, pelo qual se vae ao grande aqueducto de Mahmud e á floresta de Belgrado. É o valle no qual, segundo a tradição, acampou em 1096 o exercito da primeira cruzada; e um dos sete platanos gigantescos, a que a localidade deve a sua fama, chama-se o platano de Godofredo de Bulhão. Para além de Kefele-Kioi abre-se outra bahia, verde de cyprestes e branca de casas, e para além da bahia vê-se ainda Therapia, disseminada aos pés da sua collina verde-escura. Quando chegamos ali com o olhar, voltamo-nos para traz para a Asia, e experimentamos um sentimento vivissimo de surpreza. Está-se diante do mais alto monte do Bosphoro, o monte do Gigante, da fórma de uma enorme pyramide verde, onde está o famoso sepulchro, chamado por tres lendas «leito de Hercules, cova de Amicon, tumulo de Josué juiz dos Judeus», guardado agora por dois derviches e visitado pelos musulmanos enfermos, que vão ali depôr os farrapos das suas vestes. O monte arroja as suas faldas arborisadas e floridas até á praia, onde, entre dois promontorios verdejantes se abre a formosa bahia de Umuryeri, mosqueada com cem côres

pelas casas de uma aldeia musulmana dispersa caprichosamente nas suas margens, a que fazem alas outros rebanhos de quintarolas e de casinhas, disseminadas como flôres deitadas fóra pelas pradarias e pelas alturas proximas. Mas o espectaculo não está todo n'este circulo. Mesmo defronte de nós scintilla o Mar Negro; e, voltando-nos para Constantinopla, vêmos ainda, para além de Therapia, n'uns longes arroxados e confusos, a bahia de Kalender, Kieni-Kioi, Indgir-Kioi, Sultanié, que parecem, não tanto verdes perspectivas como vistas imaginarias de um mundo remoto. Some-se o sol no occaso; a margem da Europa principia a velar-se com sombras azulinas e cinereas; a margem da Asia está ainda doirada; as aguas lampejam; enxames de barquinhos, carregados de maridos e de amantes, de volta de Constantinopla, correm para a margem européa, encontradas, demoradas, circumdadas por outros barquinhos, carregados de senhoras e de creanças que vêm das quintas; dos cafés de Bujukdéré chegam-nos sons interrompidos de musicas e de cantos, as aguias pairam sobre a montanha do Gigante, as gaivotas esvoaçam, os alcyones rasgam as aguas, os golphinhos saltam em tôrno do navio, o ar fresco do Mar Negro sopra-nos na cara. Onde estamos? Para onde vamos? É um momento de illusão e de ebriedade, em que as recordações de tudo o que vêmos ha duas horas nas duas margens do Bosphoro se confundem na nossa mente na imagem de uma só cidade prodigiosa, dez vezes maior do que Constantinopla, habitada por povos de toda a terra, privilegiada com todos os favores de Deus e abandonada a uma festa perpetua que nos enche de tristeza e de inveja.

Mas esta é a ultima visão. O navio sahe rapidamente para fóra do golpho de Buiukdéré. Vêmos á esquerda a aldeia de Sariyer, circumdada de cemiterios, diante da qual se abre uma pequena bahia, formada por aquelle antigo promontorio de Simas, onde se elevava o templo a Venus *meretriz*, objecto de um culto particular dos navegantes gregos; depois a aldeia de Jeni-Makallé, depois o forte de Teli-Tabia, que defronta com outro pequeno forte collocado na margem asiatica, aos pés do monte do Gigante; de-

pois o castello Rumili-Kavak, que desenha os seus contornos severos no céu rosado pelos ultimos clarões do crepusculo. Na outra margem, defronte de Rumili-Kavak, ergue-se outra fortaleza, que corôa o promontorio, onde surgia o templo dos doze deuses, construido pelo argivo Phrygos, proximo do de Jove «distribuidor dos ventos propicios», fundado pelos Chalcedonios, e convertido depois por Justiniano n'uma igreja consagrada ao archanjo Miguel. É esse o ponto em que o Bosphoro se aperta pela ultima vez, entre o extremo contra-forte das montanhas da Bythinia, e a extrema ponta da cordilheira do Hémus; considerado sempre como a primeira porta do canal que tem de defender-se contra as invasões do Septemtrião, e theatro, por conseguinte, de luctas obstinadas entre byzantinos e barbaros, entre venezianos e genovezes. Dois castellos genovezes, situados um defronte do outro, e entre os quaes se estendia uma cadeia de ferro que fechava o canal, mostram ainda confusamente, ali perto, as suas torres e as suas muralhas arruinadas. D'aquelle ponto vai o Bosphoro direito, alargando-se gradualmente, ao mar, as duas margens são altas e ingremes, como dois enormes bastiões, e não mostram já senão algum grupo de casas mesquinhas, alguma torre solitaria, alguma ruina de mosteiro, alguns restos de molhes e de diques antigos. Depois de um longo trajecto vemos ainda scintillar na margem européa as luzes da aldeia de Buiuk-Liman, e do outro lado a lanterna de uma fortaleza, que domina o promontorio do Elephante; depois, á esquerda, a grande massa pedregosa da antiga Gipopolis, onde surgia o palacio de Phineu infestado pelas Harpias; e á direita a fortaleza do cabo Poiraz, que nos apparece como uma vaga mancha escura no céu pardacento. Aqui as margens são distantissimas; o canal parece já um grande golpho, a noite desce, a brisa marinha geme nas enxarcias do navio, e o triste *mare cimmerium* estende diante de nós o seu infinito horizonte lívido e inquieto. Mas o pensamento não se póde ainda destacar d'aquellas margens cheias de poesia e de memorias não já sobrepujadas pela formosura da natureza; e vôa, á esquerda, ao sopé dos pequenos Balkans, a procurar a torre de Ovidio exul, e a muralha maravilhosa de

Anastasio; e vaga, á direita, por uma vasta torre volcanica, atravéz das florestas infestadas pelos javalis, e no meio das cabanas de um povo selvagem e mal conhecido, cujas sombras extravagantes nos parece vêr apinhadas na alta riba desejando-nos com imprecações uma viagem desventurada nas *fera littora Ponti*. Dois pontos luminosos rompem pela ultima vez a escuridão, como os olhos ardentes de dois cyclopes, postos de sentinella ao estreito fadado: o Adánuli-Fanar, o farol da Asia, á direita e á esquerda o Rumili-Phanar, aos pés do qual as Simplegadas fabulosas nos mostram ainda vagamente, na sombra da margem, os perfis atormentados das suas rochas. Depois as duas margens da Europa e da Asia não são já senão duas faxas negras, e depois *quodcumque adspicias, nihil est nisi pontus et mare,* como cantava o pobre Ovidio. Mas vejo-a ainda, a minha Constantinopla, detraz d'aquellas duas margens negras que desappareceram, vejo-a ainda maior e mais luminosa do que nunca a tinha visto da ponte da Sultana Validé, e das alturas de Scutari; e fallo-lhe, e saúdo-a, adoro-a, como a ultima e mais cara visão da minha mocidade que se some no occaso. Mas um subito jorro de agua salgada alaga-me o rosto e deita-me ao chão o chapéo; — desperto — olho em tôrno de mim; — a prôa está deserta, o céu está nebuloso, gela-me os ossos um vento rispido de outono, o meu bom Yunk, salteado pelo enjôo, deixou-me; não sinto já senão o tintilar das lanternas, e o ranger do navio que foge, sacudido pelas ondas, na escuridão da noite... O meu bello sonho oriental acabou.

FIM

INDICE DOS CAPITULOS

	Pag.
A chegada	9
Cinco horas depois	32
A Ponte	38
Stambul	50
No Corno Aureo	68
O Grande Bazar	94
A vida em Constantinopla	124
Santa Sophia	199
Dolma Bagcé	224
As Turcas	244
Ianghen-Var	298
As muralhas	319
O antigo Serralho	349
Os ultimos dias	415
Os Turcos	444
O Bosphoro	459